AUTORA BESTSELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

Winter

Crônicas Lunares



ROCCO
JOVENS LEITORES

marissa meyer

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Livro Quatro

Winter

Crônicas Lunares

Marissa Meyer

Tradução
Regiane Winarski

ROCCO
JOVENS LEITORES

Para Jesse, que transforma cada dia
em um “felizes para sempre”.

Sumário

Para pular o Sumário, clique aqui.

Livro Um

- Capítulo Um
- Capítulo Dois
- Capítulo Três
- Capítulo Quatro
- Capítulo Cinco
- Capítulo Seis
- Capítulo Sete
- Capítulo Oito
- Capítulo Nove
- Capítulo Dez
- Capítulo Onze
- Capítulo Doze
- Capítulo Treze
- Capítulo Quatorze
- Capítulo Quinze

Capítulo Dezesseis
Capítulo Dezessete
Capítulo Dezoito
Capítulo Dezenove
Capítulo Vinte
Livro Dois
Capítulo Vinte e um
Capítulo Vinte e dois
Capítulo Vinte e três
Capítulo Vinte e quatro
Capítulo Vinte e cinco
Capítulo Vinte e seis
Capítulo Vinte e sete
Capítulo Vinte e oito
Capítulo Vinte e nove
Capítulo Trinta
Capítulo Trinta e um
Capítulo Trinta e dois
Capítulo Trinta e três
Capítulo Trinta e quatro
Capítulo Trinta e cinco

Capítulo Trinta e seis
Capítulo Trinta e sete
Capítulo Trinta e oito
Livro Três
Capítulo Trinta e nove
Capítulo Quarenta
Capítulo Quarenta e um
Capítulo Quarenta e dois
Capítulo Quarenta e três
Capítulo Quarenta e quatro
Capítulo Quarenta e cinco
Capítulo Quarenta e seis
Capítulo Quarenta e sete
Capítulo Quarenta e oito
Capítulo Quarenta e nove
Capítulo Cinquenta
Capítulo Cinquenta e um
Capítulo Cinquenta e dois
Capítulo Cinquenta e três
Capítulo Cinquenta e quatro
Capítulo Cinquenta e cinco

Capítulo Cinquenta e seis
Capítulo Cinquenta e sete
Capítulo Cinquenta e oito
Capítulo Cinquenta e nove
Capítulo Sessenta
Livro Quatro
Capítulo Sessenta e um
Capítulo Sessenta e dois
Capítulo Sessenta e três
Capítulo Sessenta e quatro
Capítulo Sessenta e cinco
Capítulo Sessenta e seis
Capítulo Sessenta e sete
Capítulo Sessenta e oito
Capítulo Sessenta e nove
Capítulo Setenta
Capítulo Setenta e um
Capítulo Setenta e dois
Capítulo Setenta e três
Capítulo Setenta e quatro
Capítulo Setenta e cinco

Capítulo Setenta e seis
Capítulo Setenta e sete
Livro Cinco
Capítulo Setenta e oito
Capítulo Setenta e nove
Capítulo Oitenta
Capítulo Oitenta e um
Capítulo Oitenta e dois
Capítulo Oitenta e três
Capítulo Oitenta e quatro
Capítulo Oitenta e cinco
Capítulo Oitenta e seis
Capítulo Oitenta e sete
Capítulo Oitenta e oito
Capítulo Oitenta e nove
Capítulo Noventa
Capítulo Noventa e um
Capítulo Noventa e dois
Capítulo Noventa e três
Capítulo Noventa e quatro
Capítulo Noventa e cinco

Capítulo Noventa e seis

Capítulo Noventa e sete

Agradecimentos

Créditos

A Autora

LIVRO

Um

A jovem princesa era linda
como a luz do dia. Era mais bonita até
do que a própria rainha.

CAPÍTULO

Um

Os dedos dos pés de Winter tinham virado cubos de gelo. Estavam frios como o espaço. Frios como o lado escuro de Luna. Frios como...

– ... imagens de segurança o capturaram entrando no ar-condicionado central dos subníveis da clínica médica às vinte e três horas U.T.C...

O taumaturgo Aimery Park falava com cadência serena e calculada, como uma balada. Era fácil perder o fio da meada do que ele estava dizendo, fácil deixar todas as palavras se misturarem e confundirem. Winter encolheu os dedos dos pés nos sapatos de solas finas, com medo de que, se ficassem ainda mais frios antes do fim do julgamento, eles fossem cair.

– ... estava tentando interferir com um dos cascudos atualmente guardado...

Cair. Um por um.

– ... registros indicam que o menino cascudo é filho do acusado, levado no dia 29 de julho do ano passado. Ele tem quinze meses de idade hoje.

Winter escondeu as mãos nas dobras do vestido. Estavam tremendo de novo. Ela estava sempre tremendo. Apertou os dedos para fazê-los ficarem parados e pressionou as solas dos pés no chão duro. Ela lutou para fazer a sala do trono entrar em foco antes de se dissolver.

A sala do trono, na torre central do palácio, tinha a vista mais incrível da cidade. De onde estava sentada, Winter via o lago Artemísia espelhando o palácio branco e a cidade indo até o domo

transparente enorme que os abrigava dos elementos externos, ou da falta deles. A sala do trono ia além das paredes da torre, então, quando alguém ultrapassava o fim do piso de mosaico, se via em um parapeito de vidro transparente. Era como ficar de pé no ar, prestes a despencar nas profundezas do lago na cratera.

À esquerda, ela via as pontas das unhas da madrasta batendo no braço do trono, um assento imponente entalhado em pedra branca. Normalmente, a madrasta ficava calma durante esses procedimentos e ouvia os julgamentos sem dar sinal de emoção. Winter estava acostumada a ver as pontas dos dedos de Levana acariciando a pedra polida, não batucando nela. Mas a tensão estava forte desde que Levana e sua comitiva voltaram da Terra, e a madrasta teve mais ataques de fúria do que o habitual nos últimos meses.

Desde que aquela lunar fugitiva, aquela *ciborgue*, fugiu da prisão terráquea.

Desde que a guerra começou entre a Terra e Luna.

Desde que o noivo da rainha foi sequestrado e as chances de Levana ser coroada imperatriz foram roubadas dela.

O planeta azul pairava acima do horizonte, cortado bem na metade. Luna estava pouco depois da metade da longa noite, e a cidade de Artemísia brilhava com postes de um azul pálido e janelas de cristal cintilantes, seus reflexos dançando na superfície do lago.

Winter sentia falta do sol e do calor. Os dias artificiais nunca eram iguais.

– Como ele sabia sobre os cascudos? – perguntou a rainha Levana. – Por que não acreditou que o filho morreu no parto?

Sentadas por toda a sala em quatro fileiras, estavam as famílias. A corte da rainha. Os nobres de Luna, favorecidos por Sua Majestade pelas gerações de lealdade, pelos talentos extraordinários com o dom lunar ou por pura sorte de terem nascido cidadãos da grande cidade

de Artemísia.

Havia também o homem de joelhos ao lado do taumaturgo Park. Ele não teve sorte ao nascer.

Suas mãos estavam unidas, suplicantes. Winter queria poder dizer a ele que não importaria. Os apelos dele não serviriam para nada. Ela achava que haveria consolo em saber que nada podia ser feito para evitar a morte. Os que eram levados até a rainha já tendo aceitado o destino pareciam lidar melhor com a situação.

Ela olhou para as próprias mãos, ainda segurando a fina saia branca. Os dedos haviam sido maltratados pela geada. Até que era bonito. Brilhando e cintilando e *frios*, tão frios...

– Sua rainha fez uma pergunta – disse Aimery.

Winter se encolheu, como se ele tivesse gritado.

Concentração. Ela precisava tentar se concentrar.

Levantou a cabeça e inspirou.

Aimery estava usando branco agora que tinha substituído Sybil Mira como taumaturgo-chefe da rainha. O bordado dourado no casaco cintilou quando ele andou ao redor do prisioneiro.

– Peço desculpas, Vossa Majestade – disse o homem. – Minha família e eu a servimos há gerações. Sou zelador naquela clínica e já tinha ouvido boatos... Não era da minha conta, então nunca liguei, nunca dei atenção. Mas... quando meu filho nasceu cascudo... – choramingou. – Ele é meu *filho*.

– Você não pensou que podia haver um motivo para sua rainha ter decidido manter seu filho e todos os outros lunares sem dons separados dos nossos cidadãos? – disse Levana, com voz alta e ríspida. – Que podemos ter um propósito voltado para o bem de *todo* o nosso povo ao deixá-los sob controle como fizemos?

O homem engoliu em seco alto o bastante para Winter ver o pomo de adão subindo e descendo.

– Eu sei, minha rainha. Sei que o sangue deles é usado para... experiências. Mas... vocês têm *tantos*, e ele é só um bebê, e...

– Além de o sangue dele ser valioso para o sucesso de nossas alianças políticas, algo que não espero que um zelador dos setores externos entenda, ele também é cascudo, e a espécie dele se mostrou perigosa e instável, como você pode lembrar pelos assassinatos do rei Marrok e da rainha Jannali dezoito anos atrás. Ainda assim, você sujeitaria nossa sociedade a essa ameaça?

Os olhos do homem estavam loucos de medo.

– Ameaça, minha rainha? Ele é um *bebê*. – Ele fez uma pausa. Não parecia abertamente rebelde, mas a falta de remorso faria Levana ter um ataque de fúria em breve. – E os outros naqueles tanques... tantos deles, crianças. *Crianças* inocentes.

O aposento esfriou.

Ele sabia demais. O infanticídio de cascudos acontecia desde a ordem da irmã de Levana, a rainha Channary, depois que um cascudo entrou escondido no palácio e matou os pais delas. Ninguém ficaria satisfeito de saber que seus bebês não foram mortos, mas trancados e usados como pequeninas fábricas de plaquetas.

Winter piscou e imaginou o próprio corpo como uma fábrica de plaquetas.

Baixou seu olhar de novo. O gelo tinha se estendido até os pulsos agora.

Isso não seria bom para a linha de produção de plaquetas.

– O acusado tem família? – perguntou a rainha.

Aimery balançou a cabeça.

– Os registros indicam uma filha de nove anos. Ele também tem duas irmãs e um sobrinho. Todos moram no Setor GM-12.

– Não tem esposa?

– Morreu cinco meses atrás de envenenamento por regolito.

O prisioneiro olhou para a rainha, seu desespero formava uma poça ao redor dos joelhos.

A corte começou a se mexer, com as roupas vibrantes balançando. Esse julgamento estava demorando tempo demais. Eles estavam ficando entediados.

Levana se encostou no trono.

– Você está sendo declarado culpado de invasão e tentativa de roubo contra a coroa. Esse crime é punível com morte imediata.

O homem tremeu, mas seu rosto permaneceu suplicante. Eles sempre demoravam alguns segundos para compreender essa sentença.

– Seus familiares vão receber, cada um, doze chibatadas públicas como lembrete ao seu setor de que não tolero que minhas decisões sejam questionadas.

O maxilar do homem ficou frouxo.

– Sua filha vai ser dada como presente a uma das famílias da corte. Lá, vai aprender obediência e humildade, que é de se supor que não aprendeu sob seus cuidados.

– Não, por favor. Deixe que ela more com as tias. Ela não fez nada!

– Aimery, pode prosseguir.

– *Por favor!*

– Sua rainha já se pronunciou – disse o taumaturgo Aimery. – A palavra dela é final.

Aimery tirou uma faca de obsidiana de uma das mangas em forma de sino e segurou o cabo na direção do prisioneiro, cujos olhos estavam arregalados de histeria.

A sala ficou mais fria. A respiração de Winter cristalizou no ar. Ela apertou os braços com força contra o corpo.

O prisioneiro segurou o cabo da faca. A mão estava firme. O resto dele estava tremendo.

– Por favor. Minha garotinha... eu sou tudo o que ela tem. *Por favor.* Minha rainha. Vossa Majestade!

Ele levou a lâmina até o pescoço.

Foi nessa hora que Winter afastou o olhar. Era essa a hora em que ela sempre afastava o olhar. Ela observou os próprios dedos afundarem no vestido, as unhas raspando o tecido até sentir o ardor nas coxas. Viu o gelo subir pelos pulsos na direção dos cotovelos. Onde o gelo tocava, a pele ficava dormente.

Ela se imaginou atacando a rainha com os punhos sólidos de gelo. Imaginou as mãos se estilhaçando em mil pedaços.

Estava nos ombros dela. No pescoço.

Mesmo com os estalos e barulhos do gelo, ela ouviu o corte na carne. O borbulhar de sangue e um gemido abafado. O baque seco do corpo.

O frio tinha invadido o peito. Ela apertou bem os olhos e lembrou a si mesma de ficar calma, de respirar. Ouvia a voz firme de Jacin na mente, as mãos dele segurando seus ombros. *Não é real, princesa. É só uma ilusão.*

Normalmente, isso ajudava, essas lembranças a guiando em meio ao pânico. Mas desta vez a memória pareceu estimular o gelo. Envolvendo sua caixa torácica. Corroendo o estômago. Endurecendo sobre o coração dela.

Ela estava congelando de dentro para fora.

Escute minha voz.

Jacin não estava ali.

Fique comigo.

Jacin tinha ido embora.

Está tudo na sua cabeça.

Ela ouviu o bater das botas dos guardas quando eles se aproximaram do corpo. O cadáver sendo arrastado até o parapeito. O

empurrão e o barulho de água distante lá embaixo.

A corte aplaudiu com uma polidez silenciosa.

Winter ouviu seus dedos se quebrarem. Um. Por. Um.

– Muito bom – disse a rainha Levana. – Taumaturgo Tavaler, cuide para que o resto da sentença seja executada.

O gelo estava no pescoço dela, escalando seu maxilar. Havia lágrimas congelando nos olhos. Havia saliva cristalizando na língua.

Ela levantou a cabeça quando um servo começou a lavar o sangue no piso. Aimery, limpando a faca com um tecido, olhou nos olhos de Winter. O sorriso dele queimava.

– Lamento dizer que a princesa não tem estômago para esses procedimentos.

Os nobres na audiência riram. A repulsa de Winter era fonte de diversão para boa parte da corte de Levana.

A rainha se virou, mas Winter não conseguiu encará-la. Ela era uma garota feita de gelo e vidro. Os dentes estavam frágeis, os pulmões seriam facilmente esmagados.

– Sim – disse Levana. – Muitas vezes, esqueço que ela está aqui. Você é tão inútil quanto uma boneca de pano, não é, Winter?

As pessoas riram de novo, mais alto, como se a rainha tivesse dado permissão para que elas debochassem da jovem princesa. Mas Winter não conseguia reagir, nem à rainha nem às gargalhadas. Ela manteve o foco no taumaturgo, tentando esconder o pânico.

– Ah, não, ela não é tão inútil assim – retrucou Aimery. Enquanto Winter o observava, uma linha vermelha fina surgiu no pescoço dele, o sangue borbulhando no corte. – A garota mais bonita de toda Luna? Ela vai tornar alguém da corte um noivo feliz um dia, eu acho.

– A garota mais bonita, Aimery? – O tom suave de Levana quase escondeu o rosnado por baixo.

Aimery fez uma reverência.

– Só bonita, minha rainha. Mas nenhum mortal poderia se comparar à sua perfeição.

A corte logo concordou e ofereceu cem elogios ao mesmo tempo, embora Winter ainda sentisse os olhares maldosos de mais de um nobre grudados nela.

Aimery deu um passo na direção do trono e sua cabeça cortada caiu, bateu no mármore e rolou, rolou, rolou, até parar nos pés congelados de Winter.

Ainda sorrindo.

Ela choramingou, mas o som ficou soterrado pela neve em sua garganta.

É coisa da sua cabeça.

– Silêncio – disse Levana, depois de ouvir sua cota de elogios. – Nós terminamos?

Finalmente, o gelo chegou aos olhos dela, e Winter não teve escolha além de fechá-los para a aparição sem cabeça de Aimery, envolvendo-a no frio e na escuridão.

Ela morreria ali e não reclamaria. Seria enterrada debaixo dessa avalanche de morte. Jamais teria que testemunhar outro assassinato.

– Tem mais um prisioneiro a ser julgado, minha rainha – ecoou a voz de Aimery no vazio gelado da cabeça de Winter. – Sir Jacin Clay, guarda real, piloto e protetor designado da taumaturga Sybil Mira.

Winter ofegou e o gelo se estilhaçou, um milhão de pedacinhos cintilantes e afiados explodindo pela sala do trono e deslizando pelo chão. Ninguém mais ouviu. Ninguém mais reparou.

Aimery, com a cabeça ainda presa ao corpo, estava olhando para ela de novo, como se estivesse esperando para ver sua reação. O sorrisinho estava sutil quando ele voltou a atenção para a rainha.

– Ah, sim – disse Levana. – Tragam-no.

CAPÍTULO

Dois

A porta da sala do trono se abriu, e ali estava ele, preso entre dois guardas, com os pulsos amarrados atrás das costas. O cabelo louro estava embaraçado e sujo, com mechas grudadas no maxilar. Parecia fazer um bom tempo que ele não tomava banho, mas Winter não conseguiu detectar sinais óbvios de agressão.

O estômago dela deu um nó. Todo o calor que o gelo havia expulsado voltou correndo para a superfície da pele.

Fique comigo, princesa. Escute minha voz, princesa.

Ele foi levado até o centro da sala, sem demonstrar qualquer expressão no rosto. Winter cravou as unhas nas palmas das mãos.

Jacin não olhou para ela. Nem uma vez.

– Jacin Clay – disse Aimery –, você foi acusado de trair a coroa ao falhar na hora em que deveria proteger a taumaturga Mira e na hora de apreender uma conhecida fugitiva lunar, apesar de ter passado duas semanas na companhia da dita fugitiva. Você é um traidor de Luna e da nossa rainha. Esses crimes são puníveis com a morte. O que você tem a dizer em sua defesa?

O coração de Winter trovejou como um tambor junto às costelas. Ela virou olhos suplicantes para a madrasta, mas Levana não estava prestando nenhuma atenção a ela.

– Eu me declaro culpado de todos os crimes descritos – disse Jacin, atraindo a atenção de Winter novamente. – *Exceto* pela acusação de que sou traidor.

As unhas de Levana bateram no braço do trono.

– Explique.

Jacin se empertigou como se estivesse de uniforme, como se estivesse a serviço, e não sendo julgado.

– Como falei, eu não apreendi a fugitiva quando estava na companhia dela porque estava tentando convencê-la de que eu era confiável para conseguir informações para minha rainha.

– Ah, sim, você a estava espionando, assim como aos companheiros dela – disse Levana. – Eu me lembro de você ter dado essa desculpa quando foi capturado. Também lembro que você não tinha informações pertinentes para oferecer, só mentiras.

– Mentiras, não, minha rainha, embora eu admita que subestimei a ciborgue e as habilidades dela. Ela as estava escondendo de mim.

– Isso é que é ganhar a confiança dela. – Havia deboche no tom da rainha.

– Conhecer as habilidades da ciborgue não era a única informação que eu procurava, minha rainha.

– Sugiro que você pare de brincar com palavras. Minha paciência já está curta.

O coração de Winter murchou. Jacin, não. Ela não poderia ficar sentada ali vendo-os matar Jacin.

Ela negociaria por ele, decidiu, embora o plano tivesse uma falha. O que tinha para negociar? Nada além da própria vida, e Levana não aceitaria isso.

Ela poderia dar um ataque de birra. Ficar histérica. Não estaria muito longe da verdade, nesse ponto, e poderia distraí-los por um tempo, mas só adiaria o inevitável.

Já havia se sentido impotente muitas vezes na vida, mas nunca assim.

Só havia uma coisa a ser feita, então. Ela jogaria o próprio corpo na frente da lâmina.

Ah, Jacin *odiaria* isso.

Sem saber da mais recente resolução de Winter, Jacin inclinou a cabeça em um gesto respeitoso.

– Durante meu tempo com Linh Cinder, descobri informações sobre um dispositivo que pode anular os efeitos do dom lunar quando ligado ao sistema nervoso de uma pessoa.

Isso provocou uma agitação curiosa na multidão. Um enrijecer de colunas, uma inclinação de ombros para a frente.

– Impossível – disse Levana.

– Linh Cinder tinha evidência do potencial. Como foi descrito para mim, em um terráqueo o dispositivo impede que a bioeletricidade seja alterada. Mas em um lunar vai impedir que ele use o dom. A própria Linh Cinder tinha o dispositivo instalado quando chegou ao baile da Comunidade das Nações Orientais. Ela só pôde usar seu dom quando foi destruído, como foi testemunhado pelos seus próprios olhos, minha rainha.

As palavras dele carregavam um ar de impertinência. Os nós dos dedos de Levana ficaram brancos.

– Quantos desses hipotéticos dispositivos existem?

– Que eu saiba, só o dispositivo quebrado instalado na própria ciborgue. Mas desconfio que ainda existam documentos e projetos. O inventor foi o pai adotivo de Linh Cinder.

O aperto da rainha começou a relaxar.

– É uma informação intrigante, sr. Clay. Mas fala mais de uma tentativa desesperada de se salvar do que de inocência verdadeira.

Jacin deu de ombros, indiferente.

– Se minha lealdade não pode ser identificada na forma como me portei com o inimigo, obtendo essa informação e alertando a taumaturga Mira sobre o plano de sequestrar o imperador Kaito, eu não sei que outra prova posso fornecer, minha rainha.

– Sim, sim, a dica anônima que Sybil recebeu, alertando-a sobre os

planos de Linh Cinder. – Levana suspirou. – Acho muito conveniente que esse comunicado que você *alega* ter enviado não tenha sido visto por mais ninguém além da própria Sybil, que agora está morta.

Pela primeira vez, Jacin pareceu perturbado sob o olhar da rainha. Ele ainda não tinha olhado para Winter.

A rainha se virou para Jerrico Solis, o capitão da guarda. Assim como tantos dos guardas da rainha, Jerrico deixava Winter pouco à vontade, e ela costumava ter visões do cabelo ruivo alaranjado pegando fogo e do resto dele queimando até virar um carvão fumegante.

– Você estava com Sybil quando ela emboscou a nave inimiga naquele dia, mas disse antes que Sybil não mencionou essa mensagem. Você tem alguma coisa a acrescentar?

Jerrico deu um passo à frente. Ele tinha voltado da viagem à Terra com uma boa quantidade de hematomas, mas já tinham começado a sumir.

– Minha rainha, a taumaturga Mira parecia confiante de que encontraríamos Linh Cinder naquele telhado, mas não mencionou ter recebido nenhuma informação externa, anônima ou não. Quando a nave pousou, foi a taumaturga Mira que mandou que Jacin Clay fosse preso.

A sobrancelha de Jacin tremeu.

– Talvez ela ainda estivesse chateada por eu ter atirado nela. – Ele fez uma pausa, mas depois acrescentou: – Enquanto eu estava sob o controle de Linh Cinder, devo dizer em minha defesa.

– Você parece ter muito a dizer em sua defesa – disse Levana.

Jacin não respondeu. Era o comportamento mais calmo que Winter já tinha visto em um prisioneiro; ele, que sabia melhor do que ninguém as coisas horríveis que aconteciam ali, bem no lugar onde estava. Levana devia estar furiosa com a audácia, mas parecia apenas

pensativa.

– Permissão para falar, minha rainha?

A plateia se moveu, e Winter demorou um momento para discernir quem tinha falado. Era um *guarda*. Uma das ornamentações silenciosas do palácio. Apesar de reconhecê-lo, ela não sabia seu nome.

Levana olhou com irritação para ele, e Winter a imaginou calculando se daria permissão ou puniria o homem por se manifestar num momento inadequado. Por fim, disse:

– Qual é seu nome e por que você ousa interromper o procedimento?

O guarda deu um passo à frente, encarando a parede, sempre a parede.

– Meu nome é Liam Kinney, minha rainha. Eu ajudei na recuperação do corpo da taumaturga Mira.

Uma sobrancelha questionadora para Jerrico; um aceno confirmando.

– Continue – disse Levana.

– A mestra Mira estava com um tablet quando nós a encontramos, e apesar de ter quebrado na queda, o aparelho foi submetido como prova no caso do assassinato dela. Eu me pergunto se alguém tentou recuperar a suposta mensagem.

Levana voltou a atenção para Aimery, cujo rosto era uma máscara que Winter reconheceu. Quanto mais agradável era a expressão dele, mais irritado estava.

– Na verdade, nós conseguimos acessar as mensagens recentes dela. Eu estava prestes a apresentar as provas.

Era mentira, o que deu esperança a Winter. Aimery mentia muito bem, principalmente quando era de seu interesse. E ele odiava Jacin. Não ia querer entregar nada que pudesse ajudá-lo.

Esperança. Frágil, escassa, patética. *Esperança.*

Aimery indicou a porta, e um criado se aproximou correndo, carregando um tablet quebrado e um dispositivo holográfico em uma bandeja.

– Este é o tablet que Sir Kinney mencionou. Nossa investigação confirmou que realmente houve uma mensagem anônima enviada a Sybil Mira naquele dia.

O criado ligou o dispositivo, e um holograma brilhou no centro da sala. Atrás dele, Jacin sumiu como um fantasma.

O holograma exibia um texto básico de mensagem.

LINH CINDER PLANEJANDO SEQUESTRAR O IMPERADOR DA C.N.O.
FUGA PLANEJADA PELO TELHADO DA TORRE NORTE, PÔR DO SOL.

Tanta importância depositada em tão poucas palavras. Era a cara de Jacin.

Levana leu as palavras com olhos apertados.

– Obrigada, Sir Kinney, por chamar nossa atenção para isso. – Foi revelador o fato de ela não ter agradecido a Aimery.

O guarda, Kinney, fez uma reverência e recuou para sua posição. O olhar dele se desviou uma vez para Winter, ilegível, antes de se grudar de novo na parede distante.

Levana continuou.

– Imagino que você vá me dizer, Sir Clay, que essa foi a mensagem que você enviou.

– Foi.

– Você tem mais alguma coisa a acrescentar antes que eu declare meu veredito?

– Nada, minha rainha.

Levana se encostou no trono, e o aposento ficou em silêncio, com todo mundo esperando a decisão da rainha.

– Imagino que minha enteada gostaria que eu poupasse você.

Jacin não reagiu, mas Winter fez uma careta em resposta à arrogância do tom da madrasta.

– Por favor, madrasta – sussurrou ela, as palavras estalando na língua seca. – É *Jacin*. Ele não é nosso inimigo.

– Não *seu*, talvez – disse Levana. – Mas você é uma garota ingênua e burra.

– Não é verdade. Sou uma fábrica de sangue e plaquetas, e todo o meu maquinário está congelando...

A corte caiu na gargalhada, e Winter se encolheu. Até os lábios de Levana tremeram, embora houvesse irritação por baixo da diversão.

– Eu tomei minha decisão – disse ela, com a voz estrondosa exigindo silêncio. – Decidi deixar o prisioneiro viver.

Winter deu um grito de alívio. Colocou a mão sobre a boca, mas foi tarde demais para sufocar o barulho.

Houve mais risinhos da plateia.

– Você tem alguma outra coisa a acrescentar, princesa? – perguntou Levana entredentes.

Winter controlou as emoções da melhor maneira que conseguiu.

– Não, minha rainha. Suas determinações sempre são sábias e finais, minha rainha.

– Essa determinação não terminou. – A rainha endureceu a voz quando voltou a falar com Jacin. – Sua incapacidade de matar ou capturar Linh Cinder não vai passar sem punição, pois sua incompetência levou ao sucesso dela no sequestro do meu noivo. Por esse crime, eu sentencio você a trinta chibatadas autoinfligidas, a serem dadas no tablado central, seguidas de quarenta horas de

penitência. Sua sentença vai começar no amanhecer de amanhã.

Winter se encolheu, mas nem essa punição poderia destruir o alívio eufórico na barriga dela. Ele não ia morrer. Ela não era uma garota de gelo e vidro, mas uma garota de sol e poeira estelar, porque Jacin não ia morrer.

– E, Winter...

Ela voltou a atenção para a madrasta, que a encarava com desdém.

– Se você tentar levar comida para ele, vou mandar cortar a língua dele em pagamento pela sua gentileza.

Ela se encolheu na cadeira, um pequeno raio da luz de seu sol se extinguiu.

– Sim, minha rainha.

CAPÍTULO

Três

Winter estava acordada horas antes de a luz iluminar o céu artificial do domo, quase sem ter conseguido dormir. Ela não foi ver Jacin receber as chibatadas por saber que, se ele a visse, se controlaria para não gritar de dor. Ela não faria isso com ele. Então, que gritasse. Ele ainda era mais forte do que qualquer um deles.

Ela mastigou obedientemente as carnes curadas e queijos levados para o café da manhã. Permitiu que as servas a banhassem e vestissem de seda cor-de-rosa claro. Ficou sentada durante uma aula inteira com o mestre Gertman, um taumaturgo de terceiro nível e antigo professor dela, fingindo tentar usar o dom e pedindo desculpas por ser difícil demais, dizendo que estava muito fraca. Ele não pareceu se importar, já que passava boa parte das aulas encarando o rosto dela com a boca aberta. Winter não sabia se ele seria capaz de perceber se ela realmente usou um glamour nele ao menos uma vez.

O dia artificial chegou e foi embora; uma das empregadas levou uma caneca de leite quente e canela e preparou a cama dela, e finalmente Winter foi deixada em paz.

Seu coração vibrava de expectativa.

Ela vestiu uma calça leve de linho e uma blusa frouxa, depois colocou o robe noturno para que parecesse estar de pijama por baixo. Ela pensou nisso o dia todo, com o plano tomando forma em sua mente, como pequenas peças de quebra-cabeça se juntando. A determinação pura sufocou qualquer alucinação.

Ela afofou o cabelo para parecer que tinha acabado de acordar de um sono profundo, apagou as luzes e subiu na cama. O candelabro

pendurado roçou em sua sobrancelha e ela se encolheu, deu um passo para trás e recuperou o equilíbrio no colchão grosso.

Winter se preparou, inspirando uma lufada de ar cheia de intenções.

Contou até três.

E gritou.

Ela gritou como se um assassino estivesse enfiando uma faca em sua barriga.

Gritou como se mil pássaros estivessem bicando sua pele.

Gritou como se o palácio estivesse pegando fogo ao redor.

O guarda posicionado em frente à porta entrou com a arma na mão. Winter continuou gritando. Cambaleando para trás por cima do travesseiro, ela se encostou na cabeceira e puxou os cabelos.

– Princesa! O que foi? Qual é o problema? – Ele olhava por todo o quarto escuro, procurando um invasor, uma ameaça.

Batendo o braço atrás do corpo, Winter arranhou o papel de parede e arrancou um pedaço. Estava ficando mais fácil acreditar que ela estava apavorada. Havia fantasmas e assassinos ao redor, se aproximando.

– Princesa! – Um segundo guarda entrou no quarto. Acendeu a luz, e Winter se encolheu por causa dela. – O que está acontecendo?

– Não sei. – O primeiro guarda tinha ido para o outro lado do quarto e estava olhando atrás das cortinas.

– *Monstro!* – gritou Winter, incrementando a declaração com um soluço. – Eu acordei e ele estava de pé do lado da minha cama... um dos... um dos soldados da rainha!

Os guardas trocaram olhares, e uma mensagem silenciosa ficou clara, até para Winter.

Não tem nada errado. Ela só é maluca.

– Vossa Alteza... – começou o segundo guarda na hora em que um

terceiro apareceu na porta.

Bom. Normalmente, só havia três guardas de serviço nesse corredor entre o quarto dela e a escadaria principal.

– Ele foi por ali! – Escondendo-se atrás de um braço, Winter apontou na direção do closet. – Por favor. Por favor, não deixem que escape. Por favor, encontrem-no!

– O que aconteceu? – perguntou o recém-chegado.

– Ela acha que viu um dos soldados mutantes – resmungou o segundo guarda.

– *Ele estava aqui* – gritou ela, as palavras rasgando a garganta. – Por que vocês não estão me protegendo? Por que estão aí parados? *Vão procurá-lo!*

O primeiro guarda pareceu irritado, como se essa brincadeira tivesse interrompido algo mais do que ficar de pé no corredor olhando para a parede. Ele guardou a arma, mas disse com autoridade:

– Claro, princesa. Vamos encontrar esse criminoso e garantir sua segurança.

Ele fez sinal para o segundo guarda, e os dois saíram andando na direção do closet.

Winter se virou para o terceiro guarda e se agachou.

– Você tem que ir com eles – insistiu ela, com a voz trêmula e fraca. – Ele é um monstro, enorme, com dentes ferozes e garras que vão fazê-los em *pedacinhos*. Eles não vão ser capazes de derrotá-lo sozinho, e se falharem...! – As palavras dela viraram um grito de terror. – Ele vai vir atrás de mim, e não vai ter ninguém para impedi-lo. Ninguém vai me salvar! – Ela puxou o cabelo, e o corpo todo tremeu.

– Tudo bem, tudo bem. Claro, Alteza. Espere aqui e... tente se acalmar. – Parecendo grato por deixar a princesa louca para trás, ele

saiu andando atrás dos colegas.

Assim que ele desapareceu, Winter desceu da cama e tirou o robe, que deixou em cima de uma cadeira.

– O closet está vazio! – gritou um dos guardas.

– Continuem procurando! – berrou ela. – Sei que ele está aí!

Ela pegou o chapéu simples e os sapatos que deixou ao lado da porta e saiu correndo.

Ao contrário dos guardas pessoais, que a teriam interrogado infinitamente e insistido em escoltá-la para a cidade, os guardas que estavam vigiando as torres fora do palácio mal se mexeram quando ela pediu que o portão fosse aberto. Sem guardas e vestidos elegantes, e com o cabelo denso preso e o rosto baixo, ela podia se passar por uma criada nas sombras.

Assim que passou pelo portão, saiu correndo.

Havia aristocratas andando pelas ruas da cidade, rindo e flertando, com suas roupas elegantes e luxuosas. Luz escapava pelas portas abertas, música dançava pelas janelas, e para todo lado havia o cheiro de comida e o estalo de copos e sombras se beijando e suspirando em becos escuros.

Sempre era assim na cidade. A frivolidade, o prazer. A cidade branca de Artemísia, o pequeno paraíso embaixo do vidro protetor.

No centro de tudo ficava o tablado, uma plataforma circular onde dramas eram encenados e leilões aconteciam, onde espetáculos de ilusão e humor obsceno costumavam tirar as famílias de suas mansões para uma noite de diversão.

Humilhações públicas e punições também costumavam estar na programação.

Winter estava ofegante, sentindo-se exausta e eufórica com o sucesso, quando o tablado apareceu. Ela o viu, e a saudade enfraqueceu seus joelhos. Ela teve que ir mais devagar para recuperar

o fôlego.

Ele estava sentado de costas para o enorme relógio de sol no centro do tablado, um instrumento tão inútil quanto impressionante durante aquelas longas noites. Cordas prendiam os braços nus e o queixo estava apoiado no peito, com o cabelo claro escondendo o rosto. Quando Winter se aproximou dele, viu as marcas das chibatadas em alto-relevo no peito e no abdome, com manchas de sangue seco. Haveria mais nas costas. A mão estaria com bolhas de segurar o chicote. *Autoinfligidas*, Levana proclamou na punição, mas todo mundo sabia que Jacin estaria sob o controle de um taumaturgo. Não havia nada de *auto*infligido naquilo.

Winter tinha ouvido que Aimery se ofereceu para a tarefa. Ele deve ter sentido prazer a cada ferimento.

Jacin levantou a cabeça quando ela chegou na beirada do tablado. Os olhos deles se encontraram, e ela observou o homem que foi surrado e amarrado e debochado e atormentado o dia todo, e por um momento teve certeza de que ele estava destruído. Mais um dos brinquedos quebrados da rainha.

Mas então, um lado da boca de Jacin se ergueu, e o sorriso chegou aos impressionantes olhos azuis, e ele estava tão radiante e acolhedor quanto o sol nascente.

– Oi, Confusão – disse ele, encostando a cabeça no relógio de sol.

O pavor das semanas anteriores desapareceu. Ele estava vivo. Estava em casa. Ainda era Jacin.

Ela subiu no tablado.

– Você tem alguma ideia do quanto andei preocupada? – disse ela, indo até ele. – Eu não sabia se você estava morto ou se era refém, ou se tinha sido comido por um dos soldados da rainha. Estava ficando louca por não saber.

Ele ergueu uma sobrancelha.

Ela fez uma careta.

– Não comente sobre isso.

– Eu não ousaria. – Ele revirou os ombros o tanto que conseguia com as amarras. Os ferimentos se abriram e incharam com o movimento, e seu rosto se contorceu de dor, mas foi algo breve.

Fingindo não ter reparado, Winter se sentou de pernas cruzadas na frente dele e inspecionou os ferimentos. Querendo tocá-lo. Sentindo medo de tocá-lo. Isso, ao menos, não tinha mudado.

– Dói muito?

– É melhor do que estar no fundo do lago. – O sorriso dele era irônico, de lábios rachados. – Vão me transferir para um tanque suspenso amanhã à noite. Metade de um dia e eu estarei novinho em folha. – Ele apertou os olhos. – Isso supondo que você não esteja lá para me dar comida. Eu gostaria que minha língua continuasse onde está, obrigado.

– Comida, não. Só um rosto amigo.

– Amigo. – Seu olhar a percorreu por inteiro, o sorriso relaxado ainda no rosto. – Para dizer o mínimo.

Ela baixou a cabeça e se virou para esconder as três cicatrizes na bochecha direita. Durante anos, Winter achou que quando as pessoas olhavam fixamente para ela era porque as cicatrizes as repugnavam. Era uma deformação rara no mundo de perfeição delas. Mas um dia uma empregada disse que as pessoas não se sentiam repugnadas, e sim impressionadas. Disse que as cicatrizes tornavam Winter interessante e, de alguma forma, por mais estranho que fosse, ainda mais bonita. *Bonita.* Era uma palavra que Winter ouviu a vida toda. Uma criança bonita, uma garota bonita, uma jovem bonita, tão bonita, bonita *demais*... e os olhares que acompanhavam a palavra nunca paravam de lhe dar vontade de usar um véu como a madrasta e se esconder dos sussurros.

Jacin era a única pessoa que conseguia fazê-la se sentir bonita sem que isso parecesse uma coisa ruim. Ela nem mesmo se lembrava de ele ter usado essa palavra ou mesmo feito outro elogio. Estavam sempre escondidos por trás das piadas descuidadas que faziam seu coração disparar.

– Não provoque – disse ela, corando pelo jeito como ele a olhava. Pelo jeito como ele sempre a olhava.

– Eu não estava provocando – rebateu, pura indiferença.

Em resposta, Winter esticou a mão e deu um soco no ombro dele.

Ele se encolheu, e ela sufocou um gritinho ao se lembrar dos ferimentos. Mas a risada de Jacin foi calorosa.

– Isso não é uma luta justa, princesa.

Ela sufocou o pedido de desculpas que estava quase saindo.

– Estava na hora de eu ter alguma vantagem.

Ele olhou para trás dela, para a rua.

– Onde está seu guarda?

– Eu o deixei para trás. Procurando um monstro no meu closet.

O sorriso ensolarado virou exasperação.

– Princesa, você não pode sair sozinha. Se alguma coisa acontecesse com você...

– Quem vai me fazer mal aqui, na cidade? Todo mundo sabe quem eu sou.

– Basta um idiota acostumado demais a ter o que quer e bêbado demais para conseguir se controlar.

Ela ficou vermelha e contraiu o maxilar.

Jacin franziu a testa e se arrependeu na hora.

– Princesa...

– Vou correr o caminho todo de volta até o palácio. Vou ficar bem.

Ele suspirou, e ela inclinou a cabeça, desejando ter levado algum unguento medicinal para os cortes dele. Levana não falou nada sobre

remédios, e a visão dele amarrado e vulnerável (e sem camisa, mesmo cheio de sangue) fazia os dedos dela tremerem de jeitos esquisitos.

– Eu queria ficar sozinha com você – disse ela, se concentrando no rosto dele. – Nunca mais conseguimos ficar sozinhos.

– Não é apropriado princesas de dezessete anos ficarem sozinhas com jovens com intenções questionáveis.

Ela riu.

– E que tal jovens que são os melhores amigos delas desde antes de elas saberem andar?

Ele balançou a cabeça.

– Esses são os piores.

Ela riu, uma gargalhada debochada que serviu para iluminar o rosto de Jacin de novo.

Mas o humor era agridoce. A verdade era que Jacin só tocava nela quando a estava ajudando no meio de uma alucinação. Fora isso, ele não a tocava deliberadamente havia anos. Desde que ela tinha catorze e ele dezesseis, e ela tentou ensinar a ele a Valsa do Eclipse, com resultados bem constrangedores.

Naquela época, ela teria leiloado a Via Láctea para tornar as intenções dele um pouco menos honradas.

O sorriso de Winter começou a se apagar.

– Senti sua falta – disse ela.

Ele desviou o olhar e se mexeu, na tentativa de ficar mais confortável na posição encostada no relógio de sol. Trincando o maxilar para que ela não visse o quanto qualquer pequeno movimento o fazia sofrer.

– Como está sua cabeça? – perguntou ele.

– As visões vêm e vão – disse ela. – Mas não parecem estar piorando.

– Você teve uma hoje?

Ela puxou uma pequena falha natural no linho da calça e pensou.

– Não, nenhuma desde o julgamento de ontem. Eu virei uma garota de gelo, e Aimery perdeu a cabeça. Literalmente.

– Eu não me importaria se essa última se tornasse realidade.

Ela o fez calar.

– Estou falando sério. Não gosto do jeito como ele olha para você.

Winter espiou por cima dos ombros, mas os pátios ao redor do tablado estavam vazios. Só o barulho distante de música e gargalhadas a lembravam de que eles estavam em uma metrópole.

– Você está de volta a Luna agora – disse ela. – Tem que tomar cuidado com o que diz.

– Você está *me* dando conselho sobre como ser discreto?

– Jacin...

– Tem três câmeras nesta praça. Duas nos postes atrás de você, uma embutida no carvalho atrás do relógio de sol. Nenhuma delas tem áudio. A não ser que ela esteja contratando leitores de lábios agora.

Winter fez cara de irritação.

– Como você pode ter certeza?

– Vigilância era uma das especialidades de Sybil.

– Mesmo assim, a rainha poderia ter matado você ontem. Você precisa tomar cuidado.

– Eu sei, princesa. Não tenho interesse em voltar para aquela sala do trono como qualquer outra coisa que não seja um guarda leal.

Um rugido acima chamou a atenção de Winter. Pelo domo, as luzes de dezenas de espaçonaves estavam sumindo conforme elas voavam pelo céu estrelado. Indo para a Terra.

– Soldados – murmurou Jacin. Ela não conseguiu perceber se foi uma afirmação ou uma pergunta. – Como está indo a guerra?

– Ninguém me conta nada. Mas Sua Majestade parece satisfeita

com nossas vitórias... apesar de ainda estar furiosa por causa do imperador desaparecido e do casamento cancelado.

– Cancelado, não. Só adiado.

– Tente dizer isso para ela.

Ele grunhiu.

Winter se inclinou para a frente, apoiada nos cotovelos, e aninhou o queixo.

– A ciborgue tinha mesmo o dispositivo de que você falou? Que pode impedir as pessoas de serem manipuladas?

Uma luz brilhou nos olhos dele, como se ela o tivesse lembrado de uma coisa importante, mas quando ele tentou se inclinar na direção dela as amarras o seguraram. Ele fez uma careta e falou um palavrão baixinho.

Winter chegou mais perto dele e cobriu a distância.

– Isso não é tudo – disse ele. – Supostamente, esse dispositivo pode impedir lunares de usarem o dom.

– Sim, você mencionou isso na sala do trono.

Ele a olhou profundamente.

– *E* vai proteger as mentes deles. Ela disse que os impede de...

Ficarem loucos.

Ele não precisava dizer em voz alta, não com o rosto demonstrando tanta esperança, como se tivesse resolvido o maior problema do mundo. O significado ficou pairando entre os dois.

Um dispositivo daqueles poderia curá-la.

Winter encolheu os dedos e apoiou embaixo do queixo.

– Você disse que não havia mais nenhum.

– Não. Mas, se conseguirmos encontrar os projetos da invenção... só de saber que é possível...

– A rainha vai fazer qualquer coisa para impedir que sejam feitos.

A expressão dele se tornou sombria.

– Eu sei, mas eu tinha que oferecer alguma coisa. Se Sybil não tivesse me prendido, aquela bruxa ingrata. – Winter sorriu, e quando Jacin viu a expressão, sua irritação sumiu. – Não importa. Agora que sei que é possível, vou descobrir um jeito de fazer.

– As visões nunca são tão ruins quando você está por perto. Vão ficar melhores agora que você voltou.

O maxilar dele se contraiu.

– Peço desculpas por ter partido. Eu me arrependi assim que me dei conta do que fiz. Aconteceu tão rápido, e aí eu não podia voltar para você. Eu simplesmente... abandonei você aqui. Com ela. Com *eles*.

– Você não me abandonou. Foi feito de refém. Não tinha escolha.

Ele afastou o olhar.

Ela se empertigou.

– Você não foi manipulado?

– Não o tempo todo – sussurrou ele, como uma confissão. – Eu escolhi ficar do lado deles quando Sybil e eu subimos na nave. – A culpa tomou conta de seu rosto, e era uma expressão tão estranha para Jacin que Winter não sabia se estava interpretando direito. – Então, eu os traí. – Ele bateu com a cabeça no relógio de sol, com mais força do que o necessário. – Eu sou tão idiota. Você deveria me odiar.

– Você pode ser idiota, mas eu garanto que é bem adorável.

Ele balançou a cabeça.

– Você é a única pessoa na galáxia que me chamaria de *adorável*.

– Sou a única pessoa na galáxia louca o bastante para acreditar. Agora me diga o que você fez que é digno de ódio.

Ele engoliu em seco.

– Sabe a ciborgue que Sua Majestade está procurando?

– Linh Cinder.

– É. Bem, eu achei que ela era só uma garota maluca em missão suicida, sabe? Eu achava que ela ia matar todos nós com aquelas

ilusões de sequestrar o imperador e derrubar a rainha... só de ouvi-la falar, qualquer um teria pensado isso. Então achei que preferia correr o risco e voltar para você se pudesse. Ela que jogasse a vida dela fora.

– Mas Linh Cinder sequestrou o imperador. E escapou.

– Eu sei. – Ele voltou a atenção para Winter. – Sybil pegou uma das amigas dela de refém, uma garota chamada Scarlet. Imagino que você não saiba...

Winter sorriu.

– Ah, sei. A rainha me deu como bichinho de estimação, e ela fica no jardim. Eu gosto muito dela. – Ela franziu a testa. – Mas não consigo dizer se ela decidiu gostar de mim ou não.

Ele fez uma careta ao sentir uma dor repentina e desconhecida, e passou um momento se situando.

– Você pode passar uma mensagem para ela por mim?

– Claro.

– Você tem que tomar cuidado. Não vou dizer qual é se você não conseguir ser discreta. Para seu próprio bem.

– Eu sei ser discreta.

Jacin pareceu não acreditar.

– Eu *sei*. Vou ser tão cheia de segredos quanto uma espiã. Tão cheia de segredos quanto *você*. – Winter chegou um pouco mais perto.

A voz dele ficou mais baixa, como se ele não tivesse mais certeza de que aquelas câmeras não gravavam áudio:

– Diga que eles estão vindo buscá-la.

Winter ficou olhando para ele.

– Vindo... para cá?

Ele assentiu com um movimento sutil da cabeça.

– E acho que podem mesmo ter chance.

Franzindo a testa, Winter esticou a mão e prendeu as mechas do cabelo suado e sujo de Jacin atrás das orelhas. Ele se contraiu com o

toque, mas não se afastou.

– Jacin Clay, você está falando por meio de charadas.

– Linh Cinder. – A voz dele passou a um leve sussurro, e ela chegou ainda mais perto para escutá-lo. Um cacho do cabelo dela caiu no ombro dele. Ele lambeu os lábios. – Ela é Selene.

Todos os músculos do corpo dela se contraíram. Winter recuou.

– Se Sua Majestade ouvir você falar...

– Eu não vou contar para mais ninguém. Mas eu tinha que contar para você. – Os cantos dos olhos dele se enrugaram, cheios de solidariedade. – Eu sei que você a amava.

O coração dela disparou.

– Minha Selene?

– Sim. Mas... Desculpe, princesa. Acho que ela não se lembra de você.

Winter piscou e deixou a fantasia tomar conta por um momento atordoado. Selene, viva. Sua prima, sua amiga? *Viva.*

Ela encolheu os ombros e afastou a esperança.

– Não. Ela está morta. Eu estava *lá*, Jacin. Vi o que restou depois do fogo.

– Você não *a* viu.

– Encontraram...

– Carne queimada. Eu sei.

– Uma pilha de cinzas em formato de garota.

– Eram só cinzas. Olhe, eu também não acreditei, mas acredito agora. – Um canto da boca de Jacin deu uma leve inclinada para cima, indicando algo parecido com orgulho. – Ela é nossa princesa perdida. E está vindo para casa.

Uma pessoa pigarreou atrás de Winter, cujo esqueleto quase pulou para fora do corpo. Ela contorceu o tronco e se apoiou no cotovelo.

Seu guarda pessoal estava de pé ao lado do tablado, de cara feia.

– Ah! – Com o coração tremendo como se houvesse mil pássaros assustados dentro dele, Winter abriu um sorriso aliviado. – Vocês pegaram o monstro?

Não houve sorriso em resposta, nem mesmo um rubor nas bochechas, que era a reação normal quando ela fazia aquela expressão em particular. Mas a sobrancelha direita dele começou a tremer.

– Vossa Alteza. Vim buscá-la e acompanhá-la de volta ao palácio.

Endireitando-se, Winter uniu as mãos na frente do peito.

– Claro. É tanta gentileza sua se preocupar comigo. – Ela olhou para Jacin, que estava observando o guarda com desconfiança. Isso não era surpresa. Ele observava todo mundo com desconfiança. – Temo que amanhã vá ser ainda mais difícil para você, Sir Clay. Tente pensar em mim quando puder.

– *Tentar*, princesa? – Ele deu um sorrisinho para ela. – Não consigo pensar em mais nada.

CAPÍTULO

Quatro

Cinder estava deitada no chão, olhando para o motor enorme da Rampion, para a tubulação e para o módulo rotativo de sustentação de vida. As plantas do sistema que ela havia baixado algumas semanas antes estavam sobrepostas em sua visão, um truque ciborgue que se mostrou útil incontáveis vezes, quando ela estava trabalhando como mecânica em Nova Pequim. Ela expandiu a imagem e deu zoom em um cilindro do tamanho do braço. Estava preso perto da parede da sala de máquinas. Tubos em espiral surgiam dos dois lados.

– Só pode ser isso – murmurou ela, fechando a imagem da planta.

Ela se mexeu debaixo do módulo rotativo, com bolinhas de poeira se prendendo aos ombros, e voltou a sentar. Havia espaço suficiente só para se espremer entre o labirinto de fios e molas, canos e tubos.

Segurando a respiração, encostou o ouvido no cilindro. O metal parecia gelo contra sua pele.

Ela esperou. Prestou atenção. Ajustou o volume dos sensores de áudio.

O que ouviu foi a porta da sala de máquinas sendo aberta.

Ao olhar para trás, viu a calça cinza de um uniforme militar na luz amarelada do corredor. Poderia ser qualquer pessoa na nave, mas os sapatos sociais pretos e brilhantes...

– Olá? – disse Kai.

O coração dela disparou. Sempre disparava.

– Aqui atrás.

Kai fechou a porta e se agachou do outro lado da sala, entre o amontoado de pistões subindo e descendo e de ventiladores girando.

– O que você está fazendo?

– Verificando os filtros de oxigênio. Um minuto.

Ela colocou o ouvido no cilindro de novo. Ali, um leve estalo, como uma pedrinha batendo lá dentro.

– *Arrá*.

Ela tirou uma chave-inglesa do bolso e começou a soltar as porcas dos dois lados do cilindro. Assim que foi solto, a nave ficou estranhamente silenciosa, como um zumbido que só era notado depois que parava. As sobrancelhas de Kai se ergueram até o alto da testa.

Cinder espiou dentro do cilindro, enfiou os dedos e puxou um filtro complexo. Era feito de pequenos canais e fissuras, tudo coberto por um filme cinza fino.

– Não é surpresa as decolagens estarem sendo agitadas.

– Imagino que você não precise de ajuda.

– Não. A não ser que você queira procurar uma vassoura.

– Uma vassoura?

Cinder levantou o filtro e bateu com a ponta em um dos canos acima. Uma nuvem de poeira explodiu ao redor dela, cobrindo seu cabelo e seus braços. Tossindo, Cinder enfiou o nariz na dobra do cotovelo e continuou batendo até os pedaços maiores serem retirados.

– Ah. Uma vassoura. Certo. Será que tem uma na cozinha?

Piscando para tirar a poeira dos cílios, Cinder sorriu para ele. Ele costumava ser tão seguro que, nos raros momentos em que ficava confuso, as entranhas dela se contorciam e ficavam de cabeça para baixo. E ele ficava confuso com frequência ultimamente. Desde o momento em que acordou a bordo da Rampion, ficou claro que Kai estava a doze mil quilômetros de seu ambiente, mas se adaptou bem nas últimas semanas. Aprendeu a terminologia, comeu as refeições

enlatadas e congeladas sem reclamar, trocou as roupas chiques de casamento pelo uniforme militar comum que todos usavam. Insistia em ajudar quando podia, até cozinhando algumas dessas refeições sem graça, apesar de Iko ter observado que, como ele era o convidado real, eles é que deveriam estar lhe servindo. Mas Thorne riu, e a sugestão pareceu deixar Kai ainda menos à vontade.

Apesar de Cinder não o imaginar abdicando do trono e partindo em uma vida de viagens espaciais e aventura, era adorável vê-lo tentando fazer parte do ambiente.

– Eu estava brincando – disse ela. – Salas de máquina devem ser sujas.

Ela examinou o filtro de novo, achou que estava satisfatório, enroscou de volta no cilindro e prendeu em todas as partes. O zumbido recomeçou, mas a batida da pedrinha, não.

Os pés de Cinder foram os primeiros a aparecer quando ela se espremeu para sair de baixo do módulo e da tubulação. Ainda agachado, Kai deu uma espiada e abriu um sorrisinho.

– Iko está certa. Você não consegue mesmo ficar limpa por mais de cinco minutos.

– É uma das exigências desse trabalho. – Ela se sentou e uma cascata de poeira caiu de seus ombros.

Kai limpou os pedaços maiores do cabelo dela.

– Onde você aprendeu a fazer tudo isso, afinal?

– O quê, isso? Qualquer pessoa consegue limpar um filtro de oxigênio.

– Acredite, nem todas. – Ele apoiou os cotovelos nos joelhos e correu os olhos por toda a sala de máquinas. – Você sabe o que isso tudo faz?

Ela acompanhou o olhar a cada fio, cada coletor, cada bobina de compressão, e deu de ombros.

– Quase tudo. Menos aquela coisa grande giratória no canto. Não consigo descobrir. Mas que importância poderia ter?

Kai revirou os olhos.

Segurando-se em uma tubulação, Cinder se levantou e colocou a chave-inglesa no bolso.

– Eu não aprendi em lugar nenhum. Eu só olho para as coisas e entendo como funcionam. Quando você sabe como uma coisa funciona, consegue descobrir como consertar.

Ela tentou tirar o resto de poeira do cabelo, mas parecia não acabar nunca.

– Ah, você só *olha* para uma coisa e entende como funciona – repetiu Kai, de pé ao lado dela. – Só isso?

Cinder ajeitou o rabo de cavalo e deu de ombros, constrangida de repente.

– É só mecânica.

Kai passou o braço pela cintura dela e a puxou para perto.

– Não, é impressionante – disse ele, usando o polegar para tirar uma sujeira da bochecha de Cinder. – Sem mencionar estranhamente atraente – disse ele antes de tomar os lábios dela.

Cinder ficou brevemente tensa, mas acabou derretendo no beijo. A emoção era sempre a mesma, acompanhada de surpresa e uma onda de euforia. Era o décimo sétimo beijo deles (a interface do cérebro dela estava contando, meio contra sua vontade), e ela se perguntou se algum dia se acostumaria com a sensação. Ser *desejada,* embora tenha passado a vida toda acreditando que ninguém a veria como qualquer coisa além de um experimento científico bizarro.

Principalmente um garoto.

Principalmente *Kai*, que era inteligente e honrado e gentil, além de poder ter a garota que quisesse. *Qualquer* garota.

Ela suspirou durante o beijo e se entregou ao abraço. Kai esticou a

mão para uma tubulação acima e encostou Cinder no console do computador principal. Ela não ofereceu resistência. Embora o corpo não lhe permitisse corar, havia um calor nada familiar que inundava cada centímetro dela quando ele estava tão perto. Cada terminação nervosa explodia e batucava, e ela sabia que ele poderia beijá-la mais dezessete mil vezes e ela nunca se cansaria.

Ela enroscou os braços no pescoço dele e uniu seus corpos. O calor do peito de Kai se infiltrava pelas roupas dela. Tudo parecia certo. Perfeito.

Mas havia aquele sentimento, sempre se esgueirando, sempre pronto para encobrir a alegria dela. A certeza de que aquilo não podia durar.

Não enquanto Kai estivesse noivo de Levana.

Furiosa com a invasão do pensamento, ela beijou Kai com mais força, mas sua imaginação continuou a se rebelar. Mesmo que tivessem sucesso e Cinder recuperasse o trono, seria esperado que ela ficasse em Luna como a nova rainha. Ela não era especialista, mas parecia problemático dar continuidade a um relacionamento em dois planetas diferentes...

Er... um planeta e uma lua.

Não importava.

A questão era que haveria trezentos e oitenta e quatro mil quilômetros de espaço entre ela e Kai, o que era *muito* espaço, e...

Kai sorriu e interrompeu o beijo.

– O que foi? – murmurou ele, ainda encostado nos lábios de Cinder.

Ela se afastou para observá-lo. O cabelo dele estava ficando mais comprido, quase com ar descuidado. Como príncipe, ele sempre foi impecável, beirando a perfeição. Mas então se tornou imperador. As semanas depois da coroação foram passadas tentando impedir a guerra, caçando uma fugitiva procurada, evitando o casamento e

vivenciando o próprio sequestro. Como resultado, cortes de cabelo se tornaram um luxo dispensável.

Ela hesitou antes de perguntar:

– Você pensa no futuro?

A expressão dele se tornou cautelosa.

– Claro que penso.

– E... ele me inclui?

Seu olhar suavizou. Soltando a tubulação, ele prendeu uma mecha de cabelo atrás da orelha dela.

– Depende se estou pensando no futuro bom ou no ruim.

Cinder aninhou a cabeça debaixo do queixo dele.

– Se um deles incluir...

– Vai dar tudo certo – disse Kai, falando com a boca enterrada nos cabelos de Cinder. – Nós vamos vencer.

Ela assentiu, feliz por saber que ele não conseguia ver o rosto dela.

Derrotar Levana e se tornar rainha de Luna era só o começo de uma galáxia inteira de preocupações. Ela queria tanto ficar assim, abrigada na espaçonave, junto e segura e sozinha com ele... mas era o oposto do que ia acontecer. Quando tirassem Levana do trono, Kai voltaria a ser o imperador da Comunidade das Nações Orientais e, um dia, ia precisar de uma imperatriz.

Ela até podia ter o direito de nascença para governar Luna, além da esperança de que o povo escolheria *qualquer pessoa* no lugar de Levana, mesmo uma adolescente politicamente inepta que era feita de 36,28 por cento de cibernética e materiais manufaturados. Mas ela viu o preconceito das pessoas na Comunidade. Alguma coisa dizia que não seriam tão receptivas a ela como governante.

Ela nem sabia se queria ser imperatriz. Ainda estava se acostumando com a ideia de ser princesa.

– Uma coisa de cada vez – sussurrou ela, tentando sossegar os

pensamentos agitados.

Kai beijou a têmpora dela (o que seu cérebro não contou como o número dezoito) e se afastou.

– Como está indo seu treinamento?

– Bem. – Ela se soltou dos braços dele e olhou para o motor. – Ah, já que você está aqui, pode me ajudar com isso? – Cinder deu a volta ao redor dele e abriu um painel na parede, revelando um monte de fios embolados.

– *Isso* é que é mudar de assunto.

– Eu não estou mudando de assunto – disse ela, mas limpou a garganta de forma forçada, o que a contradisse. – Estou refazendo a fiação dos padrões orbitais para que os sistemas da nave funcionem de forma mais eficiente enquanto estivermos em cabotagem. Essas naves de carga são feitas para pousos e decolagens frequentes, não para o constante...

– Cinder.

Ela franziu os lábios e soltou alguns fios.

– O treinamento está indo *bem* – repetiu. – Você pode me entregar os cortadores de fios no chão?

Kai examinou o chão e pegou duas ferramentas.

– Mão esquerda – disse Cinder. Ele entregou para ela. – Lutar com Lobo está ficando bem mais fácil. Mas é difícil saber se é porque eu estou ficando mais forte ou porque ele... você sabe.

Ela não tinha uma palavra para descrever aquilo. Lobo era uma sombra de quem foi antes de Scarlet ser capturada. A única coisa que o mantinha vivo era a determinação de ir a Luna resgatá-la o mais rápido possível.

– Seja como for – acrescentou ela –, acho que ele me ensinou tanto sobre o uso do meu dom lunar quanto pôde. De agora em diante, vou ter que me virar. – Ela examinou a confusão de fios e alinhou com o

diagrama no display da retina. – Não que essa não tenha sido minha tática principal esse tempo todo. – Franziu a testa e fez alguns cortes. – Aqui, segure esses fios e não deixe que se toquem.

Encostando-se nela, Kai segurou os fios que ela indicou.

– O que vai acontecer se eles se tocarem?

– Ah, provavelmente nada, mas tem uma pequena chance de a nave se autodestruir.

Puxando dois fios recém-cortados, ela começou a girá-los juntos em uma nova sequência.

Kai quase não conseguiu respirar até ela ter tirado um dos fios ameaçadores da mão dele.

– Por que você não treina comigo? – perguntou ele.

– Treino o quê?

– Você sabe. Sua coisa de manipular mentes.

Ela fez uma pausa com o cortador parado acima de um fio azul.

– De jeito nenhum.

– Por quê?

– Eu disse que nunca manipularia você e vou manter minha palavra.

– Não é manipulação se eu sei que você está fazendo. – Ele hesitou. – Pelo menos, acho que não. Poderíamos usar uma senha para eu saber quando você está me controlando. Tipo... como se chama isso aí mesmo?

– Cortador de fios?

– Como *cortador de fios.*

– Não.

– Ou outra coisa.

– Eu não vou treinar em você. – Ela colocou o cortador no bolso, terminou de prender o resto dos fios e liberou Kai do trabalho dele. – Pronto, vamos ver como vai ficar.

– Cinder, eu não tenho nada melhor para fazer. Literalmente, *nada* melhor para fazer. Meu tempo nesta nave me ensinou que tenho zero habilidade prática. Não sei cozinhar. Não sei consertar nada. Não consigo ajudar Cress com a vigilância. Não sei nada sobre armas e lutas e... De modo geral, só sou bom em falar, e isso só é útil na política.

– Não vamos deixar de mencionar sua capacidade de fazer todas as garotas desmaiarem com apenas um sorriso.

Kai demorou um momento para ouvi-la em meio à sua própria frustração, mas sua expressão se abriu num sorriso.

– É – disse ela, fechando o painel. – É esse mesmo.

– Estou falando sério, Cinder. Quero ser útil. Quero ajudar.

Ela se virou para encará-lo. Franziu a testa. Pensou.

– *Cortador de fios* – disse ela.

Ele ficou tenso, e um traço de dúvida perpassou sua expressão. Mas depois ergueu o queixo. Confiante.

Com um pequeno cutucão na vontade de Kai, ela fez o braço dele ir até as costas dela para tirar a chave-inglesa do bolso. Não era mais difícil do que controlar seus próprios membros ciborgues. Um mero pensamento e ela podia fazê-lo realizar qualquer coisa.

Kai olhou para a ferramenta, piscando.

– Não foi tão ruim.

– Ah, Kai.

Ele olhou para ela e depois para a chave-inglesa, enquanto a mão levantava a ferramenta até a altura dos olhos, e os dedos, não mais sob seu controle, começaram a girá-la: por cima de um dedo, por baixo do outro. Devagar no começo, depois mais rápido, até o brilho do metal parecer um truque de mágica.

Kai ficou boquiaberto e perplexo, mas havia um leve desconforto nisso.

– Eu sempre me perguntei como você fazia isso.

– Kai.

Ele olhou-a de novo, com a chave-inglesa ainda dançando por cima dos dedos.

Ela deu de ombros.

– É muito fácil. Eu poderia fazer isso escalando uma montanha ou... resolvendo equações matemáticas complexas.

Ele apertou os olhos.

– Você tem uma *calculadora* na cabeça.

Rindo, ela liberou o controle da mão de Kai. Ele pulou para trás e a chave-inglesa caiu no chão. Ao perceber que estava controlando a mão de novo, ele se agachou para pegar.

– Essa não é a questão – disse Cinder. – Com Lobo, há um certo desafio, um certo foco é necessário, mas, com terráqueos...

– Tudo bem, entendi. Mas o que eu *posso* fazer? Me sinto tão inútil andando pela nave enquanto a guerra está acontecendo e você está fazendo todos os planos e eu só fico esperando.

Ela fez uma careta ao notar a frustração no tom dele. Kai era responsável por bilhões de pessoas, e ela sabia que ele sentia que as tinha abandonado, mesmo não tendo tido escolha. Porque *ela* não lhe deu escolha.

Ele era gentil com ela. Desde aquela primeira discussão depois que ele acordou a bordo da Rampion, Kai tomou o cuidado de não a culpar por suas frustrações. Mas era culpa dela. Ele sabia e ela sabia, e às vezes parecia que eles estavam presos em uma dança cujos passos Cinder não conseguia aprender. Cada um evitava essa verdade óbvia para não abalar o terreno em comum que tinham descoberto. A felicidade incerta demais que descobriram.

– A única chance que temos de sucesso é você persuadir Levana a fazer o casamento em Luna – disse ela. – Então agora você pode

começar a pensar em como vai fazer isso. – Ela se inclinou e deu um leve beijo nos lábios dele. (*Dezoito.*) – Que bom que você fala tão bem.

CAPÍTULO

Cinco

Scarlet apertou o corpo nas barras de ferro, tentando segurar o galho de árvore pendurado em frente à jaula. Perto, *tão perto*. A barra machucou sua bochecha. Esticou os dedos, roçou em uma folha, tocou em um tronco... *sim!*

Os dedos se fecharam ao redor do galho. Ela voltou para dentro da jaula e o puxou para mais perto. Enfiando o outro braço entre as barras, arrancou três pequenos galhos cobertos de folhas, depois cortou a ponta e soltou. O galho balançou para cima, e um monte de nozes pequenas e desconhecidas caíram na cabeça dela.

Scarlet se encolheu e esperou a árvore parar de tremer para virar o capuz do moletom vermelho do avesso e tirar todas as nozes que a atacaram. Pareciam avelãs. Se ela descobrisse como abri-las, talvez não fossem um lanche ruim mais tarde.

Um som de arranhado leve chamou a atenção de volta à situação. Ela espiou o caminho do jardim e viu o lobo branco que estava de pé nas patas de trás, batendo nas barras da jaula dele.

Scarlet passou bastante tempo desejando que Ryu pulasse por cima daquelas barras. O muro da jaula dele batia na altura da cintura e ele deveria saltar com facilidade. Assim, Scarlet poderia acariciar seu pelo, coçar suas orelhas. Que luxo seria ter um pouco de contato. Ela sempre gostou dos animais da fazenda, ao menos até a hora de matá-los para preparar um belo *ragoût*, mas nunca tinha se dado conta do quanto apreciava a afeição simples deles até ser reduzida a um animal também.

Infelizmente, Ryu não escaparia do confinamento, assim como ela.

De acordo com a princesa Winter, havia um chip inserido entre as omoplatas que daria um choque doloroso se ele tentasse pular por cima da grade. A pobre criatura já havia aprendido a aceitar o habitat.

Scarlet duvidava que um dia pudesse aceitar o seu.

– É isso – disse ela, pegando o tesouro obtido com dificuldade: três raminhos e um galho quebrado. Ela os levantou para o lobo ver. Ele latiu e fez uma dança entusiasmada perto do muro da jaula. – Não consigo alcançar mais nada. Você vai ter que se contentar com isso.

As orelhas de Ryu tremeram.

Ela ficou de joelhos, o mais próximo de se levantar na jaula que conseguia. Scarlet segurou na barra, mirou um dos galhinhos menores e o jogou.

Ryu correu atrás e pegou o galho no ar. Em segundos, pulou de volta até a pilha de varas e largou o ramo no topo. Satisfeito, sentou-se com a língua para fora.

– Bom trabalho, Ryu. Boa demonstração de controle. – Suspirando, Scarlet pegou outro galho.

Ryu tinha acabado de pular quando ela ouviu o barulho de passos no caminho. Scarlet se sentou nos calcanhares, tensa na mesma hora, mas aliviada quando viu um vestido esvoaçante cor de creme entre os caules das flores exóticas e das trepadeiras pendentes. A princesa surgiu na curva do caminho um momento depois, com uma cesta na mão.

– Oi, amigos – disse a princesa Winter.

Ryu largou o galho mais recente na pilha e depois se sentou, com o peito estufado como se estivesse demonstrando respeito.

Scarlet fez cara feia.

– Puxa-saco.

Winter inclinou a cabeça na direção de Scarlet. Uma espiral de cabelo preto caiu na bochecha dela e escondeu as cicatrizes.

– O que você me trouxe hoje? – perguntou Scarlet. – Murmúrios alucinógenos com acompanhamento de loucura? Ou você está em um de seus dias bons?

A princesa sorriu e se sentou na frente da jaula de Scarlet, sem se importar com a chance de o caminho com pedras pretas e terra sujar seu vestido.

– Hoje é um dos meus melhores dias – disse ela, colocando a cesta no colo –, pois eu trouxe uma coisa especial para você junto com um acompanhamento de notícias.

– Ah, não me conte. Vão me mudar para uma jaula maior? Ah, me diga que essa vai ter encanamento de verdade. E quem sabe um daqueles alimentadores chiques que os pássaros têm?

Apesar de as palavras de Scarlet estarem carregadas de sarcasmo, na verdade uma jaula maior com encanamento seria uma melhoria enorme. Sem conseguir ficar de pé, seus músculos estavam ficando cada dia mais fracos, e seria uma maravilha se ela não precisasse contar com os guardas para a levarem até o anexo ao lado duas vezes por dia, onde ela era graciosamente escoltada até uma calha para fazer as necessidades.

Uma *calha*.

Winter, imune como sempre à mordacidade no tom de Scarlet, se debruçou com um sorriso cheio de segredos.

– Jacin voltou.

A sobrancelha de Scarlet tremeu, suas emoções disparando em dez direções diferentes. Ela sabia que Winter tinha uma paixonite por esse tal de Jacin, mas a única interação de Scarlet com o rapaz foi quando ele estava trabalhando para uma taumaturga e atacou a ela e aos amigos.

Ela se convenceu de que ele estava morto, porque a alternativa era que ele tinha matado Lobo e Cinder, e isso era inaceitável.

– E aí? – encorajou ela.

Os olhos de Winter brilharam. Havia horas em que Scarlet sentia que tinha endurecido o coração diante da beleza impecável da garota, com cabelos densos e pele marrom calorosa, os olhos dourados e lábios rosados. Mas então a princesa dava um olhar *daqueles* e o coração de Scarlet pulava, e ela mais uma vez se perguntava como era possível isso não ser glamour.

A voz de Winter virou um sussurro conspiratório:

– Seus amigos estão vivos.

Essa simples declaração fez o mundo girar. Scarlet passou um momento no limbo, sem confiar, sem querer ter esperanças.

– Tem certeza?

– Tenho. Ele disse que até o capitão e a garota do satélite estavam bem.

Como uma marionete libertada, ela caiu sobre os joelhos.

– Ah, graças às estrelas.

Eles estavam *vivos*. Depois de quase um mês subsistindo de teimosia obstinada, finalmente Scarlet tinha motivos para ter esperanças. Foi tão repentino, tão inesperado que ela se sentiu tonta de euforia.

– Ele também pediu para lhe dizer que Lobo sente muito a sua falta – prosseguiu Winter. – Bem, as palavras de Jacin foram que ele estava deixando todo mundo louco com os choramingos patéticos por sua causa. É fofo, não acha?

Alguma coisa estalou dentro de Scarlet. Ela não chorou nem uma vez desde que chegou a Luna, com exceção das lágrimas de dor e delírio quando foi torturada, mental e fisicamente. Mas, naquele momento, todo o medo e todo o pânico e todo o horror se acumularam, e ela não conseguiu segurar, não conseguiu nem pensar além da onda de choro e lágrimas intensas.

Eles estavam vivos. Estavam todos vivos.

Ela sabia que Cinder ainda estava por aí, o boato tinha se espalhado até mesmo no jardim de que ela tinha se infiltrado no palácio de Nova Pequim e sequestrado o imperador. Scarlet ficou se sentindo superior por vários dias quando a fofoca chegou a ela, mesmo não tendo tido nada a ver com o sequestro.

Mas ninguém mencionou cúmplices. Ninguém disse nada sobre Lobo e Thorne e a garota do satélite que eles estavam tentando resgatar.

Ela limpou o nariz e tirou o cabelo sujo do rosto. Winter estava observando a torrente de emoções de Scarlet como alguém assistiria a uma borboleta saindo do casulo.

– Obrigada – disse Scarlet, dando outro soluço. – Obrigada por me contar.

– Claro. Você é minha amiga.

Scarlet passou a palma da mão pelos olhos e, pela primeira vez, não discutiu.

– E agora sua coisa especial.

– Não estou com fome. – Era mentira, mas ela tinha passado a ressentir o quanto contava com a caridade de Winter.

– Mas é uma balinha de maçã azeda. Uma iguaria lunar que...

– É uma das suas favoritas, é, eu sei. Mas não estou...

– Acho que você devia comer. – A expressão da princesa era inocente e significativa ao mesmo tempo, daquele jeito todo peculiar dela. – Acho que vai fazer você se sentir melhor – continuou ela, e empurrou uma caixa pelas barras da jaula.

Ela esperou até que Scarlet pegasse e atravessou o caminho até Ryu. Agachou-se para dar uma coçada amorosa atrás das orelhas do lobo e se inclinou por cima da grade para começar a pegar a pilha de galhos dele.

Scarlet levantou a tampa da caixa e encontrou a bala vermelha como mármore na cama de açúcar. Winter levava muitas guloseimas para ela desde seu aprisionamento, a maioria misturada com analgésicos. Embora a dor no dedo de Scarlet, que havia sido cortado durante o interrogatório com a rainha, tivesse virado uma lembrança distante, as balas ainda ajudavam com as dores e os sofrimentos da vida em um local tão apertado.

Mas, quando levantou a bala da caixa, ela viu uma coisa inesperada embaixo. Uma mensagem manuscrita.

Paciência, amiga. Eles vêm buscar você.

Ela fechou a caixa depressa, antes que a câmera de segurança acima de seu ombro visse, e enfiou a bala na boca, com o coração disparado. Fechou os olhos e quase não sentiu a casca da bala se quebrar, quase não sentiu a calda agridoce dentro.

– O que você disse no julgamento – disse Winter, voltando com alguns galhos nos braços e os colocando onde Scarlet alcançasse. – Eu não entendi na época, mas entendo agora.

Scarlet engoliu rápido demais. A bala desceu com dificuldade, com pedaços da casca arranhando a garganta. Ela tossiu, desejando que a princesa tivesse levado um pouco de água também.

– Que parte? Eu estava sendo intensamente coagida, você deve lembrar.

– A parte sobre Linh Cinder.

Ah. A parte sobre Cinder ser a princesa perdida Selene. A verdadeira rainha de Luna.

– O que tem? – disse ela, se enchendo de desconfiança. Teria Jacin dito alguma coisa sobre os planos de Cinder de recuperar o trono? E

de que lado ele estava se passou semanas com os amigos dela, mas agora tinha voltado para Levana?

Winter pensou na pergunta por bastante tempo.

– Como ela é?

Scarlet enfiou a língua nos molares, pensando. Como Cinder era? Não fazia muito tempo que a conhecia. Era uma mecânica brilhante. Parecia honrada e corajosa e determinada a fazer o que precisava ser feito... mas Scarlet desconfiava que não era sempre tão confiante quanto tentava aparentar.

Além do mais, ela tinha uma paixonite tão grande pelo imperador Kai quanto Winter tinha por Jacin, embora Cinder se esforçasse bem mais para fingir que não.

Mas Scarlet achava que isso não respondia a pergunta de Winter.

– Ela não é como Levana, se é isso que você quer saber.

Ryu choramingou e rolou, sentindo falta da atenção delas.

Winter pegou um galho na pilha e jogou. O lobo ficou de pé e correu atrás.

– Seu amigo lobo – disse Winter. – Ele é um dos da rainha?

– Não mais – respondeu Scarlet com rispidez. Lobo jamais voltaria a pertencer à rainha. Não se ela pudesse evitar.

– Mas *foi*, e agora ele a traiu. – O tom da princesa ganhou um ar sonhador, os olhos virados para o nada mesmo depois que Ryu voltou e largou o galho ao lado das barras, começando uma pilha nova. – Pelo que sei dos outros soldados, isso não deveria ser possível. Pelo menos não enquanto eles estão sob controle do taumaturgo.

Com calor de repente, Scarlet abriu o moletom. Estava imundo de terra e suor e sangue, mas usá-lo ainda fazia com que se sentisse ligada à Terra e à fazenda e à avó. Lembrava que ela ainda era humana, apesar de ter sido colocada em uma jaula.

– O taumaturgo de Lobo está morto – contou ela. – Mas Lobo lutou

contra ele mesmo quando estava vivo.

– Talvez tenham cometido um erro com ele quando alteraram seu sistema nervoso.

– Não foi erro. – Scarlet deu um sorrisinho superior. – Eu sei, eles se acham tão inteligentes ao darem aos soldados os instintos de lobos selvagens. Os instintos de caçar e matar. Mas veja Ryu. – O lobo tinha se deitado e estava mordendo o galho. – Os instintos dele também são de brincar e amar. Se ele tivesse uma companheira e filhotes, seus instintos seriam de protegê-los a todo custo. – Scarlet enrolou o fio do capuz do moletom no dedo. – Foi o que Lobo fez. Ele me protegeu.

Ela pegou outro galho na pilha em frente à jaula. A atenção de Ryu foi atraída, mas Scarlet só passou os dedos pela casca.

– Tenho medo de nunca mais vê-lo.

Winter enfiou a mão pelas barras e acariciou o cabelo de Scarlet com os nós dos dedos. Scarlet ficou tensa, mas não se afastou. Contato, qualquer contato, era um presente.

– Não se preocupe – disse Winter. – A rainha não vai matar você enquanto for meu bichinho de estimação. Você vai ter uma chance de dizer ao seu Lobo que o ama.

Scarlet fez cara de irritação.

– Não sou seu bichinho tanto quanto Lobo não é mais de Levana. – Desta vez, ela se afastou, e Winter deixou que sua mão caísse no colo. – E não é que eu o *ame*. É só que...

Ela hesitou, e mais uma vez Winter inclinou a cabeça e olhou para Scarlet com curiosidade penetrante. Era irritante pensar que ela estava sendo analisada por uma pessoa que reclamava com frequência que as paredes do castelo tinham começado a sangrar de novo.

– Lobo é tudo o que tenho – esclareceu Scarlet. Ela jogou o galho sem empolgação. Caiu ao alcance da pata de Ryu, mas ele só ficou

olhando, como se não valesse o esforço. Scarlet murchou os ombros.
– Preciso dele tanto quanto ele precisa de mim. Mas nem por isso é amor.

Winter baixou os cílios.

– Na verdade, amiga querida, desconfio que seja *precisamente* por isso que é amor.

CAPÍTULO

Seis

– Essas duas atualizações incluem declarações daquela garçonete, Émilie Monfort – disse Cress, passando os dedos pelo netscreen do compartimento de carga, abrindo a foto de uma garota de cabelo louro falando com a equipe de jornalismo. – Ela alega estar cuidando da Benoit Fazendas e Jardins na ausência de Scarlet. Aqui, ela faz um comentário sobre o trabalho estar começando a ser excessivo e brinca que, se as Benoit não voltarem logo, ela pode ter que começar a leiloar as galinhas. – Cress hesitou. – Ou talvez não tenha sido piada. Não tenho certeza. Ah, e aqui ela conta que Thorne e Cinder foram à fazenda e deram um susto horrível nela.

Ela olhou para trás para ver se Lobo ainda estava prestando atenção. Os olhos dele estavam grudados na tela, a testa franzida, silencioso e tristonho como sempre. Como ele não disse nada, ela pigarreou e clicou em uma nova aba.

– No que diz respeito às finanças, Michelle Benoit era mesmo a dona das terras, e esses extratos bancários mostram que os impostos da propriedade e dos negócios continuam sendo automaticamente deduzidos. Vou deixar pagamentos agendados para os aluguéis de androides de trabalho também. Ela não pagou o último mês, mas vou compensar, e parece que ela foi uma cliente leal por bastante tempo para que o pagamento não feito não interrompesse o trabalho deles. – Ela aumentou uma foto granulada. – Essa imagem de satélite é de trinta e seis horas atrás e mostra a equipe toda de androides e dois capatazes humanos trabalhando nessa colheita. – Ela deu de ombros e se virou para encarar Lobo. – As contas estão sendo pagas, os

animais estão sendo cuidados e as plantações também. Qualquer conta que estivesse esperando entregas regulares deve estar irritada com a ausência de Scarlet, mas isso é o pior no momento. Estimo que a fazenda possa continuar se autossustentando por... ah, mais dois ou três meses.

Lobo não desviou o olhar desesperado da imagem de satélite.

– Ela ama essa fazenda.

– E a fazenda vai estar lá esperando quando a pegarmos de volta – falou Cress, da forma mais otimista que conseguiu.

Queria acrescentar que Scarlet ia ficar bem, que a cada dia eles estavam mais próximos de resgatá-la, mas mordeu a língua. As palavras foram ditas tantas vezes ultimamente que estavam começando a perder o sentido até para ela.

A verdade era que ninguém tinha ideia de que Scarlet ainda estava viva nem em que estado a encontrariam. Lobo sabia disso melhor do que ninguém.

– Tem mais alguma coisa que você quer que eu pesquise?

Ele começou a balançar a cabeça, mas parou. Os olhos brilharam para ela, cheios de curiosidade.

Cress engoliu em seco. Embora tivesse passado a gostar de Lobo durante o tempo que passou a bordo da nave, ele ainda a apavorava um pouco.

– Você consegue encontrar informações sobre pessoas em Luna?

Os ombros dela murcharam em um pedido de desculpas.

– Se eu tivesse como descobrir alguma coisa sobre ela, eu...

– Scarlet, não – disse, com a voz rouca quando pronunciou o nome dela. – Eu andei pensando nos meus pais.

Ela piscou. *Pais?* Ela nunca imaginou Lobo com os pais. A ideia desse homem enorme já ter sido uma criança dependente era estranha. Na verdade, ela não imaginava nenhum dos soldados da

rainha com os pais, já tendo sido crianças, já tendo sido amados. Mas é claro que todos já tiveram. No passado.

– Ah. Certo – gaguejou ela, ajeitando a saia do vestido gasto de algodão que pegou no satélite, o que parecia ter sido uma eternidade antes. Embora tivesse passado um dia usando um dos uniformes militares encontrados no alojamento da tripulação, uma vida inteira descalça e com vestidos simples fez as roupas parecerem pesadas e incômodas. Além do mais, todas as calças ficavam compridas demais nela. – Você acha que pode vê-los? Quando estivermos em Luna?

– Não é prioridade. – Ele falou como um general militar, mas a expressão carregava mais emoção do que a voz. – Mas eu não me importaria de saber se eles ainda estão vivos. E talvez de vê-los de novo um dia. – Ele contraiu o maxilar. – Eu tinha doze anos quando fui levado. Eles devem pensar que *eu* estou morto. Ou que sou um monstro.

A declaração ecoou pelo corpo dela, fazendo seu peito vibrar. Durante dezesseis anos, o pai *dela* também achou que ela estivesse morta, ao passo que lhe disseram que os pais a sacrificaram por vontade própria ao infanticídio de cascudos em Luna. Ela mal tinha reencontrado o pai quando ele morreu de letumose, nos laboratórios no palácio de Nova Pequim. Ela tentou sentir luto pela morte dele, mas sentiu mais tristeza pela ideia de ter um pai e de ter perdido todo o tempo que eles deveriam ter tido para se conhecer.

Ela ainda pensava nele como o dr. Erland, o senhor esquisito e amargurado que iniciou o recrutamento de ciborgues na Comunidade das Nações Orientais. Que fazia tráfico de cascudos na África.

Também foi o homem que ajudou Cinder a fugir da prisão.

Tantas coisas ele fez, algumas boas, algumas terríveis. E todas, Cinder contou, porque estava determinado a encerrar o reinado de

Levana.

Para vingar a filha. Para vingá-*la.*

– Cress.

Ela levou um susto.

– Desculpe. Eu não... eu não consigo acessar as bases de dados de Luna daqui. Mas, quando estivermos em Luna...

– Deixe pra lá. Não importa. – Lobo se encostou na parede do cockpit e enfiou as mãos no cabelo desgrenhado. Ele parecia à beira de um ataque de nervos, mas essa era sua aparência normal ultimamente. – Scarlet é a prioridade. A única prioridade.

Cress pensou em mencionar que destronar Levana e coroar Cinder como rainha eram prioridades de tamanhos razoáveis também, mas não ousou.

– Você mencionou seus pais para Cinder?

Ele inclinou a cabeça.

– Por quê?

– Não sei. Ela comentou que não tinha nenhum aliado em Luna... que seria útil ter mais conexões. Talvez eles pudessem nos ajudar.

O olhar dele ficou mais sombrio, ao mesmo tempo pensativo e irritado.

– Isso os colocaria em perigo.

– Acho que Cinder pode pretender colocar muita gente em perigo. – Cress mordeu o lábio inferior e suspirou. – Você precisa de mais alguma coisa?

– Que o tempo passe mais rápido.

Cress esmoreceu.

– Eu estava falando mais de... comida ou alguma coisa assim. Quando você comeu pela última vez?

Os ombros de Lobo se encolheram para perto das orelhas, e a expressão de culpa foi a única resposta de que ela precisava. Ela tinha

ouvido boatos do apetite insaciável dele e do metabolismo vigoroso que o fazia ficar sempre se mexendo, sempre se movendo. Ela quase não tinha visto isso desde que subiu a bordo da nave, e percebia que Cinder em particular estava preocupada com ele. Só quando eles estavam discutindo estratégias para a revolução de Cinder era que ele parecia rejuvenescido, com os punhos se abrindo e fechando como o lutador que foi feito para ser.

– Tudo bem. Vou fazer um sanduíche para você. – Cress se levantou, reuniu a coragem junto com sua voz mais exigente e colocou a mão no quadril. – E *você* vai comer sem discutir. Você precisa recuperar as forças se vai querer ser útil para nós e para Scarlet.

Lobo levantou a sobrancelha em resposta à determinação recém-descoberta dela.

Cress ficou vermelha.

– Ou... pelo menos coma uma fruta enlatada ou alguma coisa.

A expressão dele se suavizou.

– Um sanduíche parece bom. Com... tomate, se tiver sobrado. Por favor.

– Claro. – Ela respirou fundo, pegou seu tablet e foi para a cozinha.

– Cress.

Ela parou e se virou para trás, mas Lobo estava olhando para o chão de braços cruzados. Ele parecia tão constrangido quanto ela normalmente se sentia.

– Obrigado.

O coração dela se expandiu, inflando de solidariedade. Palavras de consolo surgiram na língua dela: *Ela vai ficar bem. Scarlet vai ficar bem.* Mas Cress as sufocou dentro de si.

– De nada – disse, antes de entrar no corredor.

Ela quase tinha chegado à cozinha quando ouviu Thorne chamar

seu nome. Fez uma pausa e recuou até a última porta, deixada ligeiramente entreaberta, e a abriu. O quarto do capitão era o maior da tripulação e o único aposento que não tinha beliches. Embora Cress tivesse entrado muitas vezes para ajudá-lo com a solução para os olhos que o dr. Erland fez para consertar o nervo ótico danificado de Thorne, ela nunca ficava muito tempo. Mesmo com a porta escancarada, o quarto parecia íntimo demais, pessoal demais. Havia um mapa enorme da Terra em uma das paredes, coberto com anotações manuscritas de Thorne e com marcadores indicando os lugares aonde ele foi e os lugares aonde queria ir, junto com uma dezena de modelos em escala de diferentes espaçonaves espalhadas pela mesa do capitão, inclusive um proeminente de uma Rampion 214. A cama nunca estava feita.

Na primeira vez em que entrou no quarto, ela perguntou a Thorne sobre o mapa e ouviu-o, hipnotizada, falar das coisas que viu, de ruínas antigas a metrópoles vibrantes, de florestas tropicais a praias de areias brancas. As descrições dele encheram Cress de vontade. Ela era feliz na espaçonave, era mais espaçosa do que o satélite dela, e os laços que estava formando com o resto da tripulação pareciam de amizade. Mas ela tinha visto tão pouco da Terra, e a ideia de ver essas coisas ao lado de Thorne, com os dedos entrelaçados aos dele... A fantasia fazia sua pulsação disparar todas as vezes.

Thorne estava sentado no chão, segurando um tablet com o braço esticado.

– Você me chamou? – perguntou ela.

Um sorriso surgiu no rosto dele, alegria maliciosa.

– Cress! Eu achei que tinha ouvido seus passos. Venha aqui. – Ele fez um círculo com o braço, como se pudesse atraí-la com o vácuo criado.

Quando ela se aproximou, Thorne mexeu a mão até encontrar o

pulso dela e a puxou para baixo.

– Está finalmente funcionando – disse ele, segurando o tablet novamente com a mão livre.

Cress olhou para a pequena tela. Uma novela estava passando, mas a transmissão estava muda.

– Estava quebrado?

– Não, a *solução*. Está funcionando. Eu consigo ver uma luz azulada. – Ele soltou o pulso dela e balançou o dedo na direção da tela. – E as luzes no teto. – Ele inclinou a cabeça para trás, com olhos arregalados e pupilas dilatadas que tentavam absorver o máximo de informação possível. – São mais amarelas do que a tela. Mas só isso. Luz e escuridão. Algumas sombras manchadas.

– Que maravilha!

Apesar de o dr. Erland acreditar que a visão de Thorne fosse começar a melhorar depois de uma semana mais ou menos, essa semana chegou e passou sem mudanças. Fazia quase duas semanas que a solução tinha acabado, e ela sabia que a espera havia sido uma provação até para o otimismo incansável de Thorne.

– Eu sei. – Ele fechou bem os olhos e baixou a cabeça de novo. – Mas está me dando uma dor de cabeça.

– Você não deveria forçar. Pode acabar machucando os olhos.

Ele assentiu e cobriu os olhos com a mão.

– Talvez eu devesse usar a venda de novo. Até as coisas começarem a entrar em foco.

– Está aqui. – Cress se levantou, pegou a venda e o frasco vazio de colírio em meio aos modelos de naves. Quando se virou, Thorne estava olhando para ela, ou através dela, com a testa franzida. Ela parou.

Fazia muito tempo que ele não *olhava* para ela, e na época eles estavam lutando pelas próprias vidas. Isso foi antes de ele cortar o

cabelo dela. Cress às vezes se perguntava o quanto ele se lembrava da aparência dela e o que pensaria quando a visse de novo... praticamente pela primeira vez.

– Consigo ver sua sombra, mais ou menos – disse ele, inclinando a cabeça. – Meio que uma silhueta indefinida.

Engolindo em seco, Cress colocou a venda na palma da mão dele.

– Espere um tempo – disse ela, fingindo que a ideia de ele estar inspecionando-a, vendo cada confissão não dita em seu rosto, não era apavorante. – As anotações do médico diziam que seu nervo ótico continuaria a cicatrizar sozinho durante semanas.

– Vamos torcer para que comece a cicatrizar mais rápido depois disso. Não gosto de ver borrões e sombras. – Ele girou a venda entre os dedos. – Um dia desses, quero abrir os olhos e ver você.

As bochechas dela ficaram quentes, mas a profundeza das palavras não tinha sido registrada quando Thorne riu e coçou a orelha.

– Quer dizer, e todo mundo também, claro.

Ela sufocou o princípio de sorriso eufórico, xingando-se por se encher de esperanças de novo, pela milésima vez, quando Thorne deixou bem claro que a via como nada além de uma boa amiga e uma integrante leal da tripulação. Ele não tentou beijá-la de novo desde a batalha em cima do telhado do palácio. E às vezes ela achava que ele poderia estar flertando com ela, mas então ele começava a flertar com Cinder ou Iko, e ela lembrava que um toque aqui e um sorriso ali não eram especiais para ele como eram para ela.

– Claro – disse ela, indo na direção da porta. – Claro que você quer ver todo mundo.

Ela sufocou um suspiro e percebeu que ia ter que se treinar para não ficar encarando Thorne com tanta frequência quanto estava acostumada, senão não haveria chance de esconder o fato de que, apesar de todas as tentativas dele de persuadi-la do contrário, ela

ainda estava desesperadamente apaixonada.

CAPÍTULO

Sete

Jacin acordou com um susto. Estava molhado e grudento e com cheiro de enxofre. A garganta e os pulmões estavam queimando, não dolorosamente, mas como se tivessem sido tratados de forma inadequada e quisessem garantir que ele soubesse. O instinto lhe disse que não estava em perigo imediato, mas a confusão dos pensamentos o deixou tenso. Quando abriu os olhos, as luzes fortes explodiram em sua retina. Ele fez uma careta e os fechou.

As lembranças voltaram todas de uma vez. O julgamento. As chibatadas. As quarenta horas entorpecedoras que passou amarrado naquele relógio de sol. O sorriso malicioso que Winter compartilhava só com ele. Ser levado de maca para a clínica e sentir o médico preparando seu corpo para imersão.

Ele ainda estava na clínica, no tanque suspenso de animação.

– Não se mexa – disse uma voz. – Ainda estamos desconectando os umbilicais.

Umbilicais. A palavra parecia sangrenta e orgânica demais para essa coisa na qual o enfiaram.

Houve um beliscão no braço e um puxão de pele quando uma série de agulhas foi tirada das veias, seguidos de um estalo de eletrodos quando os sensores foram descolados do peito e do couro cabeludo, os fios se emaranhando no cabelo. Ele testou os olhos de novo e piscou na claridade. A sombra de um médico surgiu acima dele.

– Você consegue se sentar?

Jacin examinou os dedos e os dobrou na densa substância em gel na qual estava deitado. Segurou as laterais do tanque e se levantou. Ele

nunca tinha ficado em um negócio daqueles, nunca tinha ficado ferido o bastante para precisar e, apesar da confusão na hora de acordar, já se sentia surpreendentemente lúcido.

Ele olhou para o próprio corpo e viu traços da substância azul do tanque ainda no umbigo, grudada nos pelos das pernas e na toalha que enrolaram em sua cintura.

Tocou em uma das cicatrizes irregulares no abdome, que parecia ter cicatrizado anos antes. Nada mau.

O médico lhe entregou uma caneca de tamanho infantil com um líquido laranja que parecia xarope. Jacin olhou para o jaleco engomado do médico, para a identificação pendurada no peito, para as mãos macias que estavam acostumadas a segurar tablets e seringas, e não armas e facas. Houve uma pontada de inveja, um lembrete de que isso era mais próximo da vida que ele teria escolhido se tivesse tido a oportunidade de escolher. Se Levana não tivesse feito a escolha por ele, quando o selecionou para a guarda real. Embora ela nunca tivesse feito a ameaça em voz alta, Jacin soube desde o começo que Winter seria punida se ele saísse da linha.

Seu sonho de ser médico parou de importar muito tempo antes.

Ele tomou a bebida e engoliu os pensamentos junto. Sonhar era para pessoas que não tinham nada melhor para fazer.

O remédio era amargo, mas a queimação na garganta começou a passar.

Quando devolveu a caneca para o médico, reparou em uma pessoa perto da porta, ignorada pelos médicos e enfermeiros que trabalhavam ao redor do compartimento de armazenamento dos incontáveis outros tanques, verificando diagnósticos e tomando anotações nos tablets.

O taumaturgo Aimery Park. Parecendo mais arrogante do que nunca com o casaco branco elegante e chamativo. O novo cão

favorito da rainha.

– Sir Jacin Clay. Você parece renovado.

Jacin não sabia se a voz funcionaria depois de ficar imerso no tanque e não queria que as primeiras palavras para o taumaturgo fossem um grunhido patético. Mas limpou a garganta e pareceu quase normal.

– Vim buscá-lo para uma audiência com Sua Majestade. Você pode ter perdido o direito à sua honrada posição no serviço à comitiva real, mas ainda pretendemos achar um uso para você. Imagino que esteja em condição de voltar à ativa, certo?

Jacin tentou não parecer aliviado. A última coisa que queria era se tornar guarda pessoal do taumaturgo-chefe de novo, ainda mais que Aimery detinha essa posição. Ele sentia um desprezo particular por esse homem, que tinha fama de ter abusado de mais de um criado do palácio com suas manipulações e cujas atenções maliciosas se dirigiam com muita frequência a Winter.

– Acredito que sim – disse ele. Sua voz estava meio enferrujada, mas não horrível. Ele engoliu em seco de novo. – Posso pedir um novo uniforme? Uma toalha não parece apropriada para a posição.

Aimery deu um sorrisinho debochado.

– Um enfermeiro vai acompanhá-lo até o chuveiro, onde um uniforme estará esperando. Vou encontrá-lo em frente ao arsenal quando você estiver pronto.

Os túneis embaixo do palácio lunar foram criados por anos de tubos de lava esvaziados, com paredes feitas de pedra preta áspera e iluminados por esparsas esferas cintilantes. Esses locais subterrâneos nunca eram vistos pela rainha nem pela corte, portanto ninguém se

preocupava em torná-los bonitos para combinar com o resto do palácio, com superfícies brancas reluzentes e janelas cristalinas e sem reflexo.

Jacin gostava dos túneis. Lá embaixo, era fácil esquecer que estava sob a capital. A cidade branca de Artemísia, com seu lago enorme na cratera e pináculos altíssimos, foi construída em uma base sólida de lavagem cerebral e manipulação. Em comparação, os tubos de lava eram tão frios e ásperos e naturais quanto a paisagem fora dos domos. Eram despretensiosos. Não se enfeitavam com decorações luxuosas e brilho em uma tentativa de esconder as coisas horríveis que aconteciam dentro das paredes.

Mesmo assim, Jacin se moveu rapidamente na direção do arsenal. Não havia resíduo de dor, só a lembrança de cada chibatada e da traição do próprio braço portando a arma. Mas ele já estava acostumado com essa traição. Seu corpo não parecia totalmente dele desde que se tornou integrante da guarda da rainha.

Pelo menos estava em casa, para o bem ou para o mal. Mais uma vez, capaz de cuidar da sua princesa. Mais uma vez, sob o controle de Levana.

Troca justa.

Ele afastou Winter dos pensamentos quando entrou no arsenal. Ela era um perigo para sua neutralidade, conseguida com muito esforço. Pensar nela costumava provocar uma coceira indesejada nos pulmões.

Não havia sinal de Aimery, mas dois guardas postavam-se em frente à porta com grade e um terceiro estava sentado a uma mesa lá dentro, todos usando os uniformes cinza e vermelhos de guardas reais, idênticos ao de Jacin, exceto pelas runas metálicas acima do peito. Jacin tinha posição mais alta do que todos eles. Teve medo de perder a posição como guarda real depois do envolvimento com Linh

Cinder, mas evidentemente sua traição a ela contou para alguma coisa, afinal.

– Jacin Clay – disse ele, se aproximando da mesa – apresentando-se para reincorporação por ordem de Sua Majestade.

O guarda olhou uma lista holográfica e assentiu com um gesto rápido de cabeça. Uma segunda porta gradeada ocupava a parede atrás dele, escondendo prateleiras de armas nas sombras. O homem pegou um recipiente que continha uma arma e munição adicional e empurrou pela mesa, pela abertura nas barras.

– Tinha também uma faca.

O homem fez cara feia, como se uma faca faltando fosse a maior irritação do dia dele, e se agachou para olhar dentro do armário.

Jacin recarregou a arma enquanto o homem mexia no armário. Quando estava prendendo a arma no coldre, o homem jogou a faca dele na mesa. Ela deslizou pela superfície até a beirada. Jacin a pegou no ar antes que a lâmina se alojasse em sua coxa.

– Obrigado – murmurou ele, virando-se.

– Traidor – disse um dos guardas na porta bem baixinho.

Jacin girou a faca embaixo do nariz do guarda e a colocou na bainha no cinto sem se dar ao trabalho de fazer contato visual. Sua ascensão precoce pelas patentes gerou muitos inimigos, idiotas que pareciam achar que Jacin trapaceou para ganhar uma posição tão desejável sendo tão jovem, quando, na verdade, a rainha só queria ficar de olho nele e, por meio dele, em Winter.

O estalo das botas ecoou pelo túnel quando ele os deixou para trás. Jacin virou uma esquina e não se encolheu nem reduziu a velocidade quando viu Aimery esperando perto do elevador.

Quando estava a seis passos de distância, parou e bateu com o punho no peito.

Aimery deu um passo para o lado e seu braço foi na direção da

porta do elevador. A manga comprida do casaco balançou com o movimento.

– Não vamos deixar Sua Majestade esperando.

Jacin entrou sem discutir e assumiu seu ponto habitual ao lado da porta do elevador, com os braços esticados nas laterais do corpo.

– Sua Majestade e eu andamos discutindo seu papel aqui desde seu julgamento – disse Aimery quando as portas se fecharam.

– Estou ansioso para ser útil.

Só anos de prática escondiam o quanto as palavras tinham um gosto repugnante na boca dele.

– Assim como desejamos mais uma vez ter fé em sua lealdade.

– Vou servir da forma que Sua Majestade achar que devo.

– Que bom. – Ali estava aquele sorriso de novo, e desta vez veio com um tremor suspeito. – Porque Sua Alteza Real, a própria princesa, fez um pedido por você.

O estômago de Jacin se contraiu. Não havia como ficar indiferente quando seus pensamentos dispararam.

Por favor, por favor, estrelas odiosas. Não deixem que Winter tenha feito alguma coisa idiota.

– Se seu serviço alcançar as expectativas de Sua Majestade – continuou Aimery –, vamos devolver sua posição anterior no palácio.

Jacin inclinou a cabeça.

– Sou muito grato pela oportunidade de provar meu valor.

– Não tenho dúvida, Sir Clay.

CAPÍTULO

Oito

A porta do elevador se abriu no solar da rainha, uma sala octogonal feita de janelas em todos os lados. O elevador cilíndrico era envolto em vidro e ficava no meio da sala, de forma que nenhuma parte da vista fosse obstruída. A decoração era simples: pilares brancos finos e um domo de vidro, imitando o domo acima da cidade. Aquela torre, aquela exata sala, era o ponto mais alto de Artemísia, e a visão de todos aqueles prédios brancos e cintilantes abaixo e de uma caixa de joias inteira de estrelas acima era toda a decoração de que a sala precisava.

Jacin já tinha ido lá três dezenas de vezes com Sybil, mas nunca para uma audiência própria com a rainha. Ele se forçou a não se preocupar. Se estivesse preocupado, a rainha poderia detectar, e a última coisa que ele queria era que alguém questionasse sua lealdade à coroa.

Embora uma cadeira elaborada estivesse posicionada em uma plataforma, a rainha estava de pé em frente às janelas. O vidro era claro como cristal e não mostrava sinal de reflexo. Jacin não sabia como conseguiam fazer vidro assim, mas o palácio era cheio dele.

Sir Jerrico Solis, o capitão da guarda e tecnicamente superior de Jacin, também estava presente, mas Jacin nem olhou para ele.

– Minha rainha – disse Aimery –, Vossa Majestade solicitou a presença de Jacin Clay.

Jacin se apoiou em um joelho quando a rainha se virou.

– Pode se levantar, Jacin. Que bom que você veio.

Ah, não era fofo?

Ele se levantou e ousou encontrar o olhar dela.

A rainha Levana era horrivelmente bonita, com lábios vermelho-coral e pele impecável como mármore branco. Era coisa do glamour dela, claro. Todo mundo sabia, mas não fazia diferença. Olhar para ela podia roubar o ar de qualquer homem mortal.

No entanto – e Jacin manteve esse pensamento muito, muito silencioso na cabeça –, a princesa era capaz de roubar o ar *e* o coração de qualquer homem.

– Sir Clay – prosseguiu a rainha, com a voz soando como uma cantiga em comparação à aspereza do julgamento. – Aimery e eu andamos discutindo sua volta surpreendente e fortuita. Eu gostaria de vê-lo reincorporado à sua posição anterior em breve. Nossa guarda fica mais fraca sem você.

– Estou sempre às ordens.

– Levei em consideração a mensagem que você mandou à taumaturga Mira antes da morte dela, bem como dois anos de serviço leal. Também mandei uma equipe investigar suas alegações relacionadas a esse... *dispositivo* que Linh Garan inventou, e parece que você estava certo. Ele apresentou um protótipo que chamou de dispositivo de segurança bioelétrica em uma convenção muitos anos atrás. Na verdade, essa descoberta também solucionou um mistério com o qual meu grupo de agentes em Paris tinha se deparado no começo do ano. Agora, sabemos que Linh Cinder não era a única pessoa que tinha esse dispositivo instalado, mas que a antiga protetora dela, uma mulher chamada Michelle Benoit, também tinha. Só nos resta imaginar quantos mais ainda existem.

Jacin não disse nada, mas seu coração estava se expandindo com a notícia. Cinder pareceu segura de que nenhum outro dispositivo daqueles tinha sido feito, mas talvez estivesse errada. E, se estivesse... se houvesse mais deles por aí... ele poderia conseguir um para Winter.

Poderia salvá-la.

– Não importa – disse Levana, passando a mão pelo ar. – Já estamos encontrando formas de garantir que essa invenção não chegue ao mercado terráqueo. O motivo de eu tê-lo chamado aqui foi para discutir o que vai acontecer com *você* agora. E tenho um papel especial em mente, Sir Clay. Um papel que acho que você não vai achar desagradável.

– Minha opinião não significa nada.

– Verdade, mas as opiniões de minha enteada ainda carregam algum peso. A princesa Winter pode não ter nascido com meu sangue, mas acho que as pessoas reconhecem que ela é parte da família, uma verdadeira querida na corte. E eu amava muito o pai dela. – Ela disse isso com um pequeno suspiro, embora Jacin não tenha percebido se era falso ou não.

A rainha se virou.

– Você sabe que eu estava presente quando Evret foi assassinado – continuou Levana, espiando a Terra pela janela. – Ele morreu nos meus braços. Seu último pedido foi que eu cuidasse de Winter, nossa doce filha. Quantos anos você tinha quando ele morreu, Jacin?

Ele obrigou os ombros a relaxarem.

– Onze, Vossa Majestade.

– Você se lembra bem dele?

Ele trincou os dentes, sem saber o que ela queria que ele dissesse. O pai de Winter e o pai de Jacin foram guardas reais e amigos íntimos. Jacin cresceu com muita admiração por Evret Hayle, que manteve a posição mesmo depois de se casar com Levana, princesa na época. Continuou sendo guarda mesmo depois que a rainha Channary morreu e Selene desapareceu, e Levana subiu ao trono. Ele dizia que não tinha desejo de se sentar no trono ao lado dela e menos ainda de ficar sentado tomando vinho e engordando entre as famílias

pomposas de Artemísia.

– Eu me lembro muito bem dele – disse por fim.

– Ele era um bom homem.

– Era, Vossa Majestade.

O olhar dela escorregou para os dedos da mão esquerda. Não havia aliança de casamento lá, pelo menos não que ela deixasse que ele visse.

– Eu o amava muito – repetiu ela, e Jacin teria acreditado se acreditasse que ela era capaz dessas coisas. – A morte dele quase me matou.

– Claro, minha rainha.

Evret Hayle fora assassinado no meio da noite por um taumaturgo faminto por poder, e Jacin ainda lembrava o quanto Winter havia ficado arrasada. Como foram inadequadas todas as tentativas dele de reconfortá-la e distraí-la. Ele se lembrava de ouvir a fofoca triste: Evret morreu protegendo Levana e ela o vingou enfiando uma faca no coração do taumaturgo.

Disseram que Levana chorou histericamente por horas.

– Sim. – Levana suspirou de novo. – Enquanto o segurava morrendo, prometi proteger Winter. Não que eu não fosse protegê-la se não tivesse feito isso. Ela é minha filha, afinal.

Jacin não disse nada. Suas reservas de concordâncias vazias estavam acabando.

– E que jeito melhor há de protegê-la do que decretar como guarda uma das pessoas cuja preocupação com o bem-estar dela é comparável à minha? – Ela sorriu, mas havia um toque de deboche. – Na verdade, a própria Winter pediu que você ganhasse a posição de membro da guarda pessoal dela. Normalmente, as sugestões dela são baseadas em besteiras, mas, desta vez, até eu tive que reconhecer que a ideia tem mérito.

O coração de Jacin disparou, apesar de seus melhores esforços de permanecer distante. *Ele?* Na guarda pessoal de Winter?

Era ao mesmo tempo um sonho e um pesadelo. A rainha estava certa: ninguém poderia ser mais de confiança do que ele para garantir a segurança dela. De muitas formas, ele já se considerava guarda pessoal de Winter, com ou sem o título.

Mas ser guarda dela não era a mesma coisa que ser amigo, e ele já tinha muita dificuldade em não atravessar a linha entre as duas coisas.

– A troca da guarda dela acontece às dezenove horas – disse a rainha, virando-se novamente para as janelas. – Você vai se apresentar nesse horário.

Ele molhou a garganta.

– Sim, minha rainha. – Ele se virou para sair.

– Ah, e, Jacin?

O medo escorreu pela sua coluna. Contraindo o maxilar, ele olhou para a rainha de novo.

– Você pode não estar ciente de que tivemos... dificuldades no passado com a guarda de Winter. Ela pode ser difícil de cuidar, dada a brincadeiras de criança e a fantasias. Ela parece ter pouco respeito por seu papel como princesa e integrante desta corte.

Jacin sufocou sua repugnância no fundo do estômago, onde nem ele conseguiria sentir.

– O que devo fazer?

– Quero que você a mantenha sob controle. Minha esperança é que a afeição dela por você ajude-a a demonstrar mais autocontrole. Tenho certeza de que você está ciente de que a garota está se aproximando da idade de se casar. Tenho esperanças para Winter e não vou tolerar que ela traga humilhação para este palácio.

Idade de se casar. Humilhação. Autocontrole. A repugnância virou

uma pedrinha dura, mas o rosto estava calmo quando ele fez uma reverência.

– Sim, minha rainha.



Winter estava com o ouvido encostado na porta dos aposentos particulares, tentando desacelerar a respiração a ponto de ficar tonta. A expectativa rastejava pela pele dela como mil formiguinhas.

Silêncio no corredor. Silêncio doloroso e agonizante.

Ela soprou um cacho do rosto e olhou para a holografia de Luna perto do teto do quarto, mostrando a progressão de luz do sol e sombras, e o relógio digital padronizado embaixo. 18:59.

Ela secou as palmas úmidas no vestido. Prestou mais atenção. Contou os segundos em pensamento.

Pronto. Passos. As batidas fortes e firmes de botas.

Ela mordeu o lábio. Levana não deu indicação se seu pedido seria aceito, ela nem sabia se a madrasta ia *considerar* o pedido, mas era possível. Era *possível.*

O guarda que estava parado como uma estátua do lado de fora do quarto nas últimas quatro horas, liberado do serviço, foi embora. Os passos eram ecos perfeitos dos que tinham acabado de chegar.

Houve um momento de confusão enquanto o novo guarda se posicionava junto à parede do corredor, a última linha de defesa caso um espião ou um assassino fizesse um ataque à princesa, e a primeira pessoa responsável por protegê-la, caso a segurança do Palácio Artemísia entrasse em risco.

Ela fechou bem os olhos e abriu os dedos sobre a parede, como se pudesse sentir os batimentos dele pela pedra.

O que sentiu foi uma coisa quente e grudenta.

Ofegando, ela se afastou e viu a palma da mão manchada de sangue.

Exasperada, usou a mão suja de sangue para empurrar o cabelo para trás, apesar de as mechas caírem para a frente de novo na mesma hora.

– Agora, não – sibilou ela para o demônio que achava que era uma hora apropriada para lhe dar visões.

Ela fechou os olhos de novo e contou de dez até zero. Quando os abriu, o sangue tinha sumido e a mão estava limpa.

Com um suspiro agudo, Winter ajustou o vestido e abriu a porta o bastante para colocar a cabeça para fora. Virou para o guarda-estátua junto à porta e seu coração inchou.

– Ah... ela disse sim! – gritou ela, escancarando a porta agora. Ela se aproximou e olhou para Jacin.

Se ele a ouviu, não reagiu.

Se ele a viu, não deu sinal.

A expressão era pétrea, com os olhos azuis fixados em algum ponto acima da cabeça dela.

Winter murchou, mas foi tanto de irritação quanto de decepção.

– Ah, por favor – disse ela, ficando bem na frente dele, dedão do pé com dedão do pé, peito com peito, o que não era coisa simples. A postura impecável de Jacin lhe dava a impressão de que estava caindo para trás, a um segundo de bater no chão. – Isso não é necessário, é?

Cinco segundos completos e agonizantes se passaram, nos quais ela poderia estar olhando um manequim, até que Jacin inspirou devagar e soltou tudo de uma vez. O olhar dele baixou para o dela.

Isso foi tudo. Só a respiração. Só os olhos.

Mas o tornou humano de novo, e ela sorriu.

– Fiquei esperando o dia inteiro para lhe mostrar uma coisa. Venha aqui.

Winter dançou ao redor dele de novo e voltou para a sala. Pulou até a mesa do outro lado do aposento, onde tinha coberto a criação com um lençol. Segurando as duas pontas, ela se virou para a porta.

E esperou.

– Jacin?

Ela esperou mais um pouco.

Bufando, ela soltou o lençol e andou até o corredor. Jacin não tinha se mexido. Winter cruzou os braços e se encostou na moldura da porta para inspecioná-lo. Ver Jacin com o uniforme da guarda era sempre agridoce. Por um lado, era impossível não reparar o quanto ele ficava lindo e imponente com ele. Por outro, o uniforme o marcava como propriedade da rainha. Ainda assim, ele estava particularmente bonito, todo curado depois do julgamento e com cheiro de sabonete.

Ela sabia que Jacin sabia que ela estava de pé ali, olhando para ele. Era irritante como era bom em ignorá-la.

Batendo um dedo na pele do cotovelo, ela disse:

– Sir Jacin Clay, tem um assassino debaixo da minha cama.

Os ombros dele se contraíram. O maxilar ficou tenso. Mais três segundos se passaram até ele se afastar da parede e entrar no quarto sem olhar para ela, passando pela surpresa coberta na mesa e indo direto para o quarto. Winter foi atrás e fechou a porta.

Assim que chegou perto, Jacin se ajoelhou e levantou a saia da cama.

– O assassino parece ter escapado desta vez, Vossa Alteza. – Levantando-se, ele se virou para olhar para ela. – Avise-me se ele voltar.

Ele voltou para a porta, mas Winter entrou na frente dele e deu um sorriso paquerador.

– Vou mesmo – disse ela, se equilibrando nas pontas dos pés. – Mas

já que você está aqui...

– *Princesa*.

O tom dele era um aviso, mas ela o ignorou. Recuando para a sala, ela puxou o lençol e exibiu um modelo do tamanho da mesa do sistema solar deles, com os planetas suspensos por fios de seda.

– Tchã-nã!

Jacin não chegou mais perto quando ela começou a mexer nos planetas, mas também não saiu.

Winter empurrou as esferas pintadas para que entrassem em uma órbita lenta, cada uma se movendo em separado das outras.

– Eu tive a ideia quando o noivado foi anunciado – disse ela, vendo a Terra completar um círculo ao redor do Sol antes de parar. – Ia ser um presente de casamento para o imperador Kaito antes... bem. De qualquer modo, tem sido uma ocupação desde que você partiu. – Com os cílios oscilando, ela arriscou um olhar nervoso para Jacin. Ele estava olhando para o modelo. – Ajuda a se concentrar em alguma coisa, sabe. Pensar nos detalhes.

Ajudou a manter os pensamentos em ordem, ajudou a manter a sanidade. Ela tinha começado a ter as alucinações quando tinha treze anos, um pouco mais de um ano depois que tomou a decisão de nunca mais usar o glamour, de nunca mais manipular os pensamentos e as emoções de alguém, de nunca mais se enganar para acreditar que esse uso nem um pouco natural de poder poderia ser inofensivo. Jacin, que ainda não era guarda, passou muitas horas com ela, distraindo-a com jogos e projetos e quebra-cabeças. A desocupação foi inimiga dela durante anos. Era nesses momentos, quando sua mente estava mais concentrada em uma tarefa, por mais trivial que fosse, que ela se sentia mais segura.

Fazer o modelo sem ele não foi tão divertido, mas ela gostou da sensação de estar no controle daquela pequena galáxia, uma vez que

tinha controle de tão pouca coisa na própria vida.

– O que você acha?

Com um suspiro resignado, Jacin deu um passo à frente para examinar o aparato que dava a cada planeta seu próprio caminho orbital.

– Como você fez isso?

– Eu encarreguei o sr. Sanford do AR-5 de desenhar e construir o suporte. Mas fiz toda a pintura. – Ela ficou satisfeita de ver o aceno impressionado de Jacin. – Eu esperava que você pudesse me ajudar com Saturno. É o último a ser pintado, e eu pensei... posso ficar com os anéis se você quiser fazer o planeta... – Ela parou de falar. A expressão dele tinha endurecido de novo. Seguindo os dedos de Jacin, ela o viu empurrando Luna ao redor da Terra. O jeito como o sr. Sanford deu a Luna sua própria órbita ao redor do planeta azul era brilhante, na opinião de Winter.

– Desculpe, Alteza – disse Jacin, se empertigando de novo. – Estou a trabalho. Não deveria nem estar aqui dentro, e você sabe.

– Tenho certeza de que não sei nada sobre isso. Parece que você pode me proteger melhor aqui dentro do que lá fora. E se alguém entrar pelas janelas?

Os lábios dele formaram um sorriso irônico. Ninguém ia entrar pelas janelas, os dois sabiam, mas ele não discutiu. O que fez foi chegar mais perto e colocar as mãos nos ombros dela. Foi um toque raro e inesperado. Não era nenhuma Valsa do Eclipse, mas a pele dela formigou mesmo assim.

– Estou feliz de estar na sua guarda agora – disse ele. – Eu faria qualquer coisa por você. Se tivesse um assassino embaixo da cama, eu receberia a bala dele sem pensar duas vezes, sem ninguém precisar me manipular.

Ela tentou interrompê-lo, mas ele continuou falando:

– Mas, quando estou a serviço, isso é tudo o que posso ser. Seu guarda. Não seu amigo. Levana já sabe que sou próximo demais de você, que gosto de você mais do que deveria...

Winter franziu a testa e mais uma vez tentou interromper, achando que *essa* declaração merecia mais explicações, mas ele continuou falando:

– ... e não vou dar a ela mais nada para usar contra mim. Nem contra você. Não vou ser mais um peão no jogo dela. Entendeu?

Finalmente, uma pausa, e a cabeça dela girava, tentando se agarrar à declaração dele (*o que você* quer dizer *com gosta de mim mais do que deveria?*) sem contradizer as preocupações dele.

– Já somos peões no jogo dela – disse Winter. – Eu sou um peão no jogo dela desde que ela se casou com meu pai, e você desde o dia que foi convocado para a guarda.

Os lábios dele se tensionaram e ele tentou se afastar, pois o contato prolongado já ultrapassava mil fronteiras profissionais, mas Winter levantou as mãos e envolveu as dele com as suas. Ela as segurou com força entre seus corpos.

– Eu só pensei... – Ela hesitou, com a atenção voltada para o quanto as mãos dele estavam maiores em comparação com a última vez que ela as segurou. Era surpreendente. – Achei que poderia ser legal sair do tabuleiro do jogo de vez em quando.

Um dos polegares de Jacin roçou nos dedos dela, só uma vez, como um tique que precisava ser sufocado.

– Seria bom – disse ele –, mas não pode ser quando eu estiver em serviço, e muito menos atrás de portas fechadas.

Winter olhou para trás dele, para a porta que fechou quando ele entrou para procurar o assassino fictício.

– Você está dizendo que vou ver você todos os dias, mas tenho que continuar fingindo que não vejo?

Ele soltou as mãos.

– Mais ou menos isso. Desculpe, princesa. – Com um passo para trás, ele virou novamente o guarda estoico. – Estarei no corredor se você precisar de mim. Se precisar de mim *de verdade*.

Depois que ele saiu, Winter ficou mordendo o lábio inferior, incapaz de ignorar os pedacinhos momentâneos de euforia que escorreram pelas rachaduras do encontro, de modo geral, decepcionante.

Gosto de você mais do que deveria.

– Tudo bem – murmurou ela baixinho. – Consigo viver com isso.

Ela pegou o estojo compacto de tintas, alguns pincéis e o modelo de Saturno do tamanho de um punho que estava esperando o caleidoscópio de anéis.

Desta vez, Jacin levou um leve susto quando ela saiu no corredor. Na primeira vez, ele a estava esperando, mas essa deve ter sido surpresa. Ela sufocou um sorriso quando andou até o outro lado dele e deslizou pela parede, se posicionando no chão com pernas cruzadas. Cantarolando baixinho, ela espalhou o material de pintura à frente.

– O que você está fazendo? – murmurou Jacin baixinho, apesar de o corredor estar vazio.

Winter fingiu dar um pulo.

– Ah, desculpe – disse ela, olhando para ele. – Acho que não tinha visto você aí.

Ele fez cara feia.

Piscando, ela voltou a atenção para o trabalho, mergulhando um pincel no intenso azul-cerúleo.

Jacin não disse mais nada. Nem ela. Depois que o primeiro anel foi completado, ela encostou a cabeça na coxa dele, ficando mais à vontade enquanto pegava o laranja solar. Acima, Jacin suspirou, e ela

sentiu um leve roçar de dedos no cabelo. Um toque, uma sugestão de proximidade antes de ele virar estátua novamente.

CAPÍTULO

Nove

– Leite evaporado... feijão vermelho... atum... mais atum... ah! – Cress quase caiu de cabeça na caixa quando esticou o braço para alcançar o fundo. Ela agarrou um vidro e se levantou, vitoriosa. – Aspargos em conserva!

Iko parou de revirar a caixa ao lado por tempo suficiente para olhar de relance.

– Você e suas papilas gustativas podem parar de se gabar agora.

– Ah, desculpe. – Apertando os lábios, Cress colocou o vidro no chão. – Que bom que abrimos esta. A cozinha estava começando a ficar vazia.

– Mais armas aqui – disse Lobo, com os ombros contraídos enquanto se inclinava em mais uma caixa. – Para um planeta que viveu um século de paz mundial, vocês fabricam muitas armas.

– Sempre vai haver criminosos e violência – disse Kai. – Nós ainda precisamos de polícia.

Lobo fez um som estrangulado, chamando a atenção de todo mundo na direção dele enquanto erguia uma arma da caixa.

– É igual à que Scarlet tinha. – Ele virou a arma na mão e passou o polegar pelo cano. – Ela atirou no meu braço uma vez.

Essa confissão foi feita com tanto carinho quanto se Scarlet tivesse dado a ele um buquê de flores selvagens em vez de um ferimento à bala.

Cress e os outros trocaram expressões tristes.

Kai, que estava de pé mais perto de Lobo, colocou a mão no ombro dele.

– Se ela estiver em Artemísia – disse ele –, eu vou encontrá-la. Prometo.

Um leve baixar de cabeça foi a única indicação de que Lobo o ouviu. Virando-se, ele entregou a arma pela coronha para Cinder, que estava sentada de pernas cruzadas no meio do compartimento de carga, organizando as armas que tinham encontrado. Era um carregamento impressionante. Era uma pena que, quando se tratava de lutar com lunares, armas nas mãos dos aliados deles poderiam ser tão perigosas quanto armas nas mãos dos inimigos.

– Esta aqui é toda de suprimentos médicos e remédios comuns – disse Iko. – Se encontrássemos uma com vértebras substitutas de androide-acompanhante e painéis de tecido sintético, estaríamos chegando a algum lugar.

Cress deu um sorriso solidário. Iko estava usando o top de seda amarrado que vestiu para incorporar uma integrante da equipe do palácio durante o sequestro do imperador, e a gola alta quase cobria o dano feito ao pescoço biônico e à clavícula durante a luta no telhado. Ela usou a criatividade com retalhos de tecidos variados para esconder o resto do ferimento, que era o máximo que podiam fazer até Cinder conseguir as partes e terminar o conserto.

– Isso é o que eu penso que é? – Depois de se voltar para a caixa onde estava mexendo antes, Kai levantou uma boneca de madeira entalhada, adornada com penas e quatro olhos a mais.

Cinder terminou de descarregar a arma e colocou ao lado das outras.

– Não me diga que você já viu uma dessas coisas feias antes.

– Bonecas venezuelanas de sonhos? Temos algumas em exibição no palácio. São incrivelmente raras. – Ele examinou as costas. – O que isso está fazendo aqui?

– Tenho quase certeza de que Thorne roubou.

A expressão de Kai se encheu de clareza.

– Ah. Claro. – Ele colocou a boneca de volta na embalagem. – É melhor ele planejar devolver todas essas coisas.

– Claro que ele vai devolver, Vossa Majestividade. Por uma recompensa adequada.

Cress se virou e viu Thorne encostado na parede do compartimento de carga.

Ela piscou. Tinha alguma coisa diferente nele. A venda que ele vinha usando desde que a visão começara a voltar, semanas antes, estava ao redor do pescoço, e ele estava excepcionalmente arrumado, como se tivesse se barbeado melhor do que o habitual, e estava...

Um impulso elétrico desceu pela coluna de Cress.

Ele estava *olhando* para ela.

Não. Não só olhando. Havia uma inspeção intensa por trás do olhar, junto com uma perplexidade curiosa. Ele estava surpreso. Quase... *cativado*.

Um calor subiu pelo pescoço dela. Engoliu em seco, segura de que estava imaginando coisas.

Um homem do mundo, o confiante capitão Thorne nunca ficaria cativado pela simples e constrangida garota que *ela* era, e ela já tinha se decepcionado com esse tipo de distorção da realidade antes.

Um canto da boca de Thorne se levantou.

– O cabelo curto – disse ele, com um aceno parcial. – Ficou bom.

Cress levantou a mão e segurou as pontas irregulares que Iko aparou até virarem algo que se parecia com um corte de cabelo.

– Ah! – disse Iko, ficando de pé. – Capitão! Você está enxergando!

A atenção de Thorne se voltou para a androide segundos antes de ela se jogar na frente de Cress, nos braços dele. Thorne cambaleou contra a parede e riu.

– Iko? – perguntou Thorne, segurando-a com os braços esticados e observando-a com atenção. A pele escura e impecável, as longas pernas, as tranças pintadas de vários tons de azul. Aceitando o escrutínio, Iko deu uma rodopiada. Thorne estalou a língua. – Caramba. Eu sei mesmo escolher, não sei?

– Visão não vista – disse Iko, jogando as tranças por cima do ombro.

Murchando, Cress começou a encher os braços de enlatados. Definitivamente, distorção da realidade.

– Excelente – disse Cinder, levantando-se e limpando as mãos. – Eu estava começando a ficar com medo de não termos piloto para quando chegar a hora de levar Kai de volta para a Terra. Agora, só preciso me preocupar em ter um piloto competente.

Thorne se encostou na caixa que Cress estava organizando. Ela parou, mas, quando ousou espiar por entre os cílios, a atenção dele estava do outro lado do compartimento de carga.

– Ah, Cinder, senti falta de ver seu rosto quando você faz comentários sarcásticos na tentativa de esconder seus verdadeiros sentimentos por mim.

– Por favor. – Revirando os olhos, Cinder começou a organizar as armas na parede.

– Estão vendo esse revirar de olhos? Quer dizer: "Como estou conseguindo ficar longe de você, capitão?"

– É, para não *estrangular* você.

Kai cruzou os braços e sorriu.

– Por que ninguém me contou que eu tinha uma concorrência tão forte?

Cinder fez cara feia.

– Não o encoraje.

Com bochechas vermelhas, dentes trincados e três pilhas de latas aninhadas nos braços, Cress se virou para o corredor principal... e fez

a lata de pêssegos do alto sair voando da pilha.

Thorne a pegou no ar antes que Cress ofegasse.

Ela parou, e por um momento estava ali de novo: o jeito como ele a olhava, fazendo o mundo ficar manchado e o estômago dela dar um nó. Foi um reflexo rápido, claro, e ela não conseguiu deixar de se questionar se ele estava prestando mais atenção nela do que ela pensava.

Thorne sorriu para os pêssegos.

– Reflexos de relâmpago. Ainda tenho. – Ele tirou algumas latas de milho da pilha. – Quer ajuda?

Ela fixou o olhar nas latas.

– Nãoobrigadapodedeixar. – As palavras saíram apressadas e cheias de nervosismo enquanto o rosto enrubescia de novo. Ocorreu-lhe que estava corando desde o momento em que ele entrou, com o sorriso arrogante e olhos que viam através dela.

Ela queria entrar em uma das caixas e puxar a tampa. Ele só estava com a visão recuperada havia cinco minutos e ela já tinha voltado a ser a garota ansiosa, eufórica e afobada que era quando se conheceram.

– Tudo bem – disse Thorne devagar, colocando as latas de volta nos braços dela. – Se você insiste.

Cress passou por ele e seguiu para a cozinha. Foi um alívio colocar a comida na bancada e tirar um momento para se estabilizar.

Então ele estava enxergando de novo. Não mudava nada. Ele não a achou irresistível quando a viu naquele link D-COMM séculos antes e não ia achar que ela era irresistível agora. Principalmente não com Iko ali. Androide ou não, era ela quem tinha dentes de pérola e olhos acobreados...

Cress suspirou e conteve toda a inveja antes que crescesse. Não era culpa de Iko se Thorne não estava interessado em uma garota

pequena e arisca. Na verdade, ela ficava feliz por Iko, que tinha mais satisfação com o corpo novo do que a maioria dos humanos.

Cress só queria poder ter a confiança dela. Se tivesse coragem de se jogar nos braços de Thorne, piscar, fazer comentários paqueradores e fingir que nada importava...

Só que *importava*, ou teria importado se ela ousasse.

Só amigos, lembrou a si mesma. Eles eram só amigos e seriam só amigos dali em diante. Era uma amizade a ser celebrada, assim como ela celebrava todas as amizades que fez na nave. Não a estragaria desejando que as coisas pudessem ser mais do que eram. Ficaria grata pela afeição que tivesse.

Cress soltou o ar devagar e se empertigou. Não seria tão difícil fingir que isso era tudo o que ela queria. Imaginar que estava satisfeita com a companhia dele e com o carinho platônico. Uma vez que ele estava enxergando de novo, ela ficaria mais alerta para que seus sentimentos mais profundos não ficassem evidentes.

Thorne era seu amigo e capitão, mais nada.

Quando voltou para o compartimento de carga, a alegria tinha desaparecido. Ao ouvi-la, Thorne olhou para trás, mas ela fixou o olhar em Kai com determinação.

– Eu entendo que é mais cedo do que esperávamos – disse Kai. – Mas agora que Thorne está enxergando de novo, o que estamos esperando? Podemos partir amanhã. Podemos partir *agora*.

Cinder balançou a cabeça.

– Temos tanta coisa a fazer. Ainda temos o vídeo para editar e nem confirmamos que rota vamos tomar para os setores externos, e...

– Vocês não precisam da *minha* ajuda para isso – interrompeu Kai. – São coisas nas quais vocês podem trabalhar enquanto eu estiver fazendo minha parte. Tem gente morrendo todos os dias. Meu povo está sendo atacando neste *momento* e não posso fazer nada por eles

daqui de cima.

– Eu sei. Sei que é difícil...

– Não, é *tortura*. – Kai baixou a voz. – Mas quando você me levar de volta posso conversar com Levana. Negociar um cessar-fogo e começar a botar nosso plano em ação...

– Chegar a Scarlet mais cedo – disse Lobo.

Cinder gemeu.

– Olhe, eu entendo. O mês está sendo muito longo e estamos todos ansiosos para seguir em frente, mas é que... nossa estratégia...

– Estratégia? Olhe para nós, estamos passando o tempo desembalando *aspargos em conserva*. – Kai passou a mão no cabelo. – Como isso pode ser um bom uso do nosso tempo?

– A cada dia que esperamos, nossas chances de sucesso melhoram. A cada dia, mais do exército dela está indo para a Terra, deixando Levana e a capital desprotegidas. Quanto mais fraca ela estiver, melhor chance teremos de ter sucesso na revolução. – Ela apontou para o netscreen, apesar de estar desligado. – Além do mais, a União está se defendendo. Ela já perdeu muitos soldados e talvez esteja começando a ficar meio preocupada, não?

– Ela não está preocupada – disse Lobo.

Cinder franziu a testa.

– Bem, pelo menos ela pode ter percebido que essa guerra não vai ser vencida tão facilmente quanto ela desejava, o que quer dizer que vai ficar bem mais animada em saber que Kai voltou e que o casamento vai acontecer. Vai ficar ansiosa para remarcar logo. – Ela passou os dedos ao redor do pulso esquerdo, onde a pele encostava no metal.

Cress mordeu o lábio e viu o medo e o nervosismo surgirem no rosto de Cinder. Apesar de ela sempre se esforçar para esconder, Cress sabia que Cinder nem sempre era tão corajosa quanto fingia ser.

Era meio reconfortante achar que elas podiam ter isso em comum.

Kai murchou os ombros e sua voz perdeu o desespero quando ele deu um passo para mais perto dela:

– Entendo que você queira sentir que está pronta, que estamos todos prontos. Mas, Cinder... nós nunca vamos nos sentir assim. Em algum momento, vamos ter que parar de planejar e começar a fazer. Acho que esse momento é agora.

Ela demorou um pouco, mas finalmente correspondeu ao olhar dele e depois se virou para observar cada um. Apesar de Thorne ser o capitão, todos sabiam que era Cinder quem os unia.

– Estamos todos arriscando nossas vidas – disse ela. – Só não quero arriscá-las desnecessariamente. Quero ter certeza de que vamos estar preparados para...

Ela parou e seu olhar perdeu o foco. Cress reconheceu a expressão de quando Cinder estava vendo alguma coisa no display da retina.

Piscando depressa, Cinder se virou para Kai, atordoada.

– Nave, ligue o netscreen do compartimento de carga, no noticiário da Comunidade das Nações Orientais.

Kai franziu a testa.

– O que está acontecendo?

O netscreen ganhou vida. Mostrava o conselheiro de Kai, Konn Torin, de pé em um púlpito. Mas, antes que o sinal de áudio chegasse, Cinder disse:

– Sinto muito, Kai. Seu palácio está sendo atacado.

CAPÍTULO

Dez

Eles assistiram ao noticiário em silêncio, com as câmeras tremendo enquanto aerodeslizadores pilotados por androides circulavam o palácio. Muitos dos jardins estavam soltando fumaça por causa de incêndios gerados pelos soldados da rainha, estátuas foram derrubadas e o portão enorme foi despedaçado, mas o palácio em si permanecia intocado. Até o momento, o único regimento dos militares da Comunidade das Nações Orientais posicionado no palácio manteve o inimigo fora enquanto esperava a chegada de reforços.

O cerco ao Palácio de Nova Pequim ia contra as estratégias que os soldados lobos vinham usando por toda a guerra. Eles se tornaram famosos pelos ataques de guerrilha e pela falta de tática, preocupados tanto em deixar o povo da Terra morrendo de medo deles quanto em vencer batalhas de verdade. Até o momento, não houve nenhuma *batalha* de verdade, só lutas e ataques surpresa, resultando em derramamento de sangue e pesadelos demais.

Os soldados lobos se deslocavam em bando, furtivos e rápidos. Causavam caos e destruição aonde quer que fossem, depois desapareciam antes que os militares terráqueos os alcançassem. Especulava-se que eles estavam se deslocando pelos esgotos ou desaparecendo na natureza, deixando uma trilha de sangue e membros arrancados no caminho. Gostavam de deixar ao menos uma vítima viva para relatar a brutalidade deles.

Repetidas vezes, a mensagem ia ficando clara. *Ninguém está seguro.*

A Terra matou sua cota de soldados lunares, assim como alguns

dos taumaturgos que lideravam os bandos. Eles não eram invencíveis, como os líderes da Terra reiteravam sem parar. Mas, depois de cento e vinte e seis anos de paz, a União Terráquea não estava preparada para a guerra, principalmente de forma tão imprevisível. Durante gerações, a força militar se tornou mais um serviço social decorativo do que qualquer outra coisa, oferecendo trabalho manual em comunidades pobres e fornecendo suprimentos quando desastres naturais aconteciam. Agora, todos os países estavam se esforçando para convocar mais soldados para suas forças, para treiná-los, para fabricar armas.

Enquanto isso, os soldados lunares dizimavam bairros inteiros, deixando para trás só o eco dos uivos sedentos de sangue.

Até então.

Pelo que as pessoas sabiam, aquele ataque ao Palácio de Nova Pequim era a primeira vez que bandos múltiplos se juntaram em um ataque orquestrado, e em plena luz do dia. Cinder se perguntou se estavam ficando arrogantes ou se estavam tentando provar alguma coisa. Ela tentou se consolar com o fato de que havia mais corpos mutantes de lobos caídos no terreno do palácio do que ela já tinha visto em um lugar só. Não era possível que essa batalha não afetasse os números deles, ao menos em Nova Pequim. Mas era pouco consolo se o sangue deles estava misturado ao dos soldados terráqueos e se uma das torres do palácio estava em chamas.

– O palácio foi evacuado – disse uma jornalista, falando mais alto que a catástrofe no vídeo. – E todos os oficiais e servos humanos foram levados para um lugar seguro. O secretário de Defesa comentou em um discurso vinte minutos atrás que eles não estão especulando quanto tempo esse cerco pode durar e nem quanta destruição pode ser feita. Até o momento, os especialistas militares estimam que cerca de trezentos soldados da Comunidade foram

perdidos nesse ataque, e perto de cinquenta lunares.

– Eu me sinto tão inútil – disse Iko, com o tom grave de tristeza que só um androide entenderia. Iko não era um androide comum, mas ainda tinha um traço distinto com o qual todos os androides foram programados: a necessidade de ser útil.

Do outro lado de Cinder estava Kai, abalado. Sem dúvida, ele estava vivenciando seu próprio senso de inutilidade. Sem dúvida, aquilo estava acabando com ele.

– Os militares vão segurá-los – disse Cinder.

Ele assentiu, mas a testa estava franzida.

Suspirando, ela deixou que o olhar flutuasse de Kai para Lobo, Thorne, Cress e depois Iko. Todos encarando a tela, determinados e com raiva e horrorizados. Ela voltou sua atenção para Kai. Ele estava escondendo bem as emoções, mas ela sabia que ver sua casa queimar era de matar. Como nunca teve uma casa com a qual se importasse, ao menos até subir a bordo da Rampion, Cinder não imaginava a dor que ele estava sentindo.

Ela trincou os dentes e pensou em todos os cálculos deles, em todos os planos.

Kai estava certo. Ela nunca se sentiria pronta, mas eles não podiam ficar sentados sem fazer nada para sempre.

Thorne tinha recuperado a visão.

Lobo contou sobre os pais, operários que trabalharam em fábricas e minas de regolito a vida toda. Se estivessem vivos, ele achava que talvez estivessem dispostos a oferecer abrigo em Luna. Poderiam ser aliados.

A rainha estava dando o passo mais ousado desde que a guerra começou, o que queria dizer que estava ficando confiante demais ou estava ficando desesperada. Fosse como fosse, Cinder não queria que Luna vencesse a batalha. Não queria que tivessem controle do Palácio

de Nova Pequim, mesmo que fosse apenas simbólico. Era a casa da família real da Comunidade das Nações Orientais. Pertencia a Kai, não a Levana. *Nunca* a Levana.

– Nós soubemos – disse a jornalista – que o grupo político radical que se intitula Associação da Segurança na Comunidade emitiu outra declaração pedindo a abdicação forçada do imperador Kaito, mais uma vez insistindo que ele não pode ser o governante de que precisamos nesses momentos difíceis e que, enquanto ele estiver nas mãos de terroristas, é impossível que tenha o bem-estar do país como preocupação principal. Embora a ideologia da ASC tenha sido amplamente ignorada na política, uma pesquisa recente divulgada pela rede indicou que as opiniões deles estão ganhando popularidade entre o público geral.

– Terroristas? – disse Iko, olhando para o grupo. – Ela está falando de *nós*?

Cinder passou a mão no rosto com frustração. Kai seria um ótimo líder, *era* um ótimo líder, mas ainda não tinha tido chance de provar isso. O estômago dela dava um nó de pensar que o reinado dele podia ser curto, tudo por causa dela.

Ela queria abraçar Kai e dizer que eles eram idiotas. Não tinham ideia do quanto ele ligava para o bem-estar do país.

Mas não era isso que ele precisava ouvir.

O display na retina dela foi mudando entre as transmissões mais assistidas. Contagens de corpos; total de mortos; filmagens das quarentenas da peste; adolescentes em fila em frente a centros de recrutamento, muitos deles parecendo quase eufóricos de se juntarem à luta para defender o planeta da invasão. Levana com o fino véu branco.

Ela desligou as transmissões.

Kai a estava observando.

– Está na hora, Cinder.

Hora de dizer adeus. Hora de seguir em frente. Hora de deixar para trás a pequena utopia na qual eles se esconderam.

– Eu sei – disse ela, com voz triste e pesada. – Thorne, vamos nos preparar para levar Kai para casa.

CAPÍTULO

Onze

– Achei que encontraria você aqui.

Cinder espiou pela lateral da nave de passeio. Kai estava parado na porta com as mãos nos bolsos, vestindo novamente as roupas elegantes do casamento.

Ela tirou algumas mechas de cabelo da testa.

– Só estou fazendo algumas manutenções básicas – disse ela, soltando o medidor de bateria da nave e fechando a escotilha. – Cuidando para que esteja pronta para sua grande volta. Achei que era arriscado deixar que Thorne fosse seu piloto. O mínimo que eu podia fazer era ter certeza de que o transporte estaria em boas condições.

– Eu queria que você fosse com a gente.

– É, eu também, mas não podemos arriscar.

– Eu sei. É que é bom ter uma mecânica a bordo. Caso alguma coisa, sabe... quebre. – Ele coçou a orelha.

– Ah, é *por isso* que você me quer junto. Que lisonjeiro. – Cinder enrolou o fio no medidor e guardou no armário preso à parede.

– Isso e o fato de que vou sentir saudades. – A voz suave aqueceu a boca do estômago dela.

– Com sorte, nós vamos nos ver em breve.

– Eu sei.

Cinder tirou as luvas de trabalho e enfiou no bolso de trás. Ainda havia uma pontada de pânico nesse gesto, o cérebro lembrando-a, por questão de hábito, que ela não deveria tirar as luvas na frente de ninguém, principalmente Kai, mas ela ignorou a sensação. Kai nem piscou ao ver a mão ciborgue, como se nem reparasse mais nela.

Cinder sabia que *ela* estava pensando cada vez menos nisso. Às vezes, ficava até surpresa ao ver um brilho de metal com o canto do olho quando ia pegar alguma coisa. Era estranho. Ela sempre esteve bem ciente da mão ciborgue, morria de medo de alguém a ver.

– Você está com medo? – perguntou ela, tirando uma chave-inglesa do cinto de ferramentas.

– Morrendo – disse ele, mas com um descaso que a fez se sentir melhor por suas entranhas estarem todas cheias de nós de tensão. – Mas estou pronto para voltar. Tenho certeza de que Torin está prestes a ter um ataque cardíaco. E... – Ele deu de ombros. – Estou com uma certa saudade de casa.

– Vão ficar felizes de receber você de volta. – Cinder se ajoelhou ao lado da nave para verificar os parafusos no trem de pouso. Encaixou a chave-inglesa em um, dois, três parafusos. Nenhum estava solto. – Você sabe o que vai dizer para Levana?

Kai se agachou ao lado dela, com os cotovelos apoiados nos joelhos.

– Vou dizer que me apaixonei por uma de minhas captoras e que o casamento está cancelado.

Cinder parou de mexer o braço.

Ele deu um sorrisinho.

– Ao menos, era o que eu queria poder dizer.

Ela soprou uma mecha de cabelo do rosto e terminou de verificar os parafusos antes de ir para o outro lado da nave e repetir o processo.

– Vou dizer a ela que não tive nada a ver com o sequestro – disse Kai, usando o que Cinder tinha passado a chamar de sua *voz de imperador*. – Não tenho ligação nenhuma com você e me esforcei para negociar uma libertação rápida. Eu fui vítima, fiquei preso como refém, não conseguia fugir. Devo inventar alguma coisa sobre tratamento desumano.

– Parece boa ideia.

– Depois, vou *implorar* para ela se casar comigo. De novo. – Ele curvou o lábio, cheio de repugnância.

Cinder não podia culpá-lo. Quanto mais pensava na situação, mais tinha vontade de sequestrar aquela nave e ir para Marte.

– Quando eu vir você de novo, vou ter roupas para todo mundo e placas novas para Iko – prosseguiu Kai. – Se você pensar em qualquer outra coisa de que possa precisar, Cress acha que consegue me mandar uma mensagem codificada. – Ele inspirou profundamente. – Aconteça o que acontecer, eu estou do seu lado.

O sentimento ao mesmo tempo a encorajou e gerou um choque de ansiedade nos seus nervos.

– Sinto muito por ter que botar você em tanto perigo.

– Você não está – disse ele. – Ela já ia me matar mesmo.

– Você pode tentar parecer mais preocupado quando diz isso.

– Com que preciso me preocupar? – Os olhos dele brilharam. – Você vai me salvar bem antes que isso aconteça.

Depois de ter terminado com os parafusos, ela se levantou e enfiou a chave-inglesa de volta no cinto.

– Cinder...

Ela parou, desconcertada pelo tom sério da voz dele.

– Tem uma coisa que tenho que dizer antes de ir. No caso...

– Não. Nem pense que essa vai ser a última vez que vamos nos ver.

Um sorriso melancólico surgiu nos lábios dele, mas sumiu com a mesma rapidez.

– Quero pedir desculpas.

– Por sugerir que essa pode ser a última vez que nos vemos? Porque isso é muito cruel quando estou aqui tentando trabalhar e...

– Cinder, me escute.

Ela contraiu o maxilar e deixou que Kai segurasse seus ombros,

com os polegares delicados nas omoplatas.

– Desculpe pelo que aconteceu no baile. Desculpe por eu não ter confiado em você. Desculpe por... ter dito aquelas coisas.

Cinder afastou o rosto. Embora muita coisa tivesse mudado entre eles desde aquela noite, ainda parecia um golpe de furador de gelo no coração lembrar o jeito como ele a olhou e suas palavras horrorizadas: *É ainda mais doloroso olhar para você do que para ela.*

– Não importa mais. Você estava em estado de choque.

– Fui um idiota. Tenho vergonha agora de como tratei você. Eu deveria ter tido mais fé em você.

– Por favor. Você mal me conhecia. Depois, descobriu de uma vez só que sou ciborgue e lunar... Eu também não teria confiado em mim. Além do mais, você estava muito estressado e...

Ele se debruçou e deu um beijo na testa dela. A delicadeza a fez parar.

– Você ainda era a garota que consertou Nainsi – disse ele. – Ainda era a garota que me avisou sobre os planos de Levana. Ainda era a garota que queria salvar a irmãzinha.

Ela se encolheu ao ouvir a menção a Peony, sua irmã mais nova. A morte dela era um ferimento que ainda não estava totalmente cicatrizado.

As mãos de Kai deslizaram pelos braços dela e seus dedos se entrelaçaram, pele com metal.

– Você estava tentando se proteger, e eu deveria ter me esforçado mais para defender você.

Cinder engoliu em seco.

– Quando você disse que era ainda mais doloroso olhar para mim do que para Levana...

Kai inspirou intensamente, como se a lembrança das palavras o machucasse tanto quanto a ela.

– ... eu... eu estava parecida com ela? Meu glamour se parece com o dela?

Ele franziu a testa entre as sobrancelhas e ficou olhando para ela, para dentro dela, e balançou a cabeça.

– Não exatamente. Você ainda estava com *sua* aparência, mas... – Ele lutou para achar uma palavra. – Perfeita. Uma versão sua sem defeitos.

Ficou claro que ele não falou como elogio.

– Você quer dizer uma versão nada natural de mim.

Depois de um momento de hesitação, ele disse:

– Acho que sim.

– Acho que foi instinto – disse ela. – Eu não me dei conta de que estava usando glamour. Só sabia que não queria que você soubesse que eu era ciborgue. – Um risinho sardônico. – Parece tão bobo agora.

– Que bom. – Ele a puxou para perto. – Acho que fizemos progresso.

Os lábios dele mal tocaram nos dela quando a porta se abriu.

– Estão com tudo de que precisamos? – perguntou Thorne, com a alegria de sempre. Iko, Cress e Lobo entraram depois dele.

Kai soltou as mãos de Cinder e ela deu um passo para trás, ajeitando o cinto de ferramentas.

– A nave está pronta. Verifiquei três vezes. Não deve haver nenhuma surpresa.

– E o convidado de honra?

– Estou com tudo com que vim – disse Kai, indicando as roupas de casamento amassadas.

Iko deu um passo à frente e entregou para Kai uma caixa com o rótulo de barras de proteína.

– Também temos um presente para você.

Ele virou a caixa para o jogo infantil impresso atrás.

– Que... delícia?

– *Abra* – disse Iko, se balançando nas pontas dos pés.

Kai abriu a tampa, virou a caixa e deixou cair na palma da mão uma corrente e um medalhão de prata. Ele levantou até a altura dos olhos e inspecionou a insígnia meio apagada.

– Octogésimo Sexto Regimento Espacial da República Americana – leu ele. – Estou vendo por que fez vocês pensarem em mim.

– Encontramos em um dos uniformes militares antigos – disse Iko. – É para lembrá-lo de que você é um de nós agora, aconteça o que acontecer.

Kai sorriu.

– É perfeito. – Ele passou a corrente pelo pescoço e enfiou o medalhão dentro da camisa. Deu um abraço rápido de despedida em Cress, depois puxou Iko para um abraço apertado. Iko deu gritinhos e ficou paralisada.

Quando Kai se afastou, Iko olhou para ele, para Cinder e para ele de novo. Seus olhos de repente rolaram para dentro da cabeça e ela desabou no chão.

Kai deu um pulo para trás.

– O que aconteceu? Eu apertei o botão de desligar dela, por acaso?

Franzindo a testa, Cinder deu um passo para mais perto.

– Iko, o que você está fazendo?

– Kai me abraçou – disse Iko, ainda de olhos fechados. – Então, eu desmaiei.

Com uma gargalhada constrangida, Kai se virou para Cinder.

– Você não vai desmaiar também, vai?

– Duvido.

Kai passou os braços ao redor de Cinder e a beijou, e, apesar de ela não estar acostumada com plateia, não hesitou na hora de retribuir o beijo. Uma parte nada prática e nada calculista de seu cérebro

mandou-a não o largar. Não dizer adeus.

A leveza se foi quando os dois se separaram. Ele encostou a testa na dela e as pontas de seu cabelo roçaram nas bochechas de Cinder.

– Estou do seu lado – disse ele. – Aconteça o que acontecer.

– Eu sei.

Kai se virou para olhar para Lobo por último. Ele levantou o queixo e ajeitou a camisa elegante.

– Tudo bem, estou pronto quando você...

O soco acertou Kai no queixo e o derrubou para trás, em cima de Cinder. Todos ofegaram. Iko deu um pulo com um grito de surpresa enquanto Kai apertava a mão no rosto.

– Desculpe – disse Lobo, se encolhendo de culpa. – É melhor quando você não vê que está para acontecer.

– Não sei, não – disse Kai, com as palavras arrastadas.

Cinder puxou a mão dele para examinar o ferimento, que estava vermelho e já começando a inchar.

– Não abriu a pele. Ele está bem. Vai haver um hematoma grande quando ele voltar para a Terra.

– Desculpe – disse Lobo de novo.

Kai balançou a cabeça e não reclamou quando Cinder deu um beijo em sua bochecha.

– Não se preocupe – sussurrou ela. – É bizarramente atraente.

A gargalhada dele foi irônica, mas apreciativa. Ele a beijou uma última vez antes de ir correndo para a nave, como se pudesse mudar de ideia se ficasse mais.

– Também vou ganhar beijo de despedida? – disse Thorne, entrando na frente de Cinder.

Com cara feia, Cinder o empurrou.

– Lobo não é o único que sabe dar um gancho de direita aqui.

Thorne riu e levantou uma sobrancelha sugestiva para Iko.

A androide, ainda no chão, deu de ombros como quem pede desculpas.

– Eu adoraria dar um beijo de despedida, capitão, mas esse abraço apertado de Sua Majestade pode ter fritado uns fios aqui, e tenho medo de um beijo seu derreter meu processador central.

– Ah, acredite – disse Thorne, piscando para ela. – Aconteceria isso mesmo.

Por um instante, enquanto a piada ainda estava no rosto, o olhar de Thorne se virou com esperança para Cress, mas ela estava concentrada nas unhas.

De repente, o olhar sumiu e Thorne saiu andando para o lado do piloto da nave.

– Boa sorte – desejou Cinder, vendo-os prenderem o cinto.

Thorne fez uma saudação rápida, mas era com Kai que ela estava preocupada. Ele tentou sorrir, ainda massageando o maxilar, e as portas se fecharam ao redor deles.

– Para você também.

CAPÍTULO

Doze

Kai observou as mãos de Thorne, aparentemente competentes, mexerem em alguns interruptores no painel de controle da nave. Eles saíram da doca e mergulharam na direção do planeta Terra. Thorne digitou algumas coordenadas no computador, e Kai ficou surpreso com a pontada de saudade que sentiu ao ver as imagens de satélite da Comunidade das Nações Orientais surgirem na tela.

O plano era Thorne deixar Kai em um dos esconderijos reais, longe o bastante da civilização para a nave passar despercebida, se eles fossem rápidos, mas perto o bastante da cidade para Kai ser buscado em uma hora depois que alertasse sua equipe de segurança do retorno.

– Deve ser estranho para você – disse Thorne, arrastando os dedos por uma tela de radar. – Sua namorada ciborgue ser uma fora da lei procurada e sobrinha da sua noiva e tudo o mais.

Kai fez uma careta que fez seu rosto começar a doer de novo.

– Sinceramente, eu tento não pensar nos detalhes. – Ele desviou o olhar na direção da Rampion, que se afastava depressa da janela. – Ela se diz mesmo minha namorada?

– Ah, eu não teria como saber. Nós não passamos a noite fofocando e pintando unhas desde o sequestro.

Com cara feia, Kai encostou a cabeça no apoio do banco.

– Já estou desconfortável com você pilotando esta nave e estando no controle da minha vida. Tente não piorar as coisas.

– Por que todo mundo pensa que piloto tão mal?

– Cinder me contou.

– Bem, diga para Cinder que sou perfeitamente capaz de pilotar uma porcaria de nave sem matar ninguém. Minha instrutora de voo em Andrômeda, que é uma academia militar de muito prestígio na República...

– Eu sei o que é a Academia Andrômeda.

– Ah, bem, minha instrutora de voo disse que eu tinha talento nato.

– Certo – disse Kai. – Era a mesma instrutora de voo que escreveu no seu relatório oficial sobre sua falta de atenção, recusa de levar as precauções de segurança a sério e atitude tão confiante que costumava beirar a... qual foi a palavra que ela usou? "Tolice", eu acho.

– Ah, é. A comandante Reid. Ela tinha uma quedinha por mim. – O radar piscou e captou um cruzador ao longe, e Thorne foi rápido em mudar a direção para mantê-los fora do curso. – Eu não sabia que tinha um perseguidor real. Estou lisonjeado, Vossa Majestade.

– Melhor ainda, você teve uma equipe de governo inteira designada para descobrir informações sobre você. Eles se reportaram duas vezes por dia durante uma semana. Você fugiu com uma das criminosas mais procuradas do mundo, afinal.

– E sua namorada.

Kai sufocou ao mesmo tempo um sorriso e uma expressão de irritação.

– E minha namorada – admitiu ele.

– Eles demoraram uma semana, é? Cress poderia ter desenterrado minha biografia inteira em horas.

Kai refletiu sobre isso.

– Talvez eu ofereça um emprego a ela quando isso tudo acabar.

Ele esperava e não ficou desapontado: houve um tremor de irritação embaixo dos olhos de Thorne. Mas ele escondia com facilidade, sua expressão se transformando em indiferença.

– Talvez devesse mesmo.

Kai balançou a cabeça e afastou o rosto. A Terra ocupava a vista da janela, um caleidoscópio de oceano e solo. Ele segurou o cinto, sabendo que estavam disparados pelo espaço em velocidade apavorante, mas sentindo como se estivesse suspenso no tempo por um momento silencioso.

Relaxou os ombros, impressionado com a vista. Na próxima vez que subisse aqui, se tudo corresse de acordo com os planos, ele estaria a caminho de Luna.

– Sabe o que é muito estranho de pensar? – perguntou Kai, tanto para si mesmo quanto para Thorne. – Se Levana não tivesse tentado matar Cinder quando ela era criança, eu talvez estivesse noivo *dela* agora. Ela já seria rainha. Nós poderíamos estar tramando uma aliança juntos.

– É, mas ela teria sido criada em Luna. E, pelo que percebo, ser criada em Luna afeta muito as pessoas. Ela não seria a ciborgue fofa que todos nós aprendemos a adorar.

– Eu sei. Eu poderia desprezá-la tanto quanto desprezo Levana, apesar de ser difícil de imaginar.

Thorne assentiu, e Kai ficou aliviado de ele não dizer nada cretino enquanto a nave adentrava algumas nuvens. A luz ao redor começou a mudar e clarear conforme foram entrando nas primeiras camadas da atmosfera terráquea. A fricção fez a nave tremer, e gotas de água deslizavam pela janela, mas não demorou para eles passarem. O oceano Pacífico cintilava logo abaixo.

– Acho que isso tudo deve ser bem estranho para você também – disse Kai. – Um criminoso procurado pilotando a nave para levar um líder político sequestrado de volta ao país de onde você escapou.

Thorne riu com deboche.

– A parte esquisita é que não vou levar nenhum dinheiro de resgate. Se bem que, se você estiver se sentindo generoso...

– Não estou.

Thorne fez cara feia.

– Ah, talvez um pouco. Você foi condenado em três países, certo? Na Comunidade, na América e na Austrália?

– Não me lembre. Era de se pensar que essa coisa de união ia significar que poderíamos ter um pouco de consistência em nossos sistemas judiciais, mas *não*, você comete crimes em três países diferentes e todo mundo quer uma participação na punição.

Kai beliscou os lábios e deu a si mesmo uma última chance de reconsiderar. Só tinha tido a ideia poucos dias antes, e sua palavra seria sagrada depois que ele falasse em voz alta. Ele não queria abrir um precedente injusto como líder do país, mas, ao mesmo tempo, parecia *certo*. E qual era o sentido de ser imperador se ele não pudesse fazer as coisas às vezes só porque pareciam certas?

– Pode ser que eu me arrependa – disse ele, respirando fundo. – Mas, Carswell Thorne, eu perdoo todos os seus crimes contra a Comunidade das Nações Orientais.

Thorne virou-se na direção de Kai. A nave deu um pulo para a frente e Kai ofegou, agarrando-se ao cinto.

– Ops, desculpe. – Thorne ajeitou o nariz da nave e voltou ao voo firme. – Isso foi um, hã, uma estagnação... de ar. Mas o que você estava dizendo mesmo?

Kai expirou.

– Estou dizendo que você pode considerar que já serviu sua sentença, ao menos na Comunidade. Se nós dois sobrevivermos a isso, quando acabar, vou torná-lo oficial. Mas não posso fazer nada quanto aos outros países além de falar em seu nome. E, para ser sincero, provavelmente vão achar que fiquei maluco. Ou que estou sofrendo de síndrome de Estocolmo.

– Ah, você está *mesmo* sofrendo de síndrome de Estocolmo, mas

não vou usar isso contra você. Então, certo. Ótimo. Posso ter isso por escrito?

– Não – disse Kai, vendo os controles da nave enquanto Thorne estava com a atenção voltada para ele de novo. – E o acordo só é válido se *nós dois sobrevivermos*.

– Sobrevivência mútua. Não vai ser problema. – Sorrindo, Thorne verificou o trajeto e fez alguns ajustes nos instrumentos de voo enquanto o Japão aparecia no horizonte.

– E tenho uma condição. Você tem que devolver tudo o que roubou.

O sorriso de Thorne começou a murchar, mas ele prendeu as mãos no console e sorriu de novo.

– Bonecas de sonhos e alguns uniformes adicionais? Feito.

– E?

– E... e é basicamente isso. Caramba, parece até que sou cleptomaníaco, sei lá.

Kai limpou a garganta.

– E a nave. Você tem que devolver a nave.

Os nós dos dedos de Thorne ficaram brancos.

– Mas... é minha nave.

– Não, ela pertence à República Americana. Se você quiser uma nave sua, vai ter que trabalhar por ela e comprar uma, como todo mundo.

– Ei, senhor nascido na realeza, o que você sabe sobre as coisas? – Mas a postura defensiva de Thorne sumiu com a mesma rapidez com que surgiu, terminando em uma cara emburrada e mal-humorada. – Além do mais, eu trabalhei por ela. A ladroagem não é fácil, sabe.

– Você não vai discutir comigo por causa disso, vai?

Thorne apertou bem os olhos, e cada músculo do corpo de Kai ficou tenso, mas então Thorne suspirou e os abriu de novo.

– Você não entende. A Rampion e eu passamos por muita coisa juntos. Eu posso tê-la roubado no começo, mas agora parece que ela pertence a mim.

– Mas ela *não* pertence a você. E você não pode esperar que o resto da sua tripulação queira ficar em uma nave roubada.

Thorne riu com deboche.

– Minha tripulação? Vou contar o que vai acontecer com minha tripulação quando isto acabar. – Ele foi marcando com os dedos. – Cinder vai ser a monarca de uma pedra enorme no céu. Iko vai aonde Cinder for, então vamos concluir que vai se tornar a cabeleireira da rainha ou alguma outra coisa assim. Você... você é parte da tripulação agora? Não importa, nós dois sabemos onde você vai terminar. E quando pegarmos Scarlet de volta, ela e Lobo vão se recolher em alguma fazenda na França e ter uma ninhada de lobinhos. É *isso* que vai acontecer com minha tripulação quando isto terminar.

– Parece que você já pensou bastante nisso.

– Talvez – disse Thorne, mexendo um ombro. – Eles são a primeira tripulação que eu tenho, e a maioria até me chama de capitão. Vou sentir falta deles.

Kai apertou os olhos.

– Reparei que você deixou Cress de fora. O que está acontecendo entre vocês dois, afinal?

Thorne riu.

– O quê? Não tem nada acontecendo. Nós... quer dizer, o que você quer dizer?

– Não sei. Ela parece mais à vontade perto de você do que de qualquer outra pessoa na nave. Eu só achei...

– Ah, não, não tem nada assim... Nós ficamos no deserto sozinhos por muito tempo, mas só isso. – Ele passou os dedos distraidamente pelos controles da nave, mas não tocou em nada. – Ela gostava de

mim. Na verdade... – Ele riu de novo, mas foi uma risada mais tensa desta vez. – Ela achou que estava apaixonada por mim quando nos conhecemos. Engraçado, né?

Kai o observou com o canto do olho.

– Hilário.

Os nós dos dedos de Thorne ficaram brancos nos controles, depois ele olhou para Kai e começou a balançar a cabeça.

– O que é isso, uma sessão de terapia? Não importa.

– Meio que importa. Eu gosto de Cress. – Kai mexeu no cinto. – Também gosto de você, apesar de não dever.

– Você ficaria surpreso com a frequência com que ouço isso.

– Alguma coisa me diz que Cress talvez ainda goste de você, apesar de *ela* não dever.

Thorne suspirou.

– É, isso meio que resume tudo.

Kai inclinou a cabeça.

– Como assim?

– É complicado.

– Ah, é *complicado*. Porque eu não faço ideia de como são essas coisas. – Kai riu.

Thorne fez cara feia para ele.

– Não importa, doutor. É que, quando Cress achou que estava apaixonada por mim, estava na verdade apaixonada por um outro cara que ela inventou nas fantasias, um cara corajoso e altruísta e tal. Ele era um partidão. Quem podia culpá-la? Até eu gostei daquele cara. Eu meio que queria *ser* aquele cara. – Ele deu de ombros.

– Você tem certeza de que não é?

Thorne riu.

Kai, não.

– Você está brincando, né?

– Não.

– Hã, oi, sou Carswell Thorne, criminoso condenado no seu país. Já nos conhecemos?

Kai revirou os olhos.

– Estou dizendo que talvez você devesse parar de dedicar tanta energia a lamentar o fato de que Cress se enganou sobre você e começasse a dedicar energia a provar que ela estava certa, por exemplo.

– Eu agradeço a confiança, Vosso Psicólogo Real, mas estamos longe disso. Cress me esqueceu, e... é melhor.

– Mas você gosta dela?

Como Thorne não reagiu, Kai olhou de relance e notou a atenção de Thorne grudada na janela do cockpit. Por fim, ele respondeu:

– Como eu falei, não importa.

Kai afastou o olhar. De alguma forma, a incapacidade de Thorne de falar sobre sua afeição por Cress falava bem mais alto do que uma confissão direta. Afinal, ele não tinha dificuldade em fazer comentários sugestivos sobre Cinder.

– Tudo bem – disse ele. – E o que Cress *vai* fazer quando isto tudo terminar?

– Não sei – disse Thorne. – Talvez vá trabalhar para você na sua equipe de vigilância real.

Abaixo, a mancha de terra virou praias e arranha-céus e o monte Fuji, e, mais além, um continente inteiro, vivo e verdejante e acolhedor.

– Mas acho que não é isso que ela ia querer – refletiu Thorne. – Ela quer ver o mundo depois de ter ficado presa naquele satélite a vida toda. Ela quer viajar.

– Então, acho que ela devia ficar com você, afinal. Que jeito melhor há de se viajar do que de espaçonave?

Mas Thorne balançou a cabeça, decidido.
– Não, acredite. Ela merece uma vida melhor do que isso.
Kai se inclinou para ver melhor seu lar surgindo à frente.
– É exatamente o que eu queria dizer.

CAPÍTULO

Treze

– Quando você aprendeu a *bordar*? – perguntou Jacin, remexendo na cesta pendurada no cotovelo de Winter.

Ela ficou exultante.

– Algumas semanas atrás.

Jacin pegou uma toalha de mão na coleção e observou os pontos precisos que formavam um amontoado de estrelas e planetas nas bordas.

– Você estava conseguindo dormir?

– Não muito, não. – Ela mexeu na cesta e entregou para ele um cobertor de bebê bordado com um cardume de peixes nadando pela borda. – Este é meu favorito. Demorei quatro dias inteiros.

Ele grunhiu.

– Imagino que as visões estivessem ruins nessa semana.

– Horríveis – disse ela com tom leve. – Mas agora tenho todos esses presentes. – Ela pegou o cobertor na mão dele e guardou no meio dos tecidos coloridos. – Você sabe que me manter ocupada ajuda. É quando estou à toa que os monstros vêm.

Jacin a observou pelo canto do olho. Ele já era guarda dela havia semanas, mas eles raramente conversavam de forma tão casual ou andavam lado a lado assim; esperava-se que os guardas mantivessem uma distância respeitosa da pessoa que estavam protegendo. Mas, naquele dia, Winter o arrastou até o AR-2, um dos domos adjacentes ao setor central. Era composto por lojas chiques no meio de bairros residenciais, mas cedo assim todas as lojas ainda estavam fechadas, e as ruas, vazias e pacíficas. Não havia ninguém para se preocupar com

o que era apropriado.

– E todos esses presentes são para os vendedores?

– Vendedores, trabalhadores, empregados. – Os olhos dela brilharam. – A máquina de Artemísia na qual ninguém presta atenção.

As classes mais baixas, então. As pessoas que cuidavam do lixo e faziam a comida e garantiam todas as necessidades da aristocracia de Luna. Eram recompensadas com vidas bem mais invejáveis do que os trabalhadores dos setores externos. Barrigas cheias, no mínimo. O único lado ruim era que elas tinham que morar em Artemísia, cercadas pela política e pelos jogos mentais da cidade. Um bom empregado era tratado como um bichinho amado, mimado e bajulado quando era querido, mas era surrado e descartado quando não tinha mais utilidade.

Jacin sempre pensou que, dada a escolha, ele preferiria arriscar a sorte nas minas ou fábricas.

– Você os tem visitado muito? – perguntou ele.

– Não tanto quanto eu gostaria. Mas uma das assistentes do chapeleiro teve bebê, e eu queria dar uma coisa para ela. Acha que ela vai gostar?

– Vai ser a melhor coisa que a criança vai ter.

Winter deu um pulinho alegre enquanto andava.

– Minha mãe era ótima costureira, sabe. Estava ficando bem popular entre as lojas de vestidos quando... bem. De qualquer modo, ela bordou meu cobertorzinho. Levana tentou jogar fora, mas papai conseguiu guardar. É um dos meus bens mais preciosos. – Ela bateu os cílios, e Jacin sentiu os lábios tremerem para ela, contra a vontade.

– Eu sabia que ela era costureira – disse ele. – Mas como nunca vi esse seu cobertorzinho especial?

– Fiquei com vergonha de falar sobre ele.

Ele riu, mas como Winter não riu junto, o som sumiu.

– É mesmo?

Winter deu de ombros, dando seu sorriso malicioso.

– É besteira, não é? Eu me apegar a um cobertorzinho de bebê, dentre todas as coisas? – Ela respirou fundo. – Mas também é meu homônimo. Ela bordou uma cena do inverno na Terra, com neve e folhas sem árvore e um par de luvinhas vermelhas. Luvinhas daquelas em que os dedos ficam todos juntos.

Jacin balançou a cabeça.

– Com vergonha de me mostrar. É a coisa mais idiota que já ouvi.

– Tudo bem. Vou mostrar se você quiser.

– Claro que quero.

Ele ficou surpreso com o quanto a confissão dela o magoou. Ele e Winter compartilhavam tudo desde que eram crianças. Nunca lhe ocorreu que ela podia esconder uma coisa assim, principalmente uma coisa tão importante quanto um presente da mãe, que tinha morrido no parto. Mas o humor dele melhorou quando lembrou:

– Eu contei que vi neve quando fui à Terra?

Winter parou de andar, os olhos arregalados.

– Neve de verdade?

– Tivemos que esconder a nave na Sibéria, em uma tundra enorme.

Ela o olhou como se fosse derrubá-lo se ele não desse mais detalhes.

Com um sorrisinho, Jacin passou os polegares no cinto e se balançou nos calcanhares.

– Só isso.

– Não é *só* isso. Como era?

Ele deu de ombros.

– Branca. Cegante. E muito fria.

– Brilhava como diamante?

– Às vezes. Quando o sol batia nela.

– Como era o cheiro?

Ele se encolheu.

– Não sei, Win... princesa. Meio que como gelo, eu acho. Não passei muito tempo do lado de fora. Na maior parte do tempo, ficávamos enfiados na nave.

O olhar dela vacilou com o escorregão de Jacin ao quase dizer seu nome. Parecia desapontada, o que deu a ele um vislumbre de culpa.

Ele bateu de leve nas costas dela com o ombro.

– Seus pais escolheram bem. Você foi batizada em homenagem a uma coisa bonita. É adequado.

– *Winter* – sussurrou ela. – Inverno.

Sua expressão ficou especulativa, com as luzes de uma loja de vestidos acentuando as manchas cinzentas nos olhos.

Jacin tentou não ficar constrangido quando afastou o olhar. Havia vezes que ela estava tão perto que ele ficava impressionado com sua própria habilidade de não botar as mãos nela.

Passando a cesta para o outro braço, Winter recomeçou a andar.

– Nem todo mundo me acha bonita.

Ele riu.

– Quem disse isso estava mentindo. Ou com inveja. Provavelmente, as duas coisas.

– *Você* não me acha bonita.

Ele riu de novo, de um jeito meio descontrolado, depois gargalhou mais quando ela fez cara feia.

– Isso é engraçado?

Ele controlou a expressão e imitou a cara feia dela.

– Se ficar dizendo coisas assim, as pessoas vão começar a pensar que você ficou maluca.

Ela abriu a boca para refutar. Hesitou. Quase deu de cara com uma parede, mas Jacin a puxou para o centro do beco estreito.

– Você nunca me chamou de bonita, nem uma vez – disse ela, depois que ele puxou a mão de volta para perto do corpo.

– Caso não tenha reparado, você tem um país inteiro de pessoas cantando elogios para você. Sabia que escrevem poesias sobre você nos setores externos? Eu tive que ouvir um bêbado cantar uma balada inteira alguns meses atrás sobre sua *perfeição de deusa*. Tenho certeza de que a galáxia não precisa da minha opinião sobre o assunto.

Ela baixou a cabeça e escondeu o rosto atrás de uma cascata de cabelo. E isso foi ótimo. As bochechas de Jacin tinham ficado quentes, o que o deixou ao mesmo tempo sem graça e irritado.

– *Sua* opinião é a única que interessa – sussurrou ela.

Jacin enrijeceu e lançou um olhar que não foi retribuído. Ele se deu conta de que talvez os tivesse levado a um assunto que não tinha intenção de explorar mais. Fantasias, claro. Desejos, o tempo todo. Mas realidade? Não, isso era tabu. Não terminaria em nada de bom.

Ela era uma princesa. Sua madrasta era uma tirana que casaria Winter com alguém politicamente benéfico para os desejos dela.

Jacin era o oposto de politicamente benéfico.

Mas ali estavam eles, e ali estava ela, toda bonita e rejeitada. Por que ele teve que abrir a boca enorme e burra?

Jacin suspirou, exasperado. Com ela. Consigo mesmo. Com a situação toda.

– Por favor, princesa. Você sabe o que sinto por você. *Todo mundo* sabe o que sinto por você.

Winter parou de novo, mas ele continuou andando, balançando o dedo acima do ombro.

– Não vou dizer essas coisas e olhar para você ao mesmo tempo, então me acompanhe.

Ela deu uma corridinha atrás dele.

– O que você sente por mim?

– Não. Já chega. Isso é tudo o que eu vou dizer. Eu sou seu *guarda*. Estou aqui para proteger você e deixá-la longe de problemas, só isso. Nós não vamos trocar palavras que vão resultar em um monte de noites constrangedoras minhas de pé em frente à porta do seu quarto, entendeu?

Ele ficou surpreso com a irritação em sua voz; não, com o quanto *pareceu estar* irritado. Porque era impossível. Era impossível e injusto, e ele passou anos demais nas trincheiras da injustiça para se irritar com isso.

Winter andou ao lado dele, os dedos envolvendo a alça da cesta. Pelo menos ela não estava tentando mais chamar a atenção, o que era uma pequena misericórdia.

– Eu *sei* o que você sente por mim – admitiu ela por fim, e pareceu uma confissão. – Sei que você é meu guarda e é meu melhor amigo. Sei que você morreria por mim. E sei que, se isso acontecesse, eu morreria logo depois.

– É – disse ele. – É basicamente isso.

O som de um moedor de grãos de café ecoou pela passarela de pedra, e o cheiro de pão assando atacou os sentidos de Jacin. Ele se preparou.

– Eu também acho você meio bonitinha. Você sabe. Em um dia bom.

Ela riu e o cutucou com o ombro. Ele a cutucou de volta, e ela cambaleou para cima de um vaso de flores, rindo mais.

– Você também é meio bonitinho – disse ela.

Ele fez uma cara feia, mas era impossível se segurar quando ela estava rindo assim.

– Vossa Alteza!

Os dois pararam. Jacin enrijeceu e a mão foi até o coldre da arma, mas era só uma garotinha olhando os dois da porta de uma lojinha.

Um balde cheio de sabão estava intocado aos pés dela, e os olhos estavam tão grandes e redondos quanto a Terra.

– Ah, oi – disse Winter, ajeitando a cesta. – Astrid, não é?

A garota assentiu, com calor subindo pelas bochechas enquanto olhava para a princesa.

– Eu... – Ela olhou para a loja e de novo para Winter. – Espere aqui! – gritou, e largou um trapo no balde com um barulho molhado e entrou correndo pela porta.

Winter inclinou a cabeça para o lado e o cabelo caiu por cima do ombro.

– Você conhece aquela criança?

– A mãe e o pai dela são donos dessa floricultura. – Ela passou os dedos por uma trepadeira na janela.

Jacin grunhiu.

– O que ela quer?

– Como eu posso saber? Eu queria ter trazido alguma coisa para eles...

A garota reapareceu, com dois garotos menores junto.

– Está vendo? Eu falei que ela ia voltar! – disse ela. Os garotos pararam para olhar Winter com o queixo caído. O mais novo estava segurando um aro de galhos e flores secas com as duas mãos.

– Oi – cumprimentou Winter, fazendo uma reverência para cada um. – Acredito que não tivemos o prazer de nos conhecer. Sou Winter.

Como os garotos não encontraram coragem para falar, Astrid respondeu:

– Eles são meus irmãos, Vossa Alteza, Dorsey e Dylan. Eu falei que você comprou flores na nossa loja e eles não acreditaram.

– Ah, é verdade. Comprei um arranjo de belldandies azuis e deixei na minha mesa de cabeceira por uma semana.

– Uau – sussurrou Dorsey.

Winter sorriu.

– Peço desculpas por não podermos ficar para dar uma olhada na loja de vocês esta manhã, mas estamos indo visitar a assistente do chapeleiro. Vocês já viram o bebê?

Os três balançaram a cabeça. Em seguida, Astrid cutucou o menino mais novo, Dylan, com o cotovelo. Ele deu um pulo, mas não conseguiu reunir coragem para falar.

– Nós fizemos uma coisa para você – disse Astrid. – Estávamos esperando que voltasse. É só... é só das sobras, mas... – Ela cutucou o irmão de novo, com mais força desta vez, e ele finalmente levantou o aro de flores.

– O que é isso? – perguntou Winter, pegando nas mãos.

Jacin franziu a testa, mas levou um susto ao perceber o que era.

O garoto mais velho respondeu:

– É uma coroa, Vossa Alteza. Demoramos quase uma semana juntando todas as peças. – As bochechas dele estavam bem vermelhas.

– Sei que não é muito – disse a garota. – Mas é para você.

O garoto mais novo, depois de entregar o presente, disse de repente "Você é *linda*" antes de se esconder atrás do irmão.

Winter riu.

– Vocês são muito gentis. Obrigada.

Uma luz enevoada chamou a atenção de Jacin. Ele olhou para cima e viu um nódulo no beiral da loja ao lado, uma pequena câmera observando as lojas e os empregados. Havia milhares de câmeras idênticas em setores de toda a Luna, e ele sabia que as chances de alguém dar atenção às filmagens de uma manhã sem movimento em AR-2 eram improváveis, mas um arrepio ameaçador subiu pela espinha.

– A coroa é linda – disse Winter, admirando os pequenos galhinhos de flores. Ela colocou em cima dos cachos pretos densos. – Tão esplêndida quanto as joias da rainha. Vou sempre gostar dela.

Com um rosnado, Jacin arrancou a coroa da cabeça dela e a colocou na cesta.

– Ela vai ser bem apreciada aí dentro – cortou ele, com um alerta na voz. – A princesa está ocupada. Voltem para dentro e não comentem com os amigos sobre isso.

Com gritinhos assustados e olhos arregalados, as crianças não podiam ter voltado para a floricultura mais rápido. Segurando o cotovelo de Winter, Jacin a arrastou para longe, mas ela logo soltou o braço da mão dele.

– Por que você fez aquilo? – perguntou ela.

– Passou uma impressão ruim.

– Aceitar um presente de crianças? Sinceramente, Jacin, você não precisa ser tão mau.

– Você poderia ser um pouco menos *gentil* – respondeu ele, observando as paredes e janelas, mas sem ver mais nenhuma câmera. – Colocar na cabeça. Você está maluca? – Ela fez cara feia para ele, que fez cara feia para ela, sem pedir desculpas. – Você tem sorte de ninguém ter visto. – Ele indicou a cesta. – Cubra antes que eu a tire daí e enterre em um desses vasos.

– Você está exagerando – disse Winter, mas puxou algumas toalhas de mão para esconder os galhos.

– Você não é rainha, princesa.

O olhar dela encontrou o dele, perplexo.

– Eu não quero ser rainha.

– Então, pare de aceitar *coroas*.

Bufando, Winter se virou e saiu andando, como uma verdadeira princesa marcharia na frente de seu guarda.

CAPÍTULO

Quatorze

Kai esperou até a nave de Thorne ser um brilho ao longe para pegar o tablet que Cinder lhe deu. Sem chip de identificação oficial para confirmar sua identidade, a mensagem para o conselheiro real Konn Torin foi interceptada pelo mainframe de comunicações do palácio. O rosto de uma jovem estagiária apareceu.

– Palácio de Nova Pequim. Como posso... direcionar... – Os olhos dela se arregalaram.

Kai sorriu.

– Imperador Kaito para o conselheiro real Konn Torin, por favor.

– S-Sim, Vossa Majestade. Claro. Agora mesmo. – As bochechas dela ficaram vermelhas enquanto se enrolava para redirecionar a mensagem. Em pouco tempo, a imagem foi substituída pela de Torin.

– Vossa Majestade! É... você está... um momento. Estou saindo de uma reunião com o gabinete... você está bem?

– Estou ótimo, Torin. Mas pronto para ir para casa.

Ele ouviu o estalo de uma porta.

– Onde você está? Está em segurança? Precisa...?

– Vou contar tudo quando voltar. Agora, estou em nosso esconderijo nos terraços de Taihang, e estou sozinho. Se você puder alertar a guarda do palácio...

– Agora mesmo, Vossa Majestade. Vamos estar aí muito em breve.

Torin sugeriu que eles deixassem a linha aberta, com medo de mais alguém ir pegar Kai antes que a equipe de segurança chegasse. Apesar de Cinder ter garantido que o tablet em si era impossível de ser rastreado, o link não foi preparado como comunicação direta, e

era possível que lunares estivessem ouvindo. Mas Kai sabia que Luna tinha perdido seu melhor método de observação quando perdeu Cress, então insistiu que estava bem, que ficaria *bem*, antes de encerrar a comunicação.

Ele precisava de um momento para pensar antes que a galáxia toda saísse de controle de novo.

Prendendo o tablet no cinto, Kai subiu em uma das pedras grandes com vista para o vale. Cruzou as pernas, surpreso com o quanto se sentia calmo olhando para os terraços, platôs que envolviam as montanhas exuberantes, o brilho provocador de um rio que serpenteava aos pés delas. Ele poderia ter entrado na casa para esperar, mas o tempo estava quente e havia uma brisa com cheiro de jasmim, e fazia tempo demais que ele não admirava o belo país no qual nasceu.

Depois de semanas a bordo da Rampion, com o ar reciclado e água processada, ele estava feliz de estar em casa.

E, apesar de nunca ter visto Luna nem seus biodomos cheios de florestas artificiais e lagos feitos pelo homem, ele estava começando a entender por que Levana podia querer enfiar as garras na Terra também.

Pouco tempo tinha se passado quando Kai ouviu o zumbido de motores. Ele fixou o olhar no horizonte, esperando as naves. Quando chegaram, chegaram com tudo, doze naves militares cercando a casa, muitas com armas em riste e uma grande quantidade de pessoas verificando os arredores em busca de sinais de ameaça.

Semicerrando os olhos por causa do sol, Kai tirou o cabelo da testa quando a maior nave pousou não muito longe da casa. Policiais uniformizados saíram, ocuparam a área e verificaram se havia a presença de formas de vida próximas, todos falando nos fones e segurando armas ameaçadoras.

– Vossa Alteza Imperial – gritou um homem de cabelo grisalho, liderando uma equipe de quatro homens até Kai. – Estamos felizes em vê-lo, senhor. Permissão para conduzir uma avaliação de segurança?

Kai desceu da pedra e entregou o tablet para um dos policiais, que o colocou em um saco de evidências. Então, esticou os braços enquanto outro policial passava um escâner pelos membros dele.

– Está limpo. Bem-vindo de volta, Vossa Majestade.

– Obrigado. Onde está Konn...

Um estrondo fez cinco ou seis homens se virarem na direção da casa, gritando e apontando as armas para a porta que tinha se aberto.

Konn Torin saiu mais atormentado do que Kai já o tinha visto.

– Conselheiro real Konn Torin – gritou, levantando as mãos.

Ele olhou uma vez para as armas, depois olhou para Kai perto da beirada do platô. Os ombros murcharam de alívio e, assim que um dos policiais verificou o pulso dele e confirmou sua identidade, Torin fez uma coisa que nunca tinha feito antes.

Correu na direção de Kai e o abraçou.

O abraço foi tão rápido quanto inesperado, e Torin se afastou, segurou Kai com os braços esticados e o examinou. Kai ficou surpreso de ver que era um pouco mais alto do que Torin. Isso não podia ter acontecido nas últimas semanas. Talvez ele fosse mais alto havia meses e não tivesse reparado. Como conhecia Torin desde que era criança, era difícil mudar a percepção que tinha dele.

Cinder disse a ele que Torin a informou do segundo chip de Kai. Talvez ele fosse mais cheio de surpresas do que Kai lhe dava crédito.

– Seu rosto! – disse Torin. – O que fizeram com você? Ela me *prometeu*...

– Eu estou bem – respondeu Kai, apertando o braço de Torin. – É só um hematoma. Não se preocupe.

– Não se preocupe...!

– Vossa Majestade – interrompeu o homem grisalho –, para evitar a atenção da mídia pode ser bom você voltar pelos subníveis do esconderijo. Vamos mandar uma equipe para escoltá-lo.

Kai olhou ao redor. Vários guardas do palácio surgiram para acompanhar os militares.

– Se eu soubesse que isso era uma opção, teria evitado essa confusão toda.

O policial não reagiu.

– Ah, certo. Obrigado pela meticulosidade. Vamos.

Torin o acompanhou junto com demais guardas pelas portas do porão.

– Nainsi vai ter chá pronto esperando você, e os chefs receberam a ordem de preparar um lanche para sua volta – disse Torin. – O secretário de imprensa está rascunhando uma declaração para a imprensa, mas você vai precisar ser informado da posição oficial do palácio sobre a falha de segurança e o sequestro antes de liberarmos qualquer coisa.

Kai teve que baixar a cabeça ao entrar no porão da casa. Estava arrumado, apesar de umas poucas teias de aranha nos cantos, e, quando eles seguiram para as passagens embaixo das montanhas, elas foram ficando mais claras e limpas.

– Qual é o estado do palácio? – perguntou Kai.

– Os soldados inimigos ainda não atravessaram os muros. Nossos analistas táticos acreditam que, se entrarem no palácio e descobrirem que não há pessoas para matar, vão redirecionar a atenção para outro lugar. Até agora, descobrimos que esses soldados não parecem interessados em destruição geral nem em roubo, só em matar.

– A não ser que Levana esteja usando o palácio para fazer uma declaração. Sugeriria que eles estão vencendo.

– É uma possibilidade.

Eles dobraram uma esquina, e, ao longe, Kai identificou atividade: falas e passos e o zumbido de máquinas. Sua equipe toda estava espremida naquele labirinto de salas e corredores. Ele quase desejou ter ficado no terraço.

– Torin, e as famílias de todas essas pessoas? Elas estão em segurança?

– Sim, senhor. Os familiares de todos os oficiais do governo foram realocados para o palácio quarenta e oito horas depois dos primeiros ataques. Estão todos aqui.

– E todas as pessoas que não são oficiais do governo? Os chefs? Os... os empregados?

– Infelizmente, não tínhamos espaço para todo mundo. Teríamos trazido a cidade inteira se pudéssemos.

As entranhas de Kai se contraíram. Ele teria levado o *país* todo com ele se pudesse.

– Claro – disse ele, se obrigando a não pensar nas coisas que não poderia mudar. – Eu tenho um escritório aqui? Preciso que Nainsi organize uma reunião. Esta tarde, se possível.

– Sim, Vossa Majestade. Também há aposentos particulares separados para a família real. Mandei prepará-los agora.

– Bem, eu sou um só e preciso apenas de um quarto. Podemos encontrar alguma coisa mais útil para fazer com os outros.

– Claro. Quem Nainsi deve chamar para a reunião?

Ele inspirou fundo.

– Minha noiva.

Torin reduziu a velocidade dos passos, e Kai achou que ele pararia, mas apenas empertigou os ombros e continuou andando pelo corredor. Um dos guardas à frente estava gritando: "Abram caminho! Abram caminho!", enquanto funcionários e oficiais curiosos

apareciam nas portas. Os boatos estavam se espalhando rápido e, quando Kai olhava nos olhos de quem via enquanto passava, enxergava alegria e alívio nos rostos das pessoas.

Ele engoliu em seco. Era estranho pensar em quanta gente estava preocupada com ele, não só as pessoas que via todos os dias, mas os cidadãos por toda a Comunidade, esperando para saber se os sequestradores iam devolver o imperador em segurança, sem ter ideia de que Linh Cinder era a última pessoa no mundo que lhe faria mal. Ele sentiu um pouco de culpa por ter apreciado o tempo que passou a bordo da Rampion.

– Vossa Majestade – disse Torin, baixando a voz ao alcançá-lo novamente –, devo aconselhá-lo a reconsiderar seu acordo com a rainha Levana. Deveríamos ao menos discutir o melhor caminho antes de tomarmos decisões precipitadas.

Kai deu uma olhada no conselheiro.

– Nosso governo está sendo conduzido de um enorme abrigo antibombas e tem mutantes lunares batendo nas portas do meu palácio. Não estou tomando decisões precipitadas. Estou fazendo o que tem que ser feito.

– O que as pessoas vão pensar quando souberem que você pretende ir adiante com um casamento com a mulher que é responsável por centenas de milhares de mortes?

– Milhões. Ela é responsável por *milhões* de mortes. Mas isso não muda nada. Nós ainda precisamos do antídoto dela para a letumose, e estou torcendo para que ela aceite os termos de um novo cessar-fogo quando confirmarmos os detalhes da aliança.

Um dos guardas indicou uma porta aberta.

– Seu escritório, Vossa Majestade.

– Obrigado. Eu gostaria de um momento de privacidade com Konn-dàren, mas, se uma androide chegar com chá, pode mandar

entrar.

– Sim, senhor.

Ele entrou no escritório. Era menos luxuoso do que o escritório no palácio, mas não desconfortável. Sem janelas, a sala era preenchida por luz artificial, mas a cobertura de bambu nas paredes dava ao espaço um certo calor e ajudava a amortecer o som dos passos de Kai no piso de concreto. Uma mesa grande com um netscreen e seis cadeiras ocupavam o resto do espaço.

Kai congelou quando seus olhos pousaram na mesa, e começou a rir. No canto, havia um pequeno pé ciborgue todo sujo.

– Você está de brincadeira – disse ele, pegando o pé.

– Achei que estava se tornando um sinal de boa sorte – comentou Torin. – Se bem que, em retrospecto, não consigo imaginar o que me levou a pensar isso.

Sorrindo, Kai colocou o pé abandonado de Cinder no lugar.

– Vossa Majestade – continuou Torin –, o que você quis dizer quando falou que Levana já é responsável por *milhões* de mortes?

Kai se encostou na mesa.

– Nós achávamos que essa guerra tinha começado quando os soldados especiais dela atacaram aquelas primeiras quinze cidades, mas estávamos enganados. Essa guerra começou quando a letumose foi fabricada em um laboratório lunar e trazida para a Terra pela primeira vez. Todos esses anos, ela estava travando uma guerra biológica conosco, e nós nem tínhamos ideia.

Apesar de ser habilidoso em esconder as emoções, Torin não conseguiu esconder o horror crescente.

– Você tem certeza?

– Tenho. Ela queria nos enfraquecer, tanto em população quanto em recursos, antes de atacar. Também desconfio que a manobra de oferecer um antídoto como moeda de barganha tenha sido

elaborada para criar uma dependência imediata de Luna... quando ela se tornasse imperatriz.

– E você não acha que isso muda nada? Você sabe que tudo foi uma estratégia para coagi-lo a entrar nessa aliança e ainda planeja ir em frente? Vossa Majestade, deve haver outro jeito. Alguma coisa que ainda não consideramos. – A expressão de Torin ficou tensa. – Devo informar que, na sua ausência, designamos uma equipe concentrada em criar uma nova classe de armas militares que vão penetrar até os biodomos de Luna.

Kai sustentou o olhar dele.

– Estamos construindo bombas.

– Estamos. É um processo lento. Nenhuma força militar da Terra constrói armas assim desde o final da Quarta Guerra Mundial, e há modificações únicas exigidas para enfraquecer Luna. Mas acreditamos que, com os recursos limitados de Luna e a dependência dos domos para protegê-los... o sucesso de algumas bombas poderia significar um fim rápido para a guerra.

Kai olhou para a mesa. Toda a população de Luna vivia embaixo de biodomos particularmente criados para oferecer uma atmosfera respirável, uma gravidade artificial e a capacidade de plantar árvores e lavoura. Destruir uma dessas barreiras protetoras mataria todo mundo lá dentro.

– Quanto tempo até essas armas ficarem prontas? – perguntou ele.

– Terminamos o primeiro protótipo e torcemos para ter a primeira leva pronta entre quatro e seis semanas. A frota de espaçonaves necessária para transportar essas armas está pronta.

Kai fez uma careta. Não queria dizer, mas desprezava a ideia de reduzir as cidades lunares a escombros. Ele já tinha começado a pensar em Luna como pertencente a Cinder, e não queria destruir o reino que poderia um dia ser dela. Mas, se pudesse terminar a guerra

e proteger a Terra...

– Mantenha-me informado de qualquer desenvolvimento – disse ele. – E deixe a frota espacial pronta para partir a qualquer momento. Isso é um último recurso. Primeiro, vamos tentar chegar a uma solução pacífica. Infelizmente, isso começa acalmando Levana.

– Vossa Majestade, imploro para que você reconsidere. Nós não estamos *perdendo* essa guerra. Ainda não.

– Mas também não estamos ganhando. – Os lábios de Kai se retorceram. – E uma coisa mudou. Até agora, Levana está dando todas as cartas, mas, pela primeira vez, posso estar um passo à frente.

Semicerrando os olhos, Torin deu um passo para mais perto.

– Isso não é relacionado a uma aliança, é?

– Ah, eu realmente pretendo formar uma aliança com Luna. – Kai olhou para o pé ciborgue de novo. – Só pretendo botar uma rainha diferente no trono.

CAPÍTULO

Quinze

O link de comunicação demorou séculos para ser estabelecido, enquanto Kai ficava de pé na frente do netscreen com as mãos unidas nas costas e o coração batendo mais alto do que o motor da Rampion. Ele não se deu ao trabalho de tirar a camisa branca de seda do casamento que estava usando quando foi sequestrado, apesar de estar amassada e ter um buraquinho onde o dardo tranquilizador de Cinder a perfurou. Achava que Levana poderia apreciar o fato de que fazer contato com ela era prioridade absoluta, acima da troca de roupa, acima até de alertar a imprensa terráquea sobre sua volta.

Ele ia usar todas as táticas em que conseguisse pensar para cair nas graças dela de novo. Qualquer coisa para tornar o plano crível.

Finalmente, *finalmente* o pequeno globo no canto parou de girar e o netscreen se acendeu, revelando Levana com o fino véu branco.

– É possível que seja meu querido jovem imperador? – sussurrou ela. – Eu tinha praticamente dado você como perdido. Quanto tempo tem, mais de um mês, eu acho? Achei que seus captores o tinham assassinado e desmembrado a essas alturas.

Kai sorriu, fingindo que ela tinha feito uma piada divertida.

– Sofri uns galos e arranhões aqui e ali, mas nada tão horrível assim.

– Entendo – refletiu Levana, inclinando a cabeça. – Esse hematoma na bochecha parece recente.

– Mais recente do que alguns dos outros, é – disse Kai. Fingir que o tempo que passou a bordo da Rampion foi uma provação que ele quase não aguentou era o primeiro passo da estratégia. – Linh Cinder deixou claro desde o começo que eu era um prisioneiro na nave dela,

não convidado. Cá entre nós, acho que ela ainda estava aborrecida porque mandei prendê-la no baile.

– Que selvagem.

– Estou me considerando um cara de sorte. Finalmente consegui negociar minha liberdade. Acabei de voltar a Nova Pequim. Informá-la da minha volta era minha maior prioridade.

– E a que devemos essa ocasião feliz? Desconfio que as negociações devam ter sido desagradáveis.

– Meus sequestradores tinham muitas exigências. Um pagamento em dinheiro, claro, e também que eu cancelasse a busca pelos fugitivos, tanto Linh Cinder quanto Carswell Thorne.

O véu tremeu quando Levana ajustou as mãos no colo.

– Eles devem ter achado que a captura deles era iminente – disse ela, com tom de quem não estava impressionada. – Se bem que não vejo como seria possível, considerando que você não conseguiu capturá-los quando eles estavam *no seu próprio palácio*.

O sorriso de Kai permaneceu no lugar.

– Mesmo assim, eu concordei com tudo. Mas não dei garantias quanto ao resto da União ou a Luna. Espero que esses criminosos sejam encontrados e julgados pelos crimes deles, inclusive o ataque a mim e o sequestro.

– Espero que sim – disse Levana, e ele sabia que ela estava debochando dele, mas, pela primeira vez, saber disso não provocou um arrepio na pele.

– Eles fizeram uma exigência adicional. – Nas costas, Kai apertou as mãos, depositando toda a energia nervosa nelas. – Insistiram para que eu me recusasse a seguir em frente com os termos da aliança sobre os quais eu e você concordamos. Pediram que o casamento não tivesse permissão de acontecer.

– Ah – disse a rainha, com uma gargalhada perversa –, agora

chegamos ao motivo pelo qual fazer contato comigo era uma prioridade tão grande. Tenho certeza de que você ficou arrasado de concordar com termos tão ofensivos.

– Na verdade, não – retrucou ele, na cara de pau.

Levana se encostou, e ele viu os ombros dela tremendo.

– E por que esses criminosos se preocupariam com política intergaláctica? Eles não estão cientes de que já são responsáveis por iniciarem uma guerra entre nossas nações? Não acreditam que vou encontrar um jeito de me sentar no trono da Comunidade das Nações Orientais, independentemente da sua barganha egoísta?

Kai engoliu em seco com dificuldade.

– Talvez o interesse deles tenha a ver com a alegação de Linh Cinder de que ela é a princesa perdida Selene.

Um silêncio estalou entre ele e o netscreen, estático como gelo em um lago.

– Ela parece pensar que, se prosseguíssemos com o casamento e a coroação, isso enfraqueceria a reivindicação dela pelo trono lunar – continuou Kai.

– Entendo. – Levana tinha recuperado a compostura e o tom frívolo e extravagante. – Eu me perguntei se ela encheria sua cabeça de mentiras. Imagino que você tenha sido uma plateia fascinada.

Ele deu de ombros.

– Era uma espaçonave bem pequena.

– Você acredita que essas alegações dela sejam verdade?

– Sinceramente? – Ele se preparou. – Não ligo se são ou não. Tenho mais de cinco bilhões de pessoas vivendo sob minha proteção e, nesse último mês, cada uma delas foi para a cama se perguntando se essa era a noite em que sua casa seria atacada. Se essa era a noite em que suas janelas seriam quebradas, seus filhos seriam arrancados da cama, seus vizinhos seriam mutilados nas ruas, tudo por seus... por

esses *monstros* que você criou. Eu não posso... – Ele fez uma careta. Essa dor, pelo menos, não precisava ser fingida. – Eu não posso deixar isso continuar, e Linh Cinder, quer ela seja ou não a princesa perdida, não é quem está no comando da força militar lunar. Não ligo para política lunar e dinâmica familiar e teorias da conspiração. Quero que isso termine. E é você quem tem o poder de terminar.

– Um discurso comovente, jovem imperador. Mas nossa aliança acabou.

– Acabou? Você parece convencida de que eu cederia às vontades de criminosos e sequestradores.

Ela não disse nada.

– Você tinha minha palavra muito antes de eu dá-la a Linh Cinder. Portanto, sinto que meu acordo com você tem precedência. Você não concorda?

O véu tremeu nas mãos dela, como se estivesse mexendo em alguma coisa.

– Estou vendo que o tempo fora não diminuiu seu talento impressionante para a diplomacia.

– Espero que não.

– Você está me dizendo que quer ir em frente com nossa combinação anterior?

– Estou, e com os mesmos termos. Nós dois concordamos com um cessar-fogo em todos os territórios terráqueos no espaço e no solo, efetivo imediatamente. Com sua coroação como imperatriz da Comunidade das Nações Orientais, todos os soldados lunares serão removidos do solo terrestre, e você vai nos permitir fabricar e distribuir seu antídoto contra a letumose.

– E que segurança você pode me dar de que nosso casamento não vai ser sujeitado ao mesmo espetáculo vergonhoso da última vez? Sua ciborgue e os amigos dela não vão ficar satisfeitos quando souberem

que você ignorou as exigências.

– Infelizmente, não tive tempo de desenvolver um plano. Vamos aumentar a segurança, claro. Trazer reforços militares. Sei o quanto você admira isso.

Levana riu com deboche.

– Mas Linh Cinder provou que é criativa. Uma opção seria fazer a cerimônia em segredo e não soltar prova do casamento até a coro...

– Não. Não vou deixar nenhuma dúvida na mente do povo terráqueo de que sou sua esposa e imperatriz deles.

Kai trincou os dentes para não vomitar com as palavras. *Sua esposa. Imperatriz deles.*

– Entendo. Podemos considerar outros locais para fazer a cerimônia, algum lugar mais remoto ou seguro. Uma espaçonave, talvez? Ou até...

Ele hesitou, tentando parecer assustado com o pensamento não pronunciado.

– Ou até o quê?

– Eu só estava... Duvido que você vá gostar. Exigiria muito trabalho, e não sei nem se é plausível... mas por que não fazer o casamento em Luna? Seria impossível Linh Cinder interferir, nesse caso.

Ele fez uma pausa e tentou não demonstrar que estava prendendo a respiração.

O silêncio ficou denso. O coração de Kai disparou.

Foi demais. Ele a deixou desconfiada.

Kai começou a rir e balançou a cabeça.

– Deixe pra lá, foi uma ideia idiota. – A mente dele girou em busca de outro ângulo de abordagem. – Tenho certeza de que encontraremos uma localização adequada na Terra. Só preciso de um tempo para...

– Você é mesmo inteligente, não é?

O coração dele pulou.

– Como?

A rainha riu.

– Um lugar remoto, um lugar seguro. Meu querido imperador, é *claro* que deveríamos fazer o casamento em Luna.

Kai fez uma pausa, esperou e expirou devagar, mantendo a expressão neutra. Mais um momento e ele se lembrou de até ser meio incrédulo.

– Tem certeza? Já temos tudo preparado na Terra. Todos os transportes e acomodações, o bufê, os convites...

– Não seja ridículo. – Ela balançou os dedos atrás do véu. – Não sei por que não pensei nisso antes. Vamos fazer a cerimônia aqui em Artemísia. Tenho espaço suficiente para as acomodações, e não tenho dúvida de que você vai ficar satisfeito com a hospitalidade que podemos oferecer.

Kai repuxou os lábios, com medo de dissuadi-la da ideia e ao mesmo tempo de parecer entusiasmado demais.

– Isso é um problema, Vossa Majestade Imperial?

– Não duvido que Artemísia seja... linda. Mas, agora que estou pensando melhor, tenho medo de isso alienar os convidados que teriam o privilégio de vir ao casamento aqui na Terra. Particularmente, os líderes da União Terráquea.

– Mas é claro que o convite vai ser estendido a todos os diplomatas terráqueos. Eu ficaria decepcionada se eles não viessem. Afinal, nossa união será um símbolo de paz, não só entre Luna e a Comunidade das Nações Orientais, mas também entre Luna e todas as nações terráqueas. Posso fazer o convite a cada convidado terráqueo pessoalmente se você achar que é apropriado.

Ele coçou atrás da orelha.

– Com todo o respeito, talvez haja uma certa... *hesitação* dos líderes

da União. Se posso ser direto, como você pode garantir que nós... *eles* não vão cair em uma armadilha? Você não fez nenhuma tentativa de disfarçar suas ameaças contra a Terra, e há desconfianças de que ainda pode estar usando seu status de imperatriz como plataforma de lançamento para, bem...

– A dominação mundial?

– Precisamente.

Levana riu.

– E de que você tem medo exatamente? Que eu possa assassinar os chefes da União Europeia enquanto eles estiverem aqui, como forma de trilhar um caminho mais fácil para tomar o controle dos paisinhos idiotas deles?

– *Precisamente.*

Outra risadinha eufórica.

– Meu querido imperador, isso é uma oferta de paz. Quero ganhar a confiança da União, não terminar por alienã-la. Você tem minha palavra de que *todos* os convidados terráqueos serão tratados com a máxima cortesia e respeito.

Kai permitiu muito lentamente que seus ombros relaxassem. Não que acreditasse nela por sequer um minuto, mas não importava. Ela agiu como ele esperava que agisse.

– Na verdade, como prova da minha boa vontade, vou aceitar seu pedido de um cessar-fogo imediato em toda a União – continuou Levana. – Esse cessar-fogo vai valer para todos os territórios terráqueos cujos líderes aceitarem nosso convite de vir ao casamento aqui em Artemísia.

Kai fez uma careta.

Era um jeito de aumentar a frequência.

Ele esfregou as palmas das mãos no tecido amassado da camisa.

– Não posso discutir com o fato de que Artemísia é mais segura do

que qualquer lugar que pudéssemos escolher na Terra. Vou discutir isso com os líderes da União Terráquea agora mesmo.

– Faça isso, Vossa Majestade. Tenho certeza de que a mudança de local não vai ser problema. Vou começar a fazer os preparativos para sua visita e para nossas cerimônias de matrimônio e coroação.

– Certo e... quanto a isso. Quando você gostaria...

– Sugiro o dia oito de novembro para nosso casamento e festa de celebração, seguidos das duas coroações no dia seguinte à lua nova. Podemos marcar para coincidir com o nascer do sol... é uma hora linda aqui em Luna.

Kai piscou.

– Isso é... posso estar meio confuso com os dias, com essa coisa de ter ficado de refém e tal, mas... isso não é só daqui a uma semana?

– Dez dias, Vossa Majestade. Essa aliança está sendo adiada há tempo demais. Não acredito que ninguém queira ver minha paciência testada mais do que já foi. E estou *mesmo* ansiosa para receber você e seus convidados. – Ela inclinou a cabeça em uma despedida cortês. – Meus portos vão estar prontos para receber vocês.

CAPÍTULO

Dezesseis

A mensagem de áudio terminou com um estalo leve, deixando o compartimento de carga em silêncio. Sentada em uma das caixas então vazias, Cress olhou ao redor, observou os ombros tensos de Cinder enquanto ela encarava o netscreen apagado, o jeito como Lobo batia com os dedos nos cotovelos, e Iko, que ainda estava concentrada no tablet no colo, tentando entender seu próximo movimento em um jogo que ela e Cress vinham jogando havia uma hora.

– Ele conseguiu – murmurou Cinder.

– Claro que conseguiu – disse Iko sem levantar o rosto. – Nós sabíamos que ia conseguir.

Virando as costas para a tela, Cinder coçou o pulso em um gesto distraído.

– O dia oito é bem mais cedo do que eu esperava. Aposto que os líderes terráqueos vão começar a partir nas próximas quarenta e oito horas.

– Que bom – comentou Lobo. – A espera está me deixando louco.

Não, a separação de Scarlet o estava deixando louco, Cress sabia, mas ninguém disse nada. Talvez a espera estivesse deixando todos meio loucos.

– Coringa para A1 ! – anunciou Iko finalmente. Sorrindo, ela mostrou o tablet para Cress.

– Rei para C4 e reivindico todos os rubis – disse Cress sem hesitação.

Iko fez uma pausa, olhou para a tela e murchou.

– Como você é tão boa nisso?

Cress sentiu uma onda de orgulho atrás do esterno, apesar de não saber se esse talento era impressionante ou constrangedor.

– Eu jogava muito quando estava entediada no satélite. E eu ficava muito entediada.

– Mas meu cérebro supostamente é superior.

– Eu sempre só joguei contra um computador, se isso faz você se sentir melhor.

– Não faz. – Iko franziu o nariz. – Eu quero aquele diamante.

Colocando o tablet novamente no colo, ela fechou a mão ao redor de um rabo de cavalo de trancinhas, mais uma vez em concentração profunda.

Cinder limpou a garganta e chamou a atenção de Cress, mas não de Iko.

– Kai vai ter uma frota com ele. É imperativo que saibamos em que nave ele vai estar.

Cress assentiu.

– Eu consigo descobrir.

– Esse plano vai dar certo – disse Lobo com agressividade, como se estivesse ameaçando o próprio plano. Ele começou a andar entre o cockpit e a enfermaria. A ansiedade dele e de Cinder deixava Cress mais nervosa do que qualquer coisa.

Era hora, a única chance deles. Ou daria certo ou falharia.

– Fazedor de coroa para A12.

Cress demorou um momento para voltar o foco ao jogo. Iko fez a jogada que ela esperava que fizesse, a mesma que o computador do satélite teria feito.

Cress sacrificou seu Coringa e depois levou sorrateiramente o Ladrão pelo tabuleiro, pegando todas as esmeraldas soltas, até que nem o desejado diamante de Iko pudesse fazer com que ela vencesse

o jogo.

– Ah! Por que eu não vi isso? – Resmungando, Iko empurrou o tablet para longe. – Eu nunca gostei mesmo desse jogo.

– Nave detectada – disse a voz inflexível da Rampion. Cress deu um pulo, todos os músculos do corpo se contraindo. – O capitão Thorne pede permissão para atracar. A senha foi enviada. *O capitão é rei.*

Ela expirou, aliviada não só por eles não terem sido vistos por uma nave inimiga, mas também por Thorne estar de volta. Toda a preocupação que sentia desde que ele e Kai saíram subiu até a superfície da pele e evaporou em uma única expiração.

– Permissão concedida – disse Cinder, também com um certo alívio na voz. Ela cruzou os braços. – O primeiro passo está completo. Kai está de volta à Terra, o casamento está remarcado para acontecer em Luna e Thorne voltou em segurança. – Ela se balançou nos calcanhares com a testa franzida. – Não acredito que nada deu errado.

– Eu esperaria até você estar sentada em um trono antes de fazer uma declaração assim – disse Lobo.

Cinder contraiu os lábios.

– Faz sentido. Tudo bem, pessoal. – Ela bateu palmas. – Vamos começar os preparativos de último minuto. Cress e Iko, vocês estão encarregadas de fazer as edições finais de vídeo. Lobo, preciso que você...

A porta da escotilha de subnível se abriu, batendo na parede. Thorne subiu pela ladeira e foi direto para cima de Cinder, que deu um passo para trás.

– *Você pintou minha nave?* – gritou ele. – Por quê... o quê... por que você faria isso?

Cinder abriu a boca, mas hesitou. Ela esperava um tipo diferente de cumprimento, obviamente.

– Ah. Isso. – Ela olhou ao redor para Cress, Lobo e Iko, como se pedisse ajuda. – Eu achei... uau, isso faz tanto tempo. Acho que eu deveria ter mencionado.

– *Mencionado?* Você não deveria...! Você não pode sair pintando a nave dos outros! Sabe quanto tempo demorei para pintar aquela garota?

Cinder apertou um olho.

– A julgar pela precisão e pelo detalhe, vou supor que... dez minutos? Quinze?

Thorne fez cara feia.

– Tudo bem, desculpe. Mas a silhueta era reconhecível demais. Era um risco.

– Um risco! *Você* é um risco! – Ele apontou para Lobo. – Ele é um risco. Cress é um risco. Nós somos *todos* um risco!

– Eu também? – perguntou Iko. – Não quero ficar de fora.

Thorne revirou os olhos e levantou as mãos no ar.

– Que se dane. Tudo *bem*. Não é *minha* nave mesmo, né? – Resmungando, ele passou a mão pelo cabelo. – Eu queria que você tivesse dito alguma coisa antes de eu ter um ataque cardíaco achando que tinha me comunicado com a nave errada.

– Você está certo. Não vai acontecer de novo. – Cinder tentou dar um sorriso nervoso. – Então... como foi?

– Tudo bem, tudo bem. – Thorne descartou a pergunta. – Apesar da minha desconfiança inerente em relação a figuras de autoridade, estou começando a gostar desse seu imperador.

Cinder ergueu uma das sobrancelhas.

– Não sei se eu deveria ficar aliviada ou preocupada.

Cress mordeu o lábio para esconder um sorriso divertido. Ela sentiu certo desconforto vindo de Thorne quando Kai subiu a bordo. Afinal, "imperador" era um ranking superior a "capitão" no padrão de

qualquer pessoa. Mas ela também reparou que Thorne ficava um pouco mais ereto na presença de Kai, como se quisesse que o imperador ficasse impressionado com ele, sua nave e sua tripulação... só um pouco.

Thorne tirou a jaqueta e a colocou em cima da caixa mais próxima.

– Aconteceu alguma coisa legal enquanto eu estava fora?

Pela primeira vez, o olhar dele passou por Cinder e Iko e parou em Cress, e foi tão repentino e concentrado que ela ficou afobada na mesma hora. Cress quebrou o contato visual e começou a inspecionar as placas de metal da parede.

– O casamento está de pé – disse Cinder. – Vai acontecer em Artemísia no dia oito, e a coroação será dois dias depois no amanhecer do sol lunar.

As sobrancelhas de Thorne dispararam.

– Não estão perdendo tempo. Mais alguma coisa?

– Levana aceitou um cessar-fogo – informou Lobo. – Mas estamos esperando para saber se foi implementado.

– Além do mais, Cress me destruiu em um jogo de Mineradores da Montanha – contou Iko.

Thorne assentiu, como se os dois anúncios tivessem o mesmo peso.

– Ela é um gênio.

Cress ficou mais vermelha, o que era frustrante. Era mais fácil fingir que não estava apaixonada quando ele não conseguia saber com que frequência o olhar dela o procurava e como ela enrubescia a cada elogio.

– É, mas eu sou *androide*.

Thorne riu, a raiva por causa da pintura da nave já dissipada.

– Por que vocês não jogam Ataque Androide, então? Talvez esse dê vantagem a você.

– Ou Resistência Robô – sugeriu Cinder.

Thorne estalou os dedos.

– *Isso*. Antigo e dos bons. – Os olhos dele estavam brilhando, calmos e confiantes, daquele jeito que sempre fez Cress se sentir mais calma e confiante também só por estar perto dele, sabendo que ele era corajoso e capaz e...

E ele estava olhando para ela. De novo.

Ela desviou o olhar. De novo.

Burra, burra, burra.

Morrendo de vergonha, ela se viu fantasiando sobre rastejar até a doca de naves e ser sugada para o espaço.

– A gente devia começar – disse Cinder. – Pegar os suprimentos que achamos que vamos precisar e preparar a nave para órbita neutra estendida.

– Você quer dizer abandono – disse Thorne, o tom leve sumindo de sua voz.

– Eu já ajustei a fiação para as configurações mais eficientes. Vai ficar tudo bem.

– Você sabe que não é verdade. Sem Cress interferindo com os sinais, não vai demorar para a nave ser encontrada e confiscada.

Cinder suspirou.

– É um risco que temos que correr. Que tal isto: quando eu for rainha, vou usar meus fundos reais, ou seja lá o que for, para comprar uma nave nova.

Thorne fez cara feia.

– Eu não quero uma nave nova.

Cress sentiu uma pontada de solidariedade. Estavam todos tristes por deixarem a Rampion. Foi uma boa casa pelo curto tempo que os abrigou.

– Sabe, Thorne – disse Cinder, falando baixo, como se não quisesse

dizer aquilo –, não precisa vir conosco. Pode nos levar até Kai, voltar para a Rampion e... você sabe que nós nunca iríamos entregá-lo. – Ela respirou fundo. – Estou falando sério. Com todos vocês. Não precisam ir comigo. Sei o perigo em que estou colocando vocês, que não sabiam em que estavam se metendo quando se juntaram a mim. Vocês podem continuar a vida, eu não impediria. Lobo, Cress, voltar para Luna deve parecer uma sentença de morte para vocês dois. E, Iko...

Iko levantou a mão.

– Você precisa de uma limpeza de sistema se está sugerindo que eu a abandonaria agora.

Thorne sorriu. Seu sorriso seguro, de canto da boca.

– Ela está certa. É fofo da sua parte se preocupar, mas não tem como você fazer isso sem a gente.

Apertando os lábios, Cinder não discutiu.

Cress ficou em silêncio, se perguntando se era a única que ficou brevemente tentada pela proposta de Cinder. Voltar para Luna *era* como sentenciá-los à morte, principalmente uma cascuda como ela, que deveria ter sido morta anos antes. Sabotar Levana da segurança do espaço era uma coisa. Mas entrar em Artemísia... era quase como pedir para ser assassinada.

Mas Thorne estava certo. Cinder precisava deles. De todos eles.

Ela fechou os olhos e lembrou a si mesma de ser corajosa.

– Além do mais, nosso capitão ainda está querendo aquele dinheiro da recompensa – acrescentou Iko, quebrando a tensão.

Os outros riram, e um sorriso passou pelos lábios de Cress, mas, quando ela abriu os olhos, Thorne não estava se divertindo como os outros.

Na verdade, ele pareceu pouco à vontade de repente, com os ombros tensos.

– Ah, sabe, algumas pessoas podem dizer que fazer a coisa certa é

uma recompensa por si só.

O compartimento de carga ficou imóvel. Cress piscou.

Uma incerteza se estendeu entre eles.

Com uma risadinha nervosa, Thorne acrescentou:

– Mas essas pessoas morrem pobres e desamparadas, então quem liga para o que elas pensam? – Ele descartou as próprias palavras. – Vamos lá, aproveitadores. Vamos começar a trabalhar.

CAPÍTULO

Dezessete

Kai olhou pela janela e observou as nuvens girarem acima do continente. Procurou a Grande Muralha serpenteando pela Comunidade e sorriu ao pensar que seus ancestrais construíram uma coisa que nem a Quarta Guerra Mundial conseguiu destruir.

Esperava que não fosse a última vez que veria esse belo país.

Ele sabia do perigo em que estava se metendo, junto com incontáveis representantes da União. Esperava que Levana tivesse sido sincera quando disse que não queria fazer mal a nenhum deles. Esperava que a situação não estivesse prestes a virar um banho de sangue no qual os terráqueos inocentes seriam presa fácil.

Ele esperava, mas esperar não ajudava a reconfortá-lo. Ele não confiava em Levana. Nem por um momento.

Mas era a única forma de dar a Cinder a chance de que ela precisava para encarar Levana e iniciar a rebelião. O sucesso de Cinder faria todos se livrarem de Levana e da tirania dela. Seria o fim da peste. O fim da guerra.

Pelas estrelas, ele torcia para que isso funcionasse.

Sufocando um suspiro, lançou o olhar inquieto pela sala da nave real. Se não fosse a vista de tirar o fôlego da Terra, Kai não teria ideia de que estava a bordo de uma espaçonave. A decoração exibia toda a exuberância do velho mundo do palácio: lanternas decoradas e papéis de parede com detalhes em dourado e um padrão de morcegos entalhado nas sancas. Muito tempo antes, os morcegos foram um símbolo de boa sorte, mas ao longo dos anos passaram a simbolizar viagens seguras pela escuridão do espaço.

Torin chamou a atenção dele, sentado em uma poltrona forrada do outro lado da sala, onde estava ocupado lendo o tablet. Ele insistiu em ir a Luna, garantindo que o Chefe de Segurança Nacional, Deshal Huy, seria capaz de agir como líder da Comunidade na ausência deles. O lugar de Torin era ao lado de Kai, mesmo que não adiantasse de nada.

– Tem alguma coisa errada, Vossa Majestade?

– Até agora, não. – Ele passou as palmas das mãos nas coxas. – Você disse para os pilotos que quero ser informado se alguma nave fizer contato?

– Claro. Eu queria poder dizer que acharam isso um pedido razoável, mas eles pareceram compreensivelmente desconfiados.

– Desde que façam o que pedi....

– E você tem certeza de que é boa ideia?

– Nem um pouco. – A nave fez uma volta, e a Terra não estava mais visível pela janela. Kai se virou. – Mas eu confio nela.

Torin colocou o tablet na mesa.

– Então não tenho escolha além de confiar nela também.

– Ei, foi você que contou a ela sobre meu segundo chip de rastreamento.

– Sim, e desde então fiquei me perguntando se não foi o maior erro que já cometi.

– Não foi. – Kai revirou os ombros, tentando relaxar. – Cinder é capaz de fazer isso.

– Você quer dizer que Selene é capaz de fazer isso.

– Selene. Cinder. É a mesma pessoa, Torin.

– Devo discordar. Para o mundo, Linh Cinder é uma criminosa perigosa que sequestrou um líder mundial e instigou uma guerra, enquanto a princesa Selene pode ser a solução de todos os nossos problemas com Luna. Ao ajudar Linh Cinder, o mundo vai achar que

você não passa de um adolescente apaixonado. Ao ajudar Selene, você está resistindo corajosamente aos inimigos do nosso país e fazendo o que acredita ser melhor para o futuro da Comunidade.

Um esboço de sorriso surgiu nos lábios de Kai.

– Não importa o que o mundo pensa; elas *são* a mesma pessoa. Quero o que for melhor para Cinder e quero o que for melhor para o meu país. Convenientemente, acredito que sejam a mesma coisa.

Tinha sido um alívio contar tudo para Torin, a única pessoa em quem ele confiava que guardaria seus segredos. A identidade de Cinder, o verdadeiro motivo de estarem indo para Luna, a revolução que ela planejava iniciar lá e o papel de Kai em tudo. Apesar de Torin demonstrar preocupação por Kai estar se arriscando demais, não tentou convencê-lo a desistir. Na verdade, Kai se perguntou se Torin também não estava desenvolvendo certa fé em Cinder, mesmo que tentasse esconder por trás do cinismo.

Torin voltou a atenção para o tablet, e Kai ficou olhando pela janela, seu coração pulando cada vez que via outra nave no espaço.

Horas se passaram como dias. Kai tentou cochilar, mas não conseguiu. Ele leu suas juras de casamento sem entender uma palavra. Andou de um lado para outro e bebeu meia xícara de chá que alguém levou para ele, apesar de não ser tão bom quanto o que Nainsi faria, o que o fez sentir falta de sua androide assistente de confiança. Ele contava com a conversa prática e objetiva dela, mas Levana era firme na decisão de que androides não tinham permissão de entrar em Luna, então ele teve que deixar Nainsi na Terra.

Colocou o chá de lado, com um nó de nervosismo no estômago. Já devia ter tido notícia de Cinder. Alguma coisa deu errado, e ali estava ele, levando uma frota inteira das pessoas mais poderosas da Terra direto para as garras de Levana, e tudo seria por nada, e...

– Vossa Majestade.

Ele levantou a cabeça. O imediato da nave estava na porta.

– Sim?

– Fomos contatados pelo secretário de Defesa da República Americana. Parece que estão tendo problemas técnicos com o mainframe da nave e pediram permissão para subir a bordo e concluir a viagem até Artemísia conosco.

Kai expirou.

– O capitão sugeriu que enviássemos uma escolta militar para ajudá-los. Fico feliz em colocá-los em contato...

– Não vai ser necessário – disse Kai. – Nós temos espaço. Deixe que venham. – Apesar de doze representantes de províncias e alguns jornalistas da imprensa da Comunidade já estarem a bordo, a nave não estava nem perto da capacidade.

O oficial franziu a testa.

– Acredito que seja questão de segurança, não de espaço. Por causa das dificuldades técnicas, nós não conseguimos uma identificação apropriada da nave nem dos passageiros dela. As mensagens de vídeo também não funcionam direito. Nossa imagem da nave a confirma como uma nave militar da República, da classe Rampion. Fora isso, somos obrigados a aceitar a palavra deles, e tenho certeza de que não preciso lembrar a Vossa Majestade que... seus sequestradores também estavam em uma Rampion.

Kai fingiu pensar nisso.

– A Rampion em que fiquei de refém tinha a silhueta de uma mulher pintada na lateral a bombordo. Tem esse desenho na nave do secretário?

O oficial passou a pergunta por um chip de comunicação na gola do uniforme e, um momento depois, confirmou que não havia mulher nenhuma visível. Só um painel preto na rampa de bombordo.

– Então, pronto – disse Kai, fingindo distanciamento. – Vamos

aceitar nossos aliados americanos a bordo, supondo que as naves de passeio deles estejam funcionando. Na verdade, por que não vou até a doca para recebê-los, como demonstração de boa vontade política?

– Eu também vou – disse Torin, deixando o tablet de lado.

O imediato pareceu querer protestar, mas, depois de um momento de incerteza, bateu os calcanhares e assentiu.

– Claro, Vossa Majestade.



Até a sala de espera junto à doca de naves era luxuosa, e Kai se viu batendo os pés no tapete grosso enquanto os motores zumbiam nas paredes. O capitão da nave se juntou a eles, esperando para cumprimentar os convidados antes de voltar para a ponte, e ele e o imediato estavam com postura impecável em seus uniformes passados.

A tela ao lado das portas seladas anunciou que era seguro entrar na doca.

O capitão foi primeiro, Kai logo atrás. Havia seis naves esperando por eles, e vagas para mais três. O transporte da Rampion ocupou o espaço mais distante e seus motores estavam sendo desligados.

As duas portas se levantaram simultaneamente e cinco pessoas saíram: a secretária de Defesa da América, uma assistente, uma estagiária e dois seguranças.

O capitão apertou a mão da secretária, dando boas-vindas aos recém-chegados a bordo, dando sequência a uma série de reverências diplomáticas.

– Obrigada pela hospitalidade. Pedimos desculpas por qualquer inconveniente que isso possa ter causado – disse a secretária enquanto Kai tentava descobrir quem era por baixo da ilusão. Ele

achava que Thorne e Lobo eram os seguranças, mas era perfeito o glamour emitido para a secretária da República, exibindo até mesmo a pinta no lado direito do queixo. A assistente e a estagiária eram igualmente convincentes. Era impossível distingui-las entre Cinder, Iko e Cress.

– Evidentemente – acrescentou a assistente, com o olhar virando na direção de Kai –, isso tudo poderia ter sido evitado se o mecânico da nave tivesse se lembrado de trazer um *cortador de fios*.

A boca de Kai tremeu. Aquela, então, era Cinder. Ele tentou imaginá-la por baixo do glamour, presunçosa pelo uso da nova "senha". Ele se segurou para não revirar os olhos.

– Não é inconveniência nenhuma – disse Kai, se concentrando na secretária. – Ficamos felizes de poder ajudar. Vocês precisam que enviemos alguém para buscar a nave?

– Não, obrigada. A República já mandou uma equipe de manutenção, mas não queríamos nos atrasar mais do que o necessário. Temos uma festa para ir, sabe.

A secretária deu uma piscadela nada diplomática. Então, era Iko.

Lembrando-se do aviso de Cinder, de que seria cansativo para ela não só usar o glamour em si, mas também manipular a percepção dos quatro amigos e de que não sabia por quanto tempo conseguiria sustentá-lo, Kai indicou a saída.

– Venham comigo. Temos uma sala onde vocês ficarão à vontade. Posso oferecer chá?

– Eu aceito um uísque com gelo – disse um dos seguranças.

A assistente Cinder lançou um olhar glacial para o homem. *Thorne.*

– Nós estamos bem – disse Cinder. – Obrigada.

– Por aqui. – Kai e Torin levaram os convidados para longe da doca, dispensando o capitão e o imediato. Ninguém falou nada até eles chegarem aos aposentos particulares.

Quando Kai se virou para os convidados novamente, os disfarces haviam sumido, e a realidade de ver cinco criminosos conhecidos na sala dele o lembrou que tinha colocado todo mundo a bordo da nave correndo um perigo enorme.

– Esta sala é segura? – perguntou Thorne.

– Deveria ser – disse Kai. – Nós usamos para conferências internacionais e...

– Cress.

– Pode deixar, capitão. – Cress tirou um tablet do bolso de trás e foi até o painel de controle embutido na parede para ativar a verificação de sistema que ela elaborou.

– Este é Konn Torin, meu conselheiro. Torin, você se lembra de Cin...

– Espere – disse Cinder, levantando a mão.

Kai parou.

Nove longos e silenciosos segundos se passaram entre eles antes que Cress finalmente desconectasse o tablet.

– Tudo limpo.

– Obrigado, Cress – disse Thorne.

Cinder baixou a mão.

– Agora, podemos falar.

Kai levantou uma das sobrancelhas.

– Certo. Torin, você se lembra de Cinder e Iko.

Torin assentiu para elas com os braços cruzados, e Cinder retribuiu o gesto, carregado de uma quantidade similar de tensão.

– Eu falei que o devolveria em segurança – disse ela.

Uma expressão de ironia surgiu no rosto de Torin.

– Você prometeu que nenhum mal seria feito a ele. Em minha opinião, isso inclui ferimentos físicos.

– Foi só um soco, Torin. – Kai deu de ombros para Cinder. – Tentei

explicar que era tudo parte da armação.

– Eu entendo perfeitamente, mas me perdoem por estar na defensiva. – Torin observou os novos convidados. – Apesar de ser grato por Kai ter sido devolvido, parece que essa provação ainda não acabou. Espero que você saiba o que está fazendo, Linh Cinder.

Kai esperava que ela fizesse algum comentário autodepreciativo sobre Torin não ser o único, mas, depois de um longo silêncio, ela só perguntou:

– O quanto ele sabe?

– Tudo – disse Kai.

Ela se virou para Torin.

– Nesse caso, obrigada pela ajuda. Eu gostaria de apresentá-lo ao resto da equipe: Iko você já conheceu, e este é o capitão da nave, Carswell Thorne, nossa engenheira de software, Cress Darnel, e meu oficial de segurança... Lobo.

Enquanto Torin cumprimentava os convidados com mais respeito do que era necessário, consideradas as circunstâncias, a atenção de Kai permaneceu em Cinder. Ela estava a dez passos dele, e por mais que Kai quisesse atravessar a sala e beijá-la, ele não podia. Talvez fosse a presença de Torin. Talvez fosse saber que eles estavam a caminho de Luna, onde ele se casaria. Talvez estivesse com medo de que o tempo que passaram na Rampion tivesse sido um sonho, frágil demais para sobreviver à realidade.

Apesar de ele tê-la visto três dias antes, parecia uma vida. Um muro foi erguido entre eles durante esse intervalo, embora ele não tivesse certeza do que tinha mudado. O relacionamento deles era precário. Kai sentia que, se respirasse do jeito errado, poderia destruir tudo, e via a mesma incerteza espelhada no rosto de Cinder.

– Ah, olhem – disse Iko, indo até a fileira de janelas. Luna estava surgindo em seu campo de visão, branca e cintilante e marcada com

mil crateras e penhascos. Eles estavam perto o bastante para ver os biodomos, a luz do sol brilhando na superfície.

Kai nunca na vida sonhou que fosse botar o pé em Luna. Ao vê-la, a inevitabilidade de seu destino gerou um nó apertado no estômago.

Cinder se virou para Kai. Ela estava fazendo um bom trabalho escondendo a ansiedade, mas ele estava aprendendo a desvendar o que ficava por baixo dos ombros empertigados e da expressão determinada.

– Espero que você tenha uma coisa para nós.

Kai indicou um armário encostado na parede.

Iko foi a primeira a chegar lá e abriu as portas com entusiasmo efervescente, mas murchou com rapidez quando viu as roupas que Nainsi tinha reunido. A pilha era uma mistura de marrons e cinza e brancos sem graça, linho e algodão. Roupas simples e utilitárias.

– Isso me parece certo – disse Lobo, que foi o mais útil em descrever o que as pessoas dos setores externos de Luna poderiam usar.

Enquanto eles olhavam as roupas e começavam a decidir quem ficava com que peça, Kai foi até outro armário e puxou uma peça de cobertura de androide de fibra de vidro e uma caixa de fibras de pele sintética.

– E isto é para Iko. Junto com tudo de que Cinder precisa para instalar.

Iko deu um gritinho e saiu correndo pela sala. Kai se preparou para outro abraço, mas ela foi para cima da peça e ficou maravilhada com os suprimentos. Cinder não demorou para ir atrás.

– São perfeitas – disse Cinder, examinando as fibras. Os olhos dela brilharam com provocação. – Sabe, se essa coisa de imperador não der certo, você pode ter uma carreira em espionagem.

Kai lançou um olhar irônico para ela.

– Vamos cuidar para que essa coisa de imperador dê certo, tá?

O rosto de Cinder se suavizou, e ela sorriu pela primeira vez desde que eles chegaram a bordo. Depois de colocar as fibras de volta na caixa, ela hesitou por um momento, deu alguns passos até Kai e enlaçou-o com os braços.

Ele fechou os olhos. E assim, com essa facilidade, o muro sumiu. Seus braços estavam ansiosos para puxá-la para perto.

– Obrigada – sussurrou Cinder, e ele soube que não era pelas roupas nem pelas peças de androide. As palavras saíram carregadas de fé e confiança e sacrifícios nos quais Kai ainda não estava pronto para pensar. Ele a apertou com mais força, encostando a têmpora no cabelo dela.

Cinder ainda estava sorrindo quando se afastou do abraço, embora estivesse cheia de determinação também.

– O tempo está se esgotando – disse ela. – Sugiro que repassemos o plano mais uma vez.

CAPÍTULO

Dezoito

Winter deixou a empregada arrumar seu cabelo, prendendo a parte de cima em uma trança grossa feita com fios de ouro e prata, e deixando o resto caído sobre os ombros. Ela deixou que a empregada escolhesse um vestido azul-claro que deslizava pela pele como água e uma tira de strass para acentuar o pescoço. Deixou que a empregada passasse óleo aromático em sua pele.

Ela não deixou a empregada passar maquiagem, nem para cobrir as cicatrizes. A empregada não insistiu muito.

– Acho que a senhorita não precisa, Alteza – disse ela, fazendo uma reverência.

Winter sabia que era dona de uma espécie de beleza excepcional, mas nunca havia tido um motivo para incrementá-la. Independentemente do que fizesse, olhares a seguiam pelos corredores. Independentemente do que fizesse, a madrasta rosnava e tentava esconder a inveja.

Mas, desde que Jacin confessou não ser imune à aparência dela, estava ansiosa pela oportunidade de se arrumar com roupas novas e elegantes. Não que ela esperasse que muita coisa resultasse disso, além de uma satisfação embriagante. Ela sabia que era ingenuidade pensar que Jacin poderia fazer uma coisa tão louca quanto confessar seu amor por ela. Isso se ele a amasse. Ela estava confiante de que amava, *deveria* amar, depois de todos aqueles anos... mas o jeito como ele a tratava tinha uma qualidade distante desde que entrou para a guarda real. O respeito profissional que ele mantinha lhe dava vontade de segurar as lapelas dele e beijá-*lo*, só para ver quanto

tempo demoraria para ele ceder.

Não, ela não esperava uma confissão nem um beijo, e sabia muito bem que paquera estava fora de questão. Ela só queria um sorriso de admiração, um olhar sem fôlego que lhe daria forças.

Assim que a empregada saiu, Winter espiou no corredor, onde Jacin montava guarda.

– Sir Clay, posso solicitar sua opinião antes de irmos receber nossos convidados terráqueos?

Ele esperou duas respirações inteiras para responder:

– Ao seu serviço, Vossa Alteza.

Mas não desviou a atenção da parede do corredor.

Winter ajeitou a saia e parou na frente dele.

– Eu queria saber se você acha que estou bonitinha hoje.

Outra respiração, um pouco mais alta.

– Não é engraçado, princesa.

– Engraçado? É uma pergunta sincera. – Ela fez um biquinho de lado. – Não sei se azul é minha cor.

Com uma expressão zangada, ele finalmente olhou para ela.

– Você está *tentando* me deixar maluco?

Ela riu.

– A maluquice adora companhia, Sir Clay. Eu reparei que você não respondeu minha pergunta.

Jacin contraiu o maxilar ao voltar o foco para algum ponto acima da cabeça dela.

– Vá procurar elogios em outro lugar, princesa. Estou ocupado protegendo você de ameaças desconhecidas.

– E que trabalho excelente está fazendo. – Ela tentou esconder a decepção quando voltou para o quarto, dando um tapinha no peito de Jacin ao passar. Mas, com o toque, a mão dele agarrou a saia dela, ancorando-a ao lado. O coração de Winter pulou, e, apesar de toda a

sua bravata, o olhar perfurante de Jacin a fez se sentir pequena e infantil.

– Por favor, pare de fazer isso – sussurrou ele, mais suplicante do que irritado. – Apenas... deixe pra lá.

Ela engoliu em seco e pensou em fingir ignorância. Mas, não... Ignorância era o que fingia para todo mundo. Não com Jacin. Nunca Jacin.

– Eu odeio isso – sussurrou ela em resposta. – Odeio ter que fingir que não vejo você.

A expressão dele se suavizou.

– Eu sei que você me vê. Isso é tudo o que importa. Certo?

Ela deu um aceno leve, mas não sabia se concordava. Como teria sido lindo viver em um mundo em que não tivesse que fingir.

Jacin a soltou, e ela entrou no quarto e fechou a porta. Ficou surpresa ao perceber que estava tonta. Devia ter prendido a respiração quando ele a parou, e agora...

Ela se deteve alguns passos depois de entrar na antessala. Suas entranhas se contraíram e as narinas se encheram com o odor férreo de sangue.

Estava ao redor dela. Nas paredes. Escorrendo do candelabro. Encharcando as almofadas do divã.

Um choramingo escapou de sua boca.

Havia semanas que não tinha uma visão. Nada a assombrou depois da volta de Jacin. Ela tinha esquecido o medo sufocante, o aperto de pavor no estômago.

Apertou bem os olhos.

– J-Jacin? – Uma coisa quente caiu em seu ombro, sem dúvida manchando a linda seda azul. Ela deu um passo para trás e sentiu o tapete fazer um barulho molhado debaixo dos pés. – Jacin!

Ele entrou pela porta de forma explosiva, e, apesar de ela estar

com os olhos bem fechados, imaginou-o atrás de si, com a arma na mão.

– Princesa... o que foi? – Ele segurou o cotovelo dela. – Princesa?

– As paredes – sussurrou ela.

Um momento, seguido de um xingamento baixo. Ela ouviu a arma ser recolocada no coldre, e ele estava na frente dela, com as mãos em seus ombros. A voz ficou baixa e carinhosa.

– Me conte.

Ela tentou engolir, mas a saliva era densa e metálica.

– As paredes estão sangrando. O candelabro também, e caiu no meu ombro, e acho que está manchando meus sapatos, estou sentindo o cheiro, o gosto, e por que... – A voz dela se descontrolou de repente. – Por que o palácio sente tanta dor, Jacin? Por que está sempre morrendo?

Ele a puxou para perto e aninhou o corpo dela. Os braços eram estáveis e protetores, e ele não estava sangrando e não estava destruído. Ela afundou no abraço, atordoada demais para retribuir, mas disposta a aceitar o consolo. Winter se afundou na segurança dele.

– Respire fundo – mandou ele.

Ela respirou, embora o ar estivesse tomado de morte.

Ela ficou feliz em soltar o ar novamente.

– É coisa da sua cabeça, princesa. Você sabe. Repita.

– É coisa da minha cabeça – murmurou ela.

– As paredes estão sangrando?

Ela fez que não e sentiu a pressão do broche militar dele em sua têmpora.

– Não. Elas não sangram. É só coisa da minha cabeça.

Ele a apertou mais.

– Você está bem. Vai passar. Mas continue respirando.

Ela continuou. E, repetidas vezes, a voz dele guiava cada respiração, até que o cheiro de sangue foi aos poucos sumindo.

Ela se sentiu tonta e exausta e com o estômago embrulhado, mas feliz porque o café da manhã não voltou.

– Está melhor agora. Passou.

Jacin expirou, como se também estivesse se esquecendo de respirar. Em seguida, em um momento estranho de vulnerabilidade, ele inclinou a cabeça e beijou o ombro dela, bem onde a gota inexistente de sangue tinha caído.

– Não foi tão ruim – disse ele, com uma nova leveza na voz. – Não teve janela, pelo menos.

Winter se encolheu, lembrando a primeira vez que viu o castelo sangrar. Ela ficou tão perturbada e desesperada para fugir que tentou se jogar da varanda do segundo andar. Jacin chegou bem a tempo de puxá-la de volta.

– Nem objetos afiados – disse ela, falando como piada. Teve uma vez que ela fez doze buracos na cortina tentando matar as aranhas que estavam nelas, acertando a própria mão no processo. Não fora um ferimento fundo, mas desde então Jacin cuidava para manter objetos afiados longe dela.

Ele a segurou com os braços esticados e a inspecionou. Winter forçou um sorriso, mas percebeu que não era forçado, afinal.

– Acabou. Eu estou bem.

O olhar dele ficou caloroso, e por um breve momento ela pensou: *É agora, é agora que ele vai me beijar...*

Houve uma tosse vinda da porta.

Jacin se afastou.

Winter se virou com o coração disparado.

Aimery estava na porta com a expressão sombria.

– Vossa Alteza.

Winter recuperou o fôlego e prendeu uma mecha de cabelo atrás da orelha; devia ter se soltado da trança. Ela estava toda quente. Afobada e nervosa e ciente de que deveria estar constrangida, mas estava mais irritada com a interrupção do que qualquer outra coisa.

– Taumaturgo Park – disse ela, com um aceno cordial. – Eu estava tendo um dos meus pesadelos. Sir Clay estava me ajudando.

– Entendo – disse Aimery. – Se o pesadelo passou, sugiro que ele retome a posição.

Jacin bateu os calcanhares e saiu sem dizer nada, apesar de ser impossível saber se foi por vontade própria ou se Aimery o estava controlando.

Ainda tentando se recompor, Winter deu um sorriso para o taumaturgo.

– Deve ser a hora de ir para as docas, certo?

– Quase – disse ele, e, para a surpresa dela, virou-se e fechou a porta do corredor.

Os dedos de Winter tremeram na defensiva, mas não por preocupação consigo mesma. O pobre Jacin odiaria ficar sozinho do outro lado, sem protegê-la se alguma coisa acontecesse.

Mas era um pensamento inútil. Mesmo se Jacin estivesse presente, ele não poderia fazer nada contra um taumaturgo. Winter costumava pensar que isso era uma fraqueza na segurança deles. Ela nunca confiou nos taumaturgos, mas eles tinham tanto poder no palácio.

Afinal, um taumaturgo matou seu pai, e ela nunca superou esse fato. Até hoje, uma manga comprida vista com o canto dos olhos costumava lhe dar um susto.

– Você precisa de alguma coisa? – perguntou ela, tentando parecer despreocupada. Ainda estava se recuperando da visão. O estômago tinha dado um nó, e havia suor quente grudado na nuca. Gostaria de se deitar por um minuto, mas não queria parecer mais fraca do que já

parecia. Do que já *era*.

– Vim fazer uma proposta um tanto interessante, Vossa Alteza – disse Aimery. – Na qual venho pensando há algum tempo e que espero que você concorde que é benéfica para nós dois. Já sugeri a ideia a Sua Majestade, e ela manifestou aprovação, com a condição de você consentir.

A voz dele era ao mesmo tempo escorregadia e gentil. Sempre que estava na presença de Aimery, Winter desejava ao mesmo tempo se esconder e se encolher, sonolenta, junto ao timbre firme dele.

– Me perdoe, Aimery, meu cérebro ainda está confuso da alucinação e estou tendo dificuldade em entender você.

O olhar dele passou por ela, parou nas cicatrizes e nas curvas, e Winter ficou feliz por não tremer involuntariamente.

– Princesa Winter Blackburn. – Ele se aproximou. Ela não conseguiu resistir a dar um passo para trás antes que pudesse se impedir. Medo era uma fraqueza na corte. Era bem melhor agir de maneira imperturbável. Era bem mais seguro agir como louca quando na dúvida.

Ela queria não ter dito que o pesadelo tinha acabado. Queria que as paredes tivessem continuado sangrando.

– Você é querida pelo povo. Amada. *Linda*. – Os dedos dele acariciaram o queixo dela com a delicadeza de uma pena. Desta vez, ela tremeu. – Todo mundo sabe que você nunca vai ser rainha, mas isso não quer dizer que não possa ter sua espécie de poder. Uma capacidade de acalmar as pessoas, de dar alegria a elas. O povo admira você imensamente. É importante que mostremos ao povo seu apoio à família real e à corte que a serve. Você não concorda?

A pele dela estava coberta de arrepios.

– Eu sempre demonstrei apoio à rainha.

– Claro que sim, minha princesa. – Quando queria, ele tinha um

sorriso lindo, e sua beleza fez o estômago dela se contrair. Mais uma vez, ele olhou para as cicatrizes. – Mas sua madrasta e eu concordamos que está na hora de fazer uma grande declaração para o povo. Um gesto simbólico que mostre onde você se encaixa nessa hierarquia. Está na hora, princesa, de você ter um marido.

Os músculos de Winter ficaram rígidos. Ela imaginou que o discurso chegaria nesse ponto, mas as palavras saídas da boca de Aimery eram repulsivas.

Ela apertou os lábios em um sorriso.

– Claro – disse ela. – Vou ficar feliz em pensar na minha felicidade futura. Já me disseram que há vários pretendentes que manifestaram interesse. Assim que as cerimônias de casamento e coroação da minha madrasta acabarem, vou ter prazer em dar uma olhada nos potenciais pretendentes e dar continuidade ao cortejo.

– Não vai ser necessário.

O sorriso dela era de gesso.

– O que você quer dizer?

– Eu vim pedir sua mão, Vossa Alteza.

Os pulmões dela entraram em convulsão.

– Nós somos um par perfeito. Você é linda e adorada. Eu sou poderoso e respeitado. Você precisa de um parceiro que possa protegê-la do seu dom e contrabalançar suas incapacidades. Pense bem. A princesa e o taumaturgo-chefe da rainha... vamos ser a maior fonte de inveja da corte.

Os olhos dele brilhavam, e ficou claro que ele já estava imaginando isso havia um bom tempo. Winter suspeitava que Aimery podia sentir atração por ela, e saber disso tinha sido fonte de incontáveis pesadelos. Ela *sabia* como ele tratava as mulheres por quem sentia atração.

Mas nunca imaginou que ele fosse procurar um casamento, acima

das famílias, acima até de um potencial arranjo terráqueo...

Não. Já que Levana seria uma imperatriz terrestre, não importaria se Winter fosse fazer ou não um arranjo de matrimônio com o planeta azul. Na verdade, casar a enteada fraca e patética com um homem dotado de uma capacidade tão impressionante de controlar as pessoas...

Era uma combinação inteligente, realmente.

O sorriso de Aimery provocou arrepios nela.

– Estou vendo que a deixei sem palavras, minha princesa. Posso interpretar seu choque como consentimento?

Ela se obrigou a sorrir e afastar o olhar; pudica, não enojada.

– Estou... lisonjeada com sua proposta, taumaturgo Park. Eu não mereço as atenções de alguém tão bem-sucedido quanto você.

– Não finja modéstia. – Ele aninhou a bochecha de Winter, que se encolheu. – Diga sim, princesa, e podemos anunciar nosso noivado na festa desta noite.

Ela recuou para longe do toque dele.

– Estou honrada, mas... isso é tão repentino. Preciso de tempo para pensar. Eu... eu preciso falar com minha madrasta e... e pensar...

– Winter. – O tom dele tinha uma aspereza nova, embora o rosto permanecesse gentil, até impassível. – Não há nada a considerar. Sua Majestade aprovou a união. Só falta você aceitar para a confirmação do nosso noivado. Aceite minha proposta, princesa. É a melhor que você vai receber.

Ela olhou para a porta, procurando algum consolo que não sabia qual era. Estava encurralada.

Os olhos de Aimery escureceram.

– Espero que você não esteja esperando que aquele guarda peça sua mão. Espero que não esteja alimentando uma fantasia infantil de que me recusar é aceitá-lo.

Ela trincou os dentes e sorriu com tensão.

– Não seja bobo, Aimery. Jacin é um amigo querido, mas não tenho intenções com ele.

Ele riu com deboche.

– A rainha jamais permitiria tal casamento.

– Eu acabei de falar que...

– Qual é sua resposta? Não brinque com palavras e significados, princesa.

A cabeça de Winter girou. Ela não queria, não podia dizer sim. Para Aimery? O cruel e mentiroso Aimery, que sorria quando havia derramamento de sangue no chão da sala do trono?

Mas dizer não também não seria boa ideia. Ela não ligava para o que poderiam fazer com ela, mas, se colocasse Jacin em perigo com sua recusa, se Aimery acreditasse que Jacin era o *motivo* da recusa dela...

Uma batida na porta prolongou a falta de decisão.

Aimery rosnou:

– O quê?

Jacin entrou, e, apesar de não ter expressão nenhuma no rosto, como sempre, Winter detectou um tom vermelho de ressentimento nas bochechas dele.

– Sua Alteza foi convocada para se reunir ao grupo da rainha, para se encontrar com os convidados terráqueos.

Winter relaxou de alívio.

– Obrigada, Sir Clay – disse ela, contornando Aimery.

Aimery segurou o pulso dela antes que saísse de seu alcance. Jacin levou a mão à arma, mas não a puxou.

– Eu quero uma resposta – disse Aimery, baixinho.

Winter colocou a mão em cima da de Aimery, imaginando-se despreocupada.

– Se quer agora, infelizmente a resposta vai ter que ser não – disse ela, com um descaso que negava seus verdadeiros sentimentos. – Mas me dê tempo para pensar na proposta, taumaturgo Park, e talvez a resposta seja diferente quando voltarmos a falar nisso.

Ela bateu de leve nos dedos dele e ficou grata quando ele a soltou.

Mas a expressão que ele lançou a Jacin quando passaram não falava em ciúme, mas em assassinato.

CAPÍTULO

Dezenove

Foi preciso uma quantidade heroica de esforço para Kai fingir que não estava passando mal de nervosismo. A nave parou com um baque que o fez pular. A presença de Torin ao lado dele, ao menos, era estabilizante, e ele ouviu os sussurros ansiosos dos embaixadores da Comunidade enquanto esperavam para desembarcar da sala comum da nave. Ele sentia cinco clandestinos escondidos na nave, apesar de não saber onde, então não havia como entregar a localização deles com um olhar perdido.

Se alguém ia atrair desconfiança, seria ele. Só ele e Torin sabiam sobre Cinder e os aliados dela, e a expressão de Torin era impassível, como sempre. A tripulação da nave estava ocupada demais com os procedimentos de chegada para questionar o desaparecimento da secretária de Defesa da América, e nenhum dos outros passageiros sabia que eles tinham recebido convidados.

Ao mesmo tempo, Kai não parava de pensar sobre essas pessoas, seus amigos, e o que ele as estava ajudando a fazer. Invadir Luna. Iniciar uma rebelião. Encerrar a guerra.

Ele também não parava de contar as milhares de coisas que poderiam dar errado.

Ele precisava se concentrar. Isso só funcionaria se Levana acreditasse que Kai estava determinado a ir até o fim com a aliança de casamento de uma vez por todas. Ele tinha que fazê-la pensar que tinha vencido.

A rampa começou a descer. Kai respirou fundo e prendeu o ar, tentando limpar a mente. Tentando *se* convencer de que queria que

esse casamento e essa aliança dessem certo.

O porto real de Artemísia estava brilhando desde o chão de uma forma que o deixou desconcertado na mesma hora. As paredes eram pedregosas e pretas, mas iluminadas por milhares de pequenas lâmpadas como um céu noturno estrelado. O porto continha dezenas de naves de vários tamanhos, a maioria lunares que cintilavam em um branco uniforme, pintadas com runas não familiares e exibindo o selo real. Kai também reconheceu emblemas entre as naves; alguns convidados terráqueos já tinham começado a chegar. Vê-los reunidos o encheu de medo.

Um movimento atraiu o olhar de Kai, que viu a própria Levana deslizando pela plataforma larga que envolvia as docas. Ela estava cercada pelo grupo: o sempre arrogante taumaturgo-chefe Aimery Park estava à direita, e uma garota de vestido azul-claro ia atrás da rainha, com a cabeça baixa e o rosto obstruído pelo cabelo ondulado volumoso. Havia mais cinco taumaturgos e pelo menos doze guardas. Era uma segurança impressionante; um exagero, na opinião de Kai.

Levana estava esperando que alguma coisa desse errado? Ou seria uma demonstração de intimidação?

Preparando-se, Kai desceu a rampa para encontrar a rainha. Seu próprio grupo, que incluía dez guardas, foi atrás.

– Vossa Majestade – disse Kai, aceitando a mão esticada de Levana. Ele se inclinou para beijá-la.

– Sempre tão formal – retrucou Levana, com aquela voz repugnante que provocava arrepios na pele dele. – Não podemos nos referir um ao outro em termos tão idiotas para sempre. Talvez eu deva chamá-lo de agora em diante de Meu Amado e você deva me chamar de Sua Querida.

Kai ficou parado perto da mão dela, o ódio fazendo sua pele arder onde tocava a de Levana. Depois de um momento prolongado, ele a

soltou e se empertigou.

– *Vossa Majestade* – recomeçou –, é uma honra ser recebido em Luna. Meus ancestrais ficariam cheios de orgulho ao testemunhar uma ocasião assim.

– O prazer é meu. – O olhar de Levana foi até os embaixadores reunidos na rampa da nave. – Espero que você ache nossa hospitalidade agradável. Se precisar de alguma coisa, avise um dos servos e eles cuidarão para que tudo seja providenciado.

– Obrigado – disse Kai. – Estamos curiosos com os famosos luxos da cidade branca.

– Não tenho dúvida. Vou mandar servos serem trazidos para descarregarem seus pertences e levarem aos seus aposentos.

– Não será necessário. Nossa tripulação já está descarregando a nave. – Ele fez um gesto para trás. Uma segunda rampa de carga e descarga tinha sido baixada no compartimento de carga. Ele fez questão de dizer para o capitão que queria que a tripulação cuidasse disso como prioridade. Queria ter certeza de que a nave seria esvaziada de pessoas e carga o mais rápido possível, para que Cinder e os outros não ficassem presos nas docas por muito tempo.

– Que eficiente – disse Levana. – Nesse caso, seus embaixadores podem seguir o taumaturgo Lindwurm até nossas suítes de convidados. – Ela indicou um homem de casaco preto. – Tenho certeza de que eles devem querer descansar depois da viagem longa.

Pouco depois, os companheiros nervosos de Kai estavam sendo levados por um par de portas enormes em arco, que cintilavam com um desenho de uma lua crescente acima da Terra. Apesar de a presença de seus companheiros terrestres não oferecer segurança nenhuma, Kai se sentiu abandonado quando ele, Torin e seus guardas ficaram para trás.

– Espero que não ache grosseria eu não oferecer apresentações

completas para seus convidados – disse Levana. – Minha enteada se perturba com facilidade, e rostos novos em excesso poderiam deixá-la nervosa. – Ela esticou a mão para o lado, como se estivesse conduzindo uma sinfonia. – Mas quero apresentar a *você*, pelo menos, minha enteada, a princesa Winter Hayle-Blackburn de Luna.

– Claro. Eu ouvi falar muito... sobre... você.

Kai perdeu-se em seu discurso quando a princesa levantou a cabeça e o observou através de uma cobertura de cílios grossos. Foi um olhar rápido, quase um vislumbre, mas bastou para que uma onda de calor subisse pelo pescoço de Kai até as orelhas. Ele tinha ouvido falar da beleza lendária da princesa. Beleza que não era criada por glamour, como a de Levana. Os boatos não eram exagero.

Kai limpou a garganta e forçou um sorriso controlado.

– Estou honrado em conhecê-la, Vossa Alteza.

Os olhos da princesa eram provocadores quando ela deu um passo para o lado da rainha e fez uma reverência com a graça de uma dançarina. Quando se levantou, Kai reparou nas cicatrizes pela primeira vez. Três cicatrizes uniformes cortavam a bochecha direita. Elas também eram lendárias, junto com a história de como, por inveja, Levana fez a princesa mutilar o próprio rosto.

A visão deu um nó em seu estômago.

A princesa Winter deu um sorriso dócil de lábios cerrados.

– A honra é minha, Vossa Majestade Imperial. – Chegando mais perto, ela deu um beijo leve na bochecha machucada de Kai. As entranhas dele viraram gelatina. Ele teve a presença de espírito de ficar agradecido por Cinder não estar testemunhando essa interação, pois alguma coisa dizia que ele nunca deixaria de ouvir sobre isso.

A princesa deu um passo para trás, e ele conseguiu respirar de novo.

– Com as apresentações terminadas, acho seguro deixarmos de

lado qualquer formalidade futura. Afinal, com as núpcias vindouras, você é praticamente meu pai.

Kai oscilou e seu queixo caiu.

Uma gargalhada silenciosa brilhou no olhar da princesa quando ela voltou à posição atrás da madrasta. Ela não parecia perturbada *nem* nervosa.

A rainha lançou um olhar irritado para a enteada e fez um gesto para o homem do outro lado dela.

– Você se lembra, claro, do meu taumaturgo-chefe, Aimery Park.

Kai fechou a boca e inclinou a cabeça, embora o taumaturgo oferecesse só a arrogância de sempre em resposta.

– Bem-vindo a Luna – disse ele.

Ao observar o grupo, Kai reconheceu dois guardas. Ver o capitão da guarda da rainha não foi surpresa, mas seus dentes se trincaram quando ele notou o guarda louro que era como uma sombra de Sybil Mira quando ela foi hóspede em Nova Pequim.

Suas entranhas se contorceram de desconfiança. Cinder havia pensado que esse guarda era aliado, mas ela desconfiava que ele os tinha denunciado para Sybil quando estavam tentando fugir do palácio. A presença dele ali, de uniforme novamente, confirmava as desconfianças dela.

Não importava, pensou ele. Cinder teve sucesso apesar da traição dele.

Levana sorriu, como se detectasse a rebelião nos pensamentos de Kai, apesar de todas as tentativas dele de parecer complacente.

– Acredito que isso deixa apenas uma questão para cuidarmos antes de levarmos vocês aos seus aposentos. – Ela estalou os dedos, e dois taumaturgos e seis guardas fizeram posição de sentido. – Revistem a nave deles.

Apesar de todas as suas tentativas de agir com normalidade, Kai

não conseguiu se livrar do pânico que ardeu em seu peito.

– Como é? – disse ele, virando a cabeça enquanto o grupo marchava por ele. – O que vocês estão fazendo?

– Meu querido amado, você não achou que eu confiaria cegamente na sua palavra depois de você ter demonstrado tanta solidariedade com meus inimigos, achou? – Ela entrelaçou os dedos. Eles podiam estar falando sobre o tempo. – Quando estávamos monitorando sua frota, reparamos que vocês acolheram a bordo alguns passageiros da República Americana, mas parece que eles são tímidos demais para se mostrar.

O estômago de Kai despencou quando um dos guardas o puxou junto com Torin para trás da rainha, e ele teve que olhar impotente enquanto os homens de Levana subiam a bordo da nave. Se seus guardas pensaram em oferecer alguma proteção, já estavam sob controle lunar.

Kai apertou os punhos.

– Isso é um absurdo. Os americanos estavam com o grupo que você acabou de mandar lá para dentro. Não há nada na nave além de bagagem e presentes de casamento.

O rosto da rainha endureceu.

– Para seu bem, imperador Kaito, eu espero que seja verdade. Porque, se você veio aqui para me trair, temo que esta acabe sendo uma visita incrivelmente desagradável.

CAPÍTULO

Vinte

Cinder estava encostada no canto de um armário de depósito, com o coração disparado na escuridão. Faixas leves de luz entravam pelas frestas da porta, permitindo que ela identificasse os perfis e olhos brilhantes dos companheiros. Ela ouvia o movimento e os barulhos conforme o compartimento de carga ia sendo esvaziado embaixo dos pés deles.

Ela tentou pensar naquilo como um retorno ao lar. Tinha nascido ali, naquela lua, naquela cidade. Ali, seu nascimento fora comemorado. E também, ali, ela teria sido criada para ser rainha.

Mas não importava como tentava pensar na situação; ela não se sentia em casa. Estava escondida em um armário com a possibilidade bem real de ser morta no momento em que alguém a reconhecesse.

Ela olhou para os companheiros. Lobo estava ao lado, com o maxilar tenso e a testa firme de concentração. Na parede oposta, Iko estava agachada com as mãos sobre a boca, como se a necessidade de ficar quieta fosse uma tortura. No silêncio vazio, Cinder detectou um zumbido sutil vindo da androide, uma indicação das máquinas por baixo da pele sintética. O pescoço estava consertado, pois Kai tinha trazido exatamente o que Cinder precisava.

De pé ao lado de Iko, Thorne estava com um braço em volta dos ombros de Cress, sua mão livre coçando o queixo. Encostada nele, Cress parecia mais pálida do que o habitual, com a ansiedade evidente até na escuridão.

Eles eram um grupo heterogêneo com as roupas amarronzadas que Kai havia levado, inclusive um chapéu de tricô preto para cobrir

o cabelo azul de Iko, e luvas pesadas para a mão ciborgue de Cinder. Colocá-las gerou muitas lembranças. Houve uma época em que ela usava luvas para tudo, quando tinha tanta vergonha de ser ciborgue que se recusava a mostrar a prótese. Ela não conseguia lembrar quando isso mudou, mas agora as luvas pareciam uma mentira.

Um brilho azul chamou sua atenção para Cress, que tinha ligado um tablet e estava examinando um diagrama do porto real de Artemísia.

– Estamos em uma posição boa – sussurrou ela, inclinando a tela para mostrar a eles. Havia três saídas do porto, uma que levava ao palácio acima, uma que se ligava às docas públicas de espaçonaves da cidade, e uma que levava aos túneis dos trens de levitação magnética, o destino deles. Os túneis formavam um sistema de transporte subterrâneo complexo, unindo todos os setores de Luna. Cinder estudou o sistema tantas vezes que teria decorado mesmo se não tivesse feito o download do mapa para a interface cérebro-máquina. Para ela, o sistema parecia uma teia, e a capital Artemísia era a aranha.

Cress estava certa. Os pilotos pararam a nave perto da saída que os levaria para os túneis de trens de levitação magnética. Era o melhor que podiam esperar.

Mas ela não conseguia negar que era tentador abandonar o plano, esquecer a paciência, tentar acabar com tudo ali, naquele instante. Ela estava na porta de Levana. Estava *tão perto*. Seu corpo estava todo tenso, pronto para invadir o palácio e seu exército.

Ela olhou para Lobo. Os punhos dele ficavam se flexionando. Havia morte em seus olhos. *Ele* invadiria o palácio com ela, ela sabia, na esperança de Scarlet estar lá. Mas eles nem sabiam se Scarlet ainda estava viva.

Mas era o desespero que a estimulava, não a confiança. Mesmo se

passasse pela segurança de Levana e a matasse, também acabaria morta. Aí, algum outro lunar se apresentaria para tomar o trono e Luna não ficaria melhor do que estava antes.

Ela enterrou a tentação no fundo do estômago. A questão ali não era assassinar Levana. Era dar voz aos cidadãos de Luna e garantir que essa voz fosse ouvida.

Ela tentou se distrair repassando o plano em pensamento. Essa era a parte mais perigosa, mas ela torcia para que Levana e sua equipe de segurança estivessem tão ocupadas com os convidados terráqueos chegando que nem repariam em um grupo de trabalhadores saindo pelo porto real. O objetivo deles era chegar ao Setor MR-9, onde esperavam encontrar os pais de Lobo e receber abrigo temporário, no qual poderiam começar a fase seguinte do plano: informar ao povo de Luna que a verdadeira rainha tinha voltado.

Se eles chegassem lá sem serem detectados, Cinder sabia que teriam chance.

O barulho de passos a assustou. Estava alto demais, como se alguém estivesse no mesmo nível que eles, não abaixo, no compartimento de carga. Ela trocou expressões desconfiadas com os companheiros. Uma porta distante foi fechada, e ela ouviu alguém gritando ordens. Mais passos foram ouvidos em seguida.

– Sou só eu, ou parece que alguém está revistando a nave? – sussurrou Thorne.

As palavras dele espelharam os pensamentos dela. A compreensão logo virou horror.

– Ela sabe que estamos aqui. Estão nos procurando.

Ela olhou para os companheiros, com expressões que iam de pavor a ansiedade, e todos eles, Cinder percebeu com um susto, encaravam-na. Esperando instruções.

Fora do armário apertado, as vozes ficaram mais altas. Alguma

coisa caiu no chão.

Cinder apertou os punhos com luvas.

– Lobo, Thorne, assim que um taumaturgo vir um de vocês, vai tentar controlá-los. – Ela lambeu os lábios. – Tenho permissão de assumir o controle de vocês primeiro? Só dos corpos, não das mentes.

– Eu estava esperando você admitir que queria meu corpo – disse Thorne. Ele colocou a mão na arma da cintura. – Fique à vontade.

Lobo pareceu menos animado, mas deu um aceno rápido.

Cinder projetou sua vontade em Thorne com a mesma facilidade com que cortava um pedaço de tofu. A energia de Lobo era mais caótica, mas ela passou tanto tempo treinando com ele a bordo da Rampion que também notou pouca resistência. Cinder sentiu os membros deles como se fossem uma extensão dos seus. Embora soubesse que estava fazendo aquilo para a própria proteção deles, para impedir que fossem transformados em armas do inimigo, ela não conseguiu deixar de sentir que manipulá-los era trair a confiança deles. Era um equilíbrio injusto de poder; a segurança deles era responsabilidade dela.

Ela pensou em Levana, forçando o guarda a receber a bala por ela no baile real, e se perguntou se algum dia tomaria uma decisão semelhante com um dos amigos.

Ela esperava nunca ter que fazer isso.

Uma voz ecoou em um corredor próximo.

– Nada na sala de máquinas. Vocês, separem-se. Revistem esses corredores e relatem o que encontrarem.

Eles estavam perto, e, se houvesse um taumaturgo, ela sabia que não demoraria até ele ou ela estar perto o bastante para detectar a bioeletricidade vinda do depósito. Ela imaginou a disposição da nave e tentou elaborar um plano, mas havia pouca esperança de fugir sem anunciar sua presença.

Eles teriam que lutar para sair da nave. Teriam que lutar até os trens de levitação magnética.

– Cinder – sussurrou Thorne. O corpo dele estava imóvel como uma estátua, esperando a ordem. – Me mande lá para fora.

Cress virou a cabeça para ele, mas Thorne não devolveu o olhar.

Cinder franziu a testa.

– O quê?

– Me mande como isca, pela rampa principal e para longe das portas até os trens. Vou afastá-los por tempo suficiente para vocês saírem pelo compartimento de carga.

– Thorne...

– Ande. – Os olhos dele brilharam. Ele continuou sem olhar para Cress. – Nós chegamos até Luna. Você não precisa de piloto aqui, nem de capitão.

A pulsação dela acelerou.

– Você não precisa...

Lá fora, alguém gritou:

– A sala da imprensa está vazia!

– Pare de desperdiçar tempo – disse Thorne entredentes. – Vou levá-los para longe e dou a volta para encontrar vocês.

Ela sabia que ele estava sendo confiante demais, mas Cinder se viu assentindo na mesma hora em que Cress começou a balançar negativamente a cabeça.

– Meu controle sobre você vai ser intermitente dentro da nave, mas, se eu conseguir encontrá-lo, vou tomá-lo de volta assim que estivermos todos lá fora. – *Se eles não tomarem você primeiro*, pensou ela, sem querer falar em voz alta. Controlar um terráqueo como Thorne era fácil, mas tirar o controle de um taumaturgo era significativamente mais difícil.

– Entendi. – O maxilar de Thorne se contraiu.

– Tome cuidado – disse Cress, mais um gritinho do que um sussurro, e a atenção de Thorne se voltou para ela por um brevíssimo momento...

Mas Cinder abriu a porta com um chute e jogou Thorne no corredor. Ele bateu na parede, mas se empurrou e cambaleou para a esquerda. Os braços e pernas se moveram conforme ele corria para o convés principal. Não demorou para que estivesse fora do alcance dela. Havia aço demais os separando. Cinder perdeu o controle, e Thorne estava por conta própria.

Segundos depois que seu domínio sobre ele se rompeu, ouviu-se um estrondo. Thorne tinha quebrado alguma coisa.

Cinder torcia para não ser algum artefato de valor inestimável da Comunidade.

Na câmara ao lado, um estampido de pés correu atrás dele. Quando Cinder projetou os pensamentos, não sentiu nenhuma outra bioeletricidade além da de Lobo. Aquele lado da nave estava vazio.

Ela colocou a cabeça no corredor. Não havia sinal de ninguém a bordo. Do outro lado da nave, ouviu gritos.

Cinder correu na direção oposta à qual enviou Thorne. Os outros correram atrás dela, descendo dois níveis em uma escada estreita em espiral, por uma cozinha industrial que fazia a da Rampion parecer brinquedo de criança, e por um corredor utilitário separando as docas das naves de passeio. Eles pararam acima da escotilha que os levaria ao compartimento de carga. Cinder ainda ouvia movimento de pés e barulho de máquinas abaixo, mas não tinha como saber se eram os trabalhadores terráqueos descarregando a carga ou os lunares a inspecionando.

Independentemente de quem fosse, não havia tempo para esperar que partissem.

Cinder carregou uma bala no dedo. Eles tinham encontrado

munição suficiente a bordo da Rampion, mas ela não conseguia deixar de desejar que Kai tivesse arranjado mais dardos tranquilizantes para ela na Terra.

Tarde demais. Não havia tempo para pensar.

Lobo abriu a escotilha e pulou primeiro. Cinder mais uma vez tomou controle do corpo dele, para o caso de haver lunares lá embaixo, mas não tinha nada a ver com o rosnado e com o brilho dos dentes.

Ela foi atrás dele. O chão estalou quando Iko desceu em seguida, com os baques hesitantes dos passos de Cress na escada logo depois.

Três pessoas que estavam inspecionando as caixas se viraram para olhar para eles. Cinder registrou os uniformes de um taumaturgo de casaco preto e dois guardas lunares na mesma hora em que uma arma disparou.

A perna esquerda deu um pulo embaixo dela, com a onda de choque vibrando pelo quadril até a espinha. A bala acertou a coxa de metal.

Cress gritou e ficou imóvel na escada, e só soltou os degraus quando Iko a segurou e puxou. Cinder mandou as pernas de Lobo se mexerem. Eles correram para trás de uma caixa carregada de mercadorias da Comunidade na hora em que outra bala quicou na parede acima. Uma terceira acertou a caixa e lascou a madeira do outro lado.

Os tiros pararam.

Cinder pressionou as costas na caixa e se reorientou. Ela projetou os pensamentos, encontrou a bioeletricidade dos lunares estalando no aposento, mas é claro que os guardas já estavam sob o controle do taumaturgo.

A rampa que os permitiria escapar da nave ficava do lado oposto do compartimento de carga.

Um silêncio sinistro se espalhou, deixando Cinder assustada, tentando ouvir passos indo na direção deles. Ela esperava que os lunares fossem tentar cercá-los. As armas não ficariam silenciosas por muito tempo.

Os membros de Lobo ficaram imóveis pela primeira vez, e ocorreu a Cinder que *ela* o mantinha tão imóvel. Só a expressão dele estava viva. Feroz, enlouquecida. Ele era a melhor arma, mas, sob o controle dela, ele seria desajeitado e estabanado, não tão brutal quanto poderia ser sozinho. O treinamento deles a bordo da Rampion se concentrou em deter um inimigo. Desarmá-lo. Afastar uma ameaça.

Ela desejou que eles tivessem passado mais tempo treinando como transformar pessoas em armas. Era uma habilidade na qual Levana e seus seguidores eram excelentes.

Lobo encarou os olhos dela, e um pensamento lhe ocorreu. Ela estava controlando o corpo dele, mas não a mente e as emoções. E se mudasse de tática? Ainda poderia protegê-lo do poder do taumaturgo enquanto permitia que ele fizesse o que fazia melhor.

– Pegue o taumaturgo – sussurrou ela, e soltou o corpo de Lobo, agarrando seus pensamentos. Cinder ofereceu a ele uma visão da primeira coisa terrível que lhe veio à mente: a luta a bordo da Rampion entre eles e Sybil Mira. O dia em que Scarlet foi levada.

Lobo pulou por cima da caixa. Tiros explodiram, balas ricochetearam, paredes tremeram.

Iko rugiu e passou voando por ela, derrubando um guarda que apareceu no canto da visão de Cinder. A arma dele disparou; a bala acertou o teto. Iko deu um soco nele, e a cabeça bateu no chão de metal. O corpo dele parou de se sacudir, inconsciente.

Cinder levantou-se num pulo, segurando a mão ciborgue como uma arma, e viu o segundo guarda se esgueirando pelo outro lado. O rosto dele estava vazio, sem medo. E então, enquanto ela o observava,

a expressão passou. Seus olhos se concentraram em Cinder, perplexos.

O taumaturgo tinha perdido o controle dele.

O momento era passageiro. O guarda rosnou e mirou a arma em Cinder, mas era tarde demais. Ela já tinha agarrado a bioeletricidade dele. Com um pensamento, ela o enviou para a inconsciência. Ele ficou de joelhos e caiu de cara no chão com um estrondo. Sangue jorrou do nariz. Cinder se encolheu.

Um grito ecoou pelo compartimento.

Cinder não conseguia mais ver Lobo, e o terror tomou conta. Ao assumir o controle do guarda, ela se esquecera de proteger a mente de Lobo de...

Os gritos pararam, e logo houve um baque.

Um segundo depois, Lobo apareceu, saindo de trás de uma estante cheia de malas, rosnando e balançando o punho direito.

Com a pulsação latejando, Cinder se virou e viu Iko com o braço ao redor de Cress, muito pálida.

Eles correram para a rampa, e Cinder ficou agradecida pelo fato de o declive estar direcionado para longe da entrada do palácio. Conforme eles iam se esgueirando, ela observava os arredores, tanto com os olhos quanto com o dom lunar. Naquele espaço aberto, sentia um amontoado de gente ao longe e notou que havia terráqueos e lunares misturados.

O caminho deles até as portas dos trens de levitação magnética ao menos estava liberado. Se tomassem cuidado, poderiam ficar escondidos atrás daquela fila de naves.

Ao menos até um daqueles lunares sentir a energia vibrante de Lobo e se perguntar o que um soldado modificado estava fazendo ali.

Ela balançou o braço, e eles seguiram pela lateral da rampa. Cinder aguardou o tempo de uma respiração por um sinal de que eles tinham

sido notados. Como não houve nenhum, correram até a nave seguinte, e até a seguinte. Cada barulho de passos ressoava nos ouvidos dela. Cada respiração parecia uma ventania.

Um grito a assustou, e, juntos, eles se agacharam atrás do trem de pouso de uma nave elaboradamente pintada da União Africana. Cinder sustentou a mão em posição, com a bala ainda carregada no dedo.

– Ali! – gritou alguém.

Cinder espiou ao redor das pernas da espaçonave e viu uma pessoa correndo entre as naves. Thorne, indo para longe deles a toda a velocidade.

Ainda não controlado por um lunar.

Com o coração aos saltos, Cinder procurou a mente dele, torcendo para alcançá-lo antes de um dos lunares do outro lado da doca...

Sucesso.

Como com Lobo, ela enfiou uma ideia na cabeça dele.

Volte para cá.

Com um susto, Thorne tropeçou e caiu, rolou duas vezes e se levantou. Cinder se encolheu de culpa, mas ficou aliviada quando ele mudou de direção. Thorne contornou duas naves de passeio e desviou de uma saraivada de balas vindas de um grupo de guardas que surgiu da rampa principal da nave de Kai.

– Eu o peguei – disse Cinder. – Vamos.

Mantendo parte do foco em Thorne e o resto em seus movimentos cuidadosos, Cinder ficou perto de Lobo enquanto eles se protegiam atrás de uma nave e saíam de trás dela, ziguezagueando pela plataforma ampla que batia na altura dos ombros por todo o perímetro da doca. A saída surgiu à frente. Uma porta dupla enorme, entalhada com misteriosas runas lunares. Uma placa acima delas indicava o caminho até a plataforma dos trens de levitação

magnética.

Eles chegaram na última nave. Ficaram sem proteção. Quando estivessem na plataforma, o terreno seria elevado e aberto.

Cinder olhou para trás. Thorne estava deitado de bruços embaixo da cauda de uma nave individual. Ele sinalizou para eles irem e se apressarem.

– Iko, você e Cress vão primeiro – disse Cinder. Se elas fossem vistas, ao menos não poderiam ser manipuladas. – Vamos dar cobertura a vocês.

Iko se colocou entre Cress e a porta do palácio, e elas correram pelo pequeno lanço de escadas. Cinder virou a arma embutida de um lado para outro, procurando ameaças, mas os guardas estavam concentrados demais em encontrar Thorne para reparar neles.

Um sibilar atraiu a atenção dela de volta à plataforma. Iko e Cress estavam na porta, que permanecia fechada.

O estômago de Cinder despencou.

A porta deveria se abrir automaticamente.

Mas... não. Levana os aguardava. É claro que tomou precauções para garantir que não escapassem.

O rosto dela se contorceu e o desespero a soterrou. Ela lutou para pensar em outra saída. Lobo seria forte o bastante para abrir a porta? Eles conseguiriam abri-la com disparos?

Enquanto revirava o cérebro, uma nova expressão surgiu em Cress, substituindo o pavor de olhos arregalados por determinação. Cinder seguiu o olhar dela até uma cabine de controle circular que ficava entre a entrada que levava aos trens e a do palácio. Antes que Cinder adivinhasse o plano, Cress ficou de quatro e começou a engatinhar junto à parede.

Uma arma disparou. Cress se encolheu, mas seguiu em frente.

Logo em seguida, houve outro disparo, e outro, cada um fazendo

Cinder se abaixar mais. Com o terceiro tiro, houve ruído de vidro se estilhaçando.

Cinder se virou com o coração na garganta e procurou Thorne. Ele não tinha se movido, mas estava segurando uma arma mirada para trás. Tinha atirado em uma janela da nave de Kai.

Ele estava criando outra distração, tentando atrair mais atenção para si, a fim de afastá-los de Cress.

Com a garganta seca como areia do deserto, Cinder olhou para trás e viu que Cress tinha chegado à cabine. Ela estava segurando o tablet, com os dedos da outra mão dançando acima de uma invisitela. Iko ainda estava ao lado da porta, agachada, pronta para pular e correr à menor provocação.

Ao lado de Cinder, Lobo estava concentrado em Thorne, pronto para correr para a luta assim que uma fosse iniciada.

Passos soaram na rampa da nave de Kai, e mais guardas lunares ocuparam os corredores. Mas não eram os guardas que preocupavam Cinder. Eles não seriam habilidosos o bastante para detectar Thorne no meio deles. Eram os taumaturgos que a preocupavam, mas ela não conseguia encontrá-los.

Portas assobiaram. Lobo segurou o cotovelo de Cinder antes que ela conseguisse se virar e a puxou para a plataforma.

Cress tinha conseguido abrir a porta.

Iko já estava do outro lado, com as costas em uma parede de corredor, acenando para eles. Tinha sacado a própria arma pela primeira vez e estava procurando um alvo.

– *Ali!*

Lobo e Cinder subiram a escada. Uma bala ricocheteou na parede, e ela se abaixou e cambaleou pela porta. Eles bateram contra a parede ao lado de Iko.

Cinder olhou para trás, ofegante. Os perseguidores tinham

desistido de tentar pegá-los desprevenidos e estavam correndo na direção deles a toda a velocidade. Mas Thorne tinha a vantagem e também abriu mão do esconderijo em nome da velocidade. Cinder alimentou a mente dele com imagens: as pernas correndo tão rápido quanto as de uma gazela, os pés mal tocando o chão. Ela temia que transformá-lo em marionete fosse só desacelerá-lo, mas o encorajamento mental pareceu dar certo. A velocidade dele aumentou. Ele subiu a escada em dois passos.

Por cima do ombro dele, Cinder finalmente viu a taumaturga, uma mulher de cabelo preto curto e casaco vermelho.

Trincando os dentes, ela levantou o braço e disparou. Não sabia onde a tinha acertado, mas a mulher gritou e caiu.

Thorne se jogou pela porta na hora em que os guardas chegaram à base da escada da plataforma. A porta se fechou atrás dele.

Thorne desabou encostado na parede, segurando o peito. As bochechas estavam vermelhas, mas os olhos vibravam de adrenalina enquanto ele olhava para o grupo. Para Cinder, para Iko, para Lobo.

O sorriso crescente sumiu.

– Cress?

Cinder, ainda recuperando o fôlego, balançou a cabeça.

O maxilar dele ficou flácido de pavor. Ele se empurrou da parede e correu para a porta, mas Lobo pulou na sua frente e segurou os braços de Thorne nas laterais do corpo.

– Me solte – rosnou Thorne.

– Não podemos voltar – disse Lobo. – É suicídio.

Para pontuar as palavras dele, uma saraivada de balas acertou a porta, com os estalos metálicos ecoando pelo corredor no qual eles estavam presos.

– Nós não vamos abandoná-la.

– Thorne... – começou Cinder.

– Não! – Thorne soltou um braço e deu um golpe, mas Lobo se abaixou. Em meio momento, Lobo já tinha se virado e prendido Thorne contra a parede, a mão enorme no pescoço dele.

– Ela nos deu essa chance – declarou Lobo. – Não a desperdice.

O maxilar de Thorne se contraiu. Seu corpo estava tensionado como um cabo esticado, pronto para lutar, embora ele não fosse páreo para Lobo. O pânico era visível em cada linha de seu corpo, mas muito lentamente as respirações erráticas começaram a se regularizar.

– Nós temos que ir – disse Cinder, quase com medo de sugerir.

O foco de Thorne se dirigiu para a porta fechada.

– Eu poderia ficar? – sugeriu Iko num tom inseguro. – Eu poderia voltar para pegá-la?

– Não – respondeu Cinder. – Nós ficamos juntos.

Thorne se encolheu, e Cinder percebeu a crueldade das palavras tarde demais. O grupo já estava dividido.

Ela se aproximou para colocar a mão no braço de Thorne, mas pensou melhor.

– Ainda estaríamos lá se não fosse por ela. Nós *todos* teríamos sido capturados, mas, graças a Cress, não fomos. Ela nos salvou. Agora, temos que ir.

Ele apertou os olhos. Seus ombros murcharam.

Seu corpo todo estava tremendo, mas ele assentiu.

Lobo o soltou, e eles correram.



LIVRO

Dois

O caçador teve pena dela e disse: “Fuja para a floresta, criança, e não volte nunca.”



CAPÍTULO

Vinte e um

Em um determinado momento durante a agitação que aconteceu depois da chegada do imperador Kaito, Jacin se colocou na frente de Winter (seu eterno protetor), e ela agarrou o tecido da camisa dele com a mão fechada. A presença dele era em parte consolo, em parte irritação. Ele bloqueava sua vista.

Mas ela tinha uma visão clara como o nascer do dia quando viu quatro pessoas saírem correndo pela saída que levava aos trens de levitação magnética. As portas se fecharam no meio de uma saraivada de balas. Apesar de estarem longe demais para ver, Winter tinha certeza de que uma daquelas pessoas era Linh Cinder.

Sua querida prima desaparecida, a princesa Selene.

– Atrás deles! – gritou Levana.

Os guardas que foram enviados para revistar a nave do imperador estavam na saída em segundos, tentando abrir a porta, mas elas nem se mexiam.

Levana girou nos calcanhares para encarar Sir Jerrico Solis.

– Envie uma equipe pelo palácio para as entradas do lago, outra pela cidade. Tente interceptá-los na plataforma.

Jerrico prendeu a mão no punho e saiu correndo, mandando oito guardas seguirem junto.

– Aimery – gritou Levana –, mande que todos os trens saindo de Artemísia sejam detidos. Mande revistá-los, assim como todos os túneis e plataformas. Eles não podem sair da cidade. E descubra como conseguiram passar por aquela porta!

Aimery fez uma reverência.

– Eu já convoquei o técnico. Vamos travar todo o sistema.

Com as narinas dilatadas, Levana empertigou a coluna e se virou para encarar o imperador. Ele estava de pé na parte de trás do pequeno grupo, sozinho exceto pela companhia de alguns guardas terráqueos e do conselheiro. Mas não parecia estar com medo. Winter achou que devia estar, mas os lábios dele estavam apertados em um esforço para não sorrir.

Winter inclinou a cabeça e o inspecionou. Ele parecia estar sentindo orgulho. Quase arrogância. Ela começou a sentir culpa por tê-lo provocado antes.

– Clandestinos – disse ele, quando tinha a atenção de Levana. Os ombros se balançaram em um movimento despreocupado. – Que surpresa inesperada.

O rosto de Levana estava ferozmente lindo. De tirar o fôlego de tanta crueldade.

– Você trouxe um inimigo conhecido para o coração do meu país. Em um momento de cessar-fogo mútuo, você cometeu um ato de traição.

Kai nem se mexeu.

– Minha lealdade é à Comunidade das Nações Orientais e à Terra. Não a Luna, e certamente não a você.

Levana apertou os olhos.

– Você parece confiante de que não vou mandar matá-lo por isso.

– Não vai – disse ele, com uma abundância de confiança, como a madrasta de Winter supôs. A princesa se contorceu de repente com medo por ele. – Pelo menos, ainda não – consertou Kai.

Uma sobrancelha perfeita foi erguida.

– Você está certo – disse Levana. – Talvez eu mate seu conselheiro, então. Claro que ele estava ciente dessa sua traição escancarada da minha confiança.

– Faça comigo o que quiser – disse o conselheiro, tão inabalável quanto Kaito. – A *minha* lealdade é só do meu imperador.

A bochecha de Kai tremeu.

– Se você fizer mal a qualquer um dos seus convidados terráqueos como punição ou ameaça a mim, eu vou me recusar a ir em frente com esse casamento.

– Aí não vou ter mais motivo para mantê-lo vivo.

– Eu sei – disse Kai –, mas também não vai ser imperatriz.

Os olhares deles se confrontaram enquanto Winter, Jacin e os outros guardas observavam. Os batimentos de Winter estavam erráticos enquanto ela esperava a ordem da rainha para matarem o imperador, pela insolência e pelo papel no transporte de Linh Cinder até Artemísia.

A porta do palácio se abriu e um guarda entrou, acompanhando um dos técnicos.

– Minha rainha, chamou?

Aimery deu um passo à frente.

– Houve ordens rigorosas para que as saídas deste porto fossem trancadas, mas parece que aconteceu algo de errado. Sua Majestade quer saber o que foi e ter certeza de que não vai acontecer de novo.

O técnico fez uma reverência e saiu correndo pela plataforma na direção do painel de controle que monitorava as saídas e a câmara enorme das naves depois das portas do porto.

Winter os observava quando seu olhar captou um movimento. Ela franziu a testa, segura de ter visto alguém se abaixando atrás de parte da carga terráquea.

Ou tão segura quanto podia ficar de qualquer coisa que visse, ou seja, não muito.

A madrasta se voltou de novo para o imperador e balançou o braço na direção dele, irritada com a presença.

– Levem os terráqueos para os aposentos deles – disse ela. – E façam com que fiquem lá.

O imperador e seu grupo não ofereceram resistência quando o guarda os levou com mais força do que era necessário. Kai não olhou na direção de Winter, mas quando passou ela viu que ele não estava mais escondendo o sorriso. Ele podia ter se tornado prisioneiro da rainha, mas estava claro que via aquilo como uma vitória.

Os passos altos dos guardas tinham sumido quando o técnico gritou:

– Minha rainha!

Seus dedos estavam dançando nas telas, com o rosto transtornado de pânico. Levana foi na direção dele. O resto do grupo a seguiu, e, apesar de Jacin ter se movido para ficar na frente de Winter, ela se desviou dele e deu um pulo à frente, ignorando seu rosnado. Ela observou as pilhas de caixas e malas de novo, mas não havia sinal da pessoa misteriosa que imaginou ter visto antes.

– O quê? – disse Levana com rispidez.

O técnico não se virou dos controles. Na tela mais próxima, Winter via um mapa do sistema de transporte e uma mensagem de erro piscando no canto. Jacin apareceu de novo ao lado dela e lhe lançou um olhar gelado por sair do círculo de proteção dele. Ela o ignorou.

– É... – começou o técnico. Ele se virou para outra tela.

– Sugiro que você encontre sua língua, antes que eu a desabilite permanentemente – disse Levana.

O técnico tremeu e se virou para encará-los, embora suas mãos permanecessem inúteis perto das telas.

– O sistema está...

Levana esperou.

Winter ficou muito preocupada com a vida daquele homem.

– ... inacessível, minha rainha. Não consigo... eu não consigo

acessar os horários dos trens, a sobreposição manual... até as entradas da plataforma principal foram trancadas. Com... com exceção do corredor que a liga a essas docas, que foi a única coisa deixada desimpedida.

Levana apertou os lábios em uma linha firme e não disse nada.

– O sistema foi invadido? – perguntou Aimery.

– S-Sim, acho que sim. Poderíamos levar horas para reconfigurar os códigos de acesso... eu nem sei o que *fizeram*.

– Você está me dizendo que não consegue nem fazer os trens saindo da cidade pararem? – disse Levana.

O técnico estava pálido.

– Vou continuar tentando, Vossa Majestade. Vou ter um acesso bem melhor ao sistema da sala de controle do palácio, então vou só...

– Você tem algum aprendiz? – perguntou a rainha. – Ou um parceiro de trabalho?

Os pelos do pescoço de Winter se eriçaram.

O técnico gaguejou:

– N-Nós somos três... aqui no palácio... mas eu tenho mais experiência, com mais de vinte anos de serviço leal, e...

– Matem-no.

Um guarda tirou a arma do coldre. Winter virou a cabeça e, apesar de ser um pensamento mesquinho, ela ficou feliz de não ser Jacin o obrigado a cometer o assassinato. Se ele ainda fosse guarda do taumaturgo-chefe, poderia ter sido.

– Por favor, minha rai...

Winter deu um pulo quando o tiro ressoou por sua cabeça, seguido de um som com que ela estava muito familiarizada. Um choramingo. Vindo de trás da pilha de caixas.

Atrás dela, o estalo de fios e estilhaços de plástico sugeria que a bala tinha acertado uma das telas também. O guarda colocou a arma

no coldre.

Aimery se virou para a rainha.

– Vou fazer contato com Jerrico, para ver se as equipes dele conseguiram acesso à plataforma, e alertá-lo de que o caminho pode estar fechado.

– Obrigada, Aimery. Alerte também os outros dois técnicos sobre o problema com o sistema de trens.

Aimery pegou o tablet e se afastou do grupo, indo na direção da beirada da plataforma. Ele estava virado para a pilha de caixas, e apesar de a atenção estar no tablet, Winter procurava outro sinal de vida embaixo.

Ali. Um pé, ela pensou, encolhido contra um baú grande.

Winter deu um leve suspiro de alegria e entrelaçou os dedos embaixo do queixo. Todos se viraram para ela, assustados com a sua presença, o que não era incomum.

– Você acha que os terráqueos nos trouxeram presentes, madrasta?

Sem esperar resposta, ela levantou as saias e andou na direção da carga, subindo nas pilhas irregulares de caixas e baús até ter chegado ao nível mais baixo.

– Winter – cortou Levana –, o que você está fazendo?

– Procurando presentes! – gritou ela, rindo. A sombra de Jacin caiu sobre ela lá de cima. Winter conseguia visualizar a expressão dele, até o tremor irritado das sobrancelhas, e sabia que, de onde estava com o resto do grupo da rainha, ele não via o que ela estava vendo.

Uma garota de cabelos louros curtos e olhos azuis apavorados estava bem encolhida. As costas estavam grudadas a uma caixa e o corpo todo tremia.

Winter levantou a cabeça e sorriu, primeiro para Jacin e depois para a madrasta. Esforçando-se ao máximo para não olhar para o

sangue na parede mais distante.

– Esta diz que tem vinho da Argentina! Deve ser dos americanos. Podemos brindar a uma tarde tão agitada.

Ela se inclinou sobre a garota trêmula e abriu a caixa com um estalo alto. Em seguida, levantou a tampa.

– Ah, droga, a caixa mentiu. Só tem enchimento.

Segurando a tampa com uma das mãos, ela começou a puxar os papéis picados o mais rápido que conseguiu, espalhando no chão a seus pés. A garota ficou olhando para ela.

A voz da madrasta estava fria como gelo:

– Sir Clay, por favor, escolte sua protegida daqui. Ela está passando vergonha.

As palavras dela carregavam peso demais, mas Winter não tentou decifrá-las. Estava ocupada cutucando a garota com o dedão do pé e indicando para que entrasse na caixa.

As botas de Jacin fizeram barulho nas caixas quando ele desceu na direção dela. Winter segurou o cotovelo da garota e a empurrou, fazendo com que se mexesse. Ela ficou de joelhos, segurou a beirada da caixa e se jogou lá dentro, o barulho sendo abafado pelo de Winter amassando papel.

Sem esperar para ver se a garota estava confortável, Winter fechou a tampa quando Jacin desceu para seu lado. O sorriso se abriu mais para ele.

– Ah, que bom, você está aqui! Pode me ajudar a carregar esses papéis para meu quarto. Que presente atencioso dos americanos, não acha?

– Princesa...

– Eu concordo, Jacin. Uma caixa cheia de papel é bagunçada demais para ser presente de casamento, mas não devemos ser ingratos.

Ela pegou uma braçada de papel e saiu andando na direção da entrada do palácio, sem ousar olhar para trás.

CAPÍTULO

Vinte e dois

Cinder estava acostumada a sentir a energia de Lobo, incansável e agitada, saindo dele como fumaça, como ondas de calor no asfalto. Mas isso era novidade vindo de Thorne, normalmente inabalável. Enquanto eles corriam por uma escadaria interminável, cada vez mais fundo no subterrâneo de Luna, a energia de Thorne foi ficando tão palpável quanto a de Lobo. Furioso, apavorado, cheio de culpa. Cinder queria poder desligar seu dom lunar para não ter que lidar com a sobrecarga de emoções dos companheiros, além das dela própria.

Eles perderam Cress. Levana sabia da traição de Kai. O grupo já estava fragmentado e o plano dela estava desmoronando.

Os degraus terminaram em um corredor longo e estreito ladeado de estátuas de túnica, cada uma segurando uma esfera iluminada que emitia luz no teto em arco. O chão era feito de milhares de azulejos pretos e dourados, criando um padrão que girava e encolhia como a Via Láctea. Seria uma maravilha de olhar se eles tivessem tempo de admirar, mas os pensamentos de Cinder estavam tumultuados demais. Procurando sons de perseguição. Visualizando o rosto de Cress, determinado, apesar do medo. Tentando planejar o próximo passo e o que fariam se os trens falhassem, pois Levana devia saber para onde estavam indo.

No final do corredor, chegaram a outra escadaria em espiral, entalhada em madeira escura e polida. O corrimão e os degraus eram ondulados e irregulares, e Cinder demorou dois lanços, segurando nos corrimões para, em sua pressa, não cair de cabeça, para perceber

que a escada fora feita para se assemelhar a um polvo enorme que oferecia passagem com seus tentáculos ondulados.

Tão lindo. Tão estranho. Tudo feito com talento e detalhes impressionantes. E tudo isso só em uns túneis dezenas de metros abaixo da superfície da Lua. Ela não conseguia imaginar o quanto o palácio devia ser lindo.

Eles chegaram a outra porta dupla decorada com um mapa artístico mostrando todo o sistema de trens de levitação magnética.

– Esta é a plataforma – disse Iko, a única que não estava ofegando.

– Eu vou primeiro – disse Cinder. – Se tiver alguém lá, vou usar um glamour para fazer com que nos vejam como integrantes da corte de Levana. Qualquer taumaturgo, nós matamos na hora. Todas as outras pessoas, nós ignoramos.

– E guardas? – perguntou Iko.

– Os guardas são fáceis de controlar. Deixe que eu cuido deles. – Ela ajeitou as luvas grossas que Kai deu a ela e abriu os pensamentos, preparada para detectar a bioeletricidade de qualquer pessoa que pudesse estar na plataforma. Encostou as palmas das mãos nas portas. Com o toque, elas se abriram em quatro seções que espiralaram para dentro da parede. Cinder entrou na plataforma.

Vazia.

Ela não achava que fosse ficar assim por muito tempo.

Três veículos brancos cintilantes esperavam nos trilhos. Eles correram para o primeiro. Cinder deixou os outros entrarem antes, pronta para invocar um glamour ao primeiro sinal de alguém se aproximando, mas a plataforma permaneceu silenciosa. Lobo segurou Cinder e a arrastou junto.

– Como fazemos essa coisa funcionar? – gritou Iko, batendo na tela de controle. O trem permaneceu aberto e imóvel. – Fechar porta! Partir! Nos tire daqui!

– Não vai funcionar para você – disse Lobo, se inclinando ao lado de Iko para encostar as cinco pontas dos dedos na tela. Ela se iluminou e as portas se fecharam.

Era uma sensação falsa de proteção, mas Cinder não resistiu a um suspiro de alívio.

Uma voz tranquila encheu o veículo.

– Bem-vindo, Alfa Ze'ev Kesley, Agente Especial Lunar Número 962. Aonde devo levar você?

Ele olhou para Cinder.

Ela encarou a tela, avaliando as possibilidades. Dar instruções para o setor MR-9 era um jeito certo de levar Levana direto para eles. Ela abriu um mapa de Luna no display da retina, tentando criar a melhor rota, que levaria Levana para longe de seu encalço.

– CS-1 – disse Thorne.

Ele estava caído no chão entre os dois bancos forrados, as mãos por cima dos joelhos e a cabeça encostada na parede. Com a expressão desanimada e a postura encolhida, estava quase irreconhecível. Mas, ao ouvir a voz dele, o veículo se levantou usando a força magnética por baixo dos trilhos e disparou para longe de Artemísia.

– Coleta seletiva? – disse Iko.

Thorne deu de ombros.

– Achei que seria bom ter um plano B caso uma coisa assim acontecesse.

Após um silêncio breve, no qual o maquinário de Iko zumbiu, ela disse:

– E o plano B é ir para o setor de coleta seletiva?

Thorne ergueu o rosto. A voz estava neutra quando explicou:

– É um trajeto curto de Artemísia, então não vamos dar tempo demais para Levana se reorganizar e enviar gente atrás de nós antes

de sairmos deste trem. E é um dos setores com mais conexões em Luna, considerando que todo mundo produz lixo. Tem quinze túneis de trens de levitação magnética saindo daquela plataforma. Podemos andar um percurso a pé, tirá-los do nosso encalço e começar a volt...

– Não diga – disse Cinder. – Não sabemos se vamos ser gravados aqui.

Thorne fechou a boca e assentiu.

Cinder sabia que ele ia dizer que eles podiam voltar na direção de MR-9. Ela se concentrou no setor CS-1 no mapa que tinha na cabeça, e Thorne estava certo. Era um plano inteligente. Ela não conseguia acreditar que não tinha pensado nisso.

– Boa, Thorne.

Ele deu de ombros de novo, sem entusiasmo.

– Gênio do crime, lembra?

Cinder se sentou no banco ao lado de Lobo e deu um breve descanso ao corpo tomado de adrenalina.

– O sistema reconheceu você.

– Todos os cidadãos lunares estão no banco de dados. Só estou desaparecido há poucos meses, por isso achei que ainda não teriam removido minha identificação.

– Você acha que vão reparar se um agente especial que deveria estar na Terra aparecer de repente?

– Não sei. Mas, enquanto estivermos usando o trem, usar minha identidade vai atrair menos atenção do que a sua. E sem Cress aqui para invadir o sistema...

Thorne fez uma careta e encostou a testa na parede do trem. Eles ficaram em silêncio por um tempo, a ausência de Cress preenchendo os espaços vazios ao redor.

Foi só com a falta dela que Cinder percebeu o quanto eles contavam com Cress. Ela poderia tê-los colocado no sistema de trens

de levitação magnética sem ter que usar nenhuma identificação. E Cress tinha confiança de que, quando chegassem a MR-9, ela conseguiria desarmar qualquer equipamento de segurança que pudesse entregá-los. Além do mais, tinha a questão importantíssima de infiltrar o sistema de transmissões para espalhar a mensagem de Cinder para os cidadãos de Luna.

Mas saber o quanto a perda de Cress tinha impacto no objetivo deles não era nada em comparação ao horror que Cinder sentia. Cress seria torturada para entregar informações sobre o paradeiro deles e depois morta, era quase certo.

– Ela é cascuda – observou Cinder. – Eles não conseguem detectar a bioeletricidade dela. Enquanto ficar escondida, vai estar...

– Não – disse Thorne.

Cinder encarou os nós brancos dos dedos e procurou uma coisa significativa para dizer. Seu grande plano de revolução e mudança tinha acabado de começar e ela já se sentia um fracasso. Mas isso parecia pior do que falhar com o povo de Luna. Ela tinha falhado com as pessoas de quem mais gostava no mundo.

Por fim, ela sussurrou:

– Eu sinto muito, Thorne.

– É – disse ele. – Eu também.

CAPÍTULO

Vinte e três

Jacin estava aborrecido ao extremo quando Winter o levou até o elevador.

– Por que estou com uma sensação ruim sobre isso? – resmungou ele, olhando para Winter com expressão desconfiada.

– Você tem uma sensação ruim sobre *tudo* – disse ela, cutucando-o com o ombro. Era um gesto brincalhão, que sempre a deixava ansiosa pela retribuição. Desta vez, não foi retribuído. Ela franziu a testa. – Esqueci uma coisa no porto. Só vai demorar um segundo.

Ela bateu os cílios para Jacin.

Ele fez cara feia e afastou o rosto. Estava no modo guarda. O uniforme. A postura. A incapacidade de sustentar o contato visual por mais de meio segundo.

O guarda Jacin não era seu Jacin favorito, mas ela sabia que era só um disfarce, que foi dado a ele contra a vontade.

Ela estava se coçando para contar a verdade desde o momento em que saíram do porto. Estava tomada de ansiedade pelo destino da garota que colocou dentro da caixa. Estaria ela ainda escondida? Teria tentado fugir e se juntar aos amigos? Teria sido encontrada? Capturada? Morta?

Aquela garota era aliada de Linh Cinder e talvez amiga de sua Scarlet também. O medo pela vida da garota deixou Winter em uma agitação inquieta pelas duas horas que se obrigou a esperar no quarto, para não chamar atenção para sua volta às docas. Seu conhecimento do sistema de vigilância do palácio a impediu de contar o segredo até para Jacin. Foi um segredo difícil de guardar.

Mas, se ela estava agindo de um jeito esquisito, nem Jacin questionou. Sem dúvida, a empolgação do dia era motivo mais do que suficiente para a agitação.

– O que foi? – perguntou Jacin.

Winter afastou o olhar da tela do elevador acima da porta.

– Como?

– O que você esqueceu no porto?

– Ah. Você vai ver?

– Princesa...

As portas se abriram. Ela segurou o braço dele e o puxou pela galeria extravagante onde os artemísios podiam esperar o transporte. Aquele nível estava vazio, como ela esperava. Apesar de ter sido fácil para Winter obter acesso ao porto com os guardas do palácio acima (foi preciso pouco mais do que um beicinho emburrado e uma rejeição desafiadora dos resmungos de Jacin), os portos estavam interditados durante a visita terráquea. *Para a segurança das naves e dos pertences deles*, dissera Levana, mas Winter sabia que era para impedir que qualquer pessoa tentasse ir embora.

Os portos estavam silenciosos quando eles entraram na plataforma principal. O chão iluminado fazia as sombras das naves parecerem monstruosas no teto alto, e as paredes amplas ecoavam cada passo, cada respiração. Winter imaginou ouvir seus batimentos trovejantes sendo ricocheteados de volta até ela.

Ela saiu andando pela plataforma com Jacin logo atrás, caminhando rápido. Não conseguiu deixar de olhar para a cabine de controle, e, apesar de ainda haver uma tela quebrada e algumas manchas escuras na parede, o corpo do técnico tinha sumido. Até onde ela sabia, os substitutos dele ainda estavam no centro de controle principal do palácio tentando recuperar o acesso ao sistema defeituoso.

Ela voltou a atenção para o nível mais baixo, e um alívio infinito tomou conta de si ao ver a carga intocada. Embora a bagagem pessoal dos embaixadores tivesse sido levada para as suítes, os presentes e as mercadorias de troca foram deixados para trás para serem buscados depois.

Winter viu a caixa de vinho argentino. Seu passo acelerou.

– Estrelas do céu – resmungou Jacin. – Se você me trouxe até aqui para pegar mais papel...

– *Papel* – disse Winter, subindo nas caixas de uma forma que não era adequada a uma dama – é um recurso muito difícil de se obter. Os setores madeireiros têm demanda em excesso por material de construção. Já precisei trocar um par de sapatinhos de seda por meia dúzia de cartões, sabia?

Era parcialmente verdade. Boa parte dos produtos de papel disponíveis nas lojas de Artemísia eram feitos de polpa de bambu, um dos poucos recursos que cresciam em abundância nos setores agricultores. Mas o bambu também contribuía para a manufatura têxtil e de móveis, e até esse papel tinha suprimento limitado.

Winter gostava de papel. Gostava do jeito firme e tátil como amassava nos dedos dela.

Jacin se sentou em uma caixa de plástico, com as pernas penduradas na beirada. Na solidão serena das docas, o guarda Jacin se retirou.

– Você quer transformar papel de embalagem em cartão?

– Ah, não – disse ela. – Não tenho interesse em papel.

Ele ergueu uma das sobrancelhas.

– No vinho, então?

Winter abriu a caixa.

– Nem no vinho.

Ela prendeu a respiração e arremessou a tampa, que caiu ao lado

da próxima caixa. Winter se viu olhando para um caixote imenso, com uma camada de garrafas de vinho bem embaladas, e nenhum sinal da garota.

O coração dela despencou.

– O quê? – Jacin se inclinou para espiar dentro da caixa. Seu rosto foi tomado por uma camada de preocupação. – Princesa?

Ela abriu os lábios, mas voltou a fechá-los. Virou-se em um círculo lento, examinando as caixas empilhadas ao redor. A garota poderia ter entrado em qualquer uma delas.

Ou poderia ter fugido.

Ou poderia já ter sido encontrada por alguém.

Jacin desceu de onde estava e segurou o cotovelo dela.

– O que foi?

– Ela sumiu.

– *Ela?*

– Tinha... – Ela hesitou. Seu olhar se dirigiu a uma das muitas câmeras discretas por toda a doca. Apesar de a rainha certamente ter mandado desligá-las quando estava ali, Winter não fazia ideia se já tinham sido religadas ou não.

Jacin se irritou de impaciência, mas também de preocupação. Verificar as câmeras era o primeiro sinal de que alguém estava indo contra a vontade da rainha. Depois de uma observação rápida do teto, ele balançou a cabeça.

– Não tem luz nenhuma. Ainda estão desligadas. – Mas ele falou com a testa franzida. – Conte para mim o que está acontecendo.

Winter engoliu em seco.

– Tinha uma garota. Acho que ela veio com Linh Cinder e os companheiros. Eu a vi se esgueirando por essas caixas enquanto a rainha estava discutindo com o técnico, então a escondi aqui. Mas... agora ela sumiu.

Jacin se balançou nos calcanhares. Winter esperava que ele chamasse a atenção dela por fazer uma coisa tão perigosa, e logo na frente da rainha. Mas, depois de uma longa hesitação, ele perguntou:

– Como ela era?

– Pequena. Com cabelo louro curto. Estava com medo. – Lembrar-se da expressão apavorada da garota fez Winter tremer. – Talvez ela tenha tentado se juntar aos companheiros. Ou... ou será que voltou para a nave do imperador?

O olhar de Jacin tinha perdido o foco.

– Cress – sussurrou ele, virando-se. Ele soltou o cotovelo de Winter, subiu nas caixas e pulou para a plataforma acima.

– O quê? Jacin? – Ela levantou a saia acima dos joelhos e correu atrás dele. Quando voltou para a plataforma, Jacin estava na cabine de controle, abrindo armários cheios de fios e cabos e peças de computador que Winter não entendia.

Ele encontrou a garota atrás da terceira porta que abriu, com o corpo encolhido em uma posição tão apertada que Winter não conseguia acreditar que não tinha sufocado. Os olhos arregalados grudaram em Jacin e se arregalaram ainda mais do que era possível.

Winter parou de repente quando Jacin esticou a mão para o armário e puxou a garota. Ela deu um gritinho e tentou recuperar o equilíbrio enquanto Jacin fechava a porta. A garota soltou o braço da mão dele e recuou para a parede, tremendo como um animal enjaulado.

Em vez de esticar a mão para ela de novo, Jacin deu um passo para trás e apertou a ponte do nariz. Ele falou um palavrão.

– Princesa, você tem que parar de colecionar esses rebeldes.

Ignorando-o, Winter se aproximou da garota, com as mãos em sinal de calma.

– Nós não vamos machucar você – disse ela. – Está tudo bem.

A garota lançou um olhar rápido a ela antes de se virar para Jacin. Apavorada, mas também com raiva.

– Meu nome é Winter – disse ela. – Você está ferida?

– Nós não podemos ficar aqui – falou Jacin. – As câmeras vão ser religadas a qualquer minuto. É um milagre ainda não terem sido.

A garota continuou olhando para ele com ferocidade tímida.

– Espere. – Jacin riu. – Você as desabilitou, não foi?

A garota não disse nada.

Winter virou a atenção para Jacin.

– *Ela* as desabilitou?

– Essa garota era o segredo mais bem guardado da rainha. Ela consegue usar qualquer sistema de computador. – Ele cruzou os braços, com a expressão severa virando quase um sorriso. – É você que anda mexendo no transporte também.

Os lábios da garota se tornaram uma linha fina.

– Qual é seu nome? – perguntou Winter.

Como a garota continuou sem responder, Jacin falou:

– O nome dela é Cress. Ela é cascuda e é aliada de Linh Cinder. – Ele coçou a têmpora. – Imagino que você não tenha um plano sobre o que vamos fazer com ela.

– Nós poderíamos levá-la escondida para a ala de convidados. Tenho certeza de que o imperador terráqueo cuidaria dela. Ele os ajudou a chegar aqui, afinal.

Jacin fez que não.

– Ele está cercado de segurança demais. Jamais conseguiríamos chegar perto com ela. Além do mais, quanto menos gente que conhece você a ajudasse, menos chance haveria de Levana descobrir.

A garota, Cress, pareceu relaxar quando ficou claro que Winter e Jacin não iriam mandar executá-la. Winter sorriu para ela.

– Eu nunca conheci uma cascuda. Que dom maravilhoso. Não

consigo sentir você, é como se você nem estivesse aqui, apesar de estar bem na minha frente. – Seu sorriso se alargou. – Isso deixaria minha madrasta furiosa.

– *Foi* um cascudo que matou os últimos rei e rainha – disse Jacin. – Talvez possamos transformá-la em uma assassina.

Winter se virou para ele, estupefata.

– Ela *parece* assassina?

Ele deu de ombros.

– Ela parece capaz de desabilitar todo o nosso sistema de trens de levitação magnética?

– Eu não desabilitei. – A voz de Cress soou baixa, mas Winter ficou tão surpresa de ouvi-la falar que foi como se tivesse dado um grito. – Só mudei os parâmetros de acesso para a rainha não o desligar.

Jacin ficou encarando-a.

– Mas você poderia desabilitar se quisesse.

Depois de um momento, a garota baixou o olhar para o chão.

– Temos que encontrar um lugar para ela – disse Winter, puxando um cacho de cabelo. – Um lugar seguro.

– Por quê? – perguntou Cress. – Por que vocês estão me ajudando?

Winter não sabia se a garota estava perguntando para ela ou para Jacin, mas ele respondeu primeiro com um resmungo:

– Boa pergunta.

Winter deu um empurrão no ombro do guarda. Ele mal se mexeu.

– Porque é a coisa certa a fazer. Vamos proteger você. Não vamos, Jacin?

Como Jacin não disse nada, Winter o empurrou de novo.

– Não vamos?

Jacin suspirou.

– Acho que podemos levá-la escondida até o alojamento dos guardas. Não fica longe e não vamos ter que entrar na parte principal

do castelo.

Com descrença óbvia, Cress disse:

– *Você* vai me proteger?

– Meio contra a vontade – retrucou Jacin. – Mas parece que sim.

– Enquanto pudermos – disse Winter. – E, se a oportunidade surgir, vamos fazer o melhor para juntar você aos seus amigos.

Pela primeira vez, as defesas de Cress começaram a baixar.

– Eles escaparam?

– Parece que sim. Ainda não foram encontrados, pelo que eu saiba.

– Mas a rainha não vai parar de procurar – acrescentou Jacin, como se as duas não soubessem disso.

Cress tinha parado de tremer. A expressão dela ficou pensativa enquanto observava Jacin. Finalmente, ela perguntou:

– Por acaso o alojamento dos guardas tem acesso à rede de transmissão real?

CAPÍTULO

Vinte e quatro

O progresso pelos setores externos de Luna foi lento e tedioso. Às vezes, eles pegavam trens de levitação magnética; às vezes, andavam pelos túneis; às vezes, usavam a identidade de Lobo para enviar um trem vazio antes de entrar em outra plataforma e seguir na direção oposta. Às vezes, se separavam e se reencontravam alguns setores depois, para confundir qualquer equipe de segurança procurando um grupo de dois homens e duas mulheres viajando juntos.

Eles mantiveram as cabeças baixas. Iko deixou o cabelo escondido debaixo do chapéu. Cinder ficava mexendo nas luvas para ter certeza de que a mão de metal não seria vista por nenhuma das câmeras. Apesar de evitarem todas as câmeras de segurança que podiam, ela sabia que deviam estar capturando imagens deles. Ela esperava que houvesse tantos feeds de vigilância em Luna que não pudessem ser todos monitorados.

Apesar de ocasionalmente se aventurarem na superfície para pegar uma linha diferente, eles evitavam sempre que podiam. Lobo avisou que a maioria dos setores externos era patrulhada por guardas armados. Mesmo que em teoria estivessem lá para garantir a segurança das pessoas, parecia que passavam mais tempo punindo qualquer um que ousasse falar contra a coroa. Nas poucas vezes que se esgueiraram até os domos da superfície, eles prosseguiram sem incômodos com seus disfarces e posturas humildes, mas Cinder sabia que não demoraria para que as medidas de segurança fossem aumentadas em toda a Luna.

Eles quase não falavam. Cinder passou horas repassando a batalha

na doca, relembrando cada erro em pensamento, tentando determinar um jeito de ter tirado todos de lá em segurança, de salvar Cress, de tirar Kai das garras de Levana.

Ela não encontrou uma solução boa.

A agitação constante dos pensamentos ameaçou levá-la à loucura.

Quanto mais se afastavam de Artemísia, mais os arredores mudavam. Começou a parecer que tinham entrado em um mundo diferente. A julgar pela opulência das docas reais, Cinder construiu uma imagem do quanto Luna devia ser linda. Mas logo ficou claro que os setores externos não recebiam nada dos luxos da capital. Cada plataforma pela qual passavam exibia sinais de negligência: paredes de pedra desmoronando e luzes oscilantes. As pichações que cobriam as paredes de um túnel falavam de inquietação.

ela está olhando... dizia uma mensagem pintada de branco nas paredes pretas. Outra perguntava: você viu meu filho?

– Como saberíamos se tivéssemos visto? – perguntou Iko. – Não deixaram descrição.

– Acho que é para levar você a pensar – disse Cinder.

Iko franziu a testa, sem parecer pensativa.

Eles paravam quando ouviam um trem se aproximando ou quando tinham que esperar uma plataforma esvaziar, aproveitando o breve descanso antes de seguir em frente. Tinham levado alguns pacotes de ração, pois não sabiam quando teriam oportunidade de encontrar mais, e Cinder os dividia em pequenas quantidades, embora ninguém estivesse com tanta fome assim.

Apesar de Cinder saber que não devia ser a única com as costas e pernas doloridas, ninguém reclamou. Iko era a única que mantinha um andar gracioso, pois sua bateria tinha sido totalmente carregada antes de saírem da nave de Kai.

De trem, a viagem devia ter durado só umas duas horas. Quando

enfim chegaram ao destino, o relógio interno de Cinder dizia que eles tinham saído de Artemísia mais de dezenove horas antes.

Quando deixaram o túnel escuro e entraram na plataforma da estação RM-9: mineração de regolito, a beleza elaborada de Artemísia pareceu um sonho distante. Os azulejos brilhantes e estátuas intrincadas sumiram, a madeira polida e as esferas iluminadas também. Essa plataforma era escura e fria e tinha gosto de ar estático e estéril. Cada superfície estava coberta por uma camada de poeira, anos de pegadas marcadas. Cinder passou a mão por uma parede e seus dedos ficaram acinzentados.

– Pó de regolito – disse Lobo. – Cobre tudo aqui.

Iko encostou as mãos em uma parede. Quando as tirou, duas marcas permaneceram, perfeitas, mas sem as linhas normais da palma da mão humana.

– Não parece saudável – murmurou Thorne.

– Não é. – Lobo passou a mão no nariz, como se a poeira estivesse fazendo cócegas. – Entra nos pulmões. A doença do regolito é comum aqui.

Cinder trincou os dentes e acrescentou *vida e condições de trabalho insalubres* à longa lista de problemas que ia ter que resolver quando fosse rainha.

Iko passou as mãos sujas de pó na calça.

– Parece abandonado.

– Todo mundo está trabalhando, nas minas ou nas fábricas.

Cinder verificou o relógio interno, que tinha sincronizado com o horário lunar antes de sair da Rampion.

– Temos uns oito minutos até o fim do dia de trabalho. – Ela se virou para Lobo. – Podemos esperar aqui ou tentar encontrar a casa dos seus pais. O que você quer fazer?

Ele pareceu em dúvida ao espiar por uma escadaria estreita e

irregular.

– Devíamos esperar aqui. Não tem muitos motivos para as pessoas estarem nas ruas durante o horário de trabalho. Nós ficaríamos óbvios demais. – Ele engoliu em seco. – Além do mais, eles podem não estar lá. Meus pais podem estar mortos.

Ele tentou falar com indiferença, mas não conseguiu.

– Tudo bem – disse Cinder, voltando para as sombras do túnel. – A que distância estamos das fábricas?

Lobo estava com a testa franzida, e ela o viu tentando se lembrar de detalhes do lar da infância.

– Não muito longe. Eu me lembro de elas ficarem todas amontoadas perto do centro do domo. Acho que vamos conseguir nos misturar com os trabalhadores assim que o dia terminar.

– E as minas?

– Ficam mais longe. Tem duas entradas de mina do outro lado do domo. O regolito é um dos poucos recursos naturais que Luna tem, então é uma indústria grande.

– Então... – disse Thorne, coçando a orelha –, seu melhor recurso são... pedras?

Lobo deu de ombros.

– Tem muitas.

– Não só pedras – disse Cinder, enquanto sua base de dados oferecia uma abundância de informações não solicitadas. – O regolito é cheio de metais e outros compostos. Ferro e magnésio nas terras altas, alumínio e sílica nas terras baixas. – Ela mordeu o lábio. – Eu achava que o metal todo devia vir da Terra.

– Boa parte veio, séculos atrás – disse Lobo. – Nós nos tornamos especialistas em reciclar os materiais que foram trazidos da Terra durante a colonização. Mas também aprendemos a nos virar. A maioria das novas construções usa materiais minerados do regolito:

pedra, metal, terra... Quase toda a cidade de Artemísia foi construída de regolito. – Ele fez uma pausa. – Bem, e madeira. Nós plantamos árvores nos setores madeireiros.

Cinder parou de prestar atenção. Já tinha estudado o máximo que podia sobre os recursos e indústrias de Luna. Se bem que, para os propósitos deles, ela tinha passado a maior parte do tempo pesquisando sobre a mídia e os transportes lunares.

Era tudo controlado pelo governo, claro. Levana não queria que os setores externos tivessem comunicação fácil entre si. Quanto menos interação os cidadãos estabelecessem uns com os outros, mais difícil seria que eles formassem uma rebelião.

Uma série de sinos ecoou pelo túnel, fazendo-a pular. Uma melodia curta veio em seguida.

– O hino lunar – disse Lobo, com expressão sombria, como se tivesse desenvolvido um ódio profundo da música.

O hino foi seguido de uma voz feminina agradável:

– *O dia de trabalho terminou. Batam seus cartões e recolham-se às suas casas. Esperamos que tenham apreciado o serviço e aguardamos com ansiedade seu retorno amanhã.*

Thorne grunhiu:

– Quanta consideração.

Em pouco tempo, eles ouviram passos altos de trabalhadores exaustos saindo para as ruas.

Lobo inclinou a cabeça, indicando que era hora, e os levou escada acima. Eles saíram na luz do dia artificial, onde o vidro curvo do domo bloqueava o brilho das estrelas. Esse setor não era muito melhor do que os túneis. Cinder estava olhando para uma colcha de retalhos marrom e cinza. Ruas estreitas e prédios maltratados sem vidros nas janelas. E poeira, poeira, tanta poeira.

Cinder percebeu que estava se encolhendo para longe dos

primeiros grupos esparsos que eles viram, o instinto mandando-a ficar escondida, mas ninguém nem olhou para eles. As pessoas por quem eles passavam pareciam exaustas e imundas e quase não falavam.

Lobo revirou os olhos e olhou para os prédios, para as ruas cobertas de pó, para o céu artificial. Cinder se perguntou se ele estava constrangido por eles estarem vendo esse vislumbre do passado dele e tentou imaginar Lobo como uma criança normal, com pais que o amavam e uma casa na qual passou a infância. Antes de ser levado e transformado em predador.

Era impossível pensar que todos os integrantes do exército de Levana, cada um daqueles mutantes, também começaram assim. Quantos ficaram agradecidos por terem a oportunidade de se afastar daqueles lugares, com a poeira que cobria as casas e enchia os pulmões?

Quantos ficaram arrasados de deixar as famílias para trás?

A pichação ecoou para ela: *Você viu meu filho?*

Lobo apontou para uma das ruas estreitas.

– Por aqui. As ruas residenciais ficam nos anéis externos do setor.

Eles foram atrás, tentando imitar os pés arrastados e as cabeças baixas dos trabalhadores. Era difícil com a adrenalina de Cinder a toda, com os batimentos começando a disparar.

A primeira parte do plano já tinha dado terrivelmente errado. Ela não sabia o que faria se aquilo também falhasse. Precisava que os pais de Lobo estivessem vivos e fossem aliados. Precisava da segurança que eles podiam oferecer: um lugar onde se esconder enquanto decidiam o que fazer sem Cress.

Era no mais à frente que ela conseguia pensar.

Encontrar um abrigo.

Depois, começaria a se preocupar com revoluções.

Eles não tinham se afastado muito do trem de levitação magnética quando Cinder viu os primeiros guardas, uniformizados, cada um segurando armas ameaçadoras. Diferentemente dos civis, os narizes e as bocas estavam cobertos para protegê-los da poeira.

Cinder tremeu quando os viu e olhou ao redor, em busca da aura singular de um taumaturgo. Ela nunca soube de um guarda estar longe de um taumaturgo, mas não sentiu nenhum ali.

Como era possível que alguns guardas de mente fraca pudessem ter tanto poder sobre centenas de civis com dom? Apesar de ela achar que os lunares dos setores externos não tinham a mesma força que Levana e sua corte, seria possível que não conseguissem manipular uns poucos guardas?

Assim que fez a pergunta, a resposta surgiu.

Aqueles guardas podiam não estar acompanhados de um taumaturgo, mas a ameaça ainda estava lá, imbuída na presença deles. As pessoas daquele setor podiam se rebelar. Podiam matar ou escravizar aqueles guardas com facilidade. Mas um ato de desafio assim despertaria a ira da rainha sobre eles. Os guardas que viessem depois não estariam sem a proteção de um taumaturgo, e a retribuição não seria misericordiosa.

Quando eles passaram pelos guardas, Cinder teve o cuidado de manter o rosto virado.

Eles seguiram pelo centro do domo, onde havia um chafariz no meio de um pátio coberto de poeira, obrigando a multidão a contorná-lo. O chafariz era esculpido no formato de uma mulher, com a cabeça coberta por um véu e uma coroa, água limpa jorrando das mãos esticadas, como se ela estivesse oferecendo a própria vida para quem atravessava seu caminho.

A visão gelou o sangue nas veias de Cinder. Levana era rainha havia uma década, mas já tinha colocado sua marca nos setores mais

distantes.

Um chafariz tão lindo e sereno, mas parecia uma ameaça.

Eles seguiram a multidão por quarteirões de fábricas e armazéns com cheiros de produtos químicos, até que construções industriais deram lugar a casas.

Se bem que *casas* era um termo relativo. Pareciam mais casebres, casas tão sem planejamento e improvisadas quanto o lotado edifício Phoenix Towers em Nova Pequim. Cinder entendeu o que Lobo quis dizer quando falou que eles se tornaram especialistas em reciclar materiais. Cada parede e teto parecia ter sido cortado e ajustado e soldado e prendido e torcido e reconfigurado. Como não havia ação da natureza para enferrujar nem corroer os materiais, eles eram deteriorados pelas mãos das pessoas. As casas eram desmontadas e reconstruídas conforme as famílias se mudavam e cresciam. O bairro todo era uma variedade instável de folhas de metal e painéis de madeira e materiais abandonados nos espaços entre eles, esperando para serem usados de uma nova forma.

Lobo parou.

Com os nervos vibrando, Cinder observou as janelas próximas e abriu a ponta do indicador em preparação a um ataque.

– O que foi?

Lobo não falou. Não se mexeu. Estava concentrado em uma casa mais à frente, sem piscar.

– Lobo.

A respiração dele tremeu.

– Pode não ser nada, mas eu acho... achei que tinha sentido o cheiro da minha mãe. Um sabonete que pareceu familiar... apesar de eu não ter esses sentidos quando a vi pela última vez. Pode não ser...

Ele pareceu aflito e com medo.

Ele também pareceu *esperançoso*.

Alguns casebres tinham caixas de flores penduradas nas janelas, e algumas tinham até flores vivas. A casa para a qual Lobo estava olhando era uma dessas, um amontoado confuso de margaridas azuis caindo por cima da madeira mal cortada. Eram um ponto de beleza, simples e elegantes, destoando das cercanias horríveis.

Eles pararam na frente da casa. Não havia pátio, só uma área de concreto em frente a uma porta simples. Havia uma janela, mas sem vidro. Um tecido desbotado foi preso na moldura.

Lobo estava grudado no chão, então foi Thorne quem passou por ele e deu uma batidinha rápida na porta.

Com apenas o tecido servindo de barreira, eles ouviram cada estalo do piso quando alguém se aproximou da porta e abriu uma fresta tímida. Uma mulher pequena espiou e ficou alarmada quando viu Thorne. Ela era miúda por natureza, mas sua magreza não era natural, como se ela não comesse uma refeição completa havia anos. O cabelo castanho estava curto, e, apesar de ela ter pele morena do mesmo tom da de Lobo, os olhos eram preto-carvão, bem diferentes dos verdes dele.

Thorne deu seu sorriso mais enternecedor.

Não exerceu nenhum efeito.

– Sra. Kesley?

– Sim, senhor – disse ela com submissão, o olhar se direcionando para os outros. Ela olhou para Lobo primeiro, depois para Cinder e para Iko, antes de o olhar voltar de forma quase cômica. Ela sufocou um grito e encarou Lobo de novo, mas então seus lábios se curvaram para baixo com desconfiança.

– Meu nome é capitão Carswell Thorne – disse Thorne, com uma inclinação respeitosa de cabeça. – Acredito que você talvez conheça...

Um som estrangulado saiu pela boca da mulher. O choque e a

desconfiança se multiplicaram em segundos, um lutando contra o outro enquanto ela olhava o filho. Ela abriu a porta toda e deu um passo hesitante para a frente.

Lobo tinha virado uma estátua. Cinder sentia a ansiedade emanando dele em ondas.

– Ze'ev? – sussurrou a mulher.

– Mãe – sussurrou ele de volta.

A incerteza sumiu dos olhos dela e foi substituída por lágrimas. Ela colocou as mãos na boca e deu outro passo para a frente. Parou de novo. Em seguida, percorreu o resto do caminho e enlaçou Lobo com os braços. Embora ele fosse muito maior do que ela de todas as formas, ele pareceu repentinamente pequeno e frágil, encolhido para caber melhor no abraço dela.

A mãe se afastou o bastante para aninhar o rosto de Lobo nas mãos. Vendo o quanto ele tinha ficado bonito e maduro, ou talvez se perguntando sobre as cicatrizes.

Cinder viu uma tatuagem no antebraço dela, no mesmo lugar em que Lobo tinha uma que o identificava como agente especial. Mas a da mãe dele só dizia MR-9. Lembrou a Cinder a forma como alguém pode marcar o bicho de estimação, para que seja devolvido caso se perca.

– Mãe – disse Lobo de novo, sufocando as emoções. – Podemos entrar?

A mulher desviou a atenção para os outros e parou em Iko por um instante. Cinder se perguntou se ficou confusa com a falta de bioeletricidade de Iko, mas ela não perguntou.

– Claro.

Com essa palavra simples, ela se soltou de Lobo e os levou para dentro.

Eles se viram em uma salinha com uma única poltrona e um sofá, a

costura solta revelando o forro amarelo. Um nódulo holográfico do tamanho de um punho estava pendurado no meio da parede, com uma mesinha logo embaixo. Havia um copo cheio de mais margaridas azuis.

Uma porta levava a um corredor curto, onde Cinder supôs que ficavam os quartos e o banheiro. Uma segunda porta oferecia o vislumbre de uma cozinha igualmente pequena, com prateleiras e bancadas cheias de pratos.

Parecia que não era limpa havia um ano. E a mulher também.

Lobo se encolheu na sala, como não coubesse mais fisicamente lá, enquanto a mãe segurava as costas de uma cadeira.

– Pessoal – disse Lobo –, esta é minha mãe, Maha Kesley. Mãe, esses são Iko e Thorne e... Cinder. – Ele mastigou as palavras como se quisesse falar mais, e Cinder sabia que estava na dúvida se contava ou não para a mãe a *verdadeira* identidade dela.

Cinder se esforçou para parecer simpática.

– Obrigada por nos receber. Infelizmente, colocamos você em perigo ao virmos aqui.

Maha se empertigou um pouco, ainda cautelosa.

Thorne estava com as mãos nos bolsos, como se com medo de tocar em alguma coisa.

– Seu marido vai chegar logo?

Maha olhou para ele.

– Nós não queremos surpresas – acrescentou Cinder.

Maha franziu os lábios. Olhou para Lobo, e Cinder soube. Lobo ficou tenso.

– Sinto muito, Ze'ev – disse Maha. – Ele morreu quatro anos atrás. Houve um acidente. Na fábrica.

A expressão de Lobo não revelou nada. Lentamente, balançou a cabeça com aceitação. Ele pareceu mais surpreso de ver a mãe viva

do que de saber da morte do pai.

– Está com fome? – perguntou Maha, sufocando o choque. – Você vivia com fome... antes. Mas acho que você era um garoto em fase de crescimento na época...

As palavras ficaram no ar entre eles, cheias de uma infância perdida, tantos anos.

Lobo sorriu, mas não o bastante para exibir os caninos afiados.

– Isso não mudou muito.

Maha pareceu aliviada. Ela prendeu uma mecha de cabelo atrás da orelha e foi para a cozinha.

– Fiquem à vontade. Acho que tenho uns biscoitos.

CAPÍTULO

Vinte e cinco

Jacin se sentia tomado pelo medo quando entrou na sala do trono. Os assentos reservados para os membros da corte estavam vazios. Só a rainha estava sentada no trono, com Aimery ao lado. Nem os guardas pessoais estavam com eles, o que queria dizer que, fosse qual fosse o assunto da reunião, Levana não queria que ninguém soubesse.

Cress, pensou ele. Ela sabia sobre Cress. Ele a estava escondendo em seus aposentos particulares, deixando-a em segurança como prometeu a Winter, mas sabia que não podia durar para sempre.

Como Levana descobriu?

Uma tela foi levada para o aposento, um netscreen grande de tela plana como os usados para a mídia bidimensional da Terra, só que aquele era mais elaborado do que qualquer outra coisa que Jacin tivesse visto na Terra. Estava apoiado em um cavalete com moldura de prata polida e rosas e espinhos envolvendo a tela como se fosse uma obra de arte. A rainha não poupava com nada, como sempre.

A rainha Levana e o taumaturgo Park estavam com expressões sombrias quando Jacin parou e bateu os calcanhares, tentando não pensar na última vez que esteve na mesma posição. Quando teve certeza de que seria morto e que Winter teria que ver.

– Chamou, minha rainha?

– Chamei – disse Levana, passando os dedos pelo braço do trono.

Ele prendeu a respiração, revirando o cérebro em busca de uma forma de poder explicar a presença de Cress sem incriminar Winter.

– Andei pensando muito sobre nosso pequeno dilema – disse a rainha. – Eu desejo depositar minha confiança em você de novo,

como fiz quando você estava sob os cuidados de Sybil, mas ainda não consegui me convencer de que você serve a *mim*. Sua rainha. E não... – Ela balançou os dedos no ar, e seu belo rosto assumiu uma coisa parecida com um esgar. – Sua *princesa*.

Jacin contraiu o maxilar. Ele esperou. Esperou que ela o acusasse de abrigar uma traidora conhecida. Esperou que sua punição fosse declarada.

Mas a rainha também parecia estar esperando.

Por fim, ele baixou a cabeça.

– Com todo o respeito, Vossa Majestade, meu posicionamento como guarda da princesa Winter foi decisão sua. Não minha.

Ela lançou um olhar opressivo para ele.

– E como você pareceu chateado por isso. – Suspirando, Levana se levantou e andou para trás da cadeira de sempre de Winter. Ela passou os dedos pelo acolchoado. – Depois de muita deliberação, elaborei uma espécie de teste. Uma missão para provar sua lealdade de uma vez por todas. Acho que, com o fim dessa missão, não vai haver dúvida sobre colocar ou não você novamente a serviço do meu taumaturgo-chefe. Aimery está ansioso para ter suas habilidades sob o comando dele.

Os olhos de Aimery brilharam.

– Bastante.

Jacin franziu a testa, e lentamente lhe ocorreu que aquela reunião não tinha nada a ver com Cress.

Ele podia sentir alívio; mas, se *não tinha* a ver com Cress...

– Já falei com você sobre minha promessa ao meu marido, o pai de Winter – continuou Levana. – Falei para ele que eu protegeria a criança da melhor forma que pudesse. Todos esses anos, eu cumpri essa promessa. Cuidei dela e a criei como se fosse minha.

Embora tentasse, Jacin não conseguiu sufocar uma onda de

rebelião contra essas palavras. Ela criou Winter como se fosse dela? Não. Ela torturava Winter fazendo-a ir a todos os julgamentos e execuções, apesar de todo mundo saber o quanto a princesa odiava. Ela deu a Winter a faca que desfigurou seu belo rosto. Debochava de Winter incessantemente por causa do que via como "fraquezas" mentais, sem ter ideia do quanto Winter tinha que ser forte para evitar a tentação de usar o glamour e de quanta força de vontade foi necessária para que ela o sufocasse ao longo dos anos.

Um sorriso sarcástico surgiu nos lábios vermelho-sangue de Levana.

– Você não gosta quando eu falo da sua querida princesa.

– Minha rainha pode falar de quem quiser.

A resposta foi automática e sem entonação. Não faria diferença tentar negar que ele gostava de Winter, não com todas as pessoas do palácio tendo testemunhado as estripulias de infância deles, as brincadeiras e as traquinagens.

Ele cresceu ao lado de Winter porque os pais deles eram muito próximos, apesar de ser impróprio para uma princesa ficar subindo em árvores e brincando de lutar de espada com o filho de um guarda humilde. Ele se lembrava de querer protegê-la já naquela época, bem antes de saber o quanto ela precisava de proteção. Também se lembrava de ter tentado roubar um beijo uma vez, só uma vez, quando tinha dez anos e ela, oito. Ela riu e se virou, repreendendo-o. *Não seja bobo. Só podemos fazer isso quando formos casados.*

Não, sua única defesa era fingir que não ligava por todo mundo saber. Que as provocações das pessoas não o incomodavam. Que, a cada vez que Levana mencionava a princesa, seu sangue não virava gelo. Que não morria de medo de Levana usar Winter contra ele.

Levana desceu da plataforma.

– Ela tem os melhores professores, as roupas mais elegantes, os

animais mais exóticos. Quando me faz um pedido, eu me esforço para fazer o que ela pede.

Embora tenha feito uma pausa, Jacin achava que ela não estava esperando resposta.

– Apesar disso tudo, o lugar dela não é aqui. A mente dela é fraca demais para que ela seja útil, e a recusa dela de esconder aquelas cicatrizes horrendas a tornou motivo de risada na corte. Ela está debochando da coroa e da família real. – Ela firmou o queixo. – Só percebi o tamanho da desgraça dela recentemente. Aimery ofereceu a mão em casamento à garota. Eu não podia esperar par melhor para uma criança que não tem sangue real.

O tom dela ficou feroz, e Jacin a sentiu estudando-o novamente, mas já tinha recuperado o controle. Ela não obteria reação dele, nem sobre esse assunto.

– Mas, não – disse a rainha, por fim. – A criança recusa até essa proposta generosa. Por nenhum outro motivo, tenho certeza, além de rejeitar meu conselheiro mais valioso e trazer mais humilhação para esta corte. – Ela inclinou o queixo para cima. – E houve também o incidente em AR-2 . Imagino que você se lembre?

A boca dele ficou amarga. Se não tivesse tomado tanto cuidado para esconder o medo crescente, teria falado um palavrão.

– Não? – Levana ronronou quando ele não disse nada. – Permita que eu reavive sua memória.

Ela deslizou os dedos pela superfície. A tela ganhou vida no meio da moldura elaborada, mostrando imagens de uma fileira de lojas simples. Ele se viu sorrindo para Winter. Cutucando-a com o ombro e deixando que ela o cutucasse também. Os olhos de um observando o outro, quando o outro não estava olhando.

O peito dele pareceu ficar vazio. Qualquer um via o que eles sentiam um pelo outro.

Jacin ficou olhando, mas não precisava. Ele se lembrava das crianças e da coroa de galhos feita à mão. Lembrava-se do quanto Winter tinha ficado linda quando a colocou na cabeça, despreocupada. Lembrava-se de ter arrancado da cabeça dela e colocado na cesta.

Ele teve esperança de que o incidente fosse passar despercebido.

Mas devia ter sabido. A esperança era a ferramenta do tolo.

Ele voltou a atenção para a rainha, mas ela estava olhando com desprezo para a imagem, com ódio no olhar. As entranhas dele deram um nó. Ela mencionou uma missão especial que provaria a lealdade dele, mas só falou de Winter e da vergonha que ela se tornou.

– Estou decepcionada com você, Sir Clay. – Levana se virou para ele. – Achei que podia confiar que você a manteria sob controle, que cuidaria para que ela não fizesse nada que fosse constranger a mim e à corte. Mas você falhou. Achou apropriado ela ficar andando pela cidade, brincando de ser rainha em frente a seus súditos leais?

Jacin se manteve firme, já se resignando à morte. Ela o levou ali para que ele fosse executado, afinal. Ele ficou agradecido de ela ter decidido poupar Winter de presenciar aquilo.

– Bem? Você não tem nada a dizer em sua defesa?

– Não, minha rainha – disse ele. – Mas espero que você me permita falar em defesa *dela*. As crianças deram a ela um presente em agradecimento por ter comprado algumas flores na floricultura. Elas ficaram confusas, não sabiam o que a coroa sugeria. A princesa não teve intenção nenhuma com isso.

– Confusas? – O olhar de Levana tornou-se rígido. – As crianças ficaram *confusas*? – Ela riu. – E quanta confusão devo tolerar? Devo ignorar o jeito doentio como as pessoas a idolatram? Que falam sobre a *beleza* e as *cicatrizes* dela como se fossem um distintivo de honra, quando não têm ideia do quanto ela é fraca! Da doença, das ilusões.

Ela seria esmagada se algum dia se sentasse em um trono, mas elas não veem isso. Não, só pensam em si mesmas e na bela princesa, sem pensar por um segundo em tudo o que fiz para dar-lhes segurança e estrutura e... – Ela se virou, os ombros tremendo. – Devo esperar até colocarem uma coroa de verdade na cabeça dela?

Um horror subiu pelo peito de Jacin, e desta vez ele não conseguiu disfarçar.

Ela era psicótica.

Disso ele sabia, claro. Mas ele nunca tinha visto a vaidade e a ganância e a inveja a inflamarem assim. Ela se tornou irracional, e sua raiva estava direcionada a Winter.

Não... a Winter e *Selene*. Era esse o motivo de tudo. Havia uma garota que alegava ser a sobrinha perdida dela, e Levana se sentia ameaçada. Estava com medo de seu domínio do trono estar diminuindo e estava compensando com paranoia e um controle maior.

Jacin levou o punho ao peito.

– Minha rainha, garanto-lhe que a princesa não é ameaça à sua coroa.

– Você não se curvaria a ela? – perguntou Levana, se virando para olhá-lo com veneno no rosto. – Você, que a ama com tanta lealdade? Que é tão leal à família real?

Ele engoliu em seco.

– Ela não tem sangue real. Não pode ser rainha.

– Não. Ela *nunca* vai ser rainha. – Ela oscilou na direção de Jacin, que sentiu como se estivesse sendo envolvido por uma serpente, esmagado e sufocado. – Porque você é meu servo leal, como proclamou de forma tão veemente. E você vai matá-la.

A língua de Jacin ficou tão seca quanto pedra da lua.

– Não – sussurrou ele.

Levana ergueu uma das sobrancelhas.

– Quer dizer... minha rainha. – Ele limpou a garganta. – Você não pode... – Ele olhou para Aimery, que estava dando um meio sorriso, satisfeito com a decisão. – Por favor. Peça-a em casamento de novo. Vou falar com ela. Vou cuidar para que aceite. Ela ainda pode ser útil, é uma boa combinação. Ela só está nervosa...

– Você ousa me questionar? – perguntou Levana.

A pulsação dele trovejou.

– Por favor.

– Eu ofereci minha mão à princesa como gentileza – disse Aimery. – Para protegê-la das propostas de pretendentes bem menos solidários. A recusa dela demonstrou o quanto é ingrata. Eu não a aceitaria mais, nem se ela me implorasse.

Jacin trincou os dentes. Seu coração estava disparado agora, e ele não conseguia fazê-lo parar.

A rainha ficou suave, toda mel e açúcar. Ela estava perto dele. Perto o bastante para ele poder pegar a faca e cortar sua garganta.

Seu braço seria mais rápido do que os pensamentos dela? Seria mais rápido do que o de Aimery?

– Queridíssimo Sir Clay – disse ela, e ele se perguntou se ela detectou seu desespero. – Não pense que não estou ciente do que estou pedindo e do quanto vai ser difícil para você. Mas estou sendo *misericordiosa*. Sei que você vai ser rápido. Ela não vai sofrer nas suas mãos. Dessa forma, também vou cumprir minha promessa para o pai dela, você não vê?

Ela era louca. Completamente louca.

O pior de tudo era que ele achava que ela talvez acreditasse mesmo no que estava dizendo.

Seus dedos tremeram. Uma gota de suor escorreu pelo pescoço.

– Eu não posso – disse ele. – Não quero. Por favor... por favor,

poupe-a. Tire o título dela. Transforme-a em criada. Ou exile-a para os setores externos, e não vai nunca mais ouvir falar dela, prometo...

Com um olhar fulminante, Levana se virou e suspirou.

– Quantas vidas você sacrificaria pela dela? – Ela andou até a tela. O vídeo estava pausado, mostrando as três crianças na porta da floricultura. – Você prefere que eu mande matar essas crianças?

O coração dele deu um pulo, tentando se libertar da caixa torácica.

– Ou que tal... – Ela se virou para ele e bateu com o dedo no canto da boca. – Seus pais? Se me lembro corretamente, Sir Garrison Clay foi transferido para um posto da guarda em um dos setores externos. Diga, quando foi a última vez que você falou com eles?

Ele apertou bem os lábios, com medo de que qualquer admissão fosse usada contra ele. Não via e não falava com os pais havia anos. Assim como com Winter, ele tinha certeza de que a melhor forma de proteger seus entes queridos era fingindo que não os amava, para que nunca pudessem ser usados contra ele. Assim como Levana os estava usando.

Como ele pôde fracassar assim? Não podia proteger ninguém. Não podia salvar ninguém...

Ele sabia que seu rosto estava contorcido de pânico, mas não conseguia controlar. Queria cair de joelhos e implorar que ela mudasse de ideia. Faria qualquer coisa, *qualquer coisa*, menos isso.

– Se você recusar de novo – disse Levana –, vai ficar claro que sua lealdade é falsa. Você será executado por traição e depois seus pais. Em seguida, vou mandar Jerrico cuidar da princesa, e acho que ele não vai ser tão delicado com ela quanto você seria.

Jacin engoliu a infelicidade. Não adiantaria de nada.

A ideia de Jerrico, o capitão da guarda arrogante e brutal, recebendo aquela ordem fez seu sangue gelar.

– Você fará essa tarefa para mim, Sir Clay?

Ele inclinou a cabeça para esconder o desespero, embora a demonstração de respeito quase o tenha matado.

– Farei. Minha rainha.

CAPÍTULO

Vinte e seis

Pela primeira vez desde que o abandonou, Cress se viu sentindo saudades do satélite. Os aposentos de Jacin eram menores do que os do satélite. As paredes eram tão finas que ela não ousava nem cantar para passar o tempo. E, quando precisava ir ao banheiro, tinha que esperar Jacin sair do turno dele para poder levá-la escondido até o lavatório compartilhado entre os guardas e suas famílias, que viviam todos naquela ala subterrânea do palácio. Uma vez, ela encontrou outra pessoa, e apesar de ser só a esposa de um guarda que sorriu com gentileza para ela sem nenhum sinal de desconfiança, o encontro deixou Cress abalada.

Ela sentia a rainha e a corte ao redor. Vivia ciente o tempo todo de que, se uma pessoa a reconhecesse como cascuda, seria a morte. Talvez com tortura e um interrogatório primeiro. Ela ficou doente de ansiedade por sua segurança, e apavorada pelo destino dos amigos. Ficava frustrada porque Jacin nunca tinha notícias sobre eles.

Ela disse para si mesma que era bom sinal. Jacin saberia se eles fossem encontrados. Não saberia?

Cress se distraiu fazendo o que podia para ajudar a causa de Cinder com os poucos recursos disponíveis para ela nos aposentos de Jacin. Ela ainda tinha o tablet, e apesar de não ousar enviar mensagens por saber que podiam ser facilmente rastreadas, conseguia se conectar com o sistema de transmissão da rainha pelo nódulo holográfico embutido na parede de Jacin. Havia nódulos por toda a parte em Luna, eram tão comuns quanto os netscreens na Terra, e as transmissões podiam ser invadidas com a mesma facilidade. Ela ainda

tinha o vídeo pré-gravado de Cinder no tablet, mas temia fazer alguma coisa com ele sem saber se Cinder e os outros estavam prontos. Então, passou o tempo interrompendo mensagens de propaganda da rainha e tentando pensar em um jeito de indicar para os amigos que estava viva e em relativa segurança. Ela não conseguia pensar em nada que não fosse óbvio ou obscuro demais, e era tímida demais para fazer qualquer coisa que pudesse alertar a rainha de sua presença.

Ela desejou várias vezes ter acesso à mesma tecnologia que tinha no satélite. Sentia-se mais isolada do mundo do que jamais tinha estado, sem imprensa para acompanhar além da aprovada pela coroa. Sem ter como mandar uma mensagem direta. Sem acesso à rede de vigilância de Luna e nem aos sistemas de segurança, e, portanto, sem ter como cumprir os deveres que Cinder passou para ela. Conforme as horas viravam dias, ela foi ficando mais ansiosa e desnorteada, doida para sair do espaço fechado e *fazer* alguma coisa.

Ela estava alterando a trilha sonora de uma mensagem real sobre "as corajosas vitórias contra os terráqueos de mente fraca" quando passos fortes no corredor a fizeram interromper a tarefa.

Os passos pararam na porta de Jacin. Cress desconectou o tablet, se jogou para fora da cama de Jacin e entrou embaixo dela, encostando-se o máximo possível na parede. Lá fora, ela ouviu a digitação de um código e uma verificação de digital na fechadura. A porta se abriu e fechou.

Ela prendeu a respiração.

– Sou eu – soou a voz de Jacin, tão desanimada quanto todos os dias.

Expirando, Cress saiu do esconderijo. Ela ficou no chão, com as costas na lateral da cama. Era o único lugar para se sentar naquele quartinho, e ela se sentia culpada de tirar isso de Jacin, embora não se

lembrasse de vê-lo se sentando na presença dela. Ele até dormia no chão desde a chegada dela, sem discussão nenhuma sobre o assunto.

– Alguma novidade? – perguntou ela.

Jacin se encostou na porta, com os olhos escuros virados para o teto. Ele parecia estranhamente abalado.

– Não.

Cress puxou os joelhos até o peito.

– O que foi?

Ainda hipnotizado pelo teto, ele murmurou:

– Você desabilitou as câmeras das docas.

Ela piscou.

– Pode fazer de novo? Com qualquer câmera do palácio?

Ela esticou a mão para alcançar o cabelo. O hábito de mexer nele era difícil de abandonar, embora já estivesse curto havia semanas.

– Se eu tivesse acesso ao sistema. Mas não tenho.

Ele abriu a boca, fez uma pausa, fechou novamente.

Cress franziu a testa. Jacin nunca era de conversar, mas isso era incomum até para ele.

Por fim, ele disse:

– Eu consigo acesso ao sistema para você.

– Por que vamos desabilitar câmeras?

O peito dele subiu, e o foco desceu pelas paredes de pedra até parar em Cress.

– Você vai embora. Você, Winter e aquela ruiva vão deixar o palácio. Esta noite.

Cress se levantou.

– O quê?

– Winter não pode ficar aqui, mas não quer ir embora sem aquela amiga dela. Você pode me ajudar a tirá-las daqui, e isso vai ser seu bilhete de saída. – Ele começou a massagear a têmpora. – Você sabe

para onde Cinder estava indo, certo? Pode encontrá-la. Ela vai proteger Winter. É *bom* que proteja.

Uma desconfiança subiu pela espinha dela à menção de Cinder. Era um truque? Ele estava tentando obter informação sobre ela para ser vendida para a rainha em troca de privilégios? Ele já tinha feito isso.

– Vai parecer suspeito se um bando de atualizações de câmeras cair de repente – disse ela.

Ele assentiu.

– Eu sei, mas espero que vocês estejam longe quando alguém reparar.

Ela mordeu o lábio. Podia colocar um timer, tentar fazer os blecautes parecerem falhas aleatórias de energia ou uma falha de sistema, mas até isso tinha o potencial de ser descoberto.

Jacin começou a andar de um lado para outro. Ela conseguia ver os pensamentos dele a toda. Um plano estava se formando na cabeça dele, embora nem começasse a imaginar como ele planejava tirá-las do palácio sem ninguém ver, principalmente porque a princesa Winter era tão reconhecível.

– O que aconteceu? – perguntou Cress. – Levana descobriu sobre mim?

– Não. Foi outra coisa. – Ele estava apertando o alto do nariz. – Ela vai mandar matar Winter. Tenho que tirá-la daqui. Acho que sei um jeito. Posso organizar tudo, mas... – Os olhos dele ficaram suplicantes. – Você vai me ajudar?

O coração de Cress se apertou. No pouco tempo que conhecia Jacin, ele parecera frio, sem coração, até cruel às vezes. Mas naquele momento estava desmoronando, quase aos pedaços.

– Desabilitando as câmeras? – indagou ela.

Ele fez que sim.

Ela olhou para o tablet. Apesar de tê-lo soltado do nódulo holográfico quando foi para baixo da cama, o cabo de conexão ainda estava pendurado nele. Era a oportunidade dela. Poderia escapar do palácio, ir para longe da cidade e de todos os seus perigos. Poderia estar com os amigos de novo. Poderia estar em segurança, *esta noite*.

A tentação tomou conta dela. Tinha que sair dali.

Mas, quando virou o rosto na direção de Jacin novamente, ela estava balançando a cabeça.

O choque ficou aparente no rosto dele.

– Vai ser mais seguro para a princesa e para Scarlet se... – Ela engoliu em seco, mas a saliva entalou na garganta. – ... se eu ficar para trás.

– O quê?

– Nossa melhor chance de a alteração nas câmeras passar despercebida vai ser se eu operar a falha no sistema manualmente. Posso desligar as câmeras por períodos curtos, fazer com que pareçam mais falhas de energia aleatórias. Um blecaute total atrairia atenção demais, e apagar uma porção das câmeras daria uma pista à rainha do lado para que Winter e Scarlet foram. Mas, se eu desabilitar e reiniciar seções aleatórias do sistema de vigilância ao mesmo tempo... posso dar a impressão de que foi coincidência. – Ela bateu com o dedo no lábio inferior. – Posso montar uma distração também. Talvez um alarme em outra parte do palácio, para afastar as pessoas das duas. E todas as trancas dos caminhos principais também podem ser alteradas remotamente.

Ela estava ficando confiante da decisão. Ficaria para trás a fim de dar a Winter e Scarlet uma chance melhor de escaparem.

– Você é louca – disse Jacin. – Você *quer* morrer neste palácio?

Ela enrijeceu.

– Levana não sabe que estou aqui. Enquanto você me mantiver

escondida...

– Assim que Levana souber que deixei Winter escapar, ela vai me matar.

Ela apertou os punhos, irritada por ele estar abrindo buracos em sua coragem recém-descoberta.

– Scarlet foi capturada durante uma tentativa de me resgatar. E Winter me protegeu, apesar de não ter que fazer isso, e sei que isso a colocou em muito perigo. É assim que posso compensar as duas.

Jacin a encarou, e ela viu o momento em que ele aceitou sua decisão. Era a melhor chance e ele sabia. Jacin se virou, os ombros murchando.

– Fui piloto de Sybil por mais de um ano – disse ele. – Eu soube de você por mais de um ano, mas não fiz nada para ajudar.

A confissão dele foi uma facada no peito de Cress. Ela sempre tinha achado que Sybil ia sozinha, nunca se dera conta de que tinha um piloto com ela até ser tarde demais. Talvez Jacin *pudesse* ter ajudado, até tê-la salvado.

Eles jamais saberiam.

Ele não pediu desculpas. O que fez foi firmar o maxilar e olhar nos olhos dela.

– Vou proteger Winter com minha vida. Em segundo lugar, prometo proteger você também.

CAPÍTULO

Vinte e sete

Scarlet estava trabalhando naquela coisa nova que ela gostava de chamar de *não reagir*.

Era uma habilidade que não ocorria a ela naturalmente. Mas quando era ela quem estava trancada em uma jaula e o inimigo estava do lado de fora, implicando e rindo e sendo idiota, *não reagir* parecia um hábito melhor do que gritar obscenidades e tentar acertar golpes por entre as barras.

Pelo menos oferecia um pouco mais de dignidade.

– Você não consegue fazer com que ela faça algum truque? – perguntou a mulher lunar, segurando um guarda-chuva de penas de coruja sobre um ombro, embora Scarlet não soubesse de que ela estava se protegendo. De acordo com Winter, faltavam seis dias para eles verem a luz do sol de verdade de novo, e não havia chuva em Luna.

O companheiro da mulher se inclinou, apoiou as mãos nos joelhos e espiou Scarlet por entre as barras. Ele estava usando óculos de sol laranja. Mais uma vez, Scarlet não sabia por quê.

Scarlet, de pernas cruzadas no chão, com as mãos dobradas sobre o colo e o capuz puxado para cobrir a cabeça até as orelhas, olhou para as pessoas.

Sou uma visão de tranquilidade e indiferença.

– Faça alguma coisa – ordenou ele.

Scarlet piscou.

Ele olhou para ela de cara feia.

– Todo mundo diz que os terráqueos são fofos e divertidos. Por que

você não faz uma dança para nós?

As entranhas dela se contorceram, querendo mais do que qualquer coisa mostrar àquele homem como ela sabia ser *fofa e divertida*. Mas, por fora, parecia uma estátua.

– Você é muda ou só é burra? Não ensinam a você naquela pedra lá como se dirigir aos seus superiores?

Sou a essência da paz e da calma.

– Qual é o problema com a mão dela? – quis saber a mulher.

O homem olhou para baixo.

– Qual é o problema com sua mão?

Os dedos dela nem tremeram. Nem o que estava pela metade.

A mulher bocejou.

– Estou entediada, e os terráqueos fedem. Vamos olhar os leões.

O homem se empertigou com as mãos na cintura. Scarlet conseguia vê-lo calculando alguma coisa em pensamento. Ela achava que ele não tentaria usar o dom nela; ninguém a manipulou desde que foi levada para o jardim, e ela estava começando a desconfiar que seu status como bichinho da princesa a estava protegendo *dessa* tortura, pelo menos.

Ele deu um passo para frente. Atrás dele, Ryu rosnou.

Foi um teste de força de vontade para Scarlet sufocar um sorriso. Ela tinha passado mesmo a gostar daquele lobo.

Apesar de a mulher ter olhado de relance para o cercado do lobo, o homem continuou com a atenção grudada em Scarlet.

– Você está aqui para nos entreter – disse ele. – Então *faça alguma coisa*. Cante uma música. Conte uma piada. Alguma coisa.

No meu próximo truque, vou vencer uma competição de quem fica mais tempo sério com o babaca de óculos laranja.

O homem rosnou, pegou o guarda-chuva da namorada e o fechou. Segurando o cabo curvo, ele empurrou a ponta pelas barras e

cutucou Scarlet no ombro.

Ryu latiu.

A mão de Scarlet subiu na hora e se fechou no tecido de penas. Ela puxou o guarda-chuva fechado, e o homem cambaleou na direção da jaula. Scarlet empurrou o cabo do guarda-chuva na cara dele. Ele gritou e cambaleou para trás, os óculos caindo no chão. Sangue jorrou de seu nariz.

Scarlet deu um sorrisinho enquanto jogava o guarda-chuva do lado de fora; não fazia sentido ficar com ele, pois os guardas tirariam dela. Sufocou a expressão arrogante e voltou à expressão neutra.

Essa coisa de não reagir estava funcionando melhor do que ela esperava.

Depois de xingar e gritar e ficar com a camisa cheia de sangue, o homem pegou a namorada e o guarda-chuva e foi embora na direção da entrada do jardim. Eles provavelmente contariam tudo para os guardas. Ela provavelmente ficaria sem uma refeição ou duas por causa do mau comportamento.

Valia a pena.

Ela encarou os olhos amarelos de Ryu do outro lado e piscou. Em resposta, o lobo ergueu o focinho e uivou, um som curto e alegre.

– Você fez um amigo.

Ela levou um susto. Um guarda estava encostado em uma árvore de folhas grandes, com os braços cruzados e o olhar duro. Ele não era um dos guardas normais dela, mas havia um ar de familiaridade. Ela se perguntou quanto tempo havia que estava ali de pé.

– Nós, animais, ficamos do lado um do outro – disse ela, mas decidiu que isso era o máximo que ele arrancaria dela. Ela não estava ali para entreter os aristocratas lunares mimados e *não ia* entreter um dos asseclas estúpidos da rainha.

– Acho que faz sentido você gostar daquele ali. Ele tem parentesco

com seu namorado.

O coração dela disparou. Um mau presságio surgiu em seu peito.

O guarda se afastou da árvore e andou na frente do cercado de Ryu. Uma das mãos estava no cinto, no cabo de uma faca enorme. O lobo parou, apoiado nas quatro patas com cara de quem não tinha decidido se confiava naquele estranho ou não.

– O pai deste aqui era o lobo cujo DNA coletaram quando começaram a fazer experiências com os soldados. O estimado lobo do ártico da rainha. Já foi um macho alfa. – Ele se virou para Scarlet. – Mas é preciso uma matilha para ser alfa, não é?

– Eu não saberia – respondeu ela.

– Pode confiar na minha palavra. – Ele inclinou a cabeça e a inspecionou. – Você não sabe quem eu sou.

Ele falou isso na hora em que a lembrança estalou. O cabelo louro, o uniforme, o conhecimento sinistro sobre Lobo.

O reconhecimento só a deixou mais cautelosa.

– Claro que sei. A princesa não consegue calar a boca e parar de falar sobre você.

Ela o observou com atenção, curiosa para saber se os sentimentos de Winter eram ao menos parcialmente correspondidos, mas ele não revelou nada.

Era bonito, claro. Tinha ombros largos e maxilar esculpido. Mas não era o que ela estava esperando. A postura denotava condescendência; a expressão, desinteresse. Ele era todo espinhos e frieza enquanto andava na direção da jaula dela.

Era tão oposto à calorosa, aérea e faladeira Winter quanto ela conseguia imaginar.

Jacin não se agachou nem se inclinou, e era doloroso para o pescoço de Scarlet ficar olhando para ele. A antipatia dela aumentou.

– Acredito que ela tenha falado sobre seus amigos.

Winter contou a ela que eles estavam vivos. Que estavam indo buscá-la. Que Lobo sentia muita falta dela.

Agora, ao se encontrar com o famoso Jacin, ela não conseguia imaginá-lo como sendo quem tinha contado essas coisas.

– Eu recebi a mensagem.

Scarlet se perguntou se ele esperava um agradecimento, que não ia receber, considerando que estava ali em Luna, usando aquele uniforme. De que lado ele estava?

Scarlet bufou e se apoiou nos cotovelos, meio deitada. Podia não ser uma postura tão digna, mas ela não ia deixar aquele cara intimidá-la e fazê-la ficar com dor no pescoço.

– Está precisando de alguma coisa?

– Winter acha que você é amiga.

– Uma de nós acha isso.

Depois de um momento, ele revelou uma rachadura na armadura. O menor dos sorrisos.

– O quê? – perguntou ela.

Balançando-se nos calcanhares, Jacin apoiou a mão na faca de novo.

– Eu não sabia que tipo de garota poderia fazer um agente especial perder a cabeça. Fico feliz de ver que não é do tipo idiota.

Ela cerrou os punhos.

– Também não é do tipo que cai em elogios vazios.

Jacin fechou a mão em uma das barras e se agachou, de modo que eles ficaram na mesma altura.

– Sabe por que você ainda está viva?

Ela trincou os dentes e respondeu um tanto contrariada:

– Por causa de Winter.

– Isso mesmo, esquentadinha. Tente não esquecer.

– É difícil esquecer se estou presa na jaula dela, docinho de coco.

O canto da boca de Jacin se enrugou com diversão controlada, mas logo sumiu. Irritante. Ele fez sinal com o cotovelo para a mão dela.

– Quando foi a última vez que alguém verificou isso aí para ver se havia infecção?

– Sei como é uma infecção. – Ela resistiu à vontade de esconder o dedo ferido, mas não ia mesmo mostrar o cotoco do dedo para aquele cara. – Está tudo bem.

Ele fez um som evasivo.

– Dizem que você é bem razoável como piloto.

Ela fez uma careta.

– O que é isso, entrevista de emprego?

– Você já pilotou uma nave lunar?

Pela primeira vez, ele conseguiu a atenção total dela, mas a curiosidade estava lotada de desconfiança.

– Por quê?

– Não é muito diferente de uma nave terráquea. A posição dos controles de voo é um pouco distinta, a decolagem é um pouco mais suave, de modo geral. Acho que você consegue entender como funciona.

– E por que eu preciso saber pilotar uma nave lunar?

O olhar dele pareceu cortá-la, dizendo mais do que as palavras. Ele se levantou.

– Esteja pronta.

– Estar pronta para *o quê*? E por que você se importa comigo?

– Eu não me importo – disse ele, de forma tão casual que Scarlet acreditou. – Mas me importo com a princesa, e ela precisa de uma aliada. – Ele afastou o olhar. – Uma aliada melhor do que eu.

CAPÍTULO

Vinte e oito

O coração de Winter palpitou quando ela abriu a porta de vidro enorme do jardim. Sons de vida selvagem se espalharam pelo corredor: pássaros piando nas gaiolas suntuosas, macacos tagarelando nas árvores, cavalos brancos relinchando nos estábulos ao longe.

Ela fechou a porta antes que o calor saísse e observou os caminhos bifurcados, mas não havia sinal de Jacin. O jardim ocupava vários hectares dessa ala do palácio, um labirinto de gaiolas com barras e cercos de vidro. Estava sempre úmido e perfumado com flores exóticas, um aroma que mal encobria o odor animal.

Era o lugar favorito dela, já antes mesmo de Scarlet morar ali. Ela sempre se sentia à vontade com os animais, que não sabiam nada de controle mental e manipulação. Eles não se importavam se ela era bonita ou se era a enteada da rainha ou se estava ficando louca. Ela não se lembrava de ter tido um episódio de loucura naquele lugar, cercada dos amigos. Ali, ela ficava mais calma. Ali, podia fingir que estava no controle dos próprios sentidos.

Ela prendeu um cacho atrás da orelha e se afastou da porta. Passou pelo lar gelado da raposa do ártico, que estava encolhida junto a um tronco de bétula, com o focinho enfiado na cauda densa. A jaula ao lado abrigava uma fêmea de leopardo da neve com a ninhada de três filhotes brincalhões. Do outro lado do caminho cheio de musgo havia uma coruja branca dormindo. Abriu os olhos enormes quando Winter passou.

Ela observou o cercado de Ryu à frente, mas ele devia estar

dormindo na toca, pois não o viu em lugar nenhum. E ali estava Scarlet, a única criatura do jardim que não era feita de pelos ou penas brancas, e ela exibia sua diferença com desafio, no cabelo ruivo e no casaco com capuz que nunca tirava apesar da umidade. Ela estava sentada com os joelhos encolhidos perto do peito, olhando para o musgo do lado de fora da jaula.

Levou um susto quando Winter se aproximou.

– Oi, amiga. – Winter se ajoelhou na frente da jaula de Scarlet.

– Oi, maluca – disse Scarlet. Pareceu um termo carinhoso. – Como estão as paredes do castelo hoje?

Winter cantarolou, pensativa. Ela estava tão distraída que mal vinha prestando atenção às paredes.

– Não tão sangrentas quanto o habitual – determinou ela.

– Já é alguma coisa. – Scarlet puxou os cachos para o lado. O cabelo estava escuro com oleosidade e sujeira, fazendo desaparecer o ruivo explosivo que já tinha feito Winter pensar em uma cauda de cometa. Ela também perdeu muito peso desde que foi capturada. Winter sentiu uma pontada de culpa. Deveria ter levado um lanche.

O olhar de Scarlet avaliou Winter com um toque de desconfiança, prestando atenção no vestido leve que cintilava mais do que o habitual.

– Você está... – Ela fez uma pausa. – Não importa. Qual é a ocasião?

Winter juntou as mãos.

– Jacin pediu para me encontrar com ele aqui.

Scarlet assentiu sem surpresa.

– É, ele passou aqui ainda há pouco. – Ela inclinou o queixo para o caminho. – E foi por ali.

Winter se levantou de novo, os joelhos tremendo. Por que estava tão nervosa? Ele era Jacin, que a viu coberta de lama e de arranhões quando eles eram crianças, que fazia curativo nos machucados dela

quando se arranhava, que a abraçava quando as visões ficavam intensas e a trazia de volta com seus sussurros.

Mas alguma coisa soou diferente quando ele pediu que ela o encontrasse ali.

Pela primeira vez, ele pareceu nervoso.

Ela passou metade da noite se perguntando o que isso queria dizer, e sua mente sempre lhe mostrava uma possibilidade, uma esperança leve.

Ele ia dizer que a amava. Não queria fingir mais, apesar da política, apesar da madrasta dela. Não podia passar nem mais um dia sem beijá-la.

Ela tremeu.

– Obrigada – murmurou para Scarlet. Ajeitando a saia, ela seguiu pelo caminho.

– Winter.

Ela parou. Scarlet estava segurando a barra mais perto do rosto.

– Tome cuidado.

Winter inclinou a cabeça.

– O que você quer dizer?

– Eu sei que você gosta dele. Sei que confia nele. Mas só... tome cuidado.

Winter deu um sorriso. A pobre e desconfiada Scarlet.

– Se você insiste – disse ela, virando para o outro lado.

Ela o viu assim que fez a curva do cercado de Ryu. Jacin estava em uma ponte com vista para o lago central do jardim, com cascatas borbulhantes. Uma família de seis cisnes estava reunida abaixo, enquanto ele jogava os pedaços de pão que tinha nos bolsos.

Ele estava usando o uniforme, pronto para começar o turno como guarda pessoal dela. Seu cabelo ficava tão claro na luz obscura do jardim que, por um momento horrível, Winter imaginou que ele era

um dos animais de Levana, um dos bichinhos dela.

Ela afastou o pensamento quando Jacin a olhou. A expressão dele era sombria, e sua euforia sumiu. Não era um encontro romântico, afinal. Claro que não. Nunca era.

Mas a decepção não afastou a fantasia do quanto ela queria que ele a imprensasse contra as barras e a beijasse até ela não conseguir pensar em mais nada.

Ela limpou a garganta e se aproximou.

– Isso é um tanto clandestino – disse ela, cutucando-o com o ombro enquanto ele esvaziava o pão que tinha nos bolsos.

Jacin hesitou antes de cutucá-la de volta.

– O jardim é aberto ao público, Alteza.

– Sim, e as portas vão se trancar em cinco minutos. Não tem ninguém aqui.

Ele olhou por cima do ombro.

– Você está certa. Acho que é mesmo clandestino.

Um novo sussurro de esperança surgiu entre as orelhas dela. Talvez. *Talvez...*

– Ande comigo – disse Jacin, descendo da ponte. Ela o seguiu ao redor do lago. A atenção dele estava grudada no chão, uma das mãos roçando o cabo da faca. Sempre o guarda.

– Tem alguma coisa...?

– Tem – sussurrou ele, como se saísse de pensamentos profundos. – Tem uma coisinha ou duas.

– Jacin?

Ele massageou a testa. Winter não lembrava a última vez que ele pareceu tão inseguro.

– Na verdade, tem um monte de coisas que eu gostaria de dizer a você.

O coração dela pulou. Lutando contra os pensamentos

enlouquecidos na cabeça, ela só conseguiu dizer um atordoado:

– Ah?

Jacin desviou o olhar para ela, mas não o sustentou, e voltou a observar o caminho. Eles atravessaram outra ponte entalhada em marfim. A maioria dos cisnes tinha se espalhado, mas um ainda estava indo atrás dele, mergulhando a cabeça na água. Do outro lado do caminho havia lebres albinas que os viram passar com olhos vermelhos e narizes tremendo.

– Desde que éramos crianças, eu só queria proteger você.

Os lábios dela formigaram. Ela queria que ele parasse de andar para poder olhá-lo no rosto. Mas ele não parou e a levou por afloramentos rochosos e flores pesadas e caídas.

– Por saber que você estava no julgamento, eu só pensava: tenho que sobreviver a isso. Não vou fazê-la ficar ali me vendo morrer.

– Jacin...

– Mas fui burro de achar que poderia proteger você para sempre. Não dela.

O tom dele ficou duro. As emoções de Winter ficaram em frangalhos pela mudança constante na conversa.

– Jacin, o que está acontecendo?

Ele inspirou fundo, tremendo. Eles completaram a volta no lago, e ela viu que Ryu estava acordado, andando atrás das barras.

Jacin parou de andar, e Winter afastou a atenção do lobo. Estava presa pelo olhar azul-gelo de Jacin. E engoliu em seco.

– Ela quer matar você, princesa.

Winter tremeu, primeiro por causa da intensidade das palavras dele e segundo por causa do significado. Achava que uma declaração dessas deveria tê-la chocado, mas desde que Levana provocou suas cicatrizes, ela estava esperando isso.

Sua decepção por Jacin *não* a ter levado até ali para confessar seu

amor foi mais potente do que saber que a madrasta a queria morta.

– O que eu fiz?

Ele balançou a cabeça e a tristeza profunda voltou.

– Nada que pudesse evitar. O povo ama você demais. Levana se deu conta do *quanto*. Ela acha que você pode ser uma ameaça à coroa dela.

– Mas eu nunca poderia ser rainha – disse ela. – A linhagem. As pessoas nunca...

– Eu sei. – A expressão dele foi solidária. – Mas não importa.

Ela recuou e ouviu as palavras dele novamente. Ditas com tanta certeza. *Ela quer matar você, princesa*.

– Ela contou isso para você?

Um único aceno curto.

Pontos pretos piscaram em seu campo de visão. Ela deu um passo para trás e segurou a grade do cercado de Ryu. Atrás, ouviu um rosnado, seguido do focinho de Ryu nos dedos. Não tinha se dado conta de que ele estava ali.

– Ela mandou você me matar.

O maxilar dele se contraiu. Com culpa, ele olhou para o lobo.

– Sinto muito, princesa.

Quando o mundo parou de girar, ela ousou olhar para a câmera acima do ombro dele. Ela raramente prestava atenção às câmeras, mas então se perguntou se a madrasta estava assistindo, esperando para ver a enteada ser assassinada para proteger seu trono de uma ameaça imaginária.

– Por que ela faria isso com você?

Ele riu, como se alguém tivesse enfiado uma faca em seu peito e ele não tivesse escolha além de achar divertido.

– *Comigo?* É sério?

Ela se obrigou a se empertigar. Ao relembrar a expectativa que

sentiu pelo encontro, pensou no quanto fora ingênua e boba.

– Sim – disse ela com firmeza. – Como ela pode ser tão cruel de pedir logo a *você*, dentre todas as pessoas?

O rosto dele se suavizou.

– Você está certa. É tortura.

Lágrimas surgiram nos olhos dela.

– Ela ameaçou alguém, não foi? Vai mandar matar alguém se você não fizer isso.

Ele não respondeu.

Ela fungou e piscou para tentar afastar as lágrimas. Ele não precisava contar. Não importava quem era.

– É egoísmo da minha parte, mas fico feliz de ser você, Jacin. – A voz dela tremeu. – Sei que vai ser rápido.

Ela tentou imaginar. Ele usaria a faca? Uma arma? Ela não fazia ideia de qual era o jeito mais rápido de morrer. Não queria saber.

Jacin devia ter feito as mesmas perguntas. Na noite anterior toda. Naquele dia todo. Devia estar planejando como fazer, com medo daquele encontro tanto quanto ela o vinha desejando.

Seu coração se partiu por ele.

Atrás dela, Ryu começou a rosnar.

– Winter...

Fazia tanto tempo que ele não a chamava pelo nome. Sempre *princesa*. Sempre *Alteza*.

O lábio dela tremeu, mas ela se recusou a chorar. Não faria isso com ele.

Os dedos de Jacin se fecharam no cabo da faca.

Era tortura. Jacin parecia estar com mais medo do que quando passou pelo julgamento. Estar sofrendo mais do que quando seu tronco ficou em carne viva com as chibatadas.

Era a última vez que ela o veria.

Era seu último momento. Seu último suspiro.

De repente, toda a política e todos os jogos deixaram de ter importância. De repente, ela se sentiu ousada.

– Jacin – disse, com um sorriso trêmulo. – Você deve saber. Não consigo me lembrar de uma época em que não amava você. Acho que essa época não existiu.

Os olhos dele se encheram de mil emoções. Mas, antes que ele pudesse dizer o que queria, antes que pudesse matá-la, Winter agarrou a frente da camisa dele com as duas mãos e o beijou.

Ele derreteu bem mais rápido do que ela esperava. Quase na mesma hora, como se estivesse esperando aquele momento, segurou os quadris dela e a puxou para perto com uma possessividade que a sufocou. Os lábios estavam desesperados e famintos quando ele mergulhou no beijo, apertando-a contra a grade. Ela ofegou, e ele intensificou o beijo, enfiando uma das mãos no cabelo dela pela nuca.

A cabeça dela girou, desnorteada pelo calor e por uma vida inteira de desejo.

A outra mão de Jacin deixou o quadril de Winter. Ela ouviu o som de metal quando a faca foi tirada da bainha. Winter tremeu e o beijou mais intensamente, injetando naquele momento todas as fantasias que já teve.

A mão de Jacin escorregou de seus cabelos. O braço a envolveu. Ele a segurou contra si como se eles não pudessem ficar próximos o bastante. Como se pretendesse absorver o corpo dela.

Soltando a camisa dele, Winter encontrou seu pescoço, seu maxilar. Sentiu as pontas dos fios de cabelo dele com os polegares. Ele fez um ruído, e ela não discerniu se era desejo ou dor ou lamento ou uma mistura de tudo. O braço se contraiu nas costas dela. O peso mudou quando ele levantou a faca.

Winter fechou os olhos com força.

Por ter visto tantas mortes na vida, ela teve o pensamento distante de que aquela não era uma forma muito ruim de morrer.

Ele baixou o braço depressa e Winter ofegou, um sopro de ar os separava. Seus olhos se abriram. Atrás dela, Ryu latiu, mas o som se transformou em um choramingo traído.

Os olhos de Jacin também estavam abertos, azuis e arrependidos.

Winter tentou recuar, mas ele a segurou com firmeza. Ela não tinha para onde ir, presa entre Jacin e a grade como estava. Por cima do ombro dele, a luz de uma câmera brilhava perto do teto. A respiração dela saiu entrecortada. A cabeça girou. Ela não diferenciava seus batimentos dos de Jacin.

Jacin. Que estava com as bochechas vermelhas e o cabelo desgrenhado. Jacin, que ela finalmente ousou beijar, Jacin, que retribuiu o beijo.

Mas, se ela ainda esperava ver desejo no rosto dele, ficou decepcionada. Ele estava paralisado de novo.

– Me faça um favor, princesa – sussurrou ele, com a respiração quente sobre sua boca. – Na próxima vez que alguém disser que vai matar você, não simplesmente *deixe* que matem.

Ela olhou para ele, atordoada. O que ele fez?

Os joelhos de Winter cederam. Jacin a segurou e a deslizou pelas grades do cercado. A mão dela tocou em uma coisa quente e úmida escorrendo por baixo da grade.

– Você está bem, princesa – murmurou Jacin. – Você está bem.

– Ryu? – A voz dela falhou.

– Vão achar que o sangue é seu. – Ele estava explicando alguma coisa, mas ela não entendeu. – Espere aqui. Não se mexa até eu apagar as luzes. Entendeu? Princesa?

– Não me mexer – sussurrou ela.

Jacin se afastou, e ela ouviu a faca ser arrancada da carne do lobo.

O corpo cambaleou contra a grade. Jacin aninhou a bochecha com as cicatrizes, observando-a para ter certeza de que ela não estava tendo um surto, para ter certeza de que ela tinha entendido, mas ela só conseguia entender a umidade grudenta que encharcava a saia. Sangue escorria pelo caminho. Litros e litros de sangue estavam pingando do teto de vidro, pingando nos braços dela, enchendo o lago.

– *Winter.*

Ela olhou para Jacin, boquiaberta, incapaz de falar. A lembrança do beijo foi encoberta por uma coisa terrível e injusta. Ryu. O doce e inocente Ryu.

– Até as luzes se apagarem – repetiu ele. – Então, quero que você pegue sua amiga ruiva e saia dessa porcaria de tabuleiro de jogo. – Jacin passou o polegar pela pele dela, despertando-a do choque. – Agora se finja de morta, princesa.

Ela caiu e encontrou alívio nessa ordem. Eles estavam participando de um jogo. De um jogo. Como quando eram crianças. É um jogo e o sangue não é real e Ryu...

Ela contraiu o rosto por causa das lágrimas. Um soluço ficou trancado na garganta. Jacin a apoiou no muro da jaula e seu calor sumiu em seguida. O peso das botas se afastou, deixando uma trilha de passos grudentos.

CAPÍTULO

Vinte e nove

A careta pareceu entalhada no rosto de Scarlet enquanto ela olhava para o caminho vazio do jardim. Winter foi naquela direção e horas pareciam ter se passado, e Scarlet sabia que não podia haver visitantes no jardim tão tarde. Mas era provável que essas regras não se aplicassem a princesas. Talvez Winter estivesse vivendo a entrega romântica que desejava, afinal.

Mas alguma coisa não parecia certa. Scarlet poderia jurar que tinha ouvido Ryu sair da toca, mas ele não foi vê-la, como era a rotina. E ela escutou um ruído, uma coisa que a lembrou o barulho que uma cabra faz quando está sendo abatida. Uma coisa que despertou arrepios pelos membros dela, apesar do calor do jardim e do casaco fechado.

Por fim, passos. Scarlet segurou as barras.

Ela soube que suas desconfianças estavam certas assim que o guarda apareceu, com uma faca na mão. Seu coração disparou. Mesmo de longe ela avistou uma coisa escura na lâmina. Mesmo sem conhecer Jacin, via o arrependimento no rosto dele.

Os nós de seus dedos ficaram brancos na grade.

– O que você fez? – perguntou ela, engolindo a fúria que queria explodir, mas não teria para onde ir. – Onde está Winter?

O olhar de Jacin não oscilou quando ele parou em frente à jaula dela, e Scarlet não se encolheu e se afastou dele, apesar da faca e do sangue.

– Estique a mão – disse ele, se agachando.

Ela fez expressão de desprezo.

– Você sabe o que acontece aqui com as pessoas que "esticam a mão"?

Ele enfiou a ponta da faca no musgo macio e, antes que Scarlet pudesse se mexer, segurou o pulso dela e virou com tanta força que um grito de dor subiu até o ombro. Scarlet ofegou e sua mão a traiu, se abrindo com a palma virada para cima. Não era manipulação mental, só um truque sujo antigo e simples.

Scarlet tentou puxar o braço pela barra, mas o aperto era de ferro. Mudando de tática, ela apertou o corpo contra a jaula e tentou enfiar as unhas na cara dele, mas Jacin ficou longe do alcance.

Depois de desviar de um segundo ataque das unhas de Scarlet, o guarda tirou a bainha do cinto e virou. Um pequeno cilindro caiu na palma da mão dela.

Ele a soltou. Os dedos de Scarlet se fecharam no cilindro por instinto, o corpo tremendo para longe do alcance do guarda.

– Enfie isso no acesso de segurança do porto de uma nave lunar e você terá acesso real. Você consegue descobrir o resto. Tem também uma mensagem de uma amiga sua codificada aí dentro, mas sugiro que você espere até estar longe para pensar nisso.

– O que está acontecendo? O que você fez?

Ele enfiou a faca na bainha e, para a surpresa de Scarlet, jogou-a em sua direção. Ela se encolheu, deixando que caísse em seu colo, sem causar danos.

– Você precisa encontrar o Porto E de Artemísia, Compartimento 22. Repita.

A pulsação dela disparou. Ela olhou para o caminho de novo, esperando que o cabelo cacheado de Winter e o vestido cintilante e a graça natural da caminhada dela aparecessem a qualquer segundo. A qualquer segundo...

– *Repita*.

– Porto E, Compartimento 22. – Ela fechou os dedos no cabo da faca.

– Sugiro seguirem pelos corredores dos guarda-caças primeiro. Winter vai saber o caminho a partir de lá. Vamos fazer o que pudermos com relação à segurança, mas tente não fazer nenhuma besteira. E, se você ficar tentada a ir embora de Luna, lute contra isso. Você só vai chamar atenção, e aquela navezinha não está equipada para distâncias longas. Aja como se fosse buscar uma entrega em MR-9. É onde seu namorado passou a infância. Entendeu?

– Não.

– Só saia de Artemísia. Porto E, Compartimento 22. Setor MR-9. – Ele se levantou. – E, quando você encontrar aquela sua princesa, diga para ela andar logo.

Scarlet voltou a atenção para ele, pensando: *Winter? Winter tem que andar logo?* Mas então percebeu que ele estava falando da outra princesa. Selene. Cinder.

Jacin contornou a jaula até a lateral com a porta de grade e encostou o polegar no leitor para se identificar. Ele digitou um código. Scarlet ouviu o estalo revelador da tranca, o estalo dela se abrindo. Seus nervos vibraram.

– Conte até dez. – Sem olhar para ela, Jacin se virou e saiu andando.

Tudo nela gritava para que empurrasse aquela porta e saísse correndo pelo caminho para procurar Winter, mas ela se segurou. Seus dedos tremeram. Ele lhe deu uma arma e um plano de fuga. Ela não sabia o que estava acontecendo, mas alguma coisa dizia que *não reagir* por dez meros segundos não a mataria.

Ao chegar ao quatro, ela enfiou o pequeno cilindro no bolso do casaco. No cinco, prendeu a faca na parte de trás da calça jeans rasgada e imunda. No seis, chegou perto das barras novamente e encostou o rosto nelas. No sete, gritou:

– *Winter!* Você...

No oito, as luzes se apagaram, mergulhando-a na escuridão.

Scarlet ficou paralisada. Aquele *imbecil*. Ele queria facilitar as coisas? Queria ajudar? Queria...

Ah. As câmeras.

Bufando, Scarlet verificou se a faca estava bem presa e abriu a porta da jaula. Cambaleou por ela e usou as barras para se levantar e ficar ereta. As pernas tremeram pela falta de uso. Ela se firmou e pisou no musgo.

Primeiro, ver se a princesa estava morta.

Segundo, descobrir onde é que ficava o Porto E.

– Winter? – sussurrou ela, andando pelo caminho. O muro do cercado pareceu mais distante do que ela lembrava, seus sentidos enevoados pregando peças. Por fim, sua mão encontrou a grade e ela a usou para se guiar pelo caminho. – Ryu?

O lobo não respondeu. Outra coisa estranha.

Acima da cobertura da floresta artificial e da parede de vidro, dava para ver estrelas piscando em abundância, e os olhos de Scarlet se ajustaram à luz fraca que emitiam. Quando fez uma curva, só viu as sombras das copas das árvores acima e a mão na frente do rosto.

Ela apertou os olhos. Havia alguma coisa branca no caminho, que poderia ser qualquer um dos vários animais albinos que moravam no local, mas os instintos de Scarlet disseram exatamente o que era. *Quem* era.

– Winter! – Ela correu o resto do caminho, com a mão encostada na grade. A forma da princesa surgiu, caída contra as barras. Havia uma coisa escura empoçada embaixo dela. – Ah, não... ah, não... *princesa!* Ela caiu de joelhos, inclinando Winter para trás e colocando a mão no pescoço dela.

– As paredes estão sangrando.

As palavras baixas e quase delirantes despertaram uma onda de alívio em Scarlet. Os batimentos de Winter estavam fortes quando ela os encontrou.

– Onde você está machucada?

– O sangue... para todo o lado... tanto sangue.

– Winter. Preciso que você fale comigo. Onde ele machucou você? – Ela passou as mãos pelos braços, ombros, pescoço da princesa, mas o sangue estava todo embaixo. Nas costas, então?

– Ele matou Ryu.

Scarlet ficou paralisada.

A princesa chorou e caiu para a frente, encostando a testa no pescoço de Scarlet.

– Ele estava tentando me proteger.

Scarlet não sabia se ela se referia ao lobo ou ao guarda.

– Você está bem – disse ela, mais em confirmação para si mesma. Olhou ao redor. O jardim desapareceu na escuridão, mas ela ouvia o barulho de uma cachoeira, ruídos de patas pequenas, as folhas de uma árvore sendo sacudidas quando uma criatura passou correndo. Então, viu um montinho de pelo branco atrás de Winter e seu coração deu um nó, mas ela rapidamente sufocou o sentimento.

Como com a avó, haveria um momento para sofrer mais tarde. Agora, ela ia sair dali com Winter.

Seu cérebro mudou para velocidade total.

Nas portas do jardim havia sempre guardas, que sem dúvida ficariam desconfiados quando a princesa Winter não voltasse. A não ser que Jacin tivesse alguma coisa na manga para eles, mas, de qualquer modo, Scarlet não ia sair andando no meio do palácio da rainha.

Ela olhou para trás de Ryu. Na parede ao longe, identificou o contorno suave da porta que levava aos corredores dos guarda-caças,

usados para alimentar os animais e cuidar das jaulas. Jacin sugeriu aquele caminho, e, por mais que ele a irritasse, ela não tinha motivo para duvidar.

– Venha. – Ela ajudou Winter a se levantar.

A princesa olhou para as mãos e começou a tremer.

– O sangue...

– Tá, tá, as paredes estão sangrando, entendi. Olhe. Aqui. Concentração. – Scarlet segurou o cotovelo de Winter e a girou. – Está vendo aquela porta? É para lá que nós vamos. Vou dar uma ajudinha. – Ela entrelaçou os dedos, mas a princesa nem se mexeu. – *Winter.* Vou dar cinco segundos para você se controlar e decidir me ajudar, senão vou deixar você para trás com seu lobo morto e suas paredes sangrando. Entendeu?

Os lábios de Winter se abriram e sua expressão era de atordoamento, mas depois de três segundos ela assentiu. Ou melhor, ela baixou a cabeça e Scarlet achou que as pálpebras podem ter tremido um pouco, o que ela ia aceitar como um sim.

– Que bom. Agora suba nas minhas mãos e pule essa grade.

A princesa fez o que Scarlet mandou. O movimento foi desajeitado, o que contradizia todos os movimentos que Scarlet a viu fazer. Quando Winter caiu no cercado do lobo, a situação ficou clara para Scarlet.

Aquele guarda deu a elas uma chance de fugir. Elas tinham que ir rápido.

Adrenalina corria pelas veias dela. Scarlet verificou a faca mais uma vez, depois segurou a grade e pulou.

Ela caiu com um grunhido e logo se levantou e saiu correndo para a porta. A porta se abriu e, para o alívio dela, nenhum alarme soou. Ela olhou para trás e viu a princesa inclinada sobre o corpo de Ryu, mas, antes que Scarlet pudesse gritar por ela, a princesa levantou o queixo,

limpou as palmas das mãos sujas de sangue na saia e foi atrás.

CAPÍTULO

Trinta

Os corredores de alimentação estavam pretos como breu. Scarlet fez uma pausa para prestar atenção em passos ou vozes, mas não havia nada além dos ruídos abafados dos pássaros que ficaram para trás. O cheiro a lembrou da fazenda, uma combinação intensa de ração e feno e estrume. Ela se orientou. Ir para a direita a levaria para o meio do jardim, mas a esquerda poderia levá-las de volta ao palácio, com sorte a algum tipo de aposento de criados. Com uma das mãos na parede, ela segurou o pulso de Winter e saiu correndo. Seus dedos passaram por portas fechadas, e ela usou o que sabia do jardim para contá-las. *Esta deve ser a do cervo. Esta pode ser a do leopardo das neves. Esta é a da raposa do ártico?*

Elas dobraram uma esquina, e uma luz piscante chamou sua atenção, vaga e distante. Ela seguiu nessa direção e encontrou um painel de controle embutido na parede, onde dava para controlar as luzes e temperaturas e alimentadores automáticos do jardim.

Ao lado do painel, quase imperceptível na luz fraca, havia uma porta.

Ela apertou o mecanismo para destrancar, torcendo demais para que a porta não levasse ao leão. Nada aconteceu.

Scarlet falou um palavrão e apertou o mecanismo para destrancar. Nada.

Então, o painel de controle apitou, dando um susto nela, e uma mensagem surgiu no topo.

TOME CUIDADO, SCARLET.

O queixo dela caiu.

– O quê...

Antes que pudesse questionar, ela ouviu a porta se destrancar. Tremendo, esticou a mão para a maçaneta. A porta se abriu.

Ela se encolheu por causa de toda a luz que surgiu e puxou Winter para perto da parede, mas uma olhadela deixou claro que o corredor bem-iluminado estava igualmente vazio. Era estreito e simples. Se Scarlet tivesse que dar um palpite de como era um corredor de criados, seria assim.

Ela prestou atenção e não ouviu nada.

Olhou para cima e seu coração pulou.

Uma câmera estava girando no teto, verificando o corredor de um lado para outro. Mas, assim que Scarlet a viu, ela parou. A luz de energia ficou fraca e sumiu. Assustada, Scarlet se inclinou para a frente no corredor e viu uma segunda câmera a uns cinquenta passos. Na mesma hora, ela foi desligada.

O que Jacin dissera? Alguma coisa sobre cuidar da segurança?

Mas... *como?*

Scarlet segurou o cotovelo de Winter e a arrastou pelo corredor.

– Você sabe onde estamos?

– Perto da ala dos convidados.

Bem, já era alguma coisa. Pelo menos Scarlet não precisava se preocupar com a possibilidade de *começarem* totalmente perdidas.

– Estamos tentando chegar ao Porto E de Artemísia. Você sabe onde é, não sabe?

– *E...* – murmurou Winter. – E de *execução*. *De espaço. De Evret. De enteada.* – Ela ponderou mais um momento. – *E* de *escapada*.

Scarlet gemeu.

– *E* de inútil.

– Não, isso não está certo.

Scarlet se virou para ela, e a princesa parou de repente. A parte de trás da saia estava escura de sangue, e manchas cobriam os braços, pernas, até o rosto. Na verdade...

Ao olhar para baixo, Scarlet viu que também tinha uma boa quantidade nela. Isso não as ajudaria a passarem despercebidas.

– As docas, Winter – disse ela, com cara feia para a princesa. – Você sabe onde ficam ou não?

A princesa contraiu o rosto e apertou as palmas das mãos sujas de sangue nas bochechas. Por um momento, Scarlet achou que ela fosse chorar.

– Não. Sim. Não sei. – A respiração dela ficou curta e os ombros começaram a tremer.

– *Princesa* – avisou Scarlet.

– Acho que sei. As docas... sim, as docas. Com os cogumelos.

– Cogumelos?

– E as sombras que dançam. O Porto E. *E* de *escapada*.

– Isso mesmo, *E* de *escapada*. – Scarlet sentia a esperança escorrendo por entre os dedos. Não havia como aquilo dar certo. – Como chegamos lá?

– Pegamos o trem. Até a extremidade da cidade.

– O trem. Tudo bem. Como chegamos lá?

– Para baixo, nós vamos para baixo.

Scarlet sentiu sua paciência chegando ao fim.

– E como vamos para baixo?

Winter balançou a cabeça, com desculpas nadando nos olhos cor de âmbar. Scarlet teria vontade de abraçá-la se não estivesse ao mesmo tempo com vontade de estrangulá-la.

– Tudo bem. Eu vou descobrir. – Ela saiu correndo pelo corredor, torcendo para darem de cara com um lanço de escadas ou um elevador. Criados tinham que se deslocar com rapidez, não tinham?

Elas acabariam encontrando...

Ela dobrou uma esquina e parou, quase se chocando com uma garota, uma criada que não podia ter mais de catorze anos. Winter foi de encontro a Scarlet, que segurou o braço da princesa, adrenalina latejando nos ouvidos. A criada olhou por um segundo para Scarlet, depois para a princesa coberta de sangue, em seguida fez uma reverência nervosa, segurando roupas lavadas nos braços.

– V-Vossa Alteza – gaguejou ela.

Trincando os dentes, Scarlet pegou a faca na bainha e partiu para cima da garota, prendendo-a contra a parede com a lâmina na garganta.

A garota deu um gritinho. As roupas caíram aos pés delas.

– Precisamos chegar ao trem que vai nos levar às docas. Do jeito mais rápido. Agora.

A garota começou a tremer, com olhos enormes.

– Não tenha medo – disse Winter, com voz cantarolada e delicada. – Ela não vai machucar você.

– Imagine se não. Como chegamos às docas?

A garota levantou um dedo.

– P-Por esse corredor, à direita. A escada desce até a plataforma.

Afastando-se, Scarlet pegou uma toalha de mesa branca da pilha caída e levou Winter pelo corredor sem olhar para trás.

O corredor terminava em um *T*. Scarlet virou para a direita e encontrou uma alcova que dava em uma escadaria iluminada. Quando a porta se fechou depois da passagem delas, Scarlet abriu a toalha e a enrolou ao redor de Winter, fazendo o melhor que podia para criar algo parecido com uma capa, algo que escondesse o sangue e a beleza reconhecível da princesa. Quando achou que o resultado estava passável, ela segurou a mão de Winter e desceu a escada. Quando chegaram ao segundo patamar, as paredes passaram a ser de

pedra cinza-amarronzada. Elas estavam no subterrâneo, nos subníveis do palácio.

Três andares, elas saíram em uma plataforma iluminada por arandelas brilhantes. À frente havia trilhos magnéticos silenciosos. Scarlet se aproximou da beirada e olhou para os dois lados do túnel.

Ela viu uma segunda porta, arqueada e adornada com azulejos fosforescentes. Era a entrada dos corredores do palácio, diferente da entrada sem graça dos criados.

Alguma coisa estalou. Os ímãs começaram a zumbir. Com o coração dando um pulo até a garganta, Scarlet esticou o braço e empurrou Winter contra a parede. Um veículo em forma de bala surgiu do túnel e parou nos trilhos. Scarlet ficou imóvel, torcendo para que quem estivesse lá dentro não as visse, nem olhasse na direção delas.

A porta do veículo se abriu com um chiado hidráulico e uma nobre saiu aos risos, usando um vestido chamativo verde-esmeralda que cintilava com penas de pavão e pedras preciosas. Um homem a seguiu, de túnica bordada com runas parecidas com as usadas pelos taumaturgos. Ele esticou a mão e apertou as costas da mulher. Ela deu um gritinho e o empurrou para longe.

Scarlet só respirou quando eles saíram pela porta e a risada sumiu na escada.

– Aquele não era o marido dela – sussurrou Winter.

– Não estou nem aí. – Scarlet correu para o veículo. – Abra!

O veículo não se mexeu. A porta não se abriu.

– Abra, seu lixo imbecil! – Scarlet enfiou os dedos entre as portas e tentou abrir. O dedo machucado latejou pela primeira vez em dias. – Vamos lá. Qual é o problema dessa coisa? Como a gente...

A porta se abriu, quase derrubando Scarlet. Uma voz robótica disse:

– Transporte para Artemísia Porto E.

Arrepios explodiram em sua pele, mas ela fez Winter entrar, agradecendo em silêncio ao aliado invisível que as estava ajudando. Scarlet entrou logo depois de Winter e desabou em um banco. A porta se fechou, trancando-as lá dentro. Quando o veículo se elevou e começou a deslizar pelos trilhos, Winter acrescentou:

– De escapada.

Scarlet limpou a testa úmida com a manga suja. Quando sentiu o pânico sossegar o bastante para falar, ela perguntou:

– O que aconteceu lá? No jardim?

A força que tinha surgido nos olhos de Winter sumiu na mesma hora.

– A rainha o mandou me matar – disse ela. – Mas ele matou Ryu no meu lugar.

Scarlet abriu o moletom para esfriar a pele quente.

– Por que a rainha quer matar você?

– Ela acredita que eu seja uma ameaça à coroa dela.

Scarlet riu com deboche, um som exausto que não transmitia o desprezo que sentia.

– É mesmo? Ela já ouviu você falar?

Winter virou olhos questionadores para ela.

– Porque você é *maluca* – explicou Scarlet. – Não exatamente feita para ser rainha. Sem querer ofender.

– Eu não posso ser rainha porque não tenho ascendência real. Sua Majestade é apenas minha madrasta. Não tenho o sangue dela.

– Certo, porque é isso que importa em um governante.

Apesar de haver duas monarquias na União Terráquea, o Reino Unido e a Comunidade das Nações Orientais, Scarlet cresceu na Europa, uma democracia feita de separação de poderes, direito ao voto e representantes de províncias. Ela achava que cada um tinha

seu jeito, e era evidente que os países da União estavam fazendo alguma coisa certo para terem passado por cento e vinte e seis anos de paz mundial.

Mas não era o caso com Luna. Havia alguma coisa defeituosa no sistema deles.

O veículo começou a ir mais devagar. Scarlet olhou para a janela quando a caverna preta de pedra se abriu em um enorme porto de espaçonaves vibrando em atividade. O piso azulejado brilhava, jogando as sombras de incontáveis naves nas paredes escuras. Mas aquela doca estava lotada e era enorme, com vários trilhos de levitação magnética trazendo mais veículos a cada segundo. Havia carga sendo depositada em um veículo de outro trilho, comidas e mercadorias vindas dos setores externos, por homens que gritavam uns com os outros em ordens abreviadas que pareciam outra língua.

– Compartimento 22 – Scarlet lembrou a si mesma quando as portas do veículo se abriram. – Tente passar despercebida.

Winter olhou para ela, um momento de perfeita clareza, e até humor, em seu olhar.

Ela estava certa. As duas estavam imundas. Estavam sujas de sangue. Winter era uma princesa amada mais bonita do que um buquê de rosas e mais maluca do que uma galinha sem cabeça.

Seria um milagre elas passarem despercebidas.

– Você poderia usar seu glamour – sugeriu Scarlet.

A ligação foi rompida e Winter se virou.

– Não, não poderia.

Ela saiu para a plataforma.

Scarlet foi atrás, aliviada de não ver ninguém usando roupas caras e adereços de cabeça ridículos. Ali era um lugar de negócios e carga, não de aristocratas, mas isso não queria dizer que elas estavam em segurança. Ela já sentia os trabalhadores parando, olhando de novo,

impressionados.

– Você quer dizer que não vai usar – disse Scarlet.

– Eu quero dizer que não vou usar – concordou a princesa.

– Então pelo menos fique de cabeça baixa. – Scarlet ajeitou a toalha de mesa no cabelo de Winter, enquanto elas se afastavam dos trilhos.

O porto era enorme e se estendia ao longe. Havia centenas de alcovas escuras enfileiradas dos dois lados, com números entalhados acima. Scarlet observou a carga quando elas passaram, e palavras de guerra chamaram sua atenção.

MUNIÇAO PARA ARMAS PEQUENAS
ENTREGA: REGIMENTO LUNAR 51, MATILHA 437
TAUMATURGO LAIGHT, ALFA GANUS
POSIÇAO: ROMA, ITÁLIA, FE, TERRA

Munição. Eram armas destinadas à Terra para ajudar nos esforços de guerra de Luna.

Não reaja, disse para si mesma, apertando as mãos. Cada fibra em seu corpo desejava pegar uma arma e abrir fogo contra cada caixa daquele porto.

Não reaja. Não reaja.

Ela controlou a respiração e seguiu em frente, com Winter ao lado. Viu E7 pintado na parede à esquerda, E8 à direita. Quase lá.

Foi preciso toda a força de vontade do mundo para não sair correndo para o Compartimento 22.

– Posso ajudar?

Elas pararam. Um trabalhador deu um passo na direção delas, usando um macacão imundo.

– O que vocês... – Ele se controlou quando seu olhar pousou em Winter, ou no que ele via do rosto abaixado. – Eu... me perdoe. Vossa

Alteza?

Winter levantou o rosto. As bochechas do homem ficaram vermelhas.

– É você – sussurrou ele. – Eu não... Posso ajudar, Vossa Alteza?

Scarlet se irritou. Ninguém tinha reparado nelas ainda. Ela segurou o braço do homem antes de ele fazer a reverência.

– Sua Alteza não quer ser observada. Se você quiser ajudar, pode nos acompanhar até o Compartimento 22.

O rosto do homem foi tomado de ansiedade e ele assentiu, como se estivesse com medo dela. Talvez achasse que ela era uma taumaturga em treinamento.

– S-Sim, claro. Por aqui.

Scarlet o soltou e disparou um olhar frio para Winter, indicando que ela escondesse o rosto novamente. Os passos do homem estavam rígidos quando ele as levou por plataformas flutuantes de carga e caixa em trilhos complicados. Ao coçar o pescoço com a mão livre, ele olhou duas vezes por cima do ombro.

– Tem alguma coisa errada? – perguntou Scarlet, com um tom de aço.

– N-Não. Desculpe.

– Então pare de olhar para ela.

Ele abriu a boca, e Scarlet achou que queria mencionar o sangue ou a sujeira ou a mera existência de Winter, mas fechou-a novamente e manteve a cabeça baixa.

Algumas das alcovas pelas quais passaram tinham portas pesadas de metal, mas a maioria estava aberta, e, dentro delas, havia naves paradas.

– Está vendo? – sussurrou Winter. – Cogumelos e as sombras que dançam.

Scarlet seguiu o gesto dela. As sombras das espaçonaves nas

paredes pareciam mesmo cogumelos dançando. Mais ou menos. Se ela inclinasse a cabeça e apertasse os olhos.

– O Compartimento 22, Vossa Alteza.

Scarlet olhou para o número por cima da porta em arco e para a nave lá dentro. Era uma nave de duas pessoas, marcada com a insígnia dourada da corte real.

– Obrigada – disse Scarlet. – Isso é tudo.

As sobrancelhas do homem se uniram.

– Vocês... vocês vão precisar de acompanhante de volta?

Scarlet fez que não e enlaçou o braço no de Winter de novo, mas só deu dois passos e parou.

– Não diga a ninguém que nos viu – disse ela para o homem. – Mas, se alguém perguntar, diga que usamos glamour para você nos ajudar. Entendeu?

Seus olhos arregalados se viraram para Winter, que deu um sorriso caloroso. Ele ficou mais vermelho.

– Não sei se não usaram mesmo – murmurou ele.

Revirando os olhos, Scarlet puxou a princesa na direção da nave. Ela viu se o homem tinha ido embora e depois abriu a porta do lado do piloto e fez Winter entrar.

– Vá até o outro lado, a não ser que você planeje pilotar esta coisa.

Winter obedeceu sem questionar. Scarlet tirou a faca da cintura e a colocou entre elas. Fechou a porta, e o barulho das docas silenciou a nave selada a vácuo.

Scarlet expirou e desejou que as mãos parassem de tremer. Que a confusão de controles à frente entrasse em foco. Ela examinou o cockpit e reparou nas semelhanças e nas diferenças em relação ao da nave de entrega que pilotava desde que tinha quinze anos.

– Eu consigo fazer isso – sussurrou ela, apertando o dedo na tela principal. A tela se acendeu. Os controles se iluminaram.

LIBERAÇÃO DE SEGURANÇA INDETERMINADA

Ela ficou encarando a mensagem. Precisou ler quatro vezes para que o significado das palavras fosse absorvido. Em parte, esperava que a ajuda fantasma anulasse a segurança da nave e ligasse o motor para ela. Como nada aconteceu, ela se lembrou do cilindro que Jacin lhe deu. Pegou-o do bolso, tirou a tampa e prendeu a respiração quando enfiou no orifício de segurança correspondente.

Um ícone girou acima da mensagem.

E girou.

E girou.

Seu estômago se contraiu. Uma gota de suor deslizou por sua nuca.

LIBERAÇÃO CONCEDIDA. BEM-VINDO, GUARDA REAL JACIN CLAY.

Scarlet deu um grito, tonta de alívio. Mexeu em alguns botões. O motor zumbiu e a nave se ergueu com a força magnética embaixo do porto, firme e segura. Fora da alcova, uma série de naves de carga seguia na direção da câmara selada que separava o Porto E de Artemísia do vazio do espaço. Elas podiam ir logo atrás, ninguém pararia uma nave real, ninguém nem questionaria...

– Espere – disse Winter quando Scarlet fez a nave seguir em frente.

O coração de Scarlet despencou.

– O quê? – perguntou ela, procurando um taumaturgo, um guarda, uma ameaça.

Winter esticou a mão e puxou o cinto de segurança do piloto por cima da cabeça de Scarlet.

– A segurança primeiro, amiga Scarlet. Somos coisinhas frágeis.

CAPÍTULO

Trinta e um

Winter ficou hipnotizada pelas mãos confiantes de Scarlet passando pelos controles da nave. Atrás delas, portas de ferro enormes se fecharam, trancando-as em uma câmara fechada a vácuo com mais de dez outras naves esperando para serem liberadas do porto subterrâneo de Artemísia. Desviando a atenção de Scarlet e dos instrumentos piscantes, Winter olhou por cima do ombro para as portas, tão antigas que quase pareciam existir na Lua antes da colonização.

As portas a separavam do porto, da cidade, do palácio.

E de Jacin.

Scarlet estava muito nervosa, batendo os dedos nos instrumentos.

– Quanto tempo vai demorar?

– Não sei. Só saí de Artemísia pelos trens de levitação magnética.

– Eles só precisam lacrar algumas portas, certo? – Scarlet levou a mão ao teto e mexeu em alguns botões. As luzes dentro da nave se apagaram. – Seria uma hora ruim para alguém olhar e reconhecer você. Provavelmente pensariam que eu estou sequestrando você.

– De certa forma, está.

– *Não.* Eu estou salvando você da sua madrasta psicótica. Tem uma diferença.

Winter afastou a atenção das portas e observou as naves próximas. A maioria parecia ser de carga. Ela se perguntou quantas estavam levando suprimentos ou mais soldados da rainha para a guerra na Terra. Ainda assim, a maioria estaria indo para os setores externos para entregas ou carregamentos de bens para serem trazidos para a

capital. Era bem mais rápido ir voando do que usar os trens de levitação magnética para dar a volta em metade da Lua.

– Nós vamos para a Terra?

Scarlet franziu mais a testa.

– Jacin disse que essa nave não iria tão longe. Disse para irmos ao setor MR-9.

Jacin. O corajoso Jacin. Sempre a protegendo.

Ela o abandonara.

Scarlet puxou um dos cordões do casaco de moletom, com a ponta desfiada e suja.

– Jacin disse que esse setor para onde vamos é onde Lobo passou a infância. A família dele pode ainda estar lá.

Winter passou o dedo pelo cinto e cantarolou em pensamento: *A Terra está cheia esta noite, esta noite, e os lobos todos uivam, auuuuuuu...*

– Precisamos de um aliado. Alguém em quem possamos confiar. Talvez eu consiga persuadir os pais de Lobo a nos abrigar. A nos esconder até termos um plano melhor, e... em nome de todas as estrelas, *por que está demorando tanto*?

Winter olhou para ela.

– *Aauuuu?*

Scarlet bufou.

– Você pode se concentrar? Precisamos encontrar um lugar para nos escondermos da rainha.

– Ela vai nos encontrar em qualquer lugar. Nós não estaremos seguras.

– Não diga isso. O povo gosta de você, não gosta? Vai proteger você. Vai *nos* proteger.

– Eu não quero colocar ninguém em perigo.

– Você precisa deixar essa forma de pensamento para trás. Somos nós contra ela, Winter. De agora em diante, preciso que você pense

como alguém que quer sobreviver.

Winter inspirou e tremeu, com inveja das brasas que ardiam dentro de Scarlet. Ela se sentia vazia e fria por dentro. Fácil de quebrar.

Scarlet colocou um dos cordões do capuz do moletom na boca e mordeu a ponta de plástico.

– MR-9 – murmurou ela baixinho. – O que MR-9 quer dizer?

– Mineração de Regolito Setor 9. É um setor perigoso.

– Perigoso? Perigoso como?

– Doença do regolito. Muitas mortes.

Scarlet curvou os lábios.

– Parece o tipo de lugar em que Levana não procuraria você. – Scarlet clicou em uma tela e abriu um mapa. – Perfeito.

Um segundo par de portas enormes começou a se abrir e desapareceu nas paredes pretas da caverna. Uma luz leve entrou.

– Scarlet?

– O quê? – Scarlet levantou o rosto e ofegou. – *Finalmente*.

Quando a abertura entre as portas aumentou, Winter viu que elas estavam em uma caverna na lateral de uma cratera. Depois das beiradas havia o terreno rochoso de Luna, com pedras irregulares e superfície marcada, tão receptivas quanto um buraco negro.

– Jacin salvou nós duas – sussurrou ela, com o peito doendo.

Scarlet limpou a garganta e pilotou a nave para a frente, entrando em fila com as outras. Adiante, os propulsores da nave mais próxima da saída se acenderam e a impulsionaram para o espaço.

– Ele poderia ter sido um pouco mais generoso com as informações. Mas, é. Depois me lembre de agradecer.

– Levana vai matá-lo. – Ela olhou para baixo. Havia sangue seco embaixo de suas unhas, manchando o vestido, encharcando os sapatos. Ela piscou, e manchas de sangue começaram a se espalhar no

tecido.

Winter soltou o ar com fraqueza. *Não é real, princesa.*

– Tenho certeza de que ele teve motivo para ficar – disse Scarlet. – Ele deve ter um plano.

A nave chegou à frente da fila, e a galáxia inteira se abriu para elas. Um sorriso ousado surgiu nos lábios de Scarlet.

– Aí vamos nós.

Quando os dedos de Scarlet voaram acima dos controles e a nave zumbiu, Winter olhou para trás uma última vez. Houve um sacolejo. O estômago dela despencou, e elas saíram voando da antecâmara, e Scarlet começou a rir, e o domo de cristal que abrigava Artemísia ficou para trás e foi ficando menor e menor e...

Winter soluçou e levou a mão à boca.

– Ei, ei, nada disso – disse Scarlet, sem se dar ao trabalho de esconder sua alegria efusiva. – Nós conseguimos, Winter, e tenho certeza de que Jacin vai ficar bem. Ele parece ser forte.

O pescoço de Winter começou a doer por ela estar virada no assento, mas ela não queria afastar o olhar de Artemísia, mesmo quando o palácio e as construções começaram a se misturar e as luzes piscaram e sumiram, invisíveis embaixo da superfície do domo.

– Ela vai matá-lo.

– Sei que você está preocupada, mas *olhe*. Estamos fora daquela cidade esquecida pelas estrelas. Estamos vivas e estamos livres, então chega de ficar pra baixo.

Winter encostou a bochecha nas costas da cadeira. Mais lágrimas ameaçavam escorrer, mas ela as segurou e se concentrou na respiração irregular.

Depois de um longo silêncio, sentiu certa mão sobre a sua.

– Desculpe – disse Scarlet. – Não foi justo. Eu sei que você gosta dele.

Winter engoliu em seco.

– Eu o amo como amo minha própria fábrica de plaquetas.

– Sua *o quê*?

– Sei lá. Meu coração, eu acho. Meu corpo. Eu o amo, cada parte dele.

– Tudo bem, você o ama. Mas, Winter, ele pareceu saber o que estava fazendo.

– Me protegendo – sussurrou Winter. – Ele sempre está me protegendo.

Ela levou um susto com o odor inesperado de sangue que invadiu seus pulmões. Olhou para baixo e ofegou.

– O quê? O que foi?

Winter afastou o vestido da barriga. O sangue tinha encharcado o tecido branco cintilante e o deixado vermelho-escuro. Até a toalha que elas tiraram da criada estava coberta. O fedor era tão denso que ela sentia o gosto.

– Winter?

– É... não é nada – gaguejou ela, tentando fazer tudo sumir. O sangue escorreu pelas pernas.

– Você está tendo uma alucinação, não está?

Winter se encostou na cadeira. Envolveu as tiras do cinto de segurança com os dedos. *É só coisa da sua cabeça, princesa. Não é real*.

– Eu estou bem. Vai passar logo.

– Sinceramente – cortou Scarlet –, por que você não usa seu glamour? Por que se deixa enlouquecer assim?

– Eu não quero usar. – Winter inspirou com dificuldade.

– Eu entendi, mas *por quê*?

– É um dom cruel. Eu queria não ter nascido com ele.

– Mas você *nasceu* com ele. Olhe para você, Winter. Está péssima. Por que não... sei lá... me faz pensar que seu cabelo é laranja ou

alguma coisa assim? Alguma coisa inofensiva?

– Nunca é inofensivo.

O cinto foi puxado. Os dedos apertaram as tiras.

– Se *eu* tivesse o dom, eu teria mostrado àqueles imbecis metidos uma coisa ou duas – continuou Scarlet, alheia ao aperto do cinto, ao sangue jorrando. – Para ver o que *eles* achavam de ficarem mandando que fizessem truques.

As mãos de Winter estavam molhadas e escorregadias e grudentas.

– Meu avô era lunar – disse Scarlet. – Eu não o conheci, mas sei que morreu em um manicômio. Tenho que supor que foi porque fez a mesma escolha que você está fazendo agora. Ele estava na Terra e tentava esconder o que era, então talvez tivesse motivo. Mas você? Por que você faz isso com você mesma? Como melhora as coisas?

– Não piora nada.

– Piora *você*. Por que você não... faz coisas *boas* com seu dom?

Winter riu mesmo em meio à alucinação.

– Todos acreditam que estão fazendo o bem. – Ela inclinou a cabeça para o lado e observou Scarlet com os olhos cansados. – Minha madrasta não é poderosa só porque as pessoas têm medo dela, ela é poderosa porque pode fazer com que as pessoas a *amem* quando precisa. Nós achamos que, se escolhemos fazer só o bem, somos apenas bons. Podemos fazer as pessoas felizes. Podemos oferecer tranquilidade ou alegria ou amor, e achamos que isso deve ser bom. Nós não vemos a falsidade se tornando um tipo particular de crueldade.

A nave tremeu quando a velocidade aumentou. Luna virou um borrão embaixo delas.

– Uma vez... – continuou Winter, forçando as palavras a saírem. – Uma vez, eu acreditei de coração que estava fazendo o bem. Mas estava enganada.

Scarlet desviou o olhar para ela e depois novamente para a paisagem.

– O que aconteceu?

– Houve uma criada que tentou se matar. Eu a impedi. Eu a obriguei a mudar de ideia. Eu a deixei *feliz*. Tinha tanta certeza de que estava ajudando. – A respiração dela saiu entrecortada, mas ela continuou falando, torcendo para afastar a alucinação se a ignorasse. – Mas só dei a ela mais tempo para ser torturada por Aimery. Ele gostava bastante dela, sabe.

Scarlet ficou em silêncio, mas Winter não ousou olhar para ela.

– Na segunda vez que tentou tirar a vida, ela conseguiu. Só então percebi que não tinha ajudado em nada. – Ela engoliu em seco. – Naquele dia, jurei nunca mais manipular ninguém. Mesmo se acreditasse estar fazendo o bem... pois quem sou eu para presumir o que é bom para os outros?

O cinto apertou de novo, forçando o esterno de Winter, espremendo as costelas. O sangue estava escorrendo agora. Em pouco tempo, formaria poças ao redor dos tornozelos. O cinto a cortaria, a partiria em pedacinhos em formato de garota. Rasgaria toda a sua pele.

Winter fechou os olhos.

Fique comigo, princesa.

Depois de um silêncio sufocante, Scarlet murmurou:

– Sinto que deveria haver um jeito de controlá-lo sem... *isso*.

O cinto se apertou mais e forçou o ar para fora dos pulmões dela. Com um choramingo, inclinou a cabeça para trás a fim de evitar que apertasse a traqueia.

– O quê... *Winter?*

Estrelas dançavam atrás de suas pálpebras. Os pulmões estavam queimando. Sangue pingava dos cachos do cabelo e encharcava as

tiras do cinto. Ela parou de lutar e deixou o corpo pender para a frente. As tiras esmagaram o esterno, quebraram as costelas.

Scarlet falou um palavrão, mas o som foi distante e abafado.

Mãos tocaram nela como dedos enluvados, empurrando-a para trás e tateando seu pescoço. Ela ouviu seu nome, mas foi distante, tentando chegar a ela por um mar de estrelas, e tudo estava sumindo rápido...

Houve uma série de estalos altos e o movimento do cinto sendo enrolado no teto na nave.

Winter desabou nos braços de Scarlet, as duas caídas sobre o console central. Scarlet lutou para levantar a cabeça de Winter e abrir a passagem de ar enquanto impedia que a nave colidisse com o terreno irregular de Luna.

O ar voltou com tudo para os pulmões de Winter. Ela ofegou e inspirou com voracidade. A garganta ainda ardia, mas as dores no peito estavam sumindo nas profundezas perdidas da alucinação. Ela tossiu e forçou os olhos a se abrir. O sangue tinha diminuído, e só sobravam os resquícios da morte de Ryu, secos e sujando a saia.

– Você está bem? – gritou Scarlet, meio histérica.

Winter olhou para o rosto atordoado, ainda tonta pela falta de ar, e sussurrou:

– O cinto tentou me matar.

Passando a mão pelo cabelo, Scarlet se sentou na cadeira do piloto. Pela janela, seis domos distantes estavam ficando maiores, um crescimento lento, começando a revelar o contorno sutil das construções abaixo.

– O cinto não fez nada – resmungou Scarlet. – O problema é seu cérebro.

Winter começou a rir, mas as risadas foram interrompidas pelo choro.

– V-Você está certa – gaguejou ela, ouvindo a voz de Jacin em pensamento.

Fique comigo, princesa. Fique comigo...

Mas ela já estava tão longe.



– Minha rainha, estamos tendo alguns pequenos problemas no sistema de vigilância. Está havendo falhas aleatórias de energia por todo o palácio.

Levana estava de pé em frente às amplas janelas do solar, ouvindo o taumaturgo de terceiro nível apresentar seu relatório diário, apesar de não estar com a concentração habitual. Seus pensamentos eram um labirinto de distrações. Mesmo usando todos os recursos disponíveis e exigindo que sua equipe de segurança repassasse horas e horas de filmagens dos setores externos, Linh Cinder e seus companheiros ainda não haviam sido encontrados. Os preparativos para o casamento estavam em andamento, mas ela estava furiosa demais para olhar na cara do futuro marido desde que ele chegara.

Agora, ela tinha Winter com que se preocupar. A princesa ingrata e infeliz não passava de um grande constrangimento desde o dia em que Levana se casou com o pai dela. Se Jacin fosse bem-sucedido, ela nunca mais teria que se defender das gargalhadas debochadas da corte. Nunca mais teria que ver as expressões de desejo para a garota pateta pelos corredores do palácio.

Levana queria que a princesa sumisse. Queria deixar para trás o ressentimento que a atormentava havia tanto tempo. Sua vida estava enfim recomeçando, e ela merecia esse novo início sem a garota incômoda arrastando-a para baixo, lembrando-a de um passado doloroso demais.

Mas, se Jacin falhasse...

Levana não conseguiria engolir outro fracasso.

– Minha rainha?

Ela se virou para o taumaturgo.

– Sim?

– Os técnicos precisam saber como agir. Eles estimam que no máximo em duas horas dá para localizar a fonte desses defeitinhos no sistema e restaurar os padrões. Talvez precisem desabilitar porções do sistema enquanto trabalham.

– Isso vai tirá-los da procura pela ciborgue?

– Tiraria, Vossa Majestade.

– Então, pode esperar. A ciborgue é nossa prioridade.

Ele se curvou.

– Vamos mantê-la informada sobre as novidades.

Aimery fez um gesto na direção da porta.

– Isso é tudo. Obrigado pelo relatório.

O taumaturgo foi embora, mas outra pessoa estava no elevador quando as portas se abriram.

Levana se empertigou ao ver Jacin Clay. Havia uma sombra na expressão dele, um desprezo que ele normalmente se esforçava muito para esconder. O olhar de Levana desceu para as mãos dele. Estavam cobertas de sangue. Havia também uma mancha no joelho da calça, seca e escura.

Ele saiu do elevador, mas Jerrico o impediu de prosseguir, com a mão espalmada em seu peito.

– Sir Clay? – disse ela.

– Está feito. – O tom dele carregava todo o horror que as palavras escondiam.

Um sorriso fez a boca de Levana tremer. Ela se virou para escondê-lo, um ato de generosidade.

– Sei que não deve ter sido fácil para você – disse ela, torcendo para transmitir solidariedade com a voz. – Sei que você gostava dela, mas fez a coisa certa pela sua coroa e pelo seu país.

Jacin não disse nada.

Quando retomou o controle do rosto, Levana se virou. Aimery e Jerrico estavam impassíveis, enquanto Jacin parecia prestes a arrancar o coração ainda pulsante de Levana se tivesse oportunidade.

Ela teve pena dele e preferiu perdoar esses instintos rebeldes. Ele amou a garota, afinal, por mais que fosse difícil compreender.

– O que você fez com o corpo?

– Levei para o incinerador do jardim, para onde levam os animais mortos. – A raiva dele não diminuiu conforme relatava o serviço, mas também não fez movimento nenhum na direção de Levana. Mesmo assim, Jerrico não relaxou. – Também matei o lobo branco para disfarçar o sangue e deixei o corpo lá. Os guarda-caças vão achar que foi um ataque aleatório.

Levana franziu a testa e seu humor se agravou.

– Eu não mandei você destruir o corpo, Sir Clay. As pessoas precisam ver provas da morte dela, já que não é mais uma ameaça ao meu trono.

O maxilar dele se contraiu.

– Ela *nunca* foi ameaça ao seu trono – rosnou ele. – E eu não ia deixá-la para que fosse destruída por um daqueles animais de rapina albinos que você mantém lá. Vossa Majestade pode encontrar outra forma de dar a notícia ao povo.

Ela apertou os lábios para reprimir o gosto amargo que tinha na boca.

– É o que farei.

Jacin engoliu em seco e recuperou parte da compostura.

– Espero que também não se importe de eu ter me livrado de uma

testemunha, *minha rainha*. Achei que seria contrário aos seus objetivos se um boato se espalhasse de que um guarda real assassinou a princesa. As pessoas poderiam questionar se foi por ordem *sua*, afinal.

Ela ficou tensa.

– Que testemunha?

– A garota terráquea. Achei que ninguém sentiria falta dela.

– Ah, ela. – Com um som de desprezo, Levana correu a mão pelo ar. – Ela deveria estar morta há semanas. Você prestou um serviço ao me livrar dela. – Ela inclinou a cabeça e o examinou. Era divertido ver tantas emoções reveladas, considerando que normalmente era impossível incomodá-lo. – Você excedeu minhas expectativas, Sir Clay. – Levana colocou a mão na bochecha dele. Um músculo tremeu debaixo da palma de sua mão, e ela tentou ignorar o brilho de raiva que ardia nos olhos de Jacin. A raiva era esperada, mas logo ele perceberia que era melhor assim.

Se não percebesse, ela sempre poderia obrigá-lo.

Levana já se sentia mais leve por saber que nunca mais teria que ver a cara da enteada.

Ela baixou a mão e flutuou de volta até as janelas. Além do domo curvo, ela via a paisagem inóspita de Luna, crateras e penhascos brancos contra o céu negro.

– Mais alguma coisa?

– Sim – disse Jacin.

Ela levantou uma das sobrancelhas.

– Quero pedir desligamento da guarda real. Quero ser transferido para o setor para onde meu pai foi enviado anos atrás. Este palácio me traz lembranças demais.

A expressão de Levana se suavizou.

– Tenho certeza de que traz, Jacin. Lamento ter precisado pedir

isso a você. Mas seu pedido será negado.

As narinas dele se dilataram.

– Você se mostrou leal e de confiança, características que eu seria negligente de desperdiçar. Você pode tirar folga pelo resto do dia, com minha gratidão, mas amanhã vai se apresentar para sua nova tarefa. – Ela sorriu. – Muito bem, Jacin. Você está dispensado.

CAPÍTULO

Trinta e dois

Cinder estava ficando louca. Eles estavam escondidos no casebre de Maha Kesley havia dias. Lobo e a mãe, Thorne, Iko e ela, todos apertados em cômodos pequenininhos, tropeçando uns nos outros cada vez que tentavam se mexer. Se bem que eles não se mexiam muito. Não havia para onde ir. Eles tinham medo de serem ouvidos pelas janelas pequenas sem vidraça, então se comunicavam basicamente por sinais com as mãos e mensagens digitadas no tablet que restava. O silêncio era horrendo. A quietude era sufocante. A espera era uma agonia.

Ela pensava com frequência em Cress e Scarlet, e se perguntava se alguma das duas estava viva.

Estava preocupada com Kai conforme o casamento se aproximava.

Havia culpa também. Além de terem colocado Maha em perigo só por estarem ali, eles também estavam comendo comida demais, pois já tinham acabado com os poucos pacotes de provisões que tinham levado. Maha não dizia nada, mas Cinder percebia. A comida era muito racionada nos setores externos, e Maha mal conseguia se alimentar.

Eles passavam os dias tentando reestruturar o plano, mas depois de tanto planejamento a bordo da Rampion, Cinder estava desanimada de voltar à estaca zero. O vídeo que eles gravaram continuava sem uso; havia cópias baixadas não só no tablet, mas também nos computadores internos de Cinder e Iko. Não importava quantas cópias eles tinham. Sem Cress junto para hackear o sistema

de transmissão, o vídeo era inútil.

Eles discutiram iniciar um movimento popular. Maha Kesley poderia espalhar a notícia da volta de Selene para os trabalhadores da mina e deixar que o boato se propagasse a partir daí. Ou eles poderiam enviar mensageiros pelos túneis para rabiscar mensagens nas paredes. Mas eram estratégias lentas, com risco demais de erros de comunicação e pouca chance de que a notícia chegasse longe.

Havia um motivo para Levana manter seu povo em grupos isolados. Havia um motivo para ninguém ainda ter tentado uma rebelião coesa, e não era por não querer. Estava claro pela propaganda do governo que Levana e seus ancestrais procuraram fazer lavagem cerebral no povo de Luna, para que acreditasse que o governo dela era justo e predestinado. Ficava igualmente claro pelas pichações nos túneis e pelos olhares baixos das pessoas que elas não acreditavam mais – se é que já tinham acreditado um dia.

Qualquer fagulha de rebelião foi sufocada e ameaçada até desaparecer das pessoas, mas, quanto mais lunares Cinder via, mais acreditava que podia reinflamá-los.

Só precisava de um jeito de *falar* com eles.

Maha foi até a plataforma do trem de levitação magnética esperar na fila pelos alimentos semanais e deixou o resto do grupo estudando um mapa holográfico de Luna. Fazia mais de uma hora, mas poucas sugestões foram dadas.

Cinder estava começando a ficar sem esperança, e o tempo estava passando. Chegando perto do casamento. Da coroação. Da descoberta inevitável deles.

Um coro inesperado de sinos fez Cinder dar um pulo. O mapa sumiu e a transmissão foi sobreposta por uma mensagem obrigatória sendo transmitida da capital. Cinder sabia que a mesma mensagem estaria passando em uma dezena de telas inseridas no domo lá fora,

para garantir que todos os cidadãos a vissem.

O taumaturgo-chefe Aimery Park apareceu na frente deles, lindo e arrogante. Cinder se encolheu. A holografia dava a impressão de que ele estava ali na sala com eles.

– Bom povo de Luna – disse ele –, parem o que estiverem fazendo e escutem esta declaração. Infelizmente, temos uma notícia trágica para dar. Hoje cedo, Sua Alteza Real, a princesa Winter Hayle-Blackburn, enteada de Sua Majestade a rainha, foi encontrada assassinada no jardim real.

Cinder franziu a testa e trocou olhares intrigados com os companheiros. Ela sabia muito pouco sobre a princesa, só que diziam que era bonita e que o povo a amava, o que devia querer dizer que Levana a odiava. Ela tinha ouvido falar sobre o rosto com cicatrizes, uma punição dada pela própria rainha, ou era o que diziam os boatos.

– Estamos repassando as filmagens de segurança em uma tentativa de fazer justiça ao assassinato, e não vamos descansar enquanto nossa amada princesa não for vingada. Embora nossa devotada rainha esteja arrasada com a perda, ela quer seguir em frente com a cerimônia de casamento, como planejado, para que tenhamos uma alegria neste momento de tristeza. Uma procissão funerária para Sua Alteza será marcada nas semanas futuras. A princesa Winter Hayle-Blackburn fará falta a todos nós, mas jamais será esquecida.

O rosto de Aimery desapareceu.

– Você acha que Levana a matou? – perguntou Iko.

– Claro que sim – disse Cinder. – Queria saber o que a princesa fez para irritá-la.

Thorne cruzou os braços.

– Acho que não se precisa *fazer* nada para conquistar a fúria de Levana.

Ele estava desgrenhado e com a barba por fazer e parecia cansado,

mais ainda do que no dia que Cinder o conheceu na prisão de Nova Pequim. Apesar de ninguém ter ousado falar sobre o abandono a Cress, Cinder sabia que ele estava tendo mais dificuldade com a perda dela do que os outros. Ela percebeu desde o momento em que eles se reencontraram em Farafrah que Thorne sentia responsabilidade por Cress, mas pela primeira vez estava começando a se perguntar se as coisas não eram mais profundas do que isso.

Lobo levantou a cabeça de repente e fixou o olhar na janela coberta por um pedaço de tecido.

Cinder ficou rígida e se preparou para carregar uma bala no dedo ou para usar seu dom lunar para defender a si mesma e aos amigos, conter essa ameaça invisível. Sentiu a tensão crescer. Todo mundo ficou em silêncio e observou Lobo.

O nariz dele tremeu. A testa se franziu, em dúvida. Desconfiada.

– Lobo? – disse Cinder.

Ele farejou de novo e seus olhos se iluminaram.

De repente, ele sumiu; passou correndo pelo grupo e abriu a porta da frente.

Cinder ficou de pé.

– Lobo! O que você...

Tarde demais. A porta bateu e ele já estava lá fora. Ela falou um palavrão. Aquela *não* era a hora para seu aliado lobo mutante sair correndo por aí chamando atenção.

Ela calçou as botas para ir atrás dele.



Scarlet pousou a nave em um pequeno porto subterrâneo que só abrigava duas naves antigas de entrega. Quando a câmara foi selada, duas lâmpadas cegantes se acenderam no teto, uma delas com um

tremeluzir esporádico. Scarlet saiu primeiro, observou cada canto e inspecionou embaixo de cada nave. Tudo vazio.

Havia dois elevadores de carga enormes e três escadarias levando à superfície, com letreiros indicando MR-8, MR-9, MR-11.

Todas as superfícies estavam cobertas de poeira.

– Você vem? – perguntou ela para Winter, que já tinha chegado à porta da nave. O cabelo da princesa estava todo embaraçado e a saia estava cheia de sangue seco. A toalha que elas roubaram tinha escorregado até os ombros dela. A fuga encheu Scarlet de adrenalina, mas deixou Winter esgotada. A cabeça dela estava frouxa quando saiu da nave.

Scarlet colocou as mãos nos quadris, com a paciência levada ao limite.

– Vou ter que carregar você?

Winter balançou a cabeça.

– Acha que nós não fomos seguidas?

– Espero que ninguém tenha descoberto que estamos desaparecidas. – Scarlet leu as placas de novo, com as letras quase indetectáveis embaixo da poeira. – Não que tenhamos muitas opções agora, mesmo que tivéssemos sido seguidas.

Scarlet se virou e apertou a toalha na cintura de Winter, para que parecesse uma saia desengonçada e cobrisse o sangue, depois tirou o casaco e ajudou Winter a enfiar os braços nas mangas. Enfiou o cabelo volumoso da princesa dentro do casaco nas costas e escondeu o rosto com o capuz da melhor maneira que conseguiu.

– Não está ótimo, mas está melhor do que nada.

– Você acha que ele já está morto?

Scarlet parou no meio de fechar o zíper do casaco. Winter olhou para ela, com expressão frágil e vulnerável.

Ela suspirou.

– Ele é inteligente e é forte. Vai ficar bem. – Ela fechou o zíper até o pescoço de Winter. – Venha.

Quando elas saíram na superfície, protegidas embaixo do domo gigantesco, Scarlet parou para ver onde estava. Tinha pesquisado o endereço dos Kesley na base de dados da nave, mas as séries de números e letras não faziam sentido para ela.

O porto era feito para carga, e aquela entrada ficava entre dois armazéns, uma parede cheia de carrinhos lotados até o alto com pedras pretas lascadas. Não muito longe, havia uma abertura enorme para o que parecia uma mina ou pedreira. *Mineração de regolito,* dizia o mapa do setor.

Os pais de Lobo eram mineiros? Lobo teria se tornado mineiro também se não tivesse sido convocado para o exército? Era impossível imaginar uma vida na qual ele morasse ali, naquela Lua, embaixo daquele domo, sem nunca ir à Terra. Sem conhecê-la.

– Este local não parece ser residencial – murmurou ela.

– As residências costumam ficar nos anéis externos de cada setor – disse Winter.

– Anéis externos. Certo. – Scarlet observou os armazéns retangulares. – Para que lado fica isso?

Winter apontou para o domo que as cobria. Mesmo sem os prédios ao redor, estava claro onde ficava o ponto mais alto do domo e onde se arredondava, perto das beiradas.

Scarlet virou de costas para o centro do domo.

Enquanto andavam, ela tentou montar um plano. Primeiro, encontrar onde as pessoas moravam. Segundo, descobrir como eram os endereços das casas e encontrar a dos pais de Lobo. Terceiro, desenvolver uma conversa esquisita na qual ela ia tentar explicar quem era e por que eles precisavam abrigar a ela e Winter.

Quando as construções industriais deram lugar às casas instáveis,

Scarlet ficou aliviada de ver números de endereços pintados no concreto em frente a cada construção, apagados após anos sendo pisoteados.

– A-49, A-50 – murmurou ela baixinho, acelerando o passo. O círculo de casas seguinte tinha a letra *B*. – É bem fácil. A casa dos Kesley era D-313, certo? Então, vamos até a fileira dos *D* e...

Ela olhou para trás.

Winter tinha sumido.

Scarlet falou um palavrão e deu uma volta inteira, mas não havia sinal da princesa.

– Isso não pode ser sério – resmungou ela, refazendo os passos. Estava tão concentrada em encontrar a casa que não se lembrava de ouvir Winter ao seu lado desde que deixou os armazéns para trás. Ela devia ter saído vagando, levada por alguma alucinação...

Scarlet parou ao ver a princesa em uma viela. Ela estava entre duas fábricas, hipnotizada por um duto de metal que se projetava de uma das construções. Pedras brancas quebradas caíam dele em um carrinho embaixo.

O capuz vermelho ainda estava puxado por cima do rosto da princesa, e uma nuvem de poeira girava ao seu redor, mas ela não pareceu reparar.

Bufando, Scarlet empertigou os ombros e começou a andar na direção dela, pronta para arrastar a garota maluca pelo cabelo se precisasse. Mas não tinha atravessado metade da distância quando Winter virou a cabeça para o outro lado, para longe de Scarlet.

Scarlet foi mais devagar, sentindo o medo latejar no corpo ao também ouvir passos. Passos altos, como se alguém estivesse correndo a toda a velocidade na direção delas.

Ela pegou a faca que Jacin lhe tinha dado.

– *Winter* – sibilou ela... mas ou ela estava longe demais ou o barulho

das pedras e das máquinas estava alto demais. – *Winter!*

Um homem dobrou a esquina, correndo na direção da princesa. Winter ficou com o corpo rígido meio segundo antes de ele chegar nela. Segurando o cotovelo de Winter, ele puxou o capuz vermelho para trás.

Scarlet sufocou um grito. Seus joelhos ficaram frouxos. O homem olhou para Winter com uma mistura de confusão e decepção, talvez até raiva, tudo preso em olhos tão vividamente verdes que Scarlet os via brilhando de onde estava.

Era ela quem estava tendo uma alucinação.

Deu um passo cambaleado e incerto para a frente. Queria correr para ele, mas morria de medo de ser um truque. Sua mão apertou o cabo da faca enquanto Lobo, ignorando que Winter estava tentando se afastar, puxava seu braço e farejava a manga vermelha imunda do casaco de Scarlet, manchado de sujeira e sangue.

Ele rosnou, pronto para fazer a princesa em pedacinhos.

– Onde você conseguiu isso?

Tão desesperado, tão determinado, tão *ele*. A faca escorregou da mão de Scarlet.

A atenção de Lobo se desviou para ela.

– Lobo? – sussurrou ela.

Os olhos dele se iluminaram, selvagens e esperançosos.

Soltando Winter, ele seguiu em frente. Os olhos agitados se concentraram nela. *Devoraram* o que viam.

Quando ele estava ao alcance dela, Scarlet quase desabou, mas no último momento teve a presença de espírito de dar um passo para trás. Ela colocou a mão no peito dele.

Lobo parou, mágoa surgindo no rosto.

– Desculpe – disse Scarlet, com a voz tremendo de exaustão. – É que... estou tão fedida que quase não consigo *me* aguentar agora,

então nem imagino como é para você e seu sentido de olfa...

Afastando a mão de Scarlet de seu peito, Lobo enfiou os dedos no cabelo da garota e apertou a boca na dela. Os protestos de Scarlet morreram num suspiro abafado.

Desta vez ela desabou, as pernas não conseguindo mais sustentá-la. Lobo caiu junto, ficou de joelhos para amenizar a queda de Scarlet e aninhou o corpo dela ao seu.

Ele estava aqui. Ele estava *aqui*.

Ela estava chorando quando se separou dele; parte dela odiou isso, e a outra parte sentia que já tinha passado da hora.

– Como?

– Eu senti seu cheiro. – Lobo estava sorrindo tanto que ela via os dentes afiados que ele normalmente tentava esconder. Fazia muito tempo que ela não o via tão feliz.

Na verdade... ela não sabia se já o tinha visto tão feliz.

Ela começou a rir, embora fosse uma gargalhada vinda do delírio.

– Claro que sentiu – disse ela. – Preciso muito de um banho.

Ele afastou um cacho do cabelo sujo de Scarlet da bochecha dela e seguiu o gesto com os olhos, ainda sorrindo. Passou o polegar pelo ombro dela, pelo braço, e levantou uma das mãos de Scarlet, a que tinha o curativo no dedo. Um momento de fúria enfraqueceu o sorriso dele, mas foi breve, e logo Lobo estava examinando o rosto dela de novo.

– Scarlet – sussurrou ele. – *Scarlet*.

Com um soluço, ela apoiou a cabeça no pescoço dele.

– Se isso for um truque lunar, eu vou ficar *furiosa*.

Um polegar roçou a orelha dela.

– Você os chamou de porcos.

Ela franziu a testa.

– O quê?

Lobo se afastou e segurou o rosto dela com as mãos gigantes, ainda sorrindo.

– Na taverna em Rieux, quando todos aqueles homens estavam fazendo piada sobre Cinder no baile. Você os chamou de porcos e subiu no bar e a defendeu apesar de ela ser lunar, e foi naquele momento que comecei a me apaixonar por você.

As bochechas dela ficaram quentes.

– Por que você...?

– Nenhum lunar saberia disso. – Seu sorriso ficou malicioso. – Então, não posso ser um truque lunar.

Ela abriu os lábios ao compreender, e outro soluço virou uma gargalhada.

– Você está certo. – Ela pensou em uma época antes de saber sobre soldados mutantes e uma princesa lunar desaparecida. – Quando você foi até a fazenda e achei que teria que atirar em você. Você me mandou mirar no tronco porque o alvo era maior, depois riu quando eu falei que sua cabeça me parecia grande o bastante. – Ela afundou os dedos na camisa dele. – Foi quando eu...

Ele a beijou de novo e seus corpos se uniram.

Um assobio agudo soou em meio ao barulho das pedras, assustando-a. Quando se afastou, ela viu Cinder e Thorne, a fonte do assobio, junto com uma garota de pele escura com cabelo azul, as mãos encostadas nas bochechas com expressão sonhadora.

Era uma visão tão incrível que Scarlet começou a chorar de novo. Soltando-se dos braços de Lobo, ela se levantou. Ele logo se juntou a ela, um braço ao redor de seus ombros.

– Não acredito. Vocês estão aqui. Em *Luna*.

– Nós estamos aqui – concordou Thorne. – E se você tivesse se dado ao trabalho de avisar, a gente teria trazido um lanche. – Ele observou o corpo dela. – Quando foi a última vez que você comeu?

Scarlet olhou para baixo. As roupas pareciam penduradas nos ossos, os músculos murchos até não ter sobrado quase nada na gaiola apertada. Mesmo assim, ele não precisava ter comentado.

– Você está linda – disse a garota de cabelo azul. – Um pouco maltratada, talvez, mas dá mais personalidade.

– Hã, obrigada – disse Scarlet, secando as lágrimas das bochechas. – E você é...?

A garota se balançou.

– Sou eu, Iko! O capitão conseguiu um corpo para mim.

Scarlet ergueu as sobrancelhas. Aquela era Iko? A *espaçonave*?

Antes que ela respondesse, uma voz doce cantarolou pela viela.

– *Os papagaios cantam, tuí, tuí, e as estrelas brilham a noite toda...*

Quatro pares de olhos se viraram para o carrinho cheio de pedras brancas cintilantes, e o duto saindo do prédio estava em silêncio. Em algum momento, Winter entrou atrás dele, se enfiando entre o carrinho e a parede. Scarlet via o topo do capuz vermelho por cima do cabelo de Winter.

– *E os macaquinhos brincam, ee-ee-ee, enquanto foguetes passam voando...*

Cinder se aproximou do carrinho com a testa franzida e o empurrou. Winter estava encolhida de lado, de frente para a parede, fazendo desenhos na poeira. A toalha de mesa tinha caído e deixava à mostra a saia coberta de sangue.

– *E a Terra está cheia esta noite, esta noite, e os lobos todos uivam, auuuuu...*

O uivo delicado foi morrendo.

Scarlet sentia os olhares curiosos de todo mundo indo dela para a princesa. Ela limpou a garganta.

– Ela é inofensiva – disse ela. – Tenho quase certeza.

Winter se deitou de costas e olhou para Cinder de cabeça para

baixo.

Cinder arregalou os olhos. Os outros se aproximaram.

Depois de piscar três vezes, devagar, Winter se deitou de barriga para baixo e ficou de joelhos. Puxou o capuz e deixou o cabelo cair nos ombros.

– Oi.

Scarlet começou a rir de novo. Ela se lembrou de como foi ver a princesa pela primeira vez. Os lábios carnudos, os ombros delicados, os olhos enormes com manchas cinzentas, tudo ao lado das cicatrizes inesperadas na bochecha direita, que *deviam* deixá-la menos linda, mas não deixavam.

Ocorreu a Scarlet que Lobo não parecera reparar. Ela sentiu uma pontada de orgulho.

– *Estrelas* – sussurrou Iko. – Você é linda.

Um clique alto ecoou na viela.

– Pare com o glamour – exigiu Thorne, apontando uma arma para a princesa.

A pulsação de Cinder deu um salto.

– Espere... – começou ela, mas Cinder já tinha colocado a mão no pulso dele e estava empurrando a arma para baixo.

– Não é glamour – disse Cinder.

– *Sério?* – Thorne se inclinou na direção de Cinder e sussurrou: – Tem *certeza*?

– Tenho.

A declaração foi seguida de um silêncio longo e carregado, durante o qual Winter deu o mais doce sorriso para cada um deles.

Thorne acionou a trava de segurança da arma e guardou no coldre.

– Santas espadas, vocês lunares têm genes ótimos. – Uma pausa constrangida veio em seguida, e ele acrescentou: – Quem é ela?

– Esta é Winter – disse Scarlet. – A princesa Winter.

Thorne riu e levantou a mão no ar.

– Estamos abrindo um lar para realeza desabrigada aqui, por acaso?

– A princesa Winter? – disse Cinder. – Acabaram de anunciar que você foi assassinada.

– Jacin forjou o assassinato – disse Scarlet. – E nos ajudou a fugir.

Cinder olhou para ela com surpresa.

– Jacin?

Scarlet assentiu.

– O guarda que nos atacou na Rampion.

A expressão de Cinder foi encoberta por uma sombra. Ela afastou o olhar.

– Ela é tão linda. – Iko suspirou e tateou o próprio rosto para comparar.

Scarlet fez cara feia.

– Ela consegue ouvir.

Inclinando a cabeça, Winter esticou a mão para Thorne. Ele arregalou os olhos, e isso pareceu uma resposta automática que a fez ficar de pé.

Ele estava corando quando Winter afastou a mão e ajeitou a saia.

– Vocês são todos muito gentis – disse ela, mas sua atenção se voltou para Cinder. Ela observou a ciborgue com curiosidade. Cinder encolheu os ombros. – E você é minha prima desaparecida e querida amiga – continuou Winter. – Eu não acreditava até agora, mas é verdade. – Winter segurou as mãos de Cinder. – Você se lembra de mim?

Cinder balançou a cabeça devagar.

– Tudo bem – disse Winter, e a expressão dela dizia que *estava* tudo bem. – Minhas lembranças também estão enevoadas, e sou um ano mais velha. Mesmo assim, espero que possamos ser boas amigas de novo. – Ela entrelaçou os dedos com Cinder. – Esta mão é diferente –

disse ela, levantando a que tinha placa de titânio. – É feita de cinzas?

– É feita de... desculpe, o quê?

– Não – disse Scarlet, balançando a mão. – Descobri que é melhor não perguntar.

A princesa sorriu de novo.

– Me perdoe. Você não é mais minha amiga e minha prima, e isso não é jeito de cumprimentar você. – Ela fez uma reverência de dançarina e deu um beijo nos dedos de metal de Cinder. – Minha rainha, é uma honra servir a você.

– Er... obrigada? – Cinder afastou a mão e escondeu nas costas. – É gentileza sua, mas você não precisa fazer isso. De novo. Nunca mais.

Thorne limpou a garganta.

– Precisamos voltar para casa. Já corremos muito risco de chamar atenção, e ela... – Ele olhou para Winter. Havia uma tensão na expressão dele, como se não confiasse em ninguém mais atraente do que ele mesmo. – Ela vai chamar mais atenção *ainda*.

CAPÍTULO

Trinta e três

Lobo ajudou Scarlet a limpar e fazer curativo no dedo ferido sem pedir que ela contasse exatamente o que aconteceu. Apesar de a expressão dele dizer que estava pronto para arrancar a jugular da rainha Levana, as mãos foram extremamente delicadas. Depois, Scarlet pediu um tempo para tomar banho, e, apesar de Lobo parecer quase arrasado, os momentos que passaram distantes valeram a pena. O banheirinho de sua casa de infância não era luxuoso, mas era incrivelmente superior ao que ela tinha no jardim, e Scarlet se sentiu renovada quando terminou. Ela e Winter receberam roupas novas do estoque limitado de Maha Kesley enquanto as delas eram lavadas, embora Scarlet já estivesse ansiosa para pegar o casaco de volta. Tinha se tornado sua armadura pessoal.

– Não consigo acreditar que vocês sequestraram o príncipe Kai – disse ela, puxando a cortina da janela para espiar lá fora. As margaridas azuis na jardineira eram um ponto solitário de cor.

– Imperador Kai – corrigiu Lobo. Ele estava encostado na parede, segurando a barra da camisa dela. Winter estava tomando banho enquanto os outros se amontoavam na cozinha, tentando reunir comida para todo mundo. Scarlet ouviu alguém mencionar *rações*, e lhe ocorreu que aquela casinha não era feita para hóspedes, principalmente naquela quantidade. A mãe de Lobo voltaria logo da saída para buscar a comida da semana, mas claro que era só para uma mulher.

Scarlet tentou imaginar como devia ser para Lobo. Voltar para casa mais de uma década depois de ser levado, um homem adulto com

cicatrizes e presas e o sangue de incontáveis vítimas nas mãos.

E ... com uma garota.

Scarlet estava tentando não pensar em conhecer a mãe dele. A sensação era estranha demais.

– Imperador, certo. – Ela prendeu a cortina novamente. – É estranho dizer isso depois de dezoito anos ouvindo as fofocas sobre celebridades falando sobre o "príncipe favorito da Terra". – Ela se sentou em uma das almofadas caroçudas do sofá e cruzou as pernas embaixo do corpo. – Eu tinha uma foto dele na minha parede quando tinha quinze anos. *Grand-mère* cortou de uma caixa de cereal.

Lobo fez cara feia.

– Claro que metade das garotas do mundo devia ter a mesma foto, da mesma caixa de cereal.

Lobo encolheu os ombros para perto do pescoço, e Scarlet sorriu, provocadora.

– Ah, não. Você não vai ter que lutar com ele pela liderança da matilha agora, né? Venha aqui – chamou-o ela com um aceno, e após meio segundo ele já estava ali, a cara feia sumindo enquanto a puxava para o peito.

A ousadia dele era novidade, muito diferente da timidez com a qual ela se acostumou. Na Rampion, Lobo estava sempre tagarelando sobre os sentimentos, como se não quisesse arriscar a confiança hesitante que eles começaram a reconstruir depois de Paris.

Agora, quando ele a beijava ou abraçava, Scarlet sentia que estava reivindicando posse. Normalmente, isso geraria nela um discurso sobre independência no relacionamento, mas ela sentia que tinha reivindicado posse *dele* muito tempo antes. No momento em que esperou que ele a escolhesse no lugar da matilha, no momento em que o arrastou para aquela nave e o levou para longe de tudo o que ele conhecia, ela tomou a decisão para os dois. Ele era dela, assim como

ela era dele.

Só que ela se perguntava se tudo tinha mudado entre eles. Ela achava que ele a acompanharia para a fazenda quando aquilo tudo acabasse, mas ele tinha reencontrado a mãe, a única parente que ainda tinha. Scarlet não podia mais supor que era a coisa mais importante para ele, e sabia que não seria justo pedir que escolhesse entre ela e a família da qual foi tirado. Não naquele momento, e talvez nunca.

Na cozinha, a porta de um armário bateu, resgatando-a de pensamentos para os quais não estava pronta. Não considerando que tinha acabado de reencontrá-lo. Ela ouviu Thorne dizer alguma coisa sobre papelão liofilizado, e Iko o acusou de ser insensível com quem não tinha papilas gustativas.

Scarlet aninhou a cabeça no ombro de Lobo.

– Eu estava tão preocupada com você.

– *Você* estava preocupada? – Lobo a afastou dele. – Scarlet... eles levaram você e eu não pude fazer nada. Eu não sabia se você estava morta ou se eles... – Ele tremeu. – Eu teria matado cada um deles para chegar a você. Teria feito qualquer coisa para ter você de volta. Saber que estávamos vindo para cá foi a única coisa que manteve minha sanidade. – Ele franziu a testa. – Se bem que teve uma vez ou outra que me senti meio insano de qualquer modo.

Scarlet o cutucou com o cotovelo.

– Isso não devia soar tão romântico assim.

– O jantar está servido – disse Thorne, saindo da cozinha com um prato em cada mão. – E, quando digo jantar, quero dizer arroz integral empapado e carne salgada demais com biscoitos velhos. Vocês, lunares, sabem mesmo viver a vida.

– Nós estávamos tentando pegar coisas só da despensa – disse Cinder quando ela e Iko entraram na sala, apesar de quase não haver

espaço para todo mundo. – Não tem muita comida fresca, e Maha já nos deu coisas demais.

Scarlet olhou para Lobo.

– Eu supus que você nunca tinha comido tomate nem cenoura porque essas coisas não podiam ser cultivadas aqui em Luna, mas não é bem isso, certo? É só que não são enviadas para os setores externos.

Ele deu de ombros, sem o menor sinal de autopiedade.

– Não sei o que pode e o que não pode ser plantado nos setores agrários. Mas, seja o que for, tenho certeza de que não pode competir com a Benoit Fazendas e Jardins. – Os olhos dele brilharam, e Scarlet, para sua própria surpresa, começou a corar novamente.

– Vocês dois estão me dando dor de barriga – resmungou Thorne.

– Tenho quase certeza de que foi a carne – disse Cinder, arrancando um pedaço de carne-seca misteriosa com os dentes.

A comida não era atraente, mas não era pior do que ela tinha no jardim, e Scarlet comeu sua pequena porção com satisfação. Winter saiu do banheiro; os cachos escuros ainda pingando, a calça curta demais e a blusa desengonçada não diminuíam em nada sua beleza. O grupo ficou em silêncio quando ela se juntou a eles, ajoelhando-se no chão junto à pequena mesa e olhando para a comida com um olhar triste e distante.

Scarlet falou primeiro, enquanto empurrava dois biscoitos pela mesa:

– Sei que não é o tipo de coisa com que você está acostumada – disse ela. – Mas você tem que comer alguma coisa.

Uma expressão de ofensa surgiu no rosto de Winter.

– Eu não sou fresca. – A expressão dela se suavizou quando olhou para os biscoitos. – Só nunca tinha me dado conta do quanto recebi. Eu sabia que as condições eram ruins nos setores externos, mas não que eram tão ruins assim. Outros passaram fome para que meu

estômago pudesse estar cheio todas as noites. – Suspirando, ela se sentou sobre os calcanhares e cruzou os braços no colo. – Não estou mesmo com fome. Um de vocês pode comer minha parte.

– Winter...

– Eu não estou com fome. – A voz dela soou mais austera do que Scarlet já tinha ouvido. – Não conseguiria comer nem se tentasse.

Scarlet franziu a testa, mas deixou o assunto de lado. Lobo acabou comendo os biscoitos, com expressão de culpa pelo que estava fazendo.

– Você disse que Jacin falou para você onde nos encontrar? – perguntou Cinder. Os ombros dela estavam tensos, e ficou claro, desde o momento que Scarlet explicou tudo o que sabia sobre a fuga delas, que Jacin não era popular com os amigos. – Como ele sabia?

– Imagino que sua amiga em miniatura tenha contado para ele – disse Winter.

– Amiga em miniatura? – perguntou Cinder.

Winter assentiu.

– Cress, não é?

O silêncio se espalhou entre eles e tomou todo o oxigênio da sala.

Thorne se inclinou para a frente primeiro.

– *Cress?* Você viu Cress?

– Eu não a vejo há dias, mas Jacin a estava abrigando.

– Ah! Isso me lembra uma coisa. – Scarlet pegou o pequeno cilindro. – Jacin me deu isso e disse que tinha uma mensagem de uma amiga. Talvez ele estivesse falando dela. De Cress.

Thorne pegou da mão dela antes que terminasse de falar e girou o cilindro em sua palma.

– O que é? Como funciona?

Cinder pegou o cilindro da mão dele e inseriu no nódulo holográfico na parede. Um holograma ganhou vida no centro da sala.

Scarlet não reconheceria a hacker da rainha, pois só a tinha visto uma vez por mensagem. O cabelo comprido e desgrenhado da garota foi cortado curto e a pele dela, embora ainda pálida, tivera ao menos um certo contato com o sol no passado recente.

Thorne pulou da cadeira e deu a volta na sala para ficar na frente do holograma na hora em que ela começou a falar.

– Oi, pessoal. Se vocês estão vendo isso, nossas amigas do palácio devem ter chegado a vocês. Eu queria poder ter ido com elas. Meu protetor atual me deu a opção de ir, mas tive que ficar para ajudar com o percurso delas. Sei que vocês vão entender. Mas queria que soubessem que estou bem. Estou em segurança e não estou ferida, e sei que vocês virão me buscar. Quando vierem, estarei pronta. Até lá, prometo ser cuidadosa e ficar escondida. – Ela fez uma pausa. Um sorriso leve surgiu nos lábios dela, como prova de coragem, embora os olhos continuassem ansiosos. Depois de respirar fundo, ela prosseguiu: – Minha ausência deve ter mudado algumas coisas para vocês, e sei que estavam contando comigo para ajudar com parte dos planos. Eu inseri um programa neste arquivo. Insiram este cilindro no conector universal no receptor de transmissões do domo e sigam as instruções que deixei. Para o caso de isto cair nas mãos erradas, tranquei o programa com a mesma senha que usamos na nave. – Ela baixou o olhar, e ali estava aquele sorriso fraco de novo. – Espero que esta mensagem chegue com segurança. Eu... sinto falta de vocês. – Ela abriu a boca para dizer mais, mas hesitou e voltou a fechá-la. Um segundo depois, a mensagem foi encerrada.

Eles ficaram olhando para o espaço vazio onde Cress estava. Scarlet ficou mexendo no zíper do casaco e teve certeza de que a garota foi quem estava de olho nela e Winter durante a fuga. Ela as salvou e sacrificou a própria segurança para isso.

– Garota corajosa e burra – murmurou Thorne. Ele se sentou no

chão, com expressão dividida entre alívio e perturbação crescente.

– Então ela ainda está com Jacin – disse Cinder. – Acho que... estou agradecida pelo que ele fez, mas... não gosto de pensar que ele sabe onde estamos nem de ser responsável por Cress. Eu não confio nele.

Winter olhou para ela com perplexidade.

– Jacin é uma boa pessoa. Ele nunca trairia você ou Cress.

– Tarde demais – disse Thorne. – Ele já traiu uma vez.

Winter entrelaçou os dedos.

– Ele lamenta. Não foi a intenção. Ele só... tinha que voltar para Luna. Por mim.

Iko fez um ruído que devia ter a intenção de ser de deboche. Scarlet inclinou a cabeça para observar a androide. O que eram tiques fofos quando ela era o sistema de controle da Rampion ficavam um pouco desconcertantes no corpo humanoide.

– É verdade – insistiu Winter, apertando os olhos. – Entendo por que vocês não confiam nele, mas ele está tentando compensar. Ele quer você de volta ao trono tanto quanto qualquer pessoa.

– Ele salvou minha vida – acrescentou Scarlet. Depois de uma pausa, ela deu de ombros. – Provavelmente só porque precisava de mim para salvar a vida *dela*, mas, mesmo assim, tem que contar para alguma coisa.

Thorne cruzou os braços e disse com ressentimento:

– Eu queria que ele tivesse se esforçado um pouco mais para mandar Cress junto com vocês.

– Pelo menos sabemos que ela está viva – disse Cinder.

Thorne grunhiu.

– Só sabemos que ela ainda está em Artemísia e sob a proteção de um cara que nos traiu uma vez. A princesa acha que ele está do nosso lado? Tudo bem. Mas isso não muda o fato de que ele nos entregou em Nova Pequim, e não duvido de que vá fazer de novo se quiser salvar a

própria pele.

– Ao contrário, ele não liga muito para a própria pele. – A voz de Winter soou aguda e os ombros estavam tremendo. – É só com minha segurança que ele se preocupa, e nunca mais estarei em segurança enquanto minha madrasta for rainha. – Ela se virou para Cinder. – Acredito que ele vá fazer qualquer coisa que possa para ajudar sua revolução a dar certo. Nós dois vamos.

Um longo silêncio foi seguido de Thorne resmungando:

– Ainda planejo dar um soco nele, se um dia voltar a vê-lo.

Scarlet revirou os olhos.

Cinder bateu com os dedos na mesa.

– Não entendo por que Levana mandou matar você *agora*. Ela está com Kai. Ela tem o que quer.

– Acredito que tenha medo de perder o controle de Luna, principalmente com os boatos de que nossa verdadeira rainha ainda está viva – disse Winter. – Ela ficou paranoica, com medo de todas as ameaças em potencial.

Cinder balançou a cabeça.

– Mas você não é filha dela de verdade. Não existe alguma superstição sobre linhagens de sangue?

– Existe. Só uma pessoa de sangue real pode se sentar no trono de Luna. Acredita-se que, se uma pessoa de sangue não real subir ao trono, o dom concedido ao nosso povo vai deixar de existir. Houve incontáveis estudos provando isso.

Scarlet riu.

– Deixe-me adivinhar: os estudos foram pagos pela família real.

– Importa? – perguntou Winter. – Quer as pessoas acreditem ou não, minha madrasta está com medo. Está desesperada para manter o poder. Foi por isso que tentou me matar.

– Ótimo – disse Cinder. – As pessoas cometem erros quando estão

desesperadas, e tentar matar você pode ter sido um dos grandes. – Ela se apoiou nas mãos. – Pelo que percebo, o povo adora você. Se soubesse que Levana mandou matá-la, isso poderia ser a coisa certa para persuadi-los de me escolher no lugar dela. Escute, Vossa Alteza, nós temos um vídeo. Se o programa de Cress funcionar, vamos poder transmitir por todos os setores externos. O vídeo vai dizer para as pessoas quem eu sou e vai pedir para que se juntem a mim para acabar com o reinado de Levana. – Ela inspirou. – Eu gostaria de incluir uma mensagem sua, para mostrar ao povo que você está viva e dizer a eles que foi Levana que mandou matar você. Ter seu apoio seria importante. Para o povo e para mim.

Winter sustentou o olhar dela por bastante tempo enquanto pensava, mas suspirou.

– Desculpe, mas não posso. Levana descobriria, e ela não pode saber que estou viva.

– Por quê? – indagou Scarlet. – O povo gosta de você. Merece saber a verdade.

– Jacin recebeu a ordem de me matar – contou Winter, com a voz fraca. – E teve muito trabalho para fazer parecer que conseguiu. Não vou colocá-lo em risco ao anunciar a verdade. Quanto mais tempo acreditar que Jacin é leal a ela, mais em segurança ele vai estar. – Ela levantou o rosto. – Mais em segurança sua Cress também vai estar.

Thorne olhou para o outro lado.

– Desculpe se não posso ajudar com isso. Se ajuda em alguma coisa, você *tem* meu apoio, mesmo que tenha que ser em segredo. – Winter murchou os ombros.

Scarlet a viu se recolhendo aos próprios pensamentos e à preocupação com a segurança de Jacin. Ela queria poder oferecer algum consolo, mas tinha passado tempo suficiente sob o controle de Levana para saber que não havia nada que pudesse dizer para fazer

Winter se sentir melhor.

– Tudo bem – respondeu Cinder. – Eu entendo. Vamos ter que torcer para que o vídeo funcione sem você, então.

A porta da frente se abriu, e todos levaram um susto. Scarlet se virou na hora em que uma mulher entrou e fechou a porta. Estava usando um macacão coberto de partículas de regolito e carregava uma caixa de madeira gasta cheia de comida. Tinha o cabelo escuro de Lobo e a mesma pele morena, mas também tinha a estrutura óssea de um pássaro. Lobo seria capaz de esmagá-la com as pontas dos dedos.

Scarlet se sentiu estranha por ter esse pensamento.

Todo mundo relaxou. Todo mundo, menos Scarlet e Lobo, cujos braços se transformaram em ferro ao redor dela.

Encostada na porta, Maha observou a sala com um sorriso trêmulo.

– Estão distribuindo *açúcar* – contou ela –, em comemoração ao fato de que a rainha vai virar... – Ela parou de falar ao reparar em Scarlet com os braços de Lobo nos ombros.

Winter se levantou e atraiu a surpresa de Maha. Scarlet também se levantou, mas a atenção de Maha estava grudada na princesa. Sua boca estava aberta.

Winter fez uma reverência.

– Você deve ser Mamãe Kesley. Eu sou a princesa Winter Hayle-Blackburn e lamento imensamente pelos biscoitos.

Maha ficou só olhando, sem palavras.

– Espero que você não se importe com nossa invasão à sua hospitalidade. Seu filhote lobo nos recebeu. Ele é surpreendentemente gentil, considerando os dentes. E os músculos. – Winter levantou o olhar para o gesso rachado ao redor da porta. – Ele me lembra um lobo que conheci.

Scarlet fez uma careta.

– Vossa... Vossa Alteza – gaguejou Maha, parecendo incerta se devia estar com medo ou honrada.

– Mãe, esta é Scarlet – disse Lobo. – Foi dela que eu falei; foi tirada da nossa nave pela taumaturga. Ela estava como prisioneira no palácio, mas... fugiu. Esta é ela. Esta é Scarlet.

Maha ainda não tinha conseguido fechar a boca.

– A terráquea.

Scarlet assentiu.

– Em boa parte. Meu avô era lunar, mas eu não o conheci. E não tenho... hã, dom.

Com essa declaração, ocorreu a Scarlet que Maha provavelmente *tinha* o dom. Todos tinham em algum grau, não tinham? Mesmo Lobo tinha, antes que a alteração científica o retirasse.

Mas era impossível imaginar aquela mulher pequenina abusando do dom como acontecia na capital. Seria ingenuidade achar isso? Devia ser muito difícil viver em sociedade ali, sem saber quem estava controlando e quem estava sendo controlado.

– Oi, Scarlet – disse Maha, se recompondo o bastante para sorrir. – Ze'ev se esqueceu de mencionar que estava apaixonado por você.

Scarlet sentiu as bochechas ficando da cor do cabelo.

Thorne murmurou:

– Como você não percebeu?

Cinder deu um chute nele.

Lobo agarrou a mão de Scarlet.

– Nós não sabíamos se ela estava viva. Eu não queria contar sobre ela se... se você nunca a conhecesse...

Scarlet apertou a mão dele. Ele apertou a dela.

No fundo da mente, ela ouviu a voz da avó, lembrando-a dos bons modos.

– É um grande prazer conhecer você. Eu... hã. Obrigada pela hospitalidade.

Maha colocou a caixa de comida perto da porta e atravessou a salinha para envolver Scarlet em um abraço.

– Estou ansiosa para poder conhecer você. – Ao soltar Scarlet, ela se virou para Lobo e colocou as mãos nos ombros dele. – Quando levaram você, fiquei com medo de você nunca conhecer o amor. – Ela o abraçou, e seu sorriso estava tão iluminado quanto um buquê de margaridas azuis. – Isso tudo tem sido intenso. Muito intenso.

– Estamos acabando com a babação e o choro? – perguntou Thorne, massageando a têmpora. – Quando vamos voltar a planejar uma revolução?

Desta vez, foi Iko quem deu um chute nele.

– Eu sabia que você estava apaixonada por ele. – Winter bateu com os dedos no cotovelo. – Não entendo por que ninguém me escuta.

Scarlet a encarou, mas não havia raiva por trás da expressão.

– Você está certa, Winter. É um mistério mesmo.

CAPÍTULO

Trinta e quatro

Linh Pearl saiu do elevador, segurando a alça da bolsa no ombro. Estava tremendo, lívida de raiva. Desde que Cinder deu aquele espetáculo no baile e foi desmascarada não só como sendo uma ciborgue maluca, mas uma lunar mais maluca ainda, o mundo de Pearl desmoronou.

Primeiro, foram pequenas inconveniências, irritantes, mas toleráveis. Sem criada ciborgue e sem dinheiro para contratar novos criados, queriam que Pearl ajudasse no apartamento. De repente, ela tinha "tarefas". De repente, a mãe passou a querer que ela ajudasse com as compras e fizesse a própria comida e até lavasse a louça quando terminasse, apesar de ter sido uma decisão idiota *dela* vender a única androide que funcionava.

Mas ela conseguiria viver com isso, se sua vida social não tivesse de repente sido destruída junto com sua dignidade. Da noite para o dia, virou uma pária.

Os amigos lidaram bem com tudo no começo. Cheios de choque e solidariedade, eles revolveram ao redor de Pearl como se ela fosse uma celebridade, querendo saber tudo. Querendo oferecer condolências por saberem que a irmã adotada era tão pavorosa. Querendo saber cada história horrenda da infância. Como uma garota que mal escapou da morte, ela foi o centro de todas as conversas, de toda a curiosidade.

Mas isso passou quando Cinder escapou da prisão e continuou foragida por tempo demais. O nome dela virou sinônimo de traição, e estava arrastando Pearl junto.

Então, a mãe, ignorante e tola, ajudou Cinder, sem saber do sequestro do imperador Kai, ao dar para ela os convites para o casamento.

Ela os trocou por guardanapos. *Guardanapos.*

E isso a deixou perplexa. Horas antes de terem que sair para o casamento real, já usando as melhores roupas, a mãe virou o apartamento de cabeça para baixo, revirando freneticamente todas as gavetas, engatinhando para espiar embaixo dos móveis, revirando todos os cantos do armário. Enquanto falava palavrões e jurava sem parar que estava com os convites, que os tinha visto *naquela manhã mesmo*, quando aquela mulher estranha do palácio levou para elas e explicou a confusão e *onde eles poderiam ter ido parar?*

Elas perderam o casamento, naturalmente.

Pearl gritou e chorou e se escondeu no quarto para ver as transmissões, as filmagens ao vivo que passaram de discussões sobre as tradições de casamento e a decoração do palácio ao relato arrasador de um ataque ao palácio e ao desaparecimento do imperador Kai.

Linh Cinder estava por trás de tudo. Sua monstruosa meia-irmã, mais uma vez, estragou tudo.

A equipe de segurança do palácio demorou dois dias para rastrear os convites de um tal de Bristol-dàren (que estava em casa no Canadá, apreciando uma garrafa de vinho) como sendo os convites enviados a Linh Adri e sua filha, Linh Pearl. Só então sua mãe entendeu. Cinder a fez de idiota.

Aquela foi a gota d'água para os amigos de Pearl.

– *Traidoras* – disse Mei-Xing, acusando Pearl e a mãe de ajudarem a ciborgue e de colocarem Kai em perigo.

Furiosa, Pearl saiu batendo os pés, gritando que eles podiam acreditar no que quisessem. Ela era a vítima e não precisava dos

supostos amigos jogando acusações na cara dela. Já tinha muita coisa para enfrentar.

Ela esperou que fossem atrás dela, cheios de pedidos de desculpas.

Mas eles não foram.

Ela foi andando até sua casa com os punhos apertados na lateral do corpo.

Cinder. Era tudo culpa de Cinder. Desde que Peony... não, desde que *o pai delas* pegou a peste e foi tirado dela. Tudo era culpa de Cinder.

Karim-jiě, a vizinha do 1216, não chegou para o lado quando Pearl passou por ela. Seu ombro empurrou a mulher contra a parede, e Pearl parou o bastante para olhar com raiva para ela (a velha estava ficando cega também, além de ser preguiçosa?), mas foi recebida com um som de desprezo e arrogância.

Pearl também viu essa reação com frequência desde o baile. Quem era aquela mulher para olhar com superioridade para Pearl e a mãe? Ela não passava de uma viúva velha cujo marido morrera por causa do amor pela bebida, e que ficava sentada no apartamento com cheiro de lixo com uma coleção triste de macacos de cerâmica.

E *ela* achava que era melhor do que *Pearl*?

O mundo todo tinha se virado contra ela.

– Desculpe – disse Pearl entredentes, seguindo até o próprio apartamento.

A porta estava ligeiramente aberta, mas Pearl não pensou no assunto até tê-la escancarado e batido na parede.

Ela ficou paralisada.

A sala tinha sido revirada. Estava pior do que quando a mãe estava procurando os convites idiotas.

As fotos e placas foram derrubados da prateleira acima da lareira,

o netscreen novinho estava virado para baixo no chão, e a urna contendo as cinzas de Peony...

Pearl sentiu um frio na barriga. A porta voltou e bateu no ombro dela.

– Mãe? – disse ela, atravessando o corredor.

Ela parou. Um grito chegou até a garganta, mas morreu em um gemido petrificado.

Ele estava encostado na parede oposta da sala. Embora tivesse a forma de um homem, os ombros estavam encolhidos e as mãos eram enormes como garras. O rosto era desfigurado, um focinho com dentes que se projetavam entre os lábios e olhos escuros e vidrados afundados na cara.

Pearl choramingou. O instinto a fez dar um passo para trás, embora o instinto também lhe dissesse que era inútil.

Cem histórias horríveis, de noticiários a fofocas sussurradas, encheram a cabeça dela.

Os assassinatos eram aleatórios, o povo dizia.

Os monstros lunares poderiam estar em qualquer lugar a qualquer hora. Ninguém conseguia discernir padrão ou lógica no ataque deles. Eles podiam invadir um prédio lotado de escritórios em um dia e matar todo mundo do nono andar, mas deixar o resto em paz. Podiam matar uma criança dormindo na cama, mas não o irmão no quarto em frente. Podiam desmembrar um homem correndo de um aerodeslizador para a porta de casa e tocar a campainha para que sua companheira o encontrasse ainda sangrando nos degraus.

O terror da situação era a aleatoriedade. A brutalidade e o jeito sem sentido como eles escolhiam as vítimas enquanto deixavam tantas testemunhas para espalharem o medo.

Ninguém estava em segurança.

Ninguém nunca estava em segurança.

Mas Pearl nunca achou que eles fossem até lá, até o apartamento irrelevante delas, em uma cidade tão cheia de gente...

E... e a guerra estava em meio a um cessar-fogo. Não houve ataques em vários dias. Por que agora? Por que *ela*?

Um choramingo se espremeu pela garganta. A criatura deu um sorrisinho, e ela percebeu que o maxilar dele estava trabalhando desde que ela entrou. Como se estivesse fazendo um lanchinho.

Mãe.

Chorando, ela se virou para correr.

A porta foi fechada. Uma segunda criatura bloqueava a passagem.

Pearl caiu de joelhos, chorando e tremendo.

– Por favor. *Por favor.*

– Tem certeza de que não podemos comê-la? – perguntou o que estava ao lado da porta, com as palavras quase ininteligíveis em meio ao tom áspero e rouco. Ele segurou os braços de Pearl e a levantou. Ela gritou e tentou se encolher, mas o aperto dele era imperdoável. Ele afastou o braço do corpo dela e o esticou para dar uma boa olhada no antebraço. – Só uma provinha? Ela parece tão *doce*.

– Mas o cheiro é tão azedo – disse o outro.

Pearl, em meio à histeria, também sentiu o cheiro. Havia uma umidade quente entre as pernas dela. Ela chorou, e as pernas cederam novamente, deixando-a pendurada na mão do monstro.

– A mestra disse para levá-la ilesa. Se você quiser dar uma mordidinha, vá em frente. A fúria dela vai custar sua cabeça.

O que estava segurando Pearl apertou o nariz molhado no cotovelo dela e farejou com desejo. Em seguida, soltou o braço e jogou Pearl por cima do ombro.

– Não vale a pena – disse ele com um grunhido.

– Concordo. – O segundo animal se aproximou e beliscou o rosto de Pearl com a mão enorme e peluda. – Mas pode ser que possamos

experimentar quando acabarem.

CAPÍTULO

Trinta e cinco

– Ali está a casa da guarda – disse Thorne, encolhido em uma viela entre Iko e Lobo. Pela centésima vez desde que eles saíram da casa de Maha, ele verificou o bolso para ver se o cilindro com a mensagem de Cress estava lá.

– Eu tinha expectativas maiores – disse Iko.

Assim como tudo naquele setor, a casa da guarda era sem graça e estava coberta de pó. Também era feita de pedra e não tinha janelas, o que a tornava uma das construções mais impenetráveis que Thorne já tinha visto. Havia um guarda uniformizado na porta, com um fuzil nos braços e um elmo e uma máscara contra o pó escondendo o rosto.

Dentro estariam os armamentos, o equipamento de manutenção do domo, uma cela para prender infratores antes de mandá-los para o julgamento em Artemísia e um pequeno centro de controle para acessar a malha de transmissão do domo e o sistema de segurança. Mais importante, era onde ficava o receptor-transmissor que ligava este setor à rede de transmissão controlada pelo governo.

– Quanto tempo nós temos? – perguntou ele.

– Estimados dois minutos e quatorze segundos até que o próximo guarda da patrulha apareça – disse Iko.

– Lobo, é com você.

Houve um brilho de dentes afiados, e Lobo se empertigou e saiu andando da viela. Thorne e Iko se esconderam.

Uma voz ríspida ordenou:

– Pare e se identifique.

– Agente especial Alfa Kesley. Estou aqui sob ordens do taumaturgo Jael para verificar seu inventário de armas.

– Você é agente especial? O que está fazendo aq... – Um ofego soou, seguido de movimentação e um baque. Thorne se preparou para o estrondo de um tiro, mas não aconteceu. Quando o silêncio voltou, ele e Iko espiaram da viela.

Lobo já estava arrastando o corpo inconsciente do guarda até a porta e segurando a ponta do dedo dele na tela. Thorne e Iko correram para se juntar a ele quando a porta se abriu. Eles arrastaram o guarda para dentro.

O interior da casa da guarda não era muito melhor do que a parte externa. Era um pouco menos poeirento, mas ainda escuro e desconfortável. Naquele aposento principal, uma mesa grande ocupava boa parte do espaço e os separava de duas portas com trancas na parede de trás.

Thorne não perdeu tempo em arrancar a camisa áspera que estava usando para se misturar com os mineiros. Agachado ao lado do guarda, ele começou a desabotoar a camisa do uniforme. Embora o guarda fosse um pouco mais corpulento do que ele, parecia que ia caber.

– Você não está precisando de ajuda com isso, está? – perguntou Iko, parecendo esperançosa demais enquanto via Thorne mexer nos braços inertes do guarda para tirá-los das mangas.

Thorne fez uma pausa para encará-la e, lembrando-se do cilindro, pegou-o e colocou na mão dela.

– Comece a trabalhar.

Iko fez uma saudação rápida e correu para trás da mesa. Em pouco tempo, Thorne ouviu o cantarolar alegre que ela emitiu ao encontrar o conector universal e inserir o cilindro. Uma tela apitou, e Iko proclamou com orgulho:

– Senha: o capitão é rei!

Os lábios de Thorne tremeram quando ele puxou a camisa do guarda pela cabeça.

– Deu certo! Eu entrei! – disse Iko. – Estou fazendo upload do programa agora.

Lobo ajudou Thorne a prender a armadura de ombro desconjuntada.

– Praticamente acabando e... acabou. Selecionando os setores para receber a programação alterada e fazendo upload do vídeo de Cinder para a fila... Uau, Cress não podia ter tornado isso mais fácil.

Thorne grunhiu, pois não queria ouvir sobre o excelente trabalho que Cress fez em ajudá-los de longe. Queria que ela tivesse vindo junto.

Ele colocou a máscara no rosto para esconder a careta e enfiou os pés nas botas do guarda. Levantou uma sobrancelha para Lobo, indicando dúvida.

Lobo assentiu.

– Passável.

– Me deem pelo menos mais quatro minutos – disse Iko.

– Pode deixar. Duas batidas significam problema, três querem dizer que a costa está limpa. – Thorne pegou o fuzil do guarda. Ouviu Lobo estalando os dedos e passou pela porta para assumir a posição. A postura de cara feia e ombros para trás veio com facilidade e ele ficou feliz, pela primeira vez, por seu treinamento militar ser útil.

Ele contou seis segundos até que o guarda patrulhando aquela porção do domo aparecesse. O guarda passou por Thorne com a arma apoiada no ombro, procurando civis errantes ou trabalhadores que deviam estar trabalhando.

Thorne não percebeu se o guarda olhou para ele. Manteve o olhar grudado no horizonte, estoico e sério.

O guarda passou.

Por trás da máscara, Thorne deu um sorrisinho cínico.



Cinder queria ter mais espaço para andar. Seus nervos estavam em péssimo estado, enquanto ela esperava uma notícia de Iko.

– Você está bem? – perguntou Scarlet, sentada de pernas cruzadas na cadeira de balanço. Ela também estava agitada e ficava brincando com o cordão do moletom lavado.

– Estou – mentiu Cinder. A verdade era que ela estava tão tensa quanto uma mola encolhida, mas não queria falar sobre isso. Eles já tinham conversado demais sobre a estratégia. Tudo o que podia dar certo. Tudo o que podia dar errado.

O povo atenderia ao chamado dela ou não atenderia. Fosse como fosse, ela estava prestes a pôr as cartas na mesa para Levana.

Na cozinha, a princesa Winter estava cantarolando uma música desconhecida. Ela mal parou quieta desde que chegaram na noite anterior. Limpou, esfregou, bateu tapetes, reorganizou armários e dobrou roupas, tudo com a graça de uma borboleta. Todo aquele trabalho fazia Cinder se sentir uma hóspede ruim.

Cinder não sabia como interpretar a princesa. Ela admirava e ao mesmo tempo questionava a decisão de Winter de não usar o glamour. A vida era mais simples antes que Cinder pudesse usar o dom, e ela várias vezes morria de medo só de pensar que estava ficando cada vez mais como Levana. Mas, ao mesmo tempo, uma vez que o tinha, ela não se imaginava abrindo mão dele, principalmente ao ver o preço que isso cobrava da sanidade da princesa.

Mas rotular a princesa apenas como maluca também não parecia certo. Ela era evasiva e estranha e ridiculamente carismática.

Também parecia se preocupar de verdade com as pessoas e mostrava vislumbres de inteligência que seriam fáceis de passar despercebidos. Embora exalasse humildade, Cinder não achava que ela ignorava seus encantos como fingia ignorar.

Ela queria se lembrar dela de quando era criança, mas todas as suas lembranças eram compostas de chamas e carvões quentes e carne queimada. Não havia nada sobre uma amiga, uma prima. Nunca lhe ocorreu que ela pudesse ter uma ligação assim de sua breve vida em Luna; ela tinha suposto que todo mundo no palácio era inimigo.

Uma mensagem apareceu no display de retina.

Cinder parou, leu e soltou o ar.

– Eles estão em posição. O vídeo está programado para tocar um minuto depois do anúncio do fim do dia de trabalho em todos os setores externos. Thorne está montando guarda. Nenhum alarme foi disparado... ainda.

Cinder colocou a mão no estômago embrulhado. Esse era o momento para o qual todos os seus preparativos foram destinados.

Mil horrores ocuparam a mente dela. Que não acreditariam nela. Que não a seguiriam. Que não *quereriam* a revolução.

Pelo que ela sabia, essa seria a primeira vez que os setores externos de Luna seriam expostos a uma mensagem que não era propaganda sancionada pela coroa nem alarmismo. Cada transmissão que recebiam vinha da coroa, de execuções públicas que transformavam em vilão qualquer pessoa que ousasse criticar a rainha a documentários sobre a generosidade e compaixão da família real. Os setores podiam ser separados para transmissões individuais ou programados para receber todos uma mensagem só ao mesmo tempo, embora Cinder desconfiasse que a rainha raramente fizesse comunicados em massa. Na verdade, as comunidades ricas de Artemísia viam cobertura sobre a maioria das festas de elite do

momento, enquanto os trabalhadores dos setores externos viam relatos sobre escassez de comida e redução de rações. Mas, sem ter como se comunicar entre si, como eles poderiam saber como as coisas eram?

Cinder estava prestes a sequestrar a ferramenta mais valiosa de lavagem cerebral de Levana, mais poderosa até que o glamour. Pela primeira vez, os povos dos setores externos ouviriam uma mensagem de verdade e empoderamento. Pela primeira vez, estariam unidos.

Ela torcia por isso.

Um sino familiar tocou lá fora, seguido do hino de Luna e da voz educada da mulher mandando os trabalhadores para casa depois de um dia de trabalho.

Cinder abraçou o próprio corpo e se apertou em uma tentativa de não desaparecer.

– É agora – disse ela, olhando para Scarlet. Elas tinham discutido consideravelmente se Cinder devia correr o risco de estar lá fora quando a mensagem fosse tocada. Os companheiros todos a encorajaram a esperar e deixar o vídeo fazer o trabalho sem ela se arriscar, mas ela soube naquele momento que esperar não era uma opção. Ela tinha que estar lá fora para ver a reação das pessoas, ao menos naquele setor, já que não podia ver a reação nos outros lugares.

Scarlet fez uma careta.

– Você vai lá para fora, não vai?

– Eu tenho que ir.

Scarlet revirou os olhos, mas não pareceu surpresa. Ela se levantou e olhou para a cozinha, onde o cantarolar de Winter tinha ficado dramático e exagerado.

– Winter.

A princesa apareceu um momento depois, com as mãos cobertas

de massa de parede.

Scarlet colocou as mãos nos quadris.

– O que você está fazendo?

– Consertando a casa – disse Winter, como se fosse óbvio. – Para que não caia.

– Certo. Bom trabalho. Cinder e eu vamos ver o vídeo. Se alguém vier até a casa, se esconda. Não saia e tente não fazer nenhuma maluquice.

Winter piscou.

– Serei um bastião de sanidade desimpedida.

Com um balançar exasperado de cabeça, Scarlet se virou para Cinder.

– Ela vai ficar bem. Vamos.

O relógio na cabeça de Cinder estava contando os minutos, e ela e Scarlet mal tinham saído de casa quando o domo escureceu. Ao longe, ela via os primeiros trabalhadores indo para casa depois de saírem das fábricas. Todos olhavam para cima, querendo saber que notícia ruim a rainha tinha para eles.

Uma série de quadrados do tamanho de prédios surgiu na superfície do domo e se sintonizou em uma imagem, duplicada doze vezes em todas as direções. O rosto de Cinder grudado um monte de vezes no céu.

Cinder fez uma careta ao ver isso. Quando eles gravaram o vídeo a bordo da Rampion, ela se sentiu ousada e decidida. Não se deu ao trabalho de se arrumar e preferiu se mostrar como era. No vídeo, estava usando a mesma camiseta militar e calça cargo que encontrou a bordo da Rampion séculos atrás. O cabelo estava preso no mesmo rabo de cavalo que ela sempre usava. Os braços estavam cruzados, a mão ciborgue exposta.

Ela não se parecia em nada com a tia majestosa, glamourosa e

poderosa.

– Cinder – sibilou Scarlet. – Você não devia estar usando seu glamour?

Ela levou um susto e botou em uso o glamour de garota adolescente comum que usou durante o trajeto até ali vindo de Artemísia. Ao menos impediria qualquer pessoa do setor de reconhecê-la, embora não fosse capaz de protegê-la de imagens de câmera.

Ela torcia para que Levana tivesse muitas filmagens para examinar.

Sua similar no céu começou a falar.

– Cidadãos de Luna, peço que vocês parem o que estão fazendo para ouvir esta mensagem. Meu nome é Selene Blackburn. Sou a filha da falecida rainha Channary, sobrinha da *princesa* Levana e herdeira por direito do trono de Luna. – Ela tinha treinado o discurso mil vezes e ficou aliviada de não parecer idiota ao dizê-lo. – Vocês foram informados que morri treze anos atrás em um incêndio, mas a verdade é que minha tia Levana tentou me matar, mas fui salva e levada para a Terra. Lá, fui criada e protegida em preparação para a época em que voltaria a Luna e exigiria a restituição do meu direito. Na minha ausência, Levana escravizou vocês. Ela tira seus filhos e os transforma em monstros. Ela tira seus bebês cascudos e os mata. Ela deixa vocês passarem fome, enquanto o povo de Artemísia se empanturra de comidas caras e iguarias.

A expressão dela ficou feroz.

– Mas o reinado de Levana está chegando ao fim. Eu voltei e vim recuperar o que é meu.

Tremores percorreram os braços de Cinder ao ouvir sua voz parecendo tão capaz, tão confiante, tão *digna*.

– Em pouco tempo – prosseguiu o vídeo –, Levana vai se casar com o imperador Kaito, da Terra, e vai ser coroada imperatriz da

Comunidade das Nações Orientais, uma honra que não poderia ser dada a uma pessoa menos merecedora. Eu me recuso a permitir que Levana aumente sua tirania. Não vou ficar de lado enquanto minha tia escraviza e explora meu povo aqui em Luna, e declara guerra para toda a Terra. E é por isso que, antes que uma coroa terráquea possa ser colocada na cabeça de Levana, eu vou levar um exército para os portões de Artemísia.

Acima dela, seu sorriso ficou malicioso e inabalável.

– Eu peço que vocês, cidadãos de Luna, sejam esse exército. Vocês têm o poder de lutar contra Levana e as pessoas que os oprimem. Começando agora, hoje, peço que vocês se juntem a mim na rebelião contra esse regime. Não vamos mais obedecer aos toques de recolher dela nem deixar passar nosso direito de nos encontrar e conversar e ser ouvidos. Não vamos mais abrir mão de nossos filhos para que se tornem guardas e soldados descartáveis. Não vamos mais ser escravizados para plantar comida e criar animais que serão enviados para Artemísia enquanto nossos filhos passam fome. Não vamos mais construir armas para a guerra de Levana. O que vamos fazer é tomá-las para nós, para *nossa* guerra.

"Tornem-se meu exército. Levantem-se e recuperem suas casas dos guardas que agridem e apavoram vocês. Enviem uma mensagem para Levana de que vocês não vão mais ser controlados pelo medo e pela manipulação. E, no começo da coroação real, peço que todos os cidadãos capazes fisicamente se juntem a mim em uma marcha contra Artemísia e o palácio da rainha. Juntos, vamos garantir um futuro melhor para Luna. Um futuro sem opressão. Um futuro em que qualquer lunar, independentemente do setor onde mora e da família em que nasceu, possa alcançar suas ambições e viver sem medo de perseguição e de uma vida de escravidão.

"Sei que estou pedindo que vocês arrisquem suas vidas. Os

taumaturgos de Levana são poderosos, os guardas são hábeis e os soldados são brutais. Mas, se nos juntarmos, poderemos ser *invencíveis*. Eles não podem controlar todos nós. Com as pessoas unidas em um exército, vamos cercar a capital e destronar a impostora que está sentada no meu trono. Ajudem-me. Lutem por mim. Eu serei a primeira governante na história de Luna que também vai lutar por vocês."

O vídeo fechou o foco na expressão indomável de Cinder por um momento, e acabou.

CAPÍTULO

Trinta e seis

– Uau – sussurrou Scarlet. – Bom discurso.

O coração de Cinder estava disparado.

– Obrigada. Kai escreveu a maior parte.

Ela espiou a fila de casas vazias. As poucas pessoas que tinha visto antes ainda encaravam o domo. Mais mineiros e operários de fábrica já deviam ter voltado, mas as ruas ficaram vazias. O domo era um vácuo de silêncio.

Saber que deu o primeiro passo deveria ter assustado Cinder. Ela estava fugindo havia tanto tempo. Levana a manteve na defensiva desde que a viu no baile da Comunidade.

Mas era o fim disso. Ela se sentia energizada. *Pronta*. Longe de fazer papel de boba no vídeo, ela na verdade falou como uma rainha. Falou como uma *revolucionária*. Falou como se fosse mesmo capaz daquilo.

– Venha – disse Scarlet, enquanto saía andando. – Vamos ver o que está acontecendo.

Cinder apressou o passo atrás dela. Elas ouviram gritos vindos da praça central, os cidadãos distantes estavam se aproximando das ruas residenciais, embora parassem com frequência para olhar para trás. Quando Cinder e Scarlet se aproximaram, ouviram que os gritos eram ordens.

Os guardas do setor tinham aberto caminho em meio à multidão parada, segurando cassetetes compridos e finos.

– Andem – gritou um guarda. O rosto dele todo, com exceção dos olhos, estava escondido embaixo do capacete e de uma máscara. – Faltam quatro minutos para o toque de recolher! Embromar é

estritamente proibido, e nenhum vídeo vai mudar isso.

Cinder e Scarlet se esconderam atrás de um carrinho de entregas.

Os cidadãos estavam amontoados em pequenos grupos, com o cabelo e os uniformes cobertos de poeira de regolito. Alguns estavam com as mangas dobradas, deixando à mostra as tatuagens de MR-9 nos antebraços. A maioria baixou os olhos quando os guardas se aproximaram e se encolheram pelo prospecto de receberem golpes dos cassetetes. Mas bem poucos pareciam estar indo embora.

Um guarda segurou um homem pelo cotovelo e o empurrou para longe do chafariz borbulhante no centro do domo.

– Andem logo, todos vocês. Não nos obriguem a fazer um relatório de má conduta.

Os trabalhadores cansados trocaram olhares. A multidão estava diminuindo. Os ombros exaustos murcharam conforme eles foram dispersando. Os grupos se dissolveram sem nem uma palavra de raiva ser gritada para os guardas.

O coração de Cinder se espremeu.

Eles não iam lutar.

Eles não iam se defender.

Eles estavam com tanto medo dos opressores quanto antes.

Ela foi tomada de decepção e cambaleou, apoiando-se no carrinho. Era possível que não tivesse sido persuasiva o bastante? Tinha deixado de transmitir o quanto era importante que todos se defendessem, unidos e decididos? Teria falhado?

Scarlet colocou a mão no ombro dela.

– É só um setor – disse ela. – Não desanime. Nós não sabemos o que mais está acontecendo por aí.

Embora suas palavras fossem gentis, Cinder via sua frustração espelhada em Scarlet. Podia ser verdade, elas *não* sabiam o que estava acontecendo no resto dos setores e não tinham como saber. Mas o

que ela viu ali não lhe passou confiança nenhuma.

– Não toquem em mim! – gritou um homem.

Cinder olhou de trás do carrinho. Um guarda estava olhando um homem magrelo com pele pálida e doentia. Apesar da curvatura esquelética de seu corpo, o homem estava na frente do guarda com punhos fechados.

– Eu não vou voltar para minha casa em aceitação ao toque de recolher – disse ele. – Podem ameaçar me denunciar o quanto quiserem. Depois de um vídeo assim, a rainha e os asseclas dela vão ficar atarefados reunindo pessoas culpadas de crimes bem maiores do que ficar na rua alguns minutos a mais.

Dois outros guardas pararam de mandar as pessoas dispersarem e foram na direção do homem. As mãos enluvadas apertaram os cassetetes.

O restante dos trabalhadores parou para olhar. Com curiosidade. Com cautela. Mas também, pelo que Cinder avaliou, com raiva.

O primeiro guarda parou de pé na frente do homem. A voz dele saiu abafada pela máscara, mas a arrogância ficou evidente:

– Nossas leis são para a proteção de todo o povo, e ninguém vai se eximir delas. Sugiro que você vá para casa antes que eu seja obrigado a fazer de você um exemplo.

– Sou perfeitamente capaz de fazer de mim um exemplo – o homem rosnou para os guardas que estavam se reunindo em torno dele, depois para as pessoas que hesitavam ao redor da praça: – Vocês não entendem? Se os outros setores também viram aquele vídeo...

O guarda colocou a mão livre na nuca do homem e o empurrou para baixo, forçando-o a ficar de joelhos. Suas palavras foram interrompidas por um grunhido estrangulado.

O guarda levantou o cassetete.

Cinder apertou a mão sobre a boca. Tentou usar o dom, mas estava

longe demais para impedir, longe demais para controlá-lo.

Os outros dois guardas se aproximaram, com os cassetetes acertando a cabeça do homem, as costas, os ombros. Ele caiu de lado e cobriu o rosto, gritando pela força dos golpes, mas os guardas não paravam...

Cinder trincou os dentes e deu um passo para a rua, mas outra voz interrompeu os gritos do homem antes que ela pudesse falar.

– Parem! – gritou uma mulher. Ela abriu caminho pela multidão.

Um dos guardas parou. Não, ele ficou *paralisado*.

Os outros dois hesitaram ao verem o companheiro com o cassetete parado no meio do golpe. O rosto da mulher estava contorcido em concentração.

– Uso ilegal de manipulação – gritou outro guarda. Ele segurou a mulher e puxou os braços dela para as costas. Mas, antes que pudesse prendê-los, outro mineiro deu um passo à frente, um homem idoso com as costas curvadas de anos de trabalho. Mas o olhar dele era cortante quando levantou uma das mãos.

O corpo do guarda virou pedra.

Outro civil deu um passo à frente. Depois outro, todos com expressões de determinação severa. Um a um, os guardas largaram os cassetetes. Um a um, foram tomados pelo povo.

Um garotinho correu na direção do homem que apanhou. Ele estava caído inerte no chão, gemendo de dor.

A mulher que se adiantou primeiro rosnou para os guardas:

– Não sei se aquela garota era a princesa Selene ou não, mas sei que ela está certa. Essa pode ser nossa única chance de nos unirmos, e eu, pelo menos, me recuso a voltar a ter medo de vocês! – O rosto dela estava tenso, cheio de ressentimento.

Enquanto Cinder olhava, o guarda que ela estava controlando esticou a mão para pegar a faca que tinha no cinto e a levou até o

próprio pescoço.

Um horror se espalhou por ela como água gelada.

– Não! – berrou Cinder. Ela saiu correndo e interrompeu o glamour de garota normal. – Não! Não os matem! – Abrindo caminho até o centro da multidão, Cinder levantou as mãos na direção dos civis reunidos. Sua pulsação estava disparada.

Ela foi recebida primeiro com raiva, resíduo de anos de tirania e de desejo de vingança transformados em nojo com sua interrupção.

Mas então, aos poucos, houve reconhecimento, misturado com confusão.

– Sei que esses homens são armas da rainha. Eles agrediram e humilharam vocês e suas famílias. Mas *eles* não são seus inimigos. Muitos guardas foram retirados de seus familiares e obrigados a trabalhar para a rainha contra a própria vontade. Não sei sobre esses aqui especificamente, mas matá-los sem oferecer um julgamento justo e sem mostrar misericórdia só vai prolongar o ciclo de desconfiança. – Ela olhou para a mulher que estava controlando o homem e a faca dele. – Não fiquem iguais à rainha e à corte. Não os matem. Vamos levá-los como prisioneiros até decidirmos o que fazer. Talvez ainda encontremos uso para eles.

O braço do guarda começou a baixar, acabando com a ameaça iminente da faca. Mas ele estava olhando para Cinder, não para a mulher. Talvez estivesse aliviado com a intervenção. Talvez estivesse constrangido por sua falta de poder. Talvez estivesse planejando matar todos os cidadãos rebeldes assim que tivesse a oportunidade.

Passou pela cabeça dela que essa mesma cena poderia estar acontecendo em vários outros setores, sem que ela estivesse lá para impedir. Ela queria que as pessoas se defendessem do regime de Levana, mas não considerou que podia estar sentenciando milhares de guardas à morte.

Tentou sufocar a sensação de culpa e disse a si mesma que agora era guerra e que as guerras tinham sua cota de morte. Mas isso não a fez se sentir melhor.

Ela se aproximou do chafariz e subiu na beirada. A água borrifou suas panturrilhas.

A multidão tinha crescido e continuava crescendo. As pessoas que tinham ido para casa voltaram com tudo, atraídas pela movimentação e pelos sussurros que se espalhavam, falando de rebelião. Com os guardas controlados, as cabeças das pessoas estavam erguidas.

Ela imaginou centenas de milhares, até mesmo *milhões* de lunares se reunindo assim, ousando imaginar um novo regime.

De repente, uma voz de homem gritou:

– Isso é um truque! É Levana nos testando! Ela vai nos matar por isso.

A multidão se agitou, nervosa com a acusação. Os olhos se dirigiram para o rosto de Cinder, para as roupas, para a mão de metal, que não estava escondendo. Ela sentia como se estivesse no baile de novo, o centro de atenção indesejada, seguindo em frente com determinação obstinada e a certeza de que não podia voltar atrás, mesmo que quisesse.

– Não é truque nenhum – disse ela, alto o bastante para as palavras ecoarem nas paredes das fábricas próximas. – E também não é teste. Eu sou a princesa Selene, e o vídeo que vocês viram foi transmitido para quase todos os setores de Luna. Eu estou, sim, organizando uma rebelião que vai se espalhar por toda a superfície de Luna... e vai começar aqui. Vocês querem se juntar a mim?

Ela esperava ser recebida com gritos animados, mas um silêncio desconfortável se estabeleceu.

O homem idoso que ela viu antes inclinou a cabeça.

– Mas você é só uma adolescente.

Ela o encarou com indignação, mas, antes que pudesse falar, um rosto familiar surgiu na multidão. Maha parou na frente dela. Apesar da estatura pequena, ela tinha todo o destemor de Lobo na postura.

– Vocês não ouviram o vídeo? Nossa verdadeira rainha voltou! Nós vamos nos acovardar com medo e ignorar a única chance que temos de tornar a vida melhor para nós?

O homem idoso indicou o céu.

– Um discurso bonito não vai servir de rebelião organizada. Nós não temos treinamento nem armas. Não temos tempo para nos preparar. O que você espera que a gente faça, que marche para Artemísia com pás e picaretas? Seremos massacrados!

Ficou claro pelas expressões perplexas e cabeças balançando que ele não estava sozinho com essas ideias.

– O que nos falta em treinamento e tempo, vamos compensar com números e determinação, como Selene falou – disse Maha.

– Números e determinação? Vocês vão dar dois passos para dentro de Artemísia e os taumaturgos dela vão fazer vocês cortarem as próprias gargantas antes mesmo que *vejam* o palácio.

– Eles não podem fazer lavagem cerebral em todos nós! – gritou alguém na multidão.

– Exatamente – concordou Maha. – E é por isso que temos que fazer isso agora, quando toda Luna pode seguir junta.

– Como sabemos se os outros setores vão lutar? – perguntou o homem. – Devemos arriscar nossas vidas por uma fantasia?

– Sim! – gritou Maha. – Sim, eu vou arriscar minha vida por essa fantasia. Levana tirou meus dois filhos e eu não pude fazer nada para protegê-los. Não pude enfrentá-la, mesmo morrendo por permitir que eles fossem levados. Não vou desperdiçar essa chance!

Cinder percebeu que as palavras dela tinham significado para os

civis reunidos. Olhos se dirigiram ao chão. Um punhado de crianças, cobertas com o mesmo pó que todo mundo, foi puxado para o abrigo dos braços dos pais.

O rosto do homem se contraiu.

– Eu desejei uma mudança minha vida toda, e é precisamente por isso que sei que não vai ser tão simples. Levana não pode enviar forças para todos os setores se nos rebelarmos ao mesmo tempo, mas o que vai impedi-la de parar de enviar trens com suprimentos? Ela pode nos fazer passar fome até a submissão. Nossas provisões já são poucas no momento.

– Você está certo – admitiu Cinder. – Ela pode cortar suas provisões e impedir a vinda dos trens com suprimentos. Mas não se nós controlarmos o sistema de trens de levitação magnética. Vocês não veem? A única forma de isso dar certo é se nos unirmos. Se nos recusarmos a aceitar as regras que Levana nos impôs.

Ela viu Scarlet na multidão, depois também Iko, com Lobo e Thorne. Thorne usava um uniforme de guarda, mas tinha tirado o capacete e a máscara. Ela esperava que o sorriso aberto dele bastasse para desviar o ódio deslocado de qualquer pessoa.

A presença deles lhe deu ânimo.

Ela tentou olhar nos olhos do máximo de cidadãos que conseguiu.

– Não tenho dúvida de que os outros setores estão enfrentando os mesmos medos que vocês. Sugiro que selecionemos voluntários para agirem como mensageiros e irem até os setores vizinhos. Vamos dizer para eles que eu estou aqui e que tudo o que eu disse no vídeo é verdade. Vou marchar para Artemísia e exigir meu direito de nascença.

– E eu vou com você – disse Maha Kesley. – Acredito que você seja nossa verdadeira rainha, e nós devemos nossa lealdade a você somente por isso. Mas, como mãe que teve a oportunidade de

reencontrar o filho, devo muito mais a você.

Cinder sorriu para ela, agradecida.

Maha retribuiu o sorriso. Em seguida, ajoelhou-se e baixou a cabeça.

Cinder ficou tensa.

– Ah, Maha, não precisa...

Ela parou de falar quando, ao redor dela, em todos os lados, a multidão começou a fazer o mesmo. A mudança foi gradual no começo, mas se espalhou como ondas em um laguinho. Só os amigos dela ficaram de pé, e Cinder ficou grata pela falta de reverência deles.

Seus medos começaram a evaporar. Ela não sabia se o vídeo tinha persuadido *todos* os civis a se juntarem à causa, e talvez nem a *maioria* deles.

Mas a visão à frente dela era prova de que a revolução tinha começado.

CAPÍTULO

Trinta e sete

Kai estava com os braços cruzados, olhando com irritação para a janela da suíte luxuosa de hóspede, mas sem ver nada do belo lago e nem da cidade abaixo. Ele não conseguiu apreciar nenhum luxo de sua prisão, apesar de a suíte ser maior do que a maioria das casas da Comunidade. Levana estava fingindo respeito e deu a ele acomodações completas, com uma cama enorme e um closet, duas salas, um escritório e um banheiro que, a um primeiro olhar, parecia ter uma piscina, mas que logo Kai percebeu que era uma banheira.

De tirar o fôlego, claro. Era ainda mais luxuosa do que as suítes de hóspedes no Palácio de Nova Pequim, embora Kai e seus ancestrais se orgulhassem de como recebiam e tratavam bem seus convidados diplomáticos.

Mas o efeito era estragado pelo fato de que a porta dupla que levava para a varanda ficava trancada e guardas lunares permaneciam parados em frente aos aposentos dia e noite. Ele fantasiou sobre quebrar uma das janelas e tentar escalar para descer pela parede do palácio, provavelmente era o que Cinder teria feito, mas qual era o sentido? Mesmo que não quebrasse o pescoço, ele não tinha para onde ir. Embora doesse pensar no assunto, o lugar dele era ali, ao lado de Levana, fazendo seu melhor para mantê-la ocupada com toda a porcaria de casamento e coroação.

E aquilo não estava indo bem, considerando que ele não via Levana e nenhum dos cúmplices dela desde que o trancaram ali, depois da emboscada na doca. Os únicos visitantes que recebeu foram criados mudos levando pratos transbordando com comidas extravagantes

que ficavam praticamente intocadas.

Com um grunhido exasperado, ele recomeçou a andar de um lado para outro, seguro de que faria um buraco no piso de pedra antes que a situação se resolvesse.

Ele levou Cinder e seu grupo para Luna, que era seu papel básico no planejamento, mas as coisas não aconteceram com tranquilidade, e ele estava ficando louco por não saber o que tinha ocorrido. Eles tinham escapado? Alguém estava ferido?

Mesmo sem um chip D-COMM, ele ficaria tentado a mandar uma mensagem para Iko ou Cinder, só para saber o que estava acontecendo, mas Levana tinha confiscado seu tablet. Era enlouquecedor, mas considerando o risco de uma mensagem ser rastreada, devia ser mesmo melhor.

A ansiedade diminuiria se ele pudesse seguir em frente com os outros objetivos. Além de distrair Levana, ele também tinha sido encarregado de reunir informações sobre Scarlet Benoit, mas não poderia descobrir nada, *nada*, enquanto estivesse preso ali.

Era como estar preso na Rampion de novo, mas cem vezes pior.

Um sino ecoou por sua suíte.

Ele correu pela sala principal e abriu a porta. Havia um criado de uniforme do outro lado, um garoto poucos anos mais novo do que Kai. Ele estava escoltado por quatro guardas lunares.

– Eu não sou prisioneiro – disse Kai, enfiando o pé na porta caso ela fosse batida, como tinha acontecido incontáveis vezes antes. O criado enrijeceu. – Sou o imperador da Comunidade das Nações Orientais, não um criminoso qualquer, e exijo ser tratado com respeito diplomático. Tenho o direito de me reunir com meu conselheiro e meus oficiais de gabinete e exijo ouvir os motivos da rainha Levana para nos deter desta forma!

A boca do criado se moveu sem falar nada por um momento, até

que ele gaguejou:

– E-Eu fui e-enviado para acompanhá-lo até Sua Majestade.

Kai piscou, atordoado por um momento, mas logo se recompôs.

– Já estava na hora. Leve-me até ela imediatamente.

O criado se curvou e voltou para o corredor.

Kai foi levado pelo palácio se sentindo ainda mais prisioneiro com os guardas espalhados atrás, embora ninguém tivesse tocado nele. Esforçou-se para observar a disposição do palácio, prestando atenção em marcos memoráveis sempre que podia: uma escultura interessante, uma tapeçaria complicada. Passando por uma passarela e descendo um corredor longo e estreito, onde retratos holográficos se enfileiravam como um corredor polonês.

Seus pés tropeçaram quando ele viu o último holograma. Teve que olhar duas vezes para ter certeza de que não estava ficando louco.

O último holograma era de uma mulher que, a uma primeira olhada, se parecia muito com Cinder.

Seu coração disparou, mas quando o holograma se virou, ele percebeu sua confusão. Era uma versão madura de Cinder, com olhos que flertavam e sorriso de megera. As bochechas eram mais acentuadas e o nariz, um pouco mais estreito. Na verdade, as similaridades existiam não entre aquela mulher e a Cinder que ele conhecia, mas entre ela e a Cinder que ele viu na base da escada do baile.

Ele verificou a placa e confirmou suas desconfianças. Rainha Channary Blackburn.

O glamour não intencional de Cinder, por mais dolorosamente lindo que tivesse sido, se parecia muito com a mãe dela.

– Vossa Majestade.

Ele levou um susto e virou a cabeça. Não disse nada para o criado quando deixou o holograma para trás.

Ele esperava ser levado para a sala do trono, mas quando passaram por uma porta com grades de ferro e entraram em um corredor bem menos luxuoso, ele ficou desconfiado. À esquerda, passaram por uma porta elaborada de cofre.

– O que tem lá dentro?

Esperando ser ignorado, ele ficou surpreso quando o criado respondeu:

– As joias e insígnias da coroa.

As joias da coroa. Em Nova Pequim, eles guardavam artefatos e relíquias de valor inestimável em um dos cofres subterrâneos mais seguros. Lá havia pedras do tamanho de ovos, espadas milenares cobertas de ouro, até as coroas do imperador e da imperatriz quando não estavam em uso.

Ficou claro que aquela ala não era aberta para passeios do palácio. Para onde o estavam levando?

Eles dobraram outra esquina e Kai foi levado para uma porta até uma espécie de centro de controles de computador, cheio de invisitelas e nódulos holográficos. Mapas e vídeos de segurança piscavam em todas as paredes, e havia pelo menos trinta homens e mulheres analisando a abundância de transmissões e compilando dados do momento.

Antes que ele começasse a entender o que as pessoas estavam fazendo, foi empurrado por uma porta para uma sala adjacente. A porta foi fechada e o trancou atrás de um vidro à prova de som.

Seu olhar avaliou o novo espaço. Um pano de fundo em uma das paredes mostrava a cidade de Artemísia e a Terra além do horizonte. Havia dois tronos elaborados à frente.

O resto da sala estava cheio de luzes altas e equipamento de filmagem. O local lhe lembrou a sala de imprensa do Palácio de Nova Pequim, mas sem cadeiras para os jornalistas.

Levana estava atrás de um dos tronos, com as mãos apoiadas nas costas. Usava um vestido preto cintilante com uma faixa diagonal prateada. Um broche na faixa tinha uma filigrana dourada delicada e pedras que diziam: *Princesa Winter, Embora Falecida, Jamais Esquecida*.

Kai curvou os lábios com repulsa. Essa fofoca, ao menos, chegou a ele no cativeiro. A princesa Winter foi assassinada. Alguns diziam que foi por um guarda, alguns diziam que por um amante ciumento. Mas, depois de ver a forma como Levana falara com irritação com a própria enteada, Kai não conseguia evitar teorias próprias.

O taumaturgo Aimery estava junto à porta, ao lado do capitão ruivo da guarda. Um homem desconhecido estava mexendo numa das luzes.

Apesar de Levana estar sorrindo, os olhos eram malignos.

Alguma coisa tinha acontecido.

Kai firmou os pés e enfiou as mãos nos bolsos, torcendo para passar a imagem de composto e intimidante.

– Olá, *meu docinho* – disse ele, relembrando os apelidos carinhosos e bajuladores que ela mencionou no porto.

Levana lançou-lhe um olhar fulminante, o que dizia muito. Se não estava disposta a fingir que achou graça, alguma coisa tinha dado muito errado.

E ele torcia para que isso quisesse dizer que alguma coisa tinha dado muito certo.

– Prometeram que eu seria tratado como hóspede diplomático – disse ele. – Quero me reunir com Konn Torin e o resto dos representantes terráqueos e ter permissão de andar pelo palácio e pela cidade. Nós não somos seus prisioneiros.

– Infelizmente, não estou aceitando exigências hoje. – As longas unhas de Levana afundaram nas costas do trono falso. – Mas você vai me ajudar com um projetinho. Estamos prontos?

O homem estava segurando papéis de vários tons de branco.

– Mais um momento, minha rainha.

Kai ergueu uma das sobrancelhas.

– Eu não vou ajudar você com nada até que aceite meus pedidos e responda minhas perguntas.

– Meu querido futuro marido, você abriu mão dos seus direitos de cortesia diplomática quando trouxe aqueles criminosos para minha casa. Sente-se.

Kai experimentou um breve momento de desafio antes de sentir as pernas se moverem por vontade própria e o corpo desabar em um dos tronos. Ele olhou para a rainha com raiva.

– Disseram que você capturou uma prisioneira terráquea durante um momento de cessar-fogo – insistiu ele. – Uma cidadã da Federação Europeia chamada Scarlet Benoit. Exijo saber se existe alguma verdade nesse boato e onde a garota está agora.

Levana começou a rir.

– Garanto que não existe prisioneira terráquea com esse nome aqui.

A gargalhada fez Kai trincar os dentes, e a declaração não o convenceu de nada. Estaria Levana sugerindo que Scarlet estava morta? Ou que não estava mais no palácio? Ou que não estava mais em Artemísia?

Levana pegou um véu na cabeça de um manequim e colocou sobre si mesma. Aimery deu um passo à frente e colocou a coroa da rainha na cabeça dela. Quando Levana se virou, o glamour não estava mais visível. Depois de se acostumar com o rosto bonito, Kai tinha esquecido como aquele véu liso o encheu de horror por tanto tempo.

– O que estamos fazendo aqui? – perguntou Kai.

– Vamos filmar um videozinho – disse Levana. – Houve algumas confusões nos setores externos ultimamente, e achei pertinente

lembrar ao povo a verdadeira lealdade que me devem, e todas as coisas grandiosas que você e eu vamos fazer quando formos marido e mulher.

Ele a observou, mas não viu muita coisa por baixo do véu.

Ela contou tão pouca coisa, mas contou o bastante. O vídeo de Cinder tinha sido transmitido. Levana estava na defensiva. Só podia ser.

– O que você espera que eu diga?

Levana estalou os dentes e se sentou no trono ao lado dele.

– Nada, querido. Eu falo por você.

Ele sentiu consternação no peito. Tentou se levantar, mas as pernas tinham virado pedra. Ele fechou as mãos nos braços da cadeira e afundou as unhas na madeira polida.

– Eu não acho...

A língua dele ficou imóvel.

O técnico contou nos dedos, e uma luz se acendeu nas câmeras à frente.

O corpo de Kai relaxou. Suas mãos soltaram os braços da cadeira e pousaram no colo. A postura estava ereta, mas natural; o olhar, delicado. Ele estava sorrindo quando olhou para a lente da câmera.

Mas, por dentro, estava furioso. Gritava e ameaçava Levana com todas as leis sobre política intergaláctica em que pensava. Nada disso importava. Seu rompante não era visível para ninguém além dele mesmo.

– Meu bom povo, chegou a mim a informação de que vocês foram abordados por uma impostora alegando ser nossa amada princesa Selene, que perdemos tragicamente treze anos atrás – declarou Levana. – Fiquei imensamente perturbada por essa garota, cujo verdadeiro nome é Linh Cinder e que é uma criminosa procurada tanto em Luna quanto na Terra, tenha ousado tirar vantagem desse

episódio doloroso da nossa história, particularmente quando ainda estamos de luto pela morte da minha enteada. Parte meu coração informar a vocês que as alegações dessa garota não passam de mentiras elaboradas para confundir e manipulá-los para que se juntem a ela, mesmo quando seu bom senso, quando não estão sendo manipulados, se recusaria a participar.

Ela fez um sinal na direção de Kai.

– Quero apresentar a vocês todos meu futuro marido, Sua Majestade Imperial, o imperador Kaito da Comunidade das Nações Orientais da Terra. Ele tem a reputação de ser um governante justo e compassivo, e não tenho dúvida de que será um grande rei para nós também. Juntos, vamos unir nossos países em uma união construída em admiração e respeito mútuos.

Por dentro, Kai vomitou.

Por fora, voltou o olhar apaixonado para a noiva.

– Vocês podem não saber que Sua Majestade teve experiências pessoais com Linh Cinder, essa criminosa que está se fazendo passar por Sua Alteza, a princesa Selene – continuou Levana. – Eu queria que vocês ouvissem a opinião dele sobre a garota, para tomarem uma decisão baseada em fatos, e não em reações emocionais. Por favor, ofereçam a ele sua total atenção.

Kai olhou para a câmera de novo, e as palavras que saíram pela boca o fariam mais tarde esfregar a língua:

– Cidadãos de Luna, é uma honra para mim falar com vocês como seu futuro rei e uma grande tristeza que minha apresentação tenha que ser feita em momento tão conturbado. Como sua rainha declarou, eu tive muitas experiências com Linh Cinder, e sei com certeza absoluta que ela não é o que alega ser. A verdade é que ela é uma criminosa violenta, responsável por incontáveis roubos e mortes no planeta Terra. Depois de desenvolver uma obsessão por

mim, ela até tentou assassinar minha amada futura esposa, sua rainha, durante nosso Festival Anual da Paz em Nova Pequim. Quando a tentativa falhou, ela chegou ao ponto de me sequestrar no dia que era para ser o do nosso casamento e me manteve refém contra minha vontade e em condições desumanas, até que prometesse desistir dessa união entre a Terra e Luna, e aceitasse me casar com ela. Foi só graças aos corajosos soldados de Luna e ao espírito indomável de Sua Majestade que fui libertado ileso. Infelizmente, Linh Cinder não desistiu. Ela continua a viver uma fantasia na qual é a princesa Selene, que voltou da morte, na esperança de conquistar minha afeição. A instabilidade e a imprudência dela a tornaram uma criminosa perigosa e uma ameaça, não só à minha segurança, mas ao bem-estar de todos os que entram em contato com ela. Peço a todos que, se virem Linh Cinder, relatem às autoridades imediatamente. Não falem com ela. Não se aproximem dela. Como seu futuro rei, estou muito preocupado com *sua* segurança, e é minha esperança que Linh Cinder seja encontrada e trazida a Artemísia, onde poderá receber a justiça que seus crimes merecem.

Quando terminou de falar, Kai se sentiu capaz de arrancar a própria língua se tivesse oportunidade.

Levana voltou a falar:

– Claro que, se fosse descoberto que havia qualquer verdade no boato de que minha querida sobrinha Selene sobreviveu tantos anos atrás, eu a receberia com alegria no meu coração e na minha casa, e colocaria eu mesma a coroa de Luna na cabeça dela. Infelizmente, não é assim. Selene está com as estrelas, e eu, sozinha, devo manter a segurança e a subsistência do nosso povo. Sei que são tempos difíceis. É com grande tristeza que vejo nossa produção de alimentos diminuir ano após ano e nossos recursos limitados não cobrirem as necessidades de nossa população crescente. E é por isso que a

prioridade maior do meu regime é assegurar essa aliança com a Terra, de forma que nosso futuro possa ser melhor e nosso povo receba os devidos cuidados pelas gerações vindouras. Esse, meu povo, é o futuro que posso oferecer a vocês. Não essa ciborgue, essa impostora, essa fraude.

Quando o tom começou a transmitir ressentimento, Levana fez uma pausa e se recompôs. A voz passava o som de um sorriso novamente quando ela terminou:

– Sou sua rainha e vocês são meu povo. É um grande privilégio para mim guiar a todos em direção a um futuro novo e melhor.

O técnico parou a gravação, e o corpo de Kai latejou quando recuperou o controle. Ele se levantou e se virou para Levana.

– Não sou um instrumento desmiolado para ser usado nas suas propagandas.

Levana tirou o véu e o entregou para Aimery.

– Fique calmo, meu amado. Você falou com muita eloquência. Sem dúvida, o povo ficou impressionado.

– Cinder vai saber que foi mentira. Vai saber que você estava me controlando.

Os olhos de Levana brilharam.

– Que importância tem o que *Cinder* pensa? A opinião dela, como a sua, não quer dizer nada. – Ela estalou os dedos para o guarda. – Terminei com ele. Pode levar de volta.

CAPÍTULO

Trinta e oito

Assim que o imperador foi levado pelos guardas, Levana saiu do estúdio e entrou na sala de controle.

– Edite esse vídeo e mande ser transmitido em todos os setores em que a mensagem da ciborgue foi transmitida. Monitore as transmissões com atenção. Quero relatórios de hora em hora sobre como cada transmissão está sendo recebida. Qual é o status atual dos setores externos?

– Estamos vendo levantes menores em trinta e um setores – informou uma mulher. – Na maioria, os civis se recusam a respeitar as leis do toque de recolher, e houve alguns ataques a guardas de setor.

Um homem acrescentou:

– Também estamos vendo um aumento nos roubos em dois setores agrários. Os trabalhadores voltaram aos campos e começaram a colher alimento para uso próprio. Os guardas foram incapacitados nos dois setores.

Levana bufou.

– Mande segurança adicional a todos os setores que mostrem sinais de insurgência. Temos que sufocar isso imediatamente. E encontre aquela ciborgue!

Ela ficou olhando o piscar dos vídeos de vigilância por um momento, embora os pensamentos estivessem longe. Enquanto o sangue fervia, ela se viu novamente em Nova Pequim, vendo a garota passar correndo por ela com aquele vestido prateado espalhafatoso. Ela a viu tropeçar na escada e cair na direção do jardim. O pé de

metal horrendo quebrou no tornozelo, e a força do glamour oscilou sobre ela, estalando como eletricidade, emanando do corpo dela como ondas de calor no deserto.

Em sua condição sem prática, a garota não fez nada além de conjurar uma versão exageradamente bonita de si mesma, e, ao fazer isso, se transformou em Channary. Sua mãe. A atormentadora de Levana.

Levana ainda a via como uma fotografia impressa para sempre em sua memória. Um ódio que ela não sentia havia anos correu por suas veias. A fúria explodiu em sua visão, branca e cegante.

Selene. Ela tinha que ter morrido treze anos antes, mas ali estava, desastrosamente viva. E, como Levana temia na época, ela tiraria tudo seu. Tudo o que Levana se esforçara tanto para ter.

Isso a deixava enjoada. Por que Selene não pôde morrer com facilidade e misericórdia, como ela planejou? Quando convenceu aquela jovem babá a botar fogo no quarto de brinquedos da princesa, tudo deveria ter terminado. Não deveria haver sobrinha. Nem princesa. Nem futura rainha.

Mas ela foi enganada. Selene estava viva e tentando tirar o trono dela.

Sua atenção voltou para as telas.

– Esse é meu povo – sussurrou ela. – Meu sangue e minha alma. *Eu* sou sua rainha.

Aimery apareceu ao lado dela.

– Claro que é, Vossa Majestade. A ciborgue não faz ideia do que é ser rainha. Das escolhas com as quais é preciso viver. Dos sacrifícios que precisam ser feitos. Quando ela se for, o povo vai reconhecer que você sempre foi a pessoa com direito de se sentar no trono.

– "Quando ela se for" – repetiu Levana, se agarrando às palavras. – Mas como vou saber que ela foi, se não a encontro?

Era irritante. Ela soube que a ciborgue era uma ameaça desde o momento em que a reconheceu na Terra. Mas tentar virar os cidadãos de Levana contra ela foi um golpe que não previu. A ideia do amor deles virando um ódio controlado roubava o ar de seus pulmões e a deixava se sentindo vazia por dentro.

E esse era o plano da ciborgue. Virar o máximo de pessoas que pudesse contra Levana, sabendo que os números grandes seriam sua maior vantagem. Quando precisava, Levana controlava centenas, talvez milhares de seus cidadãos. Com os taumaturgos, eles podiam controlar setores inteiros, *cidades* inteiras.

Mas até ela tinha limites.

Ela balançou a cabeça. Não importava. O povo não se revoltaria contra ela. O povo *a amava*.

Ela massageou a testa com dois dedos.

– O que vou fazer?

– Minha rainha – disse Aimery –, talvez eu possa oferecer uma boa notícia.

Ela soltou o ar e se virou para o taumaturgo.

– Uma boa notícia seria muito bem-vinda mesmo.

– Recebi um relato interessante dos seus laboratórios esta manhã, mas não tive chance de compartilhar as descobertas após a transmissão da ciborgue. No entanto, foi confirmado que somos capazes de duplicar os micróbios da letumose com a mutação que recuperamos do corpo do dr. Sage Darnel na Terra, e que nossa imunidade à doença original ficou mesmo comprometida com essa mutação.

Levana demorou um momento para mudar o rumo dos pensamentos.

– E o antídoto?

– Ainda funciona, embora haja uma janela bem menor em que

pode ser usado.

Levana bateu com os dedos no lábio inferior.

– Isso é interessante mesmo.

Anos antes, Levana soltou a peste na Terra e logo desfrutaria dos resultados. A Terra estava fraca e desesperada. Desesperada para curar a peste. Desesperada para acabar com a guerra.

Quando ela lhes desse o antídoto, eles ficariam imensamente gratos à nova imperatriz.

Mas ela não esperava que sua doença criada em laboratório fosse sofrer mutação depois de liberada. Agora, ninguém era imune, nem mesmo seu próprio povo. Que coisa estranha e milagrosa.

– Obrigada, Aimery. Essa pode ser a resposta que eu estava procurando. Se o povo não enxergar seus erros e não voltar rastejando para mim, posso ter que empregar novos meios de persuasão. Partiria meu coração ver meu povo sofrendo, mas essa é uma daquelas decisões difíceis que uma rainha tem que tomar de tempos em tempos.

O coração dela saltou quando imaginou o povo enchendo o pátio do palácio depois dos muros e se ajoelhando para ela, com lágrimas nos olhos. Eles a idolatrariam por salvá-los. Ela salvaria a todos com sua bondade e caridade.

Ah, eles a idolatrariam, a salvadora, a rainha por direito.

– Vossa Majestade!

Ela se virou para a voz. Uma mulher tinha se levantado e estava ajustando uma invisitela.

– Acho que encontrei uma coisa.

Levana passou por Aimery para ver melhor. A tela mostrava a praça central de um setor externo, de mineração de regolito, talvez, a julgar pelo pó que cobria cada superfície e sujava até a lente da câmera. O chafariz com a imagem dela podia ser visto no filme, uma

coisa bela naquele mundo feio.

A praça estava cheia de gente, uma raridade por si só. O toque de recolher ordenado por ela garantia que as pessoas se concentrassem no trabalho e no descanso, sem a tentação de se juntar aos vizinhos nas horas em que não estavam trabalhando.

– Isso é ao vivo? – perguntou ela.

– Não, minha rainha. Foi filmado não muito tempo depois do final do dia de trabalho.

Ela acelerou a filmagem, e Levana apertou o olhar para tentar entender. Guardas, civis, uma punição justa, e então...

– Pause o vídeo.

A mulher obedeceu, e Levana se viu olhando para o rosto que a assombrou durante meses. Se havia alguma dúvida, a mão de metal monstruosa acabou com ela.

– Onde é isso?

– Mineração de regolito nove.

Levana curvou os lábios.

A ciborgue era dela.

– Aimery, reúna uma equipe que parta imediatamente para esse setor. Linh Cinder deve ser presa e trazida até mim para julgamento e execução públicos. Use o método que achar necessário para detê-la.

A visão dela sangrou com ódio enquanto olhava para a tela. A garota arrogante com as palavras ignorantes e exibições orgulhosas.

– Não vamos tolerar nenhum simpatizante e nenhum aliado. Esse levante tem que ser encerrado.



LIVRO

Três

“Sua madrasta logo vai saber que você está aqui”, avisaram os anões gentis. “Não deixe ninguém entrar.”



CAPÍTULO

Trinta e nove

O vídeo de réplica de Levana estava passando pela terceira vez naquela hora. Cinder esforçava-se o melhor possível para ignorar, mas, toda vez que Kai começava a falar, o som da voz dele a fazia pular, e logo ela lembrava novamente que ele não estava lá. Ele estava sob o controle de Levana, como ela deixou claro com tanta habilidade.

De onde estava, atrás da mesa no terceiro andar de uma fábrica de regolito, Cinder via a maior parte de uma das telas embutidas no domo. Mostrava uma Levana alegre e um Kai tranquilo. Tão *felizes* juntos. Houve um momento em que Kai se virou para Levana e sorriu com uma expressão sonhadora que fez a pele de Cinder ficar arrepiada de pavor. Pela bilionésima vez, ela desejou que Cress estivesse com eles. Ela saberia como desligar.

Cinder se virou para longe do vídeo para se concentrar. Ela não tinha maneiras de saber como a mensagem de Levana estava sendo recebida em Luna, assim como não tinha maneiras de saber como *seu* vídeo estava sendo recebido. O melhor que podia fazer era seguir em frente.

Ela estava reunida com seus aliados: Iko, Thorne, Lobo e Scarlet. A mãe de Lobo também estava presente, junto com alguns residentes do setor que foram indicados para representar os outros. Eles tinham trabalhado a noite toda, planejando e organizando, energizados demais para dormir.

Dois mensageiros voltaram naquela manhã de setores mineradores vizinhos e trouxeram boas notícias. Os guardas foram

controlados, as armas foram confiscadas e o povo se juntaria a Cinder na marcha para Artemísia. Mensageiros adicionais assumiram a missão perigosa de viajar pelas minas, pelos tubos de lava e pelos túneis dos trens de levitação magnética, para confirmar a verdade do vídeo de Cinder e convocar o máximo possível de setores para se juntarem à causa.

Era um começo promissor.

O resto dos residentes do setor foi enviado para casa depois que Cinder os encorajou a descansar um pouco. Na verdade, ela precisava de distância da curiosidade deles e dos sussurros impressionados.

Quando se reunissem, ela dividiria as pessoas em equipes e designaria uma tarefa para cada. Embora alguns voluntários já estivessem vigiando as plataformas dos trens, ela logo teria que estabelecer turnos para garantir que ficassem alertas. Alguns grupos ficariam encarregados de reunir os alimentos e suprimentos médicos que encontrassem, e outros vigiariam a casa da guarda, enquanto outros ainda seriam enviados para procurar possíveis armas e ferramentas nas minas. Lobo prometeu passar um tempo treinando qualquer cidadão capaz em técnicas básicas de combate, o que seria iniciado naquela tarde.

Ela abriu o mapa holográfico de Luna com a testa franzida, enquanto Lobo indicava as rotas que achava que deveriam tomar para a capital. Todos concordaram que deveriam chegar à cidade do máximo de direções possíveis, para obrigar Levana a dividir suas defesas contra eles.

– Seria bom evitar Pesquisa e Desenvolvimento e também Serviços Técnicos – disse Lobo, mostrando os dois setores na vizinhança próxima de Artemísia. – A maioria das pessoas lá deve apoiar Levana.

– PD-1 parece fácil de contornar. – Cinder girou a holografia para poder ver melhor. – Mas ST-1 e 2 ficam bem no caminho, se

quisermos passar pelos setores agrários.

– Talvez nós não os evitemos – disse Thorne. – Tem algum jeito de podermos bloquear as plataformas embaixo daqueles setores e prender todo mundo lá dentro? Isso nos permitiria uma passagem segura, e também impediria qualquer pessoa de se esgueirar atrás de nós e de nos prender nos túneis.

Cinder bateu com o dedo no lábio inferior.

– Isso pode funcionar, mas vamos bloquear com quê?

– Esse setor não fabrica material de construção? – perguntou Scarlet, indicando um setor chamado CG-6: Construção Geral. – Talvez eles tenham alguma coisa que possamos usar.

Cinder se virou para um dos mineiros.

– Posso escolher você para pesquisar isso?

Ele bateu com a mão no coração em uma saudação orgulhosa.

– Claro, Vossa Majestade. Podemos pegar também alguns dos carrinhos de mineração para transportar os materiais.

– Perfeito. – Tentando não se sentir constrangida por causa do *Vossa Majestade*, Cinder se virou para o grupo.

Lobo enrijeceu, uma pequena mudança que deixou Cinder alarmada.

– O que foi?

Ele começou a balançar a cabeça, mas parou, com a testa cada vez mais franzida. Seus olhos penetrantes se viraram para a janela. As telas do domo estavam novamente silenciosas.

– Eu achei que... senti um cheiro.

Os pelos da nuca de Cinder se arrepiaram. Se fosse qualquer outra pessoa e não Lobo, ela teria rido. Mas os sentidos dele eram sobrenaturais e ainda não tinham se enganado.

– Que tipo de cheiro? – perguntou ela.

– Não consigo identificar. Tem muitos corpos aqui, muitos odores.

Mas houve alguma coisa... – Ele apertou os punhos. – Alguém próximo. Alguém que também estava no telhado de Nova Pequim.

O coração de Cinder disparou: *Kai!*

Mas não, Lobo teria reconhecido Kai sem dificuldade.

Tinha que ser um dos guardas reais que os atacaram.

Iko pegou o tablet, um aparelho que deixou os civis perplexos, e desligou a holografia.

Um grito agudo ecoou pelas ruas lá fora.

Cinder correu até a janela e encostou o corpo na parede, pronta para se abaixar e se esconder. Thorne grudou na parede ao lado.

– Você deveria se esconder – sussurrou ele.

– Você também.

Nenhum dos dois se mexeu.

Ela ficou olhando a cena abaixo e tentando entender, enquanto o horror crescia dentro de si. Incontáveis guardas marchavam pelas ruas, junto com pelo menos seis taumaturgos, ou ao menos era o que ela enxergava.

Um casaco branco atraiu sua atenção, e seu estômago deu um nó. O taumaturgo Aimery estava na beirada do chafariz central, bem onde Cinder esteve antes. Ele se portava como um príncipe com o rosto bonito e postura orgulhosa.

Mais reforços vinham aparecendo nas ruas estreitas que irradiavam da praça como raios em uma roda. Reforços demais para sufocar um levante simples em um setor minerador que não era ameaça para ninguém.

O nó no estômago de Cinder se apertou.

Eles sabiam que ela estava ali.

Os guardas estavam arrastando as pessoas para fora de casa e as empurrando para formarem filas uniformes ao redor do chafariz. Ela reconheceu o homem que apanhou dos guardas, ainda com

hematomas e mancando. Ela viu a mulher idosa que vinha acumulando o que podia dos parcos suprimentos havia anos e que já tinha oferecido entregar para quem fosse lutar em Artemísia. E viu o garoto de doze anos que ficou andando atrás de Iko a manhã toda com expressão sonhadora no rosto.

– Estão agrupando todo mundo no setor – sussurrou Maha, espiando pela janela ao lado. – Sem dúvida também vão revistar esses prédios. – A expressão dela era feroz quando recuou. – Vocês deviam se esconder. Nós vamos nos entregar. Pode ser que não revistem esses andares de cima se acharem que todos estão lá.

Cinder engoliu em seco.

– Não vão parar de procurar.

Maha apertou a mão dela.

– Então se escondam bem.

Ela envolveu Lobo em um abraço apertado. Ele se inclinou para receber o gesto e os nós de seus dedos ficaram brancos quando a abraçou.

Eles ouviram a porta da fábrica ser aberta com um golpe no primeiro andar. Cinder deu um pulo. Ela queria segurar Maha e obrigá-la a ficar, mas Maha se soltou do abraço do filho e saiu andando de cabeça erguida. O resto dos cidadãos foi atrás. Sem uma palavra de Cinder, pareceu que eles concordaram com unanimidade que mantê-la em segurança era prioridade.

Um arrepio desceu por sua coluna enquanto os observava ir.

Não demorou para ela ouvir ordens gritadas pelos guardas e a voz calma de Maha declarando que eles estavam desarmados e descendo por vontade própria. Um momento depois, ela os viu sendo empurrados na direção da multidão na praça com armas apontadas para suas costas.

Scarlet ofegou.

– E Winter?

Cinder virou olhos arregalados para ela. Eles deixaram a princesa na casa de Maha, achando que era o lugar mais seguro, mas agora...

– Eu posso ir – disse Iko. – Eles não conseguem me detectar como detectariam qualquer um de vocês.

Cinder apertou bem os lábios enquanto pensava. Queria Iko junto de si, sua única aliada que não podia ser manipulada. Mas isso também fazia dela a melhor escolha para garantir a segurança da princesa.

Ela assentiu.

– Tome cuidado. Saia discretamente pela porta de carga.

Iko deu um aceno breve e também foi embora.

Cinder estava tremendo quando olhou para Thorne, Lobo e Scarlet. Ali do alto, ela não sentia a bioeletricidade dos taumaturgos na multidão, então estava confiante de que eles também não sentiriam a dela e a dos amigos lá em cima, mas isso não a consolou muito.

Eles foram atrás dela, Cinder sabia. E não tinha para onde ir. Onde se esconder.

Além do mais, ela não sabia se *queria* se esconder. Aquelas pessoas depositaram sua confiança nela. Como poderia abandoná-las?

A voz de Aimery chegou aos ouvidos dela. Apesar de ele não estar gritando, o som subiu e ecoou nas superfícies duras das paredes da fábrica. Cinder ajustou a interface de áudio para ter certeza de que captaria todas as palavras.

– Residentes do setor minerador de regolito nove – disse ele –, vocês foram reunidos aqui para enfrentar as consequências de seu comportamento ilegal. Ao abrigar e ajudar criminosos conhecidos, vocês são todos culpados de traição contra a coroa. – Ele fez uma pausa para permitir que o impacto de suas palavras fosse absorvido. –

A sentença para esse crime é a morte.

O corpo de Cinder se contraiu todo quando ela espiou novamente pela janela. As pessoas que foram reunidas em grupos ordenados foram obrigadas a ficar de joelhos. Havia mais de dois mil residentes, menos os que foram enviados como mensageiros para os setores vizinhos. Os corpos ajoelhados ocupavam as ruas até onde ela conseguia ver.

Ele não mataria todos. Não ousaria reduzir a força de trabalho de Luna tão drasticamente.

Ou ousaria?

Aimery encarou as pessoas reunidas à frente, enquanto a estátua de Levana as observava como uma mãe orgulhosa. Havia dois guardas de cada lado do chafariz. Cinder reconheceu o guarda ruivo e se perguntou se foi dele o cheiro que Lobo sentiu. O resto dos guardas estava espalhado com seus elmos e armaduras, apontando armas para os civis. Os outros taumaturgos ficaram misturados à multidão, com os braços enfiados nas mangas.

Cinder esticou os pensamentos o máximo que conseguiu. Procurando, alcançando a energia de Aimery. Se ela conseguisse tomar controle só dele poderia obrigá-lo a oferecer misericórdia. Ele poderia mandar as pessoas serem libertadas.

Mas não. Ele estava longe demais.

Ela se sentiu frustrada, sabendo que Levana seria capaz de exercer seu dom mesmo de tão longe. Levana controlaria facilmente Aimery ali de cima, provavelmente controlaria todos ali de cima. Cinder não se importava com o fato de que a tia tinha uma vida inteira de prática a mais do que ela. Ela deveria ser forte assim. Deveria ser capaz de proteger as pessoas que a protegeriam.

Ofegante, ela voltou a atenção para os guardas mais próximos, posicionados embaixo da janela. Conseguiu detectá-los, pelo menos,

mas eles já estavam sob controle de um dos taumaturgos.

O pânico tomou conta. Ela tinha que *pensar.*

Ainda tinha cinco balas na mão. Thorne e Scarlet também estavam armados. Estava confiante de que conseguiria acertar um dos guardas mais próximos e talvez até um taumaturgo, mas a tentativa entregaria a localização deles.

Além do mais, assim que Aimery percebesse que estavam sob ataque, começaria a usar os residentes do setor como escudos.

Ela não sabia se era capaz de arriscar.

Ela não sabia se tinha escolha.

– No entanto – disse Aimery, com o olhar escuro grudado na multidão –, Sua Majestade está preparada para oferecer anistia a todos. Cada um de vocês será poupado. – Os lábios dele se curvaram em um sorriso gentil. – Tudo o que precisam fazer é nos dizer onde estão escondendo a ciborgue.

CAPÍTULO

Quarenta

Cinder enfiou o dedo dobrado na boca e o mordeu com força para não gritar. Ela sentiu os olhares dos companheiros, mas não ousou encará-los.

– Você *não pode* ir lá para fora. – O sussurro de Scarlet foi ríspido, sem dúvida porque viu a indecisão no rosto de Cinder.

– Não posso deixar que morram por mim – respondeu ela.

Uma certa mão a segurou e a puxou para longe da janela. Lobo olhou com irritação para ela. O doce e feroz Lobo, cuja mãe estava lá embaixo, com *eles*.

Ela até esperava que ele a entregasse, mas ele só segurou os ombros de Cinder e apertou com firmeza.

– Ninguém vai morrer por *você*. Se alguém morrer hoje, vai ser porque finalmente tem alguma coisa em que acreditar. Nem pense em tirar isso deles.

– Mas não posso...

– Cinder, controle-se – disse Thorne. – Você é o coração dessa revolução. Caso se entregue agora, acabou. E quer saber? Ela provavelmente vai matar todas aquelas pessoas de qualquer jeito, só para garantir que isso não volte a acontecer.

Um tiro a fez dar um gritinho. Lobo colocou a mão em cima da boca de Cinder, mas ela se soltou e correu para a janela.

Pontos brancos surgiram em sua visão. Em seguida, vermelhos, quando a fúria a cegou.

Na praça abaixo, o corpo de um homem estava caído aos pés de Aimery, sangue espalhado no chão. Cinder não sabia quem era, mas

não importava. Alguém estava morto. Alguém estava morto por causa *dela*.

Aimery observou os rostos abalados dos mais próximos com um sorriso agradável.

– Vou perguntar de novo. Onde está Linh Cinder?

Todos mantiveram os olhares grudados no chão. Ninguém olhou para Aimery. Ninguém olhou para a poça crescente de sangue. Ninguém falou.

Dentro da cabeça, Cinder estava gritando. O tiro ainda ecoava em seu crânio, sua interface de áudio o repetia sem parar. Ela apertou as mãos nos ouvidos, tremendo, furiosa.

Ela mataria Aimery. Ela o *destruiria*.

Um corpo se encostou nela por trás. Scarlet abraçou Cinder e escondeu o rosto na curva do pescoço dela. Para segurá-la e também para consolá-la.

Ela não se afastou, mas não se sentiu consolada.

Abaixo, Aimery fez sinal para uma mulher sete fileiras atrás, uma escolha estrategicamente aleatória que garantiria que ninguém se sentiria seguro. Mais um tiro foi disparado por um dos guardas. A mulher tremeu e caiu em cima da pessoa ao lado.

Um tremor percorreu a multidão.

Cinder chorou. Scarlet a abraçou com mais força.

Por quanto tempo isso se prolongaria? Quantos ele mataria? Quanto tempo ela aguentaria ficar ali esperando sem fazer nada?

– Basta uma pessoa me dizer o paradeiro dela para isto acabar – disse Aimery. – Vamos deixar vocês seguirem suas vidas pacíficas.

Cinder sentiu uma umidade no pescoço. Scarlet estava chorando, tremendo tanto quanto ela. Mas seus braços não afrouxaram.

Ela queria afastar o olhar, mas se obrigou a não fazer isso. A coragem das pessoas a deixou ao mesmo tempo sem palavras e

horrorizada. Ela se viu querendo que alguém a traísse para que aquilo terminasse. Para que a escolha não fosse mais dela.

Thorne segurou a mão dela e apertou. Lobo formou uma barreira do outro lado, os três agindo ao mesmo tempo como carcereiros e botes salva-vidas. Ela sabia que eles compartilhavam do horror, mas nenhum deles era capaz de entender a responsabilidade que ela sentia a corroê-la por dentro. Aquelas pessoas acreditavam que ela lutaria com elas, que lhes daria o futuro melhor que ela prometeu.

Importava o fato de estarem dispostas a morrer pela causa dela? Importava que sacrificariam as próprias vidas para ela ter sucesso?

Ela não sabia.

Ela não sabia.

Só via pontos brilhantes. Só ouvia tiros latejando pela cabeça.

Aimery apontou para outra vítima, e os joelhos de Cinder ficaram fracos. Era o garotinho que ficou tão encantado por Iko.

Cinder inspirou, preparada para gritar, para acabar com aquilo, para *berrar*...

– Não!

Aimery levantou a mão.

– Quem falou isso?

Uma garota algumas fileiras atrás do garoto começou a gritar histericamente.

– Não, por favor. Por favor, o deixem em paz. – Ela era mais ou menos da idade de Cinder. Irmã, supôs.

Uma nova tensão se espalhou pela multidão. Algumas pessoas por perto lançaram à garota olhares traídos, mas Cinder sabia que não era justo. Aquela garota não conhecia Cinder. Por que deveria protegê-la e não a uma pessoa que ela amava?

Aimery levantou a sobrancelha.

– Você está preparada para revelar o paradeiro da ciborgue?

– Maha Kesley – gaguejou a garota. – A ciborgue estava sendo abrigada por Maha Kesley.

Com um estalo dos dedos de Aimery, o guarda que estava ameaçando o garoto baixou a arma.

– Onde está essa Maha Kesley?

Maha se levantou antes que alguém fosse obrigado a traí-la, um pilar no meio da multidão ajoelhada.

– Estou aqui.

Lobo inspirou, tremendo.

– Venha para a frente – disse Aimery.

Os ombros magros de Maha estavam empertigados enquanto ela caminhava entre os amigos e vizinhos. Uma mudança aconteceu no pouco tempo que se passou desde que Cinder a conheceu. Naquele primeiro dia, ela pareceu derrotada, com ombros pesados, medo. A mulher que se posicionou com desafio em frente ao taumaturgo-chefe da rainha era uma pessoa nova.

O que fez Cinder ficar ainda mais apavorada por ela.

– Qual é o número da sua residência? – perguntou Aimery.

Maha respondeu com voz firme.

Aimery fez um gesto para o capitão da guarda e para uma taumaturga. Eles saíram andando e fizeram sinal para mais um guarda se juntar aos dois a caminho da casa de Maha.

A atenção de Aimery voltou para Maha.

– Você estava abrigando a ciborgue Linh Cinder?

– Não conheço esse nome – disse Maha. – A ciborgue que eu conheço se chama princesa Selene Blackburn, e é a verdadeira rainha de Luna.

A multidão se agitou. Queixos foram erguidos. Ombros se empertigaram. Se alguém tinha esquecido por que estava arriscando a vida por uma estranha, a declaração de Maha lembrou a todos.

Aimery deu um sorrisinho. O sangue de Cinder gelou.

Enquanto ela olhava, Maha levantou as mãos acima da cabeça para que todos vissem. Em seguida, segurou o polegar direito e o puxou para trás, com força.

Cinder ouviu o estalo mesmo dali, seguido do grito de Maha. Ela não sabia se Aimery a tinha obrigado a quebrar o próprio polegar ou só a deslocá-lo, mas não se importava. Ela tomou uma decisão.

Num segundo, ela entrou na mente dos amigos e os obrigou a se afastarem dela.

Cinder se virou. Scarlet, Thorne e Lobo olharam para ela, consternados.

Lobo se recuperou primeiro.

– Cinder, não...

– A revolução é do povo agora, não minha. Lobo, você vem comigo. Vou manter sua mente sob controle, mas não seu corpo, como fizemos em Artemísia. Thorne, Scarlet, fiquem aqui e mirem em Aimery e nos outros taumaturgos, mas só atirem se tiverem mira direta, senão só vão entregar sua localização.

– Cinder, *não* – sibilou Scarlet, mas Cinder já estava deixando ela e Thorne para trás, obrigando Lobo a segui-la.

Ele rosnou.

– Eu tenho que fazer isso, Lobo – disse ela enquanto eles desciam a escada até o segundo patamar. Lá fora, abafado pelas paredes grossas, ela ouviu outro grito de dor de Maha. – Não posso não fazer nada.

– Ele vai matar você.

– Não se o matarmos primeiro. – Ela correu pelo último lanço de escadas e se preparou. Verificou se estava mesmo controlando a bioeletricidade de Lobo, para que nenhum taumaturgo pudesse tomá-lo, e abriu a porta da fábrica. Um terceiro grito de Maha pareceu uma facada no peito de Cinder. Uma olhada deixou claro que

os primeiros três dedos de Maha estavam quebrados em ângulos horrendos. Lágrimas cobriam o rosto tomado de dor.

– Estou aqui – gritou Cinder. – Vocês me encontraram. Deixem-na em paz.

Em um movimento uniforme, todos os guardas se viraram, voltando as armas para Cinder. Ela inspirou, preparada para levar uma saraivada de balas, mas ninguém disparou.

Do outro lado do mar de trabalhadores prostrados, Aimery sorriu.

– Então a impostora finalmente nos agracia com sua presença.

Ela apertou os punhos e começou a andar na direção dele. As armas a acompanharam. Lobo também, com sua energia estalando.

– Você sabe muito bem que minhas reivindicações são verdadeiras – disse ela. – É o único motivo para Levana estar tão determinada a me matar.

Ela esticou o pensamento para as pessoas ao redor, mas nenhuma das mentes estava disponível. Já esperava por isso.

Ela tinha um assassino treinado ao lado e dois atiradores talentosos a cobrindo. Teria que bastar.

Ela chegou à primeira fileira de civis.

– Vocês vieram aqui me buscar, e eu estou aqui. Deixem essas pessoas em paz.

Aimery inclinou a cabeça. Avaliou Cinder com o olhar, da cabeça aos pés e de volta à cabeça, fazendo-a se sentir uma presa fácil. Ela sabia a aparência que tinha com as roupas simples, a mão de metal e as botas pesadas, o rabo de cavalo desgrenhado e provavelmente um monte de poeira espalhado no rosto. Ela sabia que não parecia uma rainha.

– Imagine como isso poderia ter sido diferente se você tivesse escolhido tomar as mentes dessas pessoas antes da nossa chegada – disse ele, descendo da beirada da fonte. – Mas você as deixou à deriva

no oceano das fraquezas delas. Você as transformou em alvo e não fez nada para protegê-las. Você não é adequada para ser governante de Luna.

– Porque prefiro que meu povo conheça a liberdade no lugar da manipulação constante?

– Porque você não é capaz de tomar as decisões que uma rainha precisa tomar para o bem de todo o povo.

Ela trincou os dentes.

– As únicas pessoas que se beneficiaram do regime de Levana foram os aristocratas gananciosos de Artemísia. Levana não é rainha. É tirana.

Aimery baixou a cabeça, quase como se estivesse concordando.

– E você não é ninguém – sussurrou ele.

– Eu sou a verdadeira governante de Luna.

Embora ela tivesse colocado o máximo de convicção nas palavras, elas saíram secas. Em momentos, a chegada do taumaturgo-chefe da rainha desfez todo o progresso conquistado naquele setor. Com um estalo de dedos, Aimery tirou todo o poder dela e prostrou o povo à sua frente.

– Você é uma criança brincando de jogos de guerra – declarou Aimery. – E é ingênua demais para perceber que já perdeu.

– Estou *me rendendo* a você – disse ela. – E se isso quer dizer que preciso perder para essas pessoas ficarem em liberdade, que seja. O que *você* não parece perceber é que o problema aqui não sou eu. São as pessoas que viveram em opressão por tempo demais. O reinado de Levana está chegando ao fim.

O sorriso de Aimery cresceu. Atrás dele, o chafariz jorrava e borrifava água.

A energia de Lobo cresceu atrás dela, com os pelos eriçados.

Aimery abriu os braços para a multidão.

– Que fique sabido que, neste dia, a princesa impostora se rendeu à Sua Majestade, a rainha. Os crimes dela serão julgados de forma rápida e justa. – Os olhos dele brilharam. – No entanto, prometi que suas vidas seriam poupadas se algum de vocês revelasse a localização da ciborgue. – Ele estalou a língua. – É uma pena ninguém ter se adiantado antes. Não gosto de ficar esperando.

Um tiro foi disparado. Uma onda de choque pulsou pelo corpo de Cinder.

Ela não sabia de onde tinha vindo. Viu sangue, mas não sabia quem foi atingido.

Então, as pernas de Maha falharam e ela caiu de cara no chão. Os três dedos deformados ficaram esticados acima da cabeça.

Ainda tonta com o abalo do tiro, Cinder ficou olhando para o corpo de Maha, sem conseguir respirar. Sem conseguir se mexer.

Ela ouviu Lobo inspirar. A energia dele se cristalizou em uma coisa imóvel e frágil.

O mundo parou e se equilibrou na ponta de uma agulha. Silencioso. Incompreensível.

Outra arma disparou, esse tiro vindo de bem mais longe, e o barulho tirou o mundo de seu eixo. Aimery gemeu e cambaleou para trás quando um ponto em sua coxa se encheu de sangue. O olhar se virou para a fábrica. Outro tiro acertou o chafariz atrás dele.

Lobo rugiu e deu um pulo. O guarda mais próximo bloqueou o caminho, mas foi lento demais no disparo. Lobo o jogou longe como se fosse um mosquito irritante, e correu para Aimery com os dentes à mostra.

Uma cacofonia de barulho e corpos explodiu. Todos os cidadãos que deveriam estar do lado de Cinder se levantaram e foram para cima dela e de Lobo. O corpo de Cinder foi derrubado no chão. Ela perdeu Lobo de vista. Houve mais disparos.

Depois de dar um soco no maxilar de alguém, ela rolou uma vez e se levantou. Cinder viu um casaco vermelho, levantou a mão e disparou. Esperou o bastante para ver o taumaturgo cambalear e procurou outro alvo, mas não conseguiu dar outro disparo porque dezenas de mãos a seguraram, puxaram, empurraram para o chão.

Cinder se debateu para se soltar, soprando um cacho de cabelo do rosto. Ela viu Lobo. Ele também estava sendo segurado no chão, embora fossem necessários mais de dez homens para isso. Todos os membros estavam seguros, a bochecha encostada na poeira. Os corpos de dois guardas e uma mineira estavam caídos não muito longe.

Aimery estava de pé ao lado dele, ofegando, sem o sorriso constante no rosto. Uma das mãos apertava o ferimento na perna.

– Os disparos estão vindo daquela fábrica. Enviem uma equipe para procurar, e prendam esses dois antes que tentem qualquer coisa.

Cinder lutou contra as mãos que a seguravam. Se pudesse levantar o braço, dar um disparo direto...

Os braços foram movidos para trás e os pulsos amarrados. Ela gritou quando o ombro foi puxado quase a ponto de se deslocar. Cinder foi colocada de pé, engasgada com poeira, o corpo todo latejando.

Ela olhou ao redor em busca de um aliado, mas só rostos vazios a observavam.

Cinder sorriu com escárnio e desafio quando ela e Lobo foram obrigados a se ajoelhar na frente do rosto lívido de Aimery. Ela estava tonta com o ódio que sentia, mas, quando seus pensamentos se acalmaram, foi atingida com força total pelo sofrimento de Lobo ao seu lado.

Ele estava em agonia, com as emoções fragilizadas, e Cinder lembrou que o corpo da mineira ao lado era da mãe dele.

Cinder tremeu e teve que afastar o olhar. Ela viu que o taumaturgo de casaco vermelho em quem atirou estava imóvel e que outro, de uniforme preto, estava caído não muito longe.

Aquilo era tudo. Dois taumaturgos e dois guardas mortos, Aimery ferido. Foi tudo o que ela conseguiu pelo preço do sacrifício de Maha e as mortes corajosas de dois outros civis inocentes.

Cinder estava com mais raiva do que medo, alimentando-se da dor de Lobo e do horror das expressões vazias ao redor, todas aquelas pessoas usadas como marionetes.

Ela acreditava no que tinha dito antes. Levana poderia matá-la, mas Cinder tinha que acreditar que sua morte não seria o fim. Aquela revolução não pertencia mais a ela.

CAPÍTULO

Quarenta e um

– Estão vindo – disse Scarlet, rosnando enquanto se afastava da janela.

O primeiro disparo dela foi baixo e acertou a coxa de Aimery, apesar de estar mirando na cabeça. O segundo disparo acertou o chafariz, foi inútil, mas a multidão estava densa demais para que continuasse atirando. Ela tinha ouvido pelo menos três tiros vindos de Thorne, mas não sabia se ele foi mais bem-sucedido.

Cinder e Lobo eram como porcos em um abatedouro lá embaixo, e ela e Thorne iriam logo atrás se não saíssem, e logo.

Thorne pegou o capacete que tinha roubado do guarda e colocou na cabeça, se transformando de amigo em inimigo. Ela torcia para que a transformação fosse convincente para os lunares.

– Me dê sua arma – disse ele.

Ela hesitou brevemente, mas a entregou. Thorne colocou a arma no bolso e segurou o cotovelo dela, depois a levou até a escada.

Eles estavam no primeiro patamar quando passos soaram embaixo.

– Encontrei uma! – gritou Thorne, fazendo-a pular. Ele segurou a arma apontada para a cabeça de Scarlet enquanto a arrastou para o pé da escada. Quatro guardas os cercaram. – Havia dois atiradores. O outro pode ter fugido, mas verifiquem os andares superiores para ter certeza. Eu cuido dessa.

Scarlet fingiu se debater enquanto Thorne a arrastava pelos guardas, exalando autoridade. Os guardas subiram correndo a escada. Assim que sumiram, Thorne se virou e a soltou. Eles correram para a porta dos fundos e saíram no beco atrás da fábrica.

A confusão já tinha acabado, a julgar pelo silêncio terrível que se espalhava pelo domo.

Thorne deu as costas para a fábrica, mas Scarlet segurou o braço dele.

– Espere.

Ele olhou para trás com expressão dura, mas talvez fosse só o efeito da máscara sobre o rosto.

– Nós temos que tentar ajudá-los – disse ela.

Ele franziu a testa.

– Você viu como eles pegaram Lobo e Cinder com facilidade e acha que *nós* podemos fazer alguma coisa para ajudar?

Ela não achava. Não achava mesmo.

Mas se nem tentasse...

– Me dê minha arma – disse ela, esticando a mão.

Thorne a encarou.

– *Me dê minha arma.*

Com uma bufada, ele puxou a arma da cintura e colocou na mão dela. Scarlet se virou, sem saber se ele ia junto. Ele foi.

Quando dobraram a primeira esquina, ela viu a praça. Os cidadãos que tinham se preparado para atacar Cinder e Lobo estavam ajoelhados de novo, plácidos, como se a briga nem tivesse acontecido.

Scarlet se perguntou quanto tempo demoraria para aqueles guardas revistarem a fábrica. Ela se perguntou se era louca de não dar as costas e sair correndo.

A arma estava quente em sua mão, o cabo deixava marcas na pele. Houve uma época em que segurar uma arma oferecia sensação de proteção, mas esse conforto fora afetado por saber que os lunares podiam virar a arma contra ela com facilidade.

Mesmo assim, se chegasse perto o bastante, faria um disparo ou dois, e desta vez não erraria.

O quanto podia chegar perto sem que a detectassem? O tamanho da multidão ajudaria a escondê-la, ou ela seria capturada pelo mesmo truque de lavagem cerebral quando chegasse perto demais? Ela não sabia como funcionava nem o quanto estaria vulnerável. Desejava ter perguntado mais a Cinder sobre aquilo tudo quando teve chance.

Eles se moveram furtivamente, Thorne bem quieto atrás dela.

Ela parou quando identificou Lobo e Cinder no meio dos inimigos. Os dois estavam com as mãos amarradas. Os ombros de Lobo estavam murchos. Ele olhava para o chão.

Não, ela percebeu com um tremor. Ele olhava para Maha.

Um fogo se acendeu nas entranhas dela. Eles tiraram tudo de Lobo. A liberdade, a infância, a família toda, e ele não fez nada, *nada*, para merecer isso.

Ela queria vingá-lo. Tirá-lo daquele lugar horrível, coberto de poeira. Oferecer a ele céu azul, tomates e paz.

Scarlet apertou mais a arma, sentindo o contato familiar do gatilho.

Mas estava muito longe. Ela tinha mais chance de atingir um aliado do que um inimigo dali.

Com o coração disparado, Scarlet observou o beco estreito, estimando quantos passos podia dar continuando escondida. Havia uma porta na parede da fábrica na qual ela podia se encostar, mas ser vista não era sua maior preocupação, não com os lunares sendo capazes de *senti-la*.

Soltando o ar bem devagar, levantou a arma e mirou na direção do coração de Aimery. Ela sustentou a mira por três respirações antes de bufar e baixar a arma. Estava certa antes. Longe demais.

Mais uma vez, pensou em chegar mais perto. Mais uma vez, hesitou.

Então, percebeu uma mudança na postura de Lobo. Ele virou a

cabeça na direção dela.

Foi uma mudança sutil, quase imperceptível. Ele não olhou para ela. Não fez nenhum movimento que sugerisse que captou o aroma dela no meio de todas aquelas pessoas, mas Scarlet sabia que tinha sido exatamente isso. Havia uma tensão nos ombros dele que não estava lá momentos antes.

O coração dela pulou. Ela se imaginou sendo pega. Lobo vendo quando levassem uma arma à cabeça dela. Lobo, impotente quando dessem outra machadinha para ela. Lobo, cuja mãe tinha acabado de ser morta na frente dele, sem que pudesse fazer nada para impedir.

O corpo de Scarlet tremeu quando a lembrança da avó a atingiu como um martelo no crânio. O desespero que tomou conta dela. Toda a fúria e o ódio e a certeza a lembrando repetidamente de que ela devia ter sido capaz de impedir.

Mas não podia ter impedido.

Assim como Lobo não podia ter protegido Maha. Como não vai poder protegê-*la*.

Ela não podia fazer isso com ele.

Scarlet contraiu o rosto e engoliu um grito violento.

Não reaja, Scarlet, disse a si mesma. *Não reaja.*

Ela baixou a arma e recuou. Olhou para Thorne, e, apesar de haver dor estampada na testa dele também, ele assentiu em compreensão.

A voz calma de Aimery chegou até eles:

– Linh Cinder vai ser julgada e, sem dúvida, executada por seus crimes contra a coroa. É só pela misericórdia da rainha que vou poupar as vidas do resto de vocês. Mas saibam que qualquer pessoa pega falando da ciborgue e dos planos de traição dela ou conduzindo qualquer tipo de atividade rebelde vai receber punição veloz.

Scarlet olhou para trás a tempo de ver um guarda empurrar Lobo com força entre as omoplatas, e ele e Cinder foram levados.

– Princesa! – disse Iko, mantendo o volume no tom mais alto que ousava falar, e ainda assim não era tão alto. – Princesa, onde você está? – Ela andou pela casa e foi vasculhando cada aposento pela terceira vez. Winter não estava em nenhum armário. Não estava debaixo da cama de Maha. Não estava no pequeno chuveiro nem...

Bem, isso era tudo. Aqueles eram os únicos esconderijos.

Era uma casa bem pequena, e Winter não estava lá.

Iko voltou para a sala, sentindo o barulho do cooler no peito, com ar escapando pelas fibras porosas nas costas. Ela ainda estava superaquecida por ter corrido pelo setor, entrando e saindo de casas abandonadas em uma tentativa de ser discreta.

Winter tinha sido encontrada? Iko chegou tarde demais?

Não tinha respostas. Obrigou-se a fazer uma pausa e organizar as informações que tinha.

Os asseclas de Levana estavam em MR-9. Haviam reunido todos os cidadãos, e ela estava relativamente certa de que não era para dar uma festa.

Cinder e os outros ainda estavam naquela fábrica, pelo que ela sabia, e ela não tinha como saber se eles estavam em segurança enquanto não os visse.

Ela não sabia onde a princesa Winter estava.

Ela considerou suas opções. Voltar escondida para a fábrica para se juntar a Cinder parecia o próximo passo lógico, mas ela estaria se colocando em perigo. Essa perspectiva não a incomodava tanto quanto o medo de cair nas mãos inimigas. Os lunares não pareciam saber muito sobre sistemas de dados de androides, mas, se dissecassem a programação dela, encontrariam muitas informações

confidenciais sobre Cinder e suas estratégias.

Podia esperar que os amigos voltassem sãos e salvos, mas essa opção ia contra sua programação mais básica. Ela *desprezava* ser inútil.

Ainda estava em dúvida quando ouviu passos pesados em frente à porta. Levou um susto, correu para a cozinha e entrou embaixo de uma bancada.

A porta foi aberta. Uma pessoa entrou, e Iko captou a leve diferença auditiva nos passos. Havia três invasores na casa.

Eles pararam na sala.

Uma voz masculina disse:

– A base de dados confirma esta como sendo a residência de Maha Kesley.

Um breve silêncio foi seguido de uma voz feminina:

– Estou sentindo alguém, mas a energia é leve. Talvez esteja abafada atrás de alguma barreira.

Iko franziu a testa. Não era possível que eles pudessem senti-la. Cinder sempre insistiu que Iko não podia ser detectada pelo dom lunar, considerando que ela não produzia bioeletricidade.

– Na minha experiência com a ciborgue, ela nem sempre reage como se espera a controle mental e manipulação – disse uma terceira voz, também masculina. – Será que também é capaz de disfarçar sua energia?

– É possível – disse a mulher, embora parecesse em dúvida. – Kinney, procure ao redor e nas casas vizinhas. Jerrico, verifique os quartos.

– Sim, mestra Pereira.

Os passos se espalharam. A porta da frente se fechou de novo.

Era uma casa pequena. Poucos momentos se passaram até a mulher entrar na cozinha pequena e Iko ver as mangas de um casaco

vermelho de taumaturga. Ela ficou de pé no meio da cozinha do tamanho de um armário, tão perto que Iko podia tocá-la. Mas ela não olhou para baixo nem se deu ao trabalho de abrir nenhum dos armários.

De sua posição agachada, Iko observou o perfil da mulher. O cabelo grisalho estava cortado acima dos ombros, e, apesar de ela ser uma das taumaturgas mais velhas que Iko tinha visto, ainda era bonita, com maçãs do rosto fortes e lábios carnudos. As mãos estavam enfiadas nas mangas.

Ela ficou imóvel por um longo momento, com a testa franzida. Iko desconfiava que estava procurando mais rastros de bioeletricidade, e ficou claro que não ia reparar em Iko ali, perto dela.

Iko ficou imóvel, feliz de não precisar sufocar a respiração; pelas boas estrelas do céu, quando ficou presa no armário da espaçonave com Cinder e os outros, o barulho da respiração deles foi *de romper o tímpano*.

Mas então o cooler dela foi acionado de novo.

A mulher olhou para baixo e levou um susto.

Iko levantou a mão em cumprimento.

A taumaturga a observou por um longo momento, até gaguejar:

– Uma *cascuda*?

– Quase.

Iko pegou um pano de prato na bancada e partiu para cima da mulher. Um gritinho escapou antes de Iko apertar o pano no rosto dela, sufocando o grito. A taumaturga se debateu, mas Iko a segurou com firmeza contra a parede, sufocando o pedido de desculpas instintivo enquanto via o rosto da mulher empalidecer e os olhos se arregalarem de pânico.

– É só desmaiar que vou deixar você em paz – disse Iko, tentando parecer reconfortante.

– Ei!

Ela virou a cabeça quando o guarda real as viu pela janela da cozinha. Ele correu para a porta de trás e a abriu e...

Santas estrelas do céu.

Ela sempre achou que Kai fosse o humano mais atraente que já tinha visto, mas aquele homem era arrasadoramente lindo, com pele bronzeada e cabelo ondulado desgrenhado, e estava...

Ele estava...

Apontando uma arma para ela.

Iko puxou a taumaturga para a frente de si na mesma hora em que ele puxou o gatilho. A bala acertou a mulher no tronco e ela desabou, já fraca pela sufocação de Iko.

Iko largou a mulher e se jogou por cima do corpo, tentando pegar a arma do guarda. Ele a girou e bateu com as costas dela na bancada. O impacto reverberou pelos membros de Iko. O guarda puxou a arma e bateu com o outro punho em seu rosto. A cabeça dela foi jogada para trás e ela cambaleou dois, três passos antes de colidir com o fogão. O guarda falou um palavrão e balançou a mão.

Iko estava pensando que deveria ter instalado algum programa de artes marciais quando um segundo tiro soou por seus receptores de áudio. Ela se encolheu e colocou as mãos em cima das orelhas, baixando o volume apesar de ser tarde demais.

Quando seus pensamentos clarearam, ela viu os guardas a encarando com as bocas abertas e olhos arregalados, as mãos ainda segurando a arma.

– O que... o que você é?

Ela olhou para baixo. Havia um buraco em seu peito, deixando à mostra fios soltando fagulhas e tecido de pele sintética rasgado. Ela gemeu.

– Isso acabou de ser trocado!

– Você é... – O guarda deu um passo para trás. – Eu tinha ouvido falar de máquinas terráqueas capazes de... que eram... mas você...

O rosto dele se contorceu, e Iko já tinha passado tempo suficiente analisando músculos faciais para reconhecer a expressão como repulsa total, desenfreada.

A indignação ardeu no peito dela e devia até estar escorrendo pelo novo buraco no peito.

– Não é educado ficar olhando, sabiam!

Uma forma apareceu na porta que levava até a sala. Era outro guarda, que Iko reconheceu do grupo pessoal de Levana. Ele era parte da equipe que os abordou no telhado de Nova Pequim.

– O que aconteceu? – gritou ele, observando a taumaturga caída, a arma abaixada do guarda bonito e Iko.

Seus olhos demonstraram reconhecimento, e ele sorriu.

– Que bela descoberta, Kinney. Acho que essa vinda até aqui não foi tão sem sentido quanto achei. – Ele passou por cima do corpo da taumaturga.

Iko levantou os punhos, tentando relembrar todas as dicas de luta que Lobo deu a Cinder.

– Onde está a ciborgue? – perguntou o guarda.

Iko rosnou para ele.

– Vá se ferrar.

Ele levantou uma das sobrancelhas.

– Não me provoque.

– Sir Solis – disse o outro guarda, Kinney. – Ela não é... essa coisa não é humana.

– Obviamente – disse ele, olhando para o buraco de bala na cavidade peitoral. – Acho que vamos ter que ser criativos na forma de extrair informações dela. Quer dizer, *disso*.

Ele tentou pegá-la. Iko desviou e fugiu, mas ele a encurralou com

facilidade. Antes que seu processador entendesse, ele estava segurando as mãos dela presas nas costas. Iko lutou e tentou pisar em seu pé, mas ele desviou de todas as tentativas. Ele estava rindo quando amarrou as mãos dela e a virou para ele.

– Tanta tecnologia terráquea – disse ele, afastando para o lado o tecido da blusa para mexer nas fibras de pele destruídas –, mas você ainda é uma coisa inútil.

Raiva quente deixou sua visão vermelha.

– Vou mostrar o que é inútil!

Mas, antes que ela mostrasse qualquer coisa a ele, um grito demoníaco soou pela cozinha, e uma faca atacou o ombro de Jerrico. Ele ofegou e desviou. A lâmina rasgou a manga da roupa dele e deixou uma ferida vermelha. Iko cambaleou para trás.

Jerrico se virou e jogou a pessoa contra a parede, segurando o pescoço com uma das mãos enquanto com a outra segurava o pulso, impedindo que a mão com a faca se movimentasse.

Winter não soltou a faca, e seu ódio enlouquecido não passou. Ela levantou o joelho bem entre as pernas dele. Jerrico grunhiu e a puxou da parede, mas só para jogá-la de novo. Desta vez, Winter chiou quando o ar foi forçado para fora dos pulmões.

– Kinney, vigie a androide – disse Jerrico entredentes.

Iko desviou a atenção da princesa Winter para o guarda bonito demais para ser um imbecil, mas Kinney não se importava mais com ela. O rosto dele estava horrorizado enquanto Jerrico segurava a princesa pelo pescoço.

– É a princesa Winter! Solte-a!

Uma gargalhada sem humor surgiu da boca de Jerrico.

– Eu sei quem é, idiota. Assim como sei que ela deveria estar morta.

– Eu também ouvi falar que ela estava morta, mas está claro que não está. Solte-a.

Revirando os olhos, Jerrico se virou e arrastou Winter para longe da parede.

– Não, ela *deveria* estar morta. A rainha ordenou que ela fosse morta, mas está na cara que alguém não teve estômago para ir até o fim. – Winter caiu para a frente, mas ele a segurou e a prendeu junto ao peito. – Que sorte, essa. Ando esperando para ficar sozinho com você há anos, mas aquele Sir Clay irritante sempre estava por perto, como um abutre em volta de carniça. – Jerrico passou o polegar pelo maxilar da princesa. – Parece que ele não está aqui agora, não é, princesa?

Os cílios de Winter tremeram. Ela olhou para Kinney com uma expressão atordoada.

– Você...

– Ei. – Jerrico forçou o queixo dela para que o encarasse. – Você é meu prêmio, princesa. Que recompensa acha que vou ganhar por levar seu corpo morto para a rainha? Acho que ela não vai ligar para o estado em que vai estar, e, como bônus, posso provar que seu namorado é traidor, afinal.

Iko puxou as mãos, tentando desconectar os polegares dos encaixes e se soltar das cordas, mas não conseguiu impulso suficiente com os braços tão amarrados.

Ela estava prestes a se jogar para a frente e se chocar com a coluna de Jerrico com toda a força de seu crânio de metal quando Winter desabou, inerte como uma boneca de pano.

Jerrico levou um susto e mal conseguiu segurá-la. No mesmo momento, Winter enfiou a faca esquecida na lateral do corpo dele.

Jerrico gritou e a soltou. Winter cambaleou para longe das mãos do guarda, mas ele segurou seu pulso e a puxou de volta, depois deu um tapa na cara dela com as costas da mão. Winter caiu. A cabeça bateu na beirada da bancada.

Iko gritou quando o corpo da princesa desabou no chão.

Com uma série de xingamentos, Jerrico fechou a mão no cabo da faca, mas não puxou do ferimento. O rosto estava tão vermelho quanto o cabelo, e ele rosnou para a princesa:

– Essa estúpida, maluca...

Ele puxou o pé para chutá-la, mas Kinney levantou a arma e disparou. O tiro derrubou Jerrico contra a parede.

Iko se encolheu. Independentemente de quantas lutas e confusões participasse, ela sempre ficava perplexa com o quanto a realidade era mais horrenda do que as novelas. Até a morte de um guarda tão desprezível, seu rosto contorcido de descrença enquanto a vida se esvaía, a levou a fazer uma careta.

O silêncio que veio em seguida parecia ter tomado o setor inteiro, e Iko se perguntou se o último tiro tinha danificado permanentemente seu áudio.

O guarda estava olhando para a arma na mão como se nunca a tivesse visto.

– Foi a primeira vez que puxei o gatilho por vontade própria.

Inspirando fundo, ele colocou a arma na bancada e se agachou por cima da princesa Winter. Esticou a mão para inspecionar a cabeça. Os dedos ficaram sujos de sangue.

– Ela está respirando – disse ele. – Mas talvez tenha sofrido uma concussão.

O processador de Iko hesitou.

– De que lado você está?

Ele levantou o rosto. Seu nariz tremeu quando ele olhou de novo para o buraco de bala, mas o olhar não permaneceu lá.

– Disseram que a princesa estava morta. Achei que outro guarda a tinha matado.

Iko ajeitou as dobras da blusa para cobrirem o ferimento.

– Um guarda chamado Jacin recebeu ordens da rainha de matá-la, mas a ajudou a fugir em vez de fazer isso.

– Jacin Clay.

Ela apertou os olhos.

– Por que você nos ajudou?

Com a testa contraída, Kinney colocou a princesa no chão de novo. Havia sangue para todo o lado. Da taumaturga. De Jerrico. De Winter.

– Eu *a* ajudei – disse Kinney, como se a distinção fosse importante. Ele encontrou o pano de prato que Iko usou para sufocar a mestra Pereira e amarrou ao redor da cabeça de Winter, fazendo o melhor curativo que podia para o ferimento. Quando terminou, se levantou e pegou a faca ensanguentada.

Iko recuou.

Ele fez uma pausa.

– Você quer que eu corte a corda ou não?

Ela observou o rosto dele, desejando não se sentir tão compelida a ficar olhando.

– Sim, por favor.

Ela se virou, e ele trabalhou rápido para soltá-la. Ela até esperava encontrar fragmentos cortados de pele quando levantou as mãos, mas a lâmina nem a tocou.

– O que vai acontecer é o seguinte – disse Kinney, indicando a arma na bancada. Iko percebeu que ele não gostava de olhar para ela. Ficava procurando motivos para afastar o rosto. – Vou inventar um relatório dizendo que você arrancou a arma de mim e matou a mestra Pereira e Sir Solis, depois fugiu. Não vou contar nada sobre a princesa. Ninguém nem sabe que ela está viva. – Ele apontou para o nariz dela, ousando sustentar o olhar por mais de meio segundo. – E você vai levá-la para o mais longe daqui possível. Vai deixá-la escondida.

Ela firmou as mãos nos quadris.

– E nós só a enfiamos em uma casinha num setor mineiro completamente aleatório. Por que não passou pela nossa cabeça a ideia de *deixá-la escondida*?

O rosto de Kinney ficou ilegível por um longo momento, até ele perguntar:

– Você entende sarcasmo?

– Claro que entendo sarcasmo – disse ela. – Não é física teórica, né?

O maxilar do guarda trabalhou por um momento, mas ele balançou a cabeça e afastou o olhar.

– Só cuide dela.

Ele verificou a princesa mais uma vez e foi embora.

CAPÍTULO

Quarenta e dois

Cinder e Lobo foram levados para um porto de carga subterrâneo cheio de naves de entrega velhas e três naves reais, o que explicava por que a chegada dos inimigos não disparou nenhum alarme. Cinder só botou vigias na plataforma dos trens de levitação magnética.

Ela repreendeu a si mesma, torcendo para que um dia tivesse oportunidade de aprender com esse erro.

Com os pulsos amarrados, Cinder sentia que os braços podiam se soltar do corpo. Embora Lobo estivesse andando logo atrás, ela sentia a energia dele, agitada e letal. Tremendo de medo por Scarlet. Vazio e arrasado pelo que fizeram com Maha.

Um guarda real estava esperando. O cabelo estava desgrenhado, mas a expressão, vazia.

– Reporte-se – disse Aimery.

Ele estava mancando, e Cinder teve a fantasia de chutá-lo bem onde a bala entrou.

– A mestra Pereira e Sir Solis estão mortos.

Aimery levantou uma das sobrancelhas. Ele parecia só curioso com essa declaração inesperada.

– Como?

– Fomos emboscados dentro da casa de Kesley por uma androide terráquea – disse o guarda.

O coração de Cinder pulou.

– Uma luta aconteceu. A androide era imune a manipulação mental, e balas também não a afetavam muito. Ela... *essa coisa* sufocou a mestra Pereira, depois entrei em combate direto com ela. A coisa

me desarmou e usou minha arma para atirar em Sir Solis e na nossa taumaturga. Enquanto a androide estava distraída, enfiei a faca nas costas dela, cortando sua... coluna, ao que parece. Isso a desabilitou.

Uma dor de cabeça pulsou atrás dos olhos de Cinder, sinal de lágrimas que jamais viriam. Primeiro, Maha, depois, Iko...

– Com a ameaça removida, eu conduzi uma busca detalhada do resto da casa e das propriedades ao redor – continuou o guarda. – Não encontrei cúmplices.

Era um pequeno alívio. Winter, pelo menos, não foi descoberta, e pelo que Cinder podia perceber, nem Thorne e Scarlet.

Aimery encarou o guarda por um longo tempo, como se estivesse procurando uma falha na história.

– O que aconteceu com a androide?

– Eu encontrei e destruí o que acredito ser a fonte de energia – disse o guarda. – Joguei o que sobrou no compactador público de lixo.

– Não! – Cinder cambaleou, mas o guarda atrás dela a puxou de volta.

O guarda lançou um breve olhar para ela e acrescentou:

– Deixei os corpos para trás. Devo voltar para buscar?

Aimery balançou a mão em um gesto desinteressado.

– Vamos mandar uma equipe.

Mais passos vieram da escada. Ainda tremendo pela notícia da perda de Iko, Cinder mal conseguiu levantar a cabeça. Ela viu que Lobo a observava. Embora os olhos estivessem solidários, o maxilar estava tenso de raiva.

Os dois perderam pessoas queridas hoje.

Cinder sentiu como se estivesse sufocando, como se as costelas estivessem apertando os pulmões, mas tirou forças da presença de Lobo. Sua fúria começou a aumentar. A dor virou lenha seca, que pega fogo rápido.

Ela se equilibrou de novo, e apesar de não poder se soltar da mão do guarda, obrigou-se a se empertigar.

Os passos viraram um taumaturgo de casaco preto e mais guardas.

– Não encontramos mais nenhum cúmplice nem descobrimos quem disparou em nós das janelas da fábrica – disse o novo taumaturgo. – É possível que tenham se deslocado para outro setor. Eles podem tentar a insurgência em outro lugar.

Aimery dispensou a preocupação do taumaturgo com um sorriso.

– Eles que tentem. Não temos medo do nosso próprio povo. – Os olhos escuros pousaram em Cinder. – Essa rebeliãozinha acabou.

Cinder levantou a cabeça, mas um rosnado baixo roubou a atenção de Aimery. Ele se virou para Lobo, cujos caninos afiados estavam à mostra. Ele parecia selvagem e com sede de sangue, pronto para fazer picadinho dos captores.

Em resposta, Aimery riu. Deu um passo à frente, segurou o queixo de Lobo nos dedos e apertou até as bochechas de Lobo ficarem espremidas.

– Além do mais, como podemos perder se temos animais como este à nossa disposição? – Soltando o queixo de Lobo, Aimery deu um tapa leve na bochecha dele. – Alfa Kesley, não é? Eu estava lá no torneio da rainha no dia em que você conquistou sua posição na matilha. Parece que você foi desencaminhado pelos terráqueos. O que vamos fazer sobre isso?

Lobo observou o taumaturgo com um ódio capaz de queimar a pele dele.

Sem aviso, um de seus joelhos cedeu, e ele se ajoelhou em frente a Aimery. Cinder se encolheu, pois sentiu o choque como se estivesse ricocheteando por suas juntas. No momento seguinte, Lobo baixou a cabeça.

Era repugnante de olhar. Toda aquela força. Toda aquela fúria.

Reduzidas a nada mais do que uma marionete. Era ainda mais repugnante porque ela sabia quanta força mental e foco eram necessários para forçar Lobo a fazer *qualquer coisa*. Ela mal tinha começado a dominar essa habilidade, mas Aimery não demonstrava nenhum sinal de dificuldade.

– Bom cachorrinho – disse Aimery, fazendo carinho na cabeça de Lobo. – Vamos levar você para Sua Majestade e deixar que ela decida a punição para sua traição. Está bom para você, Alfa Kesley?

A voz de Lobo saiu rouca e robótica quando ele respondeu:

– Sim, mestre.

– Como pensei. – Aimery voltou a atenção para o resto do grupo. – Se houver algum resto de rebelião por aí, cuidem para que seja logo extinguido. Vai haver um casamento real amanhã, e não vamos tolerar mais perturbações.

Depois que os outros taumaturgos fizeram reverências e foram embora, Aimery enfiou as mãos nas mangas e se virou para Cinder.

– E isso só deixa a pergunta do que vai ser feito com você.

Ela sustentou o olhar dele.

– Você poderia se ajoelhar à minha frente como sua verdadeira rainha.

Aimery curvou os lábios.

– Matem-na.

Aconteceu muito rápido. Um dos guardas puxou a arma do coldre, segurou contra a testa de Cinder, soltou a trava de segurança, apertou o gatilho...

Cinder inspirou uma última vez.

– Pare. Mudei de ideia.

Com a mesma rapidez, a arma foi guardada no cinto do guarda.

Cinder oscilou, com a cabeça girando pela onda de medo repentino.

– Minha rainha pediu para ter o prazer de decidir seu destino. Acho que vou sugerir que ela ofereça sua cabeça para o imperador Kaito como presente de casamento.

– Taumaturgo Park?

Ele se virou para a mulher de casaco vermelho que falou. Ela estava com a palma da mão no painel lateral de uma pequena nave.

– Esta é uma nave real – disse ela. – E parece ter chegado recentemente. – Ela levantou a mão. – Quase não tem pó. É estranho estar aqui.

Aimery fez um som desinteressado.

– Não estou surpreso de haver ladrões por aí, mas pode nos ajudar a localizar os rebeldes desaparecidos. Faça uma busca pelo número de rastreio e veja o que encontra.

Ele fez sinal para alguns guardas. Cinder e Lobo foram levados para a nave dele e sentados em bancos separados. Nenhuma palavra foi dita quando os motores foram ligados.

Em momentos, eles estavam indo para Artemísia.

Aimery continuou dando ordens, alguma coisa sobre cuidados médicos e um ferimento de bala, designando um novo capitão da guarda, e informando à rainha sobre as mortes e os prisioneiros. Os pensamentos de Cinder ficaram confusos, e ela se viu olhando para o perfil do guarda que matou Iko. "Isso a desabilitou", ele dissera. E a jogou em um *compactador de lixo*.

As visões surgiram na mente dela repetidas vezes. Uma faca enfiada na coluna de Iko. Os dedos quebrados de Maha. Os residentes do setor ajoelhados aos pés de Aimery.

O ódio dela aumentou. Foi esquentando devagar em suas entranhas. Mas, quando Artemísia surgiu, ela estava fervendo.

A nave baixou para o porto subterrâneo de Artemísia. A rampa estava arriada e um guarda puxou Cinder com um aperto tão

doloroso que ela teve que sufocar um grito de dor. Os passos pesados de Lobo eram ouvidos atrás dela.

Ela foi recebida com uma série de novas ameaças. Uma dezena de guardas, com bioeletricidade tão maleável quanto chips de personalidade recém-saídos da fábrica, e mais três taumaturgos, cuja força mental sempre tinha uma certa rigidez de ferro.

Seu dedo tremeu, e ela se perguntou com que rapidez carregaria uma bala e quanto tempo demoraria para matar todos. Ela estava de volta a Artemísia. Se escapasse, poderia agir sozinha, uma assassina solitária caçando a rainha.

Era só fantasia. Suas mãos ainda estavam amarradas.

Ela apertou a mão ciborgue em um punho inútil.

– Taumaturgo Park?

Cinder espiou o guarda que tinha matado Iko.

– Sir Kinney.

– Permissão para buscar cuidados médicos imediatos?

A atenção de Aimery se voltou para o sangue no uniforme dele. Havia muito, embora Cinder não soubesse onde exatamente ele estava ferido.

– Tudo bem – disse ele. – Apresente-se assim que estiver liberado para o serviço.

O guarda levou o punho ao peito e saiu andando na direção oposta.

Cinder e Lobo foram empurrados para longe das docas e até um labirinto de corredores. Sem saber o que mais fazer, Cinder tentou se concentrar em aonde a estavam levando. Ela contou os passos, criando um mapa rudimentar na mente e encaixando-o com o que sabia do palácio da rainha.

Eles foram levados até um conjunto de elevadores, escoltados por mais guardas. Houve uma pausa, na qual Aimery conversou com outro taumaturgo, e, apesar de Cinder ajustar sua interface de áudio,

só captou algumas palavras: *alfa* e *soldado* no começo. Depois, *insurgência* e *MR-9* e *ciborgue*.

Aimery fez um gesto, e começaram a levar Lobo para longe, por um corredor separado.

– Esperem – disse Cinder, com o pânico se espalhando pelas veias. – Para onde vocês o estão levando?

Lobo rosnou e lutou contra os captores, mas sua luta foi anulada por controle mental.

– Lobo! *Não!* – Cinder cambaleou para a frente, mas braços a seguraram. As amarras faziam os pulsos dela arderem. – *Lobo!*

Não adiantou nada. Eles dobraram uma esquina e Lobo sumiu, deixando Cinder ofegante e tremendo. Ela sentiu umidade no pulso direito, onde a corda cortou a pele. Não era tão inocente em pensar que ela e Lobo pudessem resistir com sucesso aos inimigos, mas não se imaginou sendo separada dele tão rápido. Ela talvez nunca mais o visse. Talvez nunca mais visse *nenhum* deles.

Quando foi forçada a entrar no elevador, ocorreu-lhe que, pela primeira vez desde que aquilo tudo começou, ela estava sozinha.

– Desculpe por não podermos fazer o tour particular – disse Aimery. – Mas estamos envolvidos com os preparativos do casamento. Tenho certeza de que você entende.

As portas do elevador se fecharam e eles começaram a descer. E descer. Cinder sentia como se estivesse sendo levada para seu túmulo.

Quando as portas se abriram, ela foi empurrada com um cutucão nas costas. Foi levada por um corredor escuro, com paredes ásperas e cheiro de ar parado, urina e corpos. Seu nariz se franziu de nojo.

– Espero que você ache suas acomodações aceitáveis para uma convidada tão *distinta* como você – continuou Aimery, como se o cheiro não o incomodasse. – Eu soube que você já está acostumada a

celas de prisão.

– Eu não diria isso – disse Cinder. – A última só conseguiu me segurar por um dia.

– Esta vai ser bem mais adequada a você, tenho certeza.

Aquela prisão de pedras e cavernas não era nada como a estrutura moderna de Nova Pequim. Era horrível e sufocante, e, pior de tudo, Cinder não tinha a planta dela. Não tinha um mapa preciso, nem um plano, nem meios de avaliar sua localização em relação a... bem, em relação a nada.

Eles pararam, e houve um balançar de chaves e o gemido de dobradiças de metal antigas. Um cadeado antiquado. Que peculiar.

Se ela o alcançasse da cela, poderia arrombar em trinta segundos.

O pensamento ofereceu um toque de esperança, pelo menos.

Quando a porta se abriu, o cheiro se intensificou. Seus pulmões tentaram expulsar o ar assim que entrou.

– Você vai ficar aqui até que Sua Majestade, a rainha, tenha tempo de cuidar do seu julgamento e da sua execução – disse Aimery.

– Mal posso esperar – murmurou Cinder.

– É claro que você vai querer usar seu tempo para refazer o contato.

– Contato?

Um guarda cortou as cordas dos pulsos dela e a empurrou. O ombro bateu na beirada da porta de ferro quando ela cambaleou para a cela e se apoiou em uma parede áspera.

Alguém choramingou, e ela ficou imóvel. Não estava sozinha.

– Aprecie sua estada... *princesa*.

A porta foi fechada, e o barulho dela vibrou pelos ossos de Cinder. A cela era pequena e tinha uma janela com grades no topo da porta de ferro, que permitia a entrada de luz suficiente do corredor para que ela identificasse um balde no chão. A fonte do cheiro horrível.

Duas pessoas estavam abraçadas no canto.

Cinder ficou olhando para elas, querendo que os olhos se ajustassem. Ela acendeu a lanterna embutida no dedo. As duas pessoas tremeram e se esconderam atrás dos braços.

O reconhecimento a atingiu como um gancho de direita, e ela caiu contra a parede.

Adri.

Pearl.

– Isso não pode ser sério.

A madrasta e a irmã estavam tremendo de medo e a observavam com olhos arregalados. Cinder não conseguia nem começar a imaginar por que elas estavam ali, o que Levana queria com elas.

E, então, ela se deu conta.

Ficaria ali, presa com elas, até sua execução.

Ela passou a mão pelo rosto e odiou Levana tanto, tanto mais.

CAPÍTULO

Quarenta e três

No sonho de Winter, ela estava na cozinha de uma fazendinha na Terra, ou algo parecido com o que a imaginação dela achava que deveria ser uma fazenda na Terra. Sabia que era a casa de Scarlet, embora nunca tivesse estado lá. Ela estava em frente a uma pia lotada de pratos. Era vital que limpasse todos antes de qualquer pessoa chegar em casa, mas, toda vez que ela pegava um prato do meio da água cheia de espuma, ele quebrava nas suas mãos. Os dedos estavam sangrando de todos os cacos, pintando de vermelho as bolhas de espuma.

Quando o sétimo prato quebrou em suas mãos, ela se afastou da pia com uma sensação intensa de fracasso. Por que nunca fazia nada certo? Até essa tarefa simples virava um desastre com o toque dela.

Ela caiu de joelhos e começou a chorar. O sangue e a espuma fizeram uma poça em seu colo.

Uma sombra surgiu e ela levantou o rosto. A madrasta estava na entrada, os hectares de campos e o céu azul da Terra atrás dela. Segurava um pente com pedras preciosas na mão e, apesar de ser linda, o sorriso era cruel.

– Eles amam você – disse Levana, como se elas estivessem no meio de uma conversa. Ela entrou na cozinha. A barra do vestido majestoso arrastou pela água cheia de espuma no chão. – Eles protegem você. E o que você fez para merecer isso?

– Eles me amam – concordou Winter, apesar de não ter certeza de quem elas estavam falando. O povo de Luna? Cinder e seus aliados? Jacin?

– E eles vão pagar o preço pela adoração. – Indo para trás dela, Levana começou a passar o pente pelos cachos de Winter. O toque era delicado. Maternal, até. Winter sentiu vontade de chorar de saudade, pois desejava o toque de uma mãe, mas também teve medo. Levana nunca foi tão gentil. – Vão saber de todas as suas fraquezas. Vão saber como você é cheia de falhas. E então vão ver que você nunca mereceu nada disso.

Uma dor aguda surgiu no crânio dela quando um dos dentes do pente afundou no couro cabeludo. Ela ofegou. A cabeça começou a latejar.

Um rosnado chamou a atenção dela para a porta. Ryu estava com as patas afastadas em posição defensiva, com os dentes à mostra.

Levana parou de pentear.

– Por que *você* se importa? Ela traiu você também. Permitiu que aquele guarda sacrificasse sua vida pela dela. Você não pode ignorar o egoísmo dela.

Ryu chegou mais perto. Seus olhos faiscaram.

Levana largou o pente e recuou.

– Você é um animal. Um assassino. Um *predador*. O que sabe sobre lealdade e amor?

Ryu fez silêncio e baixou a cabeça, como se repreendido. O coração de Winter se abriu para ele. Ela percebia que ele sentia falta dela. Ele queria brincar de pegar, e não ser repreendido pelas palavras cruéis da rainha.

Winter levantou a mão até o couro cabeludo dolorido. O cabelo estava úmido. Ela olhou para o pente caído e viu que a poça de água tinha ficado escura de sangue.

– Você está enganada – disse ela, virando o rosto para a rainha. – *Você* é a assassina. Você é a predadora. Não sabe nada de lealdade e amor. – Ela levantou a mão para Ryu, que farejou e apoiou a cabeça

quente no joelho dela. – Nós podemos ser animais, mas nunca mais vamos viver na sua jaula.



Quando ela abriu os olhos, a fazenda tinha sumido e sido substituída por paredes, móveis e cortinas de janelas cobertas de pó de regolito. As pálpebras tremeram quando ela tentou despertar em meio ao sono pesado e a uma dor de cabeça lancinante. Ainda sentia cheiro do sangue, e a cabeça doía no local onde o pente a furou.

Não, no local que ela batera na quina da mesa.

Alguém a colocou no sofá. Os pés pendiam da beirada.

– Oi, maluca.

Winter tirou o cabelo do rosto e encontrou uma toalha enrolada na cabeça. Ela olhou para Scarlet, que tinha levado uma cadeira da mesa de jantar para a sala e estava sentada nela de costas, com os braços apoiados no encosto. Ela estava usando o moletom com capuz de novo. A maioria das manchas tinha sumido, mas ainda parecia gasto e surrado. Ela também, na verdade. Os olhos estavam vermelhos; o rosto, inchado e corado. A ferocidade normal tinha se transformado em exaustão amarga.

– Iko nos contou o que aconteceu – disse ela, com voz murcha e rouca. – Desculpe por não estar aqui, mas fico feliz que ela estivesse.

Winter se sentou. Iko estava sentada de pernas cruzadas no chão, puxando um fio de fibra de pele que estava aberta em seu peito. Thorne estava de pé, com as costas na porta de entrada. Usava um uniforme parcial de guarda lunar, e ela teve que olhar duas vezes para ter certeza de que era ele mesmo. Ela prestou atenção, mas a casa estava em silêncio.

Winter sentiu uma onda de medo.

– Onde estão os outros?

– O setor foi atacado – disse Thorne. – Levaram Lobo e Cinder, e... mataram Maha.

Scarlet apertou os braços no encosto da cadeira.

– Nós não podemos ficar aqui. Levamos os corpos daquele guarda e da taumaturga para o quarto de trás, mas aposto que alguém virá buscar.

– O guarda que nos ajudou me disse para levar Sua Alteza para algum esconderijo – contou Iko. – Sei que ele quis dizer fora deste setor, mas para onde podemos ir? Andei repassando os mapas de Luna, e os únicos lugares que parecem prováveis de oferecer mais segurança são subterrâneos. Pelo menos ficaríamos longe das pessoas, e a vigilância não é tão rigorosa quanto nos túneis e nas minas, mas também não parece uma solução perfeita.

– Não tem solução perfeita – disse Winter, afundando na almofada caroçuda. – A rainha vai me encontrar aonde quer que eu vá. Ela me encontra até nos meus sonhos.

– Você não é a única tendo pesadelos – murmurou Thorne. – Mas ainda tem chance de muitos civis zangados aparecerem em Artemísia daqui a quatro dias, exigindo um novo regime. Existe alguma chance de Cinder estar viva até lá?

Eles trocaram olhares, mas não havia muito otimismo.

– As execuções oficiais acontecem no Palácio de Artemísia – disse Winter. – É para lá que vão levá-la.

– Por que não a mataram aqui? – perguntou Scarlet. – Por que tiveram todo esse trabalho?

Thorne balançou a cabeça.

– Levana quer executá-la de uma forma que mostre a futilidade da rebelião.

– Você acha que ela planeja transmitir? – indagou Iko.

– Garanto que sim – respondeu Winter. – A rainha adora execuções públicas. São uma forma eficiente de destruir a determinação de qualquer cidadão que pode estar se sentindo rebelde.

Thorne massageou a testa.

– Ela vai matá-la logo, então. Esta noite, talvez, ou amanhã. Não há nada como uma execução no dia do seu casamento.

Winter puxou os joelhos até o peito, apertando com força. O dia tinha começado com tantas esperanças para os companheiros. A transmissão foi como planejado, as pessoas responderam ao chamado. Mas, agora, tinha acabado. Levana ainda era rainha, a querida Selene logo estaria morta, e Jacin também, se já não estivesse.

– Pare.

Ela levantou a cabeça, não tanto por causa da ordem de Thorne, mas por causa do tom duro por baixo. Scarlet e Iko também olharam.

– Parem de agir com desânimo, todas vocês. Não temos tempo para isso.

– Você não está desanimado? – perguntou Winter.

– Não faz parte do meu vocabulário. – Thorne se afastou da porta. – Iko, nós não entramos naquela casa da guarda e transmitimos a mensagem de Cinder por toda a Luna?

– Sim, capitão.

– E Scarlet, eu não salvei você e Lobo quando a cidade de Paris inteira estava sob cerco?

Ela levantou a sobrancelha para ele.

– Na verdade, tenho quase certeza de que Cinder...

– Salvei, sim. – Ele apontou para Iko. – Eu não salvei você e Cinder daquela cela de prisão e nos levei em segurança para a Rampion?

– Bem, na época eu não estava exatamente...

– Caramba, Iko, só responda à pergunta.

Scarlet batucou com os dedos.

– Aonde você quer chegar?

– Eu quero dizer que vou resolver isso, como sempre resolvo. Primeiro, vamos encontrar um jeito de entrar em Artemísia. Vamos encontrar Cress e salvar Cinder e Lobo. Vamos destronar Levana e, pelas estrelas do céu, vamos tornar Cinder rainha, para que ela possa nos pagar muito dinheiro dos fundos reais, assim vamos todos nos aposentar muito ricos e *muito vivos*, entenderam?

Winter começou a bater palmas.

– Que discurso brilhante. Quanto bom senso e bravata.

– Mas estranhamente desprovido de qualquer tipo de estratégia real – acrescentou Scarlet.

– Ah, que bom, fico feliz por você também ter reparado – disse Iko. – Fiquei com medo de meu processador estar com defeito. – Ela tateou pela nuca.

– Estou trabalhando nessa parte – resmungou Thorne. – Agora, precisamos sair deste setor. Vou pensar melhor quando não estiver preocupado com a chance de ser cercado por taumaturgos. Além do mais, se vamos pelo túnel do trem de levitação magnética, é uma longa caminhada até Artemísia.

– Sabe uma falha nesse plano que não é bem plano? – disse Scarlet, apontando para Winter com o polegar. – Nós não vamos levá-la para lá. É o oposto de deixá-la escondida.

Winter desenrolou a toalha da cabeça. Havia um ponto de sangue, mas não muito. Ela se perguntou se a dor de cabeça algum dia passaria.

– Você está certa. Eu vou para o subterrâneo, como Scarlet sugeriu.

– Você não é uma toupeira – disse Scarlet. – Não pode simplesmente *ir para o subterrâneo*. Para onde você vai? O que vai fazer? Tem pessoas lá embaixo? Você precisa de suprimentos? E se...?

– Ryu também estava no meu sonho. – Winter dobrou a toalha no joelho. – Ele estava tentando me proteger da rainha. Acho que me perdoou pelo que aconteceu.

Scarlet deu uma risada, um som cruel e delirante.

– Você está prestando atenção? Não entende? Cinder e Lobo se foram! Levana está com eles. Ela vai torturá-los e matá-los e... – Chorando, Scarlet baixou a cabeça entre os ombros trêmulos. – Ninguém liga para seus sonhos e ilusões idiotas. Eles se *foram*. – Ela limpou o nariz com as costas da mão. Não ficava bonita quando chorava, e Winter gostava disso nela.

Inclinando-se para a frente, ela apoiou a mão no ombro de Scarlet. Scarlet não a afastou.

– Entendo – disse ela. – Não seria seguro voltar para Artemísia, mas isso não quer dizer que não posso ajudar Selene e meu povo. Eu também tenho um plano que não é bem um plano.

Scarlet a observou com os olhos vermelhos.

– Estou com medo de perguntar.

– Thorne e Iko vão para Artemísia tentar salvar Selene, Lobo, Jacin e Cress, e eu e você vamos desaparecer no mundo subterrâneo, nos tubos de lava e nas sombras, e lá vamos reunir um exército nosso.

– Ah, nós vamos para o mundo subterrâneo reunir *um exército*, é? – Scarlet fungou e levantou as mãos no ar. – Por que eu me dou ao trabalho de falar com você? Você não está ajudando. Você é o *I* maiúsculo de *inútil*.

– Estou falando sério. Tem assassinos e tem animais e tem predadores querendo ser libertados. Você sabe disso, amiga Scarlet. Você já libertou um. – Winter se levantou e apoiou a mão na parede para se equilibrar, depois contornou a pequena mesa.

Scarlet revirou os olhos, mas foi Iko que falou.

– O alojamento – disse ela. – O alojamento onde Levana deixa os

soldados fica nos tubos de lava.

Thorne desviou o olhar de Iko para Winter.

– Os soldados dela? Você quer dizer os soldados *lobos mutantes*? Está maluca?

Winter começou a rir.

– Pode ser que eu esteja – respondeu ela, colocando a mão na bochecha de Thorne. – Pois é o que todo mundo me diz.

CAPÍTULO

Quarenta e quatro

– A rainha está tensa – disse Jacin enquanto prendia o coldre por cima do uniforme. – Ela está quieta, tentando fingir que não tem nada acontecendo, para que as famílias não entrem em pânico. Mas dá para perceber que alguma coisa mudou.

De pernas cruzadas na cama, Cress estava aninhando o tablet junto ao peito. A tentação de mandar uma mensagem para Thorne e os outros ia aumentando com o tempo. A curiosidade estava acabando com ela, e a separação a deixou ansiosa e solitária. Mas ela não correria o risco do rastreio de um sinal. Não os colocaria em mais perigo do que estavam correndo, nem a si mesma, na verdade.

Mesmo assim. Estar tão desconectada era um sofrimento.

– Você não sabe se o vídeo foi transmitido? – perguntou ela.

Jacin deu de ombros e passou pelo processo de verificar a munição e a trava da arma com movimentos práticos. Ele a enfiou no coldre.

– Sei que a rainha gravou uma transmissão improvisada dela falando. Acho que arrastou o imperador junto, mas não passou em Artemísia, então não sei o que dizia. Podia ser só um comunicado de casamento inútil.

Cress lambeu os lábios.

– Se eu tivesse acesso ao centro de segurança de novo, poderia descobrir...

– Não.

Ela olhou para ele com raiva, e deu de cara com um dedo apontado para o nariz.

– Nós já corremos muito risco. Você vai ficar aqui. – Virando-se, ele ajustou a armadura no ombro, parecendo novamente um servo leal da rainha. – Tenho um longo turno hoje, estou de serviço durante todo o casamento e durante a festa. Mas a maioria de nós está, então as coisas por aqui devem ficar tranquilas, pelo menos.

Cress suspirou. Houve uma época em que o silêncio e a solidão seriam reconfortantes. Era com isso que ela estava acostumada no satélite, afinal. Mas, naquele momento, faziam com que ela se sentisse ainda mais prisioneira.

– Tchau – murmurou ela, acrescentando quase de brincadeira: – Me traga um pedaço de bolo.

Jacin fez uma pausa com a mão na porta. Sua expressão se suavizou.

– Vou fazer o possível.

Ele abriu a porta e congelou.

O coração de Cress pulou na garganta.

Havia outro guarda no corredor, com a mão levantada para bater na porta. Ele olhou de Jacin para Cress.

Recuperando-se mais rápido do que Cress, Jacin cruzou os braços e se encostou na moldura da porta, bloqueando a visão do guarda.

– O que você quer?

– Quem é ela? – perguntou o guarda.

– Isso é coisa *minha*.

– Ah, por favor. – O guarda empurrou o braço de Jacin e forçou caminho para entrar no quartinho. Cress se encostou na parede, apertando o tablet com tanta força que ouviu o plástico estalar. – Muitos guardas têm amantes, mas não você.

A porta se fechou.

Cress estava olhando para o estranho quando ouviu o estalo de uma trava de arma sendo solta.

O guarda ficou paralisado, de costas para Jacin. O olhar era de surpresa quando ele levantou as mãos ao lado das laterais da cabeça.

– Quem falou qualquer coisa sobre amante? – resmungou Jacin.

Cress engoliu em seco. Esse guarda era desconhecido, com olhos escuros e cabelo ondulado cortado acima das orelhas. Ela não se lembrava dele da emboscada nas docas, mas não tinha como ter certeza.

– Não é a recepção que eu esperava – disse o guarda.

Jacin manteve a arma apontada para as costas dele.

– Não gosto que as pessoas saibam das minhas coisas. – O rosto dele estava calmo. Tão calmo que apavorou Cress quase tanto quanto a presença do estranho. – Kinney, não é?

– Isso mesmo.

– Nunca cheguei a agradecer por você falar por mim no julgamento.

– Não foi nada.

– Pegue as armas dele.

Demorou um tempo para Cress perceber que Jacin estava falando com ela. Ela ofegou e se levantou da cama. O guarda, Kinney, não se moveu quando ela pegou a arma e a faca e recuou novamente, feliz de colocá-las na cama.

– Eu prefiro não matar você – disse Jacin. – Mas você vai ter que me dar um motivo muito bom para isso.

A sobrancelha de Kinney tremeu. Ele estava olhando para Cress de novo. Pareceu curioso, mas não com medo, como deveria.

– Eu salvei sua vida.

– Já falei disso.

– Que tal isto: o som da arma vai fazer todos os guardas virem correndo.

– A maioria já está em serviço. Eu aceito o risco.

Cress pensou ter detectado um sorriso, mas então Kinney se virou para olhar para Jacin.

– E que tal porque eu salvei a vida da princesa Winter?

Jacin apertou os olhos.

– Há boatos de rebelião nos setores externos. Acabei de voltar de uma incursão ao MR-9, e, enquanto revistava a casa de uma simpatizante conhecida dos rebeldes, fiquei chocado ao dar de cara com a princesa em pessoa. Eu acreditava que ela estava morta, como todo mundo. – Ele inclinou a cabeça. – Deve acabar com você todos acharem que você a matou por ciúme bobo. Admito que acreditei. Andei meio tentado a matar você como retribuição, e sei que não fui o único.

Um músculo tremeu no maxilar de Jacin.

– Peço desculpas por ter avaliado você mal. – Kinney baixou os braços e prendeu os polegares no cinto. Jacin não se mexeu. – Sei que você gosta dela mais do que qualquer um de nós.

Quando o silêncio se prolongou de forma dolorosa entre eles, Cress perguntou:

– Então... ela está viva?

Kinney olhou para ela e assentiu.

– Eu a mandei se esconder. Até onde eu sei, todo mundo pensa que ela está morta.

Jacin pareceu estar com areia na garganta quando perguntou:

– Ela pareceu bem?

Kinney curvou os lábios, achando graça.

– Eu diria que ela parecia bem melhor do que bem, mas aí você acabaria atirando em mim.

Franzindo a testa, Jacin baixou a arma, mas não a guardou.

– Então você a viu. Isso não explica como salvou a vida dela.

– Jerrico também estava lá. Acho que ele sabia que a rainha

mandou matá-la. Ele queria matá-la e arrastar o corpo até aqui, então eu atirei nele.

Apesar de tentar parecer indiferente, Cress ouviu o tom dele oscilar.

– Você o matou? – perguntou Jacin.

– Matei.

Eles ficaram cara a cara por bastante tempo, até que Jacin disse:

– Eu odiava aquele sujeito.

– Eu também.

Os músculos de Jacin começaram a relaxar, embora a expressão ainda fosse desconfiada.

– Obrigado por me contar. Eu... ando preocupado com ela.

– Não foi por isso que eu vim aqui. Eu vim avisar você. Nós vimos uma nave real que não deveria estar lá, e estou disposto a apostar que vai ser rastreada até você. Se eu percebi, ela também vai perceber. A rainha pode achar que Winter está morta, mas vai descobrir a verdade cedo ou tarde. – Ele fez uma pausa. – Quem ela ameaçou matar se você não matasse a princesa?

Jacin engoliu em seco.

– Ninguém.

– Ah, tá. – Kinney olhou para as armas ao lado de Cress, mas não se mexeu para pegá-las. – Ela mandou minha irmãzinha ser morta uma vez, quando eu soltei uma criada que roubou um par de brincos da rainha.

Cress arregalou os olhos. Mas Jacin não pareceu surpreso.

– Bem, seja lá quem fosse – continuou Kinney –, vocês dois vão acabar mortos se não pararem de perder tempo e não saírem daqui antes que Levana descubra que você mentiu para ela. – Ele se virou para Cress. – Posso pegar minhas armas de volta? Tenho uns cinco minutos para me apresentar.

Depois de hesitar, Jacin fez que sim e guardou a própria arma. Ele ainda estava com a testa franzida enquanto Kinney pegava a arma e a faca.

– Por que você está arriscando o pescoço por mim... de novo?

– É o que a princesa iria querer. – Kinney foi até a porta, tomando o cuidado de não esbarrar em Jacin ao passar. – Sua Alteza convenceu a rainha a dar à minha irmã o emprego da criada em vez de matá-la, então devo muito a ela. – Ele inclinou a cabeça na direção de Cress. – Seja lá quem você for, eu nunca vi você.

Jacin não tentou impedi-lo quando ele saiu pela porta.

O coração de Cress ainda estava disparado.

– Fico feliz de você não o ter matado – sussurrou ela.

– Ainda estou indeciso. – Ele olhou ao redor, mas Cress não sabia dizer o que ele estava avaliando. – Vamos esperar até a ala estar praticamente vazia, depois é hora de irmos.

Ela apertou o tablet, ao mesmo tempo empolgada e apavorada por sair da prisão e abrigo.

– Jacin, a Levana *realmente* ameaçou ferir alguém se você não matasse Winter?

– Claro. É assim que ela opera.

O coração dela rachou por ele, por Winter, por vítimas que ela nem sabia quem eram.

– Quem?

Ele se virou e começou a mexer em uma gaveta, mas ela percebeu que a movimentação era só para se ocupar.

– Ninguém – disse ele. – Ninguém importante.

CAPÍTULO

Quarenta e cinco

– Não tem nenhum tipo de transmissão nessa pedra esquecida pelas estrelas? – resmungou Kai, passando os dedos pela base do hológrafo, a versão de Luna do sempre presente netscreen.

– Nós estamos em uma ditadura, Vossa Majestade – disse Torin, com os braços cruzados enquanto olhava pela janela, na direção do lago cintilante abaixo. – Você acredita que o noticiário seria confiável se houvesse?

Ignorando-o, Kai passou o dedo no hológrafo de novo.

Ele tinha mandado uma mensagem para a rainha naquela manhã, dizendo que infelizmente o casamento teria que ser adiado se ele não tivesse permissão de encontrar seu conselheiro antes da cerimônia, pois ele era a pessoa mais conhecedora dos votos e costumes que cimentariam o casamento como união política reconhecida.

Para uma certa surpresa dele, ela concordou.

Foi um alívio ver Torin de novo e verificar que seu conselheiro não foi ferido, mas esse alívio veio acompanhado de frustração e inquietação crescentes. As redes de transmissão da rainha eram seu mais recente motivo de reclamação. Elas pareciam conter um monte de asneiras sem sentido e nada de útil.

– Quero saber o que está acontecendo lá fora – disse ele, desligando o hológrafo. – Sei que começou. Sei que Cinder fez alguma coisa.

Torin deu de ombros, de certa forma pedindo desculpas.

– Tenho tantas respostas quanto você.

– Eu sei. Não espero que tenha. É que é tão frustrante estar preso

aqui com ela... com eles todos lá fora! Fazendo... o que estiverem fazendo! – Ele se juntou a Torin na janela e passou a mão pelo cabelo. – Como as pessoas aqui aguentam ficar desconectadas do resto do país? Sem comunicação, elas não têm como saber o que está acontecendo nos outros setores. Elas não ficam malucas com isso?

– Eu diria que não – disse Torin. – Veja o esplendor que podem apreciar, graças ao trabalho dos setores externos. Acha que as pessoas aqui querem a ilusão de paraíso delas destruída ao testemunhar a esqualidez do resto do país?

Kai fez cara feia. Ele já sabia disso e lamentava o quanto a pergunta soou inocente. Mas não entendia. Ele ainda se lembrava do dia em que Nainsi contou para ele as estatísticas de pobreza e pessoas sem lar na Comunidade, quando ele tinha dez anos. Nainsi deixou claro para ele que os números eram *bons*. Que, apesar de terem subido desde o espalhamento da letumose, continuavam mais baixos do que eram nas décadas seguintes à Quarta Guerra Mundial. Mesmo assim, Kai ficou uma semana quase sem dormir, pensando em todas aquelas pessoas, *seu* povo, que não tinham onde dormir e nem comida para comer, enquanto ele estava tão bem acomodado e bem cuidado no palácio. Ele até escreveu uma proposta para o aluguel de partes do palácio para os cidadãos mais necessitados, oferecendo metade de seus aposentos pessoais se ajudasse, mas, apesar de o pai ter prometido ler a proposta, Kai duvidava que tivesse levado a sério.

Ele reconheceu o quanto sua proposta tinha sido infantil, mas não imaginava não querer fazer nada para ajudar os cidadãos da Comunidade, como não imaginava como os membros da corte de Levana podiam não ter compaixão pelas pessoas que construíram o paraíso que eles podiam agora apreciar.

– Seu rosto cicatrizou bem – comentou Torin. – Tenho certeza de que mal vai dar para reparar nas fotos do casamento.

Kai demorou um momento para entender.

– Ah, certo. – Ele levantou a mão e tocou na bochecha em que Lobo dera um soco. Estava só dolorida ao toque, e, sem espelhos para se ver, ele tinha se esquecido dela.

– Acho que esse artifício não ajudou em nada – murmurou ele, enfiando as mãos nos bolsos.

– Mas foi um esforço valoroso, mesmo assim – disse Torin. – Falando do seu tempo longe, você viu o relatório das forças militares americanas que chegou esta manhã?

Ele se virou.

– Claro que não. Ela pegou meu tablet.

Torin fez uma careta de solidariedade.

– Certo. Vou deixar o meu com você.

– Obrigado, Torin. Que relatório?

– Parece que encontraram a nave dos seus amigos orbitando no espaço, abandonada. Estão rebocando de volta para a República para começar a procurar evidências a serem usadas contra seus sequestradores. Quando eles forem encontrados, claro.

Kai massageou a nuca.

– Eles sabiam que aconteceria, mas Thorne não vai ficar feliz quando descobrir.

– A nave *era* roubada. Independentemente do lado em que ele está agora, o sujeito é ladrão e desertor. Tenho dificuldade em ter solidariedade pela perda dele.

Kai não conseguiu sufocar um sorriso irônico.

– Eu não discordo, mas, quando virmos Thorne de novo, talvez devesse ser eu a dar a notícia para ele.

Ele deixou que seu olhar viajasse até a beira do lago, onde a água tocava no domo. Lá parecia o fim do mundo. A civilização dentro de uma cápsula perfeita, toda cintilante e imaculada. Depois dela, nada

além de terreno inóspito. No horizonte, ele via a beirada de outro domo e se perguntou qual era.

Ele escolheu as palavras com cuidado. *Quando* vissem Thorne de novo, não *se*. Porque era assim que ele tinha que pensar em todos os seus aliados, seus amigos. Era assim que tinha que pensar em Cinder se queria passar por aquilo. Ele se perguntou onde ela estava, até onde tinha ido. Estaria segura?

Uma batida na porta assustou Kai, mas a surpresa foi sufocada pelo medo.

– Agora vai começar – murmurou ele. – Entre.

Mas não era um estilista do casamento, e sim um de seus guardas na porta, segurando um pequeno pacote envolto em tiras de veludo colorido.

– Perdoem a interrupção. Isto foi entregue por um servo como presente de casamento de Sua Majestade, a rainha. Fizemos testes em busca de produtos químicos e explosivos, e determinamos que é seguro e pode ser aberto. – Ele esticou o pacote para Kai.

– Você quer dizer que ela não pretende me explodir antes da cerimônia? – perguntou Kai, pegando a caixa. – Que decepcionante.

O guarda pareceu querer abrir um sorriso, mas resistiu. Ele fez outra reverência e saiu pelo corredor.

Kai abriu depressa o pacote, ansioso para acabar logo com o novo tormento que Levana tinha elaborado para ele. Ele estava imaginando uma bola de ferro com corrente pequenininha quando levantou a tampa.

Ele ficou paralisado. O sangue desceu da cabeça e se espalhou pelos pés.

Um dedo ciborgue estava sobre uma base de veludo branco. Havia graxa nas juntas do dedo e fios desconectados na parte de fora.

O estômago dele deu um nó.

– Ela está com Cinder – disse ele, passando a caixa para Torin. Atordoado, andou até a janela, com os pensamentos enevoados de negação. Esse *presente* respondia tantas das suas perguntas, e ele percebeu que Torin estava certo.

Às vezes, era melhor não saber das coisas.



Fazia séculos que Levana não se lembrava de sentir tanta alegria.

A sobrinha chata estava novamente em cativeiro, e logo não seria mais incômodo nenhum.

Sua enteada irritante estava morta, e Levana nunca mais teria que ouvir os murmúrios dela nem atender a seus pedidos frívolos.

Em poucas horas, estaria casada com o imperador da Comunidade das Nações Orientais e, em poucos dias, receberia uma coroa e o título de imperatriz. Não demoraria para que toda a Terra fosse dela. Recursos. Solo. Um lugar para seu povo apreciar a beleza e os luxos que os terráqueos não valorizavam.

Ela imaginou os textos de histórias de séculos depois, contando a saga da rainha lunar que conquistou o planeta azul e começou uma nova era. Uma era governada pelos mais valorosos.

Ela mal sentia o peso das pedras presas às mangas do vestido e penduradas na gola. Mal reparava nos servos se movendo ao redor, ajustando a saia do vestido de noiva, endireitando a armação, fazendo reparos finais ao caimento do corpete.

Sem espelho, Levana sabia que era bonita. Ela era a rainha mais bonita que Luna já tinha tido, e Kaito tinha sorte de ter uma noiva assim.

Estava sorrindo para si mesma quando finalmente dispensou os servos.

– Lindíssima, minha rainha.

Ela se virou e viu Aimery na porta.

– Que liberdades você toma ao entrar sem se anunciar – disse Levana, embora quase não houvesse veneno no tom dela. – Estou me preparando para minha cerimônia de casamento. O que você quer?

– Eu não quero ser uma distração. Entendo que é uma ocasião especial, e para todos nós. Mas quero deixá-la tranquila quanto à... convidada especial desta noite. A ciborgue será levada à sala do trono durante a festa, como pedido. Tudo está preparado.

– Fico feliz em saber. Que surpresa será a presença dela para meu novo marido. – Ela passou o polegar pela base do dedo anelar enquanto falava, sentindo a tira de pedra gasta. Era uma lembrança constante do primeiro marido, o pai de Winter. Ele sempre seria seu único amor, e ela jurou tempos atrás que aquele anel jamais seria retirado do dedo.

Escondê-lo era tão natural para ela quanto o glamour dos lábios vermelhos e da voz serena.

– Tenho mais uma notícia para dar – disse Aimery –, apesar de ainda ser uma investigação em andamento e eu não querer aborrecê-la tão perto da hora de seu casamento.

– Enquanto a ciborgue estiver sob nossa custódia, nada mais pode me aborrecer – declarou Levana, com um sorriso.

– Fico feliz em ouvir, minha rainha. Pois descobrimos uma coisa suspeita na nossa visita ao setor de mineração. Havia uma nave real lá, e, após inspeção detalhada, descobrimos que a nave foi licenciada justamente para Sir Jacin Clay.

Levana se virou para dar atenção total a Aimery.

– Continue.

– Temos documentação dessa nave saindo de Artemísia quarenta e sete minutos depois da morte da princesa Winter. Claro, Sir Clay

ainda estava aqui, no palácio, nessa hora, e não sabemos quem estava pilotando. Também parece suspeito que, independentemente de quem estava a bordo daquela nave, a pessoa tenha ido parar no mesmo setor que a ciborgue e seus companheiros.

Embora a expressão de Aimery permanecesse neutra, era fácil perceber as desconfianças dele.

– Temos imagens de vídeo da morte de Winter, não temos?

– Temos, minha rainha. No entanto, como Vossa Majestade talvez possa se lembrar, tivemos dificuldades técnicas naquele dia, com falhas esporádicas de energia que afetaram a vigilância de todo o palácio. Permita-me.

Ele se aproximou do netscreen que Levana mandara ser colocado na moldura lindíssima que já tinha sido a do espelho de sua irmã, antes de todos os espelhos serem destruídos. Um momento depois, Levana estava vendo Jacin e Winter no jardim. O lobo andava atrás deles. Winter beijou o guarda com tanta paixão que Levana rosnou. Então, Jacin levantou a faca e enfiou nas costas dela. O corpo de Winter ficou inerte, e ele a colocou no chão com toda a delicadeza de um homem apaixonado. Sangue começou a se espalhar embaixo dela.

O vídeo terminou.

Ela levantou uma das sobrancelhas.

– Ela está morta, então.

– Talvez. Mas tenho receio de que essa morte tenha sido armada. É aqui que o vídeo termina. Não temos imagens de Jacin removendo o corpo ou matando o lobo para encobrir as pistas, como ele alega ter feito. Parece uma hora conveniente para essa câmera em particular ter parado de funcionar.

Levana inspirou fundo.

– Entendo. Detenha Sir Clay em uma cela por enquanto. Vou interrogá-lo depois da festa.

– Eu já tinha tomado a liberdade de mandar guardas buscarem-no, Vossa Majestade, e preciso dizer que ele sumiu.

Isso, mais do que qualquer coisa, a fez parar.

– Sumiu?

– Ele tinha que ter se apresentado ao serviço duas horas atrás, mas não foi visto. Dentre os guardas com quem falou, ninguém alega tê-lo visto depois que terminou o turno de ontem à noite.

O olhar de Levana se perdeu quando ela se virou para a janela, na direção do lindo lago, de sua linda cidade.

Jacin tinha fugido.

Só homens culpados fogem.

Só podia querer dizer que Winter estava viva.

Ela trincou os dentes de ódio, não só porque a enteada continuava a existir, mas pela audácia de um guarda de mente fraca em tentar fazê-la de tola. Mas se obrigou a respirar e deixou o ódio se esvair dos ombros tensos.

– Não importa – disse ela. – A princesa está morta se o povo acreditar que está. Isso não muda nada. Tenho assuntos bem mais importantes a resolver.

– Claro.

– Se Jacin Clay for encontrado, ele deve ser morto na hora. Se houver qualquer notícia da princesa, quero ser informada imediatamente.

Aimery fez uma reverência.

– Sim, minha rainha. Vou deixá-la com seus preparativos. Parabéns pela felicidade iminente.

O sorriso de Levana não foi forçado. *Felicidade iminente.* Ela gostou muito do som disso.

Aimery se virou para sair.

Levana ofegou.

– Espere, mais uma coisa.

Aimery parou.

– Os pais de Jacin Clay devem ser executados por traição, e publicamente, como lembrete de que esse tipo de coisa não será tolerada. Mande os guardas do setor dele fazerem isso agora, para que as mortes não estraguem a transmissão do casamento esta noite. – Ela ajeitou a frente do corpete. – Jacin vai saber que a culpa das mortes é toda dele.

CAPÍTULO

Quarenta e seis

Kai não sabia como acabou vestido de noivo outra vez. Ele não disse nada enquanto estilistas ajeitavam seu cabelo e suas roupas. Não seria capaz de identificar nenhum deles depois que fossem embora.

Cinder estava morta. Isso, ou Levana a estava mantendo presa em algum lugar. Ele não sabia qual das duas opções era pior.

Cinder.

O nome dela se repetia em sussurros em sua mente, toda vez um espinho novo cravado na pele.

A corajosa e determinada Cinder. A inteligente, criativa, sarcástica Cinder.

Ele se recusava a acreditar que ela estava morta. O que um dedo indicava, de verdade? Kai avaliou cada possibilidade. Era um dedo falso que Levana mandara fazer para atormentá-lo. Ou Cinder o tinha perdido em batalha, mas o resto dela escapara. Ou... deveria haver alguma outra explicação. Ela não poderia estar morta.

Não *Cinder*.

O cérebro dele estava enevoado, como se a tarde tivesse se passado em um sonho vago. Um *pesadelo* vago.

Quer o dedo significasse ou não o que ele temia, logo estaria casado com Levana. Depois de tudo, de todo o planejamento, de todas as esperanças. Era assim que tudo terminava, do jeito como Levana pretendeu desde o começo.

– O que eu estou fazendo? – perguntou ele quando Torin voltou após trocar de roupa.

A não ser que fosse um taumaturgo usando um glamour para

incorporar Torin...

Ele apertou bem os olhos.

Odiava aquele lugar.

Torin suspirou e ficou de pé ao lado de Kai. A Terra parecia suspensa acima deles, sua forma quase cheia no céu lotado de estrelas.

– Você está acabando com uma guerra – disse seu conselheiro. – E obtendo um antídoto.

Kai usou esses mesmos argumentos tantas vezes que eles começaram a perder o sentido.

– Não era para ser assim. Eu achei... Eu achei mesmo que ela tinha chance.

Ele sentiu a mão em seu ombro. Era tão reconfortante quanto podia ser.

– Você ainda não se casou com ela, Vossa Majestade. Ainda pode dizer não.

Uma gargalhada irônica escapou de sua boca.

– Enquanto estamos presos aqui? Ela nos massacraria.

Ir até Luna foi um erro. No final, suas boas intenções não importavam. Ele fracassou.

Um taumaturgo entrou e, apesar de estar ladeado por dois guardas pessoais de Kai, todo mundo no aposento sabia que ambos eram meros ornamentos.

– Vim escoltá-lo até o grande salão – disse o taumaturgo. – A cerimônia está prestes a começar.

Kai passou as mãos na camisa de seda. Em vez de úmidas e grudentas, estavam secas. Secas e geladas.

– Tudo bem – disse ele. – Estou pronto.

Torin ficou ao lado dele pelo tempo que pôde, seguindo o grupo pelos corredores enormes do palácio até ser obrigado a se juntar ao

resto dos representantes e convidados da Comunidade. Tudo aconteceu em um borrão, e, embora Kai sentisse como se estivesse andando com sapatos de ferro, eles chegaram ao salão de baile rápido demais.

Respirou fundo enquanto sua descrença era interrompida por uma pontada de pânico.

Quando ensaiaram no dia anterior, tudo pareceu uma piada. Como se ele estivesse em um jogo e, pela primeira vez, tivesse as melhores cartas. Mas agora, enquanto o taumaturgo fazia um gesto indicando que ele devia tomar seu lugar no altar montado na frente do salão de baile, Kai vislumbrava centenas de lunares vestidos de forma exótica à frente, e tudo desmoronou.

Não era um jogo.

A primeira-ministra Kamin estava no tablado, atrás de um altar decorado de dourado e preto, coroado com centenas de pequenas esferas. Ela fitou os olhos de Kai enquanto ele se dirigia para a plataforma. Sua expressão era solidária. Kai se perguntou se ela percebia que Levana pretendia conquistar o país dela também, depois que estivesse com a Comunidade sob domínio firme. Levana planejava conquistar todos eles.

Inspirar. Expirar. Ele se virou sem retribuir o quase sorriso de Kamin.

A multidão era maior do que ele imaginava; mil pessoas se reuniam com seus melhores trajes de gala. O contraste entre as cores pálidas dos terráqueos e os brilhos e fluorescentes dos lunares era risível. Havia um corredor no meio do salão, demarcado por candelabros com mais esferas claras, as luzes tremeluzindo como pequenas chamas. O tapete do corredor era preto, com pedrinhas imitando o céu noturno. Ou o céu de sempre, como era em Luna.

Um silêncio se espalhou pelo aposento, e Kai percebeu que não era

um silêncio normal. Era controlado demais, impecável demais.

Seu coração bateu disparado no peito. Aquele era o momento que ele temia, o destino contra o qual lutou por tanto tempo. Ninguém ia interferir. Ele estava sozinho, grudado no chão.

Nos fundos do salão, as portas enormes se abriram, acompanhadas do som de trombetas. No final do corredor, duas sombras surgiram, um homem e uma mulher de uniformes militares carregando as bandeiras de Luna e da Comunidade das Nações Orientais. Depois que eles se separaram para colocar as bandeiras em dois mastros dos dois lados do altar, uma série de guardas lunares marchou para a sala, totalmente armados e sincronizados. Eles também se espalharam quando chegaram ao altar, como um muro protetor ao redor da plataforma.

Em seguida, apareceram seis taumaturgos de preto no corredor, andando em duplas, graciosos como cisnes negros. Eles foram seguidos de dois de vermelho e, finalmente, do taumaturgo-chefe Aimery Park, todo de branco.

Uma voz soou, vinda de alto-falantes escondidos:

– Todos se levantem para Sua Majestade Real, a rainha Levana Blackburn de Luna.

As pessoas se levantaram.

Kai uniu as mãos trêmulas nas costas.

Ela apareceu primeiro como uma silhueta nas luzes das portas, uma ampulheta perfeita terminando em uma saia cheia que flutuava atrás de si. Andou com a cabeça erguida, deslizando na direção do altar. O vestido era vermelho-escarlate, intenso como sangue, com correntes de ouro delicadas penduradas ao redor dos ombros. Lembrou a Kai uma papoula vermelho-sangue, com pétalas grandes e pendentes. Um véu dourado transparente cobria o rosto dela e tremia como uma vela conforme andava.

Quando estava perto o bastante, Kai identificou partes do rosto pelo véu. Os lábios foram pintados para combinar com o vestido, e os olhos ardiam de vitória. Ela andou até a plataforma e parou ao lado de Kai. A barra da saia se acumulou ao redor dos pés.

– Podem se sentar – disse a voz sem corpo.

As pessoas se acomodaram nas cadeiras. A primeira-ministra Kamin levantou o tablet, apoiado no altar.

– Senhoras e senhores, lunares e terráqueos – começou ela, com um microfone escondido que espalhava sua voz pela multidão. – Nós nos reunimos hoje para testemunhar uma união histórica entre a Terra e Luna, uma aliança formada por confiança e respeito mútuos. É um momento importante na nossa história, que vai simbolizar para sempre o relacionamento duradouro do povo de Luna e do povo da Terra.

Ela fez uma pausa para as palavras serem absorvidas pela multidão. Kai sentiu vontade de vomitar.

A primeira-ministra se concentrou na noiva e no noivo.

– Estamos aqui para testemunhar o casamento do imperador Kaito da Comunidade das Nações Orientais e da rainha Levana Blackburn de Luna.

Kai encarou os olhos de Levana através do véu. O sorriso provocador o tirou do estado de negação.

Cinder estava capturada ou morta. O casamento aconteceria como planejado; a coroação seria feita em dois dias.

Restava só ele. A última linha de defesa entre Levana e a Terra.

Que fosse.

Ele firmou o maxilar e voltou a olhar para a celebrante. Deu um pequeno aceno. O casamento começou.

CAPÍTULO

Quarenta e sete

– O noivo agora vai pegar esta fita e amarrar três vezes em torno do pulso esquerdo da noiva, simbolizando o amor, a honra e o respeito que vai uni-los para sempre em matrimônio – disse a primeira-ministra Kamin, desenrolando um pedaço de fita de veludo de um carretel. Ela pegou a tesoura polida de prata na bandeja e cortou o tecido.

Kai tentou não fazer uma careta quando Kamin colocou a fita nas palmas de suas mãos. Era cintilante, cor de marfim, a cor da lua cheia, diferente da fita azul sedosa já enrolada no pulso dele, da cor da Terra.

Parecia que sua consciência estava pairando acima, observando-o enquanto seus dedos enrolavam a fita no pulso fino de Levana, uma, duas, três vezes, terminando com um nó simples. O gesto foi desajeitado e a fita devia estar frouxa demais, um efeito colateral de sua vontade de não tocar na pele dela com as pontas dos dedos. Quando ela amarrou a dele, praticamente fez uma massagem no pulso que o fez se contorcer por dentro.

– Agora vou amarrar as duas fitas uma na outra – disse a primeira-ministra Kamin, com a voz controlada e serena. Ela não hesitou nem uma vez durante a cerimônia. – Isso simboliza a unificação da noiva e do noivo e também de Luna e da Comunidade das Nações Orientais, que representa o planeta Terra hoje, no oitavo dia de novembro do centésimo vigésimo sexto ano da terceira era. – Ela pegou as pontas de cada fita entre os dedos.

Kai assistiu, com um semblante distante de interesse, aos dedos

escuros e finos unirem as duas fitas. Ela puxou as pontas e amarrou o nó. Kai continuou observando, sentindo sua mente desconectada.

Ele não estava ali.

Aquilo não estava acontecendo.

O olhar de ódio o traiu, virando-se para o rosto de Levana. Foi o mais breve dos olhares, mas ela percebeu. Ela sorriu, e espetos de gelo perfuraram a coluna dele.

Aquilo estava mesmo acontecendo. Aquela era sua noiva.

Os lábios de Levana tremeram atrás do véu. Embora a mulher não tivesse aberto a boca, ele ouviu a voz dela acusando-o de se deixar levar por uma paixonite acanhada, e o repreendendo por sua juventude e inocência em um momento desses. Ele não identificou se a voz era sua imaginação caçoando dele ou algo que ela estava injetando em seus pensamentos.

E jamais saberia.

Ele estava se casando com uma mulher que exerceria seu poder sobre ele para sempre.

Como ela era diferente de Cinder. Selene. *Sobrinha* dela, embora não parecesse possível que as duas tivessem qualquer coisa em comum, principalmente ancestrais.

Pensar em Cinder trouxe de volta a lembrança dolorosa do dedo ciborgue em uma base de seda, e Kai tremeu.

A celebrante parou, mas Kai já estava reconfigurando sua expressão. Ele soltou o ar com firmeza e fez um aceno leve para ela continuar.

Kamin pegou o tablet, e Kai aproveitou a pausa momentânea para tentar se recompor. Ele pensou nos mutantes assassinando civis inocentes. Pensou no pai morrendo na quarentena no palácio enquanto um antídoto existia no controle de Levana. Pensou em todas as vidas que estaria salvando ao acabar com a guerra e obter a

cura.

– Vamos agora começar a troca de votos, como determinado pelo conselho de líderes da União Terráquea, começando com o noivo. Por favor, repita depois de mim. – Kamin ergueu o olhar para ter certeza de que Kai estava prestando atenção. – Eu, imperador Kaito da Comunidade das Nações Orientais da Terra...

Ele repetiu, tão obediente quanto um androide.

– ... recebo como esposa e futura imperatriz da Comunidade das Nações Orientais Sua Majestade Real, a rainha Levana Blackburn de Luna...

Ele estava fora do corpo de novo. Olhando para baixo. Ouvindo as palavras sem entendê-las. Elas não tinham significado.

– ... para governar ao meu lado com graça e integridade, honrar as leis da União Terráquea como determinadas por nossos ancestrais, ser defensora da paz e da justiça entre todos os povos.

Alguém acreditava em uma palavra desse lixo todo?

– Deste dia em diante, ela será meu sol ao amanhecer e minha lua à noite, e prometo amá-la e valorizá-la por todos os nossos dias.

Quem escrevia aqueles votos, afinal? Ele nunca tinha ouvido nada tão ridículo na vida.

Mas os disse sem emoção e com menos interesse ainda. A primeira-ministra Kamin assentiu, como quem quisesse dizer que ele fez bem, e se virou para Levana.

– Agora, a noiva vai repetir depois de mim...

Kai se desligou da voz de Levana e examinou os pulsos unidos. A fita ao redor de seu punho estava ficando mais apertada? Os dedos começavam a formigar. Ele estava perdendo a circulação. Mas a fita envolvia a pele de forma inocente.

Estrelas do céu, como estava quente ali!

– ... e prometo amá-lo e valorizá-lo por todos os nossos dias.

Kai riu com deboche. Alto.

Era para ficar só em pensamento, mas escapou.

Levana ficou tensa, e a celebrante o perfurou com um olhar intenso.

Kai tossiu, em uma tentativa de aliviar o momento.

– Desculpe. Tinha uma coisa na minha... – Ele tossiu de novo.

Rugas tensas se formaram ao redor da boca de Kamin quando ela se virou para a rainha.

– Vossa Majestade Real aceita os termos de casamento dispostos neste dia, tanto as regras do matrimônio entre dois seres quanto o laço que vai de agora em diante ser criado entre Luna e a Comunidade das Nações Ocidentais, resultando na aliança política dessas duas entidades? Se aceitar, diga "sim".

– Sim. – A voz de Levana soou alta e doce, e gerou mil agulhas perfurantes no peito de Kai.

A cabeça dele estava latejando. De exaustão, de descrença, de infelicidade.

– Vossa Majestade Imperial aceita os termos de casamento dispostos neste dia, tanto as regras do matrimônio entre dois seres quanto o laço que vai de agora em diante ser criado entre a Comunidade das Nações Ocidentais e Luna, resultando na aliança política dessas duas entidades? Se aceitar, diga "sim".

Ele olhou para a primeira-ministra Kamin e piscou.

Seu coração estava disparado no peito, e as palavras dela eram ecos vazios na cabeça vazia, e ele só precisava abrir a boca e dizer *sim* e o casamento acabaria e Levana seria sua esposa.

Mas seus lábios não se abriram.

Não.

Os músculos se contraíram no maxilar da primeira-ministra. O olhar dela ficou rígido, dando a deixa.

Não posso.

Ele sentiu o peso de mil convidados o observando. Visualizou Torin e o presidente Vargas e a rainha Camilla e todos os outros, assistindo, esperando. Visualizou os guardas e taumaturgos de Levana e aquele arrogante Aimery Park e mil aristocratas vaidosos e ignorantes aguardando o fim de seu silêncio.

Ele sabia que Levana podia forçá-lo a dizer as palavras, mas ela não fez isso. Embora imaginasse uma onda de ar gelado emanando de sua noiva a cada segundo, ela esperou como todos os outros.

Kai abriu os lábios, mas a língua estava pesada como ferro.

A celebrante inspirou com paciência e lançou um olhar preocupado para a rainha antes de voltar a encarar Kai. Sua expressão denotava nervosismo.

Kai olhou para a tesoura que ela usara para cortar as fitas.

Ele se moveu rápido, antes que pudesse se questionar. A mão solta se esticou e pegou a tesoura no altar. Sangue latejou nos ouvidos quando ele se virou para Levana com o braço levantado e empurrou a tesoura na direção do coração dela.

Cinder deu um grito e levantou os braços em defesa. A ponta da tesoura cortou o tecido das luvas até os cotovelos, antes de parar ao tocar no corpete de prata do vestido. O braço de Kai tremeu com o esforço para fazer força contra o controle, mas sua mão estava entalhada em pedra. Com a respiração entrecortada, ele olhou para o rosto de Cinder. Sua aparência era a mesma da do baile, o vestido em frangalhos e as luvas manchadas, o cabelo úmido caindo ao redor do rosto. A única diferença era a fita azul que os unia e um único corte na seda das luvas.

Lentamente, como melado, sangue começou a escorrer pelo corte, manchando o tecido.

Cinder – não, *Levana* – viu o corte e rosnou. Seu controle sobre Kai

falhou, e ele cambaleou para trás. O som da tesoura se chocando contra o chão tinha um tom de finalidade.

– Você ousa me ameaçar aqui? – sibilou Levana, e, apesar de ter tentado imitar a voz de Cinder, Kai percebeu a diferença. – Na frente dos nossos reinos?

A atenção de Kai ainda estava voltada para o sangue escorrendo pelo braço ferido.

Ele conseguiu. Por um momento, ultrapassou o glamour, a manipulação. Não era muito, mas ele a machucou de verdade.

– Não era para ser uma ameaça – disse ele.

Ela apertou os olhos.

– Nós dois sabemos que você pretende me matar no momento em que eu não for mais útil para você. Achei que era justo deixar claro que o sentimento é mútuo.

Levana olhou para ele com raiva, e foi irritante ver tanto ódio no rosto de Cinder.

Vibrando com adrenalina, Kai olhou para a plateia. A maioria dos convidados estava de pé, suas expressões eram uma mistura de choque e confusão. Logo à frente, Torin parecia prestes a se lançar por cima das duas fileiras de assentos e estar ao lado de Kai no momento em que fosse necessário.

Kai sustentou o olhar por tempo suficiente, esperava ele, para comunicar que estava bem. Ele a tinha machucado, Kai queria dizer. Era possível machucá-la. O que significava que era possível matá-la.

Kai firmou o maxilar e se virou para encarar a primeira-ministra Kamin. Ela também tremia, as mãos apertando o tablet.

– Sim – disse ele, ouvindo sua proclamação ecoar pelo altar.

O olhar da celebrante se alternava entre ele e a noiva, como se ela não soubesse se deveria prosseguir ou não. Mas Levana ajeitou o vestido de noiva, ou o vestido de baile de Cinder, na verdade. A reação

que ela esperava arrancar dele ao manter o glamour, ele não daria, *não queria* dar a ela.

Quando o silêncio se prolongou por tempo demais, Levana grunhiu:

– Vá em frente logo.

Kamin engoliu em seco.

– Pelo poder dado a mim pelo povo da Terra, eu os declaro... marido e mulher.

Kai nem se mexeu.

– Pedimos que todas as filmagens sejam interrompidas para que o noivo possa beijar a noiva.

Kai esperou ser atingido por um muro de medo, mas até isso foi substituído por determinação fervorosa. Ele imaginou todos os hológrafos de Luna escurecendo e todas as atualizações da Terra se apagando. Imaginou seu povo olhando, e o horror que devia estar sentindo quando a atualização foi interrompida.

Ele se virou para Levana.

Sua noiva.

Sua *esposa*.

Ela ainda estava incorporando Cinder, mas o vestido do baile foi substituído pelo vestido vermelho vibrante e pelo véu transparente. Ela deu um sorriso demoníaco.

Ignorando-a, Kai segurou o véu mecanicamente entre os dedos e o puxou por cima da cabeça.

– Achei que você preferiria este visual – disse ela. – Considere um presente de casamento.

Kai não conseguiu reagir, por mais que quisesse refletir aquela arrogância de volta para ela.

– Prefiro mesmo. – Ele inclinou a cabeça na direção dela. – Selene é mais bonita do que você jamais conseguiria ser.

Ele a beijou. Foi um beijo abrupto e sem paixão que não se pareceu em nada com beijar Cinder.

A plateia soltou o ar de forma coletiva.

Kai recuou e colocou uma distância de um corpo entre eles. A plateia começou a aplaudir, educadamente no começo, depois com mais entusiasmo, como se estivesse com medo de as palmas não serem bastante educadas. Kai esticou o cotovelo para Levana segurar, com as mãos ainda amarradas, e juntos se viraram para olhar a plateia. Com o canto do olho, ele viu a imagem de Cinder sumir, o rosto ser substituído pelo de Levana, e ficou feliz de ela parecer irritada. Era uma vitória muito pequena, mas ele ficou feliz.

Eles ficaram ali parados ouvindo a gritaria trovejante, os dois furiosos.

Marido e mulher.

CAPÍTULO

Quarenta e oito

Cress já tinha perdido a noção de onde estavam e em que direção estavam indo. Jacin a arrastou por complicados labirintos de corredores no subterrâneo do palácio, escadas abaixo e túneis de trens de levitação magnética adentro. Embora parecesse que estavam andando havia horas, ela não sabia nem se tinham deixado os limites de Artemísia Central, considerando o quanto a rota fora circular.

Estavam se esgueirando por um túnel, colados às paredes para evitar trens, que tinham a tendência de surgir de repente e rápido demais sobre os ímãs silenciosos, quando o corte de energia os mergulhou na escuridão. Cress esticou a mão para alcançar Jacin, mas parou com os dedos a centímetros de onde achava que ele estaria. Ela fechou o pulso e puxou a mão de volta.

Corajosa. Ela era *corajosa.*

Ao longe, ouviram o guincho de um trem batendo nos trilhos e parando.

Um momento depois, luzes de emergência laranja iluminaram os trilhos aos pés deles e uma voz ecoou de alto-falantes invisíveis:

– Esta rota de trem foi desligada por prazo indeterminado. Sigam para a próxima plataforma a pé e preparem-se para uma inspeção de segurança. A coroa pede desculpas pelos inconvenientes.

Ela olhou para Jacin.

– O que isso quer dizer?

– Meu palpite? O que Cinder está fazendo está funcionando. – Ele começou a andar de novo, seguindo com mais cuidado uma vez que a

iluminação estava reduzida. – Devem estar limitando os transportes para a cidade.

Os nervos dela zumbiram.

– Nós vamos conseguir sair?

– Estamos quase na estação que recebe oitenta por cento dos nossos trens de suprimentos. Eles devem estar operacionais, considerando a quantidade de convidados que Levana tem que alimentar esta semana.

Cress correu atrás dele, torcendo para que estivesse certo. Ele não tinha sido muito claro em relação ao plano, e ela ainda não fazia ideia de onde estavam indo. Cress se perguntou se ele estava certo. Winter e Scarlet tinham conseguido levar a mensagem para o resto do grupo? Será que transmitiram o vídeo? Ela não tinha respostas. Se Levana estava ciente de um potencial levante futuro, estava guardando a informação só para si.

O túnel ficou mais largo, os trilhos se juntaram a outros dois, e Cress sentiu um cheiro pungente que a lembrou do grupo que Thorne e ela encontraram no Saara. De terra e animais.

Depois da curva seguinte no túnel, ela viu um brilho intenso e ouviu o eco de máquinas batendo e rodas girando. Jacin reduziu o ritmo.

Uma plataforma enorme apareceu. Um sinal holográfico exibia a cobertura do casamento real.

Doze trilhos de trens de levitação magnética seguiam em múltiplas direções, com trens de carga acima. A maioria dos vagões estava escondida nos túneis escuros, esperando para descarregar os produtos. Guindastes e roldanas ocupavam a doca, e Cress imaginou que seriam necessários incontáveis trabalhadores para cuidar de todo o maquinário, mas os únicos presentes eram um contingente de guardas uniformizados revistando os vagões à frente.

Jacin puxou Cress para as sombras do trem mais próximo. Um segundo depois, uma silhueta passou à frente, e o raio de uma lanterna se virou na direção deles. Jacin e Cress se abaixaram entre os vagões mais próximos, vendo o raio de luz tremeluzir no chão e desaparecer.

– A6 está limpo – gritou alguém, seguido de outro:

– A7, limpo.

Houve uma pausa e o zumbido dos ímãs. Em seguida, os três se deslocaram.

Jacin pulou no eixo para não ser pego nos trilhos, puxando Cress junto. Desta vez, ela segurou o braço dele quando o trem disparou, depois parou novamente. As portas se abriram.

Jacin pulou do eixo e levou Cress junto.

– Inspeção – sussurrou ele. – Para que ninguém tente entrar na cidade.

– E sair da cidade?

Ele apontou para a frente do trem.

– Temos que entrar em um dos vagões que já foram revistados. Este trem deve voltar para os setores agrários a partir daqui.

Eles seguiram até o outro lado do vagão. Apesar de haver plataformas nas duas laterais dos trilhos, a segunda só tinha um guarda, andando pelo perímetro com um fuzil de assalto na mão.

– Muito bem, docinho, quando aquele guarda estiver de costas para nós de novo, vamos seguir em frente o mais rápido possível. Quando ele começar a se virar, entre debaixo do trem e fique parada.

Cress olhou com raiva para a nuca dele.

– Não me chame de docinho.

À frente, alguém gritou:

– A8, livre! B1, livre!

O guarda deu as costas.

Jacin e Cress saíram correndo. O coração dela estava disparado enquanto mantinha um olho nas costas do guarda e na arma ameaçadora, e o outro nos trilhos embaixo dos pés. O guarda começou a se virar. Cress ficou de quatro e entrou debaixo do vagão. O cabelo na região da nuca estava grudado de suor.

– Aqu...!

Um grito foi interrompido, seguido de dois baques altos e do estalo de metal batendo em metal. O guarda com o fuzil se virou e correu na direção dos trilhos, pulando por cima de um eixo. Um tiro. Um grunhido.

– *Parado!*

Outro tiro.

Com a plataforma inesperadamente vazia, Jacin saiu de baixo do trem e fez sinal para Cress ir atrás. Ela raspou os cotovelos no chão duro quando se arrastou para fora. Jacin a puxou para ficar de pé, e eles saíram correndo na direção da frente do trem. Os sons de luta continuaram a soar na plataforma do outro lado do trem.

Eles chegaram ao vagão A7 e se grudaram na lateral para recuperar o fôlego. Só precisavam se esgueirar para o outro lado e subir no vagão sem serem vistos (e sem levarem um tiro, ela pensou), mas outro tiro a fez pular.

Cress olhou para trás e seu coração subiu para a garganta.

Havia uma garota no chão, entrando embaixo de um dos vagões, como Cress tinha feito segundos antes. Embora Cress visse bem pouco dela, a abundância de tranças sedosas tingidas em vários tons de azul era inconfundível.

– Iko!

Iko levantou o rosto. Seus olhos se arregalaram. Mas o olhar foi breve, pois ela virou a cabeça na direção de alguma coisa do outro lado do trem. Ela começou a se arrastar, com a barriga grudada no

chão.

Jacin falou um palavrão e se jogou à frente de Cress. Sua arma já estava na mão quando correu para a confusão.

Cress foi atrás, mas com mais hesitação, sem arma nenhuma. Ela se agachou perto do vagão e esticou o pescoço.

Sua garganta ficou seca.

Thorne.

Ele estava usando um uniforme de guarda lunar, mas não havia como confundir.

Ela colocou as duas mãos sobre a boca para não gritar o nome dele. Thorne estava lutando com o guarda da plataforma. O fuzil não estava em lugar nenhum. Quatro outros guardas e duas lanternas, com os fachos de luz apontando para lugares aleatórios nos trilhos, estavam espalhados pela plataforma. Cress reparou em um borrifo de sangue em um dos vagões no mesmo momento em que Iko atacou e se jogou em um sexto guarda, que tentava disparar contra Thorne. Mas foi um ataque desajeitado. Parecia haver alguma coisa errada com o braço direito dela.

O guarda segurou Iko, a prendeu no chão e envolveu seu pescoço com as mãos, sem perceber que a entrada de oxigênio não seria problema.

Cress viu uma arma abandonada a alguns passou e correu para pegá-la. Mas, assim que a segurou e mirou na luta, seus braços começaram a tremer. Ela nunca tinha disparado uma arma.

Cress estava tentando controlar a mão para mirar, quando dois tiros sucessivos ecoaram por seu crânio. O primeiro derrubou o guarda que estava em cima de Iko; o segundo acertou o guarda lutando com Thorne.

O mundo pareceu parar, exceto pelas respirações pesadas. O silêncio imaculado deixou seus ofegos insuportavelmente altos.

Com a confirmação de que os dois guardas estavam mortos ou incapacitados, Jacin colocou a arma no coldre.

Thorne olhou para Jacin com choque no rosto, enquanto se levantava e ajeitava a camisa. Ele parecia prestes a dizer alguma coisa quando Iko gritou "CRESS!" e correu para envolvê-la em um abraço de um braço só.

Cress cambaleou e se permitiu ser agarrada, mas seu olhar procurava Thorne. O queixo dele caiu quando enfim a encarou. Ele estava desgrenhado, ferido e sem fôlego. Thorne cambaleou e se aproximou até envolver Cress e Iko em um abraço enorme. Cress apertou bem os olhos na hora em que as lágrimas quentes começaram a embaçá-los. O braço dele ao redor de seus ombros. A barba por fazer roçando em sua testa. Uma das tranças de Iko em sua boca.

Ela nunca havia se sentido tão feliz.

Jacin grunhiu:

– Temos que ir.

Iko recuou, mas Thorne ocupou o espaço que ela deixou e aninhou o rosto de Cress nas mãos. Seu olhar se grudou ao dela, cheio de descrença. Seu polegar capturou a primeira lágrima de Cress.

De repente, ela se viu rindo e fungando e rindo mais. Baixou a cabeça e secou as lágrimas.

– Nada de chorar – disse ela. – Desidrata.

Os braços dele voltaram a envolvê-la. Ela sentiu o brado da voz de Thorne quando ele disse:

– É você. Graças às estrelas.

– Quando eu disse que temos que ir – disse Jacin –, quis dizer *agora*.

O braço de Thorne se contraiu e, com um aperto forte, ele a soltou e se virou para encarar Jacin. Um músculo tremeu em sua bochecha. Foi o único aviso antes de o pulso de Thorne acertar o maxilar de

Jacin. Cress conteve um gritinho.

Jacin cambaleou para trás e levou a mão até o local machucado.

– Isso é por ter nos entregado na Terra – disse Thorne. – E isso é por ter cuidado de Cress. – Ele puxou Jacin para um abraço e afundou o rosto em seu ombro.

Jacin revirou os olhos para o teto cavernoso.

– Não me faça me arrepender dessa decisão. – Ele empurrou Thorne para longe. – Sua visão voltou. Que bom. Vamos revistar esses homens para pegar armas e sair daqui.

Com um movimento de cabeça, Thorne se inclinou sobre um dos corpos e soltou a faca do cinto do guarda. Para a surpresa de Cress, ele a entregou para Jacin, que hesitou por um instante, mas a enfiou no cinto.

– Como vocês souberam onde nos encontrar? – perguntou Thorne.

– Não sabíamos. Estávamos saindo daqui. – Jacin franziu a testa. – Onde está Winter?

– Ela e Scarlet foram se esconder – disse Iko. Ela estava cutucando o braço direito inerte e puxando os dedos mortos. – Bem, mais ou menos. É complicado.

Thorne olhou para a androide.

– O que aconteceu?

Ela fez beicinho.

– Um dos guardas me esfaqueou no ombro. Acho que cortou alguma coisa importante. – Ela se virou para mostrar um corte irregular nas costas e suspirou. – Parece que hoje é o dia de pegar no pé de Iko.

Cress apertou os lábios em solidariedade, mas o lembrete das partes cibernéticas de Iko a fez se dar conta...

– Onde está Cinder?

O rosto de Thorne ganhou um ar sombrio, mas, antes que ele

pudesse responder, um sinal tocou no túnel. Cress pulou.

A tela holográfica na parede se acendeu com o rosto do taumaturgo Aimery Park.

– Povo de Luna, estou feliz em anunciar que a cerimônia de casamento está completa. Nossa honrada soberana, a rainha Levana, selou a aliança de casamento com o imperador Kaito, da Terra.

Iko grunhiu de um jeito nada feminino, atraindo os olhares de todos.

– Eu levo uma facada e *ela* se casa com Kai. Inacreditável.

– A cerimônia de coroação – prosseguiu Aimery –, na qual vamos receber o imperador Kaito como nosso honrado rei consorte, e Sua Majestade, a rainha Levana, receberá o título de imperatriz da Comunidade das Nações Orientais da Terra, vai acontecer daqui a dois dias, ao nascer do sol. – Os olhos de Aimery ganharam um brilho arrogante. – Nossa ilustre rainha pede que o povo de Luna participe da comemoração desta noite. O banquete de casamento será transmitido em todos os setores, e durante ele temos um julgamento especial planejado. A transmissão é obrigatória para todos os cidadãos e se iniciará vinte minutos depois do final deste anúncio.

O vídeo foi cortado.

– Julgamento especial? – perguntou Cress.

– É de Cinder – disse Thorne, olhando com raiva para o hológrafo. – Ela está com Cinder e Lobo. Acreditamos que os executará publicamente como forma de sufocar a insurreição.

Um tremor desceu pela espinha de Cress. *Vinte minutos*. Demoraria mais do que isso para voltarem ao palácio.

– Nós vamos salvá-la – disse Iko, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

– Desculpe – disse Jacin, falando com sinceridade. – Mas, se só temos vinte minutos, já é tarde demais.

CAPÍTULO

Quarenta e nove

Cinder enfiou a chave de fenda que tinha no dedo na parede ao lado da porta da cela. Um pouquinho de poeira e pedra caiu no chão, juntando-se à pilha aos pés dela. A pedra de lava era dura, mas as ferramentas de titânio eram mais, e a determinação estava mais forte do que nunca.

Ela estava com raiva. Estava frustrada. Estava com medo.

Estava consternada pela morte de Maha, que ficava se repetindo em sua memória, lhe dando vontade de enfiar a chave de fenda na própria têmpora para fazer com que parasse. Ela tinha avaliado a busca em MR-9 por todos os ângulos, torturando-se com possibilidades e cenários implausíveis, tentando encontrar um jeito de trazer Maha de volta à vida. De se libertar, junto com Lobo. De proteger os amigos. De derrotar Levana.

Estava ciente do quanto isso era inútil.

Talvez Aimery estivesse certo. Talvez ela devesse ter controlado todo mundo do setor desde o começo. Isso a teria transformado em tirana, mas também os teria mantido vivos.

Ela estava nauseada por causa do cheiro ruim vindo do balde perto da parede. Estava irritada pelo fato de os capangas de Levana terem levado sua melhor arma, o indicador cibernético com a arma acoplada, e de a terem trancado com a madrasta e a meia-irmã, que quase não falaram desde que ela chegou.

Racionalmente, ela sabia que não havia como soltar as dobradiças da porta antes de os guardas irem buscá-la. Sabia que estava trabalhando freneticamente sem nenhum motivo lógico. Mas não

conseguia simplesmente se sentar no chão, derrotada.

Como *elas* estavam.

Outra lasca de pedra caiu da parede.

Cinder soprou um cacho de cabelo para longe do rosto, mas a mecha caiu de volta no lugar.

De acordo com o relógio em sua cabeça, ela estava naquela cela havia mais de vinte e quatro horas. Ela não tinha dormido. E sabia que o casamento já teria terminado.

Esse pensamento gerou um nó em seu estômago.

Ocorreu a ela que, se tivesse deixado Levana levá-la de Nova Pequim, era lá que teria ido parar de qualquer forma. Ela ainda teria sido executada. Ainda ia morrer.

Ela tinha tentado fugir. Tinha tentado lutar. E tudo o que conseguiu foi uma espaçonave cheia de amigos que em breve levaria consigo.

– Por que ele chamou você de princesa?

Cinder parou e olhou com irritação para as marcas patéticas de arranhão que fez. Foi Pearl quem falou, sua voz frágil rompendo o silêncio pela primeira vez em horas.

Depois de empurrar a mecha rebelde com o pulso encharcado de suor, Cinder olhou para Pearl e Adri sem se dar ao trabalho de esconder seu desdém. Já tinha superado o ponto de sentir qualquer solidariedade por elas. Cada vez que uma pontada surgia, ela se relembrava de Adri exigindo que Cinder mancasse sem o pé por uma semana inteira, como lembrete de que "não era humana". Ou a vez que Pearl jogou a caixa de ferramentas de Cinder em uma rua lotada, estragando as luvas de seda que Kai tinha lhe dado.

Ela ficava lembrando a si mesma que, o que quer que acontecesse com elas, era merecido.

Não fazia com que se sentisse melhor. Na verdade, pensar no assunto a deixava se sentindo cruel e mesquinha, e também estava

provocando uma dor de cabeça.

Ela afastou o pensamento.

– Eu sou a princesa Selene – respondeu, voltando ao trabalho.

Pearl riu, um som histérico e curto, cheio de descrença.

Adri ficou em silêncio.

A cela se encheu com os ruídos persistentes de Cinder. A pilha foi ficando maior, uma pedrinha atrás da outra.

Ela nunca ia sair dali.

– Garan sabia. – A voz de Adri soou rouca.

Cinder parou de novo. Garan era o marido de Adri, o homem que tomou a decisão de adotar Cinder. Ela mal o conheceu.

Ela ficou irritada quando sua curiosidade a obrigou a se virar. Trocou a chave de fenda pela lanterna e apontou para a madrasta.

– Como é?

Adri se encolheu com os dois braços ao redor da filha. Elas não se moveram de onde estavam.

– Garan sabia – disse ela de novo. – Ele não me contou, mas quando foi levado para a quarentena me disse para cuidar de você. Disse que era para eu cuidar como se fosse a coisa mais importante do mundo. – Ela ficou em silêncio, como se o marido morto estivesse presente, acima delas todas.

– *Uau* – disse Cinder. – Você se saiu muito bem em atender ao pedido de um moribundo, não foi?

Adri apertou o olhar, cheia de uma repulsa que Cinder conhecia muito bem.

– Eu não vou tolerar que você fale comigo assim quando *meu* marido...

– *Você* não vai tolerar? – gritou Cinder. – Devo dizer todas as coisas que eu não vou tolerar? Porque é uma lista bem *longa*.

Adri se encolheu. Cinder se perguntou se Adri estaria com medo

dela agora que ela era lunar e criminosa procurada. Sua reação confirmou.

– Por que papai não disse nada? – perguntou Pearl. – Por que não nos contou?

– Talvez ele soubesse que vocês me venderiam para obter um resgate na primeira oportunidade que tivessem.

Pearl a ignorou.

– E, se você é mesmo a princesa, por que está aqui?

Cinder olhou para ela com raiva. Esperou. Viu a compreensão surgir no rosto de Pearl.

– Ela quer matar você para poder continuar sendo rainha.

– A garota merece um prêmio – disse Cinder.

– Mas o que isso tem a ver com a gente? – Lágrimas começaram a surgir nos olhos de Pearl. – Por que nós estamos sendo punidas? Não fizemos nada. Nós não *sabíamos*.

A adrenalina e a raiva de Cinder estavam sumindo, e a exaustão passou a ocupar o espaço que antes era delas.

– Vocês me deram seus convites de casamento, o que me permitiu sequestrar Kai, o que deixou Levana enlouquecida. Obrigada por isso, aliás.

– Como você pode só pensar em você em um momento assim? – perguntou Adri. – Como pode ser tão egoísta?

Cinder apertou as mãos em punhos.

– Se eu não cuidar de mim, ninguém cuida. Foi uma coisa que aprendi bem cedo, graças a você.

Adri puxou a filha e ajeitou o cabelo dela. Pearl se apoiou na mãe sem resistir. Cinder se perguntou se ela estava em choque. Talvez as duas estivessem.

Ela se virou para a parede e entalhou um *C* na pedra. As paredes estavam marcadas com centenas de palavras, nomes, súplicas,

promessas, ameaças. Ela considerou acrescentar um "*+ K*", mas a ideia de um capricho assim lhe deu vontade de bater com a cabeça na porta de ferro.

– Você é um monstro – sussurrou Adri.

Cinder deu um sorrisinho sem achar graça.

– Ótimo. Eu sou um monstro.

– Não conseguiu nem salvar Peony.

À menção da meia-irmã mais nova, uma nova onda de fúria surgiu como mil fios desencapados na cabeça de Cinder. Ela se virou.

– Você acha que eu não *tentei*?

– Você tinha um antídoto! – Adri também estava gritando, os olhos loucos, embora continuasse encolhida com Pearl. – Sei que você deu para aquele garotinho. Salvou a vida dele. Chang Sunto! – Ela cuspiu o nome como se fosse veneno. – Você o escolheu no lugar de Peony. Como pôde fazer isso? Por acaso a provocou com o antídoto? Deu a ela falsas esperanças antes de vê-la morrer?

Cinder ficou olhando boquiaberta para a madrasta, a raiva eclipsada por uma onda surpreendente de pena. Aquela mulher era tão cheia de ignorância que era quase como se *quisesse* continuar assim. Ela via o que queria, acreditava em qualquer coisa que apoiasse sua visão limitada do mundo. Cinder ainda se lembrava de como se sentiu ao percorrer as quarentenas de peste. De como segurou com desespero o frasco de antídoto. De como sentiu tanta esperança de conseguir salvar a vida de Peony, e como ficou tão arrasada quando falhou.

Ela chegara tarde demais. Ainda não se perdoava por isso.

Adri jamais saberia, jamais entenderia. Para ela, Cinder era apenas uma máquina, incapaz de qualquer coisa que não fosse crueldade.

Ela viveu com aquela mulher durante cinco anos, mas Adri nunca viu Cinder como era de verdade. Como Kai a via, além de Thorne e Iko

e todas as pessoas que confiavam nela. Todas as pessoas que a *conheciam*.

Ela balançou a cabeça e achou mais fácil do que esperava deixar as palavras da madrasta de lado.

– Não vou mais me explicar para você. Não vou mais procurar sua aprovação. Não quero mais saber de você.

Enquanto chutava a pilha de lascas de pedra, ela enfiou a chave de fenda na parede, e na mesma hora ouviu passos.

Seu maxilar se contraiu. Chegou a hora dela. Virando-se, alcançou Adri e Pearl em três passadas largas. As duas se encolheram.

Cinder segurou a parte da frente da blusa de Adri e a puxou.

– Se você *pensar* em contar para eles que meu pé pode ser removido com a mesma facilidade do dedo, vou obrigar você a arrancar seus próprios olhos com as unhas, nem que seja a última coisa que eu faça. Entendeu?

Adri ficou pálida e assentiu fracamente. A voz de um homem soou além da porta:

– Abra.

Cinder largou a madrasta no canto e se virou.

A porta se abriu, e a cela se encheu com a luz do corredor, um único guarda, o taumaturgo Aimery e quatro taumaturgos adicionais, usando uma mistura de vermelho e preto. *Cinco*. Que lisonjeiro.

– Sua Majestade exigiu o prazer da sua companhia – disse Aimery.

Cinder ergueu o queixo.

– Não posso prometer que minha companhia vai ser tão prazerosa quanto ela espera.

Ela andou até eles para mostrar que não estava com medo, mas de repente se sentiu jogada contra a parede. A dor subiu pela coluna, deixando-a sem ar nos pulmões. Isso a lembrou de todas as brigas de treino com Lobo na Rampion, só que cem vezes pior, porque Lobo

sempre parecia se sentir culpado depois.

O guarda que a jogou na parede colocou as mãos no pescoço dela. Cinder olhou de cara feia, apesar de saber que ele estava sendo controlado e que o verdadeiro agressor era um dos taumaturgos. O guarda olhou para ela.

– Esse foi seu primeiro aviso – disse Aimery. – Se você tentar fugir, se tentar lutar, se sentirmos você tentando usar seu dom, não vamos dar um segundo.

O guarda a soltou e Cinder cambaleou para trás, equilibrando-se com os joelhos firmes. Ela massageou o pescoço brevemente antes de seus pulsos serem puxados para as costas e amarrados.

O guarda a empurrou para a porta. Havia mais quatro no corredor, com as armas nas mãos. Infelizmente, eles já estavam sob o controle dos taumaturgos. Ela não tinha esperança de virar nenhum para seu lado.

Ainda.

Mas, se alguém escorregasse por um momento, ela não se daria ao trabalho de dar um *primeiro* aviso.

– Tragam as terráqueas também – disse Aimery.

Adri e Pearl choramingaram quando foram colocadas de pé, mas Cinder abaixou sua interface de áudio para não as ouvir. Não sabia por que Levana queria sua madrasta e sua meia-irmã, mas se achava que Cinder tinha alguma afeição por elas, ficaria decepcionada.

– Aonde estamos indo? – perguntou Cinder quando foi empurrada para longe da cela.

Houve um longo silêncio, e ela teve certeza de que estava sendo ignorada, mas Aimery acabou respondendo:

– Você será convidada de honra no banquete de casamento de Sua Majestade.

Ela contraiu o maxilar. *Banquete de casamento.*

– Mas eu esqueci meu vestido de baile na Terra.

Desta vez, foi uma das mulheres que riu.

– Não se preocupe – disse ela. – Você não ia querer mesmo sujar o vestido todo de sangue.

CAPÍTULO

Cinquenta

Cinder se viu em frente a um par de portas ameaçadoras, preto ébano. Tinham o dobro da altura dela e, em um palácio feito quase todo de vidro e pedra branca, parar na frente delas era como estar na beirada de um buraco negro. Eram minimamente decoradas com duas maçanetas grossas de ferro preto que se arqueavam quase até o chão. A insígnia lunar tinha sido entalhada na madeira em detalhes mínimos, representando a capital Artemísia e, ao longe, a Terra.

Dois guardas abriram as portas e Cinder ficou de cara com um corredor de mais taumaturgos e guardas, e agora de soldados lobos mutantes também. A visão fez Cinder tremer. Eles não eram agentes especiais como Lobo. Esses homens foram transformados em algo bestial e grotesco. Os ossos dos maxilares eram deformados e reforçados para suportarem os enormes caninos; os braços pendiam desajeitados ao lado do corpo, como se as colunas não estivessem acostumadas ao peso dos novos músculos e dos membros prolongados.

Ocorreu a ela que eles não eram tão diferentes de ciborgues. Ambos eram feitos para serem melhores do que eram quando nasceram. Ambos não eram naturais. Só que, em vez de serem montados com fios e aço, essas criaturas eram um quebra-cabeça de tecido muscular e cartilagem.

O guarda puxou o cotovelo de Cinder, e ela cambaleou para a frente. Os soldados a observaram com olhares afiados e famintos.

Lobo tinha lhe dito que aqueles soldados eram diferentes. Que eram erráticos e selvagens, desejando apenas violência e sangue. Uma

lunar poderosa como a rainha poderia enganá-los para que percebessem um glamour, mas não passava disso. Nem os taumaturgos controlavam as mentes e corpos deles, e por isso tinham que treinar os soldados como cachorros. Se eles se comportassem mal, eram punidos com dor. Se tivessem um bom desempenho, eram recompensados. Só que as recompensas que Lobo mencionou não pareceram a Cinder tão atraentes.

Evidentemente, na Terra, cada morte sangrenta era uma recompensa em si. Eles estavam *ansiosos* para participar de uma guerra.

Cinder abriu a mente para eles, para tentar sentir as pulsações bioelétricas. A energia deles ardia quente e branca e violenta. Fome e tentação se retorciam embaixo da pele. Ela ficou tonta só com a ideia de tentar controlar tanta energia bruta.

Mas ela tinha que tentar.

Respirando de forma controlada, Cinder tentou alcançar a mente do soldado mais próximo. A energia dele era escaldante e faminta. Ela a imaginou esfriando, se acalmando. Imaginou o soldado olhando para ela e vendo não uma inimiga, mas uma garota que precisava ser salva. Uma garota que merecia sua lealdade.

Ela olhou nos olhos do soldado e viu sua boca se curvar em um sorriso doentio ao redor dos dentes irregulares.

Desanimada, Cinder desviou a atenção.

Ao chegar perto do final do corredor de soldados, ela tentou absorver o resto dos arredores. Havia conversas animadas e gargalhadas e o ruído caótico de copos. O aroma de comida a atingiu como uma nuvem de vapor liberada de uma panela fechada. Sua boca se encheu de saliva. Cebola e alho e carne assada e alguma coisa apimentada que fez seus olhos arderem...

O estômago gritou com ela. Uma tontura surgiu no cérebro, como

uma névoa. Ela não comia havia um dia, e mesmo aquela refeição não fora satisfatória.

Ela engoliu em seco e tentou se concentrar, observando o aposento. À direita, janelas enormes davam vista para um lago, ladeado pelas alas curvas do palácio branco, como um cisne protetor enorme. O lago se estendia até onde ela conseguia ver. O chão do aposento se projetava como uma varanda acima da água. Embora formasse uma vista contínua, Cinder não podia negar a sensação de medo surgindo no estômago. Não havia amurada para impedir que uma pessoa caísse da beirada.

As conversas começaram a morrer, mas Cinder só viu a plateia à esquerda quando chegou ao fim da fila de soldados.

A luz laranja se acendeu em sua visão e não se apagou, não importava para onde ela olhava. Havia muito glamour ali.

No centro estava Levana, sentada em um trono branco enorme, com o encosto ornamentado com as fases da lua. Ela estava usando um vestido de noiva vermelho elaborado.

O display na retina de Cinder começou a captar as feições básicas da rainha. Era como estar no baile de novo, na primeira vez que fixou os olhos em Levana e percebeu que era possível enxergar embaixo do glamour com sua optobiônica. Mas não era uma tarefa fácil. Os olhos de ciborgue entravam em conflito com o cérebro dela e com a manipulação da rainha, e sua mente não identificava o que estava vendo. O resultado era um fluxo de dados constantes, cores manchadas, linhas fragmentadas tentando identificar o que era real e o que era ilusão.

Era perturbador e já estava provocando uma dor de cabeça. Cinder piscou para afastar os dados.

Cinco fileiras de assentos faziam um arco ao redor do trono, um crescente de observadores cercando Cinder por todos os lados,

exceto o que dava caminho para a queda até o lago. A corte lunar. As mulheres usavam chapéus grandes com formato de pavão, e um homem tinha um leopardo das neves caído sobre os ombros; os vestidos eram feitos de correntes de ouro e rubis, sapatos plataforma tinham peixes beta nadando nos saltos, a pele tinha sido pintada de prateado, os cílios decorados com pedras e escamas de peixe...

Cinder precisou piscar por causa de tanto brilho. Glamour, glamour, *glamour*.

Uma cadeira foi empurrada. O coração de Cinder deu um pulo.

O noivo estava de pé ao lado do trono de Levana, usando uma camisa branca de seda com uma faixa vermelha. *Kai.*

– O que é isso? – perguntou ele, o tom de sua voz flutuando entre o horror e o alívio.

– Isso é nosso entretenimento desta noite – disse a rainha Levana, com o olhar cheio de humor. – Considere como meu presente de casamento para você. – Sorrindo, ela passou o nó do dedo na lateral do rosto de Kai. – *Marido.*

Kai recuou do toque dela e ficou com as bochechas vermelhas. Mas Cinder sabia que não era constrangimento nem acanhamento. Era pura fúria. Sentia na forma como o ar estalava ao redor dele.

Levana girou o dedo com uma unha comprida no ar.

– Os procedimentos desta noite serão transmitidos ao vivo para que meu povo possa testemunhar e participar das comemorações deste dia tão glorioso. E também para que saibam o destino da impostora que ousa se dizer *rainha*.

Ignorando-a, Cinder examinou o teto. Não havia câmeras visíveis, mas ela sabia que Levana tinha talento para criar aparatos de vigilância que eram praticamente invisíveis.

Considerando que a rainha não estava usando véu, era seguro supor que qualquer imagem de vídeo estaria direcionada para o

“entretenimento”. Levana queria que o povo visse a execução de Cinder. Queria que perdessem as esperanças na revolução.

Levana levantou os braços.

– Que comecemos o banquete.

Servos uniformizados apareceram em fila única por trás de uma cortina. O primeiro se ajoelhou aos pés da rainha e levantou a tampa de cima de uma tigela, segurando-a acima da cabeça. O sorrisinho da rainha cresceu quando ela escolheu um camarão grande e rosado, e cortou a carne com os dentes.

Outro servo se ajoelhou na frente de Kai, enquanto os outros cercavam o aposento e ficavam de joelhos em frente aos convidados, revelando bandejas de ovas alaranjadas de peixe e ostras fumegantes, tiras grelhadas de carne e pimentões recheados. Cinder percebeu que Kai não era o único terráqueo no aposento. Ela reconheceu o conselheiro dele, Konn Torin, sentado na segunda fila, e o presidente americano, a primeira-ministra africana, o governador-geral australiano e... Ela parou de olhar. Estavam todos lá, como Levana queria.

Com o coração disparado, olhou para os servos, guardas e soldados de novo, torcendo para que Lobo também tivesse sido levado perante a rainha. Mas ele não estava ali. Cinder, Adri e Pearl eram as únicas prisioneiras.

Ela foi tomada de preocupação. Para onde o tinham levado? Será que ele já estava morto?

Cinder desviou o olhar para Kai novamente. Se ele tinha reparado na comida, ignorou. Ela conseguia ver seu maxilar trabalhando, querendo questionar a presença dela, querendo saber o que a rainha estava planejando. Conseguia vê-lo tentando arrumar um jeito lógico de sair daquilo, de encontrar um ângulo diplomático que pudesse usar para impedir que o inevitável acontecesse.

– Sente-se, meu amor – disse Levana. – Senão vai atrapalhar a visão dos convidados.

Kai se sentou rápido demais para que tivesse sido por vontade própria. Ele virou o olhar fulminante para a rainha.

– Por que ela está aqui?

– Você parece zangado, meu bichinho. Está insatisfeito com nossa hospitalidade?

Sem esperar resposta, Levana ergueu o queixo e olhou para Cinder, depois para Adri e Pearl.

– Aimery, pode prosseguir.

Ele andou pela frente do salão e deu um sorrisinho debochado para Cinder quando passou por ela. Embora o casaco tivesse sido lavado para limpar o sangue, ele ainda estava andando com rigidez para esconder a perna machucada.

Aimery ofereceu o cotovelo para Adri, que emitiu um som apavorado e meio estrangulado. Ela demorou para aceitar. Parecia que ia vomitar quando Aimery a levou até o centro da sala do trono.

Ao redor deles, o som de mastigação e dedos lambidos persistiu, como se as iguarias fossem tão interessantes quanto os prisioneiros. Os servos ainda estavam de joelhos, segurando as travessas acima das cabeças. Cinder fez uma careta. Será que aquelas travessas estavam muito pesadas?

– Apresento à corte Linh Adri, da Comunidade das Nações Orientais, União Terráquea – disse Aimery, soltando o braço de Adri para que ela ficasse sozinha, de pé sobre pernas trêmulas. – Ela foi acusada de conspiração contra a coroa. A punição para esse crime é a morte imediata pela própria mão, e que sua filha e dependente, Linh Pearl, seja entregue como serva para uma das famílias de Artemísia.

Cinder ergueu as sobrancelhas. Até o momento, estava preocupada com o próprio destino, e não ocorreu a ela que Adri

pudesse ter sido levada ali por qualquer outro motivo além de irritá-la.

Ela queria não se importar. Queria não sentir nada além de desinteresse pelo destino da madrasta.

Mas sabia que, com todos os defeitos que tinha, Adri não fez nada para merecer uma execução lunar. Era um jogo de poder por parte de Levana, nada mais, e era impossível não sentir uma pontada de pena da mulher.

Adri caiu de joelhos.

– Eu juro que não fiz nada. Eu...

Levana levantou a mão e Adri ficou em silêncio. Um momento agonizante veio em seguida, no qual a expressão de Levana se tornou ilegível. Finalmente, ela estalou a língua, como quem repreende uma criancinha.

– Aimery, continue.

O taumaturgo assentiu.

– Uma investigação mostrou que os dois convites com os quais os cúmplices de Linh Cinder invadiram o palácio de Nova Pequim para sequestrar o imperador Kaito foram dados por esta mulher. Os convites eram para ela e para a filha adolescente.

– *Não!* Ela roubou! *Roubou!* Eu jamais os daria para ela. Eu jamais a ajudaria. Eu a odeio... *odeio!* – Chorou de novo, com os ombros tão encolhidos que ela toda era praticamente uma bola no chão. – Por que isso está acontecendo comigo? O que eu fiz? Eu não... Ela não é minha...

Cinder estava achando mais fácil não se importar.

– Você precisa se acalmar, sra. Linh – disse Levana. – Vamos saber a verdade sobre sua lealdade em pouco tempo.

Adri choramingou e fez uma tentativa de se recompor.

– Assim é melhor. Você foi guardiã legal de Linh Cinder por quase

seis anos, correto?

O corpo todo de Adri estava tremendo.

– É... é verdade. Mas eu não sabia o que ela era, eu juro. Foi meu marido que quis ficar com ela, não eu. *Ela* é a traidora! Cinder é uma criminosa, além de uma garota perigosa e falsa. Mas eu achava que ela era só uma ciborgue. Não fazia ideia do que estava planejando, senão eu mesma a teria entregado.

Levana passou uma unha pelo braço do trono.

– Você estava com Linh Cinder quando ela passou pelas cirurgias ciborgues?

Os lábios de Adri se curvaram de nojo.

– Pelas estrelas, não. A operação foi executada na Europa. Eu só a conheci quando ela foi levada para Nova Pequim.

– Seu marido estava presente na operação?

Adri piscou, desconcertada.

– Eu... eu acho que não. Nós nunca falamos disso. Mas ficou fora duas semanas quando foi... buscá-la. Eu sabia que ele ia ver uma criança que tinha sofrido um acidente de aerodeslizador. Mas nunca entendi *por que* ele achou que devia ir até a Europa para fazer caridade, e a filantropia dele foi recompensada só com sofrimento. Ele contraiu letumose nessa viagem, morreu semanas depois de voltar, me deixando para cuidar das minhas duas filhas pequenas e dessa *coisa* que deixou sob minha tutela...

– Por que você nunca tentou ganhar dinheiro com as invenções de seu marido após a morte dele?

Adri olhou para a rainha de boca aberta.

– Perdão, Vossa Majestade?

– Ele era inventor, não era? Deve ter deixado alguma coisa de valor.

Adri pensou nisso, talvez se perguntando por que a rainha lunar estava interessada em seu falecido marido. Seu olhar se desviou entre

os guardas e os lunares.

– N-Não, Vossa Majestade. Se havia qualquer coisa de valor, nunca vi um único univ derivado dela. – Uma sombra recaiu sobre seu rosto. – Ele nos deixou sem nada, em pura desgraça.

A voz de Levana soou gelada:

– Você está mentindo.

Adri arregalou os olhos.

– Não! Não estou. Garan não nos deixou nada.

– Tenho provas do contrário, terráquea. Você me acha tola?

– Que provas? – gritou Adri. – Eu não... eu juro... – Mas o que ela queria dizer foi afogado por uma onda de soluços e choro.

Cinder trincou o maxilar. Não sabia que jogo Levana estava fazendo, mas sabia que a histeria de Adri não faria a menor diferença. Ela considerou usar seu dom lunar para interromper o choro descontrolado de Adri, para que ela pudesse morrer com um pouco de dignidade, mas endureceu o coração e não fez nada. Ela talvez precisasse de suas forças quando chegasse a hora de seu próprio julgamento. Quando fosse sua vez, ela se prometeu não desmoronar em tremores e choro.

– Aimery – disse Levana, suas palavras interrompendo o choro de Adri.

– Um dos nossos regimentos encontrou uma caixa de documentos no depósito alugado para Linh Adri no prédio dela.

Levana deu um sorrisinho.

– Você ainda quer manter sua defesa de que não houve nada de valor deixado pelo seu marido? Nenhuma papelada importante guardada no depósito?

Adri hesitou. Começou a balançar a cabeça, mas parou.

– Eu... eu não sei...

– Os documentos indicavam uma patente pendente de design de

uma arma com o propósito de neutralizar o dom lunar – declarou Aimery. – Desconfiamos que essa arma tenha sido criada para ser usada logo contra *Vossa Majestade*.

Cinder estava se esforçando para acompanhar as acusações de Aimery. *Uma arma com o propósito de neutralizar o dom lunar.* Ela quase não conseguiu se controlar para não massagear a nuca, onde a invenção de Linh Garan, um dispositivo de segurança bioelétrica, tinha sido instalado na parte ciborgue dela. Era disso que estavam falando?

– Espere – disse Kai, sua voz trovejando. – Você tem esses papéis que supostamente provam a culpa dela?

Aimery inclinou a cabeça.

– Já foram destruídos, por questão de segurança real.

Os nós dos dedos de Kai ficaram brancos nos braços da cadeira.

– Você não pode destruir provas e depois tentar usá-las para condenar uma pessoa. Vocês não podem esperar que acreditemos que vocês encontraram essa caixa de documentos durante uma busca ilegal, devo acrescentar, e que eles tinham as patentes de uma arma direcionada aos lunares, e que Linh Adri tinha qualquer conhecimento disso. É *muita* especulação. Além disso, vocês violaram uma quantidade de artigos do Acordo Interplanetário quando apreenderam uma cidadã terráquea sem motivo justificado *e* invadiram propriedade particular.

Levana apoiou a bochecha na mão.

– Por que não discutimos isso depois, querido?

– Ah, você quer discutir *depois*? Isso seria antes ou depois de você ter matado uma terráquea inocente?

Levana deu de ombros.

– Isso ainda vai ser resolvido.

Kai fez um ruído de desprezo.

– Você não pode... – Ele parou de falar de repente, obrigado a calar a boca.

– Você vai aprender logo, querido, que não gosto que me digam que eu não *posso*. – Levana voltou a atenção para Adri. – Linh Adri, você ouviu as acusações contra você. Como se declara?

Adri gaguejou.

– E-Eu sou inocente. Juro que nunca... eu não sabia... eu...

Levana suspirou.

– Eu quero acreditar em você.

– *Por favor* – implorou Adri.

Levana comeu outro camarão. Engoliu. Lambeu os lábios vermelho-sangue.

– Estou preparada para oferecer clemência.

Uma agitação de curiosidade se espalhou pela multidão.

– Essa decisão depende de você renunciar a todo o interesse legal na criança órfã, Linh Cinder, e de jurar lealdade a mim, a rainha de Luna por direito e futura imperatriz da Comunidade das Nações Orientais.

Adri já estava balançando a cabeça.

– Sim. Sim, eu juro. Com prazer, Vossa Graça. Vossa Majestade.

Cinder olhou com raiva para a nuca de Adri. Não por a decisão dela ser surpreendente, mas porque não achava que as coisas fossem ser tão fáceis. Levana estava planejando alguma coisa, e Adri estava caindo direto nas mãos dela.

– Que bom. Você está absolvida de todas as acusações. Pode demonstrar respeito por sua soberana. – Levana esticou a mão e Adri, depois de um momento de hesitação, se aproximou de joelhos e deu um beijo grato nos dedos da rainha. Ela começou a chorar de novo. – A criança não tem gratidão? – perguntou Levana.

Pearl gemeu, mas se aproximou lentamente e beijou as mãos de

Levana.

Uma mulher na fila da frente, com a boca cheia, aplaudiu educadamente.

Levana assentiu e dois guardas se aproximaram para arrastar Adri e Pearl para a lateral do salão.

Cinder já tinha deixado de lado os pensamentos na madrasta, e estava se preparando quando Levana voltou a atenção para a ciborgue. A rainha não fez nenhuma tentativa de esconder o prazer quando falou:

– Vamos continuar com nosso segundo julgamento.

CAPÍTULO

Cinquenta e um

Cinder foi devagar até o local onde Adri se sujeitara a Levana momentos antes. Firmou os pés e expulsou o ar do peito para se acalmar, embora fosse impossível ignorar o tremor da pulsação e a lista de trinta hormônios diferentes que o display da retina dizia que estavam se espalhando pelo seu sistema. O cérebro estava extremamente ciente do medo que ela sentia.

Dois guardas a ladearam.

– Nossa segunda prisioneira, Linh Cinder, foi acusada dos seguintes crimes – disse Aimery, andando na frente dela. – Emigração ilegal para a Terra, rebelião, ajuda a um traidor da coroa, conspiração contra a coroa, sequestro, intromissão em questões intergalácticas, obstrução de justiça, roubo, fuga da prisão e traição real. A punição para esses crimes é a morte imediata pela própria...

– Não – disse a rainha Levana. Sorrindo. Estava claro que ela tinha pensado muito nesse momento. – Já ficou provado que é muito difícil manipulá-la, então abriremos uma exceção. A punição dela será a morte imediata por... ah, por... o quê? Veneno? Afogamento? *Fogueira?*

Ela estreitou os olhos na última palavra, e Cinder teve uma lembrança ruim, um pesadelo que teve uma centena de vezes. Uma cama com carvões quentes e vermelhos queimando sua pele, sua mão e sua perna virando cinzas.

– Desmembramento! – gritou um homem. – Começando por esses membros artificiais horríveis!

Essa sugestão recebeu um rugido de aprovação da multidão. Levana permitiu a confusão por um momento, mas levantou a mão

pedindo silêncio.

– É uma sugestão cruel para uma garota cruel. Vou permitir.

Gritos explodiram pelo salão.

Kai ficou de pé.

– Vocês são *selvagens*?

Levana o ignorou.

– Outra ideia me vem à mente. Talvez a honra de executar essa punição deva ser de ninguém além da minha mais nova e leal súdita. Acredito que esteja ansiosa para agradar. – Levana curvou os dedos. – Linh Adri. Quer se aproximar de novo?

Adri parecia prestes a desmaiar. Ela deu dois passos incertos para a frente.

– Eis a oportunidade de você provar que é leal a mim, sua futura imperatriz, e que despreza sua antiga filha de criação tanto quanto ela merece.

Adri engoliu em seco. Estava suando.

– Vossa Majestade... quer que eu...

– Quero que a *desmembre*, sra. Linh. Acho que você vai precisar de uma arma. Do que gostaria? Vou mandar trazer. Uma machadinha, talvez, ou um machado? Acho que uma faca faria sujeira, mas um machado bem afiado...

– Pare com isso – disse Kai. – É repugnante.

Levana se encostou na cadeira.

– Estou começando a achar que você não está apreciando seu presente de casamento, meu querido. Pode ir embora se os procedimentos o incomodam.

– Eu não vou deixar que você faça isso – sibilou ele entredentes, com o rosto vermelho.

Levana deu de ombros para Kai.

– Você não pode me impedir. E não vai impedir a coroação. Tem

coisas demais em jogo para arriscar por uma garota qualquer... uma *ciborgue*. Sei que você vai concordar.

Os nós dos dedos de Kai ficaram brancos, e Cinder o imaginou batendo na rainha ou tentando fazer alguma coisa igualmente idiota.

– *Cortador de fios* – disse ela, e o tom de voz e a declaração aleatória bastaram para atrair a atenção de todo mundo. Kai franziu a testa, mas só naquele momento entre a confusão e o início da manipulação. Ela procurou a energia dele, estalando e quente, e fez o melhor que pôde para acalmá-lo. – Está tudo bem – disse ela, aliviada de ver os músculos dele relaxarem.

Ele provavelmente ficaria com raiva por causa disso mais tarde.

Rosnando, Levana empurrou a bandeja de petiscos e se levantou, derrubando o servo para o lado. Ele saiu correndo.

– Pare de manipular meu marido.

Cinder riu, voltando o olhar para a rainha.

– Não seja hipócrita. Você o manipula o tempo todo.

– Ele é *meu*. Meu marido. Meu rei.

– Seu prisioneiro? Seu bichinho? Seu troféu? – Cinder deu um passo à frente e um guarda se aproximou e botou a mão em seu ombro para segurá-la, enquanto mais seis ficaram em alerta. Cinder fungou. Era bom saber que podia deixar Levana tensa, mesmo com as mãos amarradas. – Deve ser tão gratificante saber que todos os relacionamentos que você tem são baseados em mentiras.

Levana curvou o lábio e, por um momento, uma imagem confusa e inconsistente surgiu no display da retina de Cinder. Havia alguma coisa errada com o lado esquerdo do rosto de Levana. Uma pálpebra parcialmente fechada. Marcas estranhas na bochecha. Cinder piscou depressa, perguntando-se se a raiva de Levana estava fazendo com que ela perdesse o controle do glamour ou se era sua optobiônica tentando entender a anomalia à frente.

Ela piscou pela sobrecarga de dados visuais, tentando disfarçar a perda de foco.

Os guardas começaram a relaxar quando a rainha se acalmou.

– Você é a mentira – disse Levana, sua voz controlada. – Você é uma fraude.

A atenção de Cinder foi atraída pela boca da rainha, normalmente tão perfeita e vermelha. Mas alguma coisa estava estranha. Havia uma curva estranha para baixo que não se encaixava no sorriso indiferente de sempre.

Havia estrago por baixo do glamour. Algum tipo de cicatriz. Talvez até paralisia.

Cinder a encarou, a pulsação trovejando na cabeça. Uma ideia, uma esperança começou a surgir no fundo de sua mente.

– Acredite, já fui chamada de coisa pior – disse ela, obrigando-se a retomar a expressão de indiferença, embora percebesse que era tarde demais. Levana tinha visto a mudança nela, ou talvez tivesse sentido. A rainha ficou na defensiva na mesma hora, desconfiada.

Levana poderia se resguardar o quanto quisesse. Poderia usar o glamour em todo mundo naquele salão, em todo mundo no reino.

Mas não poderia enganar Cinder. Ou melhor, não poderia enganar o computador interno de Cinder.

Ela parou de resistir à enxurrada de dados sendo reunida pela interface do cérebro-máquina. O glamour era uma construção biológica. Era usar a bioeletricidade natural de uma pessoa para criar pequenos pulsos elétricos no cérebro, para mudar o que se via, pensava, sentia e fazia. Mas a parte ciborgue do cérebro de Cinder não poderia ser influenciada por bioeletricidade. Era tudo máquina, tudo dados, programação, e matemática e lógica. Quando dava de cara com um glamour lunar ou quando um lunar tentava manipulá-la, as duas partes do cérebro entravam em guerra, tentando decidir

qual lado deveria ser dominante.

Desta vez, ela deixou o lado ciborgue vencer.

A enxurrada caótica de informações voltou com tudo. Peças tentando se acertar, como ver um quebra-cabeça feito de pixels e código binário se resolver em sua cabeça. Tal como uma câmera colocada em foco, todos os glamoures do salão foram substituídos pela verdade. A pele de leopardo das neves não passava de uma capa de pele falsa. Os sapatos de aquário não passavam de acrílico transparente. Levana estava mesmo usando um vestido vermelho elaborado, mas havia partes onde estava apertado demais ou ficava frouxo demais, e a pele que aparecia no braço esquerdo era...

Tecido cicatricial. Nada diferente da pele de Cinder ao redor das próteses.

Quando o mundo se acertou e a realidade de retalhos parou de se mover e girar e se unir, Cinder mandou o cérebro começar a gravar.

– Sou culpada dos crimes que você listou – disse ela. – Sequestro e conspiração e todo o resto. Mas isso não é nada em comparação ao crime que você cometeu treze anos atrás. Se existe alguém nesta sala culpado de traição real, esse alguém é essa mulher sentada naquele trono. – Ela grudou o olhar em Levana. – No *meu* trono.

A multidão se agitou e Levana deu um sorrisinho, fingindo indiferença, apesar de as mãos estarem tremendo, e os detalhes delas ficarem variando entre dedos leves e pálidos e um mindinho murcho. As mudanças constantes dificultavam a concentração de Cinder.

– Você não passa de uma criminosa – disse Levana, com a voz retorcida. – E será executada por seus crimes.

Cinder dobrou a língua, testou seu uso, e ergueu a voz:

– Eu sou a princesa Selene.

Levana se inclinou para a frente.

– Você é uma impostora!

– E estou pronta para retomar o que é meu. Povo de Artemísia, essa é sua chance. Renunciem a Levana como rainha e jurem lealdade a mim, ou juro que, quando eu colocar essa coroa, todas as pessoas neste salão serão punidas por sua traição.

– Já *basta*. Matem-na.

No primeiro momento, os guardas não se mexeram, e a breve hesitação foi toda a informação de que Cinder precisava. Levana, em sua histeria, perdeu o controle mental de seus protetores.

Antes que os taumaturgos percebessem o que tinha acontecido, Cinder entrou nas mentes deles. Doze guardas reais. Doze homens que eram, como Jacin já tinha dito, como marionetes sem cérebro. Marionetes para a rainha usar como quisesse. Doze protetores armados, prontos para obedecer a cada ímpeto dela.

O display da retina de Cinder se encheu de informações: seus batimentos acelerados, o disparo da manipulação bioelétrica, a adrenalina correndo em suas veias. O tempo ficou mais lento. As sinapses do cérebro dispararam mais rápido do que ela era capaz de reconhecer, com informações sendo gravadas e traduzidas e armazenadas antes que ela pudesse interpretar. Sete taumaturgos: dois de preto atrás da rainha, os quatro que levaram Cinder da cela até a porta e Aimery. O guarda mais próximo estava oitenta centímetros à esquerda. Seis soldados lobos: o mais próximo a 3,1 metros; o mais distante a 6,4 metros. Quarenta e cinco lunares na plateia. Kai e seu conselheiro e cinco líderes terráqueos, junto com dezessete representantes adicionais da União. Trinta e quatro servos ajoelhados como estátuas, tentando lançar olhares à garota que alegava ser rainha deles.

Doze guardas com doze armas e doze facas, todos pertencendo a ela.

Ameaças foram pesadas, avaliadas, medidas. Perigos viraram dados

em uma calculadora mental. A faca surgiu na ponta do dedo de Cinder.

Todos os terráqueos se abaixaram para se esconder, inclusive Kai. Só depois ela percebeu que foi ela mesma quem o forçou.

Então, ela usou onze dos doze guardas para abrir fogo.

Onze armas foram disparadas, todas mirando nos seis lobos mutantes, enquanto o guarda mais perto de Cinder puxava a faca e cortava as amarras dos pulsos dela. Na pressa, ela sentiu a lâmina bater na palma de metal.

Suas mãos estavam livres. O corpo e a mente estavam em harmonia, como Lobo tinha ensinado. O cérebro fez a lista de ameaças.

Os soldados lobos pularam em cima dos guardas quando outra rodada de tiros explodiu ao redor.

O servo mais próximo ficou de pé e partiu para cima de Cinder, como se para derrubá-la.

Cinder o segurou e empurrou na direção de um taumaturgo. Eles colidiram com uma série de grunhidos e caíram no chão.

– *Matem-na!* – soou a voz de Levana.

Mais tiros fizeram os tímpanos de Cinder latejar. Corpos se moviam e cadeiras faziam ruído ao serem arrastadas no chão, e Cinder perdeu a noção de onde os guardas estavam e se algum soldado lobo tinha caído, e dois aristocratas estavam correndo para cima dela dos dois lados, e ela mandou os guardas se concentrarem nos taumaturgos, nos taumaturgos, *agora*. Houve outra saraivada de balas e os aristocratas gritaram e se encolheram e tentaram sair do meio da confusão assim que foram libertados.

Um soldado lobo pegou Cinder por trás. Seu ombro explodiu em dor, os dentes caninos rasgando sua pele. Ela gritou. Sangue quente escorreu pelo braço. Cinder levantou a mão ciborgue e atacou

cegamente, e a lâmina encontrou carne. O soldado a soltou com um rugido e ela girou, chutando-o para longe.

Tremendo da cabeça aos pés, tentou recuperar as mentes dos guardas, mas, naquele segundo de distração, a sala foi esvaziada das ondas bioelétricas deles. Dez estavam mortos, tinham sido destruídos pelos soldados, que se viraram contra eles com ferocidade surpreendente, apesar dos buracos de bala perfurando seus peitos e barrigas.

No caos, Cinder encontrou Kai, que a observava boquiaberto.

A ciborgue afastou os olhos e encontrou a rainha, ainda gritando e tentando dar ordens, mas os dois guardas que restavam não pertenciam mais a ela, os lobos não ligavam para quem estavam atacando, e os taumaturgos... mortos. Todos mortos. Cinder matou todos. Exceto talvez Aimery, que Cinder não encontrou no caos. Ela o queria, mas tinha outra pessoa que queria mais.

Com a mente lúcida, Cinder se inclinou para pegar uma arma de um dos guardas mortos. Ela levantou o braço, trincando os dentes por causa da dor ardente no ombro, e mirou no ponto entre os olhos da rainha.

Por uma fração de segundo, Levana pareceu apavorada.

Mas Kai se posicionou entre elas, o rosto frouxo por causa da manipulação.

Suor escorreu para os olhos de Cinder e borrou o mundo ao redor.

As portas pesadas se abriram, e logo veio o som de botas no corredor.

Os reforços tinham chegado.

Animada, Levana fez todas as pessoas que restavam no salão partirem para cima de Cinder. Os terráqueos e os aristocratas podiam não ter armas, mas tinham muitas mãos e muitas unhas e muitos dentes. Os novos guardas estariam logo atrás.

Qual tinha sido sua sentença? *Morte por desmembramento.*

Cinder baixou a arma, girou e correu. Passou pelos lunares marionetes e suas roupas cintilantes. Passou pelos servos desmiolados e pelos taumaturgos mortos e pelas manchas de sangue e pelas cadeiras caídas e por Pearl e Adri encolhidas no canto. Ela correu para a única rota de fuga: a varanda aberta acima da água.

A dor no ombro latejava, e ela usou-a como lembrete para correr mais rápido, os pés batendo com força no mármore.

Ela ouviu tiros, mas já tinha pulado. O céu negro se abriu à frente, e ela caiu.

CAPÍTULO

Cinquenta e dois

Kai estava grudado no chão, uma estátua cercada de tormento. Levana estava gritando, não, *berrando*; sua voz normalmente melódica estava rouca e insuportável. Estava dando ordens (*Encontrem-na! Tragam-na de volta! Matem-na!*), mas ninguém ouvia. Não tinha sobrado ninguém para ouvir.

Quase todos os guardas estavam mortos. Os taumaturgos estavam mortos. Os soldados lobos estavam mortos. Uma quantidade de corpos de servos e de aristocratas se espalhava pelo chão também, caídos em meio ao sangue e à mobília quebrada, vítimas de soldados híbridos famintos, soltos em uma multidão alheia e desarmada.

Ao lado dele, Levana arrancou o colar de uma mulher lunar e jogou para uma serva encolhida no chão, respingada de sangue.

– Você! Traga mais guardas! Quero todos os guardas e taumaturgos do palácio nesta sala agora. E *vocês*... limpem essa sujeira! Por que estão aí parados?

Os criados se dispersaram, meio engatinhando e meio escorregando na direção das saídas escondidas nas paredes.

A percepção começou a tomar o lugar do choque, e Kai olhou ao redor e viu um grupo de líderes terráqueos amontoados em um canto. Torin estava entre eles. Parecia abalado. O terno estava desgrenhado.

– Você está machucado? – perguntou Kai.

– Não, senhor. – Torin foi até Kai e se segurou nas costas das cadeiras, para não escorregar no chão cheio de sangue. – E você?

Kai balançou a cabeça.

– Os terráqueos...?

– Todos aqui. Nenhum parece estar ferido.

Kai tentou engolir, mas sua garganta pareceu seca demais e a saliva ficou grudada até ele tentar novamente.

Ele viu Aimery saindo de uma das alcovas de servos, o único taumaturgo a sobreviver, embora mais tivessem chegado depois. Os membros da corte que ainda não tinham fugido da sala do trono estavam colados às paredes de trás, chorando histericamente ou falando sem parar, tentando reviver o evento traumático e juntando as partes da história. Quem viu o que e quais guardas atiraram em quem e aquela garota acreditava mesmo que era a princesa perdida?

Cinder, faminta e cercada de inimigos, provocou tanta destruição em tão pouco tempo, bem na frente da rainha. Era estranho. Impossível. Meio incrível.

Uma gargalhada subiu pela garganta de Kai, tremendo descontrolada em seu diafragma. Suas emoções estavam dilaceradas por medo, pânico e espanto. A histeria o atingiu como um soco no estômago. Ele colocou a mão sobre a boca na hora em que a gargalhada enlouquecida saiu e se transformou rápido em respiração acelerada de pânico.

Torin colocou a mão entre as omoplatas dele.

– Majestade?

– Torin – gaguejou Kai, lutando para respirar. – Você acha que ela está bem?

Apesar de Torin parecer em dúvida, ele respondeu:

– Ela se mostrou bastante resiliente.

Kai começou a atravessar a sala do trono, os sapatos do casamento deixando pegadas no sangue grudento. Ao chegar à beirada, ele espiou a água. Não deu para ver da cadeira onde estava sentado antes qual era o tamanho da queda. Quatro andares, pelo menos. Seu

estômago deu um nó. Ele não via a margem oposta. Na verdade, o lago ia até tão longe que parecia chegar até a parede do domo.

Embora o ar estivesse parado, a água estava agitada e preta como tinta. Ele procurou e procurou qualquer coisa que indicasse um corpo, uma garota, um brilho de membro de metal, mas não havia sinal dela.

Ele tremeu. Cinder sabia nadar? O corpo dela tinha sido feito para nadar? Ele sabia que ela tinha tomado banho a bordo da Rampion, mas estar totalmente submersa...

– Será que ela sobreviveu?

Kai deu um pulo. Levana estava a poucos metros, com os braços cruzados e as narinas dilatadas. Kai se afastou dela, tomado pelo medo irracional de que ela fosse empurrá-lo. Mas, assim que recuou, ele lembrou que ela ainda poderia fazê-lo pular.

– Não sei – disse ele. Para provocá-la, acrescentou: – Foi um entretenimento maravilhoso, a propósito. Eu tinha altas expectativas, e você não decepcionou.

Ela rosnou, e ele ficou feliz de ter recuado.

– Aimery – disse ela, com rispidez. – Mande o lago ser todo examinado até de manhã. Quero que o coração da ciborgue seja servido em uma bandeja de prata.

Aimery fez uma reverência.

– Será feito, Vossa Majestade. – Ele assentiu para o grupo de taumaturgos que chegou depois de toda a ação, tentando passar a ideia de que a destruição na sala do trono não era tão chocante assim. Quatro saíram. – Infelizmente, tenho que informar Vossa Majestade de que houve uma confus...

– É óbvio que houve uma confusão! – berrou Levana. Ela apontou o dedo com unha vermelha para o lago. – Você acha que não estou vendo?

Aimery apertou os lábios.

– Claro, minha rainha, mas tem outra coisa.

O olhar dela pegou fogo.

– O que mais poderia ser?

– Como Vossa Majestade sabe, o julgamento e a execução de hoje foram transmitidos para todos os setores. Parece que, como resultado da fuga da ciborgue, o povo está... está se rebelando. Em vários setores, ao que parece. SB-1 é o mais próximo indicado por nossas câmeras de segurança, e também parece haver uma multidão razoável de civis começando a se aproximar de Artemísia vindo desde AT-6.

– Ela não fugiu. – A voz de Levana soou fina e tensa, prestes a se partir. Kai deu outro passo para longe dela. – Ela está morta. Diga para eles que ela está morta. Ela não pode ter sobrevivido à queda. E encontre-a! *Encontre-a!*

– Sim, minha rainha. Vamos montar uma transmissão para informar ao povo da morte de Linh Cinder imediatamente. Mas não podemos garantir que isso por si só vá acalmar as rebeliões...

– Já chega. – Levana empurrou o taumaturgo para poder passar, andou até o trono e se plantou na frente dele. – Bloqueiem os túneis dos trens de levitação magnética de entrada e saída de Artemísia. Fechem os portos. Ninguém entra ou sai deste domo até aquela ciborgue ser encontrada e os civis de Luna se arrependerem de suas ações. Se alguém tentar passar pelo bloqueio, mande atirarem.

– Espere – disse Bromstad, o primeiro-ministro da Europa, andando na direção de Levana. A sala do trono estava quase vazia de aristocratas lunares, só havia os servos, tentando tirar os corpos da sala, e os terráqueos, tentando não parecer tão abalados quanto estavam. – Você não pode trancar os portos. Fomos convidados para um casamento, não para uma zona de guerra. Meu gabinete e eu

vamos partir esta noite.

Levana ergueu uma das sobrancelhas, e esse gesto simples e elegante deixou todos os pelos da nuca de Kai eriçados. Ela se aproximou do primeiro-ministro, e apesar de Bromstad não recuar um passo, Kai viu que ele estava arrependido do que tinha dito. Atrás dele, os outros líderes se aproximaram.

– Você quer ir embora esta noite? – perguntou Levana, a voz parecendo um ronrono novamente. – Muito bem, então. Permita-me ajudá-lo com isso.

Uma criada ali perto, que estava tentando permanecer invisível, parou de esfregar o chão e pegou um garfo. De joelhos, com a cabeça baixa, a criada entregou o garfo para o primeiro-ministro Bromstad.

Assim que a mão se fechou no cabo do garfo, o medo surgiu no rosto dele. Não só medo. Mas um medo de saber que estava segurando uma arma e que Levana poderia obrigá-lo a fazer qualquer coisa, *qualquer coisa*, que quisesse.

– Pare! – disse Kai, segurando o cotovelo de Levana.

Ela olhou para ele com irritação.

– Como falei antes, não vou fazer de você minha imperatriz se você atacar o líder de um país aliado. Deixe que ele vá. Deixe que todos vão. Já houve banho de sangue suficiente para um dia.

Os olhos de Levana ardiam como carvões, e houve um momento no qual Kai achou que ela pudesse matar todos e simplesmente tomar a Terra com seu exército, com o caminho livre de todos os líderes mundiais.

Ele sabia que o pensamento passou pela cabeça dela.

Mas havia muita gente na Terra, bem mais do que em Luna. Ela não poderia controlar todo mundo. Uma rebelião na Terra seria bem mais difícil de controlar se ela tentasse usar a força.

O garfo se chocou contra o chão, e Bromstad soltou todo o ar de

uma vez.

– Ela não vai salvar você – sibilou Levana. – Sei que você acha que ela está viva e que essa rebeliãozinha vai dar certo, mas não vai. Em pouco tempo, eu serei imperatriz e ela estará morta. Se já não estiver. – Ela recompôs as feições e passou a mão pela frente do vestido, como se pudesse ajeitar o desastre da hora anterior. – Não sei se vou voltar a vê-lo, querido marido, até estarmos juntos para a coroação. Infelizmente, ver você está me fazendo mal.

Graças a um olhar de aviso de Torin, Kai evitou fazer um comentário sobre essa decepção inesperada.

Com um estalo de dedos, Levana mandou um dos criados preparar um banho nos aposentos dela e sumiu, sangue grudado na barra do vestido conforme ela deixava a sala do trono.

Kai expirou, tonto com tudo aquilo. A ausência repentina da rainha. O odor de ferro do sangue misturado a produtos de limpeza e ao aroma de carne grelhada. O eco dos tiros em seus ouvidos e o fato de que ele nunca esqueceria a imagem de Cinder se lançando pela varanda.

– Vossa Majestade? – disse uma voz murcha e assustada.

Ao se virar, ele viu Linh Adri e Pearl agachadas em um canto. Os rostos estavam manchados de lágrimas e sujeira.

– Nós podemos... – Adri engoliu em seco, e ele viu o movimento trêmulo do peito que ela fazia ao tentar se controlar. – Seria possível o senhor... enviar a mim e minha filha para casa? – Ela fungou, e novas lágrimas surgiram em seus olhos. Com o rosto enrugado, ela relaxou os ombros, o corpo apoiado no canto da sala. – Estou pronta... Quero ir para casa. Por favor.

Kai contraiu o maxilar, sentindo tanta pena da mulher quanto sentia desprezo.

– Desculpe – disse ele. – Mas parece que ninguém vai embora até

que isso acabe.

CAPÍTULO

Cinquenta e três

A água a atingiu como concreto. A força se espalhou por seu corpo. Cada membro vibrou, primeiro com o forte golpe da água e depois com o frio.

A água a engoliu. Ela ainda estava tonta pelo baque quando o ar sumiu dos pulmões em uma explosão de espuma e bolhas. O peito já estava queimando. O corpo rolou como uma boia, a perna esquerda pesada puxando-a para baixo.

Um aviso vermelho surgiu na escuridão:

IMERSÃO EM LÍQUIDO DETECTADA. INTERROMPENDO O FORNECIMENTO DE ENERGIA EM 3...

A contagem regressiva só foi até aí. A escuridão surgiu no fundo da mente de Cinder, como se um interruptor tivesse sido desligado. A vertigem tomou conta. Ela se forçou a abrir os olhos e olhar para a superfície, mas só conseguiu se orientar porque sentia a perna a puxando para baixo, para baixo.

Fagulhas brancas estavam surgindo nos cantos dos olhos. Os pulmões se apertaram e começaram a se contrair.

Algas escorregadias pareciam querer segurá-la, deslizando pelo ponto na panturrilha direita onde a calça tinha se amontoado, perto do joelho. Obrigando-se a ficar consciente, Cinder apontou a lanterna do dedo para a escuridão aos pés e tentou acendê-la, mas nada aconteceu.

Com apenas a luz do palácio passando pela água turva, Cinder pensou detectar uma série de ossos pálidos presos nas algas. O pé de metal afundou em uma caixa torácica.

Ela deu um pulo de surpresa e a mente clareou na hora em que os ossos se esmagaram embaixo dela.

Trincando os dentes, Cinder usou toda a energia que restava para se empurrar a partir do fundo do lago, lutando para voltar à superfície. A perna e a mão esquerda não estavam respondendo a seus controles. Tinham se tornado peso morto, e o ombro parecia gritar no local em que o soldado mutante enfiara os dentes. Foi preciso usar toda a sua energia restante para subir.

Seu diafragma se contraiu. Acima, o brilho da superfície foi aumentando, as luzes tremeluzindo como uma miragem acima da água. Ela sentiu a força indo embora, a perna cheia de água tentando puxá-la para baixo...

Ela rompeu o espelho d'água cuspindo e sugando ar com avidez para os pulmões. Nadou por um momento desesperado antes de ser puxada para baixo de novo. Os músculos arderam quando ela chutou e voltou à superfície, lutando para manter a cabeça acima da água.

Quando os brilhos em sua visão começaram a sumir, Cinder tirou água dos olhos. O palácio estava à frente, ameaçador e opressivo apesar da beleza, esticando-se pelos dois lados do lago. Sem a luz artificial do dia iluminando o domo, ela via a Via Láctea pelo vidro, hipnotizante.

Na varanda acima, Cinder viu sombras se movendo. Em seguida, uma onda a atingiu e ela foi parar debaixo d'água de novo, o corpo levado pela corrente. Ela perdeu o sentido de direção, onde era para cima e onde era para baixo. O pânico explodiu em sua cabeça, os braços lutaram para controlá-la nas ondas. O ombro latejava. Quando se sentiu afundando foi que conseguiu se reorientar e voltar para a superfície.

Ela tentou nadar para longe do palácio, na direção do centro do lago, embora não houvesse fim visível. Não tinha se deslocado muito

quando os músculos começaram a queimar, e todas as juntas do lado esquerdo do corpo gritavam por causa do peso inútil das próteses. Os pulmões pareciam estar em carne viva, mas ela tinha que sobreviver. Não podia parar de lutar, não podia parar de tentar. Kai ainda estava lá em cima. Todos os amigos estavam em algum lugar de Luna, precisando dela, e o povo dos setores externos contava com ela, que tinha que seguir em frente, seguir em frente...

Cinder prendeu a respiração, mergulhou e tirou as botas, deixando que afundassem. Não era muito, mas ela se sentiu bem mais leve para lutar com o peso desequilibrado do corpo, lançando-se pelas ondas.

O lago parecia não ter fim, mas, toda vez que olhava para trás e via o quanto o palácio lunar estava longe, Cinder sentia uma nova onda de força. A margem estava iluminada por mansões e docas para pequenos barcos. O lado mais distante do lago tinha desaparecido no horizonte.

Ela flutuou de costas, ofegante. A perna estava pegando fogo, os braços pareciam feitos de borracha, o ferimento no ombro era como um furador de gelo enfiado na pele. Ela não conseguia seguir em frente.

Uma onda bateu em seu corpo, e Cinder quase não se moveu para voltar à superfície. Ocorreu-lhe, então, que ela não sabia se tinha reserva de energia para chegar à margem. E se a estivessem esperando lá? Ela não conseguiria lutar. Não conseguiria manipular. Era seu fim. Ela era uma garota praticamente morta, derrotada.

A cabeça de Cinder bateu em uma coisa sólida.

Ela ofegou, e a perda de propulsão a jogou para baixo da superfície de novo.

Cinder bateu o pé, se forçou a subir e cuspiu água. As mãos tocaram na superfície dura e escorregadia na qual ela havia batido. O domo.

Ela tinha chegado à fronteira de Artemísia.

A parede curva enorme funcionava como represa e segurava o lago, enquanto do outro lado do vidro a cratera prosseguia por quilômetros em toda as direções, seca, cheia de marcas e perturbadoramente profunda.

Oscilando junto ao vidro, Cinder olhou para o fundo da cratera muitos metros abaixo. Ela se sentia como um peixe em um aquário. Presa.

Virou-se para a margem, mas não conseguiu se mover. Estava tremendo. O estômago estava vazio. A perna pesada a puxava para baixo, e foi necessária a força de mil soldados lobos para voltar à superfície. A água entrava na boca, e ela cuspia assim que a cabeça rompia o espelho d'água, mas era inútil.

Ela não conseguia.

Uma tontura a desnorteou. Os braços bateram na água. A perna direita cedeu primeiro, cansada demais para dar mais um chute que fosse. Cinder ofegou e foi puxada para baixo, a mão deslizando pela parede de vidro liso.

Houve uma sensação estranha de libertação quando a escuridão a envolveu. Um orgulho de saber que, quando procurassem no lago, encontrariam seu corpo lá longe e saberiam o quanto ela lutou.

Seu corpo ficou inerte. Uma onda a empurrou, e a ciborgue bateu na parede, mas quase nem sentiu. De repente, alguma coisa a segurou e a puxou para cima.

Fraca demais para lutar, Cinder se deixou ser carregada. A cabeça rompeu a superfície e seus pulmões se expandiram. Ela tossiu. Braços a envolveram. Um corpo a encostou na parede.

Cinder pendeu para a frente e apoiou a cabeça em um ombro.

– Cinder. – Era uma voz de homem, tensa e vibrando pelo peito dela. – Pare de ser frouxa, tá? – Ele a ajeitou nos braços e moveu o

peso dela para aninhá-la com um cotovelo. – Cinder!

Ela ergueu os olhos embaçados. Teve vislumbres do queixo, do perfil e do cabelo molhado grudado na testa. Devia estar delirando.

– Thorne? – A palavra grudou na garganta dela.

– É capitão... para você. – Ele trincou os dentes e lutou para nadar para a margem. – Pelas estrelas, como você é pesada! Ah, pronto! Que gentileza sua... ajudar...

– Sua boca gasta muita energia – resmungou alguém. *Jacin?* – Vire-a de costas para que o corpo dela não lute contra...

As palavras dele viraram um grito quando o corpo de Cinder escapou das mãos de Thorne e escorregou para o oscilar reconfortante das ondas.

CAPÍTULO

Cinquenta e quatro

Cress e Iko estavam se abraçando na margem do lago enquanto viam Thorne e Jacin mergulharem. Cress estava tremendo, mais de medo do que de frio, e apesar de o corpo de Iko não emitir calor natural como o de um ser humano, ela sentia um consolo que vinha da solidariedade. As duas esperaram, mas não havia sinal de Thorne, Jacin e nem de Cinder. Eles estavam debaixo da água havia muito tempo.

Tempo demais.

Cress só percebeu que estava prendendo a respiração quando os pulmões berraram. Ela ofegou, e a sensação foi mais dolorosa porque sabia que os amigos estavam prendendo a respiração por todo aquele tempo.

Iko apertou a mão dela.

– Por que eles...? – Ela deu um passo para a frente, mas parou.

O corpo de Iko não foi feito para nadar, e Cress nunca tinha entrado em um corpo d'água maior do que uma banheira.

Elas eram inúteis.

Cress apertou a mão trêmula na boca e ignorou as lágrimas quentes no rosto. Fazia tempo demais.

– Ali! – gritou Iko, apontando. Duas, não, três cabeças apareceram nas ondas escuras e agitadas.

Iko deu outro passo.

– Ela está viva, não está? Ela... ela não parece estar se mexendo. Você a vê se mexendo?

– Tenho certeza de que está viva. Tenho certeza de que estão todos

bem.

Ela olhou para Iko, mas não conseguiu fazer a pergunta que sabia que todos estavam pensando. A transmissão ao vivo do banquete de casamento mostrou tudo. O julgamento. O massacre. Cinder pulando da varanda no lago abaixo.

Cinder sabia nadar?

Todo mundo pensou nisso, mas ninguém perguntou.

Juntos, os quatro se esgueiraram pela cidade, agradecidos porque os poucos lunares que viram estavam ocupados demais comemorando o casamento da rainha para prestar atenção. Jacin foi na frente por estar familiarizado com a cidade e com o lago, por saber onde os corpos que caíam da sala do trono às vezes apareciam. Não houve hesitação entre eles, todos sabiam que tinham que encontrar Cinder enquanto Levana estava se recuperando do ataque.

Quando eles viram a forma escura de Cinder nas ondas, houve um suspiro alto de alegria e de alívio vindo do grupo todo, mas eles ainda não faziam ideia do estado dela.

Estaria viva? Estaria ferida? *Sabia nadar?*

Quando o trio na água estava perto o bastante, Cress soltou Iko e entrou na água para se juntar a eles. Juntos, puxaram o corpo de Cinder para a margem e a deitaram na areia.

– Ela está viva? – perguntou Iko, quase histérica. – Está respirando?

– Vamos levá-la para aquela casa de barcos – disse Jacin. – Não podemos ficar aqui fora.

Thorne, Jacin e Iko dividiram a tarefa de carregar o corpo inerte de Cinder enquanto Cress correu na frente para segurar as portas. Havia três barcos a remo pendurados nas duas paredes, com um quarto no meio, coberto por uma lona. Ela tirou remos e equipamentos de pesca de cima da lona e abriu espaço para colocarem o corpo de Cinder lá, mas Jacin a colocou no chão duro.

Iko fechou as portas e deixou o local na escuridão. Cress ligou o tablet para fornecer uma luz azul fantasmagórica.

Jacin não se deu ao trabalho de verificar respiração ou pulsação, só se debruçou em Cinder e juntou as mãos acima do peito dela. Com olhar severo começou a bombear o esterno dela com movimentos rápidos e fortes. Cress fez uma careta com o som da cartilagem estalando.

– Você sabe o que está fazendo? – perguntou Thorne, agachado do outro lado de Cinder. Ele tossiu e limpou a boca com o braço. – Precisa de ajuda? Aprendemos isso no treinamento... eu me lembro... mais ou menos...

– Eu sei o que estou fazendo – disse Jacin.

E parecia saber *mesmo*, pois inclinou a cabeça de Cinder para trás e cobriu a boca com a dele.

Thorne não pareceu tranquilizado, mas não discutiu.

Ajoelhada aos pés de Cinder, Cress observou em silêncio quando Jacin recomeçou as compressões. Ela se lembrou das novelas em que a heroína era reavivada pelo herói com ressuscitação boca a boca. Parecia tão romântico. Cress até teve fantasias de se afogar, sonhos em que o toque dos lábios de um homem poderia devolver a vida ao seu corpo inerte.

As novelas mentiram. Havia uma violência nisso que não era mostrada. Ela fez uma careta quando Jacin apoiou as mãos abertas no esterno de Cinder uma terceira vez, imaginando sentir a dor no próprio peito.

Ela teve a sensação de estar suspensa no tempo. Thorne foi vigiar a porta, espiando por uma janela pequena e imunda. Iko abraçou o próprio corpo, e parecia a ponto de se dissolver em lágrimas impossíveis.

Cress estava prestes a segurar a mão de Iko de novo quando Cinder

deu um pulo. Ela começou a vomitar.

Jacin virou a cabeça dela para o lado, e água saiu pela boca, embora não tanto quanto Cress esperava. Jacin segurou Cinder, mantendo as vias áreas abertas, até que ela parasse de vomitar. Ela estava respirando de novo. Fraca e abalada, mas respirando.

Cinder abriu os olhos e Jacin a ajudou a se sentar. Seu braço direito tombou. Sua mão encontrou o braço de Jacin e o apertou. Ela cuspiu mais algumas vezes.

– Chegaram na hora certa – gemeu ela.

Havia água nos lábios e no queixo dela, mas Iko esticou o braço e limpou com a manga. Cinder olhou para ela e seus olhos se iluminaram, embora as pálpebras ainda estivessem pesadas de exaustão.

– Iko? Eu achei... – Com um gemido, ela caiu deitada.

Iko gemeu e pensou em se jogar em cima de Cinder, mas reconsiderou. Preferiu correr ao redor de Jacin para levantar os ombros de Cinder e aninhá-la no colo. Sorrindo com fraqueza, Cinder fez carinho nas tranças de Iko. A mão ciborgue estava sem um dos dedos.

– Nós não podemos ficar aqui – disse Jacin, secando a água do cabelo. – Vão começar a procurar mais perto do palácio, mas não vão demorar para bloquear o lago todo. Temos que achar outro lugar para ela se recuperar.

– Alguma ideia? – perguntou Thorne. – Não estamos exatamente em território amigo.

– Preciso de suprimentos médicos – disse Cinder, de olhos fechados. – Um soldado me mordeu. Precisamos limpar o ferimento antes que infeccione. – Ela suspirou, exausta demais para continuar.

– Eu não me importaria de conseguir uma refeição quente e um secador de roupas, já que estamos fazendo exigências – disse Thorne.

Inclinando-se para a frente, ele tirou a camisa encharcada.

Cress arregalou os olhos e os grudou em Thorne enquanto ele torcia a camisa para tirar tudo o que havia do lago nela. A água caía no concreto.

Jacin disse alguma coisa, mas ela não ouviu.

Thorne vestiu a camisa de novo, um pouco mais seca e amassada, e Cress conseguiu respirar de novo.

– Isso pode dar certo – disse Thorne, assentindo para Cinder. – Acha que consegue?

– Não – respondeu Cinder. – Eu não consigo andar.

– Não é longe – retrucou Jacin. – Achei que você fosse durona.

Cinder olhou para ele com irritação.

– Eu não *consigo* andar. A água fez alguma coisa com minha interface. – Ela fez uma pausa. Respirou com dificuldade. – Minha perna e minha mão não estão funcionando. Também perdi o acesso à rede.

Quatro pares de olhos se desviaram para o pé de metal brilhante. Cress não tinha o hábito de pensar em Cinder como ciborgue, como uma coisa *diferente*. Como alguém que podia... parar de funcionar.

– Tudo bem – disse Jacin, se virando para Thorne. – Quer carregá-la primeiro ou devo começar?

Thorne levantou uma das sobrancelhas.

– Você sabe o quanto ela é *pesada*?

Cinder deu um chute nele.

Ele bufou.

– Tudo bem. Você primeiro.



– Tem certeza? – sussurrou Cress. Ela estava agachada atrás de uma

treliça coberta de trepadeiras, junto com Cinder, Thorne e Jacin, vendo Iko levantar a aljava dourada brilhante pela terceira vez.

– Eu já disse, eles não estão em casa – disse Jacin, irritado com a precaução de mandar Iko verificar a mansão com pilares antes de eles entrarem. – Essa família é popular na corte. Eles vão passar a semana toda no palácio.

Depois da quarta batida sem resposta, Iko se virou para eles e deu de ombros.

Cress passou o braço pela cintura de Cinder. Ela tinha uma boa altura para servir de muleta enquanto seguiam pelo jardim. O pé morto de metal de Cinder se arrastou, deixando uma marca no caminho de grama azul.

– E se estiver trancada? – perguntou Cress, olhando para a rua, apesar de eles não terem visto ninguém. Talvez o bairro todo fosse formado de membros populares da corte. Talvez a cidade toda estivesse fazendo uma comemoração agitada no palácio.

– Eu arrombo – disse Thorne.

A porta não estava trancada. Eles se viram em uma entrada grandiosa com uma escadaria curva e um mar de piso dourado e branco.

Thorne soltou um assobio baixo.

– Este lugar está perfeito para ser pilhado.

Iko respondeu:

– Posso pilhar o armário principal?

Jacin encontrou um vaso enorme de flores e o colocou em frente à porta, de forma que, se alguém a abrisse, ele cairia e se partiria em centenas de pedacinhos. Seria um bom aviso de que era hora de eles irem embora.

Eles não demoraram para encontrar uma cozinha maior do que o satélite de Cress. Ela e Iko levaram Cinder até um banco e ajudaram a

levantar a perna dela enquanto Jacin mexia na despensa e voltava com uma variedade de nozes e frutas.

– O que acha que está acontecendo com você? – perguntou Iko.

Cinder bateu com a palma da mão na lateral da cabeça, como se quisesse colocar alguma coisa no lugar.

– Não é problema de energia – disse ela. – Meus olhos estão funcionando, pelo menos. É alguma coisa na conexão da interface entre cérebro-máquina e minhas próteses. Afetou minha mão e minha perna ao mesmo tempo, então deve ser uma conexão primária. Meu painel de controle deve ter ficado encharcado, sei lá. Alguns fios podem ter morrido. – Ela suspirou. – Acho que eu deveria me sentir sortuda. Se minha bateria tivesse morrido, eu teria morrido junto.

Todos pensaram nisso por um momento enquanto comiam.

Thorne olhou para a despensa.

– Você viu se tinha arroz lá? Talvez a gente pudesse encher a cabeça de Cinder com arroz cru.

Todo mundo ficou olhando para ele.

– Vocês sabem, para... absorver a umidade, sei lá. Não se faz isso?

– Não vamos colocar *arroz* na minha cabeça.

– Mas tenho certeza de que me lembro de alguém colocando um tablet em um saco de arroz depois de ter enfiado o aparelho sem querer na máquina de lavar e...

– *Thorne.*

– Só estou querendo ajudar.

– De que você precisa para consertar? – perguntou Cress, depois se encolheu toda quando todos os olhares se voltaram para ela.

Cinder franziu a testa, e Cress a viu avaliando as possibilidades. Em seguida, começou a rir, arrastando a mão boa pelo cabelo ainda molhado e embaraçado.

– De um mecânico – disse ela. – Um muito bom.

Iko abriu um sorriso.

– Isso nós temos. Além do mais, estamos em uma mansão. Deve ter muita tecnologia aqui. Só precisamos encontrar as peças e ferramentas, e você pode me guiar no processo de conserto. Certo?

Cinder franziu os lábios. Havia marcas escuras embaixo dos olhos dela e uma palidez nada saudável na pele. Cress nunca a tinha visto tão cansada.

Iko inclinou a cabeça. Ela também devia ter reparado, pois passou um momento avaliando Cinder, depois todo mundo no grupo.

– Vocês todos estão com aparência péssima. Talvez devessem descansar um tempo. Eu posso ficar vigiando.

Eles pensaram na ideia por um minuto, e Thorne disse:

– Não é má ideia.

Iko deu de ombros.

– Alguém precisa estar com a mente lúcida em uma situação de emergência. – Franzindo a testa, acrescentou: – Mas nunca achei que fosse ter que ser eu.

Thorne se virou para Cinder.

– Você vai pensar com mais clareza depois de um cochilo.

Ela o ignorou e olhou para a bancada. Seus ombros estavam caídos de um jeito que fazia com que ela parecesse derrotada, com um vazio no olhar.

– Acho que um cochilo não vai consertar isso – disse ela, levantando a mão ciborgue. Pendia inerte do pulso, com um buraco onde o dedo havia sido removido. – Não consigo acreditar que isso está acontecendo. Não posso lutar assim, nem iniciar uma revolução, nem ser *rainha*. Não posso fazer nada assim. Estou quebrada. Estou literalmente *quebrada*.

Iko colocou a mão no ombro de Cinder.

– É, mas quebrada não quer dizer impossível de consertar.

CAPÍTULO

Cinquenta e cinco

– Foi uma decisão ruim – disse Scarlet.

Winter olhou para ela. Havia inquietação no rosto de Scarlet, uma linha funda entre as sobrancelhas.

Winter esticou a mão e puxou um dos cachos de Scarlet.

– Você ainda não deu meia-volta.

Scarlet afastou a mão dela.

– É, porque não tenho mais ideia de onde estamos. – Scarlet olhou por cima do ombro. – Estamos vagando por essas cavernas há *horas*.

Winter acompanhou o olhar dela, mas a caverna estava tão escura que elas não enxergavam muita coisa antes que as sombras tomassem conta, iluminadas apenas pelos ocasionais globos no teto. Winter não conseguia avaliar o quanto ela e Scarlet haviam progredido pelos tubos subterrâneos de lava na busca pelos soldados lobos, na busca por um exército, e ainda não sabia o quanto teriam que andar. Mas, sempre que pensava em voltar, imaginava ouvir um uivo baixo ao longe, compelindo-a a ir em frente. Seu sonho com Ryu e Levana grudava em seus pensamentos como pólen, incitando a determinação dela repetidamente.

Levana acreditava que era capaz de controlar todo mundo naquela lua. O povo, os soldados, a própria Winter.

Mas estava enganada. Winter estava cansada de ser manipulada e sabia que não podia ser a única. Ela encontraria soldados para lutar por ela, e juntos se livrariam de sua madrasta e da crueldade dela.

Elas fizeram outra curva. As paredes escuras e ásperas nunca mudavam. O teto era irregular, mas o chão era liso de anos de pessoas

passando por ali a pé. Marchando. Os soldados marchavam? Winter não tinha certeza. Não tinha prestado muita atenção ao exército da madrasta. Queria ter tido mais interesse no que Levana estava fazendo com aqueles garotos transformados em soldados. No que vinha planejando o tempo todo.

Fora o piso, a caverna estava igual a quando foi criada por lava derretida bilhões de anos antes. Naquela época, Luna era um lugar de calor e transformação. Era difícil imaginar, ali naquelas cavernas frias e áridas, a existência esquecida na escuridão silenciosa.

Quando os terráqueos construíram sua primeira colônia, fizeram dos tubos amplos e interconectados de lava sua casa enquanto os domos estavam em construção, e depois os converteram em depósito e trilhos de transporte.

Foi só recentemente que eles foram usados com um objetivo violento e grotesco.

– Um alojamento secreto para um exército secreto – sussurrou ela baixinho.

– Tudo bem, hora da pausa. – Scarlet parou e apoiou as mãos nos quadris. – Sabe para onde estamos indo?

Winter puxou um cacho do próprio cabelo desta vez, como uma mola em espiral ao lado da bochecha. A cabeça ainda estava com um galo, mas a dor tinha praticamente passado.

– Muitos dos tubos de lava que não foram usados para os trens foram convertidos em locais subterrâneos de treinamento. É onde os soldados vão estar. Pelo menos, os que não foram mandados para a Terra.

Scarlet piscou devagar.

– E quantos tubos de lava existem na superfície de Luna?

Winter também piscou devagar.

– Não sei. Mas você sabia que Luna começou a vida como uma bola

gigante de magma, líquido e ardente?

Scarlet repuxou os lábios para o lado.

– Quantos regimentos de lobos ainda existem em Luna?

Desta vez, Winter não respondeu.

Scarlet expirou e massageou a testa.

– Eu deveria saber. Eu sabia que não deveria ouvir você. *Winter*. Nós podemos ficar vagando por aqui durante dias e não ver ninguém. E, mesmo se encontrarmos um desses regimentos, ou matilhas, sei lá como eles se chamam, é provável que acabem *comendo* a gente. Isso é suicídio! – Ela apontou para a direção de onde vieram. – Deveríamos estar procurando aliados, não inimigos.

– Pode voltar, então. – Winter continuou pelo túnel infinito.

Scarlet soltou um gemido contrariado e saiu andando atrás dela.

– Trinta minutos – disse ela. – Vamos andar mais trinta minutos, e, se não encontrarmos evidência de que estamos nos aproximando, vamos voltar, e não vou aceitar não como resposta. Bato na sua cabeça e a arrasto se precisar.

Winter bateu os cílios, achando a ideia engraçada.

– Vamos encontrá-los, amiga Scarlet. Eles vão se juntar a nós. Seu Lobo é prova de que eles são homens, não monstros.

– Eu queria que você parasse de compará-los com Lobo. Lobo é diferente. O resto... eles *são* monstros. Eu vi a matilha de Lobo em Paris, eles eram brutais e terríveis. Eram os agentes especiais dela, e *eles* ainda são mais humanos do que animais! Não dá para argumentar com esses monstros, assim como não dá para argumentar com uma...

– Matilha?

Scarlet fez cara feia.

– Exatamente.

– Ryu era meu amigo.

Scarlet levantou as mãos.

– O que você vai fazer, brincar de jogar *gravetos*? Você está pensando nisso de um jeito errado. Eles estão sob o controle de Levana, ou do taumaturgo que os comanda. Vão fazer o que mandarem, e vão mandá-los *comer* a gente.

– Eles eram garotos que foram forçados a entrar em uma situação difícil. Não pediram essa vida, assim como seu Lobo não pediu, mas fizeram o que foi preciso para sobreviver. Se tiverem a oportunidade de romper os grilhões da escravidão, vão agarrá-la. Acredito que vão ficar do nosso lado.

Winter ouviu um uivo distante e baixo, e tremeu. Mas Scarlet não pareceu escutar, então não disse nada.

– Você não faz ideia de que lado vão tomar. Eles foram tão maltratados que vão se juntar a quem oferecer um bife maior. – Scarlet hesitou. – O que foi? Você está tendo uma alucinação?

Winter forçou um sorriso.

– Só se você for obra da minha imaginação, mas como posso ter certeza se é ou não? Então, vou continuar acreditando que você é real.

Scarlet não pareceu impressionada com a lógica dela.

– Você sabe o que esses homens se tornam, não sabe? Sabe que nunca vão poder ser normais de novo.

– Eu pensei que você, dentre todas as pessoas, acreditaria na capacidade deles de mudar. Lobo mudou por causa do amor por você. Por que eles também não podem mudar? – Ela saiu andando de novo.

– Lobo é... não é a *mesma coisa*. Winter, sei que você está acostumada a piscar para todo mundo que passa e esperar que todos se apaixonem por você, mas isso não vai acontecer aqui. Eles vão rir e debochar de você, depois vão...

– Me comer. Sim, eu entendi.

– Você não parece entender o significado por trás das palavras. Isso não é uma metáfora. Estou falando sobre dentes e sistemas digestórios enormes.

– *Gordura e ossos e tutano e carne* – cantarolou Winter. – *Nós só queríamos um lanchinho.*

Scarlet grunhiu.

– Você é tão esquisita.

Winter passou o braço pelo de Scarlet.

– Não tenha medo. Eles vão nos ajudar.

Antes que Scarlet pudesse iniciar outra discussão, um cheiro peculiar as atingiu, intenso e pungente. Um cheiro animal, como o do jardim, mas diferente. Doce, salgado e odor corporal se misturando no ar estático da caverna, junto com uma coisa rançosa, como carne velha.

– Bem, acho que os encontramos – disse Scarlet.

Um arrepio desceu pelo pescoço de Winter. Nenhuma das duas se mexeu por um bom tempo.

– Se conseguimos sentir o cheiro deles, eles conseguem sentir o nosso – sugeriu Scarlet.

Winter levantou o queixo.

– Vou entender se você for embora. Posso seguir sem você.

Scarlet pareceu pensar no assunto, mas deu de ombros. A sua expressão era de indiferença.

– Estou começando a achar que vamos todos acabar sendo comida de lobo de qualquer jeito quando isso tudo terminar.

Winter virou-se para ela e segurou o rosto de Scarlet com as duas mãos.

– Não é feitio seu falar assim.

Scarlet contraiu o maxilar.

– Levaram Lobo e levaram Cinder, e, por mais que eu queira ver

Levana em pedacinhos para alimentar os próprios mutantes dela, acho que não temos muitas esperanças sem eles. – Ela engoliu em seco, e seu ressentimento tomou conta. – E eu... não quero ver esse lugar. Ele foi treinado aqui, sabe. Tenho medo de ver de onde ele veio, o que ele... quem ele era.

– Ele é seu Lobo agora, e você é a alfa dele.

Scarlet riu.

– De acordo com Jacin, deve haver uma matilha para ser uma alfa.

Jacin. O nome trouxe luz do sol e sangue e beijos e rosnados à pele de Winter. Ela esperou um momento para que tudo afundasse até os ossos, depois inclinou a cabeça de Scarlet e deu um beijo no alto do cabelo furioso cor de fogo.

– Vou conseguir sua matilha.

CAPÍTULO

Cinquenta e seis

Elas não tinham andado muito quando detectaram ruídos retumbando pela caverna. Eram baixos e intensos, como um trem distante. Elas chegaram a outra bifurcação no túnel, e, enquanto um caminho levava a mais escuridão e pedras e nada, o outro dava em um par de portas de ferro. Com dobradiças presas na parede de regolito, as portas pareciam antiquíssimas. A única decoração era uma marca no canto inferior de cada uma – DEPÓSITO 16, SETOR EM-12.

Havia uma telinha embutida na parede ao lado das portas. Era velha e antiquada, e o texto ficava piscando. REGIMENTO LUNAR 117. MATILHAS 1009-1020.

O chão e a parede vibravam com a atividade atrás das portas: gargalhadas, gritos e passos altos. Pela primeira vez desde que partiu na missão, Winter sentiu um tremor de nervosismo na barriga.

Scarlet olhou para ela.

– Não é tarde demais para voltar.

– Discordo.

Suspirando, Scarlet observou a tela.

– Onze matilhas, por volta de cem soldados, mais ou menos.

Winter cantarolou, um som descompromissado. Cem soldados.

Animais, assassinos, predadores, era o que todo mundo dizia. Ela estava mesmo louca por achar que podia mudá-los?

Seus olhos ficaram úmidos, e isso a surpreendeu. Ela não tinha percebido que pensar no próprio desequilíbrio a entristeceria, mas a sensação das costelas esmagando o coração era inconfundível.

– Por que você me seguiu? – perguntou ela, olhando para as portas sólidas. – Sabendo o que tem de errado comigo. Sabendo que tenho problemas.

Scarlet riu com deboche.

– É uma pergunta *excelente*.

Um baque alto foi seguido de gritos. As paredes reverberaram ao redor.

Elas não foram descobertas. Scarlet estava certa. Elas poderiam dar as costas e ir embora. Winter poderia admitir que sofria de alucinações e ninguém prestaria atenção nela. Ela era eficiente em tomar decisões erradas.

– Eu não podia deixar você seguir sozinha – disse Scarlet, quase sem veneno na voz.

– Por quê?

– Não sei. Pode me chamar de louca.

Winter fechou os olhos.

– Não vou fazer isso. Você não é problemática como eu. Não é formada de cem pedacinhos que vão ficando cada vez mais longe uns dos outros.

– Como você pode saber?

Winter inclinou a cabeça e ousou levantar o rosto de novo.

Scarlet se encostou na parede de regolito.

– Meu pai era mentiroso e bêbado. Minha mãe foi embora quando eu era criança e nunca olhou para trás. Eu vi um homem matar minha avó e rasgar a garganta dela com os dentes. Fiquei em uma jaula por seis semanas. Fui obrigada a cortar o próprio dedo. Tenho certeza de que estou me apaixonando por um cara geneticamente modificado e mentalmente programado para ser um predador. Considerando tudo, eu diria que tenho uma boa quantidade de partes quebradas em mim.

Winter sentiu sua determinação desmoronar.

– Você veio comigo porque era o caminho mais rápido até a morte, então.

Scarlet franziu a testa.

– Eu não sou *suicida* – disse ela, com a rispidez voltando à fala. – Eu vim com você porque... – Ela cruzou os braços sobre o peito. – Porque, desde que minha avó me acolheu, ouvi gente me dizendo que ela era maluca. Uma senhora idosa esquisita e agressiva, sempre assunto de piadas. Ninguém fazia ideia do quanto ela era brilhante. Aquela idosa maluca arriscou tudo o que tinha para proteger Cinder quando ela era bebê e, no final, sacrificou a própria vida para não entregar o segredo de Cinder. Ela era corajosa e forte, e todas as outras pessoas foram cegas demais para ver. – Ela revirou os olhos, irritada com a própria frustração. – Acho que só estou torcendo para que, apesar de todas as coisas absurdas que diz, você também possa ser meio brilhante. Que, desta vez, você possa estar certa. – Ela levantou o dedo. – Dito isso, se você vai me dizer o quanto essa ideia era idiota desde o começo e que devemos sair correndo como loucas, então vou logo atrás de você.

Atrás da porta, alguma coisa caiu, e houve uma explosão de gargalhadas altas. Em seguida, um uivo. Um coral de mais uma dezena de vozes se reuniu a ele, um som vitorioso.

Um músculo se contraiu no maxilar de Winter, mas o lábio tinha parado de tremer. Ela não tinha chorado. Estava concentrada demais nas palavras de Scarlet para se lembrar de ficar chateada.

– Acredito que eles já foram garotos e podem ser garotos de novo. Acredito que posso ajudá-los, e eles vão me ajudar em troca.

Scarlet suspirou, parecendo um pouco decepcionada e meio resignada, mas não surpresa.

– E acredito que você não é maluca como todo mundo pensa que é.

O olhar de Winter se dirigiu a Scarlet, surpreso, mas Scarlet não o retribuiu. Ela deu um passo à frente e colocou a palma da mão em uma das pesadas portas.

– E aí, a gente bate?

– Acho que eles não nos ouviriam. – Outra série de uivos ecoou pela caverna. Winter passou os dedos pela tela, e o texto mudou.

IDENTIFICAÇÃO DE SEGURANÇA NECESSÁRIA

Ela apertou as pontas dos dedos na tela, que se iluminou, recebendo-a. As portas começaram a se abrir, gemendo em dobradiças antigas. Quando Winter se virou, Scarlet estava olhando para ela, perplexa.

– Você percebe que acabou de alertar a rainha sobre onde está, certo?

Winter deu de ombros.

– Quando ela nos encontrar, vamos ter um exército para nos proteger ou já vamos ter virado carne e tutano e ossos.

Ela passou pelas portas e parou na mesma hora.

Scarlet estava certa. Havia cerca de cem homens no 117º regimento do exército de Levana, embora *homens* fosse um termo geral para o que eles tinham se tornado. *Soldados* também parecia inadequado. Winter vinha ouvindo histórias sobre o exército da madrasta havia anos, mas eles eram bem mais bestiais do que ela tinha imaginado, com corpos malformados, pelos nas laterais dos rostos e lábios repuxados ao redor de dentes enormes.

Aquele depósito, que no início fora um lar para os primeiros colonizadores, estava equipado para abrigar muito mais do que cem pessoas. O teto tinha a altura de três andares e era irregular, com

musgo e estalactites onde bolhas de ar tinham se formado e lava tinha pingado tempos atrás. Apesar de a caverna ser antiga e impenetrável, alguém, havia muito tempo, teve a precaução de reforçá-la com colunas de pedra espaçadas. Incontáveis alcovas e mais corredores se espalhavam em todas as direções, levando a alojamentos adicionais ou locais de treinamento.

Ao redor da parte externa havia armários sujos e caixas, muitas das quais deixadas abertas e esquecidas. Bancos e equipamentos de exercício ocupavam o resto do espaço: sacos de areia, barras, pesos. Muitos foram empurrados para o lado para abrir espaço para o entretenimento principal no centro do aposento.

Os uivos se dissolveram em gritos e berros novamente. Dentes caninos brilharam. A maioria estava parcialmente despido: sem camisa, de pés descalços, com uma quantidade absurda de pelos em lugares que Winter não sabia se eram naturais ou não.

Um tremor percorreu sua pele. As palavras de Scarlet ecoaram em sua mente: *Vão fazer o que mandarem, e vão mandá-los comer a gente.*

Scarlet estava certa. Foi um erro. Ela não era brilhante. Estava ficando louca.

As portas se fecharam, o que a fez pular. Um homem se virou para encará-las. Seu olhar pousou em Winter, foi até Scarlet e voltou. Primeiro com curiosidade, depois, inevitavelmente, fome.

Um sorriso torto e malicioso surgiu na boca.

– Ora, ora – refletiu ele. – Já está na hora do almoço?

CAPÍTULO

Cinquenta e sete

O homem que falou pegou o soldado mais próximo pelo pescoço e o jogou no centro do círculo. Gritos de surpresa e raiva se espalharam pelos homens reunidos quando alguns caíram sob o peso do colega. Em segundos, houve um furor de punhos e maxilares. Um homem atacou o primeiro que reparou nelas, unhas afiadas criando linhas de sangue no peito. Um segundo depois, ele também foi puxado e jogado no tumulto.

– *Bons modos* – gritou alguém, alto o bastante para a voz ecoar nas paredes, e Winter teve uma visão rápida e escaldante do domo de pedra de lava caindo sobre eles. Começaria com um tremor de paredes, depois algumas pedrinhas caindo, até que uma rachadura iria de um lado da caverna até o outro, se abrindo e...

– Tem *damas* presentes – disse o mutante que as viu primeiro. Seu nariz se franziu na palavra *damas*.

A atenção de cem soldados híbridos foi direcionada a Winter e Scarlet. Enquanto sobrancelhas eram erguidas e olhares penetrantes as examinavam, os homens pareceram esquecer a briga. Eles começaram a se espalhar. Corpos ágeis e musculosos se esgueiraram entre os equipamentos com paciência agonizante. Narizes tremeram. Línguas percorreram dentes afiados.

Os cabelos da nuca de Winter se eriçaram, e ela se viu grudada no chão, chocada pelo silêncio repentino e respirável.

Quando a multidão se dispersou, ela viu que o foco era uma briga entre dois soldados, os dois sangrando, inchados e sorrindo, tão intrigados quanto o resto. Era impossível saber qual estava vencendo

antes da interrupção.

Havia uma abundância de cicatrizes e hematomas em todos os homens, o que sugeria que brigas assim eram comuns. Uma forma de passar o tempo enquanto esperavam serem enviados para a Terra para participar da guerra de Levana.

O medo latejou no corpo de Winter. E se ela estivesse errada?

– Oi, moças bonitas – disse um dos soldados, massageando o maxilar peludo. – Estão perdidas?

Winter chegou perto de Scarlet, mas Scarlet se afastou e deu um passo à frente para se aproximar deles. Scarlet era a corajosa, a resiliente, e provou isso ao inclinar a cabeça em desafio fingido.

– Qual de vocês está no comando? – perguntou Scarlet, fechando as mãos e apoiando nos quadris. – Queremos falar com seu alfa.

Uma gargalhada se espalhou entre eles.

– Qual deles? Onze matilhas, onze alfas.

– O mais forte – disse Scarlet, perfurando-o com um olhar mais intenso do que Winter já tinha visto. – Se vocês não sabem qual é o mais forte, vamos esperar que briguem.

– Tem certeza de que não quer escolher, moça bonita? – perguntou um enquanto se aproximava por trás, entrando no caminho da saída... não que Winter tivesse esperanças de sair correndo. Ela viu que eles estavam tentando intimidá-las, e sentia nos ossos o quanto estava dando certo. – Tenho certeza de que qualquer um de nós ficaria feliz em satisfazer qualquer necessidade que vocês tenham.

Scarlet olhou para ele de cara feia, com o canto do olho.

– Já tenho um companheiro alfa para satisfazer minhas *necessidades*, e ele poderia destruir qualquer um de vocês.

O homem latiu, e uma risada rouca ecoou entre os outros.

O primeiro soldado chegou mais perto de Scarlet e parecia

intrigado de novo.

– Ela está falando a verdade – disse ele, silenciando as gargalhadas. – O cheiro dele está nela toda. Um de nós. – Ele apertou os olhos. – Ou... um agente especial?

– Alfa Ze'ev Kesley – disse Scarlet. – Já ouviu falar?

Um momento. Um sorrisinho.

– Não.

Scarlet estalou a língua.

– Que pena. Já posso dizer que ele é duas vezes mais homem *e* duas vezes mais lobo do que qualquer um de *vocês*. Poderia ensinar uma coisinha ou duas a vocês.

Os homens riram de novo, achando graça.

– Eu não sabia que estavam deixando nossos irmãos de matilha pegar companheiras na Terra. É mais um motivo para antecipar nosso envio.

Winter apertou as mãos suadas nas laterais do corpo, grata por Scarlet sustentar a atenção deles. Se tivesse sido obrigada a falar, sua boca teria emitido murmúrios incoerentes, e eles teriam rido por um momento e enfiado os dentes nela no momento seguinte. Fechariam os maxilares nos membros dela. Cortariam os músculos até os ossos.

– Não estamos aqui para discutir minha vida amorosa. Nem a sua – disse Scarlet. – Você parece ser o mais falante. Se denomina o líder aqui?

Ele inclinou a cabeça de um jeito que a lembrou de Ryu, a forma como ele às vezes baixava as orelhas quando ouvia o guarda-caça chegando com comida.

– Alfa Strom ao seu serviço. – Ele fez uma reverência debochada. Apesar de não ser maior do que os outros, ele se movia com uma graça nada natural. Como Lobo. Como Ryu. – E ao serviço da coisinha bonita ali atrás. Sugiro que você fale rápido, moça bonita. Consigo

ouvir o estômago da minha matilha roncando.

Um dos soldados passou a língua pelo lábio inferior.

Scarlet se virou e lançou um *olhar* para Winter.

Tremendo da cabeça aos pés, Winter esticou a mão para Scarlet e usou o ombro dela para se equilibrar.

Os soldados riram.

– *Winter* – sibilou Scarlet.

– Estou com medo, Scarlet.

A expressão de Scarlet ficou pétrea.

– Talvez você queira ir lá fora se recompor e podemos voltar depois – disse ela, falando entre os dentes.

Winter tremeu por causa da raiva de Scarlet, apesar de saber que ela tinha o direito de estar se sentindo assim. Ir até ali fora ideia *dela*. Se as duas morressem, seria culpa dela.

Mas ela não permitiria. Eles eram homens, lembrou a si mesma. Homens que mereciam vida e felicidade tanto quanto qualquer outro.

Agarrando-se a esse pensamento, ela se obrigou a se afastar de Scarlet e ficou grata quando a tontura passou.

– Sou Winter Hayle-Blackburn, princesa de Luna – disse ela, e percebeu como sua voz soava baixa. Bem diferente da de Scarlet. – Preciso da sua ajuda.

Olhos brilharam, achando graça.

– Em troca, quero ajudar vocês.

Graça. Fome. Menos curiosidade do que ela esperava.

Ela engoliu em seco.

– A rainha Levana, minha madrasta, trata vocês com crueldade e injustiça. Ela tirou vocês das suas famílias e agiu como se não passassem de experimentos científicos dela. Ela trancou vocês nessas cavernas com o único objetivo de mandá-los para a Terra para

lutarem na guerra dela. E o que vocês vão ganhar por esse serviço?

Eles todos esperaram, com os olhos severos e cintilantes, observando Winter como se ela fosse o lanchinho da tarde, ainda assando no espeto. Não era diferente dos olhares que recebia de incontáveis homens na corte de Levana.

– Nada – disse ela, empurrando o medo para o fundo do estômago. – Se sobreviverem às batalhas, vão voltar para cá e ser escravizados nessas cavernas até ela precisar de vocês de novo. Não vão poder voltar para suas famílias. Não vão voltar para a sociedade nem viver as vidas que talvez já tenham sonhado em viver, antes de serem... de serem...

– *Monstros* – sugeriu um dos homens, sorrindo com a palavra.

– Eu não acredito que vocês sejam monstros. Acredito que tiveram bem poucas escolhas e que estejam lidando com as consequências da melhor maneira que podem.

Alfa Strom deu uma risadinha debochada.

– Quem poderia imaginar que receberíamos um conselho desses da própria princesa hoje? Me diga, alteza bonita... essa sessão de terapia tem lanchinho junto?

– Sua amiga, talvez? – disse outro. – O cheiro dela é delicioso.

Scarlet cruzou os braços e afundou os dedos nos cotovelos.

Winter empertigou os ombros.

– Viemos aqui para dar outra escolha a vocês. O povo de Luna está planejando uma rebelião. Em dois dias, vamos marchar para o domo central de Artemísia. Planejamos vencer a rainha e a corte, destroná-la e pôr fim à tirania dela. Peço que vocês se juntem a nós. Que lutem por nós e nos ajudem a acabar com o reinado que tirou vocês de suas vidas e os transformou em soldados. Que garantam que não vão se tornar prisioneiros nunca mais, nem experimentos, nem... *animais* criados para a diversão de Levana. Nunca mais.

Um silêncio se espalhou por eles, como se estivessem esperando para ter certeza de que ela tinha terminado. Winter procurou indicações de que prestaram atenção.

Ela se sentia um cordeiro na toca deles.

– Ela diz palavras bonitas.

Winter se virou para a voz. Era um dos homens envolvidos na briga. Havia sangue secando no canto da boca.

Ele inclinou a cabeça quando viu que tinha a atenção dela, as pálpebras se entrefechando de forma sugestiva.

– Não tão bonitas quanto o rosto.

– Exceto por essas cicatrizes.

Ela deu um pulo e se virou. Não tinha ouvido esse soldado chegar tão perto, e ele estava bem à frente. Ele passou uma unha afiada pela bochecha dela.

– De onde veio isso, moça bonita?

Ela não conseguiu responder.

Um braço envolveu os ombros de Winter e a puxou de volta.

– Pare – disse Scarlet, botando Winter atrás de si, embora fosse inútil. Elas estavam cercadas. – Vocês prestaram atenção ao que ela disse? Vocês podem se chamar de soldados ou matilhas de lobos ou do que quiserem, mas a verdade é que não passam de escravos. Winter está oferecendo liberdade. Está dando uma escolha, que é bem mais do que Levana já ofereceu. Vocês vão nos ajudar ou não?

– Vocês vão ser massacradas – sussurrou alguém no ouvido de Winter.

Ela ofegou e se virou de novo, encostando as costas nas de Scarlet. Os soldados chegaram mais perto. Predadores brincando com a presa, se deleitando com a expectativa da refeição.

– Um bando de civis patéticos vai se rebelar contra a rainha? – disse outro. – Eles não têm a menor chance.

E outro:

– Vocês não sabem quem a rainha vai chamar para os controlar se houver gente demais para manipular?

– *A nós* – disse um terceiro. – O exército dela.

– Você quer dizer os cachorrinhos dela? – retrucou Scarlet, e, embora seu tom fosse de deboche, ela estava encostada em Winter, também fazendo força. – Os *bichinhos de estimação* dela?

Os rostos dos soldados se contorceram.

– Se vocês ficarem do nosso lado, podemos vencer – declarou Winter. – Nós *vamos* vencer.

– O que vai acontecer conosco se ficarmos do seu lado e você perder? – perguntou Alfa Strom.

Um deles passou o dedo pelo pescoço de Winter. O coração dela deu um pulo.

– Com vocês ao nosso lado, nós não vamos perder – respondeu ela, a voz tremendo. Seus olhos começaram a lacrimejar de medo. – Podem parar agora. Já nos assustaram o bastante. Sei que vocês não são as criaturas cruéis que fingem ser, que foram treinados e atormentados e construídos para ser. Vocês são homens. São cidadãos de Luna. Se me ajudarem, se lutarem por mim... posso ajudar vocês a recuperarem suas vidas. Vocês não podem me dizer que não querem isso!

Ela sentia o hálito deles. Via os pontinhos coloridos nas íris. Sentia o cheiro de suor e sangue na pele. Um dos homens estava sugando um dedo dobrado, como se mal esperasse para sentir o gosto da carne dela.

Eles eram o nó de uma forca ficando cada vez mais apertado.

Com a pulsação saltando, Winter levou a mão até o pescoço, onde o soldado a tocou. Sentiu uma corda áspera ali. Apertando. *Espremendo.* Ela gritou e tentou passar os dedos ao redor, formar uma

barreira entre a corda e o pescoço, mas já estava apertado demais.

– Princesinha mimada – sibilou um dos soldados, se inclinando para que ela sentisse o hálito dele na bochecha. Winter tremeu e soube que seu olhar estava úmido e suplicante. – Nós não lutamos por princesas. Nós *brincamos* com elas.

Alfa Strom deu um sorrisinho.

– Prontas para brincar?

CAPÍTULO

Cinquenta e oito

Scarlet empurrou Winter com força e a jogou no chão com um grito. Através de um véu de cabelo, viu Scarlet dar uma cotovelada no nariz de um dos mutantes. Ela tentou pegar a arma embaixo do moletom, mas os soldados já estavam segurando-a, prendendo seus braços na lateral do corpo. A arma caiu no chão, inútil.

Doze mãos enormes colocaram Winter de pé. Ela ficou inerte nos braços deles, as pernas fracas demais para sustentá-la. Estava tremendo da cabeça aos pés, e os homens oscilavam em seu campo de visão. Em um segundo, eram soldados criados em laboratório. No outro, eram uma matilha de lobos selvagens. À espreita e mostrando os dentes enormes.

Scarlet gritou alguma coisa. Um grito de guerra. Estava lutando como uma tigresa enjaulada, com o cabelo esvoaçando, os dentes batendo, enquanto Winter pendia, fraca e delicada, tentando bloquear a visão antes que fosse demais para ela. Sua cabeça estava pesada como pedra da lua e girando rápido como um asteroide em órbita. Carregando o peso do conhecimento brutal de que aquilo era real. Elas iriam morrer. Iriam ser *devoradas*.

As lágrimas surgiram rápido e logo escorreram pelas bochechas.

– Por que vocês estão sendo tão cruéis? Ryu não agiria assim. Ele teria vergonha de vocês.

– Aguente firme, Winter – resmungou Scarlet.

O mundo hesitou. Dissolveu-se em escuridão e voltou a tomar forma. Winter sabia que desmoronaria se eles a soltassem, mas não conseguia encontrar apoio na própria força.

– Espere... tive uma ideia! – disse ela com animação, levantando a cabeça. – Vamos fazer um jogo diferente. Como quando Jacin e eu brincávamos de casinha. Esse aqui pode ser nosso bichinho de estimação. – Ela se inclinou para a frente e tentou colocar a palma da mão no nariz do soldado mais próximo, mas ele se afastou, surpreso.

Ela se pôs a observá-lo. Tentando lembrar quem ele era. *O que* ele era.

– Não? Você prefere brincar de pegar?

O rosto dele foi de perplexo a furioso em meio segundo. Ele deu um rosnado de desprezo, com os dentes ocupando metade do rosto.

– Qual é o problema dela? – perguntou alguém.

– Eu posso ser o bichinho, se você preferir. – Ela oscilou nas mãos dos que a seguravam. – Galhos e ossos, galhos e pedras. Vamos brincar durante horas, mas nunca vou me cansar e sempre vou voltar, eu sempre vou voltar... – A voz dela falhou. – Porque Ryu sempre, sempre voltava. Galhos e ossos. Galhos e ossos...

– Doença lunar – murmurou alguém. Winter o procurou e encontrou um soldado de pele quente que poderia ser bonito antes de ter sido transformado em uma coisa tão feia. Ele olhou para ela com a mesma fome de todos os outros, mas também podia haver solidariedade.

Winter não lembrava o que disse de louco. Do que estavam falando? De ir embora? Eles não estavam indo embora? Ela queria ir embora. Ou talvez estivessem fazendo planos para o jantar, para uma festa.

– Isso mesmo – disse Scarlet. Ela estava ofegante. – Ela se recusa a manipular as pessoas e a usar o glamour, mesmo quando seria *extremamente* benéfico para ela. Diferentemente das pessoas a quem vocês servem, é óbvio.

– Não vai fazer diferença no gosto dela – gritou alguém.

Winter começou a rir. Todos tinham se tornado animais. Até Scarlet estava lupina, com orelhas pontudas e uma cauda fofinha e pelo vermelho ardente. Winter virou o focinho para o teto cavernoso e cantarolou:

– *E a Terra está cheia esta noite, esta noite, e todos os lobos estão uivando, auuuuuuu...*

Uma das mãos – patas? – no antebraço dela afrouxou.

Ela uivou de novo.

– Uma princesa de Artemísia que não usa o dom? – murmurou Alfa Strom. – Por escolha própria?

– Ela acha errado controlar as pessoas e não quer acabar como a rainha – disse Scarlet. – Dá para ver o preço que está pagando por isso.

A voz de Winter falhou e ela parou de uivar. Quando o corpo ficou inerte de novo, as mãos a soltaram e deixaram que caísse de joelhos. Ela gemeu de dor e olhou ao redor. Scarlet tinha voltado a ser Scarlet, os homens tinham voltado a ser soldados. Ela piscou e ficou grata quando a alucinação não voltou.

– Desculpe – disse ela. – Eu não pretendia interromper sua refeição.

Scarlet gemeu.

– Quando ela diz que nunca vai manipulá-los, está falando sério. E pretende mesmo devolver a liberdade de vocês. Duvido que recebam uma proposta tão promissora novamente.

O barulho das dobradiças antigas assustou Winter. Os soldados se afastaram. As portas enormes de ferro se abriram e os soldados se separaram, formando filas organizadas com a rapidez de uma máquina lubrificada. Scarlet aproveitou a oportunidade para pegar a arma e prender na calça.

Atrás das portas havia oito taumaturgos, um de vermelho, de

segundo nível, o resto de preto.

O taumaturgo de casaco vermelho, um homem de cabelo grisalho, viu Winter e Scarlet e deu um sorriso de víbora para elas.

– Oi, Alteza. Soubemos que você poderia estar aqui.

Alguns dos soldados chegaram para o lado, abrindo caminho entre os taumaturgos e Winter.

– Oi, taumaturgo Holt – respondeu Winter, levantando-se em pernas bambas, embora ainda estivessem doendo. Ela achava que devia sentir medo daqueles homens e mulheres; normalmente, só de ver os casacos e as runas bordadas era tomada de ansiedade e medo e mil lembranças de pessoas morrendo no chão da sala do trono. Mas todo o medo dela tinha se esgotado.

– Quando o sistema captou sua identificação, achei que devia ser erro. Eu não achei que você fosse louca o bastante para vir *aqui*. – Ele olhou para os soldados. – Vocês não estavam com fome? Ou as garotas não são atraentes o bastante para seu gosto?

– Ah, eles estavam com muita fome, sim – disse Winter, lutando para ficar de pé. – Não é verdade, amigos alfas, amigos lobos? – Ela virou a cabeça para o lado. – Mas eu tinha esperanças de que pudessem me proteger e lutar por mim se eu lembrasse a eles que já foram homens, homens que não queriam ser monstros.

– Acontece que eles são só cachorros treinados de Levana, no fim das contas – disse Scarlet.

Um grupo de soldados olhou para elas com irritação.

O taumaturgo Holt riu com deboche.

– Eu já tinha ouvido falar da sua língua afiada. – O olhar se desviou para o cotoco de dedo na mão de Scarlet. – Pode dizer e pensar o que quiser, filha da Terra. Esses soldados sabem o dever deles. Foram criados para executar as ordens de Sua Majestade e fazem isso sem reclamar.

– É mesmo?

Winter não sabia qual deles tinha falado, mas as palavras foram tão carregadas de ódio que a pele dela se arrepiou.

Holt olhou com irritação para os homens ao redor, arrogante e cheio de ódio.

– Espero que não seja *discordância* o que estou detectando, Regimento 117. Sua Majestade ficaria decepcionada se soubesse que alguns dos estimados soldados demonstraram desrespeito pelos mestres.

– Cachorrinhos estimados, você quer dizer – murmurou Scarlet. – Cada um vai ganhar uma coleira de diamantes também?

– Amiga Scarlet – sussurrou Winter –, você não está tendo consideração.

Scarlet revirou os olhos.

– Eles estão prestes a nos matar, caso você não tenha percebido.

– Estamos, sim – disse Holt. – Homens, podem matar essas traidoras.

Winter inspirou fundo, mas Alfa Strom levantou a mão, e nenhum dos soldados se mexeu.

– Interessante você ter mencionado nossos mestres, pois parece que alguns estão faltando.

Os sete taumaturgos atrás de Holt continuaram imóveis, olhando para o regimento. Winter contou. Havia onze matilhas naquele regimento. Deveria haver onze taumaturgos para controlá-los.

– Vou perdoar sua ignorância nesse assunto – disse Holt entredentes. – Pois você não tinha como saber que nosso país está passando por um momento de tumulto. Alguns dos nossos taumaturgos de maior nível, além de guardas e até soldados como vocês, foram assassinados hoje, junto com uma tentativa de assassinato contra nossa rainha. Como você pode *perceber*, não temos

tempo para discussões. Mandei que vocês matassem essas garotas. Se vocês se recusam, eu mesmo vou matar, e vocês vão ser punidos por desobedecerem a uma ordem direta.

Winter sentiu corpos ao redor se moverem, como aconteceu quando eles as cercaram pela primeira vez. Aproximando-se de forma quase imperceptível. Como um nó se apertando.

– Pena que vocês alteraram tanto nossos cérebros – disse Alfa Strom. – Senão poderiam nos manipular, certo? Poderiam nos obrigar a seguir sua ordem. Mas vocês nos transformaram em um bando de animais selvagens.

– Uma matilha de lobos famintos – rosnou alguém.

– Assassinos – sussurrou Winter baixinho. – Predadores, todos.

Eles se moveram em torno de Winter e Scarlet como água ao redor de pedra. Winter segurou o pulso de Scarlet e a puxou para perto, seus ombros se tocando.

– Vocês não me fizeram para ser bom em matemática – continuou Strom. – Mas, pela minha contagem, não podem punir todos nós, mesmo que quisessem.

Eles tinham formado um semicírculo em volta dos taumaturgos, que pareciam inseguros.

– Chega – cortou Holt. – Eu mandei vocês...

A tensão explodiu antes que ele terminasse. Os soldados partiram para cima dos mestres, as bocas rosnando e as mãos enormes prontas para rasgar, arranhar e arrancar.

Como uma pulsação sônica, dezenas de soldados caíram no chão, se contorcendo e segurando a cabeça. Os nós de seus dedos ficavam brancos conforme apertavam as mãos nos crânios, gritando de dor. Os poucos que ficaram de pé pularam por cima dos colegas caídos com os rostos contorcidos de fúria.

Winter se encolheu enquanto via Alfa Strom, que tinha caído na

frente dela, encolhido em posição fetal, gritando. Mas o grito foi interrompido e substituído por vômito e um choramingo, seus olhos bem apertados enquanto tentava bloquear o que estava sendo feito com ele.

Aquele choramingo atingiu Winter como uma lembrança, Ryu atrás dela. O som da faca de Jacin. O sangue quente e grudento.

Winter caiu no chão e rastejou até Strom, passou as mãos pelo rosto deformado, esforçando-se para acalmá-lo. As pontas de seus dedos rachadas, terrivelmente geladas.

A briga, se é que podia ser chamada de briga, acabou em segundos. Winter não lembrava se os taumaturgos tiveram tempo de gritar. Houve o barulho de ossos esmagados, de tecido rasgado, e acabou. Um olhar rápido confirmou oito corpos sangrentos na entrada da caverna, e uns vinte e quatro soldados de pé acima deles, limpando sangue do queixo e tirando carne de baixo das unhas.

A respiração de Winter formou uma névoa no ar. O frio estava no estômago também, congelando tudo.

Os dedos ainda estavam no cabelo de Strom quando ele de repente segurou a mão dela e empurrou.

Scarlet chegou lá em um segundo, passou os cotovelos por baixo dos braços de Winter e a puxou para longe. Ao redor, os que tinham caído estavam se recuperando do tormento que os mestres tinham infligido a eles. Os rostos estavam contorcidos de dor, mas também houve satisfação quando eles viram os taumaturgos mortos.

Strom se agachou e balançou a cabeça. O olhar penetrante encontrou Winter. Ela se encolheu junto à amiga flamejante, tremendo.

As palavras de Strom saíram arrastadas quando ele falou:

– Você tem doença lunar porque não consegue controlar as pessoas como eles controlam?

Winter olhou para os taumaturgos, ou para o que sobrou deles, e se arrependeu na mesma hora. Olhou então para as pontas dos dedos frágeis.

– Ah, talvez – gaguejou ela com lábios dormentes. – Mas sei c-como é ser controlada, a-assim como você.

Strom se levantou, recuperando a força com mais rapidez do que muitos outros. Ele avaliou Winter e Scarlet por um tempo.

Por fim, disse:

– Ela vai mandar mais cães de caça para nos punir por isso. Eles vão nos torturar até estarmos implorando aos pés deles, como os cachorros que somos. – Apesar de a voz soar rouca, um sorriso surgiu na boca cruel. – Mas conhecer o gosto e o cheiro de sangue de taumaturgo compensa.

Um soldado uivou em concordância, e logo vários uivos soaram juntos, perfurando os tímpanos de Winter e fazendo a caverna tremer. Alfa Strom se virou para o regimento, e houve um momento de celebração, punhos batendo em punhos e uivos que pareciam não terminar.

Winter se obrigou a se levantar, embora ainda estivesse com frio e tremendo. Scarlet ficou ao lado dela, um pilar.

A voz de Winter estava forte quando ela perguntou:

– Agora vocês estão saciados?

Strom se virou e as parabenizações agitadas entre os homens começaram a se dissipar. Os olhos ainda exibiam fome quando se viraram para as duas garotas.

– Seus desejos estão saciados? – perguntou Winter. – Sua fome foi aliviada?

– *Winter* – sibilou Scarlet. – O que você está fazendo?

Ela sussurrou em resposta:

– Eu estou descongelando.

Scarlet franziu a testa, mas Winter deu um passo para longe dela.

– E então? Vocês estão saciados?

– Nossa fome nunca é saciada – rosnou um dos soldados.

– Foi o que pensei – disse Winter. – Sei que vocês querem comer a mim e minha amiga, pois seríamos um lanchinho suculento e delicioso. – Ela sorriu, não tão apavorada com a ideia como estava antes. – Mas, se decidirem nos ajudar, talvez em pouco tempo possam se empanturrar com a própria rainha. E a carne dela vai ser mais satisfatória do que a nossa, não vai? Mais satisfatória até do que a dos seus mestres mortos ali na porta?

Um silêncio se espalhou por eles. Winter viu os cálculos por trás dos rostos e ouviu alguns deles sugando os dentes.

– Lutem comigo – disse ela quando bastante tempo tinha se passado e nem ela e nem Scarlet foram devoradas. – Não vou controlar vocês. Não vou torturar vocês. Me ajudem a acabar com o reinado de Levana, e vamos todos conquistar a liberdade.

Alfa Strom olhou nos olhos de alguns soldados (os outros alfas, presumiu ela) antes de fixar um olhar penetrante nela.

– Não posso falar pelo regimento todo – disse ele. – Mas aceito sua proposta. Se você jurar nunca nos controlar como eles fizeram, minha matilha vai lutar pela sua revolução.

Alguns homens assentiram. Outros rosnaram, mas Winter achou que era um rosnado de concordância.

Em resposta, ela levantou o nariz na direção do teto da caverna e uivou.

CAPÍTULO

Cinquenta e nove

Scarlet esperou até os uivos pararem de ecoar pelas paredes da caverna e se jogou na frente de Winter.

– Você entende que, ao aceitar nos ajudar, só pode atacar a rainha Levana e as pessoas que servem a ela – disse ela, apontando para Strom. – *Nada* de civis, em hipótese nenhuma, nem mesmo aqueles aristocratas irritantes, a não ser que eles se mostrem uma ameaça. Nosso objetivo é destronar Levana, não massacrar a cidade toda. E também não vamos dar a vocês um almoço grátis. Esperamos que vocês sigam ordens e sejam úteis. Isso pode querer dizer treinar algumas pessoas dos setores para lutar e usar armas, ou pode querer dizer tirar pessoas feridas do fogo cruzado... não sei. Mas *não* quer dizer que vocês podem sair correndo pelas ruas de Artemísia destruindo tudo o que veem. Podemos concordar com isso?

Strom sustentou o olhar dela, com a ferocidade novamente virando diversão.

– Entendo por que seu companheiro a escolheu.

– Não estou atrás de comentários pessoais – disse ela com rispidez.

Strom assentiu.

– Aceitamos suas exigências. E, quando Levana se for, seremos homens livres, podendo seguir a vida que escolhermos.

– Desde que essa vida siga as leis da sociedade... sim. Isso mesmo.

Strom observou a multidão. Se não fosse por todo o sangue, pareceria que as mortes dos taumaturgos não aconteceram.

– Alfa Perry? Alfa Xu?

Um a um, ele contou os alfas restantes, e um a um eles aceitaram

os termos de Scarlet e Winter. Quando acabou, Winter se virou para Scarlet com um sorriso lacrimoso, mas encantador.

– Eu falei que eles se juntariam a nós.

Scarlet respirou fundo.

– Precisamos descobrir o que está acontecendo na superfície. Tem alguma forma de nos comunicarmos com os setores? Dizer para eles que a revolução vai acontecer, mesmo que Cinder...

Ela não conseguiu terminar a frase. Não fazia ideia do que tinha acontecido com Cinder, com Lobo.

Lobo. Ze'ev. Seu companheiro alfa.

Pensar nele abria um buraco em seu peito, então ela não pensaria. Acreditaria que ele estava vivo porque *tinha* que estar.

– Temos que ir para a superfície de qualquer jeito – disse Strom. – Esses tubos de lava não têm ligação com os trilhos dos trens de levitação magnética. Ou... têm, mas nos obrigariam a fazer um desvio muito grande. É melhor subirmos até o setor mais próximo e nos infiltrarmos nos túneis por lá.

– Qual é o setor mais próximo? – perguntou Scarlet.

– EM-12 – disse alguém. – Extração e produção de madeira. É um trabalho perigoso, com muitos acidentes. Duvido que sejam simpatizantes de Sua Majestade.

– Talvez tenhamos a sorte de conseguir armas lá também – disse outro.

– Qual é a distância até lá? – perguntou Scarlet.

– Aqui era o depósito de EM-12. – Strom apontou para o teto. – Está bem acima das nossas cabeças.

Quando eles voltaram para as cavernas, demorou menos de dez

minutos para um homem abrir uma porta de metal que levava a uma escadaria estreita. Parecia uma quantidade interminável de degraus. O espaço confinado logo ficou abafado e quente.

– Amiga Scarlet?

A voz frágil de Winter deixou Scarlet tensa. Ela fez uma pausa, olhou para baixo e viu a princesa usando o corrimão antigo preso à parede para se empurrar para a frente, ao mesmo tempo que usava as pernas. A respiração estava pesada, e não era por causa da subida.

– O que foi?

– Sou uma garota feita de gelo e neve – sussurrou a princesa. Seus olhos perderam o foco.

Scarlet falou um palavrão e contornou um grupo de soldados para chegar até a princesa. Todos pararam, e Scarlet se sentiu estranhamente tocada com a preocupação que viu nos olhos de alguns soldados.

Só Winter mesmo para deixar um bando de predadores sádicos e explosivos doidos por ela. Embora Scarlet não gostasse de pensar que o que ela e Lobo tinham era construído com base em instintos animais, não deixou de se perguntar se o mesmo tipo de instinto estava em jogo ali. Uma vez que elas persuadiram os homens a se juntar à causa delas, estariam eles passando de predadores assassinos a predadores protetores? Talvez tivessem vivido com violência e escuridão por tanto tempo que uma mera rachadura na armadura bastava para que desejassem algo mais profundo.

Ou talvez fosse Winter, que era capaz de fazer uma pedra se apaixonar por ela se sorrisse do jeito certo.

– Você está tendo uma alucinação? – perguntou Scarlet, apertando a mão na testa de Winter, apesar de não ter certeza do que estava procurando ali. – Não está gelada. Consegue andar? Ainda está respirando?

Winter baixou o olhar.

– Meus pés estão presos em cubos de gelo.

– Seus pés estão ótimos. Tente andar.

Com um esforço absurdo, Winter subiu mais um degrau. Mas parou de novo, ofegante.

Scarlet suspirou.

– Tudo bem. Você é uma garota de gelo e neve. Alguém pode ajudá-la?

O soldado mais próximo segurou o pulso de Winter e passou o braço dela por seus ombros, para que ela se apoiasse no corpo dele para subir a escada. Em pouco tempo, ele a estava carregando.

Eles chegaram ao alto e saíram em um tanque de aço que devia ser usado para sustentar a atmosfera artificial enquanto os domos estavam sendo construídos. Em pouco tempo, estavam do lado de fora.

Ou tão do lado de fora quanto possível em Luna, o que Scarlet achava que era uma representação triste.

– Isso deveria ser uma floresta? – murmurou ela, observando as árvores baixas e magrelas em fileiras perfeitas.

Depois dos troncos ao longe, ela via uma área ampla que tinha sido cortada recentemente e, do outro lado, hectares de árvores novas.

Bem à frente, no centro do domo, ela identificou a forma de um chafariz, idêntico ao do setor de mineração, situado em uma clareira entre as árvores. A grama ao redor parecia sem cuidados.

Alfa Strom foi na frente, na direção contrária ao chafariz, para as residências. Dava para ouvir barulho de gente. Muita gente. Quando eles chegaram às ruas residenciais principais, Scarlet viu dezenas de civis segurando uma variedade de armas (a maioria pedaços de pau), de pé em fileiras organizadas e sendo guiadas por uma série de manobras. Um homem de peito largo e barba estava andando pelas

fileiras, gritando coisas como:

– Desviem! Ataquem! Tem alguém atrás de você!

Até os olhos destreinados de Scarlet viam que os movimentos das pessoas eram desajeitados e descoordenados e que elas formavam um grupo terrível, a maioria com aparência magra e faminta como as pessoas do setor mineiro. Mesmo assim, era animador saber que estavam atendendo ao chamado de Cinder.

Scarlet teve o pensamento horrível de que podiam estar enviando essas pessoas para a morte, mas afastou a ideia.

Um grito surpreso interrompeu o treinamento. Eles foram vistos.

Scarlet e cem mutantes saíram das sombras da floresta. O primeiro grito gerou outras dezenas, e as fileiras se separaram, recuaram. Mas as pessoas não correram. O que aconteceu foi que, conforme Scarlet e os soldados mutantes se aproximaram, as pessoas levantaram as armas, tentando esconder o terror por trás de coragem fingida. Ou talvez fosse a coragem mais verdadeira que existia.

As pessoas deviam estar esperando alguma coisa assim. Não seria surpresa Levana puni-las por essa exibição clara de rebelião. Mas *cem* soldados eram muito além das expectativas delas.

Fiéis à palavra, os soldados não atacaram, só seguiram em frente até estarem a vinte passos da primeira fila de cidadãos.

Scarlet prosseguiu e se separou do grupo.

– Sei que eles têm uma aparência assustadora – disse ela. – Mas não estamos aqui para machucar vocês. Somos amigos da princesa Selene. E vocês talvez reconheçam Vossa Alteza, a princesa Winter.

A cabeça de Winter rolou no ombro do homem que a carregava.

– É um grande prazer conhecer todos vocês – murmurou ela, parecendo meio bêbada. Scarlet sentiu orgulho dela pelo esforço.

As pessoas apertaram os pedaços de pau e as lanças, ou o que quer

que aquelas coisas fossem.

O homem barbado abriu caminho até a frente da multidão, parecendo durão e ansioso ao mesmo tempo.

– A princesa Winter está morta.

– Não, não está – disse Scarlet. – A rainha tentou mandar matá-la, mas falhou. Tudo o que contou para vocês era mentira.

O homem ficou olhando para Winter por bastante tempo, seu rosto contorcido de desconfiança.

– Não é glamour – disse Scarlet. – É ela mesmo. – Ela hesitou, revirando os olhos. – Não que eu tenha forma de provar. Mas, se quiséssemos matar vocês, para que fazer isso tudo? Olhem, estamos aqui para nos juntar a vocês no cerco a Artemísia. Esses homens aceitaram lutar por nós.

O homem a observou.

– Quem é você?

– Meu nome é Scarlet Benoit. Sou... – Ela lutou para pensar em como se intitular. A piloto? A fêmea alfa?

– Ela é terráquea – disse alguém. Ela achava irritante que eles percebessem com tanta facilidade, como se ela tivesse uma marca.

– Sou amiga da princesa Selene – declarou ela. – E sou amiga da princesa Winter. E há bem pouco tempo eu era prisioneira da rainha Levana. Ela cortou meu dedo. – Ela levantou a mão. – E matou minha avó, e agora pretendo ajudar Selene a tirar *tudo* dela. – Ela indicou os soldados. – Esses homens escolheram nosso lado, e não o de Levana, assim como vocês, e são as melhores armas que temos. Talvez eles possam ajudar no treinamento de combate. – Ela se virou para Strom. – Certo?

Mas a expressão de Strom não foi tão conciliadora quando ele parou ao lado dela.

– Nós dissemos que íamos ajudar e vamos mesmo, mas não vamos

ficar parados aqui a noite toda ouvindo negociações com um bando de lenhadores. Se não nos querem aqui, vamos encontrar um setor que queira.

Scarlet riu com deboche.

– Boa sorte.

Ele rosnou para ela. Ela rosnou para ele.

Com os lábios apertados, o homem barbado olhou dos civis nervosos com pedaços de paus afiados para os soldados fortes e cobertos de pelos.

– Mandamos mensagens para os setores próximos sempre que podemos, mas é difícil tentar coordenar o ataque. Os transportes não estão funcionando. E não somos guerreiros.

– Obviamente – resmungou um dos soldados.

Alguém na multidão sibilou:

– Conte sobre os guardas.

Scarlet levantou as sobrancelhas quando o medo da multidão foi substituído por peitos estufados e colunas empertigadas.

– Guardas?

– Um regimento de guardas armados ficou aqui durante anos e falamos em tentar dominá-los, até fizemos planos para isso antes, mas sempre pareceu sem sentido se Levana ia simplesmente mandar mais. Mas assim que a mensagem de Selene chegou... – Ele sorriu para os companheiros. – Nosso plano funcionou. Nós os desarmamos em minutos, e eles estão trancados em um dos depósitos na fábrica. – Ele cruzou os braços. – Houve fatalidades, mas sabíamos que isso aconteceria. Estamos dispostos a fazer o que tem que ser feito, assim como as pessoas de MR-9. Acredito que Selene nos deu o que pode ser nossa única chance.

Scarlet piscou.

– O que tem as pessoas de MR-9?

– Dizem que Selene esteve lá, e que havia uma mulher que a abrigou. Ela era só uma mineira, não era ninguém especial, mas provou o quanto podemos ser corajosos.

– Maha Kesley – sussurrou Scarlet.

O homem levou um susto.

– Isso mesmo. – Ele olhou para o povo reunido, com o maxilar firme. – Ela foi morta por oferecer sua casa para nossa verdadeira rainha, mas a morte dela não vai ser em vão, assim como as mortes de todos os que resistiram a Levana no passado.

Scarlet assentiu, embora ainda estivesse meio tonta. Aimery queria que a morte de Maha fosse um aviso para qualquer pessoa que ficasse do lado de Cinder, mas ali, pelo menos, teve o efeito oposto.

Maha Kesley se tornou mártir.

– Você está certo – disse ela. – Selene não precisa que vocês sejam guerreiros. Maha Kesley não era, mas era corajosa e acreditava na nossa causa. É dessa determinação que a revolução precisa.

– Ter mais alguns guerreiros não faria mal – murmurou Strom, pegando um pedaço de pau do civil mais próximo, que se encolheu. – Pessoal, voltem à formação! Vamos ver se conseguimos fazer vocês parecerem um pouco menos patéticos.

CAPÍTULO

Sessenta

– Os moradores de GM-3 dominaram os guardas enviados para sufocar o levante que começou nas fábricas ontem à tarde – disse Aimery, recitando a informação a partir de um tablet, como se fosse coisa corriqueira. Levana permitiu a encenação e manteve o rosto calmo enquanto ouvia o relato. Só o pé ficava batendo no piso brilhante do solar, tremendo com fúria controlada. – Estamos enviando um novo regimento de guardas junto com um taumaturgo desta vez. O levante em WM-2 foi sufocado, com sessenta e quatro mortes civis e uma perda de cinco guardas. Estamos conduzindo um censo completo no setor, mas estimamos que cerca de duzentos civis tenham escapado antes da insurreição, junto com uma quantidade desconhecida de armas e munições roubadas. Os guardas de todos os setores vizinhos foram colocados em alerta.

Levana sufocou um longo suspiro. Andou até as enormes janelas que davam vista para a cidade. A cidade perfeita, imaculada e tranquila. Parecia impossível que tanto caos estivesse acontecendo no planeta dela, ainda mais com tudo ali tão calmo, tão *normal*.

E tudo por causa daquela ciborgue, do vídeo maldito e dos discursos idiotas.

– Dezesseis setores agrários se recusaram a carregar os trens de suprimentos que levamos – continuou Aimery. – E nos disseram que um trem desprotegido, transportando laticínios, muitos destinados às comemorações desta semana, foi tomado por um grupo de civis perto de AR-5 e esvaziado. Não conseguimos recuperar nada nem apreender os ladrões dessa vez. – Ele limpou a garganta. – No setor

GM-19, os cidadãos bloquearam duas das três plataformas de trens, e hoje de manhã mataram vinte e quatro guardas enviados para derrubar os bloqueios. Estamos compilando um regimento controlado por taumaturgos para enviar para lá.

Levana ajeitou uma dobra no ombro.

– No setor SB-2...

O elevador apitou no centro da sala, afastando a atenção de Levana da cidade. O taumaturgo Lindwurm entrou e fez uma reverência apressada, com as mangas pretas roçando o chão.

– Vossa Majestade.

– Se você veio me dizer que os setores externos estão um caos e que as pessoas estão se rebelando, infelizmente você está atrasado. – Ela estalou os dedos para o servo ao lado das portas dos elevadores. – Traga vinho.

O servo saiu correndo.

– Não, minha rainha – disse Lindwurm. – Tenho notícias dos alojamentos, Regimento 117.

– O quê? *Eles* também estão se rebelando? – Levana riu, embora por baixo da histeria houvesse um medo crescente. Poderia aquela ciborgue ter virado o país todo contra ela com tanta facilidade?

– Talvez, minha rainha – respondeu Lindwurm.

Levana se virou para ele.

– O que você quer dizer com *talvez*? Eles são meus soldados. Não podem se rebelar contra mim.

Lindwurm baixou o olhar.

– Nossa equipe de segurança recebeu uma notificação duas horas atrás de que a identificação da princesa Winter foi rastreada na parte externa do alojamento.

O sorriso de Levana sumiu.

– Winter? – Ela olhou para Aimery, que se empertigou, com o

interesse aguçado. – Então ela está mesmo viva. Mas o que estaria fazendo lá?

– O sistema captou as impressões digitais dela sendo usadas para entrar no alojamento. Depois de saber sobre a brecha na segurança, os oito taumaturgos que restaram do Regimento 117 foram enviados para verificar se a princesa era uma ameaça.

– Imagino que seja demais esperar que tenham encontrado a garota querida em pedacinhos sangrentos.

Era o que deveriam ter encontrado. Os animais deveriam ter matado Winter sem hesitação; foi isso que foram criados para fazer. Mas ela desconfiava que não tinha sido assim.

– Pelo que pudemos verificar, quando os taumaturgos chegaram, os soldados se viraram contra eles e os atacaram – informou Lindwurm. – Os oito estão mortos.

O sangue dela ferveu e latejou nas têmporas.

– E Winter?

– A princesa e os soldados abandonaram o alojamento. Câmeras de segurança mostraram todos eles subindo ao setor mais próximo, EM-12. É um dos setores em revolta, mas não o estávamos considerando uma ameaça de alta prioridade.

– Você está dizendo que *meus* soldados ficaram do lado da garota?

Lindwurm baixou a cabeça.

O servo voltou carregando uma bandeja de prata com um decantador e um copo de cristal. Levana ouviu o decantador tremendo na beira do copo quando o vinho foi servido. Ela quase não sentiu o peso do copo na mão quando o pegou.

– Saia – ordenou ela, e o servo não conseguiu fugir rápido o bastante.

Ela foi até a janela. Sua cidade. Sua lua. O planeta que ela um dia governaria pairando no horizonte, quase cheio.

Quando deu a Jacin Clay a oportunidade de reconquistar sua boa vontade matando a princesa, imaginava que ele fosse tentar alguma coisa idiota, mas esperava que ele fosse perceber o quanto era inútil. Esperava que fosse escolher acelerar a morte de Winter para que a garota sofresse o mínimo possível, em vez de arriscar uma sentença mais brutal. Isso era misericórdia, afinal. *Misericórdia.*

Mas ele fracassou. Winter ainda estava viva, e estava tentando roubar o exército de Levana, assim como roubou a adoração das pessoas, assim como Selene estava estragando *tudo*.

Ela tentou imaginar a cena. A dócil e meio maluca Winter piscando os olhinhos para as feras brutais e eles *caindo nessa*. Ah, ficariam doidos por ela. Cairiam de joelhos e implorariam para obedecê-la. Seguiriam a amada princesa a qualquer lugar.

– Minha rainha – disse Aimery, levando o punho ao peito. – Sinto-me responsável por termos falhado na busca à princesa durante a ação em MR-9. Por favor, me dê essa chance de compensar o erro. Vou até esse setor para resolver a questão da princesa. Não vou falhar de novo.

Ela se virou para encará-lo.

– Você pretende matá-la, Aimery?

Uma pausa... bem rápida, mas que existiu.

– Claro, minha rainha.

Rindo, Levana tomou um gole de vinho.

– Não tem muito tempo que você pediu para se casar com ela. Você a acha bonita?

Ele riu.

– Minha rainha. Todo mundo acha a princesa bonita, mas ela não é páreo para Vossa Majestade. *Você* é a perfeição.

– Eu já comecei a me perguntar se a perfeição não é uma falha. – Ela deu um sorrisinho. – Embora talvez uma falha possa contribuir

para a perfeição. – Ela grudou o olhar em Aimery e ajustou o glamour, criando três arranhões intensos e sangrentos na bochecha direita.

Ele engoliu em seco.

– Eu conheço você há muitos anos, Aimery. Sei que *gosta* que elas sejam quebradas. Vocês seriam um bom casal, no fim das contas... você é tão patético quanto ela. – Ela jogou a taça. Aimery se abaixou e bloqueou o copo com o antebraço. A taça caiu no chão, o vinho se derramou como uma mistura de água e sangue, espirrando nos sapatos de Levana. – Você vai ter sua chance de provar sua lealdade, mas não no que diz respeito a Winter. Parece que ninguém tem estômago para fazer o que precisa ser feito; nem você, nem Jacin Clay, nem mesmo meus amados bichinhos. Estou cansada de decepções.

Ela se virou de costas. Os pensamentos giravam com traição, nojo e inveja. Sim, até inveja. Tudo por causa daquela menina insignificante. Aquela coisinha fraca e frágil.

Se ao menos a tivesse matado anos atrás, antes de ela ficar tão bonita. Antes de se tornar uma ameaça. Levana deveria tê-la matado na primeira vez que a viu dormindo no berço. Deveria tê-la matado quando mandou a mão de Winter pegar aquela faca, quando tinha certeza de que uma leve desfiguração acabaria com todos os sussurros na corte, com toda a falação da enteada de treze anos já concorrendo ao título de *garota mais bonita de Luna*.

Não deveria ter feito aquela promessa idiota a Evret, tantos anos antes. O que eram promessas quando feitas aos mortos?

Quando sua respiração voltou a se regularizar, ela apagou as cicatrizes de sua pele perfeita.

O taumaturgo Lindwurm respirou fundo para lembrá-la de sua presença.

– Minha rainha, vamos criar uma força-tarefa para lidar com a

princesa e com os soldados desertores. Devo mandá-los matar a princesa assim que a virem?

Ela olhou por cima do ombro.

– Eu sou uma boa rainha, não sou?

Lindwurm ficou tenso.

– Não há a menor dúvida disso.

– Eu mantive este país unido. Declarei uma guerra por ele, para que meu povo tenha acesso a tudo o que a Terra tem a oferecer. Fiz tudo por *eles*. Por que estão fazendo isso? Por que eles *a* amam, se ela não fez nada para merecer? Se não fosse tão bonita, eles veriam como ela é de verdade. Manipuladora, conspiradora... ela debocha de tudo o que defendemos.

Nem Aimery nem Lindwurm responderam.

Levana respirou fundo, trêmula, e disse com rispidez:

– Encontrem outro servo que me traga mais vinho.

Lindwurm fez uma reverência e saiu.

– A morte não é o bastante para ela – murmurou Levana baixinho, passando por Aimery. – A morte foi a escolha misericordiosa, porque fiz uma promessa para meu marido, mas ela perdeu o direito à misericórdia. Quero que todos vejam como ela é. Fraca e patética por fora, assim como é por dentro.

Aimery apertou os lábios. Parecia arrogante, mesmo quando assumia uma postura servil.

– Diga-me como posso melhor servi-la.

– A rebelião está durando muito. Nem comida nem suprimentos devem ser enviados para os setores externos, a não ser que estejam preparados para implorar por perdão. Está na hora de os cidadãos de Luna lembrarem o quanto têm sorte de me ter. – O coração dela pulou de expectativa. – E mande chamar o dr. Evans. Tenho uma tarefa especial para ele.

– E a princesa, minha rainha?

– Não se preocupe com sua querida princesa desfigurada. – Com expressão de desprezo, Levana se inclinou para a frente e passou o polegar pelo maxilar de Aimery, limpando uma gota de vinho. – Eu mesma vou cuidar dela, como deveria ter feito muito tempo atrás.



LIVRO

Quatro

“Você tem medo de veneno?”, perguntou a mulher idosa. “Vou cortar a maçã ao meio. Coma a metade vermelha, e eu vou comer a branca.”



CAPÍTULO

Sessenta e um

Cinder estava frustrada com sua própria impotência. Eles tinham ido para a sala de recreação da mansão. Até então, Cinder não sabia que mansões *tinham* salas de recreação. Estava fazendo o melhor que podia para ditar aos outros o que precisava ser feito para extrair o vídeo que tentou fazer na sala do trono e para consertar a perna e a interface cérebro-máquina. Mas, enquanto eles corriam de um lado para outro reunindo suprimentos, ela ficava sentada em um sofá confortável com a perna de metal inútil. Cinder odiava saber que poderia fazer tudo funcionar de novo com facilidade se estivesse na oficina de Nova Pequim. Se tivesse as ferramentas certas. Se *ela* não fosse a máquina que precisava ser consertada.

Ela tentou sentir gratidão. Tinha sobrevivido à tentativa de execução da rainha e não se afogara no lago Artemísia. Estava com os amigos de novo, e Iko não tinha sido destruída; na verdade, havia sido ajudada por um dos soldados do próprio Aimery, que confirmou o que Jacin já tinha lhe dito uma vez. Nem todo mundo no palácio era tão leal a Levana quanto ela queria que pensassem.

Além disso tudo, ela *talvez* tivesse imagens em vídeo de Levana que mostrariam o que havia por baixo do glamour. Poderia ser a melhor arma contra a rainha e seu controle mental.

Se as filmagens não tivessem sido destruídas pela água, claro.

– Thorne, tire o painel de trás daquele receptor, mas *delicadamente*. Jacin, o que você encontrou no painel de segurança?

– Um monte de fios. – Jacin colocou um amontoado de fios e uma placa de dados no chão.

Cinder mexeu nos fios com o pé bom.

– Alguns desses devem servir. Me ajude a virar essa mesa. É parecida com os jogos holográficos de tabuleiro que temos na Terra, eu acho...

Ela pegou uma das pernas da mesa com a mão boa, mas o ombro machucado resistiu quando tentou virá-la. Jacin tirou a mesa de suas mãos e a virou por conta própria, fazendo Cinder sentir um tremor no olho esquerdo. Tentou não ficar ressentida. Não era culpa dela ainda estar dolorida da mordida do soldado lobo, e pelo menos a pomada anestésica que encontraram estava fazendo milagres.

– Não vai sair sangue quando abrirmos você, vai? – perguntou Thorne, carregando o receptor até Cinder, para ela poder mexer no que tinha dentro. – Estamos falando só de partes cibernéticas aqui, certo?

– Tomara que sim.

Ela observou a parte interna do receptor enquanto Thorne e Jacin desmontavam a mesa de jogos. A configuração era diferente de tudo o que eles tinham na Terra: fios de cores diferentes, plugues e conectores de tamanhos distintos, mas tudo funcionava com tecnologia similar e com os mesmos princípios básicos.

– Não é exatamente uma cirurgia; é algo mais perto de uma manutenção. Nossa maior preocupação é se o hardware vai ser compatível ou não. A tecnologia é similar, mas mudou bastante desde que Luna e a Terra pararam de fazer comércio desse tipo... logo vamos descobrir. – Ela olhou para a mesa de jogos enquanto Thorne abria o painel lateral, revelando a parte interna. – Ah, perfeito! – Inclinando-se para a frente, ela puxou o conversor de fibra. – Podemos usar isto.

Iko e Cress entraram na sala, Cress carregando uma caixa de madeira.

– Tem uma oficina lá atrás – disse Iko.

Ela estava usando uma blusa rosa cintilante que encontrou na casa, mais para cobrir o buraco de bala no tronco e o corte na parte de trás do ombro direito. Cinder torcia para que, quando estivesse consertada, conseguisse ao menos fazer o braço de Iko funcionar de novo.

– Encontrei tudo da sua lista, menos o extrator de peças desmagnetizado de três pontas. Mas encontrei uma pinça no banheiro... – Ela girou a pinça entre os dedos bons.

Retorcendo a boca, Cinder pegou a pinça e tirou um pelo de sobrancelha que tinha ficado grudado na ponta.

– Vamos fazer com que sirva.

Ela observou a pilha de ferramentas e peças que reuniram, retiradas de aparelhos por toda a mansão. Sem ver o interior da própria cabeça e sem poder oferecer um diagnóstico preciso, era difícil saber o que precisariam consertar, mas, se não estivesse incluído naquela pilha, eles tinham poucas esperanças de encontrar ali.

– Vamos precisar de uma lanterna, para você poder ver o que está fazendo. E que tal um espelho de mão? Podemos segurar de forma que eu consiga ver lá dentro.

Jacin balançou a cabeça.

– Não nesta cidade.

Cinder fez uma careta.

– Certo, tudo bem. Vamos extrair os dados do chip de vídeo primeiro, depois vamos nos concentrar no display da retina. Meus olhos ainda estão se comunicando com meu nervo óptico, então meu melhor palpite é que houve uma falha de transferência de dados do meu painel de controle até o display. Pode ser algo tão simples quanto um fio danificado. Quando fizermos isso funcionar, devo conseguir

fazer meu diagnóstico interno e entender o que tem de errado com minha mão e minha perna. – Ela apontou para uma cadeira de visualização de realidade virtual. – Arrastem aquilo até aqui.

Jacin obedeceu e Cinder se acomodou na cadeira, virada de costas de forma a passar os braços pelo encosto. Ela apoiou a testa ali.

– Cress?

– Estou pronta quando você estiver.

– Tudo bem. Vamos ver o que encontramos.

Iko puxou o cabelo de Cinder para o lado e enfiou a unha na trava na parte de trás do crânio. Ela sentiu o painel sendo aberto.

– Ah, claro – disse Thorne. – Quando *eu* abro o painel da cabeça dela, ela grita comigo. Quando é Iko, ela é uma heroína.

Cinder olhou para ele com irritação por cima dos braços cruzados.

– *Você* quer fazer isso?

Ele fez uma careta.

– Nem um pouquinho.

– Então fique na sua e dê espaço para elas trabalharem. – Ela apoiou a testa de novo. – Muito bem, Iko. Tem um orifício para cabo do lado esquerdo do painel de controle.

Alguém acendeu uma luz, que se espalhou ao redor da visão dela.

– Estou vendo – disse Iko. – Cress, está com o tablet?

– E com o cabo de conexão, bem aqui.

Cinder ouviu as duas se mexendo atrás dela, afastando mais cabelo do caminho. Houve um clique abafado dentro de sua cabeça. Um tremor a percorreu. Fazia um tempo que um dispositivo externo não era ligado ao processador dela. A última vez foi quando esgotou sua fonte de energia para botar a Rampion no espaço, logo depois que fugiram da prisão de Nova Pequim. Thorne teve que recarregá-la com um plugue de nave de passeio.

Antes disso, ela só esteve em um laboratório de pesquisa, presa a

uma mesa, enquanto um medidroide fazia download da estatística de sua formação cibernética.

Ela odiava ter coisas conectadas à cabeça.

Cinder se obrigou a respirar fundo. Eram só Iko e Cress. Ela sabia exatamente o que estavam ligando e que dados estavam extraindo. Não era violação. Não era invasão.

Mas era impossível não se sentir assim.

– A ligação deu certo – informou Cress. – Não parece haver nenhum buraco óbvio nos dados, então essa parte da sua programação não foi afetada pelo que cortou a energia dos seus membros. Só preciso encontrar o input visual e... pronto. Registros... cronológicos... deve estar nos mais recentes... não importa, deve ser isso. Vídeo, criptografado, um minuto e cinquenta e seis segundos de duração. E... transferindo.

O estômago de Cinder deu um nó. Ela não era fresca, mas sempre que seu painel estava aberto era impossível não pensar nos cirurgiões sem nome e sem rosto pairando acima de sua forma inconsciente. Ligando fios e sinapses ao cérebro, regulando seus pulsos elétricos, substituindo parte do crânio por uma placa de metal removível.

Ela apertou os antebraços até começarem a doer, tentando se distrair do zumbido dos mecanismos internos e do som dos dedos de Cress clicando no tablet.

– Oitenta por cento – disse Cress.

Pontos brancos piscaram na escuridão das pálpebras de Cinder. Ela respirou fundo e repreendeu a si mesma. Estava bem. Aquilo seria procedimento de rotina se estivesse trabalhando em um androide ou em outro ciborgue. Ela estava *bem*.

O zumbido parou e Cress disse:

– Pronto.

– Verifique antes de desconectar – disse Cinder, engolindo saliva

azeda. – Veja se é o certo.

– Está mostrando... um monte de gente.

– Ali está Kai! – gritou Iko.

Cinder levantou a cabeça. Sentiu o puxão do fio ainda conectado ao tablet.

– Me mostre – disse ela, na mesma hora que um clarão tomou sua visão. Ela se encolheu e fechou os olhos de novo.

– Espere, fique parada – disse Cress. – Me deixe desconectar...

Foi a última coisa que Cinder ouviu.



NOVAS CONEXÕES ENCONTRADAS
CIBERMÃO FABRICANTE REALITY T200-L-PERSONALIZADA: CINCO UTILIDADES NÃO RECONHECIDAS: APLICAÇÕES PADRÃO APROVADAS
CIBERPÉ FABRICANTE REALITY T60.9-L: APLICAÇÕES PADRÃO APROVADAS
REINICIANDO EM 3… 2… 1…

Cinder acordou no sofá com o cobertor mais macio que já tinha visto ao redor dos ombros. Ela apertou os olhos diante da sombra estranha no teto, tentando afastar a sensação de confusão de acordar em um lugar estranho sem saber como tinha chegado lá. Sentou-se e esfregou os olhos embaçados. A sala estava bagunçada, com ferramentas e peças espalhadas por tapetes e mesas.

VERIFICAÇÃO DIAGNÓSTICA COMPLETA. TODOS OS SISTEMAS ESTABILIZADOS. DUAS NOVAS CONEXÕES ENCONTRADAS: CIBERMÃO T200

CIBERPÉ T60.0
FAZER TESTE DE APLICATIVO AGORA?

Ela levantou a mão esquerda na frente do rosto. O brilho que tinha quando o dr. Erland lhe deu a mão sumiu depois de dois meses fazendo consertos na Rampion e vivendo em um deserto e dando um mergulho no lago Artemísia.

O mais impressionante foi que ela estava com todos os cinco dedos, embora o indicador, o dedo da arma que Levana tinha arrancado, não combinasse direito com os outros. O acabamento era diferente, era fino demais, e o ângulo do primeiro nó dos dedos estava torto.

Cinder fez o teste e viu os dedos se dobrarem um de cada vez. Flexionarem-se. Fecharem-se em um punho. O pulso girou de um lado para outro.

O pé dela passou por uma série similar de movimentos. Ela afastou o cobertor para olhar.

TESTE BÁSICO DE APLICATIVO COMPLETO.
APLICATIVOS PADRÃO APROVADOS PARA USO.
CINCO UTILIDADES NÃO RECONHECIDAS.

Cinco utilidades.

Cinder inspecionou a mão e enviou uma ordem para as pontas dos dedos se abrirem, o que fizeram sem problema. Mas, quando ela tentou ligar a lanterna, ejetar a faca e o cabo conector universal e girar a chave de fenda embutida, nada aconteceu. Ela não se deu ao trabalho de tentar carregar um projétil no dedo substituto.

Ainda assim, podia usar a mão novamente, e não podia reclamar.

– Você acordou!

Iko entrou na sala carregando uma bandeja com uma das mãos, com um copo de água e um prato de ovos fritos, junto com pão e geleia.

O estômago de Cinder começou a roncar.

– Você cozinhou?

– São só umas habilidades herdadas dos meus dias de Serv9.2. – Iko colocou o prato no colo de Cinder. – Mas não quero nem saber o quanto está delicioso.

– Ah, tenho certeza de que está *horrível* – disse Cinder, colocando uma colherada na boca. – *Bigada, Iko*. – Seu olhar pousou no braço defeituoso de Iko. Estava sem um dedo. Ela engoliu. – Pelo anexo também.

Iko fez um movimento com o ombro bom.

– Você tem alguns fios de androide-acompanhante agora. Aqueles da mesa de jogo não funcionaram.

– Obrigada. Foi muita generosidade sua.

Iko empurrou os pés de Cinder para o lado e se sentou.

– Você sabe que nós, androides, somos programados para sermos úteis, e tal.

– Você ainda é androide? – perguntou Cinder, depois de morder a torrada. – Às vezes eu esqueço.

– Eu também. – Iko baixou a cabeça. – Quando vimos a cena de você pulando da varanda, fiquei com tanto medo que achei que meus fios iam pegar fogo. E pensei: *Vou fazer qualquer coisa para que ela fique bem.* – Ela chutou uma pilha de parafusos no tapete. – Acho que certas coisas de programação nunca passam, por mais evoluído que um chip de personalidade fique.

Lambendo geleia das pontas dos dedos, Cinder sorriu.

– Isso não é programação, sua maluca. É amizade.

Os olhos de Iko se iluminaram.

– Talvez você tenha razão.

– Já estava na hora de você acordar, preguiçosa. – Cinder olhou por cima do ombro e viu Thorne na porta. Cress e Jacin apareceram atrás dele. – Como está a mão?

– Funcionando quase perfeitamente.

– Claro que está funcionando quase perfeitamente – disse Iko. – Cress e eu somos gênios. – Ela fez sinal de positivo para Cress.

– Eu ajudei – acrescentou Thorne.

– Ele segurou a lanterna – esclareceu Iko.

– Jacin não fez nada – retrucou Thorne, apontando.

– Jacin verificou sua pulsação e sua respiração, e cuidou para que você não morresse – falou Iko.

Thorne riu com deboche.

– Eu poderia ter feito isso.

– Por que eu apaguei? – interrompeu Cinder.

Jacin se agachou ao lado do sofá e verificou os batimentos no pulso de Cinder. Depois de um breve silêncio, ele soltou o braço dela.

– Estresse, provavelmente, junto com sua reação física a ter o tablet ligado à sua... – Ele fez um gesto na direção da cabeça dela. – ... coisa de computador.

– E você *me* chama de fresco – disse Thorne.

Cinder apertou os olhos.

– Eu apaguei por causa de estresse? Só isso?

– Acredito que o termo seja *desmaiou* – disse Thorne.

Cinder deu um tapa nele.

– Considerando tudo pelo que você passou – disse Jacin –, é incrível não ter tido um colapso. Na próxima vez que você se sentir tonta ou estiver com dificuldade para respirar, me avise *antes* de desmaiar.

– A coisa boa foi que, com você inconsciente, Cress e eu pudemos

fazer o diagnóstico completo – disse Iko. – Duas conexões consertadas, um novo cabo de dados, alguns softwares reinstalados e você está nova em folha! Bem, exceto...

– Pelas ferramentas da minha mão, já sei. – Cinder sorriu. – Mas tudo bem. Passei cinco anos sem uma lanterna embutida, vou sobreviver.

– É, isso, mas acho que pode haver alguns problemas com sua interface também. O diagnóstico demonstrou alguns erros com a conectividade de rede e com a transferência de dados.

O sorriso de Cinder sumiu. Ela era dependente do cérebro ciborgue desde que se lembrava, contava com a capacidade de fazer download de informações, de enviar mensagens, de monitorar noticiários. Era uma sensação desconfortável ficar sem isso, como se parte de seu cérebro tivesse sido apagada.

– Vou ter que dar um jeito – disse ela. – Estou viva e tenho duas mãos e pés que funcionam. Já estive pior. – Ela olhou de Iko para Cress. – Obrigada.

Cress baixou a cabeça, enquanto Iko jogava as tranças por cima do ombro.

– Ah, você sabe. Eu era aprendiz de uma mecânica brilhante em Nova Pequim. Ela pode ter me ensinado uma ou duas coisinhas.

Cinder riu.

– Falando em mecânicas brilhantes – disse Iko –, você acha que tem tempo de dar uma olhadinha no meu braço agora?

CAPÍTULO

Sessenta e dois

Winter se sentou em banco improvisado, vendo os últimos pedacinhos de gelo derreterem ao redor dos pés. Ela enfiou os dedos nas poças rasas que se formaram, impressionada com o quanto tudo podia ser real, os estalos, o frio, mesmo sabendo que não era.

Suspirando, levantou a cabeça, mesmo exausta, para ver as sessões confusas de treinamento acontecendo pela rua poeirenta. Manobras e táticas, cem soldados treinados se esforçando para construir um exército. Ela observou a multidão em busca do cabelo flamejante de Scarlet, sem saber para onde a amiga tinha ido.

Em vez de ver Scarlet, o olhar dela captou uma coisa totalmente diferente. Uma cabeça de cabelos claros perto da parte de trás da multidão.

Seu coração deu um pulo.

Inspirando com tremor, ela se levantou do banco, mas ele já tinha sumido.

O olhar dela percorreu os rostos, procurando. Torcendo.

Ela apertou os punhos nas laterais do corpo, tentando afastar a onda repentina de euforia. Era seu desespero fazendo-a ver fantasmas. Sentia tanta falta dele. Ela ainda não sabia nem se ele estava vivo. Esperava ver o rosto dele em todos os grupos de pessoas, a cada esquina.

Ali, ela viu de novo. Cabelo da cor do sol preso atrás das orelhas. Ombros largos escondidos nas roupas dos trabalhadores do setor. Olhos azuis que a grudavam no chão mesmo quando todo o seu corpo formigava. O ar encheu seus pulmões. Ele estava vivo. Ele estava *vivo*.

Mas Jacin levou um dedo aos lábios, fazendo-a parar antes que pudesse correr até ele. Baixando a cabeça no esforço de minimizar sua altura, ele contornou um grupo de trabalhadores e seguiu para a floresta. Olhou para trás uma vez e, com um tremor rápido de cabeça, desapareceu nas sombras.

Com as palmas das mãos úmidas, Winter procurou Scarlet, mas ela não estava em lugar nenhum. Ninguém estava olhando para ela. Ela se afastou, energizada, e andou entre os troncos finos das árvores.

Daria a volta pelo bosque e encontraria Jacin na metade do caminho. Ela se jogaria nos braços dele e não ligava se ele achasse apropriado ou não.

À frente, ouviu o borbulhar do chafariz.

– Princesa.

Winter levou um susto. Na pressa, tinha passado direto pela mulher sem nem reparar nela. Embora fosse uma criatura idosa com costas curvadas, tinha vida em sua expressão. Estava segurando uma cesta cheia de galhos e pedaços de casca de tronco recolhidos no piso da floresta.

– Sim, oi – disse Winter, afobada, fazendo uma reverência rápida. Seu olhar já estava se movendo, procurando o cabelo louro e o sorriso provocador. Ela não viu nada. As árvores o escondiam dela.

– Você está procurando um rapaz jovem e bonito, acredito. – As rugas da mulher se espremeram em uma coisa parecida com um sorriso.

Winter começou a assentir, mas parou.

– Alguém passou por aqui agora?

– Só seu príncipe, minha querida. Não precisa ficar tímida. Ele é muito bonito, não é?

Ela não passava da clavícula de Winter, embora parte disso fosse por causa da corcunda na coluna. Winter se perguntou quantos anos

de trabalho árduo pesavam naqueles ombros.

– Ele me pediu para dar um recado a você.

– Pediu? Jacin? – Winter olhou ao redor de novo. – Mas para onde ele foi?

– Ele disse para você não o seguir. Que é perigoso demais e que ele vai encontrar você quando voltar a ser seguro. – Ela inclinou a cabeça e olhou para a fileira de árvores, onde os alfas estavam gritando suas ordens.

Winter tentou esconder a decepção. Ele não poderia ter esperado para dar um sorriso, uma palavra gentil, um abraço rápido?

– Por que você não está com os outros?

A mulher deu de ombros com um certo esforço.

– Alguém disse que precisávamos de galhos. Não posso fazer muito, mas posso ajudar com isso.

– Claro – disse Winter. – Todos devemos fazer o que podemos. Me permita ajudar. – Ela pegou a cesta da mulher.

A mulher levantou um dedo, agora que o braço estava sem o peso.

– Eu quase esqueci. Seu príncipe deixou um presente. – Remexendo na cesta, ela encontrou uma caixa simples embaixo dos galhos. – Ele disse que essas são suas favoritas.

Winter sentiu o coração dar um pulo quando pegou a caixa. Ela sabia o que era sem nem abrir, e seu coração se expandiu no peito. Não conseguia imaginar o trabalho que Jacin teve para conseguir aquilo. E só para que ela soubesse que ele estava pensando nela?

A não ser que houvesse mais alguma coisa naquilo.

A não ser que houvesse uma mensagem.

Mordendo o canto dos lábios, ela abriu a tampa. Lá dentro havia duas balinhas de maçã azeda impecáveis, recém-saídas da vitrine da confeitaria.

– Mas como parecem gostosas – disse a mulher idosa, inclinando a

cabeça para a frente para espiar a caixa. – Não como uma dessas desde que era criança. De maçã, não é?

– É. – Winter esticou a caixa na direção dela. – Por favor, pegue uma. Com minha gratidão por trazê-las.

A mulher pensou na oferta.

– Se você insiste... Acho que um pedacinho não vai me matar. Vou pegar esta, se você tem certeza de que não se importa. Está vendo, tem uma rachadura na cobertura, não está boa para uma princesa. – Seu olhar tinha algo de ousado quando ela pegou a bala com os dedos. – Mas só se você comer a outra. Seria uma grande honra dividir esse prêmio com Vossa Alteza, a *linda* princesa Winter em pessoa.

– Você é muito gentil. – Winter pegou a segunda bala da caixa. Olhou o forro na esperança de encontrar alguma pista que Jacin pudesse ter deixado, mas não viu nada.

Mesmo assim. Era um presente. Não só as balinhas, mas o fato de tê-lo visto de longe. De saber que ele estava bem.

Ela colocou a balinha entre os dentes. A mulher a estava observando, imitando os movimentos dela, e juntas elas morderam. Winter sentiu a casca dura se rachar antes de derreter em sua língua.

A mulher idosa sorriu, com pedacinhos de recheio vermelho grudados nos dentes.

– Isso foi mais satisfatório do que eu poderia imaginar.

Winter engoliu.

– Fico feliz. Foi um prazer poder... poder...

Ela piscou e captou um quê de familiaridade na forma como a mulher a olhava. Na curva do sorriso... alguma coisa arrogante que explodia de contentamento.

– Tem alguma coisa errada, querida criança?

– Não. Não. Por um momento, você me lembrou uma pessoa. Mas meus olhos me enganam às vezes. Não são muito confiáveis.

– Ah, criança doce e tola. – A curvatura nas costas da mulher começou a se esticar. – Nós somos lunares. Nossos olhos nunca são confiáveis.

Winter se encolheu. A cesta escorregou de sua mão e caiu no chão.

À frente da princesa, Levana abandonou o disfarce de mulher idosa como uma cobra trocando de pele.

– Meus pesquisadores me garantiram que a doença agiria rápido – disse a rainha, com os olhos frios percorrendo a pele de Winter. Curiosos. Satisfeitos.

Os pensamentos de Winter giraram, encontrando a verdade na ilusão. A vida toda dela foi passada encontrando verdades em ilusões.

Onde estava Jacin? Por que Levana estava aqui? Seria outro pesadelo, uma alucinação, um truque?

Seu estômago deu um nó. Ela se sentia enjoada.

– Os micróbios infectados estão sendo absorvidos pela sua corrente sanguínea agora mesmo.

Winter colocou a mão na barriga, sentindo a bala comida rolando dentro de si. Visualizou seu coração, suas artérias, sua fábrica de plaquetas. Soldadinhos vermelhos marchando pelas esteiras rolantes.

– Micróbios?

– Ah, não se preocupe. Sendo essa coisinha jovem e saudável que você é, deve demorar uma hora ou duas para que comece a exibir os sintomas. Uma série de bolhas de sangue vai surgir na sua pele perfeita. As pontas dos seus dedinhos delicados vão murchar e ficar azuis... – Levana sorriu. – Eu gostaria de poder ficar aqui para testemunhar.

Winter espiou pela floresta, na direção dos aliados. Levana a impediria se ela tentasse correr. Ela se perguntou se conseguiria gritar antes que Levana selasse seus lábios.

– Está pensando em avisar seus amigos? Não se preocupe. Vou

deixar você ir, princesinha. Vou deixar que você volte até eles e os infecte. Eles cometeram um erro quando escolheram você e não a mim, e vão pagar por isso.

Ela olhou para a madrasta de novo.

– Por que você me odeia?

– Odiar você? Ah, criança. É isso que você pensa? – Levana colocou os dedos frios na bochecha de Winter, em cima das cicatrizes que deu a ela anos antes. – Eu não odeio você. Só fico irritada com sua existência. – Seu polegar acariciou a bochecha de Winter. – Desde o dia em que nasceu, você sempre teve tudo o que quis. Sua beleza. O amor do seu pai. E agora a adoração do povo. *Meu* povo. – Ela afastou a mão. – Mas não por muito tempo. Seu pai morreu. Sua beleza em breve será maculada. E, agora que você é transmissora da febre azul, qualquer cidadão que chegar perto de você vai se lamentar em pouco tempo.

O nó no estômago de Winter se apertou. Ela imaginava sentir a doença sendo absorvida pelo interior do estômago. Penetrando as veias. Cada batimento do coração a espalhava mais pelo organismo. Era uma percepção quase objetiva. De todas as torturas que viu a madrasta elaborar para os outros, havia algo de misericordioso nessa morte. Uma aceitação lenta e calma.

– Você também poderia ter a adoração deles, sabe – disse ela, vendo o sorriso condescendente de Levana endurecer no rosto. – Se fosse gentil e justa com eles. Se não os enganasse para que sejam seus escravos. Se não ameaçasse a eles, assim como a seus entes queridos, por cada pequeno crime. Se compartilhasse as riquezas e confortos que temos em Artemísia...

A língua dela ficou imóvel.

– Eu sou rainha – sussurrou Levana. – *Eu* sou a rainha de Luna e eu vou decidir a melhor forma de governar meu povo. Ninguém, nem

você nem aquela ciborgue horrenda, vai tirar isso de mim. – Ela ergueu o queixo e as narinas se dilataram. – Tenho que ir cuidar do meu reino. Adeus, Winter.

Winter cambaleou para trás e se virou para as pessoas. Se conseguisse ver alguém, dar um aviso...

Mas a floresta se fechou ao seu redor e ela desabou, inconsciente, no chão.

CAPÍTULO

Sessenta e três

– Você viu Winter?

Alfa Strom terminou de demonstrar o movimento de golpear para cima com o bastão e o devolveu para uma jovem antes de se virar para Scarlet.

– Não.

Scarlet olhou para a multidão confusa pela milésima vez.

– Nem eu, e tem muito tempo. Ela tem a tendência de sair por aí...

Strom inclinou a cabeça e farejou algumas vezes no ar, depois balançou a cabeça.

– Parece que ela não anda por aqui há um tempo. Talvez tenha encontrado um lugar para descansar.

– Ou talvez esteja furando o olho com um galho. Estou dizendo, não é bom ela ficar sozinha.

Resmungando, Strom indicou um dos membros beta da matilha e andou na direção de um banco. Parou para farejar de novo, desviando o olhar afiado para a multidão, depois se virou para a floresta.

– Você está agindo de uma forma sinistra – disse Scarlet.

– Você pediu minha ajuda.

– Não *tecnicamente*.

Quando Strom seguiu para as sombras da floresta que não era bem floresta, Scarlet foi atrás, embora não imaginasse por que Winter deixaria todo mundo para trás e sairia andando sozinha...

Não importava. Ela imaginava, sim.

– Ela veio por aqui – falou Strom, passando os dedos pelo tronco de

uma árvore. Ele se virou para a direita e aumentou a velocidade. – Já a captei.

Scarlet correu ao lado dele.

– Ali.

Ela a viu no mesmo momento e saiu correndo antes de Strom.

– *Winter!* – gritou ela, ficando de joelhos.

O corpo de Winter estava caído na grama. Scarlet rolou a princesa para que ficasse deitada de costas e verificou se havia pulsação. Ficou aliviada de encontrar batimentos trêmulos no pescoço de Winter.

Uma mão segurou o capuz de Scarlet e a puxou para trás. Ela deu um gritinho e se debateu para se soltar, mas Strom ignorou os punhos dela.

– Me solte! O que você está fazendo?

– Ela está doente.

– O quê? – Scarlet abriu o moletom, tirou os braços das mangas e caiu ao lado de Winter de novo. – De que você está falando?

– Consigo sentir – resmungou Strom. Ele não chegou mais perto. – Carne doente. Terrível.

Scarlet franziu a testa para ele antes de se concentrar na princesa novamente.

– Winter, acorde – disse ela, dando alguns tapas na bochecha da princesa, mas Winter nem se mexeu.

Scarlet apertou a mão na testa dela. Estava suada e quente. Ela tateou na nuca de Winter, perguntando-se se a princesa tinha batido a cabeça de novo, mas não havia sangue, e o único galo era o da briga na casa de Maha.

– Winter!

Strom chutou alguma coisa, que quicou pela grama e acertou o joelho de Scarlet. Ela olhou e pegou o objeto. Era uma balinha de maçã azeda, do tipo que Winter sempre levava para ela no jardim,

normalmente cheia de analgésicos. Uma mordida tinha sido dada. Scarlet pegou a mão de Winter e encontrou pedacinhos de bala derretida grudados nas pontas dos dedos.

– Veneno?

– Não sei – disse Strom. – Ela não está morta. Só morrendo.

– De algum tipo de doença?

Ele fez que sim brevemente.

– Você não deveria ficar tão perto dela. O cheiro...

Ele pareceu prestes a vomitar.

– Ah, controle-se. Tantos músculos e dentes, e você tem medo de um resfriadinho?

A expressão dele se fechou, mas ele não chegou mais perto. Na verdade, depois de um segundo, deu um passo para trás.

– Tem alguma coisa errada com ela.

– Obviamente! Mas o quê? E *como*? – Ela balançou a cabeça. – Olhe, eu vi uma clínica médica na rua principal. Você pode carregá-la até lá? Vamos pedir para um médico dar uma olhada nela. Ela pode precisar de uma lavagem estomacal ou...

O olhar de Scarlet pousou no braço de Winter, e ela ofegou. Afastou-se da forma inconsciente da princesa, com todos os instintos lhe mandando prender a respiração. Limpar a pele que tinha entrado em contato com a princesa. Correr.

– Agora ela escuta.

Ignorando-o, Scarlet falou um palavrão alto.

– Quando você disse que ela estava com uma doença, eu não achei que quisesse dizer que ela estava com a *peste*!

– Eu não sei o que é isso – disse Strom. – Nunca senti esse cheiro antes.

Scarlet hesitou um momento mais e soltou um som sofrido e frustrado. Em seguida, forçou-se a se aproximar de Winter mais uma

vez. Ela fez uma careta quando levantou o braço de Winter para inspecionar os pontos escuros espalhados pelo cotovelo. Os anéis vermelhos ao redor dos hematomas tinham inchado acima da pele, estufados e brilhosos como bolhas.

Pelo que tinha lembrança, a peste funcionava em fases previsíveis, embora o tempo que levassem para se manifestar variasse entre as vítimas. Quando os anéis roxos marcavam a pele da pessoa, ela podia ter três dias ou três semanas de vida. Mas, considerando que Winter só estava desmaiada havia uma hora, no máximo, a doença parecia estar trabalhando rápido demais.

Ela observou as pontas dos dedos de Winter e ficou aliviada por encontrá-las rosadas e saudáveis, sem o tom azulado. A perda de sangue nas extremidades era o sintoma final da doença antes da morte.

Ela fechou a cara. Cinder não tinha dito uma vez que os lunares eram imunes à letumose? Aquela doença não deveria nem estar ali.

– O nome é letumose – disse ela. – É uma pandemia na Terra. Age rápido e ninguém sobrevive. Mas... Levana tem um antídoto. É parte do motivo para o imperador Kaito estar se casando com ela. Nós só... precisamos manter Winter viva por tempo suficiente para conseguir-lo. Temos que mantê-la viva até a revolução acabar. Está bem?

Ela passou a mão pelo cabelo, mas ficou presa em um emaranhado de cachos embaraçados, e ela desistiu antes de chegar às pontas.

– Isso pode demorar dias, até semanas – disse Strom. – Ela não está com cheiro de quem tem tanto tempo assim.

– Pare de falar do cheiro dela! – gritou Scarlet. – Sim, a doença é ruim. É *horrível*. Mas não podemos deixá-la aqui. Temos que *fazer* alguma coisa.

Strom se balançou nos calcanhares, olhando para a princesa com repulsa. O que ainda era melhor do que o brilho faminto que os olhos

dele tinham antes.

– Ela precisa de um tanque de suspensão.

– De quê?

– Nós os usamos para a cura depois de cirurgias ou ferimentos sérios. – Ele deu de ombros. – Pode desacelerar o progresso da doença.

– Onde se consegue um?

– Imagino que tenham aqui. O trabalho neste setor é perigoso.

– Ótimo. Vamos.

Scarlet se levantou e limpou as mãos. Strom ficou olhando para ela e depois para Winter. Ele não chegou perto.

– Argh. Tudo bem. – Scarlet se agachou de novo e segurou os braços de Winter, e estava prestes a jogá-la no ombro quando Strom se aproximou e tomou a princesa nos braços.

– Mas que cavalheiro você é – murmurou Scarlet, e pegou seu moletom.

– Vamos logo – disse ele, com o rosto já contorcido pelo esforço de respirar pouco.

Eles praticamente correram de volta até as residências.

Scarlet saiu do meio das árvores correndo, vermelha e ofegante. Os que estavam reunidos ali se viraram e observaram Strom sair com Winter nos braços.

– A princesa Winter foi envenenada – disse Scarlet. – Está com uma doença fatal chamada letumose. A rainha tem o antídoto, mas Winter provavelmente vai morrer se não desacelerarmos o espalhamento da doença agora mesmo. – Ela viu o homem barbado que agiu como líder antes. – Tem algum tanque de suspensão neste setor?

– Tem, na clínica. Não sei... – Ele olhou para o homem de cabelo branco que estava saindo da multidão.

O homem de cabelo branco se aproximou de Winter, procurou a

pulsação e levantou as pálpebras dela, uma de cada vez. Médico, supôs ela.

– O tanque não está em uso – disse ele, depois da rápida inspeção. – Vai demorar de quinze a vinte minutos para eu preparar o tanque e a garota para imersão.

Scarlet assentiu.

– Vamos, então.

O médico os guiou em meio à multidão. As pessoas abriram caminho e olharam para a princesa com expressão perturbada.

– Quem faria uma coisa dessas? – sussurrou alguém quando Scarlet passou.

– Com a *princesa* – acrescentou outra voz.

– Isso quer dizer que temos um traidor no meio do nosso povo? – perguntou o médico com voz baixa.

Scarlet balançou a cabeça.

– Acho que não. Quem fez isso tinha acesso à doença, de alguma forma, e a um doce caro. Deve ter vindo até aqui por causa de Winter e depois ido embora.

– Ou ainda está entre nós, usando um glamour.

Ela fungou. Os lunares idiotas e seus glamoures idiotas. Qualquer pessoa poderia ser inimiga. Qualquer pessoa por quem ela passava poderia ser um taumaturgo ou um daqueles aristocratas horrendos ou a própria rainha, e Scarlet não teria como perceber a diferença.

Mesmo assim, por que alguém iria até ali só para atacar Winter, mas deixaria o resto das pessoas em paz, sabendo que eles estavam planejando se juntar à revolução de Selene? Era um aviso? Uma ameaça? Uma distração?

Um pensamento horrível ocorreu a ela. Talvez não estivessem deixando o resto deles em paz. A letumose era altamente contagiosa e agia rápido. Em ambientes fechados, com ar reciclado...

– Aqui – disse o médico, levando-os para um prédio apenas um pouco maior do que as casas vizinhas e tão desgastado quanto. Havia um tanque em formato de caixão encostado na parede, coberto de poeira e cheio de cobertores gastos em cima.

O médico empurrou tudo para o chão.

– Tem camas naquela sala se vocês quiserem deixá-la deitada enquanto preparo tudo.

Strom pareceu feliz em fazer isso. O rosto ainda estava contorcido quando ele voltou.

– Vou trazer alguns dos meus homens para levarem o tanque lá para fora.

O médico levantou o rosto.

– Lá para fora?

– O povo a admira. É bom que possam vê-la... um lembrete de por que estamos lutando.

O médico piscou por um instante, mas assentiu com a cabeça rapidamente.

– Tudo bem. Não vai afetar o tratamento.

Strom saiu da clínica e seus passos soaram na pequena varanda de madeira.

– Infelizmente, só temos esse tanque – disse o médico, parecendo estar com medo.

Scarlet sustentou o olhar dele.

– E daí?

Apertando os lábios, ele fez um gesto para ela. Scarlet seguiu o olhar até as próprias mãos. Nada. Nada. Então, ela viu a marca com contorno vermelho no braço e soltou um palavrão.

CAPÍTULO

Sessenta e quatro

Ele sonhou com Ran, seu irmão mais novo, depois que se tornou um monstro. No sonho, ele viu Ran rondar a presa, músculos se contraindo sob a pele, saliva se reunindo nos cantos da boca. Ran fechou a mão e a abriu, revelando as unhas que tinha lixado para ficarem pontudas. Seus olhos brilharam por saber que a vítima não tinha para onde correr.

Com um rosnado, Ran enfiou as garras nas laterais da vítima e a arremessou. *Ela.* O sonho se apurou, a sombra borrada virou uma garota sendo jogada em uma estátua no centro de um chafariz seco. Ela estava sangrando, o cabelo ruivo estava sujo, os olhos injetados, tomados de sangue.

Lobo ficou olhando, mas não podia fazer nada. Estava encapsulado em pedra, e só seus pensamentos eram selvagens e alertas, repetindo que ele falhara com ela.

A cena mudou, e ele passou a ser só um garoto conhecendo a matilha. Ainda estava tentando se acostumar com o fato de que tinham tirado seu dom lunar e o transformado em uma coisa que não era natural. Uma coisa que o tornaria um soldado melhor para a rainha. O resto dos meninos olhou-o com ódio e desconfiança, apesar de ele não saber por quê. Ele era como os outros. Um peão, um mutante.

Como todos os outros.

O som de um tiro ricocheteou em sua cabeça, e ele estava de pé em uma praça lotada e poeirenta. A mãe desabou ao lado. Uma poça de sangue se formou a seus pés. Ela estava de quatro, tentando se

afastar. Caiu de costas. Ele sentia o cheiro de sangue nela. Sentia o horror emanando dela em torrentes. Via o ódio nos olhos dela.

Desta vez, ele era o predador. Desta vez, ela estava olhando para *ele*.

Ele acordou com um susto. *Impeça Ran. Mate o alfa. Fuja. Salve-a. Encontre a mulher velha. Mate Jael e arranque o coração ainda pulsante dele do peito. Encontre seus pais. Junte-se à sua matilha. Arranque os membros deles do corpo. Esconda-se. Seja corajoso. Proteja-a. Encontre-a. Salve-a. Mate-a...*

– Uma ajudinha aqui!

Seus olhos estavam abertos, mas ele não via nada além das luzes fortes. Alguém estava segurando seus braços. Muitos alguéns. Rosnando, ele bateu os dentes para seus captores, mas só mordeu ar.

– Estrelas do céu – grunhiu alguém. – Nunca vi um deles acordar assim antes. Me passe o tranquilizante.

– Não. Não o tranquilize. – A segunda voz feminina era suave e calma, mas falava no imperativo. – Sua Majestade solicitou a presença dele.

Lobo soltou um braço. Fios estalaram ao redor. Alguma coisa o arranhou embaixo da pele do antebraço, mas ele estava exausto demais para prestar atenção. Segurou uma das formas borradas pelo pescoço e jogou por cima. Um grito foi seguido de um estrondo de metal.

– O quê...

Lobo encontrou a segunda pessoa e botou as duas mãos ao redor do pescoço dela. *Só um estalo...*

Um choque de dor subiu por seus braços. Ele soltou e o estranho cambaleou para trás, tentando respirar.

Lobo desabou na mesa novamente. Apesar de a dor ter sido breve, a mão esquerda continuava a tremer.

Não era uma mesa, ele percebeu. Paredes baixas o cercavam. Havia dezenas de tubos, muitos ainda enterrados em sua carne. A sensação de puxão que ele sentiu antes foi de agulhas ainda meio enfiadas na pele. Fazendo uma careta, ele virou o rosto, pois a imagem embrulhou seu estômago.

Chega de agulhas. Chega de tanque. Chega de cirurgias.

Passos se aproximaram, e ele olhou para os pés. Havia o contorno de uma forma nas luzes fortes. Era uma taumaturga de vermelho, com o cabelo preto preso em um coque.

– Bem-vindo de volta, Alfa Kesley.

Lobo engoliu, embora o movimento machucasse sua garganta. Alguma coisa parecia errada. Muitas coisas pareciam erradas. Tinha alguma coisa no rosto dele. Uma máscara, ou...

Ele levou a mão à boca, mas os fios o seguraram, e desta vez ele não lutou.

– Terminem os procedimentos de reconstituição – disse a taumaturga. – Ele está bem amistoso agora.

Outra mulher apareceu, massageando o pescoço. Olhou para Lobo com cautela enquanto começava a tirar as agulhas dos braços dele, depois soltou algumas sondas presas ao couro cabeludo. Ele fez careta em cada uma das vezes.

– Consegue se sentar? – perguntou a técnica de laboratório.

Lobo preparou os músculos e se elevou. A tarefa foi mais fácil do que ele esperava. O cérebro dizia que ele estava fraco, confuso, delirante. Mas o corpo parecia pronto para lutar. Os nervos zumbiam de energia potencial.

A técnica lhe entregou um copo de líquido laranja. Ele farejou primeiro, franziu o nariz de nojo, depois levou aos lábios.

Fez uma pausa. Baixou o copo de novo.

Levantou a mão livre e encostou na boca. No nariz. No maxilar.

Seu corpo teve uma convulsão de horror.

Estava feito. Depois de anos lutando para evitar se tornar um dos monstros da rainha, aconteceu.

– Tem alguma coisa errada, Alfa Kesley?

Ele fitou os olhos da taumaturga. Ela o encarava como alguém que assiste a uma bomba-relógio. Lobo sabia que não tinha palavras para expressar toda a confusão e o atordoamento e as necessidades selvagens que pulsavam por seu cérebro, necessidades que não era capaz de citar. De qualquer forma, não achava que fosse capaz de falar. Ele bebeu o líquido laranja.

O sonho voltou em pedaços intensos e fragmentados. O cabelo ruivo da garota. A fúria animalesca do irmão. A mãe caindo, morta, fora do alcance.

Sempre voltava para a garota bonita de língua afiada. A lembrança dela era a mais intensa de todas porque ele se lembrava claramente de como ela o *desprezava*.

Lembranças e medos se misturaram, em choque uns com os outros, e ele não conseguia mais distinguir verdade e ficção. Sua cabeça doía.

– Qual você disse que era a diferença entre ele e os outros? – perguntou a taumaturga, indo até o lado de Lobo.

A técnica analisou uma tela embutida na lateral do tanque.

– Os padrões do cérebro dele estavam mais ativos do que o habitual nos estágios finais da reengenharia, e normalmente quando eles acordam só estão... com fome. Não violentos. Isso vem depois, quando recuperam as forças.

– Ele parece estar com bastante força.

– Eu reparei. – A técnica balançou a cabeça. – Pode ser por termos acelerado o processo. Normalmente, ficamos com eles pelo menos uma semana. A mente e o corpo dele passaram por muita coisa em

um período curto, o que pode estar causando a agressão.

– Ele está apto a servir à rainha?

A técnica olhou para Lobo. Ele amassou o copo na mão. Ela engoliu em seco e deu um passo para trás.

– Tão capaz quanto qualquer outro soldado. Sugiro alimentá-lo antes de colocá-lo na ativa. E, claro, normalmente eles passam meses treinando com um taumaturgo depois que as cirurgias são concluídas, para que o mestre aprenda os padrões bioelétricos deles e a melhor forma de controlá-los...

– Eles não são feitos para serem controlados.

A técnica franziu a testa.

– Eu sei. Mas podem aprender obediência. Ele é uma arma carregada. Eu não recomendaria levá-lo a uma sala cheia de gente sem alguém antes aprender a lidar com ele.

– Parece que não sou capaz de lidar com ele?

A atenção da técnica se desviou da taumaturga para Lobo e para o copo amassado na mão dele.

– Só estou aqui para garantir que os corpos deles não rejeitem as modificações.

Lobo passou a língua pela ponta afiada do dente canino. Ele tinha levado meses para se acostumar aos implantes, e agora a sensação era toda errada de novo. Eram grandes demais. Afiados demais. Havia uma dor latejante em todo o maxilar.

A taumaturga andou ao redor do tanque.

– Alfa Ze'ev Kesley, você é mais uma vez um soldado no exército da rainha. Infelizmente, sua matilha de agentes especiais debandou depois do primeiro ataque em Paris, e não temos tempo para fazer você se acostumar a uma nova. Por enquanto, você vai servir como lobo solitário.

Ela sorriu. Lobo, não.

– Sou a taumaturga Bement, mas você vai se referir a mim como Mestra – continuou ela. – Uma grande honra lhe foi concedida. A rainha quer que você seja parte de seu comitê pessoal durante a coroação, na qual ela será coroada imperatriz da Comunidade das Nações Orientais da Terra. Como você tem histórico de tendências rebeldes, ela sente que sua presença, servindo como soldado leal, vai passar um recado a qualquer pessoa que ouse ameaçar a coroa. Você consegue adivinhar que recado é esse?

Lobo não disse nada.

O tom da taumaturga Bement virou uma ameaça sussurrada:

– Quando a rainha se apossa de você, você é dela para sempre. – Ela bateu com os dedos na beirada do tanque. – Vamos ver se você se lembra disso desta vez.

Ela esperou uma resposta. Como ele não deu nenhuma, ela apertou os olhos.

– Você esqueceu seu treinamento? Quando seu taumaturgo fala com você, qual é sua resposta apropriada?

– Sim, Mes... Mestra.

Pareceu que as palavras foram arrancadas dele, um reflexo incutido durante anos e anos pelo taumaturgo Jael. *Arranque o coração ainda pulsante dele do peito.*

Lobo se encolheu e sua boca começou a salivar. Ele estava mesmo com fome.

– A quem você serve, Alfa Kesley?

A quem ele servia?

O belo rosto da rainha surgiu na memória, ela sentada no trono. Vendo as matilhas lutarem para conquistarem favores. Ele mesmo já desejou impressioná-la. Já matou por ela. Já sentiu orgulho.

– Eu sirvo à minha rainha – disse ele, com voz mais firme.

– Correto.

Bement se inclinou na direção do tanque, mas Lobo não afastou o olhar. Estava salivando. Sentia o cheiro do sangue pulsando embaixo da pele da mulher, mas uma lembrança de dor desceu por sua coluna quando ele pensou em experimentá-la.

– Eu soube que você arrumou uma companheira quando estava na Terra – disse ela.

Ele ficou tenso. O cabelo ruivo surgiu em seus pensamentos.

– O que você faria se a visse hoje?

Ele a viu sendo jogada na estátua. Andando de quatro. Olhando para ele com expressão apavorada e cheia de ódio.

Um rosnado soou no fundo de sua garganta.

– Os terráqueos têm a carne mais deliciosa.

Os lábios da taumaturga se curvaram em um sorriso.

– Ele vai se sair bem. – Afastando-se do tanque, ela passou pela técnica e pelo colega caído. – Deixe-o limpo. Você sabe que Sua Majestade gosta de manter as aparências.

CAPÍTULO

Sessenta e cinco

Jacin, Cress e Thorne tinham saído, deixando Cinder cuidando dos consertos de Iko. Ela soube na mesma hora que não conseguiria fazer a androide voltar ao normal. Além de Iko ter cedido seu dedo e alguns fios necessários para a destreza da mão, eles não tinham as peças de substituição nem fibras de pele para consertar a abertura no ombro e o buraco de bala no peito. Mas Cinder fez um remendo temporário e reconfigurou as juntas para que ela conseguisse mover o cotovelo e o pulso, pelo menos. Quando Iko suspirou de alívio, Cinder soube exatamente o que ela estava sentindo: era algo difícil se acostumar com a perda completa de um membro.

Enquanto Cinder trabalhava, Iko explicou que eles conseguiram entrar escondidos em Artemísia a bordo de um trem de suprimentos, que boa parte do sistema de transportes estava desativada e que os trens estavam sendo revistados, que Levana estava nervosa, isso se não estivesse apavorada.

Quando terminou, Cinder contou como foi transportada até Artemísia e que a separaram de Lobo. Que ele não estava no julgamento e que ela não fazia ideia do paradeiro dele. Ela contou para Iko que viu Kai na sala do trono e que ele parecia ileso até o momento.

Ela perguntou se a transmissão também exibira o julgamento de Adri.

– Adri? – Os cílios de Iko tremeram uma vez, duas, três, e ela disse: – Não computei.

– Adri e Pearl estão aqui, em Luna. Adri foi posta em julgamento

antes de mim. Teve alguma coisa a ver com o fato de ela ter guardado patentes dos designs de uma arma que poderia neutralizar o dom lunar. Acho que Levana descobriu sobre a invenção de Garan, a que foi instalada na minha coluna.

Iko encostou os dedos de uma mão na outra, em uma imitação de reflexão.

– Acho que faz sentido Levana não querer que uma coisa assim exista.

– Eu sei. Não tinha me ocorrido antes, mas um dispositivo assim mudaria o equilíbrio de poder entre Luna e a Terra se pudesse ser fabricado. Se algum dia formos fazer uma aliança com Luna, um dispositivo assim seria a única forma dos terráqueos terem certeza de não estarem sendo manipulados.

– Isso é genial – disse Iko. – Eu sempre gostei de Garan. Ele era gentil comigo, mesmo depois que descobriram que meu chip de personalidade era defeituoso. Ele ao menos mantinha todos os meus softwares atualizados. Você sabe, até Adri mandar me desmontar. – Ela fez uma pausa. – Pela primeira vez.

Cinder deu um sorriso. Na primeira vez que viu Iko, ela não passava de um amontoado de peças de androide jogadas em uma caixa, esperando para serem montadas. Iko foi seu primeiro projeto, uma tentativa de provar seu valor para sua nova família adotiva. Ela não tinha ideia na época de que Iko também se tornaria uma de suas melhores amigas.

Seu sorriso sumiu e virou desconfiança.

– Iko, pararam de fazer atualizações de software para os Serv9.2 mais de uma década atrás.

Iko puxou uma das tranças.

– Eu nunca pensei nisso. Você não acha que ele estava tentando consertar o bug que me transformava em... *mim*. Acha?

– Não sei. Acho que não. Ele criava sistemas de androides, afinal. Tenho certeza de que, se quisesse reprogramar você para ser um androide regular, ele poderia ter feito isso. – Ela hesitou. Se Linh Garan não estava atualizando o software de Iko nem tentando consertá-la, o que *estava* fazendo? – Acho que não importa. Garan inventou esse dispositivo, mas parece que Levana destruiu todas as anotações dele. Se meu software já não tivesse sido danificado o bastante pelo dr. Erland, duvido que aquele mergulho no lago tenha ajudado... – Ela parou de falar e apertou os olhos para Iko.

– O quê?

– Nada. – Cinder balançou a cabeça. Havia problemas demais para consertar, enigmas demais para resolver. O mistério do dispositivo de Garan teria que esperar. – Não consigo imaginar como Levana poderia saber sobre o dispositivo.

– Eu contei para ela.

Cinder virou a cabeça para a porta, onde Jacin estava tão imóvel e quieto quanto a própria porta, com um hematoma bem grandinho no maxilar, cortesia de Thorne.

– *Você* contou para ela?

– Informação tem valor. Eu troquei essa pela minha vida.

Era sempre difícil interpretar as emoções de Jacin, mas, se Cinder fosse dar um palpite, diria que ele estava irritado por ter feito essa troca. Ela tentou se lembrar de ter contado a Jacin sobre o dispositivo séculos antes, na pequena cidade oásis de Farafrah. O rosto dele assumiu uma curiosidade que beirava a fome quando soube que havia uma invenção que podia impedir um lunar de usar o dom e que impedia o dom de levá-los à loucura.

Ela sufocou um ofego.

Winter.

Claro.

Jacin virou o queixo para o corredor.

– Odeio apressar você, mas a coroa acabou de liberar um vídeo que você pode estar interessada em ver. Evidentemente, você está morta.

Ele e Iko a levaram até o *home theater* da mansão, com poltronas enormes com dispensador de bebidas embutido na lateral. Thorne e Cress estavam ao lado de um holograma enorme de Levana. Ela usava o véu, mas o som estava mudo. A enormidade da imagem fez Cinder se encolher.

– Jacin disse que encontraram meu corpo.

Thorne lançou um olhar rápido para ela.

– É o que dizem, garota-cadáver. Você foi retirada do lago ontem à noite. Tem até um manequim com mão pintada de metal, e ficam mostrando uma foto granulada dele. Fique um pouco aqui, você vai ver. Fica aparecendo com esse discurso de Levana. Essa pedra aqui tem o entretenimento mais chato do mundo.

– O que ela está dizendo?

Thorne afinou a voz em imitação à rainha:

– A impostora da minha amada sobrinha se foi... Vamos deixar essa confusão para trás, enquanto seguimos em frente com a coroação... Sou uma maluca psicótica faminta por poder e meu bafo fede debaixo desse véu.

Cinder riu. Tentou ver a hora com o relógio interno, mas lembrou que não funcionava mais.

– Quanto tempo até a coroação?

– Nove horas – disse Iko.

Nove horas. Eles estavam naquela mansão havia um dia e uma noite inteiros e Cinder passara a maior parte do tempo dormindo.

– Tem também as atualizações de notícias... – Cress apontou para o holograma, embaixo do qual aparecia uma lista de setores, fazendo um anel flutuante constante ao redor de Levana.

– Essa é a parte interessante – disse Thorne. – Ela criou um decreto que afirma que qualquer setor encontrado violando o toque de recolher ou suspeito de ajudar "a impostora" será bloqueado e avaliado caso a caso depois da coroação. Em seguida, começa a falar sobre arrependimento e pedidos de perdão à rainha.

– Parece que muita gente se motivou com o que você fez no banquete de casamento – disse Jacin. – O número de setores bloqueados só cresce.

– Quantos?

– Oitenta e sete na última contagem – respondeu Cress.

– Inclusive MR-9 – acrescentou Thorne. – E todos os setores ao redor. Em vez de desencorajar a rebelião, a invasão parece ter irritado ainda mais as pessoas.

Oitenta e sete na última contagem.

– E você acha que todos... que todos esses setores... – Cinder engoliu em seco. Sua cabeça ainda estava enevoada. – O que acham que isso quer dizer?

– Quer dizer que a rainha está tendo um dia ruim – disse Jacin.

Thorne assentiu.

– Pode ser em parte paranoia dela, mas, mesmo quando Iko e eu estávamos tentando chegar em Artemísia, havia boatos de setores bloqueando os próprios túneis para impedir que suprimentos fossem enviados para a cidade, ou pilhando as fábricas atrás de armas, esse tipo de coisa. E isso foi antes do seu julgamento. Claro, nós não sabemos se o povo acredita que você esteja mesmo morta, mas não sei se importa agora. Se você está viva, então é uma revolucionária e tanto. Se está morta, é uma mártir e tanto.

– Importa para mim – disse Cinder, vendo as atualizações passarem pela tela.

Oitenta e sete setores estavam prontos para lutar por ela, por eles

mesmos. Pelo que ela viu, cada setor tinha pelo menos mil civis, às vezes bem mais do que isso. Devia ser mais do que suficiente para tomar a capital e destronar Levana...

Só que todas aquelas pessoas estavam encurraladas.

– Não desmaie – disse Thorne.

Ela olhou para ele.

– O quê?

– Você parece estressada.

Cinder fez cara feia e começou a andar de um lado para outro.

– Podemos fazer alguma coisa em relação a esses bloqueios? O povo não pode vir nos ajudar se estiver confinado em seus setores.

– Ah, querida – disse Thorne –, estamos tão mais adiantados do que você. Cress?

Cress abriu a holografia de Luna que eles passaram tanto tempo estudando a bordo da Rampion: todos os domos e túneis de metrô espalhados pela superfície rochosa e cheia de crateras da Lua. Ela foi marcando os setores bloqueados conforme eram listados na transmissão de Levana. Ainda era só uma fração de todos os setores de Luna, mas era possível que houvesse bem mais setores se rebelando que Levana desconhecia.

Levana estava se concentrado nos setores mais próximos de Artemísia, o que fazia sentido. Não era surpresa ela estar nervosa: a revolução já estava batendo na porta dela.

Cress ajustou a holografia, deu zoom em Artemísia e depois no palácio.

– Os controles dos bloqueios fazem parte da rede de segurança principal que opera no centro de segurança do palácio – disse Cress. – Eu poderia hackear remotamente, mas não sem disparar alarmes. Pelo menos não com o tempo que tenho para fazer. Então...

– Pensamos em invadir – disse Thorne. Ele tinha se sentado em

uma das poltronas e levantado os pés.

– Claro que pensaram – disse Cinder.

– Se nós entramos no palácio de Nova Pequim, podemos entrar nesse. De lá, Cress desfaz os bloqueios nos setores externos e planeja que as barreiras ao redor do domo central se abram no final da coroação. – Ele encheu um cálice de aparência cara com uma bebida azul do dispensador da poltrona e deu um gole grande. – É o melhor jeito de coordenar um ataque surpresa e garantir que todos entrem em Artemísia ao mesmo tempo, mesmo sem ter um jeito de nos comunicarmos uns com os outros.

Cress afastou o foco da holografia e iluminou os oito túneis de trens de levitação magnética, que eram as únicas passagens para dentro e para fora da cidade, com exceção dos portos de espaçonaves.

Cinder massageou o pulso.

– É arriscado demais mandar vocês lá para dentro. Eu prefiro que Cress remova as barreiras remotamente, mesmo que gere alarmes.

– Somos dois – disse Thorne –, mas esse não é o único motivo de precisarmos entrar no palácio. Também precisamos ter acesso à sala de transmissão da rainha se queremos fazer alguma coisa com aquele vídeo seu. Levana desabilitou todo o acesso externo ao sistema depois da sua última artimanha, então, se queremos projetar no sistema todo, temos que fazer de dentro.

Cinder inspirou fundo.

– O vídeo... vale a pena?

– Ah! – Iko levou as mãos ao rosto. – É *apavorante*!

Thorne sorriu.

– É certeiro.

– Vou carregar no projetor – disse Cress, se virando para o nódulo holográfico.

– Não, por favor – pediu Iko. – Não precisamos ver tão grande daquele jeito de novo.

Cinder bateu o pé.

– Como vocês propõem que entremos no palácio? Posso usar meu glamour para transformar nós quatro em convidados da coroação se quisermos entrar escondidos...

– Pode ir esfriando os motores, jatinho – retrucou Thorne. – Você já tem uma função. Enquanto Cress e eu estivermos abrindo as passagens até a cidade, você, Iko e Jacin vão ficar posicionados nesses três setores – explicou, indicando-os na holografia, três dos domos adjacentes à Artemísia Central –, ou pelo menos nos túneis embaixo deles, recebendo todos os rebeldes que você despertou e organizando qualquer plano de batalha de último minuto. Em aproximadamente nove horas, com sorte, esta cidade vai estar sob cerco de um monte de lunares zangados. Eles vão precisar de alguém que os lidere.

– Vai ser você – esclareceu Iko.

– Mas achei que esse domo estivesse isolado. Como vamos chegar a esses setores se estamos presos aqui?

– Há unidades de depósito não muito longe daqui – disse Jacin –, onde algumas famílias guardam veículos de recreação, inclusive deslizadores de superfície.

– Deslizadores de superfície?

– Veículos feitos para andar fora dos domos. Eles podem se ajustar à gravidade não modificada e às condições atmosféricas, e encarar terrenos difíceis. Dunas. Crateras. Os ricos os usam por diversão. Não são tão rápidos quanto naves, mas podemos fugir dos transportes e fazer rota direta até os setores mais próximos, para qualquer lugar que tenha acesso a docas externas. Levana não vai ligar para dois nobres passeando por aí.

– Nós vamos nos separar – constatou Cinder.

Iko passou o braço pela cintura de Cinder.

– Só temporariamente.

– É nossa melhor esperança de coordenar um ataque – falou Thorne. – E conseguir o máximo de pessoas possível na frente daquele palácio, que é o objetivo maior, não é? Força nos números?

O coração de Cinder voltou a bater forte, mas ela conseguiu assentir com a cabeça. Estava observando a holografia de novo quando uma anomalia chamou sua atenção.

– Qual é o problema desse setor? – perguntou ela, apontando para um marcado de vermelho no mapa.

Cress virou a holografia e botou o setor em foco.

– EM-12, extração e produção de madeira. Em quarentena?

– Quarentena de doença? – perguntou Cinder.

– É tudo de que precisamos – murmurou Thorne.

Mas Jacin estava balançando a cabeça.

– Faz muito tempo que não temos surto de nenhuma doença em Luna. Não existem muitas influências ambientais que não possamos controlar. – Ele cruzou os braços. – Mas temos medidas a tomar caso alguma coisa aconteça. Com os domos fechados como são, não demoraria muito para derrubar uma comunidade inteira se a doença fosse grave.

– É possível que seja letumose? – perguntou Iko, com um toque de medo vibrando na voz.

– É uma doença terráquea – respondeu Jacin. – Nunca tivemos nenhum caso aqui.

– Não é só uma doença terráquea – disse Cinder. – Não mais. O dr. Erland descobriu uma mutação na África, lembra? Os lunares podem não ser mais imunes, e... – Ela engoliu em seco. – E um monte de terráqueos chegou em Luna recentemente. Qualquer pessoa pode ser

portadora. Um dos diplomatas, até um de nós. Pode ser que a gente nem saiba.

Jacin indicou a holografia.

– Algum de vocês andou por um setor madeireiro ultimamente?

Cinder apertou os lábios.

– Foi o que pensei. Duvido que qualquer um dos seus amigos políticos tenha ido também. Deve ser coincidência.

– Na verdade – disse Cress, afastando o olhar arregalado do tablet –, um de nós foi até lá. – Ela digitou um novo comando e transferiu a transmissão que estava vendo para o hológrafo.

Era uma compilação de vídeos de vigilância da rainha, todos com a legenda de EM-12. Eram escuros e granulados, mas, quando os olhos de Cinder se ajustaram, ela viu fileiras de árvores nas imagens externas e paredes cobertas de madeira nas internas. Concentrou-se em uma das mais cheias de gente, que parecia ser dentro de uma construção médica, embora não fosse nada como os laboratórios limpos e brilhantes de Nova Pequim.

Tinha muita gente ocupando os poucos leitos, enquanto outros estavam encostados nas paredes e caídos nos cantos.

Jacin chegou mais perto da imagem e aumentou uma das filmagens, dando zoom em uma série de anéis roxos e vermelhos no pescoço de um paciente e depois no travesseiro sujo de sangue embaixo da cabeça de outro.

– Parece letumose – disse Cinder, com o estômago se contraindo de medo instintivo.

– Isso é o que penso que é? – perguntou Iko, apontando.

– Soldados lunares – confirmou Cress, aumentando uma das filmagens externas que mostrava dezenas de homens mutantes entre os cidadãos. Muitos pareciam absortos em conversas inflamadas. Cinder nunca os vira sem estarem em modo de ataque, e se não

fossem os rostos deformados, eles pareceriam ser só, bem, homens assustadores e muito grandes.

De repente, ela viu uma pessoa ainda mais chocante do que os mutantes. Uma garota de cabelo ruivo e moletom com capuz, e as mãos firmadas com teimosia nos quadris.

– Scarlet!

Ela estava bem viva e nem um pouco com medo dos predadores ao redor. Na verdade, enquanto Cinder olhava, Scarlet pareceu estar dando ordens a eles, apontando o dedo para a porta da clínica. Seis soldados assentiram e saíram.

– Não estou processando – disse Iko.

Thorne riu, com tanta jovialidade quanto Cinder sentia.

– Processar o quê? Elas disseram que iriam reunir um exército.

– É, mas Scarlet não estava com a gente no deserto. Como *ela* pode ser a portadora da nova doença?

Cinder levou um susto.

– Você está certa. Ela poderia... ter pegado de um de nós?

– Nenhum de vocês está doente.

Ela não tinha resposta. Queria que o dr. Erland estivesse ali, mas ele tinha morrido da mesma doença que estava tentando erradicar.

– O que estão tirando da clínica? – perguntou Thorne.

Jacin cruzou os braços.

– Um tanque suspenso de animação.

Quatro soldados estavam carregando o tanque enquanto os outros abriam a porta da clínica médica para eles passarem. Do lado de fora, centenas de civis se reuniram, os que ainda não estavam doentes. Os soldados abriram espaço para o tanque.

Jacin respirou fundo e chegou perto da holografia, melhorando o foco da imagem. Ele fez uma pausa. Voltou. Deu zoom.

– Ah, não – sussurrou Cinder. Outro rosto familiar estava embaixo

da tampa de vidro do tanque. O da princesa Winter.

CAPÍTULO

Sessenta e seis

Não havia espelhos no laboratório, nem mesmo na sala azulejada com o chuveiro esterilizado para o qual Lobo foi levado para tirar o gel grudento do cabelo. Mas não precisava de espelho para saber o que fizeram. Ele via a diferença na estrutura óssea quando olhava para suas mãos e seus pés. Sentia a diferença na boca projetada, nos dentes aumentados, no maxilar malformado. Tinham alterado sua estrutura óssea facial, abrindo espaço para a fileira de dentes caninos implantados. Havia uma nova curvatura nos ombros e um movimento estranho nos pés, que se pareciam mais com patas, feitas para correr e saltar em grandes velocidades. As mãos estavam enormes, equipadas com unhas reforçadas, parecidas com garras.

Ele até sentia o cheiro dentro de si. Novas substâncias químicas e hormônios bombeando pelas veias. Testosterona. Adrenalina. Feromônios. Ele se perguntou quando os novos pelos começariam a nascer na pele, completando a transformação.

Ele estava infeliz. Tinha virado tudo o que nunca quis ser.

Também estava morrendo de fome.

Tinham deixado um uniforme para ele, parecido com o uniforme que usou como agente especial. Era uma formalidade para seu papel na coroação. A maioria dos soldados transformados por bioengenharia recebia roupas bem menos distintas, sendo mais animais do que homens.

E, agora, ele era um deles. Tentou controlar sua repulsa. Afinal, quem era ele para julgar seus irmãos?

Mas suas emoções continuaram flutuando. Furiosas e ardentes em

um momento. Arrasadas e cheias de autodesprezo no seguinte.

Esse era o destino dele. Sempre fora o destino dele. Ele não imaginava como podia ter pensado diferente. Tinha mesmo acreditado que podia ser melhor? Que merecia mais? Ele estava destinado a matar e comer e destruir. Era tudo a que tinha direito.

De repente, seu nariz tremeu.

Comida.

Sua língua foi coberta de saliva, e ele a passou nos dentes afiados. Alguma coisa em seu estômago rugiu, irritada com o vazio.

Ele tremeu e se lembrou da fome de quando começou o treinamento como agente especial. Ao mesmo tempo, desejava e odiava os pedaços de carne pouco cozida que eram oferecidos e a forma como eles tinham que lutar por uma porção, confirmando a ordem hierárquica da matilha no processo. Mesmo naquela época, a fome não era tão ruim.

Ele engoliu com força e terminou de se vestir.

Seu corpo começou a tremer quando abriu a porta e o aroma de comida explodiu em suas narinas. Estava quase ofegante.

A taumaturga Bement e a técnica de laboratório ainda estavam ali, mas o homem inconsciente tinha sido retirado. A técnica se encolheu quando viu a expressão de Lobo. Ela se posicionou atrás de outro tanque de suspensão, ocupado por alguma outra vítima.

– Essa expressão deve querer dizer que tem comida no prédio – disse ela.

– De fato. – A taumaturga estava encostada na parede, olhando para o tablet. – Está no elevador agora.

– Eu não tinha percebido que ele ia comer *aqui*. Você já viu algum deles comendo pela primeira vez?

– Eu cuido dele. Faça seu trabalho.

Lançando mais um olhar hesitante para Lobo, a mulher voltou a

verificar as telas de diagnóstico no tanque.

Houve um apito no corredor, e o aroma de comida chegou cem vezes mais forte. Lobo agarrou a moldura da porta. Suas pernas estavam fracas de desejo, os joelhos prestes a ceder.

Um criado chegou, empurrando um carrinho de madeira coberto com uma toalha branca.

– Mestra – disse ele, fazendo uma reverência para a taumaturga. Ele foi dispensado.

Os sentidos de Lobo estavam sendo massacrados. Suas orelhas se apuraram com o sibilar do vapor. A barriga entrou em espasmos de desejo. *Cordeiro.*

– Está com fome?

Ele rosnou para a taumaturga. Podia pular nela, deixar a mulher em pedacinhos antes de ela perceber o que estava acontecendo, mas alguma coisa o segurou. Um medo profundo. Lembranças de outro taumaturgo o controlando.

– Eu fiz uma pergunta. Sei que você não passa de um animal agora, mas ainda acho que é inteligente o bastante para responder com um simples sim ou não.

– Sim – grunhiu Lobo.

– Sim o quê?

Uma fúria o cegou, mas ele a sufocou. Lobo fez uma careta para conter o surto de ódio.

– Sim, mestra.

– Ótimo. Não temos tempo para nos conhecer e construir o relacionamento de compreensão que um taumaturgo normalmente formaria com a matilha. Mas eu queria ilustrar dois princípios fundamentais, de forma que seu pequeno cérebro animal entenda. – Ela puxou a toalha branca e mostrou um prato lotado de carne e ossos, cartilagem e tutano.

Lobo tremeu de fome, mas também de nojo. Nojo da carne e nojo de seus próprios desejos. Uma lembrança estranha eclipsou essa nova vontade. Uma coisa brilhante e vermelha e explodindo de sumo: *tomate*.

São a melhor parte e foram plantados na minha própria horta...

– A primeira coisa que você precisa saber como membro do exército de Sua Majestade é que um cachorrinho bom sempre vai ser recompensado. – A taumaturga balançou o braço na direção da comida. – Vá em frente. Coma um pouco.

Ele balançou a cabeça, querendo afastar a voz desconhecida. Era aquela garota de novo. A garota ruiva que ficou tão repugnada por ele.

As pernas de Lobo se moveram por vontade própria e o levaram até o carrinho. Seu estômago desejava. Sua língua estava lerda.

Mas, assim que ele esticou a mão cheia de unhas na direção do prato, suas entranhas foram tomadas de dor. Ele se curvou de sofrimento. As pernas cederam e ele se encolheu no chão, batendo com o ombro na beirada do carrinho e o empurrando até a parede mais próxima. A dor se prolongou, se espalhou por todos os membros, como mil adagas sendo enfiadas na carne.

A taumaturga sorriu.

A dor diminuiu. Lobo ficou tremendo no chão, com as bochechas molhadas de suor ou de lágrimas, ou das duas coisas.

A tortura não era novidade. Ele se lembrava dela do treinamento anterior, com Jael. Mas não a sentia desde que se tornou alfa. Um soldado estimado. Um bichinho leal e bom.

– E isso é o que vai acontecer se você me decepcionar – disse a taumaturga. – Estamos entendidos?

Ele assentiu com a cabeça trêmula, os músculos ainda tremendo.

– *Estamos entendidos?*

Ele tossiu.

– Sim. Mestra.

– Ótimo. – A taumaturga tirou a bandeja do carrinho e colocou no chão, ao lado dele. – Agora coma sua comida como um bom cachorro. Nossa rainha está esperando.

CAPÍTULO

Sessenta e sete

Kai estava começando a entender por que Levana tinha marcado aquele horário para a coroação. A cerimônia ia acontecer no final da longa noite de Artemísia, duas semanas de escuridão iluminada só por luz artificial. Seria o primeiro nascer do sol verdadeiro que Kai veria desde que chegou a Luna. Um novo amanhecer, um novo dia, um novo império.

Era tudo muito simbólico.

Ele desejava simultaneamente que esse dia acabasse e que nunca chegasse.

Em meio às ondas do lago Artemísia, olhando para a água azul-enegrecida que ia até onde ele via, Kai torcia para que o novo amanhecer de Levana fosse bem diferente do que ela esperava, embora essa esperança fosse frágil. Ele não sabia se Cinder tinha sobrevivido à queda no lago nem se o povo de Luna atenderia ao chamado, nem se conseguiriam se tentassem.

Pelo menos, ele sabia com certeza que a filmagem do corpo recuperado de Cinder era falsa. Mesmo com as imagens distantes e borradas, Kai percebeu que não era ela, mas, sim, um manequim ou atriz ou alguma outra pobre vítima tirada do fundo do lago e alterada para se parecer com Cinder.

Se estavam forjando a morte dela, ela não tinha sido encontrada.

Ela estava viva. *Tinha* que estar.

Pelo menos, com a coroação chegando perto, a rainha havia começado a relaxar com algumas das restrições a Kai e aos outros convidados terráqueos. Ele finalmente tinha liberdade de andar pelo

palácio e até de se aventurar na beira do lago, embora cada passo fosse acompanhado por uma dupla de guardas lunares.

Só que ele tinha passado a vida cercado de guardas. Foi ficando mais fácil ignorá-los.

Ela até devolveu o tablet dele, para que ele verificasse os noticiários terráqueos e confirmasse para eles que tudo estava bem em Luna.

Aham.

A areia escorregou embaixo de seus pés quando a onda se retraiu para o lago. O mundo se desintegrando embaixo dele. Kai estava levemente curioso para saber se aquilo era rocha lunar pulverizada até virar areia fina ou se tinha sido importada de alguma praia terráquea muito tempo antes. Tantas vezes, desde que chegou ali, desejou ter passado mais tempo pesquisando a história entre a Terra e Luna. Queria saber qual era o relacionamento quando Luna era uma colônia pacífica e, depois, uma república aliada. Durante anos, a Terra forneceu material de construção e recursos naturais, e Luna retribuiu com pesquisas valiosas nos campos de exploração espacial e astronomia. Saber que o relacionamento já foi benéfico sugeria que podia ser de novo.

Mas não com Levana.

Olhando as margens dos dois lados, Kai viu os guardas reais ainda procurando, esperando uma ciborgue enlameada aparecer na beira. Kai também os viu pela janela patrulhando as ruas da cidade, e se eles achavam que era possível que Cinder tivesse sobrevivido e se escondido, então Kai também acreditaria que era possível.

Enquanto isso, o palácio estava explodindo com os preparativos finais para a coroação. Os aristocratas (ou *famílias*) eram ótimos em fingir alegria inalterada. Até o caos da execução fracassada de Cinder foi deixado para trás como um incidente menor, que podia acontecer

de tempos em tempos. Todo mundo parecia feliz em deixar a caçada nas mãos dos guardas enquanto prosseguia com a bebedeira e com a comilança e com a folia.

Se estavam preocupados com os clamores de Cinder por revolução, não estavam demonstrando. Kai se perguntou se um único integrante da corte sequer pegaria em armas contra o povo se fosse necessário, ou se eles se esconderiam nas mansões elegantes para esperar que acabasse, felizes de declarar fidelidade a quem se sentasse no trono quando o caos terminasse, fosse quem fosse.

Ao pensar nisso, Kai fechou os olhos e mordeu a língua para não dar um sorrisinho, sabendo que era uma fantasia mesquinha. Mas, *ah*, como ele amaria ver os rostos deles se, ou melhor, *quando* Cinder se tornasse rainha e informasse às *famílias* que seu jeito indulgente de viver estava chegando ao fim.

Alguém limpou a garganta atrás de Kai, chamando sua atenção. Torin estava de smoking, já vestido para a coroação, apesar de faltarem horas.

– Vossa Majestade Imperial, imperador Rikan – disse Torin.

Era um código que eles tinham combinado com o resto dos convidados terráqueos: começar cada encontro mencionando alguma outra pessoa que estava presente quando os dois se conheceram. Foi ideia de Kai, para que sempre tivessem certeza de que estavam falando com a pessoa com quem achavam estar, em vez de um lunar usando glamour.

Kai deu um sorriso ao ouvir a menção ao pai. Ele não se lembrava de quando conheceu Torin, que era funcionário do palácio desde antes de seu nascimento.

– Minha mãe – disse ele, como resposta.

O olhar de Torin desceu até os pés descalços e a calça enrolada de Kai, mas não permaneceu lá.

– Alguma notícia?

– Nada. Você?

– Falei brevemente com o presidente Vargas mais cedo. Ele e outros representantes americanos se sentem ameaçados. Eles sentem que estamos sendo mantidos aqui como reféns.

– Homem esperto. – Uma onda bateu em Kai e ele oscilou junto, encolhendo os dedos na areia molhada. – Levana acredita que nos tem onde quer.

– Ela está errada?

Kai franziu a testa e não respondeu. Seu silêncio foi seguido de um suspiro.

Kai olhou para trás e viu Torin tirando os sapatos e as meias. Ele enrolou as barras da calça e se juntou a Kai na beira da água.

– Falei para o presidente Vargas que, quando Levana tiver o título de imperatriz, ela vai ficar menos na defensiva e vamos todos poder impor limites racionais nessa nova aliança terráqueo-lunar. – Ele hesitou e acrescentou: – Não falei nada sobre a princesa Selene. Achei que ele veria qualquer esperança nela como um mero conto de fadas.

Kai mordeu o lábio e torceu para não ser assim. Ele vinha colocando sua fé na princesa Selene mesmo antes de encontrá-la. Mesmo antes de saber que ela era a pessoa mais capaz, versátil e determinada que ele conhecia. Mesmo antes de começar a fantasiar com um casamento terráqueo-lunar que não envolvesse Levana.

– Vossa Majestade – disse Torin, com um tom que dizia que ele estava prestes a abordar um assunto que Kai não ia gostar. Kai se preparou para isso. – Já pensou em qual deve ser seu próximo gesto se o resultado que esperamos não acontecer?

– Você quer dizer se Cinder estiver morta e o povo não se rebelar, e se amanhã de manhã eu me encontrar preso a uma imperatriz que quer me matar e tomar controle da minha força militar e declarar

guerra contra todos os meus aliados até todos sucumbirem à vontade dela?

Torin fez um som zombeteiro no fundo da garganta.

– Imagino que você esteja pensando nisso.

– Passou pela minha cabeça uma ou duas vezes.

Ele espiou Torin pelo canto dos olhos, surpreso em perceber que olhar para seu conselheiro era como olhar para uma versão mais velha e mais sábia de si mesmo. Não que eles se parecessem; Torin tinha cabelo grisalho arrumado, um nariz mais comprido e lábios finos e severos. Mas, de pés descalços na água, cada um com as mãos nos bolsos e os rostos virados para o lago, Kai achou que não seria ruim envelhecer e ser estável e capaz como Konn Torin. Ou atencioso e inteligente como o pai.

Ele verificou se os guardas lunares estavam longe o bastante para perguntar:

– Qual é o status das bombas capazes de enfraquecer esses biodomos?

– Eu soube que temos doze montadas e prontas para uso, mas faltam semanas para que uma segunda leva fique pronta. O máximo que podemos esperar a esta altura é enfraquecê-los, mas acho que não seria o bastante para impedir Levana.

– A não ser que ataquemos o domo onde ela está – disse Kai.

Os lábios de Torin se curvaram para baixo.

– Também é o domo onde *nós* estamos.

– Eu sei. – Com um suspiro, Kai encolheu os dedos dos pés na areia. – Prepare a frota. Quero um regimento de naves armadas posicionado em espaço neutro, o mais perto de Luna que puder chegar sem despertar preocupação. Depois da coroação, se Levana não permitir que os outros líderes vão embora, nós podemos ameaçá-la até que permita. Eu gostaria que todas as outras pessoas

estivessem fora desta lua o mais rápido possível.

– Todas as *outras* pessoas? E você?

Kai balançou a cabeça.

– Tenho que garantir que Levana entregue o antídoto contra letumose. Não sei onde ela guarda, mas se estiver aqui em Artemísia não podemos correr o risco de que seja destruído. Preciso ter certeza de que vamos pegá-lo e levá-lo para a Terra o mais depressa possível. Tenho que conseguir isso, mesmo que não consiga mais nada.

– E, quando o antídoto estiver em lugar seguro – disse Torin –, nossa prioridade tem que ser sua segurança. Se ela pretende matar você para assumir controle da Comunidade, precisamos fazer alguma coisa para que isso não aconteça. Vamos mandar aumentar sua segurança em tempo integral. E sua separação física da rainha vai ser absolutamente necessária. Não quero que ela tome sua mente e o obrigue a cometer algum ato contra si mesmo.

Kai sorriu, tocado pela proteção na voz de Torin.

– São boas sugestões, Torin, mas nada disso vai ser necessário.

Torin se virou para ele, mas Kai estava olhando para o horizonte, onde a água preta encontrava o céu preto. A luz do sol cintilava em alguns domos ao longe, mas a mudança de noite para dia foi tão gradual que Kai quase não percebeu. Os nasceres do sol em Luna eram uma coisa desesperadamente lenta.

– Eu quase a matei no casamento. Cheguei tão perto. Eu poderia ter acabado com tudo, mas fracassei.

Torin deu uma risada debochada e frustrada.

– Você não é assassino. Acho difícil pensar nisso como fracasso.

Kai abriu a boca, mas Torin prosseguiu.

– E se você a *tivesse* matado, teria despertado a fúria de todos os taumaturgos e guardas naquela sala. Você teria sido morto, e sem dúvida todos os convidados terráqueos também. Entendo o impulso,

mas fico feliz por você ter fracassado.

– Você está certo. Mesmo assim, não vai acontecer na próxima vez. – Kai enfiou a mão no bolso e encontrou o medalhão. O que Iko e Cress deram para ele a bordo da Rampion, declarando-o eternamente membro da tripulação, independentemente do que acontecesse. Ele o apertou na mão fechada. – Não vou embora de Luna sem resolver isso. Ela não pode governar a Terra. Se Cinder... se a princesa Selene falhar, eu não vou falhar.

– O que você está dizendo?

Kai se virou para Torin, apesar da dificuldade de soltar os pés da areia.

– Posso me tornar útil a ela por tempo suficiente para conseguir o antídoto. Ela não vai me matar imediatamente, não se eu a convencer de que tenho informações que ela quer: conhecimento sobre nossos procedimentos militares, recursos... Depois, quando o antídoto estiver em lugar seguro, vou mandar nossa força militar bombardear Artemísia.

Torin deu um passo para trás.

– Com você *dentro*?

Ele assentiu.

– É a única forma de garantir que Levana vai estar aqui quando o ataque acontecer. Ela não vai desconfiar. Enquanto eu estiver aqui, ela vai achar que tem controle sobre nós. Com um único ataque, podemos acabar com ela, com os taumaturgos e com os membros mais poderosos da corte. Não vão poder impedir. Não vai ter lavagem cerebral. Não vai ter manipulação. Vai haver um monte de mortes, mas podemos tentar manter a destruição nos setores centrais, e, quando Luna estiver em estado caótico, a Terra pode oferecer ajuda na reconstrução.

Torin tinha começado a balançar a cabeça. Os olhos estavam

fechados, como se ele não suportasse mais ouvir os planos de Kai.

– Não. Você não pode se sacrificar.

– Já estou me sacrificando. Não vou deixar que ela tome meu país. A paz prevalece na União Terráquea há mais de um século. Não vou deixar que minhas decisões representem o fim disso. – Ele empertigou os ombros. – E é por isso que é tão importante que a Comunidade seja governada por uma pessoa inteligente e justa. Os Artigos da Unificação declaram que, caso o último da linhagem de imperadores tenha motivo para esperar sua morte sem antes providenciar um herdeiro para o trono, ele deve indicar uma pessoa para se tornar o novo imperador ou a nova imperatriz, e o povo vai indicar suas escolhas, e será feita uma eleição. – Ele olhou nos olhos de Torin. – Eu indiquei você antes de partirmos. Nainsi está com minha declaração oficial. Então... – Ele engoliu em seco. – Boa sorte na eleição.

– Eu não posso... não vou...

– Já está feito. Se você tiver um plano melhor, eu adoraria ouvir. Mas não vou deixar aquela mulher governar a Comunidade. Eu ficaria honrado em morrer a serviço do meu país. – Kai olhou para o palácio e para a varanda da sala do trono, projetada acima da cabeça deles. – Desde que eu possa levá-la comigo.

CAPÍTULO

Sessenta e oito

– Por que Cress sempre usa as melhores roupas? – resmungou Iko, cruzando os braços enquanto Cress treinava andar de um lado para outro nos sapatos plataforma ridiculamente altos. – Cress vai a um casamento real. Cress vai a uma coroação. Cress é que fica com *toda* a diversão.

– Eu não vou à coroação – disse Cress, tentando olhar para os pés sem cair. – Só estamos imitando convidados para podermos invadir o sistema de transmissão do palácio.

– Cress invade o sistema de transmissão do palácio.

– *Cress* está arriscando a vida para fazer isso. – Cinder jogou uma pilha de acessórios brilhantes na cama. – Algum desses combina?

Iko se sentou na cama e começou a mexer nos acessórios com desejo nos olhos.

– Acho que essas luvas se prendem nas coisas que se parecem com asas – disse ela, dando um sorriso lamentoso. – Eu queria que minha roupa viesse com luvas laranja sem dedos e até os cotovelos.

– Esses sapatos parecem pernas de pau – disse Cress, balançando. – Não tem uma coisa mais prática?

– Acho que *prático* não existe no vocabulário lunar – disse Cinder, voltando a mexer no armário. – Mas vou procurar.

Elas encontraram botas novas para Cinder, pelo menos, pois ela tinha perdido as dela no lago. Encontraram em um armário utilitário, junto com vários equipamentos esportivos, ou o que Cress achava que eram equipamentos esportivos. Infelizmente, não havia nada bastante pequeno para caber *nela*, e Iko insistiu que não combinaria

com a roupa aristocrática, de qualquer maneira.

– Digam que não estou tão ridículo quanto pareço. – Thorne surgiu na porta, mexendo nos punhos da camisa.

Cress levou um susto, tropeçou e caiu em cima de Iko, o que fez as duas pararem no chão.

Cinder colocou a cabeça para fora do closet, observou a cena e apertou os lábios. Desapareceu lá dentro de novo, murmurando:

– É melhor eu encontrar outros sapatos.

Thorne ajudou Cress e Iko a ficarem de pé.

– Talvez ridículo seja o tema do dia – disse ele, inclinando a cabeça para avaliar a roupa de Cress, que era em parte vestido de noite, em parte fantasia de borboleta. Um tutu laranja que mal chegava ao meio da coxa e ficava bem espalhafatoso quando acompanhado de um corpete ajustado e brilhoso. Duas peças transparentes de tecido foram costuradas nas costas do corpete e se prendiam bem às luvas laranja até os cotovelos e com os dedos de fora que Iko desejava, então, quando Cress abria os braços, o efeito era de asas pretas e amarelas de borboleta se abrindo atrás dela. Para completar, Iko encontrou no baú de acessórios um chapeuzinho azul que tinha um par de molas com bolinhas felpudas na ponta. Cress supôs que deviam se parecer com antenas.

– Eu me sinto melhor agora que estou vendo o que você está usando.

Thorne ajeitou a gravata-borboleta. Ele vestia um terno ameixa que servia surpreendentemente bem nele, apesar de ter sido tirado do armário de um estranho. A gravata-borboleta tinha luzes pequenininhas no tecido, fazendo a gola da camisa brilhar em tons diferentes de néon. Ele tinha decidido continuar com suas botas militares.

Thorne estava surreal e sexy, e Cress precisou se obrigar a afastar o

olhar.

– Você vai se encaixar perfeitamente, pelo que percebi no banquete. – Cinder saiu com um par de sapatos que parecia mais confortável. – Todos estavam usando coisas doidas assim. Não duvido que boa parte das roupas fosse glamour, mas, quanto menos elementos da aparência você precisar acrescentar com glamour, mais fácil é sustentar a ilusão.

– Ei, capitão – disse Iko –, pare de ficar olhando para as pernas dela.

Cress se virou a tempo de ver o sorriso apreciativo de Thorne. Dando de ombros, ele ajeitou as mangas do paletó.

– Sou especialista, Iko. Veja só como esses sapatos a deixaram alta. – Ele hesitou. – Bem, meio alta.

Cress ficou vermelha e olhou para as próprias pernas à mostra.

Cinder revirou os olhos.

– Tome, Cress, experimente esses.

– Hã? Ah, certo. – Ela tirou os instrumentos de tortura e jogou para Iko, que ficou animadíssima de colocá-los nos pés.

Em segundos, Iko estava dançando pelo aposento como se tivesse sido elaborada com aqueles sapatos em mente.

– Ah, sim – disse ela. – Vou ficar com eles.

Depois que Cress colocou os novos sapatos nos pés, Thorne deu um peteleco em uma das bolas peludinhas das antenas e passou o braço pelos ombros dela.

– Como estamos?

Cinder coçou a nuca. Iko inclinou a cabeça de um lado para outro, como se a aparência deles pudesse melhorar se vista de outro ângulo.

– Acho que vocês parecem lunares – arriscou Cinder.

– Legal. – Thorne levantou a mão. Cress deu um tapinha constrangido.

Cinder ajeitou o rabo de cavalo.

– É claro que qualquer lunar que preste atenção vai saber que você é terráqueo e ela é cascuda. Então, tomem cuidado.

Thorne fez expressão de deboche.

– *Cuidado* é meu sobrenome. Vem logo depois de *Charmoso* e *Ousado*.

– Você ao menos sabe o que está dizendo na metade do tempo que fala? – perguntou Cinder.

Thorne pegou o chip para o qual tinham transferido o vídeo e entregou para Cress.

– Guarde em um lugar seguro.

Ela ficou olhando, sem saber o que significava segurança. Não tinha bolsos, nem bolsa e bem poucas roupas onde esconder qualquer coisa. Por fim, ela colocou dentro do corpete.

Thorne pegou o tablet de Cress na penteadeira e colocou em um bolso de dentro do paletó, onde ela também via o contorno da arma. Uma faquinha que tinham encontrado na cozinha sumiu nas mãos dele com tanta rapidez que ela não sabia onde ele tinha colocado.

– Acho que é tudo – disse Cinder, olhando as roupas de Thorne e Cress de novo. – Estamos prontos?

– Se alguém responder *não* a essa pergunta – disse Jacin, aparecendo no corredor com uma careta e batendo os dedos –, eu vou sem vocês.

Cress olhou para os amigos e se deu conta de que eles se separariam. De novo. Um tremor surgiu na boca do estômago.

Ela e Thorne iam para o palácio, enquanto Cinder, Iko e Jacin tentariam salvar Winter e Scarlet e organizar as pessoas que em pouco tempo invadiriam Artemísia.

Ela não queria deixá-los. Não queria se despedir.

Mas o braço de Thorne estava em seus ombros, reconfortante e firme. Quando ele puxou a lapela com a mão livre e disse para os

outros que eles estavam prontos, Cress não discutiu.



– Ali está a entrada dos fundos – disse Jacin, apontando para uma porta quase invisível na parte de trás da clínica médica e de pesquisa, meio escondida atrás de arbustos altos. Iko se esticou atrás dele na tentativa de ver, mas ele colocou a mão na cabeça da androide e a obrigou a se abaixar quando dois homens de jalecos brancos passaram, os dois com a atenção grudada nos tablets.

Jacin examinou o pátio mais uma vez antes de sair do esconderijo e se ocultar na sombra do prédio. Pela parede do domo, ele via a paisagem desolada de Luna se estendendo ao longe.

Ele sinalizou com os braços e Cinder e Iko o seguiram, todos se reunindo nas sombras.

A porta se abriu com facilidade; não havia motivos para se trancar portas em um prédio aberto ao público. Mas Jacin se recusou a sentir alívio. Não haveria alívio para ele até que soubesse que Winter estava salva.

Eles correram por uma passagem escura, com paredes que precisavam ser pintadas. Jacin prestou atenção, mas só ouviu uma roda gemendo e um carrinho estalando em algum corredor distante.

– Tem uma sala de manutenção ali – disse ele, apontando. – E um armário de suprimentos em cada andar. Aquela porta leva à parte principal do prédio.

– Como você sabe disso tudo? – sussurrou Cinder.

– Fui residente aqui alguns meses antes de a rainha decidir que eu seria um bom guarda.

Ele sentiu o olhar de Cinder, mas não correspondeu.

– Verdade – murmurou ela. – Você queria ser médico.

– Não importa.

Ele andou até a tela ao lado da sala de manutenção e abriu um diagrama do mapa da clínica. Alguns pontos de exclamação piscavam em áreas diferentes, com notas incluídas. PACIENTE MR-8: DERRAMAMENTO NÃO TÓXICO NO CHÃO. LAB 13: INTERRUPTOR COM DEFEITO.

– Aqui – disse Cinder, apontando para o quarto andar no diagrama.

PESQUISA E DESENVOLVIMENTO DE DOENÇAS.

Havia uma escadaria de fundos do outro lado do prédio, que ao menos os levaria ao andar certo. Jacin esperava que a equipe de pesquisa tivesse tirado o dia de folga para participar das festividades da coroação. Ele não queria mais complicações, e gostaria de evitar matar qualquer pessoa se pudesse.

Mas isso não o impediu de afrouxar a arma.

A subida até o quarto andar aconteceu sem surpresas. Jacin abriu a porta de leve e observou o corredor iluminado. Ouviu o gargarejo de tanques de água e o zumbido de computadores e o ruído constante de máquinas, mas não pessoas.

Indicando para as duas ficarem perto, ele saiu da escada. Os sapatos fizeram barulhos no piso. Ao lado de cada porta, uma tela se iluminava quando eles passavam, indicando o propósito de cada sala.

AGRICULTURA: DESENVOLVIMENTO E TESTE DE MODIFICAÇÃO GENÉTICA

MANIPULAÇÃO BIOELÉTRICA: ESTUDO Nº 11 (CONTROLE E GRUPOS 1-3)

ENGENHARIA GENÉTICA: PACIENTES CANIS LUPUS Nº 16-20

ENGENHARIA GENÉTICA: PACIENTES CANIS LUPUS Nº 21-23

ENGENHARIA GENÉTICA: ALTERAÇÃO CIRÚRGICA

– ... aumentar manufat...

Jacin parou. A voz feminina vinha de algum ponto do corredor e foi seguida de uma porta ou armário sendo fechado.

– ... ser possível sustentar... recursos...

Outra porta se abriu e houve o som de passos.

Jacin esticou a mão para a porta mais próxima, mas estava trancada. Atrás dele, Cinder testou outra maçaneta e fez cara feia quando não abriu.

– Aqui – sussurrou Iko, abrindo uma porta no corredor.

Jacin e Cinder entraram atrás dela e fecharam a porta, tomando o cuidado de não fazer barulho.

O laboratório estava vazio, ou pelo menos sem pessoas. Pessoas *conscientes*. As paredes estavam cheias de prateleiras com tanques suspensos de animação, ocupando o espaço do chão ao teto. Cada tanque zumbia e gorgolejava, com os interiores iluminados por luzes verdes suaves que faziam os corpos parecerem cadáveres congelados. A parede mais distante estava cheia de mais tanques empilhados como gavetas fechadas, criando um painel de telas e estatísticas, luzes brilhando e solas de pés.

Cinder e Iko se esconderam atrás de dois tanques. Jacin se encostou na parede para ficar escondido se a porta fosse aberta e para pegar de surpresa a pessoa que a abrisse.

A primeira voz foi respondida por outra, masculina desta vez:

– ... muito em estoque, mas seria bom se nos dessem alguma indicação de que isso ia...

Jacin inspirou quando a voz ficou mais alta, até os passos estarem

em frente à porta. Mas os passos e as vozes logo sumiram na outra direção.

Iko espiou pela base do tanque, mas ele levou um dedo aos lábios. O rosto de Cinder apareceu um segundo depois, questionador.

Jacin lançou um olhar rápido para o resto do laboratório. Cada tanque de suspensão tinha um pequeno tubo que o ligava a uma fileira de recipientes. Apesar de a maioria dos tubos estar límpida, alguns estavam vermelho-escuro, com sangue fluindo lentamente.

– Que lugar é este? – sussurrou Cinder. Seu rosto estava contorcido de horror. Ela olhava para a forma inconsciente de uma criança de talvez uns poucos anos de idade.

– São cascudos – disse ele. – Ela os deixa aqui para obter um infinito suprimento de sangue, que é usado para produzir o antídoto.

Quando um cascudo nascia e era levado, as famílias recebiam a informação de que eram mortos como parte das leis de infanticídio. Anos antes, eles ficavam presos em cativeiro, em alojamentos separados onde eram vistos como pouco mais do que prisioneiros úteis. Mas um dia esses cascudos aprisionados se rebelaram, e, como não era possível controlá-los, mataram cinco taumaturgos e oito guardas reais antes de serem contidos.

Desde então, eles passaram a ser considerados ao mesmo tempo úteis *e* perigosos, o que levou à decisão de deixá-los em estado de coma permanente. Eles não eram mais ameaça, e o sangue podia ser colhido mais facilmente para as plaquetas usadas no antídoto para a letumose.

Poucas pessoas sabiam que as leis de infanticídio eram falsas e que os filhos perdidos ainda estavam vivos, mesmo que por pouco.

Jacin nunca tinha estado naquela sala antes, mas sabia que existia. A realidade era mais impressionante do que ele imaginou. Ocorreu-lhe que, se tivesse se tornado médico e escapado do destino como

guarda de palácio, ele poderia ter acabado no mesmo laboratório. Só que, em vez de curar pessoas, as estaria usando.

Iko tinha ido até a porta.

– Não estou ouvindo ninguém no corredor.

– Certo. É melhor a gente ir.

Cinder passou as pontas dos dedos no tanque da criança pequena, os olhos tomados de tristeza, mas também, se Jacin sabia alguma coisa sobre ela, com um toque de determinação. Ele desconfiava que ela já estava planejando o momento em que voltaria ali e libertaria todos eles.

CAPÍTULO

Sessenta e nove

As duas pessoas que eles ouviram no corredor não estavam por perto. Eles logo encontraram a porta com a identificação pesquisa e desenvolvimento de doenças, bem onde o diagrama disse que estaria.

O laboratório estava ocupado com estações designadas, cada uma com um banco, uma mesa de metal, uma série de frascos e tubos de ensaio e placas de Petri organizados, um microscópio e um gaveteiro. Impecavelmente limpo. O ar tinha gosto estéril de água sanitária. Havia nódulos holográficos pendurados na parede, todos desligados.

Duas estações mostravam evidências de trabalho recente: holofotes iluminando placas de Petri e instrumentos abandonados nas mesas.

– Separem-se – disse Cinder.

Iko foi para os armários do lado mais distante da sala; Cinder começou a mexer nas prateleiras; Jacin foi até a estação de trabalho mais próxima, lendo as gavetas marcadas. Na de cima, ele encontrou um tablet antiquado, uma impressora de etiquetas, um escâner e um kit de frascos vazios. O resto estava cheio de seringas e placas de Petri e lentes de microscópio, ainda na embalagem.

Ele foi para a segunda estação.

– É isso?

A atenção de Jacin se voltou para Iko, que estava de pé na frente de um par de armários do chão ao teto com as portas abertas, deixando à mostra fileiras e fileiras de pequenos frascos, cada um com um líquido transparente.

Jacin se juntou a ela diante dos armários e levantou um frasco da

bandeja. A etiqueta dizia bactéria patogênica ue1 – "letumose" tipo b – vacina Polivalente. Era idêntica à tampa do frasco seguinte e do outro também.

Jacin passou os olhos pelas centenas de bandejas.

– Vamos pegar um carrinho da manutenção e encher com o máximo de bandejas que conseguirmos. Provavelmente não vamos precisar disso tudo para um setor, mas prefiro que esteja conosco e não com Levana.

– Eu pego o carrinho – disse Iko, correndo até a porta.

Cinder passou o dedo por uma fileira de frascos, ouvindo-os estalar nas bandejas.

– Isto aqui é metade do motivo de Kai estar indo em frente com isso – sussurrou ela, e contraiu o maxilar. – Peony poderia ter sido salva.

– Winter vai ser salva.

Quando ouviu o carrinho no corredor, Jacin começou a tirar bandejas das prateleiras, e, juntos, eles lotaram o carrinho, empilhando bandeja em cima de bandeja de antídoto. A pulsação dele estava disparada. Cada vez que fechava os olhos, ele a via naquele tanque, tentando sobreviver. Quando tempo a imersão a protegeria? Quanto tempo ele tinha?

Iko pegou um pano grosso no armário da manutenção e eles o jogaram por cima do carrinho, prendendo o tecido nas beiradas das bandejas para estabilizá-las no trajeto.

Eles estavam empurrando o carrinho para a porta quando ouviram o apito do elevador. Pararam. Jacin colocou a mão em cima dos frascos cobertos para que não estalassem.

– Você parece não entender a situação complicada em que estamos – disse uma voz feminina aguda. – Precisamos que aqueles guardas retornem à ativa imediatamente. Não me importa se estão

curados ou não.

– Taumaturga – sussurrou Cinder. Seus olhos estavam fechados, o rosto tenso de concentração. – E dois... vou tentar adivinhar, criados, talvez? Ou técnicos de laboratório? E mais um. Energia muito fraca. Possivelmente, um guarda.

– Pode deixar que não me ofendi – murmurou Jacin.

– Essas ordens vieram da própria rainha e não temos tempo a desperdiçar – continuou a taumaturga. – Parem de dar desculpas e façam seu trabalho.

Sem confiar no próprio corpo com um taumaturgo perto, Jacin pegou a arma e colocou na mão de Cinder.

Ela pareceu confusa primeiro, mas a compreensão veio rápido. Sua mão apertou a arma.

Passos se aproximaram e Jacin se perguntou se a taumaturga já *os* tinha sentido, parados e esperando dentro do laboratório. Talvez achasse que eram só pesquisadores.

A ideia seria descartada assim que ela os visse. Se passasse pelo laboratório. Ou se estivesse *indo* para o laboratório.

Mas, não, uma porta se abriu no corredor. Ele não a ouviu fechar, e não havia outras saídas. Para pegar a escada ou o elevador, eles teriam que voltar pelo caminho que tinham percorrido.

– Será que podemos esperar? – sugeriu Iko. – Eles vão ter que ir embora alguma hora.

Ele fechou a cara. *Alguma hora* não era rápido o bastante.

– Eu controlo o guarda e os outros dois – disse Cinder, os nós dos dedos ficando brancos. – Mato a taumaturga e espero até vocês terem saído para segui-los.

– Você vai despertar um monte de alarmes – disse Jacin.

O olhar dela ficou gelado.

– Eu já despertei um monte de alarmes.

– Eu vou – disse Iko. Ela estava com o queixo erguido e o rosto determinado. – Eles não podem me controlar. Vou atraí-los e encontrar um lugar para me esconder até vocês voltarem. Vocês têm que levar esse antídoto para Sua Alteza.

– Iko, não, nós deveríamos ficar juntas...

Iko botou as mãos no rosto de Cinder. Os dedos ainda não estavam funcionando, então o toque ficou meio torto, como se ela estivesse recebendo carinho de uma boneca enorme.

– Como falei, eu faria qualquer coisa para você ficar em segurança. Além do mais, se alguma coisa acontecer comigo, eu sei que você é capaz de consertar.

Iko piscou e saiu andando de forma corajosa para o corredor. Jacin fechou a porta depois que ela passou.

Eles ouviram os passos controlados de Iko no corredor e uma pausa.

– Ah, oi – soou a voz alegre dela, seguida do som de uma cadeira sendo empurrada no chão. – Ops, eu não queria dar um susto em você.

– O quê...? – A voz da taumaturga parou no meio da frase e assumiu um tom irritado. – Uma *cascuda*?

– Quase – disse Iko. – Caso você não tenha me reconhecido, sou uma boa amiga da princesa Selene. Imagino que você já tenha ouvido...

– Prendam-na.

– Acho que já ouviu.

Houve uma correria de passos, móveis caindo, dois tiros que fizeram Cinder se encolher.

– Detenham-na! – gritou a taumaturga, mais longe agora.

Uma porta se fechou.

– Pareceu ser na escada – disse Jacin.

O maxilar de Cinder estava contraído, os músculos, rígidos, mas ela respirou fundo e empertigou os ombros.

– É melhor a gente ir antes que eles voltem.

CAPÍTULO

Setenta

Cress ficou aliviada ao descobrir que ela e Thorne não eram os únicos convidados com roupas malucas andando pelo portão do palácio horas antes da coroação. A cidade toda tinha ido participar das festividades, como se o povo não tivesse nada a temer em relação a uma possível insurgência ou às alegações malucas de uma garota ciborgue.

A entrada principal do palácio era cercada de um muro imponente com remates afiados no alto. O portão principal estava aberto, revelando um pátio exuberante. O caminho estava ladeado de uma variedade de esculturas de feras místicas e deuses e deusas da Lua parcialmente vestidos.

Ninguém olhou duas vezes para Cress e Thorne quando eles passaram pelo portão e se juntaram à multidão de aristocratas reunidos, bebendo de garrafinhas com pedras preciosas e andando entre estátuas. Com a saia laranja de Cress e a gravata-borboleta iluminada de Thorne, eles se encaixavam perfeitamente.

Tentando evitar contato visual com os outros convidados, Cress deixou o olhar passear pelas portas em arco com detalhes em dourado do palácio. Como o portão, estavam bem abertas, chamando os convidados da rainha para entrarem, embora houvesse guardas do palácio dos dois lados.

O coração dela disparou.

Parecia que ela e Jacin tinham acabado de escapar dali.

Ela já tinha entrado no palácio umas poucas vezes quando era menor, para executar diferentes tarefas de programação para Sybil.

Vivia ansiosa para agradar na época. *Você pode rastrear as chegadas e partidas entre os setores ST-5 e GM-2? Pode criar um programa que vai nos alertar quanto a expressões específicas captadas pelos gravadores nos nódulos holográficos? Pode rastrear as naves que vêm e vão dos portos, e garantir que os destinos sejam os mesmos dos itinerários nos nossos arquivos?*

A cada sucesso, Cress foi ficando mais confiante. *Acho que sim. Vou tentar. Sim, mestra, posso fazer isso.*

Isso foi quando Cress ainda tinha esperanças de um dia ser bem-vinda ali, bem antes do aprisionamento a bordo do satélite. Ela devia ter percebido quando Sybil se recusava a levá-la pela lindíssima entrada principal e a carregava escondida pelos túneis subterrâneos, como uma coisa vergonhosa e secreta.

Pelo menos desta vez ela estava entrando no palácio ao lado de um aliado e amigo. Se havia alguém na galáxia em quem confiava, esse alguém era Thorne.

Como se tivesse escutado esses pensamentos, Thorne apertou as mãos na lombar dela.

– Finja que é daqui – murmurou ele no ouvido dela. – E todo mundo vai acreditar.

Finja que é daqui.

Ela soltou o ar lentamente e tentou imitar o gingado de Thorne. Fingir. Ela era boa em fingir.

Naquele dia, era uma aristocrata lunar. Era convidada de Sua Majestade Real. Estava de braços dados com o homem mais bonito que já tinha visto, um homem que não precisava nem usar glamour. Mas o mais importante...

– Sou um gênio do crime – sussurrou ela. – E estou aqui para derrubar o regime.

Thorne sorriu para ela.

– Essa fala é minha.

– Eu sei – disse ela. – Eu roubei.

Thorne riu e se posicionou estrategicamente atrás de um grupo de lunares, perto o bastante para eles parecerem ser parte do grupo, e subiram pela escada de pedra branca. A porta foi ficando cada vez maior enquanto entravam na sombra do palácio. A falação do pátio foi substituída pelo eco do piso de pedra e pelas gargalhadas ressoantes de pessoas sem nada a temer.

Ela e Thorne estavam dentro do palácio. Pelo que percebia, os guardas nem olharam para eles.

Cress soltou o ar, mas a respiração entalou de novo quando ela percebeu a extravagância.

Mais aristocratas se reuniam em grupos na grande entrada, se servindo de bandejas de comida que flutuavam nas cubas de piscinas azuis cristalinas. Em toda a parte, havia colunas douradas e estátuas de mármore e arranjos de flores com o dobro da altura dela. O mais impressionante de tudo era uma estátua no centro do corredor, com a imagem da antiga deusa da lua, Ártemis. Tinha três andares de altura e exibia a deusa usando uma coroa de espinhos no alto da cabeça e segurando um arco, com a flecha apontando para o céu.

– Bom dia – disse um homem, se adiantando para cumprimentá-los. Thorne afundou os dedos nas costas de Cress.

O homem usava o uniforme de um criado de alto ranking, mas o cabelo com *dreadlocks* estava pintado de um verde variado: clarinho nas raízes e esmeralda nas pontas. Apesar de Cress estar alerta, esperando desconfiança ou repulsa, o rosto do homem era pura jovialidade. Talvez servos, como os guardas, fossem escolhidos por terem pouco talento com o dom, e ele não sentia que Cress não passava de uma cascuda.

Ela só podia ter esperanças.

– Estamos felizes por vocês terem vindo para participar das festividades nesse dia tão celebrado – disse o homem. – Aproveitem as comodidades que nossa generosa rainha oferece a seus convidados. – Ele fez um gesto para a esquerda. – Nesta ala, vocês vão apreciar o jardim, cheio de animais albinos exóticos, ou ouvir uma variedade de apresentações musicais que vão acontecer no grande teatro ao longo do dia. – Ele levantou o braço direito. – Aqui há uma variedade de salas de jogos, caso queiram testar sua sorte, além de nossas famosas salas de companhia... *não* que o cavalheiro esteja precisando de mais companhia. É claro que uma variedade de bebidas está disponível por todo o palácio. A cerimônia de coroação vai começar no nascer do sol, e pedimos que todos os convidados sigam para o grande salão meia hora antes. Para a segurança dos convidados, não vai haver acesso aos corredores quando a coroação começar. Se precisarem de qualquer outra coisa para tornar seu dia mais agradável, falem comigo ou com qualquer outro cortesão.

Com uma inclinação de cabeça, ele foi receber outro convidado.

– O que você acha que ele quis dizer com "salas de companhia"? – perguntou Thorne.

Quando Cress o olhou de cara feia, ele se empertigou e passou o dedo entre o pescoço e a gola da camisa.

– Não que eu esteja tentando a... ou... por aqui, certo?

– Vocês dois parecem perdidos – ronronou alguém.

Thorne se virou e empurrou Cress para trás de si. Um homem e uma mulher estavam não muito longe, olhando para Thorne como se ele estivesse em exibição na vitrine de uma loja de doces. Os dois usavam roupas cheias de strass.

O homem baixou um par de óculos de armação grossa até a ponta do nariz, e passou o olhar por Thorne da cabeça aos pés, e de volta até o rosto.

– Podemos ajudar você a encontrar o caminho?

Thorne foi rápido em abrir seu sorriso característico.

– Lisonjeado, moças – ronronou ele em resposta.

Cress franziu a testa, mas, ao se dar conta de que o homem devia ter usado glamour para parecer mulher, obrigou o rosto a assumir uma expressão de indiferença. Ela não poderia deixar ninguém saber que não era afetada por controle mental.

– Estamos em uma missão secreta agora – disse Thorne. – Mas vamos ficar de olho em vocês na coroação.

– Aah, uma missão secreta – comentou a mulher com entusiasmo, roendo a unha do dedo mindinho. – Vou querer ouvir *essa* história depois.

Thorne piscou.

– Eu vou querer contar.

Ele passou o braço pelo ombro de Cress e a afastou do casal. Quando estavam longe o bastante para ter certeza de que não seria ouvido, Thorne soltou um assovio baixo.

– Caramba. As mulheres deste lugar.

Cress se irritou.

– Você quer dizer os *glamoures* deste lugar. Uma delas era homem.

Thorne tropeçou e olhou para ela.

– Não me diga. Qual?

– Hã... a de óculos.

Ele olhou para trás em busca do casal no meio da multidão.

– Muito bem, lunares – murmurou ele, impressionado. Olhou para a frente de novo. – Jacin falou para entrarmos no terceiro corredor, certo? – Ele a puxou para um corredor curvo, onde janelas do chão ao teto ofereciam uma vista de tirar o fôlego do jardim da frente.

– Tente lembrar que eles podem alterar a aparência como quiserem – disse Cress. – Ninguém neste palácio é tão bonito quanto

você pensa. É só controle mental.

Thorne sorriu e a apertou contra o corpo.

– Tenho certeza de que tem pelo menos uma exceção a essa regra.

Cress revirou os olhos.

– É. Os taumaturgos.

Ele riu e baixou o braço, e ela não entendeu direito qual foi a graça.

Eles passaram por um grupo de rapazes, e Cress os viu, impressionada, cambalearem pelo corredor. Um deles abriu uma porta de vidro e foi para a beira do lago e para o amplo jardim. Quase caiu da escadaria que levava ao gramado.

Balançando a cabeça, Cress olhou para a frente de novo e percebeu que estava sozinha.

Todos os músculos se contraíram quando ela se virou e ficou aliviada ao ver Thorne a alguns passos. Mas não ao ver que ele foi abordado por outra garota, que era bem bonita até aos olhos impossíveis de enganar de Cress. Ela estava sorrindo para Thorne pelos longos cílios, de uma forma ao mesmo tempo provocante e maligna.

Já Thorne só parecia surpreso.

– Pensei ter sentido um garoto terráqueo – disse a garota. Ela levantou a mão e tocou nas luzes da gravata-borboleta de Thorne, depois desceu o dedo pelo peito dele. – E um tão bem-vestido assim. Que achado!

Com a pulsação disparada, Cress observou o corredor. A multidão estava começando a ir na direção do salão, mas muitos convidados ainda estavam parados ou andando devagar, sem pressa aparente. Ninguém estava prestando atenção neles. Aquela mulher também parecia só ter olhos para Thorne. Cress pensou sobre uma forma de afastá-lo dali sem levantar desconfianças nem atrair atenção.

Então, a mulher passou os braços pelo pescoço de Thorne e todos

os pensamentos sumiram da cabeça de Cress. Estupefato, Thorne não ofereceu resistência quando ela o puxou para um beijo.

CAPÍTULO

Setenta e um

A coluna de Cress se enrijeceu de indignação, ao mesmo tempo que um grupo de mulheres lunares conversava ali perto.

– Bom olho, Luisa – disse uma delas, seguida de outra.

– Se você vir mais algum terráqueo bonito como esse, mande para cá!

Nem Thorne nem Luisa pareceram ouvir. Na verdade, enquanto Cress olhava, perplexa, Thorne passou os braços ao redor do corpo de Luisa e a puxou para perto.

Cress contraiu os punhos, os ombros, o corpo todo. Estava apavorada. Depois, ficou irritada. Em seguida, a lógica começou a tomar conta, e ela percebeu que, enquanto só deviam estar brincando com Thorne, não seriam tão gentis com ela se percebessem que era imune aos glamoures e manipulações.

Tremendo de desprezo, Cress recuou até uma alcova atrás de um pilar. Lá, esperou, com os braços cruzados e fagulhas vermelhas nos olhos enquanto Thorne beijava a garota.

E beijava.

E *beijava.*

As unhas de Cress tinham deixado marcas dolorosas na pele da mão quando eles, enfim, se separaram.

Luisa bateu os cílios, sem fôlego.

– Você está querendo isso tem um tempo, não é?

Cress revirou os olhos.

E Thorne disse...

Thorne disse...

– Acho que amo você.

Um prego perfurou o coração de Cress, e ela ofegou, *ofegou* de verdade por causa da dor. O queixo caiu, mas ela fechou a boca depressa. E o ferimento no peito logo se encheu de ressentimento.

Se ela tivesse que vê-lo ficar suspirando por mais alguém, iria gritar. Como era possível que *ela* fosse a única garota da galáxia que ele não tentava seduzir e paquerar?

Bem, ele a tinha beijado uma vez no telhado, mas foi como um favor, e nem contava.

Ela recuou na alcova, cheia de raiva, mas também magoada. Era isso, então. Ele nunca a desejaria, não como aquelas outras garotas que chamavam a atenção dele. Cress teria que aceitar o fato de que o beijo deles, o momento mais apaixonado e romântico da vida dela, não passou de um gesto de pena.

– Ah, você não é um *fofo*? – disse a mulher. – E também nem beija mal. Talvez possamos desfrutar um pouco mais da companhia um do outro mais tarde. – Sem esperar resposta, ela deu um tapinha no peito de Thorne e piscou, depois saiu andando pelo corredor.

As mulherezinhas que estavam assistindo também saíram andando, deixando Thorne no meio do corredor, perplexo. As bochechas estavam vermelhas; os olhos, escuros com o que Cress supôs que fosse desejo; e o cabelo, desgrenhado onde Luisa enfiou as mãos.

Luisa. Que ele *amava.*

Cress apertou os braços sobre o peito.

Depois de um longo minuto atordoado, Thorne afastou os efeitos da manipulação e olhou ao redor, fazendo um círculo completo. A mão ajeitou o cabelo.

– Cress? – perguntou ele, não muito alto no começo, mas com preocupação crescente. – Cress!

– Estou aqui.

Ele se virou para ela, e seu corpo tremeu de alívio.

– Espadas. Desculpe. Não sei o que acontece. Aquilo foi...

– Não quero saber. – Ela se afastou da parede e saiu andando pelo corredor.

Thorne correu atrás dela.

– Opa, ei, espere. Você está com raiva?

– Por que eu estaria com raiva? – Ela balançou as mãos em um gesto amplo. – Você tem o direito de flertar e beijar e proclamar seu amor por quem quiser. E isso é bom, porque é o que você *faz*. O tempo todo.

Thorne acompanhou o ritmo dela com facilidade, o que a irritou ainda mais, considerando que já estava sem fôlego por andar tão rápido.

– Então... – disse Thorne, seu tom provocante. – Você está com ciúmes?

Cress se irritou.

– Você percebe que ela só queria rir às suas custas, não é?

Ele riu, irritantemente bem-humorado, ao passo que Cress estava tão furiosa.

– É, percebo isso *agora*. Cress, espere. – Thorne segurou o cotovelo dela e a obrigou a parar. – Sei que eles não conseguem fazer isso com você, mas o resto de nós não pode *escolher* não ser controlado. Ela me manipulou. Não foi culpa minha.

– E imagino que você vá dizer que não gostou.

Ele abriu a boca, mas hesitou.

– Er. Bem...

Cress soltou o braço da mão dele.

– Sei que não foi culpa sua. Mas isso não justifica *todo o resto*. Quer dizer, veja Iko!

– O que tem Iko?

Ela engrossou a voz para imitar a de Thorne:

– *Eu sei mesmo escolher, não sei?*

Ele riu, e seus olhos brilharam em resposta ao deboche dela.

– Mas é verdade, não é? O corpo novo dela é lindo.

Cress fixou um momento de raiva intensa nele.

– Isso não foi a coisa certa a dizer. Desculpe. Mas eu tinha acabado de recuperar a visão.

– É, e só queria olhar para *ela*.

Thorne piscou, e uma compreensão repentina surgiu em seus olhos, mas Cress saiu andando antes que ele respondesse.

– Não importa. Vamos só...

– Com licença.

Um guarda do palácio bloqueou o caminho com um braço esticado, fazendo Cress parar na hora. Ela levou um susto e recuou até Thorne, que agarrou seu cotovelo. A boca de Cress ficou seca. Estava tão irritada que não reparou nos dois guardas posicionados no corredor.

– Estamos pedindo que todos os convidados sigam para o salão, para que a cerimônia de coroação comece sem atraso. – O guarda indicou a direção de onde eles tinham vindo. – Por favor, sigam por ali.

O coração de Cress estava disparado, mas Thorne, sempre calmo, a afastou com um sorriso casual.

– Claro, obrigado. Acho que nos perdemos.

Assim que dobraram uma esquina, Cress puxou o braço da mão de Thorne. Ele se afastou sem discutir. Os dois estavam em um corredor mais tranquilo do que o principal, embora ainda houvesse alguns convidados caminhando por ali.

– Pare aqui – disse Thorne, e ela parou e deixou que ele a

encostasse na parede. Ele parou perto demais dela, e para qualquer pessoa pareceria que estavam tendo uma conversa íntima, o que só serviu para irritar Cress ainda mais. Ela apertou os punhos e olhou com determinação para o ombro dele.

Thorne suspirou.

– Cress. Sei que está chateada, mas você pode fingir não estar por um segundo?

Ela fechou os olhos e respirou fundo. Não estava chateada. Não estava magoada. Não estava de coração partido.

Quando abriu os olhos, ela transformou a expressão no que esperava parecer um alegre flerte.

Thorne levantou uma das sobrancelhas.

– Isso é incomum.

Mas a voz dela ainda parecia sentida quando falou:

– Eu também sou garota, sabe. Posso não ser bonita como Iko nem corajosa como Cinder nem ousada como Scarlet...

– Espere, Cress...

– E eu nem quero saber que idiotice você disse quando viu a princesa Winter pela primeira vez.

Thorne fechou a boca, confirmando a desconfiança dela de que tinha dito uma coisa bem idiota.

– Mas eu não sou invisível! E você flerta com *todas* elas. Você flerta com qualquer pessoa que *olha* para você.

– Você já deixou isso claro. – O brilho provocativo no olhar dele sumiu, e o sorriso forçado de Cress também. Apesar de ele manter uma das mãos perto do quadril dela, parou de tocá-la.

– Era isso que você estava tentando me dizer, não era? – A voz dela tremeu. – No deserto. Quando ficou falando que sou muito *fofa* e que você não queria me magoar e... Você estava tentando me avisar, mas eu fui... ingênua e romântica demais para prestar atenção em você.

O olhar dele se suavizou.

– Eu não queria magoar você.

Ela cruzou os braços, na defensiva. Lágrimas borravam sua visão.

– Eu sei. É culpa minha de ter sido tão burra.

Thorne se encolheu, mas o movimento veio acompanhado de um olhar ao redor, o que fez Cress imitar o gesto e limpar os olhos antes que as lágrimas se acumulassem. O corredor estava quase vazio, e os poucos convidados que restavam não estavam olhando na direção deles.

Thorne esticou a mão ao redor de Cress e abriu uma porta na qual ela nem tinha reparado. Em um segundo, levou-a para dentro. Ela cambaleou pela rapidez do movimento e se equilibrou em um suporte de planta ao lado da porta. Eles estavam cercados de flores e vegetação de todas as cores imagináveis, o denso perfume fervendo na garganta dela. O teto era muito alto e feito do mesmo vidro emoldurado por chumbo das janelas do corredor principal. Havia sofás e poltronas de leitura em pequenos agrupamentos por toda a sala, e, bem à frente, viram uma série de mesas com vista para o lago.

– Que bom – disse Thorne. – Eu achei que me lembrava de ter visto alguma coisa relacionada a um átrio. Vamos esperar aqui até os corredores ficarem vazios. Espero que a gente consiga entrar em um dos corredores de criados e evitar mais encontros com guardas por um tempo.

Cress encheu os pulmões até quase explodirem e soltou o ar, mas a respiração não a refrescou. Ela entrou no local e abriu um espaço necessário em relação a Thorne.

Ela era uma idiota. Ele nunca deu qualquer indicação de que um relacionamento verdadeiro poderia estar no futuro deles. Deu todas as chances para ela se acostumar a esse fato. Mas, apesar de todas as tentativas de dissuadi-la de se apaixonar, o coração de Cress ainda

estava em pedaços.

O que era pior: um beijo de lunar, logo isso, o partiu, e Thorne não poderia levar a culpa .

– Cress... escute...

Ele roçou o pulso dela com os dedos, mas ela se afastou.

– Não. Desculpe. Não foi justo da minha parte. Eu não deveria ter dito nada.

Ela limpou o nariz com o tecido fino da asa da roupa ridícula.

Thorne suspirou, e, com o canto do olho, ela o viu passar a mão pelo cabelo. Sentia o olhar dele em sua nuca, então se virou e fingiu observar uma enorme flor roxa.

Ele sabia, claro. Ela revelou todos os seus sentimentos; deveria ter revelado bem antes, mas ele estava preocupado demais com *magoá-la* para deixar claro que sabia.

Ela percebeu que ele queria falar mais. Sentia palavras não ditas pairando no ar entre os dois, sufocando-a. Ele pediria desculpas. Diria o quanto gostava dela... como amigo. Como integrante da tripulação.

Ela não queria ouvir. Não naquele momento. *Nunca*, mas principalmente não naquele momento, quando havia assuntos mais importantes a serem resolvidos.

– Quanto tempo vamos esperar aqui? – perguntou ela, e, apesar de a voz estar tomada de emoção, tinha parado de tremer.

Ela ouviu um movimento e um clique baixo de tablet.

– Mais alguns minutos, só para ter certeza de que já levaram os convidados mais lentos.

Ela assentiu.

Um segundo depois, ela ouviu outro suspiro.

– Cress?

Ela balançou a cabeça. As bolinhas das antenas balançaram no canto dos olhos... ela tinha esquecido que as estava usando. Cress

ousou olhar para ele, e torceu para seu rosto não demonstrar a infelicidade que sentia.

– Estou bem. Só não quero falar sobre isso.

Thorne tinha se encostado na porta fechada, as mãos enfiadas nos bolsos. A expressão estava agitada. Parecia vergonha, talvez, misturada com dúvida e nervosismo, e uma coisa misteriosa e impetuosa que fez os dedos dos pés dela formigarem.

Ele olhou para ela por um longo momento.

– Tudo bem – disse ele por fim. – Eu também não quero falar sobre isso.

Ela começou a assentir, mas ficou surpresa quando Thorne se afastou da porta. Cress piscou e cambaleou para trás, assustada com o movimento repentino. Três, quatro passos. A parte de trás das coxas bateu em uma das mesas.

– Quê...?

Em um movimento, Thorne a colocou em cima da mesa e a encostou no vaso de uma enorme samambaia e... *ah.*

Cress tinha desenvolvido mil fantasias ao redor do beijo no telhado, mas *aquele* beijo foi completamente novo.

Enquanto antes o beijo fora delicado e protetor, agora havia algo de paixão. Determinação. O corpo de Cress se dissolveu em sensações. As mãos dele queimaram a cintura dela pelo tecido fino da saia. Os joelhos dela apertaram os quadris dele, e Thorne a puxou para mais perto, cada vez mais, como se não fosse possível aproximar-se dela o bastante. Um choramingo escapou da boca de Cress, mas foi engolido pela dele. Ela ouviu um gemido, mas poderia ter saído de qualquer um dos dois.

E, enquanto no telhado o beijo tinha sido interrompido pela batalha que acontecia ao redor, esse beijo continuou mais e mais e mais...

Por fim, quando Cress estava começando a achar que ia desmaiar, o beijo foi interrompido com uma inspiração intensa. Cress tremia e torcia para não ser recolocada de pé e informada de que estava na hora de trabalhar, porque duvidava ser capaz de dar dois passos e, menos ainda, de chegar ao outro lado do palácio.

Thorne não se afastou. Ele só passou os braços pelas costas dela, e ali estava a proteção delicada da qual ela se lembrava. A respiração dele estava tão errática quanto a dela.

– *Cress.*

Ele disse o nome dela como uma promessa.

Cress tremeu. Lambendo os lábios macios, ela forçou as mãos a descerem do cabelo e as levou até o peito dele.

Então, obrigou-se a se afastar.

Não o bastante para sair do abraço, mas para respirar e pensar e se preparar para a vida de arrependimento que estava prestes a gerar para si.

– Isso... – A voz dela falhou. Ela tentou de novo. – Não era isso que eu queria.

Thorne demorou um momento, mas seu olhar atordoado endureceu, e ele se afastou ainda mais.

– Quer dizer, é – consertou ela. – Obviamente, é.

O alívio dele foi óbvio e aqueceu cada centímetro do corpo dela. O sorriso rápido e provocativo falava muito. Claro que era aquilo que ela queria. *Claro*.

– Mas... não ser só mais uma garota – disse ela. – Eu nunca quis ser só mais uma das suas garotas.

O sorriso sumiu de novo.

– Cress... – Ele pareceu dividido, mas também esperançoso e desprotegido. Respirou fundo. – Ela parecia você.

Ela não tinha percebido que estava encarando a boca de Thorne

até afastar seus olhos para fitar os dele.

– O quê?

– A garota no corredor, a que me beijou. Ela parecia você.

O beijo com a garota lunar parecia ter acontecido séculos antes. A lembrança causou uma onda de ciúmes, mas Cress fez o melhor possível para sufocá-la.

– Isso é ridículo. Ela era morena e alta e...

– Não para mim. – Thorne prendeu uma mecha do cabelo de Cress atrás da orelha – Ela deve ter nos visto andando juntos. Talvez tenha visto como você era. Não sei, mas ela sabia... ela fez o glamour se parecer com você.

Com os lábios abertos, Cress se visualizou escondida naquela alcova de novo. Vendo a expressão de perplexidade de Thorne. De desejo. O jeito como ele a beijou e abraçou e...

– Eu pensei que estivesse beijando você – confirmou ele, roçando os lábios nos dela de novo. E de novo. Os dedos de Cress se fecharam na lapela dele, e ela o puxou para perto.

Mas não durou muito, pois outra lembrança lhe ocorreu.

Ela se afastou.

– Mas... você disse que a amava.

A expressão dele ficou paralisada, e o desejo abriu caminho para o alarme. Eles ficaram parados naquele momento por uma eternidade.

Finalmente, Thorne engoliu em seco.

– Certo. Aquilo. – Ele deu de ombros. – Quer dizer, eu estava... nós estávamos...

Antes que terminasse, a porta se abriu atrás dele.

CAPÍTULO

Setenta e dois

Os dois ficaram imóveis.

Com o maxilar contraído, Thorne sussurrou:

– Continuamos depois?

Ela assentiu e teve dificuldade de lembrar onde estavam.

Thorne se virou para a porta com o corpo protegendo Cress de quem tinha entrado. Espiando por trás do cotovelo dele, ela teve um vislumbre de um guarda do palácio delineado pela luz do corredor.

O guarda estava de cara feia quando levantou um dispositivo até o rosto.

– Só dois convidados – disse ele com voz mal-humorada. Ele apontou com o queixo para Thorne e Cress. – Preciso pedir que vocês saiam daqui. Todos os corredores e espaços públicos precisam ser esvaziados antes do começo da cerimônia.

Thorne limpou a garganta, puxou o paletó e ajustou a gravata-borboleta.

– Desculpe. Acho que nós... nos empolgamos aqui.

Cress tirou uma folha de samambaia da manga de Thorne. Suas bochechas ardiam de calor, em parte por vergonha, mas principalmente pela lembrança dos braços dele nos dela, dos beijos, da realidade enevoada dos últimos minutos.

– Nós vamos sair daqui, então.

Thorne segurou o chapéu de antenas de inseto que fora parar no chão e entregou para Cress, depois a ajudou a descer da mesa.

As mãos trêmulas tiveram dificuldade para prender as antenas na cabeça novamente.

– Obrigado por nos deixarem usar o local – disse Thorne para o guarda, piscando, enquanto eles seguiam pelo corredor. Ele só permitiu uma falha na compostura quando o guarda ficou para trás. Thorne soltou o ar lentamente.

– Tente agir de forma natural.

As palavras ecoaram na cabeça de Cress por um longo momento antes de ela compreendê-las. Agir de forma natural? Agir de forma *natural*? Quando suas pernas eram feitas de macarrão e o coração estava prestes a explodir para fora do peito e ele disse que a *amava*, pelo menos de certa forma? Qual era o significado de agir com naturalidade? Quando na vida ela soube agir de forma natural?

Ela começou a rir. Uma risada sufocada no começo, seguida de uma onda de risadinhas subindo pela garganta, até ela estar curvada com dificuldade de andar reto. As gargalhadas quase a sufocaram.

Thorne manteve o braço ao redor da cintura dela.

– Não era bem isso que eu tinha em mente – murmurou ele. – Mas é meio encantador mesmo assim.

– Desculpe. – Ela engasgou com as palavras, tossiu um pouco e tentou modelar o rosto para parecer *natural*, mas outro ataque de risadinhas roncava na barriga, deixando o peito em espasmos. Ela se curvou de novo.

– Hã. Cress. Você é adorável, mas preciso que se concentre por um segundo. Tivemos sorte por aquele guarda não ter nos reconhecido, mas se ele...

– Ei! Parem!

Thorne falou um palavrão.

As gargalhadas de Cress soaram cheias de pânico.

– Corra!

Ela correu, segurando a mão de Thorne. Eles dobraram uma esquina e depois outra. Ele os levou até uma alcova discreta com uma

portinha e a empurrou por ali, chegando aos corredores dos criados.

– Esquerda! – ordenou ele, puxando a porta e pegando uma bandeja que fora deixada no corredor.

Ele a colocou no caminho enquanto Cress corria por prateleiras de suprimentos e equipamento de manutenção, armários de depósito e esculturas quebradas. Thorne a alcançou com facilidade e já tinha tirado a arma da jaqueta.

– Ainda está com aquele chip?

Ela encostou a mão no corpete e encontrou o pequeno chip com o vídeo de Cinder encostado na pele. Cress assentiu, correndo rápido demais para falar.

– Que bom.

Sem aviso, Thorne se jogou em cima de Cress e a levou para trás de uma roda enorme de fios elétricos. Ela se chocou com força na parede, ofegante.

– Dois corredores atrás tinha um elevador – disse ele. – Encontre um lugar para se esconder e vá para o centro de segurança. Eu vou distraí-los e volto para encontrar você.

Cress começou a balançar a cabeça.

– Não. Você não pode me deixar de novo. Não consigo fazer isso sem você.

– Claro que consegue. Não vai ser tão divertido, mas você consegue.

Passos soaram ao longe. Ela deu um gritinho.

– Eu vou encontrar você – sussurrou Thorne. Ele deu um beijo rápido na boca de Cress, e colocou a mão dela ao redor de uma coisa pesada e quente. – Seja heroica.

Ele saiu correndo de novo na hora em que ela ouviu passos os alcançando.

– Ali! – gritou alguém.

Thorne desapareceu, dobrando uma esquina.

Cress olhou para a arma que ele lhe deu. Aquela coisa pequena, tão sólida em sua mão, a apavorava ainda mais do que os guardas. Ela queria colocá-la no chão e se afastar.

Mas o que fez foi se encostar nos fios elétricos e tirar o dedo do gatilho, onde havia ido parar por instinto. É como um computador, disse a si mesma. *Os computadores só fazem o que a gente manda. A arma só vai disparar se o gatilho for apertado.*

Não era particularmente reconfortante.

Dois guardas passaram direto e nem olharam na direção dela.

Ela pensou em ficar onde estava, por mais exposto que o local fosse. Estava tremendo da cabeça aos pés, e cada fibra do corpo lhe dizia que se mover seria o mesmo que ser pega.

Mas a lógica dizia que o corpo estava mentindo. Eles voltariam. Enviariam reforços. Ela seria vista.

Disparos distantes a fizeram pular e entrar em ação. Os tiros foram seguidos de grunhidos e pelo barulho de uma luta.

Cress saiu do canto e voltou pela direção que ela e Thorne tinham vindo. Dois corredores antes, ele tinha dito. Havia um elevador.

Ela seguiu em silêncio desta vez, apertando com a mão a fisgada na lateral do corpo. Passou por um corredor e ouviu mais passos, mas não identificou de que direção estavam vindo. Ela parou, observou as redondezas e abriu um dos armários de depósito.

Havia rolos de tecido decorativo de pé, muito mais altos do que ela, todos luxuosos e cintilantes em tons metálicos e de pedras preciosas.

Cress entrou e espremeu o corpo no espaço criado pelos rolos que caíram para o lado. Fechou a porta e colocou a arma no chão do armário. Teve o cuidado de botar o cano virado para longe dela.

Os passos foram ficando mais altos, e ela teve certeza de que tinha

sido vista, mas ninguém gritou.

Até que...

– *Pare!*

Outro tiro, seguido de um grunhido instantâneo e de um corpo caindo no chão. Pareceu próximo. Cress apertou bem os olhos e encostou o queixo nos joelhos. *Thorne não. Por favor, Thorne não*.

Um suspiro pesado foi seguido de uma voz masculina tranquilizadora.

– Tudo isso por causa de um terráqueo incômodo? Vocês, guardas, são patéticos.

Cress apertou a mão na boca para que nenhum som escapasse. Ela olhou para a escuridão, tentando silenciar a respiração, embora tivesse medo de desmaiar se não respirasse direito em breve.

Alguém grunhiu. Não muito longe de onde ela estava escondida.

– Ele é definitivamente um dos aliados da ciborgue. A pergunta é: o que você está fazendo no palácio?

Um momento, e a voz de Thorne.

– Só estava beijando minha garota – disse ele, ofegando um pouco. Cress contraiu todo o rosto e o enterrou nos joelhos, sufocando o choro. – Eu não sabia que era... crime aqui.

O homem não pareceu achar graça.

– Onde está a garota que estava com você?

– Acho que fugiu de medo de você.

Outro suspiro.

– Não temos tempo para isso. Coloque-o em uma cela, vamos lidar com ele depois da coroação. Tenho certeza de que vai ser um ótimo bichinho terráqueo para uma das famílias. E vamos continuar procurando a garota; alertem-me assim que a encontrarem. Aumentem a segurança ao redor do salão. Eles estão tramando alguma coisa, e Sua Majestade vai nos matar se a cerimônia for

interrompida.

Houve um baque e outro grunhido. Cress se encolheu, e sua cabeça se encheu com pensamentos de todas as coisas que eles poderiam ter feito com Thorne para provocar aquele grunhido, todas as coisas que ainda poderiam fazer com ele.

Ela mordeu o lábio até sentir gosto de sangue, e só a dor a impediu de chorar enquanto os ouvia arrastando-o para longe.

CAPÍTULO

Setenta e três

– *Jacin*. – O tom de Cinder foi carregado de alerta. – Iko não se sacrificou para você bater numa cratera e nós dois morrermos.

– Calma. Eu sei o que estou fazendo – respondeu ele, fingindo estar calmo enquanto seu coração batia disparado no peito.

– Pensei que você tivesse dito que nunca pilotou um desses antes.

– E não pilotei mesmo. – Ele se inclinou de repente, e o deslizador de superfície virou para a esquerda, veloz e suave.

Cinder ofegou e esticou a mão para alcançar uma barra acima. Um sibilar de dor escapou em seguida, provavelmente o ferimento no ombro doendo de novo, mas ela não disse nada, e Jacin não diminuiu a velocidade.

O veículo era de longe o mais engenhoso que Jacin já tinha pilotado. Era pouco mais do que um brinquedo perigoso de algum artemisiano rico e pairava perto da superfície pedregosa e irregular de Luna, voando tão rápido que o chão branco virou um borrão embaixo deles. O teto era transparente, dando a impressão de que estavam lá fora no terreno sem ar, em vez de dentro de um veículo protegido.

Se bem que *protegido* era uma palavra subjetiva. Jacin tinha a sensação de que, se raspasse em alguma pedra, aquela coisa se desmancharia ao redor deles como uma lata de alumínio.

Talvez fosse mesmo de alumínio.

Eles decolaram de um penhasco, e o deslizador entrou no modo antigravidade, mantendo-os em uma trajetória suave por cima da cratera, para depois descer do outro lado e continuar como se nada

tivesse acontecido. O estômago de Jacin deu um nó, resultado tanto da alta velocidade quanto do fato de ele não ter se ajustado à falta de peso fora dos domos com gravidade controlada.

– Só uma observação – disse Cinder, entredentes –, mas temos *muitos* frascos frágeis e importantes na parte de trás dessa coisa. Acho que a gente não quer bater.

– Nós estamos bem.

Ele voltou a atenção para o mapa holográfico acima dos controles. Em qualquer outro dia, isso seria um jogo ousado, mas, naquele, eles tinham uma missão. Cada cantinho do deslizador estava cheio de frascos de antídoto, e cada momento que passava significava que as pessoas estavam morrendo.

E uma delas era Winter.

Um domo apareceu no horizonte. Mesmo de onde estava, ele via as linhas dos troncos das árvores de um lado e os tocos cortados do outro.

Jacin manobrou o deslizador ao redor de uma série de formações rochosas irregulares. Cinder ajustou o hológrafo e reposicionou o mapa para que Jacin visse melhor a rota para o destino deles. A maioria dos domos estava amontoada em grupos, primeiro porque foi mais fácil construir assim quando Luna estava sendo colonizada, e também para que se compartilhassem portos que os ligavam ao exterior de Luna e permitiam entregas de suprimentos independentemente do sistema de transporte subterrâneo.

O vazio da paisagem enganava a noção de distância. Parecia que horas tinham transcorrido desde que o setor madeireiro apareceu, e cada momento que passava aumentava a ansiedade de Jacin. Ele ficava vendo aqueles soldados carregando o tanque suspenso de animação como se carregassem um caixão. Tentou dizer para si mesmo que não era tarde demais. Eles só colocaram Winter no

tanque porque acreditavam que havia uma chance de salvá-la. O tanque tinha que desacelerar a doença para que ela ficasse em segurança até ele chegar lá. *Tinha que.*

– Opa, opa, *opa... parede!* – gritou Cinder, se preparando para o impacto.

Jacin desviou no último momento, virando o deslizador de lado enquanto contornava a curva externa do domo. O hológrafo ampliou o destino deles; a entrada da doca tremeu no canto da visão de Jacin, que calculou o tempo. *Ajeite a nave, reduza a propulsão, acione os flutuadores.* Ele foi jogado para a frente, preso pelo cinto, e o deslizador foi indo mais devagar.

E mais.

E mais.

E caiu. Uma pedra despencando de um penhasco.

Cinder deu um gritinho.

O domo e a paisagem rochosa desapareceram quando paredes escuras de caverna os cercaram. Jacin reativou a energia automática, e a descida deles passou de mortal a gradual, levando-os a uma flutuação firme e controlada. Uma pista de pouso iluminada e uma câmara se abriram à frente deles, e Jacin levou o deslizador para dentro.

– Nunca mais entro em um veículo com você – disse Cinder, ofegante.

Jacin a ignorou, ainda com os nervos eletrizados, e não por causa da queda. Atrás deles, a porta da câmara se fechou e outra porta se abriu, uma fera de ferro enorme. Jacin levou o deslizador à frente, aliviado por não haver sinal de algo que poderia impedi-los.

O mapa holográfico mudou da disposição exterior de Luna para um mapa do porto e dos setores ao redor. Jacin segurou os controles de voo e traçou mentalmente a rota até a clínica onde Winter estava

esperando.

Era ali que eles tinham que sair e fazer o resto do caminho a pé, levando o máximo de bandejas de antídoto que pudessem para os setores.

Afastando o olhar das coordenadas, ele espiou a escada de evacuação de emergência que levava à superfície. Um sinal indicava os domos mais próximos. EM-12 era o terceiro da lista e tinha até uma seta indicando que escada os levaria até lá.

Jacin calculou. Seu polegar acariciou o botão de energia.

– Jacin – disse Cinder, acompanhando o olhar dele. – Acho que não podemos...

O aviso dela se mesclou com um grito.

Ela estava errada. O deslizador de superfície *cabia* na escada, e ele só raspou nas paredes algumas vezes enquanto eles subiam e emergiam embaixo do biodomo EM-12. Quando ele ajustou o veículo, Cinder estava encolhida no assento do copiloto, com uma das mãos cobrindo os olhos e a outra apertando a barra.

– Chegamos – disse ele, ajeitando o hológrafo de novo. A imagem os guiou embaixo da copa de árvores na direção da área mais próxima do domo, onde uma única rua de residências e lojas de suprimentos envolvia a floresta.

Ele reparou primeiro na diminuição do volume de árvores, depois nas formas chocantes das pessoas.

Muitas pessoas.

Uma multidão estava reunida na beirada da floresta. Todas as pessoas olhavam para o deslizador de superfície amarelo-néon emergindo da floresta tranquila. A multidão recuou, abrindo espaço, talvez com medo de ser acertada. Jacin baixou o deslizador até o chão e desligou a energia.

Ele esticou o dedo para o botão de abertura.

– Espere. – Cinder esticou a mão até o pé e pegou dois frascos de uma bandeja presa ali. – Nós também não somos mais imunes – disse ela, entregando um para ele.

Cada um tomou o antídoto sem cerimônia. Jacin abriu o veículo antes mesmo de engolir. Houve um ruído de ar quando o teto em bolha do deslizador de superfície se abriu no meio como uma noz partida.

Jacin soltou o cinto e pulou do veículo, caindo em uma área úmida de musgo. Cinder desceu de forma menos graciosa do outro lado.

Jacin não tinha pensado muito naquele momento. Sem dúvida havia gente naquele setor que precisava do antídoto, mas dizer que eles tinham bandejas cheias poderia levar a uma briga.

Depois de pegar um único frasco de uma bandeja presa no piso traseiro, Jacin o escondeu na mão e foi até a multidão.

Tinha dado quatro passos quando de repente deu de cara não com uma reunião de lenhadores desgrenhados, mas com um muro de lanças, estilingues e vários tipos de porrete.

Ele parou.

Ou estava distraído demais para reparar que eles estavam armados, ou eles tinham treinado para um momento assim. Um homem se adiantou do meio da multidão, segurando uma clava de madeira.

– Quem são...?

Mas o reconhecimento já surgia nos olhos deles quando Cinder se aproximou de Jacin. Ela levantou as duas mãos, mostrando o metal.

– Não tenho como provar para vocês que não estou usando glamour – declarou ela. – Mas eu *sou* a princesa Selene, e não viemos fazer mal a vocês. Jacin é amigo da princesa Winter. Foi ele que a ajudou a escapar do palácio quando Levana mandou matá-la. – Ela fez uma pausa. – Na primeira vez.

– Nenhum amigo nosso tem brinquedos artemisianos assim – disse o homem, apontando com a clava para o deslizador.

Jacin resmungou:

– Ela não disse que eu era *seu* amigo. Onde está a princesa?

– Jacin, não tente ajudar. – Cinder olhou para ele com irritação. – Sabemos que a princesa Winter está doente, além de muitos de seus amigos e familiares...

– O que está acontecendo aqui?

Um rosto familiar surgiu na multidão, com as bochechas sujas e os cachos ruivos pesados de oleosidade. Havia marcas escuras debaixo dos olhos e uma palidez doentia na pele dela.

Scarlet parou.

– Cinder! – Mas, assim que começou a sorrir, a desconfiança surgiu e ela levantou um dedo. – Onde você e eu nos conhecemos?

Cinder hesitou, mas só por um momento.

– Em Paris, em frente à ópera. Eu usei um tranquilizante em Lobo porque achei que ele estivesse atacando você.

O sorriso de Scarlet voltou antes que Cinder terminasse de falar. Ela a puxou em um abraço, mas falou um palavrão e recuou. Seis soldados a seguiram e estavam ao redor dela como seguranças ansiosos. Eles pareciam controlados no momento, mas também capazes de dizimar todas as pessoas da multidão em dez segundos se quisessem.

– Desculpe, você não deveria estar aqui. Levana... – Scarlet começou a tossir na dobra do braço e quase se curvou com a força inesperada do ataque. Quando recuperou o ar, havia marcas escuras de sangue na manga do moletom. – Não é seguro aqui – disse, como se não fosse óbvio.

– Winter está viva? – perguntou Jacin.

Scarlet cruzou os braços, mas não em desafio. Era mais como se

quisesse esconder as provas da doença.

– Ela está viva – respondeu Scarlet. – Mas está doente. Muitos de nós estão doentes. Levana a envenenou com letumose, e a doença se espalhou rápido. Winter está em um tanque...

– Nós sabemos – disse Cinder. – Trouxemos antídoto.

Jacin mostrou o frasco que tinha tirado do deslizador.

Scarlet arregalou os olhos, e os que estavam ao redor deles se agitaram. Muitas armas foram baixadas desde que Scarlet e Cinder se abraçaram, mas não todas.

Jacin fez um movimento com o polegar por cima do ombro.

– Chame alguns dos seus fortões para ajudarem a esvaziar o deslizador.

– E pegue um para você – acrescentou Cinder. – Deve haver suficiente para todas as pessoas que estão com sintomas, e vamos cuidar para guardar adicionais para qualquer pessoa que ainda possa ficar doente.

Jacin apertou o frasco, se aproximou de Scarlet e baixou a voz:

– Onde ela está?

Scarlet se virou para os soldados ao redor dela.

– Deixem que ele veja a princesa. Ele não vai machucá-la. Strom, organize um grupo para distribuir o antídoto.

Jacin tinha parado de prestar atenção. Quando a multidão se abriu, ele viu a luz cintilando no vidro do tanque suspenso de animação e se pôs a seguir na direção dele.

Ali, no caminho de terra que separava a clínica médica comum da floresta escura, eles criaram um templo em volta dela. Galhos e gravetos cruzados formavam uma cerca em volta da base de metal do tanque, escondendo a câmara que continha os fluidos de sobrevivência e as substâncias químicas recicladas pelo corpo dela. Havia margaridas e ranúnculos espalhados por cima do tampo de

vidro, embora muitos tivessem escorregado e passaram a cobrir o chão.

Jacin parou para absorver a imagem, pensando que talvez Levana não fosse tão paranoica assim. Talvez as pessoas amassem Winter a ponto de ela ser uma ameaça à coroa da madrasta, apesar de não ter sangue real.

O frasco esquentou em sua mão. Todas as vozes se abafaram aos ouvidos dele e foram substituídas pelo barulhinho das máquinas do tanque, o zumbido constante do equipamento de sustentação de vida, um apito da tela que exibia os sinais vitais.

Jacin passou o braço pelo tampo, espalhando as flores. Embaixo do vidro, Winter parecia estar dormindo, só que o líquido dava à pele dela um tom azulado, fazendo-a parecer doente e chamando atenção para as cicatrizes no rosto.

E havia também a infecção na pele. Círculos altos de pele escurecida se espalhavam pelas mãos, braços e pescoço. Alguns já tinham aparecido no queixo e ao redor das orelhas. Jacin se concentrou de novo nas mãos, e, apesar de ser difícil perceber com a pele morena e o líquido azulado, ele via uma sombra em torno das unhas. A última marca fatal da febre azul.

Apesar de tudo, ela ainda parecia perfeita, pelo menos para ele. O cabelo ondulado boiava no gel do tanque e os lábios carnudos estavam curvados para cima. Parecia que ela ia abrir os olhos e sorrir para ele a qualquer momento. O sorriso provocador, brincalhão, irresistível.

– O tanque desacelerou os sistemas biológicos, inclusive a progressão da doença.

Jacin levou um susto. Havia um homem idoso do outro lado do tanque, com uma máscara sobre a boca e o nariz. Primeiro Jacin achou que a máscara fosse para que ele não pegasse a doença, mas

depois viu as marcas embaixo das mangas do homem e percebeu que era para se impedir de contribuir com a epidemia.

– Mas não interrompeu a progressão da doença – acrescentou o homem.

– Você é médico?

Ele assentiu.

– Se abrirmos o tanque e seu antídoto não funcionar, ela vai morrer, provavelmente em uma hora.

– Quanto tempo ela vai viver se a deixarmos aí dentro?

O médico baixou o olhar para o rosto de Winter, depois se virou para a tela embutida no pé do tanque.

– Uma semana em uma visão otimista.

– E pessimista?

– Um ou dois dias.

Jacin trincou os dentes e levantou o frasco.

– Esse é o antídoto dos laboratórios de Sua Majestade. Vai funcionar.

O homem apertou os olhos e voltou o foco para um ponto atrás de Jacin. Virando-se, Jacin viu que Cinder e Scarlet o tinham seguido, embora estivessem mantendo uma distância respeitosa.

– Winter confiaria a vida a ele – disse Scarlet. – Sou a favor de abrirmos.

O médico hesitou por um momento antes de ir até o pé do tanque e digitar alguns comandos na tela.

Jacin ficou tenso.

Demorou um momento para que reparasse em alguma diferença, mas então viu uma bolha de ar se formar junto ao vidro conforme o líquido era drenado por baixo, o som suave de sucção ao ser levado por algum tubo escondido. O perfil de Winter surgiu acima do líquido azulado. A diferença era impressionante, ver o vermelho dos lábios e

o tremor ocasional embaixo das pálpebras.

Ela não era um cadáver.

Não estava morta.

Ele a salvaria.

Quando o líquido foi drenado, o médico digitou na tela de novo, e a tampa se abriu, deslizando pela base em trilhos finos e deixando uma cama rasa, onde Winter estava deitada.

O cabelo dela, úmido de gel, tinha se acumulado em mechas grudentas ao redor do rosto, e a pele brilhava onde a luz batia. Jacin desentrelaçou os dedos de Winter para segurar a mão dela. A pele estava grudenta, e o tom azul em volta das unhas ficou mais evidente.

O médico começou a retirar as agulhas e tubos do corpo dela, as forças vitais que mantiveram o sangue oxigenado sem ela respirar, que mantiveram o cérebro e o coração funcionando enquanto ela dormia na estase pacífica. O olhar de Jacin seguiu as mãos habilidosas e enrugadas, pronto para derrubar o homem se achasse que ele estava fazendo alguma coisa errada. Mas as mãos eram firmes e tinham experiência.

Aos poucos, o corpo de Winter começou a reconhecer que não estava mais sendo assistido. O peito começou a subir e descer. Os dedos frios tremeram. Jacin colocou o frasco ao lado do corpo dela e ficou de joelhos em meio aos galhos e flores espalhados. Colocou dois dedos no pulso de Winter. Os batimentos estavam ali, ficando mais fortes.

O olhar voltou para o rosto dela, esperando o momento em que as pálpebras se abririam. Em que ela estaria acordada e viva e, mais uma vez, inacessível.

Ele se encolheu. Era tudo tão surreal que ele quase esqueceu. Winter, coroada com flores e descansando acima de uma decoração de galhos de árvores. Ela ainda era uma princesa e ele ainda não era

nada.

O lembrete o assombrou conforme esperava. Memorizando o rosto adormecido, a sensação da mão dela na dele, a fantasia de como seria testemunhar sua forma adormecida diariamente.

Um passo soou logo atrás e ele se lembrou de que tinham plateia. A multidão estava se aproximando, não perto demais a ponto de ser sufocante, mas mais perto do que ele gostaria, considerando que tinha esquecido que aquelas pessoas estavam ali.

E ali estava ele, pensando em quartos e amanheceres.

Ficando de pé, Jacin acenou para a multidão.

– Vocês não têm uma rebelião para planejar nem nada?

– Só queremos saber se ela está bem – disse Scarlet. Ela segurava um frasco vazio.

– Ela está acordando – informou o médico.

Jacin se virou a tempo de ver as pálpebras dela tremerem.

O médico estava com uma das mãos no ombro de Winter e a outra segurando um tablet acima do corpo, para monitorar os sistemas.

– Os órgãos estão reagindo normalmente ao processo de reanimação. A garganta e os pulmões vão ficar doloridos por um tempo, mas sugiro que sigamos em frente e demos o antídoto agora.

Os olhos de Winter se abriram, as pupilas dilatadas. Jacin segurou a beirada do tanque.

– Princesa?

Ela piscou depressa algumas vezes, como se tentasse afastar o restante do gel dos olhos. Ela olhou para Jacin.

Apesar de tentar se segurar, Jacin sorriu, tomado de alívio. Houve tantos momentos em que ele teve a certeza de que jamais a veria novamente.

– Oi, Encrenca – sussurrou ele.

Os lábios dela se esticaram em um sorriso cansado. A mão bateu na

lateral do tanque como se ela quisesse esticar até ele, e Jacin a pegou e apertou. Com a outra mão, levantou o frasco de antídoto. E soltou a tampa com o polegar.

– Preciso que você beba isso.

CAPÍTULO

Setenta e quatro

Winter se lembrava vagamente de Jacin tê-la ajudado a se sentar, de inclinar o frasco nos lábios dela e de um líquido sem gosto se espalhar pela boca. Foi difícil engolir, mas ela apertou a mão de Jacin e forçou os músculos da garganta a cooperar. O mundo estava com cheiro de produtos químicos, e a pele parecia oleosa, e ela se encontrava sentada em uma cama com um tipo de gel grudento.

Onde estava? Ela se lembrava das cavernas de regolito e dos soldados lobos, dos taumaturgos e de Scarlet. Lembrava-se das pessoas e das árvores. Lembrava-se de uma velha toda torta e de uma caixa com balinhas.

– Princesa, como está se sentindo?

Ela se encostou no braço de Jacin.

– Com fome.

– Certo. Vamos buscar comida.

Era estranho vê-lo demonstrando tanta preocupação. Normalmente, as emoções dele estavam escritas em um código que ela não decifrava. Mas, no momento, ele olhava para além dela e perguntava:

– O que diz?

Acompanhando o olhar, Winter viu um homem idoso com máscara no rosto, segurando um tablet.

– Os sinais vitais estão voltando ao normal, mas é cedo demais para saber se é resultado de ter sido acordada da estase ou de ter recebido o antídoto.

Ocorreu a ela, como um quebra-cabeça confuso se encaixando,

que eles estavam em um lugar aberto e cercados de pessoas. Winter inclinou a cabeça, e um cacho de cabelo úmido deslizou pelo ombro. Ali estava a vivaz Scarlet, assim como os soldados lobos que não as comeram, e havia muitos, muitos estranhos, todos curiosos e preocupados e esperançosos.

E ali estava a prima dela, com a mão de metal cintilando.

– Oi, amigos – sussurrou, falando com todo mundo de uma vez.

Foi Scarlet quem sorriu primeiro.

– Bem-vinda de volta, doidinha.

– Quanto tempo vai demorar para termos certeza de que funcionou? – perguntou Jacin.

O médico deslizou o tablet por cima do braço de Winter. Ela acompanhou o aparelho, reparando que parecia estar analisando as marcas e bolhas na pele.

– Não deve demorar.

Winter passou a língua pela boca seca e levantou a mão na direção da luz do dia falsa. Falsa, mas não por muito tempo. Raios de sol podiam ser vistos iluminando o horizonte. O nascer do sol estava chegando.

A irritação na pele estava forte, com círculos inchados uns em cima dos outros, alguns prestes a eclodir. Era horrível e grotesco.

Se os pulmões estivessem funcionando, ela talvez risse.

Pela primeira vez na vida, ninguém poderia dizer que era bonita.

Sua atenção se prendeu a uma mancha grande, do tamanho do comprimento do polegar, entre o pulso e a base da palma da mão. Estava se mexendo. Enquanto ela olhava, pernas cresceram, e a mancha saiu andando pelo braço, desviando das similares como se fossem parte de uma pista de obstáculos, correndo pela pele macia da parte interna do cotovelo. Uma aranha gorda andando pela pele.

– *Winter.*

Ela deu um pulo. Scarlet tinha chegado mais perto e estava de pé na ponta do tanque, com as mãos na cintura. Ela também tinha manchas escuras, e, apesar de não haver tantas quanto em Winter, se destacavam mais na pele clara.

– O médico fez uma pergunta.

– Não fale assim com ela – disse Jacin.

– Não a mime – cortou Scarlet.

Winter olhou para baixo a fim de verificar se a mancha fujona tinha voltado para o pulso antes de encarar o doutor com a máscara.

– Peço desculpas, Vossa Alteza. Posso colher uma amostra do seu sangue?

Ela assentiu e olhou com interesse enquanto ele inseria uma agulha no braço dela e colhia uma amostra. Sua fábrica tinha ficado bem ocupada enquanto ela dormia.

Ele colocou a amostra em um plugue especial na lateral do tablet.

– Ah, e beba isto – disse ele, como se só tivesse lembrado depois, indicando um copo de papel com um líquido laranja. – Deve ajudar com sua garganta.

Jacin tentou segurar o copo, mas ela o tirou da mão dele.

– Estou ficando mais forte – sussurrou ela.

Ele não pareceu tranquilizado.

– Sim. Excelente – disse o médico. – Os patógenos parecem estar neutralizados. Seu sistema imunológico está se recuperando com uma velocidade impressionante. – Ele sorriu. – Acho seguro dizer que o antídoto funcionou. Você deve começar a se sentir bem melhor em... ah, uma ou duas horas, eu acho, vão fazer uma diferença notável, embora possa demorar alguns dias até que você se sinta normal de novo.

– Ah, não se preocupe – disse Winter, com voz fraca mesmo dentro da própria cabeça. – Eu nunca me sinto totalmente normal. –

Ela levantou um braço. – Vou ser um leopardo para sempre?

– As manchas vão sumir com o tempo.

– Vão deixar cicatrizes?

Ele hesitou.

– Não sei.

– Não tem problema, Winter – falou Scarlet. – O importante é que você está viva.

– Não estou triste. – Ela passou o dedo pela pele inchada. Era tão estranho. Era tão imperfeito. Ela poderia se acostumar com a imperfeição.

– Está provado, então – disse Cinder, surgindo ao lado de Jacin. – O antídoto funciona. Preciso de dois voluntários para ajudarem com o resto da distribuição. Qualquer pessoa que tenha sintomas pode formar uma fila ali. Se alguém estiver com os dedos azuis, vá para a frente da fila. Nada de correr, e ajudem as pessoas fracas demais para se deslocarem sozinhas. Vamos lá. – Ela bateu palmas, e as pessoas correram para obedecer.

Jacin tirou parte da gosma do cabelo de Winter, o olhar ausente, como se não estivesse ciente do que estava fazendo. Em resposta, Winter levantou a mão e puxou uma mecha do cabelo louro dele.

– Você é de verdade? – perguntou ela.

Ele deu um sorrisinho.

– Eu pareço real?

Ela balançou a cabeça.

– Nunca. – Ela desviou o olhar para a multidão. – Selene já fez a revolução dela?

– Ainda não. A coroação é hoje. Mas estamos... – Ele fez uma pausa. – As coisas estão acontecendo.

Ela mordeu o lábio, lutando contra a decepção. Ainda não tinha acabado. Eles ainda não tinham vencido.

– Tem algum lugar aonde possamos ir para tirar esse troço dela? – perguntou Jacin.

– Tem dois banheiros na clínica, um em cada final de corredor.

Jacin pegou Winter no colo e a carregou para dentro da clínica. Ela encostou a cabeça embaixo do queixo dele, apesar de estar espalhando gosma por todo lado. Era bom estar junto, ao menos por um momento.

Ele encontrou o banheiro, que tinha um vaso sanitário, uma pia utilitária grande e uma banheira rasa. Jacin parou na porta e avaliou as opções com expressão infeliz.

– Seu rosto está machucado. – Ela passou um dedo pelo ferimento. – Você brigou?

– Thorne bateu em mim. – Seus lábios tremeram. – Mas acho que mereci.

– Faz você parecer durão. Ninguém desconfiaria que você é só um cisne gentil por dentro.

Ele riu e sustentou o olhar dela. De repente, ela sentiu os batimentos dele, mas não sabia se era por estarem mais fortes ou se ela tinha se sintonizado a eles naquele momento. Winter foi tomada pela timidez.

Na última vez que viu Jacin, ela o beijou. Confessou seu amor por ele.

Ela ficou vermelha. Perdeu a coragem e afastou o olhar primeiro.

– Pode me botar na banheira. Estou forte o bastante para me lavar.

Ele a acomodou com relutância na beirada da banheira de metal e começou a mexer nas torneiras. A água tinha um odor sulfúrico. Quando a temperatura estava alta, ele procurou em um armário e encontrou um frasco de sabonete líquido. Colocou ao alcance dela.

Winter passou a mão pelo cabelo e puxou um amontoado de gel com cheiro químico na palma da mão.

– Você não vê a doença quando olha para mim.

Mergulhando os dedos na banheira, Jacin ajustou a água mais uma vez. Ajudou a firmar Winter com uma das mãos quando ela virou na beirada da banheira e mergulhou os pés na água.

– Alguma vez eu vi a doença quando olhei para você?

Ela sabia que ele estava falando sobre a doença lunar, não sobre uma peste criada em laboratório. A doença na cabeça dela tinha cicatrizes próprias.

Cicatrizes, cicatrizes. Ela estava ficando com tantas. Perguntou-se se havia algo de errado em sentir orgulho delas.

– Como está? – perguntou Jacin, e ela demorou um momento para perceber que ele estava falando da água.

Ela observou a base marcada e escura da banheira e a água turva.

– Devo tomar banho de roupa?

– Sim. Não vou deixar você sozinha.

– Porque não consegue se separar de mim? – Ela piscou os cílios para ele, mas a sugestão provocadora foi logo substituída por uma percepção. – Ah. Porque você acha que vou ter uma visão e me afogar.

– Não podem ser as duas coisas? Vamos, entre.

Ela segurou o pescoço de Jacin enquanto ele a colocava na água, que estava apenas um pouco quente, fazendo a pele maltratada arder. A superfície da água ficou oleosa.

– Vou pegar...

Jacin fez uma pausa, imobilizado porque os braços dela não se soltaram do pescoço. Ele estava ajoelhado do outro lado da banheira, com os cotovelos enfiados na água.

– Jacin. Desculpe por não ser mais bonita.

Ele levantou uma das sobrancelhas e deu a impressão de que ia rir.

– Estou falando sério. – Seu estômago se contraiu de tristeza. – E

desculpe por você ter que se preocupar comigo o tempo todo.

O quase sorriso dele sumiu.

– Eu gosto de me preocupar com você. É uma coisa em que pensar durante os turnos de trabalho longos e chatos no palácio. – Jacin empurrou o queixo dela para baixo e lhe deu um beijo na cabeça. Os braços dela o soltaram.

Ele se levantou e deu a ela uma ilusão de privacidade enquanto procurava mais toalhas.

– Você vai continuar como guarda real depois que Selene se tornar rainha?

– Não sei – disse ele, jogando uma toalhinha para ela. – Mas tenho certeza de que, enquanto você for uma princesa e precisar de proteção, vai ter que me aguentar.

CAPÍTULO

Setenta e cinco

Estava quente no armário, e, quando Cress se obrigou a se mover, sua perna esquerda formigou por causa da circulação prejudicada. Não queria. Por mais desconfortável que o armário fosse, dava uma sensação de segurança, e ela estava convencida de que, assim que saísse dali, alguém atiraria nela.

Mas não podia ficar ali para sempre, e o tempo não ia passar mais devagar por causa de sua falta de coragem. Depois de limpar o nariz com a asa falsa de borboleta, ela se obrigou a abrir a porta.

A luz do corredor a cegou, e Cress recuou, se escondendo atrás do braço. Suas emoções estavam esgotadas quando saiu do armário e espiou para os dois lados do corredor.

Seu olhar foi atraído por uma mancha de sangue não muito longe do armário. *Thorne*. Ela se encolheu e tentou apagar a imagem da memória antes que a paralisasse.

Cress bateu na perna para que o sangue circulasse e se levantou devagar. Prestou atenção, mas não ouviu nada além de máquinas distantes e do zumbido dos sistemas de aquecimento e de água que funcionavam por aquelas paredes.

Ela se preparou e verificou que o chip ainda estava preso no vestido antes de pegar a arma. As antenas tinham caído de novo, e ela as deixou no fundo do armário.

Seu estômago estava um nó, o coração estava em frangalhos, mas ela voltou até o corredor que Thorne tinha mencionado. Parou na esquina, espiou e recuou, com o coração disparado na caixa torácica.

Havia um guarda ali.

Ela deveria ter imaginado. Estariam todos os elevadores sendo vigiados? As escadas também?

Seus pensamentos já delirantes foram tomados de desesperança. Estavam procurando-a, e ela era vulnerável sem Thorne, além de não ter planos.

Não daria certo. Ela não era capaz de fazer tudo sozinha. Seria pega e aprisionada e morta, e Thorne seria morto, e Cinder fracassaria, e todos eles...

Ela apertou as mãos fechadas sobre os olhos até sentir o pânico diminuir.

Seja heroica, Thorne dissera.

Ela tinha que ser heroica.

Quase não ousando respirar por medo de chamar atenção, ela se esforçou para pensar em outra forma de chegar ao quarto andar.

Passos se aproximaram. Ela se escondeu atrás de uma estátua sem braço e se encolheu.

Seja heroica.

Ela tinha que se concentrar. Tinha que pensar.

A coroação começaria em breve. Ela tinha que chegar ao centro de controle antes que acabasse.

Quando o guarda foi embora e ela teve uma certeza relativa de que não ia hiperventilar, Cress levantou a cabeça e espiou de trás da estátua. O corredor não era largo, mas estava lotado de coisas, de armários e quadros a tapetes enrolados e baldes de limpeza.

Com uma ideia se delineando em sua mente, ela usou a parede como apoio para se levantar e deu alguns passos se afastando da estátua. Ela se preparou, saiu correndo na direção da estátua e a empurrou com o ombro com o máximo de força que conseguiu.

O pé escorregou por causa da força, e ela caiu com tudo sobre um dos joelhos, trincando os dentes para não grunhir. A estátua balançou

na base. Para trás. Para a frente. Para trás...

Cress cobriu a cabeça quando a estátua caiu na direção dela, batendo no quadril antes de se despedaçar no chão. Ela sufocou um grito nos dedos, mas se obrigou a mancar na direção dos elevadores e se esconder atrás de uma pilha de tapetes enrolados.

Não demorou para o guarda vir correndo e passar pelo esconderijo de Cress.

Ela ignorou a dor no joelho e no quadril, e saiu de trás dos tapetes. Correu o mais rápido possível na direção dos elevadores abandonados. Um grito de surpresa ecoou atrás dela. Ela bateu na parede e enfiou o dedo no botão. As portas se abriram.

Ela entrou, cambaleando.

– Portas, se fechem!

As portas se fecharam.

Uma arma disparou. Cress gritou quando uma bala entrou na parede atrás dela. Outra ricocheteou nas portas antes de se fecharem.

Ela caiu encostada na parede e grunhiu, apertando a mão no quadril machucado. Já dava para perceber que ia ficar um hematoma enorme.

O elevador começou a subir, e ela se deu conta de que não tinha escolhido o andar. Sem dúvida o guarda estaria monitorando para ver em qual ela sairia.

Ela tinha que ser estratégica. Tinha que pensar como um gênio do crime.

Cress tentou se preparar para o que teria que encarar quando as portas se abrissem. Mais guardas. Mais armas. Mais corredores infinitos e esconderijos desesperados.

Apertando bem os olhos, ela tentou visualizar o mapa do palácio que tinha estudado na mansão. Visualizou a sala do trono com

facilidade. Ficava no centro do palácio, a varanda acima do lago. O resto começou a aparecer conforme ela foi se concentrando. Os aposentos particulares dos taumaturgos e da corte. Um salão de banquetes. Salas e escritórios. Uma sala de música. Uma biblioteca.

E o centro de controle dos sistemas da rainha, incluindo o aposento onde a coroa gravava suas campanhas em conforto e segurança.

O elevador parou no terceiro andar. Tremendo, Cress escondeu a arma nas dobras da saia. As portas se abriram.

Um grupo de estranhos apareceu à frente. Cress gemeu. Seus pés queriam correr, o cérebro gritava para ela se esconder, mas não havia espaço para onde desaparecer quando os homens e mulheres a olharam com desprezo e desconfiança. Os mais perto do elevador hesitaram, como se considerassem esperar outro. Mas uma pessoa resmungou alguma coisa e entrou, e os outros foram atrás.

Cress se encostou na parede, mas a pressão dos outros corpos não aconteceu. Apesar de o elevador estar lotado, todo mundo estava tomando cuidado para não chegar perto demais dela.

A ansiedade começou a diminuir. Aquelas pessoas não eram lunares. Eram os convidados terráqueos e, a julgar pelos trajes formais, estavam indo para a coroação.

A última coisa que ela queria era ficar presa em meio a um grupo de pessoas indo para a coroação.

Quando as portas começaram a se fechar, Cress limpou a garganta.

– Perdão, mas eu gostaria de sair.

Ela se espremeu, sua saia se prendendo aos ternos e vestidos. Embora muitos a olhassem de cara feia, eles abriram caminho com satisfação.

Porque achavam que *ela* era lunar. Uma lunar de verdade, com a capacidade de manipulá-los, não uma cascuda.

– Obrigada – murmurou Cress para a pessoa que impediu que as portas se fechassem. Ela saiu para o hall de elevadores, a pulsação disparada.

Mais um lindo corredor. Mais vistas impressionantes. Uma dezena de pedestais exibindo estátuas e vasos pintados.

Cress se viu desejando o interior rústico da Rampion.

Ela se encostou na parede e esperou até ter certeza de que o elevador tinha ido embora para chamar outro. Precisava subir mais um andar. Ela precisava encontrar uma escada ou fugir pelo corredor dos criados. Sentia-se evidente demais ali. Exposta demais.

Um apito anunciou a chegada de um novo elevador, e Cress levou um susto e se escondeu. Quando as portas se abriram, estavam tomadas de gargalhadas e risadinhas, e Cress prendeu a respiração até se fecharem de novo.

Com o som de vozes vindo da esquerda, Cress se virou e foi para a direita. Passou por uma série de portas pretas, a escuridão contrastando intensamente com as paredes brancas. Cada uma estava marcada com um nome e afiliação com letras cursivas douradas. REPRESENTANTE MOLINA, ARGENTINA, REPÚBLICA AMERICANA. PRESIDENTE VARGAS, REPÚBLICA AMERICANA. PRIMEIRO-MINISTRO BROMSTAD, FEDERAÇÃO EUROPEIA. REPRESENTANTE ÖZBEK, PROVÍNCIA DA RÚSSIA DO SUL, FEDERAÇÃO EUROPEIA.

Uma porta se abriu, e uma mulher com cabelo louro grisalho e vestido longo azul-marinho saiu: Robyn Gliebe, porta-voz da Austrália. Quando Cress trabalhou para Levana, passou horas ouvindo os discursos de Gliebe sobre acordos de comércio e brigas trabalhistas. Não foram horas interessantes.

Gliebe fez uma pausa, pois levou um susto ao ver Cress ali de pé. Cress escondeu a arma nas costas.

– Posso ajudar? – perguntou ela, impondo-se com olhos apertados e reprovadores.

Claro, Cress tinha que dar de cara com a única diplomata terráquea que não se deixava intimidar por uma garota lunar perigosa se esgueirando pela ala dela.

– Não – disse Cress, baixando a cabeça em um pedido de desculpas. – Você me deu um susto, só isso. – Ela se moveu para passar pela mulher, com o olhar baixo.

– Você deveria estar aqui?

Hesitante, Cress olhou para ela.

– Como?

– Sua Majestade garantiu que não seríamos incomodados durante nossa estada. Acho que você deveria ir embora.

– Ah. Eu... tenho uma mensagem a entregar. Só vai levar um minuto. Desculpe por tê-la incomodado.

Cress se afastou, mas a mulher insistiu e franziu as sobrancelhas desenhadas. Dando um passo à frente, ela esticou a mão.

– Para quem é a mensagem? Vou cuidar para que a pessoa a receba.

Cress olhou para a palma da mão aberta, macia e enrugada.

– É... confidencial.

A mulher repuxou os lábios.

– Bem, se você não sair daqui imediatamente, vou ter que chamar um guarda para confirmar sua história. Prometeram-nos privacidade, e eu não...

– Cress?

O coração dela deu um pulo.

Kai.

Ele estava ali, olhando para ela como se achasse que talvez fosse um truque.

Um oceano de alívio desabou em cima de Cress e quase a

derrubou. Ela se segurou com uma das mãos apoiada na parede.

– Kai! – Recuperando-se, ela consertou: – Quer dizer, imperador... Vossa Majestade. – Ela fez uma reverência afobada.

Com a sobrancelha franzida, Kai olhou para a porta-voz.

– Gliebe-dàren, você ainda não desceu?

– Eu estava a caminho – disse a mulher, e, apesar de Cress não olhar nos olhos dela, sentia a desconfiança. – Mas vi essa garota e... como você sabe, nos garantiram privacidade neste andar, e acho que ela não deveria...

– Está tudo bem – disse Kai. – Eu conheço essa garota. Eu cuido disso.

Cress observou o chão e ouviu o estalo da saia de tafetá.

– Com todo o respeito, Majestade, como posso ter certeza de que ela não está manipulando você para ficar do lado dela?

– Com todo respeito – disse Kai, parecendo exausto –, se ela quisesse manipular alguém, por que não teria manipulado *você* para que a deixasse em paz?

Cress mordeu o lábio enquanto o momento se prolongava entre eles. Por fim, a mulher fez uma reverência.

– Claro, o senhor deve saber das coisas. Parabéns pela iminente coroação.

Os passos da mulher ecoaram na direção do hall de elevadores. Quando ela sumiu, Cress esperou três segundos e se jogou nos braços de Kai com um soluço que não sabia que estava segurando.

Kai cambaleou de surpresa, mas retribuiu o abraço, deixando que ela chorasse na camisa de seda delicada.

O conselheiro fez um som estrangulado, e Cress sentiu a arma ser tirada da mão. Estava feliz de soltá-la.

– Calma – disse Kai, acariciando o cabelo dela. – Está tudo bem.

Ela balançou a cabeça.

– Levaram Thorne. Atiraram nele e o levaram, e não sei se ele está vivo, e não sei... Não sei o que vão fazer com ele.

Cress desistiu de falar até os soluços começarem a passar. Ela baixou a cabeça, puxou as mãos e limpou as bochechas quentes.

– Desculpe. – Ela fungou. – Desculpe. É que... é muito, muito bom ver você.

– Está tudo bem. – Kai afastou Cress delicadamente para poder ver o rosto dela. – Comece do começo. Por que você está aqui?

Ela estava tentando controlar o redemoinho de emoções quando viu o ponto úmido que deixou na camisa dele.

– Ah... caramba. Desculpe. – Ela passou os dedos na camisa.

Ele a sacudiu de leve.

– Está tudo bem. Cress. Olhe para mim.

Ela o encarou e passou os pulsos nos olhos de novo. Apesar da marca que ela deixou, Kai estava elegante na túnica de seda creme. Estava presa com alamares dourados e uma faixa listrada com as cores da bandeira da Comunidade das Nações Orientais: verde-mar, azul-petróleo, laranja da cor do pôr do sol. Se a faixa fosse vermelha, seria uma réplica exata da roupa que ele estava usando quando Cinder e os companheiros o sequestraram.

Mas, não. Ele já estava casado. Era marido da rainha Levana, o homem que estava a caminho de ser coroado rei consorte de Luna.

Ela olhou para o lado. O conselheiro real Konn Torin estava usando um smoking preto básico, e Cress sentia a preocupação dele apesar da compostura. Ele estava segurando o cabo da arma entre dois dedos e parecendo tão pouco à vontade quanto Cress.

– Cress – disse Kai, roubando a atenção dela novamente.

Ela lambeu os lábios.

– Thorne e eu tínhamos que chegar ao centro de controle dos sistemas, mas ele foi capturado. Disseram alguma coisa sobre levá-lo

para uma cela. Eu escapei, mas agora eu...

– Por que você está tentando ir para o centro de controle?

– Para transmitir outro vídeo que Cinder gravou. Mostra a rainha... ah! Você não deve saber que Cinder está viva!

A expressão de Kai ficou paralisada por um momento, depois ele inclinou a cabeça para trás e soltou o ar devagar. Os olhos adquiriram uma luz nova quando ele olhou para Konn Torin, mas o conselheiro estava observando Cress, ainda não preparado para ficar aliviado.

– Cinder está viva – repetiu Kai. – Onde ela está?

– Está com Iko e Jacin e... é uma longa história. – Cress contraiu o rosto e sentiu o peso do tempo. Ela começou a falar mais rápido: – Jacin ia ver se conseguia encontrar o antídoto da letumose e distribuir para os setores externos, porque tem muita gente doente, inclusive a princesa Winter, e Scarlet também. Ah, e Levana pegou Lobo, e não sabemos onde ele está, e agora estão com Thorne! – Cress escondeu o rosto atrás das mãos em uma tentativa de não molhar a camisa de Kai mais do que já tinha molhado. Kai massageou os braços dela, mas, mesmo com esse gesto solidário, ela reparou que ele estava distraído.

Konn Torin limpou a garganta. Fungando, Cress baixou as mãos e viu um lenço sendo oferecido a ela, com o braço todo estendido, como se Torin estivesse com medo de a histeria dela ser contagiosa se ele chegasse muito perto.

Cress pegou o lenço e levou ao nariz.

– Obrigada.

– Do que você precisa?

Ela voltou a atenção para Kai.

– Salvar Thorne – disse ela, sem pensar. Mas então se lembrou das últimas palavras que ele lhe disse. *Seja heroica*. Ela engoliu em seco. – Não, eu... eu preciso ir ao centro de controle. Preciso passar esse

vídeo pelo sistema de transmissão de Levana. Cinder está contando com isso.

Kai correu a mão pelo cabelo. Cress recuou quando ele passou do imperador arrumado e penteado a um adolescente preocupado com apenas um movimento. Ela via a indecisão dele. O quanto queria ajudar em contraste com o tamanho do perigo que seu envolvimento poderia significar para o país dele.

Cress sentiu o tempo passando.

– Vossa Majestade.

Kai assentiu para o conselheiro.

– Eu sei. Vão mandar um grupo de busca se eu não aparecer logo. Mas só preciso de um minuto para... para pensar.

– Pensar em quê? – perguntou Torin. – Você perguntou a essa garota do que ela precisava, e ela deu uma resposta bem concisa. Todos nós sabemos que você vai ajudá-la, então me parece perda de tempo discutir os prós e os contras dessa decisão.

Cress mexeu nas luvas e sentiu as asas de borboleta roçarem nos braços. O conselheiro parecia ao mesmo tempo severo e gentil quando devolveu para ela a arma pelo cabo.

Cress tremeu.

– Pode ficar se quiser.

– Não quero – respondeu Torin. – Nem pretendo me colocar em nenhuma situação em que *possa* querer.

Com um suspiro resignado, Cress tirou a arma da mão dele. Passou um momento pensando em onde guardar, mas sua roupa não oferecia nenhuma solução boa.

– Aqui. – Torin tirou o paletó do smoking e entregou a ela. Cress hesitou, ouvindo a voz de Iko em pensamento (*Isso não combina nada!*), mas afastou a voz e permitiu que ele a ajudasse a vestir. Ela sumiu no paletó, mas já se sentia mais composta, menos vulnerável.

– Obrigada – disse ela, encontrando um bolso interno e enfiando a arma dentro, com uma sensação enorme de alívio.

– Vossa Majestade é esperada no salão principal em dois minutos – disse Torin, depois olhou para Kai, que estava estupefato. – Tenho certeza de que consigo enrolá-los por pelo menos mais quinze.

CAPÍTULO

Setenta e seis

Kai não sabia se era ele ou Cress que estava na liderança quando saíram correndo pelos corredores vazios, com passos altos e bruscos. Quando Cress começou a ficar para trás, lutando para acompanhá-lo, ele se obrigou a diminuir o ritmo.

– Vamos tentar fazer isso sem a arma – disse ele, como se estivessem discutindo o assunto, embora mal tivessem falado desde que se separaram de Torin. – Vamos cuidar disso de maneira diplomática. Ou... pelo menos sorrateiramente. Se pudermos.

– Não tenho problema nenhum com isso – disse Cress. – No entanto, não acho que, só porque você é imperador e está prestes a virar rei, eles vão deixá-lo entrar na sala de transmissão e começar a mexer no equipamento.

Cada porta pela qual passavam tinha um desenho diferente entalhado na madeira. Uma bela mulher segurando um coelho de orelhas compridas. Um homem com cabeça de falcão com uma lua crescente equilibrada na cabeça. Uma jovem vestida com a pele de uma raposa, carregando uma lança de caça. Kai sabia que eram simbologias da Lua. A importância daquilo nas culturas terráqueas tinha sido em grande parte perdida e esquecida. Nem Kai reconhecia mais os significados.

Eles entraram em outro corredor e passaram por uma passarela feita de vidro. Um riacho prateado passava embaixo.

– Você está certa – disse Kai. – Mas acho que consigo pelo menos botar você lá dentro. – Ele hesitou e acrescentou: – Cress, não vou poder ficar. Se eu me ausentar por muito tempo, Levana vai ficar

desconfiada, e essa é a última coisa de que precisamos. Você entende, não é?

– Entendo. – Ela baixou a voz, embora os corredores estivessem vazios. Todos os convidados, todos os guardas, todos os criados estavam esperando a coroação começar. – Desconfio que a tranca da porta vai pedir senha. O plano era hackear, mas Thorne estava com o tablet.

Kai soltou o tablet do cinto.

– Dá para usar o meu?

Ela ligou o dispositivo.

– Você não... vai precisar?

– Não como você. Eu não poderia levar para a cerimônia, de qualquer modo. Todos os aparatos de gravação são proibidos.

Ele revirou os olhos e entregou o tablet para ela. Embora um tempo atrás ele fosse sentir como se estivesse abrindo mão de um de seus membros, se acostumou a ficar sem o tablet depois que Levana o confiscou.

Além do mais, parte dele estava em euforia com a ideia de ajudar a destruir a rainha.

– Como você sabe para onde ir? – perguntou Cress, colocando o tablet em um dos bolsos do paletó de Torin.

Kai fez uma careta.

– Eu tive a grande experiência de participar de um dos vídeos dela um tempo atrás.

Quando eles se aproximaram da ala do palácio no lado oposto do lago do grande salão, onde a coroação estava marcada para começar... ãhn... seis minutos antes, Kai levantou a mão e os fez parar.

– Espere aqui – sussurrou ele, levando um dedo aos lábios.

Cress se encostou na parede. Parecia pequena, apavorada e ridícula com aquela saia laranja bufante, e um instinto cavalheiresco

disse a Kai que ele não deveria abandoná-la logo ali. Mas ele sufocou esse instinto e lembrou a si mesmo que ela também era o gênio que tinha desligado sozinha o sistema de segurança inteiro do Palácio de Nova Pequim.

Ajeitando a faixa patriótica, Kai dobrou a esquina. A ala estava isolada, pelo que Kai sabia, e só havia aquela porta para entrar e sair. Como esperado, havia um guarda na frente da porta, em posição de sentido. O mesmo guarda, pensou Kai, que estava de serviço quando Levana o arrastou até ali antes.

O guarda apertou os olhos ao ver Kai com a túnica de seda branca.

– Esta área não está aberta ao público – disse ele, com um tom entediado.

– Eu não sou "o público". – Kai colocou as mãos nos bolsos, tentando parecer ao mesmo tempo obsequioso e desafiador. – Pelo que sei, as joias da Coroa ficam nesta ala, não ficam?

O guarda apertou o olhar com desconfiança.

– Mandaram-me buscar o Broche da... Luz Estelar Eterna. Tenho certeza de que você entende que meu tempo está apertado.

– Tenho certeza de que você está acostumado a conseguir o que quer na Terra, *Vossa Imperadoriedade*, mas não vai ter permissão de passar por essa porta, nem de ver as joias da Coroa, sem documentação oficial da rainha.

– Eu compreendo e ficaria feliz de buscar tal documentação se Sua Majestade não estivesse nesse exato momento na ala oposta do palácio, vestida com trajes completos de coroação, já tendo sido ungida com um preparado de óleos sagrados da Comunidade das Nações Orientais para purificá-la para a cerimônia na qual ela vai se tornar imperatriz do meu país. Portanto, ela está meio ocupada no momento, e preciso encontrar o broche antes que a cerimônia se atrase ainda mais.

– Você acha que sou idiota?

– Estou começando a achar, na verdade. Só um idiota atrasaria a coroação de Sua Majestade. Você quer que eu vá até ela agora para explicar por que não podemos seguir em frente por causa dessa sua obstinação?

– Eu nunca ouvi falar desse "Broche da Luz Estelar Eterna".

– Claro que não. Foi criado para representar especificamente a aliança entre Luna e a Terra, e foi dado como presente para um dos ancestrais da rainha mais de um século atrás. Infelizmente, como você deve saber, não houve aliança entre nós desde essa época, então o broche não foi necessário. Até hoje. O imbecil encarregado de preparar as joias da coroa esqueceu.

– E mandaram *você* para pegar? Você não deveria estar sendo ungido com óleos?

Kai soltou o ar devagar e ousou chegar ao alcance dos braços do guarda.

– Infelizmente, parece que sou a única pessoa nessa luazinha que faz ideia de como é. Agora... até o final desta noite, eu vou ser seu rei, e se você ainda quer ter seu trabalho amanhã de manhã, sugiro que me deixe entrar.

O guarda contraiu o maxilar. E não se mexeu.

Kai levantou os braços.

– Estrelas do céu, não estou pedindo que você abra a porta, feche os olhos e conte até dez. Obviamente, você vai comigo a fim de ficar de olho para que eu não roube nada. Mas o tempo está passando. Já estou dez minutos atrasado. Você gostaria de mandar uma mensagem para Sua Majestade para explicar o atraso?

Com uma bufada, o guarda deu um passo para trás e abriu a porta.

– Tudo bem. Mas, se você tocar em qualquer outra coisa além desse tal *broche*, vou cortar sua mão.

– Tudo bem. – Kai revirou os olhos de uma forma que esperava indicar uma falta total de preocupação e seguiu o guarda. Não que ele fosse para longe do posto: o cofre que abrigava as joias da coroa quando não estavam sendo usadas para uma coroação ficava bem à esquerda, atrás de uma porta de cofre enorme.

Kai desviou o olhar enquanto o guarda digitava um código em uma tela e usava as digitais para se identificar, depois girava o mecanismo de destravamento.

A porta, quando se abriu, era da grossura do crânio do guarda.

O cofre era forrado de veludo e tinha luzes embutidas que iluminavam pedestais vazios. A maioria das coroas, esferas e cetros que costumavam ficar ali já estava no grande salão.

Mas o cofre não estava vazio.

Kai respirou fundo e começou a andar pelo cofre. Inspecionou cada anel, bainha de espada, coroneta e bracelete. Todas as peças reunidas ao longo dos anos para serem usadas em uma variedade de cerimônias. Kai sabia que a maioria fora presente da Terra muito, muito tempo antes. Uma exibição de boa vontade, antes que o relacionamento entre Terra e Luna fosse interrompido.

Ele ouviu passos abafados fora da porta do cofre, mas não ousou levantar o rosto.

– Aqui! – gritou ele, dando as costas para o guarda, com o coração na garganta enquanto imaginava Cress passando correndo. Ele tirou o medalhão do bolso, o que Iko deu a ele na Rampion no que pareciam ser séculos antes. Passou o polegar pela insígnia opaca e pelas palavras apagadas. *Octogésimo Sexto Regimento Espacial da República Americana*. – Encontrei – disse, levantando o medalhão para o guarda ver que ele estava segurando alguma coisa, mas sem poder ver direito o que era. Cress já tinha passado, e Kai não fingiu estar aliviado quando disse: – Ufa. Que bom. Não poderíamos fazer a coroação sem

isto. Sua Majestade vai ficar feliz. Vou ver se conseguimos uma promoção para você, está bem? – Ele deu um tapinha no braço do guarda. – Acho que é só isso mesmo. Obrigado pela ajuda. É melhor eu voltar correndo.

O guarda grunhiu, e Kai sabia que ele não estava convencido, mas não importava.

Quando ele e o guarda voltaram para o corredor, Cress já tinha desaparecido.



Cress dobrou correndo a primeira esquina e encostou as costas na parede, com o coração na garganta. Esperou até ouvir o guarda fechando a porta do cofre e saiu correndo, torcendo para que o barulho do mecanismo de tranca encobrisse o som dos passos.

Ela se lembrava daquele corredor de quando Sybil a levava lá, e foi fácil encontrar a porta do centro de controle quando se localizou. Ela parou e testou a maçaneta com hesitação. Ficou aliviada de encontrá-la trancada, uma boa indicação de que não havia ninguém ali. Estava confiante de que a equipe de segurança teria se posicionado em uma sala de controle via satélite mais perto do salão; era o procedimento durante eventos importantes quando ela trabalhava para Sybil. Mas estar confiante não era ter certeza. A arma, pesada no bolso do paletó de Torin, não ofereceria tranquilidade nenhuma se ela desse de cara com mais oposição.

Cress se agachou à frente do painel de segurança e pegou o tablet de Kai. Desenrolou o cabo conector universal.

Ela demorou vinte e oito segundos para invadir a sala, o que foi uma eternidade, mas estava distraída, pulando a cada ruído. Suor escorria pela coluna dela quando ouviu a porta se abrir.

Sua respiração estava rasa, mas aliviada. Não havia ninguém dentro. A porta se fechou depois que ela entrou.

A adrenalina de Cress estava bombeando como combustível de avião por suas veias quando examinou a sala. Ela estava cercada de invisitelas e hológrafos e programações, e a familiaridade de tudo afrouxou o nó no estômago. Instinto e hábito. Ela fez uma lista mental.

A sala era grande, mas cheia de mesas e cadeiras e equipamentos, painéis que mudavam de filmagens de vídeo nos setores externos para o mapa dos transportes subterrâneos e para atualizações de vigilância dos diferentes setores do palácio. Uma sala separada de gravação podia ser acessada por uma porta à prova de som. Luzes e equipamentos de filmagem cercavam uma réplica do trono da rainha. Um véu fino cobria uma cabeça de manequim, e a visão provocou um arrepio na espinha de Cress. Parecia que a estava vigiando.

Ela deu as costas para o manequim e se posicionou em uma das cadeiras de controlador. Tirou a arma do bolso do paletó e colocou junto com o tablet na mesa, os dois ao alcance da mão. Sentia a pressão do tempo tanto quanto Kai. Já tinha desperdiçado muito. Beijando Thorne no átrio. Escondida no armário. Percorrendo corredores como um coelhinho perdido.

Mas estava ali. Tinha conseguido. Fora heroica... quase.

Seus objetivos se desenrolaram em pensamento.

Ela colocou as pontas dos dedos na invisitela mais próxima e começou a repassá-los, um a um.

Primeiro, reconfigurou os códigos de segurança para o transmissor da rainha. Colocou o arsenal do palácio em isolamento. Marcou uma retração para os bloqueios dos túneis que cercavam Artemísia.

Quebrar os códigos, navegar pelos protocolos... parecia uma dança coreografada, e, apesar de os músculos estarem cansados, ela ainda se lembrava dos passos.

Finalmente, ela tirou o chip do corpete. Visualizou o transmissor no alto do palácio, enviando o vídeo oficial da coroa por todo o domo. Uma transmissão fechada, protegida por um labirinto complexo de firewalls internos e códigos de segurança.

Cinco minutos podiam ter passado. Oito. Nove, no máximo.

Ok. Ok. Ok...

Ela ouviu passos no corredor quando estava inserindo o chip com o vídeo de Cinder no tablet. Ouviu o clique satisfatório.

Download, transferência de dados, tradução da encriptação.

Os dedos dela dançaram pelas telas, desafiando a codificação a acompanhar.

Botas do lado de fora, batendo mais rápido.

O cabelo grudado na nuca.

Ok. Ok.

Pronto.

Cress limpou as telas e disfarçou o que fez com alguns comandos rápidos.

A porta foi aberta. Guardas entraram.

Um silêncio confuso.

Espremida na alcova entre a série de telas e o mainframe de transmissão, Cress prendeu a respiração.

– Espalhem-se... e chamem técnicos aqui para descobrirem o que ela fez!

– Ela deixou um tablet – disse outra pessoa, e ela ouviu um estalo sutil na mesa quando o pegaram.

Tremendo, Cress olhou para a arma que tinha nas mãos. O estômago estava embrulhado de novo. Ela não conseguia afastar a

sensação de que tinha pegado a coisa errada. Eles saberiam logo que o tablet era de Kai. Saberiam que ele a ajudou.

– Talvez estivesse planejando voltar.

– Você, fique aqui e espere o pessoal técnico. E quero um guarda posicionado em cada porta desta ala até ela ser encontrada. Vão!

A porta se fechou e Cress soltou o ar, tremendo, murchando pela injeção de adrenalina.

Ela estava encurralada. Thorne tinha sido capturado.

Mas eles foram heroicos.

CAPÍTULO

Setenta e sete

Jacin já tinha voltado para o lado de fora quando Winter terminou de limpar do cabelo a substância escorregadia como gel. Ela botou as roupas secas que alguém tinha levado.

Não conseguia parar de sorrir. Jacin tinha voltado e estava vivo.

Mas, ao mesmo tempo, seu coração doía. Pessoas iam morrer naquele dia.

Ela olhou os braços. A inflamação estava sumindo. Pelo menos algumas marcas estavam menos escuras, e o tom azulado tinha sumido das unhas.

Quando ela saiu da segurança do banheiro, encontrou a clínica lotada de gente: o único médico e dezenas de civis verificando pacientes que estavam doentes demais para fazer fila pelo antídoto lá fora. Sete mortes, disseram-lhe. No curto tempo desde que Levana contaminou Winter, sete pessoas naquele setor morreram de letumose.

Teria sido bem mais se Jacin e Cinder não tivessem chegado, mas isso não consolava Winter. Sete mortes. Sete pessoas que poderiam ter ido para o tanque de suspensão se não a tivessem colocado lá.

Winter passou lentamente pelos pacientes, sorrindo e oferecendo um aperto de ombro reconfortante enquanto seguia para a saída. Ela entrou na varandinha de madeira.

Uma comemoração surgiu no domo, centenas de vozes chegando a ela.

Winter parou e voltou para a cobertura da varanda. A multidão continuou comemorando, balançando as armas improvisadas acima

da cabeça. Os soldados lobos começaram a uivar. Winter se perguntou se também deveria comemorar. Ou uivar. Ou se esperavam que ela falasse, embora a garganta ainda estivesse dolorida e o cérebro ainda estivesse confuso.

Scarlet apareceu ao lado, balançando os braços em uma tentativa de acalmar a multidão. Ela pareceu ao mesmo tempo feliz e irritada quando olhou para Winter. Ainda se via a evidência da peste na pele de Scarlet: sardas misturadas com hematomas e pele irritada. Embora ainda houvesse algumas bolhas escuras, a doença não progrediu tão depressa em Scarlet quanto em Winter e nos sete pobres residentes. Todos sabiam que ela teve sorte.

– O que está acontecendo? – perguntou Winter.

– Cinder e os alfas estão discutindo estratégia – respondeu Scarlet. – A coroação está marcada para começar a qualquer minuto. As pessoas estão ficando inquietas. Além do mais, todo mundo ama você, que surpresa, e todos estavam esperando para ver que você está bem.

Winter arriscou um sorriso, e as pessoas comemoraram de novo. Alguém assobiou, e outro soldado uivou.

Winter viu alguém de relance. Era Jacin, encostado na parede da clínica, observando-a com um sorrisinho sabido.

– Ainda não começaram a compor baladas em sua homenagem – disse ele. – Mas tenho certeza de que é só questão de tempo.

– Cress conseguiu! – gritou Cinder. Ela apareceu correndo por entre a multidão, com alguns soldados atrás. As pessoas abriram caminho para ela. – As barreiras nos túneis dos trens de levitação magnética foram removidas. Não tem mais nada bloqueando nosso caminho até Artemísia. Não tem nada que nos impeça que Levana seja levada à justiça!

Outro grito, bem mais alto do que o anterior, surgiu e vibrou pelo chão e ecoou no domo.

Winter olhou para a multidão, o coração se expandindo como um balão. As pessoas observavam Cinder com admiração, clareza e um leve brilho de esperança. Ela nunca tinha visto isso nos olhos dos cidadãos de Luna. Os rostos estavam sempre obscurecidos por medo e incerteza. Ou, pior ainda, olhando para a madrasta dela com adoração atordoada. Amor pela governante que lhes foi forçada, um lembrete de que eles não tinham liberdade, nem na mente e nem no coração.

Isso era diferente. As pessoas não estavam cegas pelo glamour de Cinder nem sendo manipuladas para a verem como sua rainha de direito. Elas a viam como realmente era.

– Alfa Strom, o mapa – disse Cinder com um gesto empolgado.

Strom entregou um nódulo holográfico para ela, e Cinder abriu uma imagem que todos podiam ver, delineando o caminho que fariam até a capital.

– Vamos nos dividir em dois grupos para conseguir uma passagem mais rápida pelos túneis – disse ela, indicando as rotas no mapa. – Quando chegarmos a AR-4 e AR-6, vamos nos espalhar pelas oito entradas de Artemísia. Em cada setor que passarmos, vamos precisar de voluntários para convocarem o máximo de pessoas possível para nossa causa. Reúnam armas e suprimentos, e sigam em frente. Lembrem-se: nossa segurança está nos números. Ela mantém os setores separados por um motivo. Sabe que não tem poder se todos nos unirmos, e é exatamente o que vamos fazer!

Outro rugido da multidão, mas Cinder, de olhos arregalados e eufórica, já tinha se virado para os degraus.

Winter se empertigou, pela primeira vez orgulhosa de estar em frente à rainha.

– Já vimos evidências de que pelo menos oitenta e sete setores se juntaram à nossa causa, e tenho todos os motivos para acreditar que

nosso número continua a aumentar. Com os transportes desabilitados, o deslizador de superfície é o melhor método que temos de espalhar nossa notícia com rapidez e garantir que todos os civis estejam unidos em uma força sólida indo para Artemísia. Jacin, fiz uma lista de setores para onde quero que você vá, os que já demonstraram evidência de rebelião e devem ter acesso a armas. Além disso, os mais próximos de Artemísia oferecem uma esperança sólida de aumentar nossos números depressa. Vá ao máximo que conseguir nas próximas duas horas, depois nos encontre nos túneis embaixo de AR-4 às...

– Não.

Cinder piscou. Os lábios ficaram entreabertos com uma palavra não dita. Ela piscou de novo.

– Como é?

– Não vou abandonar Winter.

Um tremor percorreu a pele de Winter, mas Jacin não olhou para ela.

Com a boca ainda aberta, Cinder olhou para Winter, depois para Scarlet, depois para Jacin. Fechou a boca com uma cara feia e se virou para Scarlet de novo.

– *Você* consegue pilotar?

– Nunca vi uma coisa dessas antes. Voa como uma espaçonave?

Cinder olhou com irritação para Jacin de novo.

– Preciso que você faça isso. Eu confio em você, e...

– Eu disse não.

Ela balançou a cabeça, sem acreditar. Depois, com raiva.

– O que você acha que vai acontecer com Winter, com *qualquer* um de nós, se perdermos?

Jacin cruzou os braços, pronto para discutir de novo, quando Winter colocou a mão no ombro dele.

– Eu vou com ele – disse ela com tom leve, para que as palavras aliviassem um pouco da tensão.

Não deu certo. O olhar irritado de Jacin se virou para ela.

– Não, você vai ficar aqui se recuperando de quase ter *morrido*. Além do mais, Levana já teve chances demais de matar você. Você não vai chegar nem perto de Artemísia.

Ela grudou o olhar nele e sentiu o renascimento da determinação que teve quando decidiu encontrar o exército da madrasta e trazê-lo para seu lado.

– Eu posso não conseguir lutar, mas *posso* ser útil. Vou com você, e vou falar com as pessoas. Elas vão me ouvir.

– Princesa, nós não precisamos...

– Já tomei minha decisão. Tenho tanto a perder quanto todo mundo.

– Ela é boa de argumentos – disse Cinder.

– Surpreendentemente – acrescentou Scarlet.

Jacin empurrou Winter para longe do círculo deles, em busca de um pouco de privacidade.

– Olhe – sussurrou, segurando os cotovelos dela. Ela sentia os calos nas mãos dele com mais clareza do que em qualquer outra ocasião. A pulsação disparou com a intimidade inesperada. – Se você quiser que eu faça isso por Cinder, vou fazer. Por *você*. Mas não vou... não *posso* perder você de novo.

Winter sorriu e levou as palmas das mãos às bochechas dele.

– Não tem lugar mais seguro para mim do que ao seu lado.

Ele contraiu o maxilar. Ela conseguia ver a batalha no pensamento dele, mas já estava determinada.

– Eu vivi com medo dela a minha vida toda – continuou ela. – Se essa é a única chance que vou ter de ir contra ela, então tenho que aproveitar. Não quero me esconder. Não quero ter medo. E *não* quero

me separar de você novamente, nunca mais.

Ele começou a murchar os ombros, a primeira indicação de que ela venceu. Ele levantou o dedo entre eles.

– Tudo bem. Nós vamos juntos. Mas você não vai tocar em arma *nenhuma*, entendeu?

– O que eu faria com uma arma?

– Exatamente.

– Jacin, Winter. – Cinder estava batendo o pé, com os olhos enlouquecidos de impaciência crescente. – Nós estamos em uma situação...

Como se o próprio céu estivesse ouvindo, o domo acima escureceu, e três telas enormes se acenderam no fundo escuro.

– Povo de Luna – disse uma voz feminina –, deem sua total atenção a essa transmissão obrigatória, ao vivo do Palácio de Artemísia. A cerimônia de coroação real está prestes a começar.

Um sorriso malicioso surgiu nos lábios de Winter. Ela se afastou de Jacin, encarou o povo e levantou os braços.

– Povo de Luna – disse ela, repetindo a transmissão e afastando a atenção deles do domo –, deem sua total atenção à verdadeira herdeira do trono lunar, a princesa Selene, ao vivo do seu próprio setor. – Os olhos dela brilharam quando apontou o braço na direção de Cinder. – Nossa revolução está prestes a começar.



LIVRO

Cinco

O espelho respondeu: “Você, minha rainha, é bonita; é verdade. Mas a jovem rainha é bem mais bonita do que você.”



CAPÍTULO

Setenta e oito

Kai disparou pelo corredor, feliz por ninguém estar por perto para vê-lo correndo com as belas roupas da coroação, embora os pensamentos estivessem carregados demais para que ele se preocupasse com aparências. Cinder estava viva. Thorne tinha sido capturado. Cinder ia invadir Artemísia.

Hoje. *Agora.*

Ele ainda sentia culpa por deixar Cress sozinha. Deveria ter feito mais. Não deveria ter se importado com o quanto estava atrasado para a coroação, uma cerimônia da qual ele não desejava fazer parte. Ele deveria ter tido mais prazer em fazer Levana esperar. Devia ter fingido outro sequestro.

Falou um palavrão por dentro, desejando ter pensado nisso mais cedo.

Mas, não... seu sumiço geraria um rebuliço, e a última coisa de que Cress e os outros precisavam era um rebuliço. A melhor coisa que poderia fazer para desviar as desconfianças de Levana era ir em frente como se nada tivesse mudado.

A melhor coisa que poderia fazer era coroá-la imperatriz de seu país.

Ele ficava enjoado só de pensar nisso, mas seguiria o plano. Faria sua parte.

Dobrou uma esquina e quase derrubou uma estátua de um deus lunar musculoso. Segurou a estátua e a endireitou enquanto o coração subia até o pescoço. Quando ele e a estátua estavam calmos, abriu caminho pela porta dupla que levava a uma série de salas de

espera particulares.

Dois guardas ladeavam a porta do grande salão. Torin estava sentado em um banco acolchoado ao lado de uma mulher de cabelo dourado bufante, que ofegou com tanto fervor que Kai achou que ela desmaiaria.

– Ah, graças a Ártemis! – disse ela, levando um lenço à testa – Por onde você *andou*?

– Eu falei que ele estava a caminho – disse Torin.

A mulher o ignorou e já começou a falar em um dispositivo preso ao pulso.

– O imperador chegou. A cerimônia vai começar em trinta segundos. – Ela colocou o tablet no cinto e se concentrou em Kai, observando-o com uma mistura de ansiedade e repulsa. – *Terráqueos* – murmurou ela, ajeitando a faixa e afastando o cabelo dele do rosto. – Vocês nunca têm orgulho da sua aparência.

Ele engoliu uma resposta envolvendo cabelos dourados e aceitou um copo de água de um servo.

Torin se levantou na frente do banco e colocou as mãos nos bolsos. Parecia alarmantemente casual sem paletó, e Kai se perguntou se ele também tinha sido criticado por aquela mulher, fosse ela quem fosse.

– Está tudo bem, Vossa Majestade?

As palavras foram ditas com indiferença calma, mas Kai percebeu a curiosidade tensa por baixo da expressão de Torin.

Apesar de não saber se era verdade, ele assentiu.

– Está tudo bem.

Atrás das portas duplas, ele ouviu a falação de centenas de vozes e se perguntou que boatos já estavam circulando sobre o atraso da cerimônia.

– Estou pronto.

– Sua Majestade também – disse a mulher. Ela empurrou Torin na

direção da entrada. – Você, vá se sentar! Vossa Majestade, siga-me.

Kai a seguiu entre os guardas, pela porta dupla e para um corredor curto ladeado de pilares ornamentais.

Levana estava esperando, usando um vestido que combinava com a faixa de Kai, com as cores da Comunidade das Nações Orientais. Parecia uma bandeira ambulante gigante, com uma fileira de estrelas na base da barra do vestido e um lótus branco florescendo na lateral. Ela também estava de faixa, mas cor de laranja queimada: na Terra, a cor do sol nascente.

A imagem dela exibindo tanto patriotismo falso pela Comunidade despertou nele a vontade de arrancar aquela faixa e estrangulá-la com ela.

Ela esticou as mãos para Kai quando ele se aproximou. Embora estivesse irritado, não tinha escolha além de segurá-las. Os dedos dela estavam gelados.

– Meu querido marido – disse ela, com voz melosa. – Sinto que ficamos separados por muito tempo.

Ele a olhou de cara feia.

– Por quanto tempo você planeja levar essa farsa?

– Farsa? – Levana riu. – Uma esposa não pode sentir falta do marido sem que suas emoções sejam consideradas suspeitas?

– A não ser que você queira que eu vomite durante o procedimento, é melhor mudarmos de assunto.

A expressão dela endureceu.

– Nossa união por matrimônio é final e definitiva. É escolha *sua* como vai reagir a essa situação.

– Você está me dando alguma escolha? – Kai deu seu sorriso mais diplomático. – Quanta generosidade.

Levana equiparou a expressão dele.

– Pronto. Não foi tão difícil, foi? – Ela se virou para que eles

olhassem para o salão, de braços dados. Kai teve um vislumbre do arranhão no antebraço dela, onde a cortou com a tesoura no casamento.

A imagem o fortaleceu quando as trombetas tocaram.

As portas foram abertas e revelaram uma multidão de observadores. Kai achou difícil observar as cores vibrantes e luzes piscantes e tecidos esvoaçantes se espalhando pela plateia e no corredor.

– Todos de pé para Sua Majestade Real, a Rainha Levana Blackburn de Luna, descendente direta do Primeiro Rei Cyprus Blackburn, e Sua Majestade Imperial, o Imperador Kaito da Comunidade das Nações Orientais da Terra.

O hino lunar começou a tocar. Kai e Levana marcharam pelo corredor. Se não fossem as roupas espalhafatosas nos bancos, o clima seria sombrio.

– Eu recebi uma informação interessante antes de você chegar – disse Levana, mantendo a expressão agradável para a multidão. – Envolvendo um traidor que foi preso recentemente nas nossas celas subterrâneas.

O estômago de Kai deu um nó.

– Prossiga.

– Parece que encontraram um dos cúmplices de Linh Cinder andando pelo palácio. Aquele criminoso terráqueo... Acredito que o nome dele seja Carswell Thorne.

– Isso é mesmo interessante.

– Imagino que você não saiba o que ele estava tentando fazer aqui.

– Talvez tenha se aborrecido por não sido convidado.

Levana assentiu para as pessoas.

– Não importa. Nós o pegamos antes que ele provocasse confusão.

– Fico feliz em saber.

– Eu achei que, como você logo vai se tornar o rei consorte de Luna e ele foi seu prisioneiro antes de ser meu, eu talvez permita que você decida qual é a melhor forma de executá-lo.

Ele firmou o maxilar.

– Como minha esposa me honra.

Mas, na realidade, apesar de Levana estar tentando irritá-lo, ela lhe deu um presente. Foi um alívio saber que Thorne não estava morto.

Quando chegaram perto do fim do corredor, ele viu os colegas terráqueos perto da frente. Torin já estava lá (deviam tê-lo levado discretamente pela outra entrada), junto com dezenas de representantes da Comunidade e das outras nações. Ele até viu, com alguma surpresa, Linh Adri e Linh Pearl ao lado de um representante americano. As duas estavam com sorrisos rígidos, e apesar de Kai ter um tipo especial de ódio pelas duas mulheres, também sentiu uma pontada de solidariedade. Levana estava brincando com elas, como um gato brinca com um rato antes de devorá-lo. Oferecendo favores, punindo-as, depois oferecendo favores de novo. Não era surpresa as duas parecerem apavoradas, com medo de fazer qualquer movimento repentino.

Havia uma dezena de pessoas no palco, uma mistura de taumaturgos e guardas reais e um soldado biotransformado vestido com um uniforme bonito que contrastava com o rosto e o corpo deformados.

Kai fez uma careta, perguntando-se o que passou pela cabeça de Levana ao levar uma criatura daquelas para a coroação. A presença deles não funcionou a favor de *nenhum* dos lados no banquete de casamento.

De repente, a luz bateu nos olhos da criatura, verdes, intensos, e Kai franziu a testa. Se ele não soubesse...

Ele teve um choque, e os pés se enrolaram no primeiro degrau. Ele

se equilibrou e subiu com sucesso o resto dos degraus, sem cair de cara. O coração continuou disparado no peito, e ele se lembrou de Cress contando que levaram Lobo, mas ela não sabia o que tinha acontecido com ele.

Agora, ele sabia.

Aquela criatura era Lobo, mas não era. Os olhos eram turbulentos e sombrios, apontados para Kai, dando uma ideia de ferocidade que fervia por baixo da superfície.

Com um rosnado, Lobo afastou o olhar primeiro.

– Reconheceu meu estimado soldado? – perguntou Levana, quando chegaram ao altar todo decorado. – Acho que ele mudou bastante desde que você o viu pela última vez.

A fúria de Kai ardeu no peito. Ela só queria uma reação. Só queria que ele soubesse que ela estava no controle: do destino dele, do destino do país dele, do destino dos amigos dele.

Quando ele e Levana se viraram, Kai se preparou para encarar a plateia. Era o momento em que ele entregaria a Levana metade de seu poder. Em que diria a seu país que, se ele morresse, aquela mulher se tornaria a única governante.

Seu corpo latejou de repulsa, mas ele sabia que não havia opções.

Tomara que Cinder venha logo, uma voz repetiu no fundo de sua mente. *Tomara que ela venha logo.*

– Povo de Luna e da Terra – disse Levana, esticando as mãos na direção da plateia. – Vocês estão aqui para testemunhar um evento importante de nossa história. Hoje, vamos coroar um terráqueo como nosso rei: meu marido, o imperador Kai da Comunidade das Nações Orientais. E hoje eu vou ser coroada imperatriz, a primeira da nossa linhagem real a formar uma aliança com nossos irmãos terráqueos.

As pessoas comemoraram.

Bem, os lunares comemoraram. Os terráqueos só aplaudiram de forma meio educada.

– Peço que vocês se sentem – disse Levana.

Quando as pessoas começaram a se sentar, Kai e Levana foram até duas caixas decoradas com pedras preciosas colocadas no altar. Kai soltou o ar e abriu a fivela da caixa.

Dentro, sobre uma base de seda, estava a coroa de imperatriz, modelada no formato de uma fênix e cravejada de pedras flamejantes.

Seu coração travou, enchendo-o de uma emoção para a qual ele não estava preparado. Na última vez em que viu aquela coroa, foi na cabeça de sua mãe. Ela a usava durante o baile que comemorava a paz mundial todos os anos. Ela sempre foi tão linda.

Ele tremeu com a lembrança e com a blasfêmia que estava prestes a cometer.

Do outro lado do altar, Levana pegou sua coroa. Em comparação com as pedras preciosas terráqueas, a coroa de rei lunar era simples. Sete pontas finas e longas entalhadas de pedra da lua, com a pedra branca cintilando à luz das velas. Era antiga. A monarquia de Luna foi formada bem antes de a Quarta Guerra Mundial levar à formação da Comunidade das Nações Orientais e da família real dele.

Kai se preparou, pegou a coroa da mãe na caixa protetora e, juntos, ele e Levana se viraram para a plateia, erguendo suas coroas simbólicas. Kai olhou para Torin, e viu tristeza espelhada na expressão dele. Talvez ele também estivesse pensando na mãe de Kai.

Antes que Levana iniciasse o discurso sobre a importância simbólica da coroa e sobre como ela representava o poder do soberano e assim por diante, as portas no fundo da sala foram abertas.

A mulher de cabelo dourado veio andando pelo corredor, e

embora a expressão fosse de horror, os movimentos eram robóticos e a mantiveram seguindo na direção da rainha.

Kai baixou a coroa e as palmas das mãos ficaram quentes. A esperança se expandiu em seu peito. Quando a plateia se virou para olhar a mulher se aproximando, uma risadinha se espalhou entre as pessoas. Alguma coisa estava acontecendo. Kai não sentia medo vindo da multidão, e sim empolgação, como se não passasse de um drama de ficção para eles.

A mulher chegou aos degraus e se apoiou em um dos joelhos.

– Perdoe-me, minha rainha – gaguejou ela. – Recebemos um comunicado de que há um problema em vários setores próximos, inclusive nos domos ao redor da cidade de Artemísia.

Kai arriscou um olhar para Lobo, mas ele ainda estava se contorcendo e rosnando. Parecia prestes a morder com o maxilar enorme o primeiro pescoço que chegasse perto.

– Que tipo de problema? – rosnou Levana.

– Nós não sabemos como, mas os bloqueios nos setores rebeldes foram removidos, e as pessoas estão... elas estão vindo para cá. Lotando os túneis dos trens de levitação magnética. Estão dizendo que... a princesa Winter está com eles.

O rosto de Levana ficou vermelho.

– Não é possível.

– Eu... eu não sei, minha rainha. Foi só o que me disseram. E... e também que, supostamente, a ciborgue está com eles.

Kai sorriu. Não conseguiu evitar, e ele não fez nada para esconder quando Levana o olhou de cara feia. Com um movimento de ombros, ele disse:

– Ela *avisou* você.

Levana contraiu o maxilar. Ela se virou para a mulher.

– A ciborgue está morta e não vou tolerar boatos dizendo o

contrário.

A mulher ficou boquiaberta.

– Os bloqueios ao redor de Artemísia estão mantidos?

– S-Sim, minha rainha. Até onde eu sei, eles não conseguiram transpor...

– Então não estamos sob ameaça imediata, estamos?

– Eu... acho que não, minha rainha.

– Então *por que* você está interrompendo esta cerimônia? – Levana mexeu o pulso. – Guardas, acompanhem esta mulher até uma cela de prisão. Não vou sofrer mais interrupções.

Os olhos dela estavam ardentes, impiedosos, quando a mulher se levantou e cambaleou para trás. Dois guardas a seguraram.

A plateia estava tentando sufocar seu entusiasmo, mas não estava conseguindo. Kai viu vários olhares de deboche voltados para a mulher sendo arrastada, apesar de certamente não ter sido ideia *dela* levar a notícia da insurreição a Levana.

Os pensamentos de Kai vibravam. Ele mordeu o lábio com força, enquanto a expressão contorcida no rosto de Levana se aliviou e voltou à serenidade agradável.

– Muito bem – disse ela, levantando a coroa lunar acima da cabeça. – Vamos prosseguir.

CAPÍTULO

Setenta e nove

Cinder ficou à frente do pequeno exército, junto com Alfa Strom. Os túneis do metrô eram amplos o bastante para que eles andassem em filas de cinco, e Strom garantiu que todo mundo soubesse que aquela era a formação deles; qualquer alteração em local tão confinado causaria pânico e confusão. Eles tentaram ficar em silêncio, mas era impossível. Deslocavam-se como um trovão. Milhares de pés batendo no terreno rochoso nos túneis de lava.

Os soldados mutantes ficaram perto da frente, a primeira linha de defesa, enquanto as pessoas dos setores externos seguiam logo atrás.

Tinha se transformado em um jogo de números, e os números deles estavam crescendo. Cada setor pelo qual passavam tinha novos civis se juntando à causa, muitos se preparando desde o momento em que a primeira mensagem de Cinder foi transmitida.

Cinder repassou diversas vezes os cálculos em pensamento, mas ainda havia variáveis demais para incluir. Eles precisavam de civis suficientes para derrubar a rainha e os taumaturgos, e de lutadores não manipulados o suficiente para enfrentar os guardas e qualquer soldado lobo que Levana levasse para sua defesa. Ela estava contando com Jacin e Winter para espalharem a notícia, e rápido. Se eles falhassem, seria um massacre, e não a favor deles. Se conseguissem...

Os túneis estavam mergulhados em escuridão, exceto por lampiões conseguidos em setores externos e por um punhado de lanternas. Cinder desejava ter um mapa na cabeça dizendo o quanto se deslocaram e o quanto faltava. Tinha se acostumado a ter dados infinitos ao alcance, e era desconcertante estar sem isso. Depois de

cinco anos desejando ser como todo mundo, ela sentia falta de todas as conveniências que acompanhavam o fato de ser ciborgue.

Quatro vezes eles encontraram trens e vagões parados, ocupando o espaço confinado do túnel. Pareceram obstáculos insuperáveis de primeira, mas os soldados se adiantaram com zelo, arrancando painéis, soltando os assentos internos, abrindo caminho até o outro lado. Eles eram uma máquina de destruição eficiente, e o exército improvisado pôde passar.

Embora o sistema de trens de levitação magnética tivesse sido desligado, ainda havia energia sendo enviada, e as plataformas pelas quais passavam estavam iluminadas com um holograma do vídeo obrigatório com transmissão da coroa. Sem poder gravar a cerimônia em si, pois a rainha não estaria usando o véu, um narrador contava o evento momento a momento.

Quando eles entraram em AR-4, um dos setores adjacentes a Artemísia Central, Cinder ouviu a voz de Kai e parou. Ele estava recitando os votos para se tornar rei consorte de Luna.

O exército se dividiu em quatro regimentos. Cada um entraria na capital por um túnel diferente. Enquanto os alfas levavam suas matilhas e civis em direções opostas, Cinder viu Strom a observando.

– Temos que seguir em frente – disse ele. – Meus homens estão famintos e agitados, e você nos colocou em um espaço fechado cheio de carne com cheiro doce.

Cinder levantou a sobrancelha.

– Se eles precisarem fazer um lanchinho, diga para comerem uns aos outros por um tempo. Só quero ter certeza de que Jacin teve tempo para chegar ao máximo possível de setores externos.

Strom deu um sorrisinho, como se impressionado com a própria incapacidade de intimidar Cinder.

– Está na hora de ir – repetiu ele. – Nosso povo está quase em

posição. A rainha e o grupo dela estão todos em um único lugar. Podemos ficar sentados aqui esperando semanas por mais civis que não vão aparecer.

Cinder acreditava que eles iriam. *Tinham* que aparecer. Mas também sabia que ele estava certo.

A coroação estava quase acabando.

Eles começaram a se deslocar pelos túneis de novo. As mãos apertavam as armas. O andar reduzia com a ansiedade crescente. Eles não tinham se deslocado muito quando a lanterna de Cinder encontrou barras de ferro ao longe. Strom levantou a mão, sinalizando para todos pararem.

– O bloqueio. – Cinder apontou a luz da lanterna para a parede ao redor da grade de ferro. Eles levariam dias para cavar ao redor.

– Não tem como passar – disse Strom. Ele estava rosnando quando olhou para Cinder, como se fosse culpa dela. – Se isso for uma armadilha, é das boas. Eles poderiam nos matar em um piscar de olhos enquanto estamos enfiados como salsicha nestes túneis.

– Cress deveria ter aberto – disse ela. – Já deveriam ter sumido. A não ser que... – A não ser que Cress e Thorne tivessem falhado. A não ser que tivessem sido capturados. – Que horas são?

Ela olhou para Strom, mas ele não fazia ideia. Ele também não tinha relógio na cabeça.

Cress tinha que programar todos os bloqueios ao redor da cidade para serem desativados ao mesmo tempo, para impedir que revolucionários entusiasmados entrassem na cidade cedo demais e acabassem mortos ou revelassem a surpresa. Cress tinha falhado ou eles tinham chegado cedo? Kai ainda estava recitando seus votos. Cinder sufocou o pânico crescente.

Strom começou a rosnar.

– Estou sentindo um cheiro.

Os soldados ao redor levantaram os narizes e farejaram o ar.

– Alguma coisa sintética – disse Strom. – Alguma coisa terráquea. Uma máquina.

Cinder encostou a mão nas barras, mas os soldados a puxaram e formaram uma barreira protetora entre ela e a o bloqueio. Como se ela fosse digna de ser protegida.

Cinder tentou não se irritar.

Passos soaram no túnel além da grade, ficando mais altos. Uma pedrinha chutada quicou pelo chão. Uma lanterna apareceu, embora quem a carregava ainda estivesse nas sombras.

O raio da lanterna percorreu os soldados, e a pessoa parou.

Os soldados rosnaram.

– Nossa – disse ela. – Que galerinha ameaçadora *vocês* são.

O coração de Cinder saltou.

– Iko! – gritou ela, tentando abrir caminho, mas os corpos bloqueando a passagem eram irremovíveis.

Iko chegou mais perto, e Cinder a viu no facho de luz. Ela ofegou e parou de lutar. O braço direito de Iko estava inerte de novo, e havia buracos de bala, tecido sintético rasgado e fios estragados por todo o corpo. Ela não tinha orelha esquerda.

– Ah, Iko... o que aconteceu?

– Mais guardas lunares idiotas, foi isso que aconteceu. Ele me encurralou no porão da clínica médica e fez isso. Tive que bancar a morta até ele me deixar em paz. Que bom que ninguém sabe matar um androide aqui.

– Iko. Sinto muito.

Iko fez um gesto casual com o braço bom.

– Não estou com vontade de falar sobre isso. Você está sendo mantida prisioneira ou esses valentões estão do nosso lado?

– Eles estão do nosso lado.

Iko voltou a atenção para os lobos de novo.

– Tem certeza?

– Não totalmente – disse Cinder. – Mas eles são o exército que Scarlet e Winter recrutaram, e são o melhor que temos. Eles ainda não comeram ninguém.

Strom deu um sorrisinho para ela com as presas proeminentes.

– Iko, que horas são? Os portões já não deveriam estar abertos?

– Estamos bem na hora. Faltam dezessete segundos pelo meu...

O som de máquinas gemeu e estalou nas paredes de pedra. A grade começou a descer para o chão rochoso.

Iko apertou os lábios.

– O relógio de Cress está errado, não o meu.

Cinder esvaziou os pulmões de alívio.

Enquanto a grade desaparecia, os lobos voltaram à formação, com as mãos nas costas e os queixos erguidos. Era o mais profissional que Cinder já tinha visto da parte deles, fazendo-os parecer mais homens e menos monstros. E os deixando muito, muito parecidos com soldados.

Assim que a grade baixou o bastante, Iko passou por cima e se jogou nos braços de Cinder, com a mão boa batendo nas costas dela.

– Você vai me consertar de novo, não vai?

Cinder a apertou.

– Claro que vou. Quebrada não quer dizer impossível de consertar.

Iko se afastou e sorriu, e o sorriso foi pontuado por uma fagulha saindo da cavidade auditiva vazia.

– Eu amo você, Cinder.

Cinder sorriu.

– Eu também amo você.

– Por que não estamos andando? – perguntou Strom, a voz trovejando pelo túnel. – Estamos ficando impacientes para fazer

Levana e a corte dela em pedacinhos comestíveis. Vamos sugar o tutano dos ossos deles e beber o sangue como se fosse um bom vinho.

Iko grudou um olhar inquieto em Cinder.

– Que bom que eles estão do nosso lado.

CAPÍTULO

Oitenta

Lobo se esforçou durante toda a cerimônia de coroação. Sua cabeça doía pelo esforço, pela luta constante para controlar a fome, mas parecia que a sensação o corroía por dentro. Apesar de ter devorado a carne que lhe deram, a fome ainda ardia. Mil aromas enchiam suas narinas. Cada terráqueo. Cada lunar. Cada guarda e cada taumaturgo, cada um com um cheiro delicioso o bastante para ele não conseguir evitar se imaginar afundando os dentes na carne deles, rasgando os músculos dos ossos, se deleitando com a gordura...

O único instinto mais forte do que essa fome desvairada era o medo do que a taumaturga faria com ele caso se comportasse mal. Ele não suportaria passar por aquele sofrimento de novo. A dor de facada que disparava por cada músculo e cortava cada tendão.

Sua boca salivou, mas ele engoliu a saliva. E não se mexeu.

Sua atenção grudou na rainha. O imperador Kaito já tinha se ajoelhado à frente dela e aceitado a coroa lunar e o título de rei consorte, o que foi seguido de aplausos entusiasmados, embora a expressão do imperador fosse a mesma de quem aceita um frasco de veneno.

Era a vez da rainha.

O imperador levantou a coroa da Comunidade das Nações Orientais e repetiu o discurso da rainha, ruminando no poder político que havia em sua posição, nas obrigações e deveres, nas honras e expectativas, no simbolismo e na história contidos naquele pedaço de metal com cem pedras preciosas brilhantes.

Levana se ajoelhou. Ela vibrava de expectativa. Os lábios tremiam

com um sorriso controlado. Os olhos devoravam a coroa quando Kai se virou para ela.

Lobo engoliu mais saliva. A carne da rainha era a mais tentadora de todas, adocicada pela sabedoria de que ela era sua mestra e sua inimiga. Ela mandou que Lobo fosse tirado da família. Mandou que ele fosse transformado nesse monstro. Era por ordem dela que os taumaturgos o torturavam.

Ele devoraria o coração dela se tivesse a oportunidade.

– Você jura – disse Kai – governar os povos da Comunidade das Nações Orientais de acordo com as leis e costumes criados pelas gerações de governantes passados, usar todo o poder concedido a você para perpetuar a justiça, ser misericordiosa, honrar os direitos inerentes a todos os povos, respeitar a paz entre todas as nações, governar com gentileza e paciência, e buscar sabedoria e conselho de nossos semelhantes e irmãos? Você promete fazer isso hoje e todos os dias de seu reinado como imperatriz da Comunidade das Nações Orientais, perante todas as testemunhas das terras e dos céus?

Ela estava olhando para a coroa, não para o imperador.

– Prometo – sussurrou ela.

A expressão de Kai era sombria. Ele hesitou, segurando a coroa no ar. Seus braços tremiam.

Lobo viu Kai se obrigar a colocar a coroa na cabeça de Levana. Ela fechou os olhos, a expressão beirando a euforia.

– Pelo poder concedido a mim pelos cidadãos da Comunidade das Nações Orientais e por nossos aliados da União Terráquea, como imperador da Comunidade das Nações Orientais, eu a proclamo...

Ele fez uma pausa. Esperou. Lobo ouvia a esperança murchando dentro dele e achou que entendia a tentação de esperar um segundo a mais, *só mais um segundo*...

O segundo passou, e Kai deixou a expressão no rosto pétrea.

– ... imperatriz Levana da Comunidade das Nações Orientais. A partir deste dia até o dia em que um de nós ou os dois morram, você é minha esposa e vou dividir com você meu trono.

A voz dele falhou na última palavra. Kai afastou as mãos da coroa como se tivesse se queimado.

A plateia explodiu, serpentina e pétalas de flores surgindo de bolsos escondidos, transformando a cerimônia sóbria e sagrada em uma cacofonia de barulho. Levana se levantou. Com os braços esticados, ela foi até a beirada do palco, aceitando a homenagem torrencial dos aristocratas lunares.

Antes que falasse, os gritos de triunfo foram interrompidos por um guincho repentino, o som perfurando os ouvidos de Lobo como agulhas entrando no cérebro. Ele se agachou e rosnou. A plateia se encolheu. O barulho surgiu de todos os lados ao mesmo tempo.

Lobo levantou a cabeça. Era sua chance. Embora o som tivesse deixado sua visão branca, e os ouvidos hipersensíveis lhe dessem vontade de cair no chão em convulsões, seu ódio pela rainha era maior do que a dor.

Ele deu um salto, a visão preenchida por ela e seus pontos mais frágeis. O pescoço. A barriga.

Ele ouviu um grito de guerra. Um guarda pulou na sua frente, bloqueando o caminho. Lobo o cortou com as novas unhas afiadas e puxou a faca do guarda da bainha na lateral do corpo. Levantou a faca acima do ombro.

O grito do guarda tinha chamado atenção, mesmo em meio ao ruído. A rainha se virou quando a mão de Lobo se esticou.

O sofrimento tomou conta dele de repente, como tornos de metal ardente se prendendo nos dedos, no pulso, no braço. Ele lançou a faca meio segundo cedo demais, sabendo que errou no instante em que seus dedos congelados ficaram vazios. A lâmina raspou no

pescoço da rainha, embora devesse ter se alojado no coração, e atravessou as cortinas pesadas atrás do altar.

Lobo desabou no chão, cego pela torrente de dor que rasgava sua pele, destroçava sua mente.

O barulho parou e, com ele, o tormento.

A ausência repentina era como um aspirador sugando todos os outros sons do grande salão. Eles ficaram no silêncio cristalizado, centenas de corpos paralisados de choque.

Lobo ficou caído no chão, ofegante, desejando estar morto.

Ele sabia que não haveria outra chance. Sabia que sua punição só tinha começado.

Levana também estava ofegante, os olhos ardendo. Os lábios pareciam mais vermelhos do que o habitual, combinando com o sangue que surgia na lateral do pescoço.

– *Controle-o!*

– Sim, minha rainha – disse a mestra Bement. – Não vai acontecer de novo, minha rainha.

Então, através do silêncio pesado, soou uma voz. O palácio parou para ouvir. Lobo se concentrou no teto, se perguntando se a dor o deixou delirante.

Era a voz de Cinder.

– Oi, minha querida tia Levana – disse ela com tom leve e provocador. – Lamento interromper, mas eu queria ter certeza de ter sua *total* atenção. Primeiro, permita-me parabenizá-la. Parece que você finalmente tem tudo o que sempre quis. Agora, é minha vez.

Houve uma longa pausa. Os alto-falantes estalaram.

A voz de Cinder não estava mais jovial quando ela falou:

– Você tem dez minutos para ir até o portão da frente do palácio e se render.

E só.

As pessoas esperaram mais. Mais provocações. Mais ameaças. Mais explicações. Mas a mensagem tinha acabado.

Levana parecia visivelmente abalada, enquanto o imperador parecia prestes a cair na gargalhada.

Mas Kai olhou para Lobo e o sorriso sumiu. Sua testa se franziu de preocupação.

Lobo estava com fúria nos olhos e se levantou sobre pernas fracas, feliz pelo fato de a taumaturga não o ter impedido.

– É um truque! – gritou Levana com voz fragmentada. – Ela não pode fazer *nada* comigo!

Um som de passos apressados interrompeu o acesso de fúria da rainha. Eles entraram por uma das portas laterais, o taumaturgo-chefe Aimery Park ladeado por dois guardas.

Um rugido tentou escapar da garganta de Lobo, e ele mal conseguiu sufocá-lo. Aquele homem tinha matado sua mãe.

– O quê? – disse a rainha com rispidez.

– Fomos informados que, desde que a falha na segurança ocorreu, nosso sistema não consegue passar informações dos túneis...

– *Rápido*, Aimery.

A expressão dele ficou sombria.

– Eles estão na cidade, minha rainha. Nossos oito bloqueios caíram.

– Quem está na cidade?

– A ciborgue. Civis dos setores externos. Até alguns dos nossos soldados se juntaram a eles.

Levana estava hiperventilando, fervendo de fúria.

– A próxima pessoa que usar a palavra *ciborgue* na minha presença vai perder um membro. – Ela inspirou fundo. – Por que eles não foram impedidos?

– Nossos recursos são parcos, Vossa Majestade. Muitos dos nossos homens foram enviados para os setores externos a fim de sufocar os

levantes. Não podemos enviar reforços contra esses rebeldes sem enfraquecer nossa posição aqui no palácio.

Levana segurou a saia nas mãos e ergueu os ombros até tão perto do pescoço que uma mancha de sangue ficou na dobra da roupa.

– Tudo bem – sibilou ela. – Essa rebeliãozinha termina aqui.

– Além do mais, minha rainha, nós encontramos isto no centro de controle dos sistemas depois que descobrimos que nossa segurança tinha sido invadida. – Aimery segurou um tablet. – Parece que pertence a ninguém menos que nosso honrado rei consorte.

O olhar de Levana falava em assassinato quando se virou para o imperador Kaito.

– Eu estava me perguntando aonde isso tinha ido parar – disse ele, retorcendo a boca em um desafio. – E pensar que passei a manhã inteira procurando.

Levana dilatou as narinas, sua expressão era cruel e calculista. Ela pegou o tablet da mão de Aimery e o jogou no altar. A cobertura de plástico rachou.

– Esta celebração acabou – disse ela, a voz amplificada por alto-falantes ao redor do salão quando se virou para a plateia. – Parece que alguns dos meus subordinados escolheram esta noite para incitar o que veem como rebelião. Mas não fiquem alarmados. Tenho certeza de que não passa de uma exibição tola. – Ela estava recuperando aos poucos o controle sobre as emoções. – Para sua segurança, peço que todos, como meus distintos convidados, permaneçam sentados enquanto verifico o alvoroço.

Um burburinho se espalhou entre a plateia.

– Espere – disse uma voz de homem, falando das fileiras de terráqueos. – Você não pode esperar que fiquemos neste salão enquanto o palácio está sendo atacado. Essa guerra é sua, não nossa. Exijo permissão para voltar para minha espaçonave imediatamente.

O homem tinha um sotaque terráqueo europeu, e uma visão da garota ruiva surgiu nos pensamentos de Lobo. Ele franziu a testa e procurou o homem na multidão, enquanto um som de concordância surgia no meio dos terráqueos.

Levana franziu os lábios.

– Vocês vão ficar aqui – disse ela, cada palavra dura e fria como um cubo de gelo. – Até eu dar permissão para irem embora.

Na mesma hora, toda a discordância dos terráqueos sumiu. Levana voltou a atenção aos guardas.

– Bloqueiem as portas. Ninguém sai deste salão até eu permitir. – Ela olhou para Lobo e estalou os dedos. – Aquele ali fica do meu lado. Ele vai ser o escudo perfeito se eu precisar.

– Minha rainha – disse um dos guardas –, temos que insistir que nos permita escoltá-la até um lugar seguro. Os tubos de lava embaixo da cidade...

– De jeito nenhum – negou Levana, furiosa. – Esse é meu povo. É o meu reino. Não vou abandoná-los.

Ela saiu marchando para a saída principal, mas Kai a acompanhou.

– Esses terráqueos não são seus para que você os tranque. Nós não somos *reféns*.

– Tem certeza disso, marido? – Levana estalou os dedos para dois dos guardas mais próximos. – Levem-no de volta até os outros.

Eles se apressaram para obedecer e arrastaram Kai para longe da rainha, na direção do grupo de terráqueos controlados.

– Soltem-me! – gritou Kai. – Tenho o mesmo direito de dar ordens quanto você, para qualquer guarda ou soldado lunar!

Levana riu, e teria parecido achar graça se o som não tivesse sido quase histérico.

– Espero que você não acredite nisso.

Lobo estava ao lado de Kai quando ele foi afastado da rainha, mas

saber que havia uma taumaturga observando seus movimentos o impediu de se adiantar em defesa do imperador. Um tremor o percorreu só de pensar em ter a reprovação dela de novo.

Quando a rainha fez sinal para que ele a seguisse, ele obedeceu.

CAPÍTULO

Oitenta e um

Exploradores foram enviados para garantir que não houvesse emboscada os esperando na plataforma dos trens. Foi ideia de Strom, e apesar de Cinder ficar um pouco irritada em ver outra pessoa assumindo o controle, também era bom ter outro líder se debruçando sobre a estratégia e cuidando para que Cinder não cometesse outro erro tático idiota. Era o tipo de coisa que Lobo faria se estivesse ali.

Não, ela não queria pensar em Lobo. Teve que contar para Scarlet que eles foram separados assim que foram levados para Artemísia e que não fazia ideia do que tinha acontecido com ele. A lembrança abria um ferimento que ainda era recente demais, que ela não teve tempo de deixar cicatrizar.

Ela tentou acalmar a pulsação disparada, concentrando-se nos aliados que ainda tinha. Iko estava a seu lado novamente. Scarlet estava em um dos outros túneis, junto com outro grupo de soldados e civis. Thorne e Cress estavam no palácio, e se a retirada dos bloqueios fosse indicação, eles ainda estavam seguros. Winter e Jacin estavam percorrendo os setores próximos, recrutando o máximo de reforços possível.

Ela sentia como se estivesse jogando um daqueles jogos de estratégia de Cress. Todos os peões dela se encontravam em posição, e o ataque final estava prestes a começar.

Uma mão segurou a dela. Iko, oferecendo um último momento de alento.

Um uivo baixo ecoou pelo túnel sufocante.

O sinal.

Cinder apertou a mão de Iko e balançou o braço. Hora de ir.

Eles subiram na plataforma vazia, onde os netscreens anunciavam que a coroação tinha terminado. Levana era imperatriz.

Eles entraram na escadaria e seguiram para a luz do dia. Embora a noite artificial logo fosse aparecer no alto dos domos, a verdadeira luz do dia podia ser vista no horizonte, um pedacinho do sol ardente.

O nascer do sol.

Era lindo.

Os passos deles soaram nas ruas de pedra de Artemísia. Ela esperava que as ruas estivessem tão vazias quanto antes, mas, conforme o som da marcha deles ecoou nas paredes de mansões e por jardins bem-cuidados, silhuetas foram atraídas para as janelas.

Ela ficou tensa, se preparando para um ataque surpresa. Mas um dos lobos murmurou:

– Criados.

Ao olhar melhor, ela viu que ele estava certo. Vestidos com roupas simples, o olhar transbordando medo, eram as classes mais baixas que viviam nas sombras da cidade branca e cuidavam das necessidades e desejos de seus senhores.

Cinder torceu para alguns serem corajosos o bastante para lutar. Afinal, aquela era a hora de demonstrar. Mas, para sua decepção, a maioria voltou para algum lugar escondido. Ela tentou não guardar ressentimento. Sem dúvida, eles tinham sofrido anos de punições e lavagens cerebrais.

Ocorreu a ela que podia ser a primeira vez que eles ouviam falar da rebelião.

O palácio surgiu, cintilante e majestoso.

– Alfas! – gritou Strom, mais alto que o barulho dos passos firmes. – Espalhem-se e cerquem o palácio. Vamos nos aproximar dele por

todas as ruas abertas.

Eles eram uma máquina bem lubrificada, e ver a segurança com que as matilhas se dividiram, cada uma liderando seu regimento de civis por várias ruas menores, provocou um arrepio em Cinder. Apesar de as pessoas parecerem ter medo, elas também ganhavam confiança nos homens bestiais que as lideravam. Era o tipo de confiança que ela não sabia se teria inspirado sozinha.

Quando chegaram aos portões do palácio, o barulho dos passos parou.

Não havia ninguém à vista. Até a torre da guarda estava vazia. O pesado portão de ferro estava aberto, convidando-os a entrar. Era como se Levana não fizesse ideia de que estava cercada... ou como se estivesse confiante demais para dar atenção às ameaças de Cinder.

Ou talvez fosse uma armadilha.

As portas douradas do castelo estavam bem fechadas.

Cinder saiu da linha de frente do exército e parou na frente do portão aberto. Havia uma energia vibrando nela, uma impaciência formigando na pele. Strom e Iko ficaram ao lado dela, prontos para protegê-la se um ataque viesse de uma das janelas do palácio.

Cinder examinou as janelas brilhantes, mas não viu sinal de vida. A expectativa foi envolvendo o corpo dela como uma corda, ficando cada vez mais apertada. Ela sentia como se estivesse na beirada de um penhasco, esperando ser empurrada.

Da linha de frente, viu surgirem os grupos que tinham se separado, ocupando os cruzamentos de todas as ruas da cidade. Os soldados esperavam em formação militar perfeita. O treinamento e a força de vontade os transformavam em estátuas ferozes, mas ela reparou no tremer de um músculo, no flexionar de um punho, na ansiedade estalando embaixo da pele deles.

Atrás, milhares de civis esperavam. Menos intimidantes, menos

preparados, mas não menos determinados. Ela viu o cabelo ruivo de Scarlet na multidão.

Nem todo mundo que se juntou a eles veio de EM-12. Algumas pessoas foram com base na fé, por causa de alguns vídeos e da promessa de que a verdadeira rainha tinha voltado. Algumas pessoas foram encorajadas pelas mensagens que Cinder mandou. Algumas, esperava ela, ainda estavam a caminho.

Cinder inspirou fundo e forçou os pensamentos, procurando todas as pulsações elétricas ao seu alcance, e espalhou sua vontade pelos aliados. Era o que deveria ter feito em MR-9, antes que Aimery tivesse tomado o controle. Ela disse a si mesma que era uma proteção contra Levana e os taumaturgos. Enquanto os civis estivessem sob o controle *dela*, a rainha não poderia tê-los.

Mas ela também sabia que os usaria se precisasse.

Ela os sacrificaria, até. Se precisasse.

Cinder ordenou a seus aliados mais fortes que fizessem a mesma coisa: tomassem controle dos colegas antes que Levana e a corte dela tivessem a chance. Eles não podiam controlar todo mundo, mas ela tinha que acreditar que Levana também não podia. Cinder precisava de gente suficiente para superar as defesas da rainha. Tinha que bastar. Eles tinham que bastar.

– Se Levana não se render, nós vamos tomar o palácio à força – gritou Cinder no silêncio sinistro. – Há entradas múltiplas neste andar principal. Tomem todas. Quebrem janelas. Mas não esqueçam que a rainha e os asseclas dela estão lá dentro.

Ela observou as janelas de novo, nervosa por ainda não haver sinal de oposição. Uma sensação de medo surgiu na boca do estômago.

Ela estava confiante no plano, mas não muito. Eles chegaram à porta da rainha sem sinal de resistência depois dos túneis bloqueados. Alguma coisa já deveria ter acontecido.

– Taumaturgos vão tentar manipular vocês – continuou ela. – Matem-nos se tiverem oportunidade, pois eles não vão hesitar na hora de matar vocês ou de usá-los para matarem seus amigos e vizinhos. Os guardas da rainha são soldados treinados, mas a mente deles é fraca. Usem isso em sua vantagem. Acima de tudo, lembrem por que estão aqui hoje. Esta noite, eu serei sua rainha, e vocês não serão mais escravos!

Um grito se espalhou pelo pátio, acompanhado de um uivo de gelar os ossos que percorreu o corpo de Cinder. Ela levantou o braço, mandando seus aliados ficarem prontos. Preparou-se para baixá-lo: o sinal para atacar. Ela observou Iko com o canto do olho, esperando que avisasse que os dez minutos tinham acabado.

Seu olho captou um movimento.

As portas do palácio estavam se abrindo.

Os soldados assumiram postura de luta. Um rosnado baixo fez o chão tremer, chegando às solas das botas roubadas de Cinder. Quando as portas se abriram, revelaram uma silhueta cintilante. Não um taumaturgo de casaco comprido nem a figura magra da rainha.

Um mutante. Um dos soldados da rainha.

Uma mão segurou o cotovelo de Cinder e a puxou para trás da linha de frente.

O soldado foi até a escada do palácio. Os movimentos dele eram graciosos e precisos. Havia uma familiaridade nele que Cinder lutou para localizar, algo diferente em relação aos soldados que a cercavam. O mesmo rosto deformado. Os mesmos dentes projetados. Olhos furiosos observando a multidão. Ele estava vestindo não os uniformes simples e práticos do regimento, mas um uniforme mais adequado à guarda real, todo cheio de compostura.

Sua respiração travou.

Era Lobo. Lobo, repugnante e bestial, parado na beirada da escada.

Seus pensamentos dispararam para Scarlet, mas ela não ousou se virar para ver a reação da amiga.

Outra pessoa saiu do castelo. A própria rainha Levana. O taumaturgo Aimery saiu atrás e, depois deles, taumaturgos de vermelho e preto, formando uma fila de expressões arrogantes e desprezo divertido, com as mãos enfiadas nas mangas amplas. As runas bordadas brilhavam na primeira luz natural que eles viam em semanas.

Pela primeira vez, Cinder não tinha detector de mentiras para lhe dizer que o glamour da rainha era ilusão. Também não tinha evidência de que aquele era Lobo, e não alguém com glamour para se parecer com ele.

Mas também não tinha motivo para duvidar.

Ela procurou novamente as linhas de força que a ligavam aos homens e mulheres cujo controle tinha assumido. Ela nunca tinha controlado tantas pessoas de uma vez, e o domínio parecia delicado e fraco.

– "Esta noite, eu serei sua rainha" – citou Levana, dando seu sorriso cruel – "e vocês não serão mais escravos." Que palavras destemidas da garota que provoca caos e morte aonde quer que vá. – Levana levantou as mãos, como uma oferta de paz que não queria dizer nada. – Aqui estou eu, garota que alega ser a princesa Selene. Não vou fazer você me procurar. Vá em frente. Tente pegar minha coroa.

O olho de Cinder tremeu. Sua pulsação estava disparada por baixo da superfície, mas havia uma calma no centro da mente dela. Talvez porque, pela primeira vez, o cérebro ciborgue não estivesse revelando as estatísticas do mundo ao redor. Ela achava que seus níveis de adrenalina estavam disparados e que a pressão sanguínea estava preocupante, mas, sem o fluxo vermelho de texto de aviso, ela não se importava.

Com o braço ainda levantado, ela abriu os dedos, indicando que as pessoas que a acompanhavam deviam esperar e não atacar.

Levana estava apostando na lealdade de Cinder a Lobo. Devia acreditar que Cinder não ia atacar enquanto ele pudesse ficar preso no fogo cruzado. Que ela não ousaria colocar o amigo em perigo.

Mas ela não tinha como ter certeza de que ele ainda era seu amigo. Ainda era Lobo ou era uma coisa diferente? Um monstro, um predador?

Ela contraiu o maxilar e reconheceu a hipocrisia de seus pensamentos. Ele era a mesma coisa que os soldados ao lado dela, prontos para lutar e morrer por sua liberdade. O que quer que Lobo tivesse se tornado, ela tinha que acreditar que ele ainda era seu aliado.

A verdadeira questão era se Lobo, seu amigo, seu aliado, seu professor, era ou não um sacrifício válido para vencer a guerra.

– *Princesa* – rosnou Strom –, ela trouxe reforços.

Cinder não ousou afastar o olhar de Levana, embora a curiosidade ardesse dentro dela.

– Sinto o cheiro deles se aproximando. Uma dezena de matilhas, talvez mais, junto com os mestres. Em pouco tempo, vamos estar cercados.

Cinder manteve a expressão controlada.

– Esta é sua última chance – disse ela, sustentando o olhar da tia pelo pátio. – Proclame perante todas essas testemunhas que sou Selene Blackburn, a herdeira por direito do trono lunar. Me dê sua coroa, e deixo você e seus seguidores viverem. Nenhuma vida precisa ser perdida.

Levana curvou os lábios vermelhos como sangue na pele branca.

– Selene está morta. Eu sou a rainha de Luna, e você não passa de uma impostora.

Cinder respirou fundo devagar e retribuiu o sorriso.
– É o que pensei que você diria.
Ela baixou o braço.

CAPÍTULO

Oitenta e dois

O exército de Cinder avançou. Os civis passaram pelos portões abertos enquanto os soldados corriam para a cerca, escalavam até o alto e pulavam no jardim do outro lado.

A rainha nem tremeu. Os taumaturgos nem se mexeram.

Eles tinham chegado na base da escada de mármore quando Levana levantou a mão. Os taumaturgos fecharam os olhos.

Foi um momento de contrastes.

Os soldados mutantes, a primeira linha de ataque, caíram juntos. Os corpos enormes foram jogados no chão como brinquedos esquecidos, e cem homens uivaram por uma dor que Cinder só imaginava. Ela só tinha ouvido ruídos inumanos assim uma vez, quando torturou a taumaturga Sybil Mira, levando-a à insanidade.

Os civis cujas mentes estavam protegidas por Cinder e os com dom mais forte seguiram em frente, pulando os soldados lobos da melhor forma possível. Mas os outros começaram a cambalear e parar quando a rainha os tomava. Muitos caíram, e as armas despencaram no chão. Os que estavam sob o controle de Cinder os contornaram e passaram por cima, tropeçaram em corpos caídos e seguiram em frente com armas erguidas.

Os taumaturgos, pensou Cinder, encorajando-os mentalmente na direção dos casacos vermelhos e pretos. Cada taumaturgo morto era o mesmo que dezenas de soldados e cidadãos voltando para o lado deles.

Mas a onda de civis obteve resistência quando os guardas do palácio formaram um muro, separando a rainha e seu grupo dos

atacantes que seguiam na direção deles.

Eles se chocaram como um rio em uma represa. Aço estalou. Lanças de madeira bateram e se partiram. Gritos de guerra e dor reverberaram pelas ruas.

Cinder tremeu e se adiantou, para se juntar à luta e abrir caminho até a rainha. Mas seu corpo não se moveu. Os membros pareciam presos em lama.

Sua pulsação saltou.

Não.

Ela não esperava... não pensava...

Trincando os dentes, tentou afastar a manipulação que estava sendo forçada em seus pensamentos. Imaginou as fagulhas de eletricidade no cérebro, os estalos de energia, enquanto Levana virava sua própria mente contra si. Ela sempre afastou o controle antes. Sempre conseguiu escapar, ser mais forte. Seu cérebro ciborgue conseguia superar os efeitos do...

Um tremor percorreu o cérebro dela.

Seu cérebro ciborgue estava quebrado.

Não. *Não.* Como ela poderia defender as mentes dos outros se não poderia proteger seus próprios pensamentos da rainha?

Ela trincou os dentes. Se conseguisse libertar um membro, provar para o corpo que podia ser feito...

Ela grunhiu e caiu sobre um joelho. O corpo pulsava com energia acumulada, e ela sentiu o estalo repentino. Seu controle tênue sobre os cidadãos sumiu. Os uivos de dor ao redor penetraram nos ouvidos de Cinder.

Em segundos, esses aliados também foram tirados dela.

A batalha terminou antes mesmo de começar de verdade.

Cinder ficou ofegante pela exaustão de tentar se libertar do controle da mente de Levana, e seus membros ainda pareciam

pesados e descoordenados. Os gritos dos soldados viraram choramingos e grunhidos dos que morriam. Mesmo nesse breve choque, o cheiro férreo de sangue manchava o ar.

Levana começou a rir. Satisfeito e estridente, o som foi tão doloroso de ouvir quanto os gritos de cem guerreiros.

– O que é isso? – disse a rainha, batendo palmas. – Eu estava ansiosa por uma batalha de habilidade, jovem *princesa*. Mas parece que você não vai oferecer a luta que eu esperava.

Ela riu de novo. Levantando a mão, passou as unhas pelo cabelo de Lobo, um gesto ao mesmo tempo carinhoso e possessivo.

– Tem um petisco fácil para você, meu bichinho. Já preso na armadilha.

Ele rosnou e, quando desceu a escada, os dentes grandes brilharam. Os guardas abriram caminho, e ele passou por cima dos cidadãos caídos como se nem os visse.

Cinder tremeu. Tinha perdido a conta de quantas vezes encarou aqueles olhos verdes vibrantes, como inimigo e como amigo. Mas nunca antes esteve indefesa.

Ela tentou balançar a cabeça. Implorar para Lobo, ou para a parte de Lobo que ainda estivesse dentro da criatura.

– Ei, vossa rainhecência! Aqui!

Cinder arregalou os olhos. *Iko.*

Um tiro ricocheteou pela multidão. Levana cambaleou. Cinder viu o sangue borrifar as portas douradas enormes, e houve um momento, um momento pequenininho, no qual sentiu euforia. Ela levou um tiro. A rainha levou um tiro!

Mas foi Lobo quem gritou. Levana tinha se escondido atrás dele. A bala acertou-o perto do quadril, e o belo uniforme já estava ficando escuro com o sangue.

Iko deu um grito, horrorizada.

Levana rosnou, e a raiva se apertou ao redor de Cinder e das pessoas todas como uma forca. O controle dela era estrangulador. Sufocante.

Lobo atacou, não na direção de Cinder, mas de Iko. Ela viu o instinto animal nos olhos dele. Atacar quem o atacou.

O estômago de Cinder deu um nó. Ela não conseguia se mexer. Não podia fazer nada. Mal conseguia respirar. Os pulmões ardiam, mas ela estava presa.

Lobo chegou a Iko enquanto ela continuava parada, segurando a arma, sem saber o que fazer. As garras a atacaram, rasgando mais fibras de pele do abdome já destroçado. Ela gritou e cambaleou para trás, sem querer atirar nele de novo. Ele a segurou no chão. Os dentes afundaram no braço sintético, e a arma caiu ao lado dela. Um fio soltou uma fagulha na boca de Lobo, e ele a largou.

Cinder suplicou para que seu painel de controle acordasse, lutasse, fosse mais forte que ela, *vencesse*...

– *Eu sou a princesa Selene.*

A voz soou acima da multidão. Determinada. Familiar, mas ao mesmo tempo, não.

O domo acima escureceu. Como uma tempestade chegando, o vidro turvou até ficar quase preto. Na superfície, uma série de quadrados se iluminou. Uma luz azul primeiro, antes de o vídeo começar a cristalizar.

A voz de Levana soou estridente ao redor de todos eles:

– *Você é uma impostora!*

Levana ergueu o olhar. Os guardas e taumaturgos ficaram tensos.

– *E estou pronta para retomar o que é meu. Povo de Artemísia, essa é sua chance. Renunciem a Levana como rainha e jurem lealdade a mim, ou juro que, quando eu colocar essa coroa, todas as pessoas neste salão serão punidas por sua traição.*

A sala do trono entrou em foco, vista da perspectiva de Cinder. Os criados e taumaturgos não tinham mudado de posição. Nem Kai, na fila da frente, apavorado e desesperado.

– Basta! *Matem-na.*

E ali estava Levana, mas não era Levana. Ela só era reconhecível pelo vestido de noiva vermelho.

Embaixo do glamour, o rosto era desfigurado, com sulcos e cicatrizes que fechavam seu olho esquerdo. A pele destruída descia pelo maxilar e pelo pescoço, desaparecendo embaixo da gola do vestido. O cabelo era mais fino e de um tom mais claro de castanho, e faltavam várias partes, onde as cicatrizes chegavam à nuca. Viam-se mais cicatrizes no braço esquerdo, onde a manga de seda não as escondia.

Queimaduras.

Eram cicatrizes criadas por queimaduras.

Cinder sabia com certeza absoluta.

Um grito horrendo jogou um choque de água fria no corpo de Cinder.

– Desliguem! Desliguem! – berrou Levana. Ela se virou para longe do vídeo no céu e segurou braços e rostos dos taumaturgos perto dela, forçando-os a não olhar. – Não olhem! Parem de olhar! Vou mandar arrancar seus olhos, de todos vocês!

Cinder percebeu que não estava mais paralisada pelo controle mental de Levana; era seu próprio choque que a mantinha grudada no chão.

Estava funcionando. A rainha estava perdendo o controle. Estava sendo obrigada a ver a verdade por baixo de seu próprio glamour e não podia fazer nada para impedir.

O vídeo se dissolveu em um caos de balas e gritos, sangue e corpos.

Levana ficou olhando para as pessoas que não estavam mais sob

seu controle. Seu glamour tinha sumido. Ela estava horrenda e desfigurada e, naquele momento, com medo.

Uma arma disparou, mas errou. A bala entrou nas portas do palácio. Alguém atrás de Cinder falou um palavrão. Arregalando os olhos, ela virou a cabeça para olhar. Era Scarlet, o cabelo ruivo como um holofote na multidão. Ela recarregou a arma e mirou.

Levana cambaleou para trás dois, três passos, depois se virou e voltou correndo para o palácio, abandonando seu grupo de taumaturgos chocados. Deixando Lobo também, ainda em cima do corpo de Iko, embora ela não estivesse mais se mexendo. Ele estava olhando para Scarlet, o rosto deformado retorcido em reconhecimento e horror.

Por um momento, Cinder se viu imobilizada pelos próprios pensamentos dispersos. Não sabia o que fazer. Iko não estava se mexendo. Ela não sabia se podia confiar em Lobo. A rainha tinha fugido, mas o caminho até o palácio ainda estava bloqueado, e ainda havia taumaturgos suficientes para controlar a maioria dos soldados e dos civis, mas todos estavam chocados, imóveis, tontos com o vídeo...

Um uivo silenciou os pensamentos disparados dela.

Cinder ofegou, sem conseguir dizer de onde veio o som. Não sabia se foi de um dos soldados que se juntou ao lado dela ou se foi de uma das outras matilhas, que Strom mencionou que logo os cercariam.

O uivo foi seguido de outro e de outro. Então, tudo se dissolveu em caos.

CAPÍTULO

Oitenta e três

De pé na plataforma onde tinha sido coroado rei de Luna, Kai cruzou os braços e olhou com irritação para a plateia. Os líderes e diplomatas da União Europeia estavam com expressões pétreas, na tentativa de esconder a raiva que ardia embaixo da superfície. Levana os tinha trancado no salão com guardas do lado de fora de cada porta, junto com centenas de aristocratas lunares, que davam risadinhas dos terráqueos, como se eles fossem animais exóticos: adoráveis e fascinantes e inofensivos.

Ele ouvia os sons distantes de luta e pés correndo, mas eram abafados pelas paredes grossas.

A ameaça de revolta e massacre de milhares de conterrâneos não bastava para atrapalhar a festança. Eles agiam como se estivessem em um circo. Comemorando quando os sons de luta ficaram mais altos lá fora. Fazendo apostas em diferentes taumaturgos e em quem teria as maiores contagens de morte quando acabasse. Fazendo piadas grosseiras sobre quem entre eles ficaria sem casacos de casimira e vinho de mirtilo na próxima estação se os trabalhadores dos setores externos não parassem de brincar de guerra e voltassem a trabalhar, palhaços preguiçosos que eram.

Ouvir isso tudo fez a visão de Kai arder em vermelho. Ele não percebeu que estava apertando as mãos trêmulas em punhos até que Torin tocou seu ombro. Kai levou um susto, se obrigou a abrir as mãos e respirou fundo para se acalmar.

– Eles não fazem ideia – disse ele. – Não sabem como é nos setores externos, não têm gratidão nenhuma pelos trabalhadores que

permitem que eles tenham os luxos que têm. Acreditam que é direito deles tudo o que sempre tiveram.

– Eu concordo, é doentio e talvez até imperdoável – respondeu Torin. – Mas temos que considerar que eles ficaram na ignorância tanto quanto as pessoas dos setores externos.

Kai rosnou. Não estava com humor para sentir empatia por aquelas pessoas.

– Parece que a lua de mel acabou.

– Eu diria que a rainha tem um talento para o drama. – Torin deu um sorriso malicioso para Kai. – E parece que a sobrinha dela também.

Kai sufocou uma pontada de orgulho. Cinder tinha mesmo gosto por fazer uma entrada de impacto.

– O que sabemos?

– Todas as saídas foram fechadas por fora, e, se podemos acreditar nos lunares, tem dois guardas posicionados em cada saída.

– Os guardas são fáceis de manipular, não são? – Kai indicou a plateia. – Esses lunares... você acha que eles conseguiriam controlar os guardas através das portas? Cinder sempre disse que detectava pessoas através de portas, mas não sei se também conseguiria manipulá-las. Mas se pudéssemos fazer alguns desses lunares manipularem os guardas para que abrissem as portas a fim de abrirmos caminho até as docas... talvez pudéssemos levar todo mundo para um lugar seguro.

– As docas ofereceriam abrigo e um potencial de fuga se Linh-dàren fracassar – falou Torin. – Mas não imagino esses lunares escolhendo nos ajudar em momento nenhum.

Kai piscou. Era a primeira vez que ele ouvia alguém se referir a Cinder como Linh-dàren, um título de alta honra.

– Você está certo – disse ele. – Eles não vão nos ajudar, e são idiotas

por isso. Por acaso pararam para pensar por que Levana também os trancou aqui? Eles acham que são invencíveis porque estão sob a proteção dela, mas Levana não liga para eles. Ela vai usá-los com a mesma rapidez com que faria com qualquer pessoa, se achar que vai ajudar sua causa.

Um rugido distante sacudiu o palácio, seguido de gritos graves e furiosos, do que poderiam ser mil vozes. Em seguida, uma chuva de balas.

Kai tremeu. Mesmo sabendo que Levana foi se encontrar com Cinder e com os aliados que persuadiu a se juntarem a ela, não parecia real. Uma revolução, uma batalha... era incompreensível. Mas agora havia armas, e pessoas estavam morrendo, e eles estavam encurralados.

– Isso foi uma bomba! – gritou um representante da Europa Ocidental. – Estão jogando bombas no palácio! Vão matar todos nós!

Um grupo de lunares próximos começou a rir e gritar com imitação de medo:

– *Uma bomba! Ah, pelas estrelas, uma bomba, não!*

Kai apertou os olhos. Ele não sabia se os sons foram causados por explosivos, mas o medo do companheiro lhe deu uma ideia.

O tablet que Levana jogou no chão ainda estava ao lado do altar. Ele foi até lá e juntou as peças. Alguns painéis de plástico tinham se quebrado, e havia um amassado permanente no canto, mas o aparelho ganhou vida quando Kai o ligou.

Mas, quando a tela se acendeu, estava embaralhada e pixelada, cheia de pontos pretos e ícones partidos. Ele falou um palavrão, passou os dedos pela tela, apertou os controles. Nada mudou.

– Vossa Majestade? – Torin se agachou ao lado dele.

Kai mostrou o tablet quebrado.

– O que Cinder faria? Como ela consertaria?

A testa de Torin se franziu.

– Você quer mandar uma mensagem pedindo ajuda?

– Mais ou menos.

Ele enfiou a mão no cabelo, pensando, pensando. Imaginou Cinder na barraca dela na feira. Ela estaria cercada de ferramentas e peças. Saberia o que fazer. Faria...

Ele ficou de pé com a pulsação disparada e bateu o canto do tablet com força no altar. Torin deu um pulo para trás.

Kai olhou de novo e soltou um grito animado. Metade da tela tinha se ajeitado.

Ele abriu uma mensagem.

– Como você fez isso? – perguntou Torin.

– Não sei – disse ele, digitando uma mensagem rápida. – Mas você ficaria surpreso de saber a frequência com que isso funciona.

Uma explosão de gargalhadas chamou novamente a atenção dele para a plateia. Um grupo de lunares tinha formado um círculo ao redor de uma serva que ficou trancada com eles. A garota estava dançando, mas com movimentos desajeitados e esquisitos. Havia lágrimas no rosto dela, apesar de os olhos estarem fechados e a expressão estar contorcida na tentativa de se imaginar em outro lugar. Isso fez o coração de Kai murchar no peito.

De alguma forma, ele soube que essa não era uma ocorrência incomum para a garota. Ele se perguntou se ela já tinha passado um dia inteiro sem a vontade de outra pessoa ser forçada nos membros dela.

– Isso não é valsa! – gritou um lunar, batendo no ombro do companheiro. – Deixe-me tentar. Posso deixá-la bem mais graciosa do que isso.

– Ela precisa de um par, não precisa? – disse outra pessoa. – Vamos pegar um daqueles terráqueos e fazer um teatro de marionetes

enquanto esperamos.

– Ei... que tal aquela moça fofa da Comunidade, a parente da ciborgue? Lembram-se dela, do julgamento? Onde ela está?

Kai ouviu um choramingo. A madrasta e a meia-irmã de Cinder estavam ajoelhadas no chão entre duas fileiras de cadeiras, se abraçando, na tentativa de passarem despercebidas.

Ele afastou o olhar e prendeu o tablet no cinto.

– Já chega – disse ele, andando na direção do grupo – Soltem a criada agora mesmo!

– Ah, parece que o belo imperador também quer dançar.

Os gritos que receberam Kai soaram cruéis, mas, para seu alívio, ninguém tomou o controle do corpo dele, nem quando ele passou o braço ao redor da serva e a envolveu. Ela parou de dançar na mesma hora e despencou contra o corpo dele, exausta.

– Vocês estão falando com seu rei – disse ele, enunciando cada palavra. Ele estava feliz de ainda estar usando a coroa lunar pontuda, apesar de *rei consorte* não ser um título que carregasse muito poder. Mas só podia torcer para que nem todo mundo soubesse disso. – Vocês não parecem compreender a situação. Somos todos prisioneiros nesta sala, cada um de nós. Isso também nos torna aliados, quer nós gostemos ou não. – Ele apontou para a parede dos fundos. – Quando Levana se der conta de que suas forças são inferiores, e *são mesmo*, ela vai recuar. E para onde acham que ela vai?

Ele fixou o olhar nas pessoas mais próximas. Estavam rindo com deboche. Achando graça da fúria de Kai.

– Ela não nos trancou aqui para nossa *proteção* nem porque queria que continuássemos com a festa. Ela está nos deixando aqui como reservas. Quando os guardas morrerem, vocês serão os próximos na linha de defesa. Ela vai usar seus corpos como escudo. Vai transformar vocês em armas. Vai sacrificar todas as pessoas desta

sala e não vai sentir nem uma pontada de remorso, desde que *ela* sobreviva. Não entendem? Ela não liga para vocês. Só quer ter mais corpos à disposição quando precisar.

Os olhos ao redor dele ainda brilhavam. Era impossível saber se suas palavras estavam tendo impacto, mas ele continuou:

– Não temos que ficar aqui parados esperando que ela volte. Com sua ajuda, podemos sair desta sala. Podemos ir todos para o porto real, onde ficaremos em segurança e onde Levana não vai poder nos usar para lutar as batalhas dela.

Um homem não muito longe estalou a língua.

– Ah, pobre e patético rei terráqueo, falando conosco como se fôssemos criancinhas indefesas que vão se curvar a ele só porque usa coroa. Não somos aliados, Vossa Graça, e jamais nos rebaixaríamos a ponto de nos considerarmos *semelhantes* aos seus. Nossa rainha pode ter visto benefício ao fazer de você marido dela e coroá-lo rei, mas, na verdade, você e os seus não são dignos de lavar os vãos entre os dedos dos nossos pés.

A sala explodiu em gargalhadas. O homem que falou riu com desprezo para Kai, enquanto suas palavras eram recompensadas com sugestões gritadas de todos os tipos de outras coisas horríveis de que os terráqueos não eram dignos.

– Tudo bem – rosnou Kai, com tom gelado. – Permitam-me persuadi-los.

Ele soltou o tablet e abriu um mapa holográfico de Luna, ampliando-o acima das cabeças deles. A imagem ocupou o espaço do grande salão, a superfície cheia de crateras da Lua tocando no teto alto. Kai ajustou o mapa para que todos tivessem uma boa visão de Artemísia Central e das oito cidades-setores das redondezas. Depois, iluminou a frota espacial que mandou assumir posição em espaço neutro naquele mesmo dia, sessenta naves que logo responderam à

mensagem dele. Sessenta naves que estavam seguindo caminho na direção da capital de Luna.

– Cada uma dessas naves terráqueas carrega armas capazes de destruir seus biodomos. Temos munição suficiente para reduzir seu país todo a escombros.

Era mentira. Nem todas as naves tinham armas, mas havia o bastante, ele esperava, para provocar danos consideráveis. Para deixá-los com medo. A energia na sala mudou. Os sorrisos ficaram hesitantes. As gargalhadas ficaram inseguras.

– Enquanto vocês estavam ocupados provocando essa pobre criada, eu mandei uma mensagem para meus militares dando a ordem de abrir fogo assim que chegarem ao nosso alcance. Mas vou revogar essa ordem quando meu povo estiver reposicionado em segurança nos portos.

Uma mulher riu, mas foi um som agudo e ansioso.

– Você não ousaria arriscar um ataque enquanto está no palácio! Você e todos os seus amigos terráqueos estariam mortos.

Kai sorriu.

– Você está certa. Eu não atacaria Artemísia Central. Mas, se não estou enganado, a maioria das casas de *vocês* não fica no domo central, fica? A maioria fica nessas cidades-setores, não é?

As naves cintilantes na holografia chegaram mais perto. Mais perto.

Os aristocratas trocaram olhares, mostrando os primeiros sinais de nervosismo. Era como se ainda estivessem desafiando silenciosamente uns aos outros a tentar desmascará-lo, mas ninguém queria ser quem faria isso.

– Se não estou enganado – disse Kai –, temos menos de vinte minutos até as naves chegarem. Se vocês querem ver suas casas novamente, sugiro que ajam rápido.

– Isso não é bom – disse a voz anasalada que Cress tinha passado a chamar, de forma não muito original, de Sinus, o técnico de computação estúpido da rainha.

Sinceramente. Se Sybil a tivesse deixado ficar em Luna, Cress, aos dez anos de idade, conseguiria tirar o emprego desse cara.

– Isso é muito, muito ruim – prosseguiu ele, com a voz tremendo pelo destino fatídico.

– Faça parar – gritou uma voz masculina mais grave. Cress tinha quase certeza de que era o mesmo guarda que fora posicionado no corredor antes.

– Não consigo! O vídeo já foi transmitido. Você quer que eu *destransmita*? – Sinus grunhiu. – Ela... ela vai me matar. A rainha vai mandar me executar por isso.

Segurando um suspiro, Cress se esforçou para mexer o tornozelo. Uma câimbra estava surgindo na panturrilha esquerda, e ela estava com a sensação de que ia aumentar com rapidez se não tivesse oportunidade de alongar o músculo logo. Ela mexeu o tornozelo um pouquinho, mas o movimento suave só lembrou aos músculos como estavam apertados naquela pequena alcova.

O técnico sabia que era tarde demais. Sabia que não poderia impedir a transmissão do vídeo. Por que ainda não tinha *saído* da sala?

– E então? – perguntou o guarda. – Ela deixou mais alguma surpresa para nós?

– De que mais você precisa? Aquele vídeo... a rainha vai... – Ele não terminou, mas Cress sentiu o tremor na voz dele.

Como já tinha visto o vídeo na mansão, Cress sabia que a visão não os abandonaria tão cedo. O rosto marcado de Levana, a órbita ocular

vazia, a orelha cortada. Não era um rosto do qual se afastava o olhar, por mais que se quisesse. Não era um rosto que se esquecia.

E todos tinham visto. Cress esperava que a própria Levana tivesse visto. Ela desconfiava que não seria fácil recuperar o glamour depois de um choque daqueles.

Mas talvez não. Levana praticava sua enganação havia muito, muito tempo.

– Já a pegaram? – perguntou Sinus. – A garota que fez isso? Ela... ela sabia muito bem o que estava fazendo.

O comentário poderia ter deixado Cress lisonjeada se não estivesse em uma posição tão desconfortável. No momento, só queria que eles fossem falar sobre ela em outro lugar. Ainda estava segurando o cabo da arma que lhe dera Thorne, e ele tinha deixado marcas vermelhas incômodas na palma da mão.

– Isso não é problema seu – resmungou o guarda. – Só faça voltar ao normal. E se livre daquele vídeo antes...

Ele não terminou. Não havia *antes*. Eles já estavam no depois.

– Estou tentando – disse Sinus. – Mas as transmissões cruzadas foram todas reestruturadas e eu poderia levar dias para...

Cress parou de ouvir, com a atenção roubada pela câimbra na panturrilha direita. Ela ofegou e envolveu os músculos com as mãos, na tentativa de massagear para afrouxar a contração.

– O que foi isso? – indagou Sinus.

Cress estremeceu e saiu da alcova. Assim que ficou de pé, apontou a arma para o técnico, depois para o guarda e novamente para o técnico. Com aquela voz fraca, ela imaginou um cara não muito mais velho, mas ele parecia ter uns cinquenta anos.

O técnico empurrou a cadeira para trás. O guarda esticou a mão para a arma.

– Não se me... ah! – Cress fez uma careta quando o músculo na

perna se contraiu, e ela caiu na mesa. A quina afundou no quadril ainda dolorido da estátua que tinha caído em cima dela no corredor dos criados. Gemendo, ela se abaixou para massagear o músculo.

Lembrando-se da arma, começou a levantá-la de novo, ao mesmo tempo que o guarda a tirou de sua mão. Cress gritou e tentou pegar de volta, mas a arma já estava longe. Choramingando, voltou a massagear o músculo e levantou a mão vazia em uma rendição exausta.

O guarda manteve a arma apontada para ela.

– Estou desarmada – disse ela docilmente.

Ele não pareceu se importar.

– Você... – Sinus olhou dela para as telas. – *Você* fez isso?

– Sim, senhor. – Ela deu um suspiro de alívio quando a dor começou a passar. – E posso fazer uma sugestão? Eu estava ouvindo vocês conversarem e tenho que me perguntar... Se vocês têm certeza de que Levana vai mandar executar vocês por não conseguirem impedir o vídeo, já pensaram em se juntar ao outro lado?

Os dois ficaram olhando para ela.

Cress fechou as mãos e bateu nas laterais da perna. Ela teria que começar a fazer exercícios de novo. Ou, pelo menos, parar de se esconder em espaços confinados.

– Estou falando sério – disse ela. – Eu conheço a princesa Selene e ela é bem legal. Ela não mandaria executar vocês, principalmente por uma coisa que não foi culpa sua.

– Vou levar você presa – disse o guarda, segurando o cotovelo dela.

– Espere! – gritou ela, incapaz de se soltar da mão dele. – Vocês não vão nem pensar? Prefeririam a execução nas mãos de Levana a... não serem executados?

O guarda deu um sorrisinho quando a afastou da série de invisitelas.

– A rebelião não vai ter sucesso.

– Vai, sim. Levana vai ser destronada e Selene vai ser nossa nova governante e...

Ela foi interrompida por um alarme soando em uma tela do outro lado do centro de controle. O guarda se virou para o som e segurou Cress junto ao peito, como se ela fosse uma ameaça, com a perna com câimbra e o vestido laranja.

– O que está acontecendo agora? – gritou o guarda.

Sinus já estava em frente à tela de alerta. Ele ficou olhando boquiaberto por um momento, e murmurou:

– Eu acho... acho que estamos sendo atacados.

– É claro que estamos sendo atacados!

Sinus balançou a cabeça e aumentou uma holografia. Acima dos domos cintilantes de Artemísia, um regimento de espaçonaves saiu do espaço neutro e se movia com rapidez na direção da cidade.

– Não por civis – disse ele. Uma gota de suor escorreu pela têmpora. – São naves terráqueas militares.

Todos ficaram olhando para as naves, vendo as luzes piscantes chegarem cada vez mais perto. Foi Cress quem organizou os pensamentos primeiro. Ela tentou se empertigar, mas o guarda a segurava com muita força.

– Isso mesmo – disse ela, aliviada por sua voz não estar tremendo. – A princesa Selene se aliou à Terra. Se Levana não se render, estamos preparados para destruir vocês todos.

Ela passou a língua pelos lábios secos e inclinou o pescoço para olhar para o guarda. Torceu para ser convincente quando falou:

– Mas não é tarde demais para vocês se juntarem ao lado vencedor.

CAPÍTULO

Oitenta e quatro

Iko estava começando a entender por que os humanos se encolhiam em posição fetal quando sentiam medo. No chão, de lado, com o nariz encostado nos joelhos e o braço bom em cima da cabeça, ela não queria se mexer nunca mais. Lobo tinha mordido o braço já danificado, e ela percebeu que ele provocara um dano considerável no abdome e nas coxas também, não que estivessem muito bem antes do ataque.

O que ela tinha que atraía garras e dentes afiados? Balas também, na verdade. Era uma injustiça androide que precisava ser resolvida assim que a revolução ficasse para trás.

Uma bota se chocou contra o chão a centímetros de sua cabeça, e ela se encolheu ainda mais. Não queria se levantar. Não queria se mexer. Ela queria uma bateria para se conectar e, em seguida, acordar inteira de novo, depois que Cinder a tivesse consertado e...

Cinder.

Cinder não tinha a opção de ficar deitada em coma no meio da revolução. Cinder estava por aí, em perigo.

Choramingando, Iko ousou baixar o braço e observar os arredores. Para todo o lado, gritos de guerra e berros sobrecarregavam seu sensor de áudio, e o trovejar de passos fazia seus membros tremerem. Ela espiou pela torrente de pernas e armas: primeiro os soldados lobos, depois os homens e mulheres dos setores externos, segurando lanças e facas. Todos correndo para o castelo enquanto os taumaturgos tentavam retomar o controle.

Mas eram muitos, e os lobos eram difíceis de controlar. Era o que

Lobo dizia desde o começo, não era? Os soldados foram feitos para serem soltos na Terra, um suplício de morte e terror. Eles não foram feitos para serem soldados afetados, adequados, bem organizados.

E havia tantos. Mais do que Cinder levou pelos túneis. Iko fez uma careta quando um novo regimento de soldados atacou na confusão, batendo os dentes. Pegando qualquer pessoa que se movesse. Ao redor, mutantes lutavam uns com os outros. Lâminas cortavam gargantas. Lanças afundavam na carne.

– Tudo bem, Cinder – sussurrou ela, se obrigando a se levantar. – Estou chegando.

Seus sistemas internos estavam estragados, seu processador era uma mistura de mensagens misturadas, e ela sentia pelo menos dois fios desconectados soltando fagulhas na barriga. Pegou a arma no chão.

Demorou uma eternidade para encontrar Cinder, se movendo pelo caos com o braço ruim pendurado na lateral do corpo. Iko ficou com a arma em posição e atirava quando achava que poderia salvar alguém, ignorando os rasgos que apareciam como magia nas roupas e pele sintética. O que eram mais alguns arranhões a essa altura, afinal? Pela primeira vez, ela ficou feliz por não ter terminações nervosas. Só esperava que o corpo não fosse se desligar com tantos danos.

Quando chegou a Cinder, não tinha mais balas. Graças às estrelas, Cinder estava longe do fogo cruzado. Algumas das estátuas de pedra no pátio foram derrubadas, e ela estava agachada atrás de uma delas, vendo a batalha como se estivesse esperando a oportunidade certa de entrar.

Iko parou ao lado dela e encostou as costas na estátua.

– Belo discurso mais cedo.

Com um susto, Cinder virou a cabeça e quase esmagou o nariz de Iko com um soco instintivo. Ela parou bem a tempo. Os olhos se

tomaram de alívio.

– Você está bem – ofegou ela. – Lobo?

– Pode estar com problemas de controle de raiva. Scarlet?

Cinder balançou a cabeça.

– Eu a perdi.

Um soldado inimigo apareceu do nada. Cinder empurrou Iko de lado e com o punho de metal bateu a cabeça do soldado na estátua. A estátua rachou, um pedaço de pedra caiu no chão e o soldado desabou, inconsciente.

– Cinder, você está sangrando – disse Iko.

Cinder olhou para o ombro, onde o ferimento com curativo feito na mansão estava sangrando. Ela não pareceu incomodada, e pegou o cotovelo de Iko e a puxou para a proteção que a estátua oferecia.

– Levana voltou para o palácio. Preciso entrar lá.

– Você acha que Kai também está lá?

– Provavelmente.

Iko assentiu.

– Então eu vou com você.

Um grito trêmulo chamou a atenção de Iko para a briga a tempo de ver uma mulher do setor madeireiro virar a faca para si e afundar no próprio peito. Iko arregalou os olhos. Não conseguiu afastar o olhar quando a mulher caiu de joelhos, olhando boquiaberta para as próprias mãos traiçoeiras.

Ao lado dela, Cinder soltou um grito de guerra e correu na direção de um taumaturgo. Pegou uma faca da mão de um guarda antes de ele atacar e no mesmo movimento...

Iko se encolheu. Já tinha testemunhado morte suficiente, mesmo aquele sendo um inimigo.

– Iko, venha!

Ela levantou a cabeça de novo, e viu Cinder pular por cima do

taumaturgo caído e continuar correndo para as portas do palácio. Ainda estava segurando a faca do guarda, mas Iko não sabia quanto do sangue no objeto era novo.

– Certo. Vamos só matar todos os maus. – Iko olhou para a mão inerte, balançou-a um pouco e viu os dedos oscilarem inutilmente. – Bom plano.

Ela se preparou e correu no meio da briga, desviando entre os mortos e os que lutavam. Alcançou Cinder quando ela correu pelas portas abertas do palácio. Iko foi atrás e parou de repente. O olhar subiu e subiu e subiu até o alto da enorme escultura de deusa no meio do saguão.

– Nossa.

– *Iko.*

Ela viu Cinder ofegante do outro lado da estátua, virando a atenção de um lado para outro. A faca suja de sangue ainda estava apertada na mão branca.

– Para que lado você acha que ela foi? – perguntou Cinder.

– Para os portos, para fugir e nunca mais ser vista?

Cinder deu um olhar sério para ela.

– Ou foi pedir reforços?

– Talvez. Precisamos encontrar Kai. Levana vai usá-lo contra mim se puder.

Iko puxou uma trança, feliz de que, por pior que seu corpo estivesse, o cabelo ainda estava bonito.

– A coroação ia acontecer no salão principal. Podemos começar lá.

Cinder assentiu.

– Não tenho mais acesso às plantas do palácio. Você pode ir na frente?

As sinapses internas de Iko trabalharam por alguns momentos antes de computarem as palavras de Cinder. Ela repassou todos os

planos e estratégias, todos os diagramas e mapas que eles tinham elaborado. Levantou a mão boa e apontou:

– O salão é por ali.



Scarlet ouvia a voz da avó, gentil e firme, enquanto a batalha explodia ao redor. Já tinha usado dois pentes e tinha visto mais abdomes rasgados por garras e gargantas destroçadas por dentes do que os pesadelos poderiam ter mostrado. Ainda assim, soldados continuavam chegando. Ela sabia que havia um regimento do lado deles, mas não conseguia nem começar a adivinhar quantos estavam contra, e, independentemente de quantos morressem, sempre haveria mais prontos a substituí-los.

Com medo de atirar em um aliado com todos os civis cobertos de sangue parecendo inimigos, Scarlet se concentrou nos alvos óbvios. Os taumaturgos de casacos cor de vinho e pretos eram fáceis de encontrar na confusão. Cada vez que Scarlet sentia a consciência vindo perturbá-la (era uma vida, uma *vida humana* que ela estava prestes a tirar), via um civil levar uma arma à própria cabeça ou esfaquear um integrante da própria família e escolhia um taumaturgo que estivesse com o rosto contraído de concentração, e todas as inquietações desapareciam.

Segure a arma com as duas mãos, dizia a avó. *Sei que é diferente nas novelas, mas os que fazem as novelas não passam de idiotas. Mire no alvo usando a visão da frente e de trás. Não puxe o gatilho... aperte. Vai disparar quando estiver pronto.*

A taumaturga em quem ela estava mirando cambaleou para trás, com uma mancha escura surgindo no casaco.

Clique. Clique.

Scarlet levou a mão ao bolso de trás.

Vazio.

Ela falou um palavrão. Enfiando a arma na cintura, virou-se e procurou outra arma no chão. Por estar tão concentrada nos inimigos, ficou surpresa ao se ver em um mar de corpos e sangue.

Uma gota de suor escorreu pela têmpora.

Quantos eles tinham perdido? Parecia que a luta tinha acabado de começar. Como havia tantas pessoas mortas? Seus pulmões se encheram de consternação.

Aquilo era um campo de batalhas. Um massacre. E ela estava bem no meio.

Ela soltou o ar e desejou expirar o terror que sentia. A voz da *grand-mère* desapareceu assim que ela guardou a arma. Só havia o som da matança. Berros e gritos de guerra. O fedor de sangue.

Ao ver um machado, ela se inclinou para pegar e só percebeu que a lâmina estava afundada em um corpo quando sentiu resistência. Com uma careta, fechou os olhos, trincou os dentes e o soltou. Não verificou de quem era o corpo em que estava preso.

Estava exausta de todas as formas, exausta a caminho do delírio. Sua atenção se voltou para uma mulher de meia-idade que, a uma primeira olhada, a lembrou de Maha, porém mais velha. A mulher estava tremendo de choque e o braço estava cortado, arrancado por dentes, Scarlet supôs, e ela usava a mão boa para arrastar um homem ferido para um lugar seguro.

Scarlet cambaleou para a frente, segurando o cabo do machado. Deveria ajudá-la.

Ela quis largar o machado, mas seus dedos tremeram, o que foi seu primeiro aviso. Arregalando os olhos, observou a mão. Os nós dos dedos estavam brancos no cabo do machado, apertando-o com mais força. Um tremor percorreu o corpo dela.

Outra pessoa estava no controle de suas mãos.

Mas não pensou em controlar sua língua, pelo menos.

– Saiam de perto de mim! – gritou ela para ninguém em particular. Para qualquer pessoa perto o bastante para ouvir. – *Corram!*

A mulher parou e a encarou. Não havia tempo. As pernas descoordenadas de Scarlet tropeçaram na direção dela, e ela segurou o machado nas duas mãos e o levantou acima da cabeça, os músculos se contraindo com o peso.

– *Corra!* – gritou ela de novo, o pânico apertando sua garganta, a mente sufocada pela terrível realidade de estar sob o controle de um taumaturgo.

O rosto da mulher foi tomado de compreensão, e ela cambaleou para trás. Tentou correr, mas tropeçou.

Scarlet gritou de angústia. A mulher levantou as mãos para se proteger. Scarlet fechou os olhos, afastando lágrimas que não sabia que estavam lá, e os braços golpearam com o machado na direção da barriga da mulher.

O machado parou de repente, no meio do golpe.

Ofegante e com os batimentos disparados, Scarlet ousou olhar para cima.

Uma forma enorme, escura e coberta de sangue parou à frente dela. Scarlet choramingou. De alívio, de gratidão, com mil sentimentos que não podiam ser expressados por palavras.

– *Lobo.*

Os olhos dele continuavam de um verde tão vibrante como sempre, apesar de estarem mais afundados do que antes, resultado do nariz e do maxilar proeminentes.

O braço de Scarlet tentou puxar o machado, mas ele arrancou a arma da mão dela.

Os dedos independentes mudaram de tática e procuraram uma

fraqueza, apesar de não haver muitas. Os polegares foram na direção dos olhos dele.

Lobo a pegou com facilidade, ainda segurando o machado enquanto os braços envolveram Scarlet e prenderam os dela na lateral do corpo. Ela gritou, mas não sabia se era sua própria frustração ou a de um taumaturgo gritando por ela. Suas pernas se debateram e chutaram e pisotearam, com o corpo se contorcendo no aperto de ferro de Lobo. Ele estava imóvel e impiedoso, curvando o corpo ao redor dela como um casulo.

O taumaturgo desistiu e foi controlar uma vítima mais fácil. Scarlet sentiu a libertação como um elástico estalando nos membros. Ela tremeu e derreteu no abraço de Lobo com um soluço.

– Ah, pelas estrelas! – chorou ela, escondendo o rosto no peito dele. – Eu quase... eu teria...

– Mas não fez.

A voz estava um pouco mais rouca, mas ainda era a dele.

Scarlet apoiou as mãos no peito dele, se afastou e o observou. A respiração ainda estava agitada nos pulmões e os sons da batalha ainda ecoavam nos ouvidos dela, mas havia dias que ela não sentia tão pouco medo. Levantou a mão, hesitante no começo, e passou os dedos pelas novas maçãs do rosto proeminentes, pela testa estranha. Lobo fez uma careta. A mesma que ele tinha feito quando ela descobriu as presas dele.

Ela encontrou a cicatriz na sobrancelha esquerda e a cicatriz na boca, e estavam bem onde ela se lembrava, da noite em que o beijou a bordo do trem a caminho de Paris.

– Ainda é você, não é? Eles não... mudaram você?

Ela viu o maxilar dele trabalhando.

– Sim – disse ele, engasgado. E então: – Não sei. Acho que sim. – O rosto dele desmoronou, como se ele fosse começar a chorar, mas não

começou. – *Scarlet.* Estou tão cansado do gosto de sangue.

Ela passou o polegar pelo lábio inferior dele até encontrar um canino afiado.

– Que bom – disse ela. – Não servimos muito sangue na fazenda, então vamos ter que trabalhar na sua dieta. – Ao reparar em uma mancha de sangue seco na bochecha dele, ela tentou limpar, mas logo desistiu. – Você viu Cinder? A gente deveria procurar...

– Scarlet. – A voz dele tremeu de desespero e medo. – Eles me modificaram. Sou perigoso agora. Sou...

– Ah, por favor. Nós não temos tempo para isso.

Ela afundou as mãos no cabelo dele, o mesmo cabelo macio, denso, desgrenhado, e o puxou para perto. Não tinha certeza de como seria um beijo, e foi diferente e desajeitado naquele momento apressado e roubado, mas ela tinha confiança de que eles poderiam melhorar depois.

– Você *sempre* foi perigoso. Mas é meu alfa e eu sou a sua, e isso não vai mudar porque alteraram seus dentes. Agora, venha. Nós temos que...

Atrás de Lobo, um soldado soltou um grito de dor e caiu no chão, sangrando de vários ferimentos diferentes. Lobo puxou Scarlet para trás e a protegeu. Havia sangue cobrindo sua lateral, e ela lembrou que Iko tinha atirado nele, mas ele mal parecia perceber o ferimento.

Ela olhou de novo, verificando as armas, os membros, os corpos.

Menos caos do que antes. A batalha estava começando a resfriar.

Não havia tanta gente para lutar, e mesmo assim ela enxergou taumaturgos reunidos ao longe. Alguns tinham morrido, certamente, mas eles permaneciam numerosos. Era fácil demais tomarem controle dos civis, e com os soldados lobos os mantendo ocupados...

Era possível que eles estivessem perdendo?

Um civil controlado se aproximou dela correndo, com uma lança

acima da cabeça. Lobo o empurrou para longe e partiu a lança no meio antes que Scarlet reagisse. Virando-se, ele rosnou e puxou Scarlet para o lado momentos antes de uma faca cortar o ar. Com um único movimento do punho de Lobo, o homem caiu inconsciente. Embora ainda estivesse segurando o machado, Lobo não o levantou. Afinal, eles eram aliados, mesmo se tornando armas para o inimigo.

Quanto mais caíssem, mais fácil seria para os taumaturgos tomarem o controle...

– Fique abaixada! – gritou Lobo, empurrando Scarlet para o chão e se encolhendo em cima do corpo dela. Um escudo vivo. O instinto dele ainda estava presente, pelo menos. O desejo de protegê-la acima de tudo.

Essa era toda a confirmação de que ela precisava.

Sentindo-se mais segura do que deveria, Scarlet ficou abaixada e verificou, no caos, se encontrava algum sinal de Cinder ou de Iko ou de Alfa Strom ou...

Ela viu um soldado lobo que não reconheceu prestes a se jogar neles.

– Lobo!

Lobo rosnou e mostrou os dentes.

O soldado hesitou. Farejou o ar uma vez, olhou de Lobo para Scarlet e para Lobo novamente. Em seguida, virou-se e saiu correndo para procurar outra vítima.

Depois de umedecer os lábios secos, Scarlet colocou a mão no cotovelo de Lobo.

– Nós estamos perdendo? – perguntou ela, tentando contar, mas era impossível saber quantos soldados lobos eram deles e quantos eram de Levana. Ela sabia que os civis estavam morrendo cada vez mais rápido, com a balança se virando a favor dos taumaturgos.

– Não por muito tempo – disse Lobo.

Ela inclinou a cabeça para cima. Os olhos dele ainda brilhavam perigosamente, procurando ameaças imediatas.

– O que você quer dizer?

O nariz dele tremeu.

– A princesa Winter está perto e... trouxe reforços.

CAPÍTULO

Oitenta e cinco

– Estamos quase lá – disse Iko, quando ela e Cinder seguiram pelo corredor principal do palácio.

Elas ainda ouviam os sons da batalha ao longe, mas o palácio estava em silêncio em comparação. Não havia sinal de Levana desde que elas entraram, e Iko quase esperava que a rainha maluca pulasse de um esconderijo e tentasse perfurá-las com os sapatos de saltos finos.

Ver Levana nos degraus do palácio foi a primeira vez que Iko colocou os olhos na rainha lunar, e o rosto deformado fez a androide desejar não ser imune a glamour. Depois de anos ouvindo sobre a famosa beleza da rainha, a verdade foi uma grande decepção.

Mas a verdade foi revelada. Graças ao vídeo de Cinder, todo mundo sabia o que se escondia embaixo da ilusão. Com sorte, elas encontrariam a rainha enquanto ainda estivesse abalada com a revelação.

Cinder apertou a faca suja de sangue.

– Dois guardas à frente.

Elas dobraram a esquina, e ela estava certa: havia dois guardas na frente de um par de portas decoradas, com armas enormes já apontando para elas.

Iko parou e levantou a mão boa em uma demonstração de inocência. Tentou dar um sorriso doce, mas, com a orelha cortada e um músculo na bochecha em espasmos, não estava se saindo da melhor maneira.

De repente, o reconhecimento soltou fagulhas no processador dela.

– *Você!* – gritou ela. – Ele... ele é o cara que salvou Winter.

Embora o guarda estivesse imóvel, provavelmente graças a Cinder, o rosto estava livre para se contorcer de repulsa quando seu olhar percorreu o corpo maltratado de Iko, com fios mortos, partes soltas e tudo.

– E você é aquela robô horrível.

Iko se irritou.

– O termo correto é *androide-acompanhante*, seu ignorante, mal-educado...

– Iko.

Ela fechou a boca, embora as sinapses ainda estivessem pegando fogo.

Cinder inclinou a cabeça para o lado.

– Então foi você quem matou o capitão da guarda de Levana?

– Matei – disse ele.

O segundo guarda rosnou, olhando alternadamente para o companheiro e para Cinder.

– *Traidor.*

Uma gargalhada baixa e sem humor ecoou pela garganta do primeiro guarda; Kinney, Iko lembrou.

– Você está desperdiçando energia ao me controlar. Não tenho intenção de atirar em você.

– Tudo bem – disse Cinder, mas Iko percebeu que ela não confiava nele. – Enquanto você não tentar nos machucar, não vou ter motivo para manipular você.

Não era bem uma concessão. Se ele tentasse qualquer coisa, Iko sabia que Cinder poderia detê-lo.

Os músculos nos braços de Kinney relaxaram.

– Então você é a ciborgue que está causando tanta confusão.

– Uau – refletiu Iko. – Ele é bonito *e* inteligente.

O nariz franzido dele a fez se perguntar se ela estava começando a exagerar no sarcasmo, mas seu ego ferido a deixou furiosa. Tinha se acostumado às pessoas olhando para ela como se fosse humana. Não só humana, mas *bonita*. Mas agora estava limitada, com um braço inerte e tecido de pele destroçado e sem a orelha, e tudo o que aquele guarda via era uma máquina quebrada.

Não que a opinião dele importasse. Ele era um cretino.

Exceto por aquela história de salvar a vida de Winter, o que deveria ter sido um golpe de sorte.

– Levana está aí dentro? – perguntou Cinder, indicando as portas fechadas.

– Não, só os convidados da coroação. Nossas ordens foram de detê-los até a rainha ou um taumaturgo os soltar... Desconfio que ela esteja se preparando para massacrar todos os terráqueos se vocês não se renderem.

– É a cara dela – disse Cinder. – Mas duvido que ela tenha forças para fazer glamour em tantas pessoas ao mesmo tempo agora. Se tivesse, acho que teria vindo direto para cá.

Kinney franziu a testa, especulativo. Talvez ele não tenha visto o vídeo. Não sabia que a verdade por baixo do glamour de Levana tinha sido revelada.

– Para que outro lugar ela iria? – perguntou Cinder. – Se ela quisesse me atrair para algum lugar, um lugar em que se sentisse segura e poderosa.

Ele deu de ombros.

– Para a sala do trono, eu acho.

Cinder contraiu o maxilar.

– Foi onde aconteceu o banquete da outra noite? Com a varanda acima do lago?

Kinney tinha começado a assentir, quando o segundo guarda virou

a cabeça para trás e cuspiu. *Cuspiu* mesmo naquele piso lindo.

– Ah! – gritou Iko. – Seu bárbaro!

– Quando ela pegar você – rosnou o guarda –, minha rainha vai comer seu coração com sal e pimenta.

– Bem – disse Cinder, despreocupada –, meu coração é parcialmente sintético, então é provável que ela tenha indigestão.

Kinney pareceu quase achar graça.

– Nós, guardas, costumamos ser bem tratados aqui. Você vai ver que muitos de nós vão permanecer leais a Sua Ma... a Levana. – O nome de batismo da rainha saiu com constrangimento, e Iko se perguntou se ele já o tinha dito antes.

– E por que você não? – perguntou Cinder.

– Alguma coisa me diz que vou gostar mais da sua proposta. – O olhar dele se desviou para Iko. – Mesmo você andando com umas companhias estranhas.

Ela bufou.

Dando um passo à frente, Cinder desarmou o segundo guarda e ficou com a arma dele para si.

– Talvez quando isso acabar eu os convença de que também pretendo tratar vocês bem.

Cinder se virou, e Iko viu o conflito nos músculos do rosto dela.

– Fique com Kai. Caso ela envie um taumaturgo atrás deles, quero alguém aqui que não possa ser controlado. E tente tirá-lo daqui, junto com qualquer terráqueo. – Ela inspirou fundo. – Eu vou atrás de Levana.

– Não, espere – disse Iko. – Eu deveria ir com você.

Ignorando-a, Cinder apontou o dedo para Kinney.

– Se você é leal a mim, então vai ser leal ao imperador terráqueo. Proteja-o com sua vida.

O guarda hesitou, mas levou um punho ao coração.

Com a nova arma em uma das mãos e a faca na outra, Cinder se virou e começou a correr na direção de onde elas tinham vindo.

– Cinder, espere! – gritou Iko.

– Fique com Kai!

– Mas... *tome cuidado!*

Assim que Cinder dobrou a esquina, Iko se virou para os dois guardas, na hora em que o segundo guarda se deu conta de que tinha controle do próprio corpo de novo. Com o olhar sombrio, ele levantou uma arma e mirou em Iko.

Kinney bateu na cabeça dele com a coronha do fuzil. Iko deu um pulo para trás quando o guarda caiu de cara no chão.

– Acho que eu devia ir com ela – disse Kinney.

Rosnando, Iko passou por cima do guarda caído e apontou um dedo para o peito dele.

– Eu a conheço há bem mais tempo que você, moço, e, se tem um de nós que deveria ir com ela, esse alguém sou *eu*. Agora, abra as portas.

Uma sobrancelha escura e grossa foi erguida. Ela percebeu que ele lutava para dizer alguma coisa ou *não* dizer nada. Ele desistiu e se virou, empurrando a barra que atravessava a porta. Ele abriu a passagem.

Iko deu dois passos para dentro do salão e parou.

O recinto não estava cheio de centenas de aristocratas lunares e líderes terráqueos e seu lindo imperador. Na verdade, só uns dez lunares vestidos com cores vibrantes ocupavam um canto do ambiente. O chão estava cheio de cadeiras, muitas viradas, e mal havia espaço para andar, dificultando a travessia.

– Ele nos obrigou! – gritou uma mulher lunar, chamando a atenção de Iko. – Nós não queríamos ajudar os terráqueos, mas ele ameaçou bombardear a cidade. Ah, por favor, não contem para a rainha.

Iko olhou para trás, mas, a julgar pela forma como a boca de Kinney estava aberta, ele estava tão surpreso quanto ela. Ela começou a abrir caminho por entre as cadeiras, e ocorreu-lhe que a pessoa que as espalhou fez de forma intencional, para desacelerar qualquer um que tentasse persegui-los.

Quando se aproximaram, Iko viu uma porta aberta atrás de um altar enorme; uma cortina fechada a manteria escondida normalmente.

– Aquela porta leva ao corredor dos criados – disse Kinney. – Mas também devia estar vigiada.

– Ah, você está com aparência *terrível*! – berrou a primeira mulher, cobrindo a boca ao observar os ferimentos de Iko. – Por que alguém faria um glamour para ficar *assim*?

Antes que Iko elaborasse uma resposta indignada, Kinney disse:

– O imperador Kaito está levando os outros terráqueos para os portos?

Os lunares assentiram e alguns apontaram para a porta.

– Por ali – disse a mulher desagradável. – Você vai conseguir pegá-los se correr. E não se esqueça de dizer para Sua Majestade que *nós* ficamos aqui!

Eles a ignoraram e correram para a porta.

Iko começou a procurar o caminho mais direto para o porto, mas ficou óbvio que Kinney sabia que caminho seguir, então ela permitiu que ele fosse à frente. Eles não estavam correndo havia muito tempo, quando o sensor de áudio dela captou vozes ecoando no corredor.

Eles dobraram uma esquina, e Iko viu a fonte do barulho à frente: havia centenas de aristocratas lunares organizados em uma fila confusa, esperando para passar por uma porta até uma escada que os levaria para baixo, para os subníveis embaixo do palácio.

Em meio à falação, a entrada de áudio dela reconheceu uma voz.

Kai.

Ela acelerou. Os lunares, que só repararam nela quando chegou logo atrás deles, gritaram de surpresa, e muitos se jogaram contra a parede para deixar que ela passasse.

– Kai!

A multidão se moveu. Kai e seu conselheiro, Konn Torin, estavam ao lado da porta que levava à escada, pedindo às pessoas que fossem mais rápido, que mantivessem o ritmo.

O olhar dele se encontrou com o dela. Alívio. Felicidade.

– Iko?

Ela se jogou nos braços de Kai, pela primeira vez sem se importar com os painéis queimados na lateral do rosto nem com os buracos no tronco. Ele retribuiu o abraço.

– Iko. Graças às estrelas.

Com a mesma rapidez com que a abraçou, ele a afastou e olhou para trás dela, mas sua alegria sumiu quando só viu Kinney ao lado.

– Onde está Cinder?

Iko também olhou para trás. Kinney estava olhando com desprezo para a mão de Kai no braço quebrado de Iko. Ela apertou os lábios e também fez expressão de desprezo.

– Ela está procurando Levana. Achamos que foi para a sala do trono.

– Sozinha?

Iko assentiu.

– Ela queria que eu viesse ver se você estava bem.

Dando um suspiro frustrado, Kai empurrou Iko e Kinney para a parede, abrindo caminho para os lunares que ainda esperavam para descer.

– Estamos levando todo mundo para os portos de naves espaciais. Vai ser o lugar mais seguro enquanto a luta continuar, e vai afastar

qualquer possível marionete das mãos de Levana. – Ele apertou a mão de Iko, e os fios dela zumbiram de prazer. – Acha que consegue abrir os portais para deixar as naves saírem se eu levar você lá para baixo?

Kinney respondeu antes dela.

– Eu sei o código de acesso.

Iko se virou para ele.

– Eu fiz treinamento de piloto – disse ele, dando de ombros com indiferença.

Kai fez um gesto de apreciação com a mão, e, se estava impressionado ao receber a ajuda de um guarda real, não demonstrou.

– Então vamos terminar isso e vamos procurar Cinder.

CAPÍTULO

Oitenta e seis

Jacin estava segurando a mão dela com os dedos fortes e tensos, como se tivesse medo de que ela fosse desaparecer caso ele afrouxasse o aperto. Eles saíram com uma multidão de gente dos túneis dos trens em Artemísia Central. O lar da infância de Winter. De Jacin também. Ela se sentia um fantasma. Sentia-se uma conquistadora.

Eles demoraram horas para atravessar Luna, visitando dezenas dos setores mais próximos, espalhando a história da sobrevivência de Selene e o chamado às armas, e pedindo às pessoas para se juntarem a eles. Foi preciso menos persuasão do que ela esperava. Já estimulados pelo vídeo que Cinder transmitira e irritados pela tentativa de Levana de assassinar a princesa (de novo), as pessoas estavam em frenesi quando Jacin e Winter chegaram e deram a notícia. Muitas já estavam a caminho da capital.

Assim que ela e Jacin saíram na superfície, as pessoas foram correndo para o palácio, rugindo e segurando as armas. Winter tentou acompanhá-las, mas o aperto de Jacin aumentou e a puxou para o lado dele, mantendo-a protegida da multidão.

O pátio em frente ao palácio já era um depósito de cadáveres, apesar de ainda haver gente se esforçando para continuar na batalha. Um batalhão de taumaturgos e incontáveis lobos não perdeu tempo e partiu para cima dos recém-chegados, e os gritos corajosos de guerra das linhas de frente logo viraram berros. Ainda havia mais gente vindo, saindo dos túneis e ocupando as ruas, e Winter reconheceu muitos dos seus próprios soldados tentando arrancar os mutantes de

cima dos aliados. A confusão reinava. Civis controlados por taumaturgos viravam inimigos, e às vezes era impossível saber quais dos soldados lobos estavam do lado deles.

Garras abriram o peito de uma pessoa.

Uma bala rasgou a lateral do rosto de uma mulher.

Uma lança empalou o abdome de um homem.

Uivos de dor e de vitória, indistinguíveis. O odor forte de sangue. Mais pessoas chegavam e chegavam e chegavam. As pessoas que ela levara até ali.

A cabeça de Winter doía com aquilo tudo. Os pés estavam grudados no chão. Ela estava feliz por Jacin tê-la segurado.

– O palácio vai ficar encharcado de sangue – sussurrou ela. – As águas do lago Artemísia vão ficar vermelhas, e até os terráqueos vão ver.

Os olhos de Jacin se tomaram de preocupação.

– Winter?

Ela mal ouviu Jacin em meio à algazarra dentro do crânio. Afastando-se dele, cambaleou para a frente e desabou em cima do corpo de um dos soldados lobo. Havia familiaridade na posição do maxilar, nos olhos mortos olhando para o alto.

Afastando uma mecha suja de sangue da testa do homem, Winter começou a chorar.

Era Alfa Strom.

E era culpa dela, *culpa dela* ele estar ali. Winter lhe pediu para lutar por ela, e agora ele estava morto, e...

Jacin segurou o braço dela.

– Winter, o que você está fazendo?

Ela caiu chorando em cima do corpo de Strom.

– Eu estou morrendo – choramingou ela, afundando os dedos no tecido imundo da camisa de Strom.

Jacin falou um palavrão.

– Eu sabia que isso era má ideia. – Ele a puxou, mas ela arrancou o braço da mão dele e observou a batalha furiosa ao redor.

– Eu estou destruída – disse ela. A bochecha estava coberta de lágrimas, misturadas com todo aquele sangue. – Não sei nem se uma pessoa sã consegue se recuperar. Então, como eu poderia?

– É precisamente por isso que deveríamos ir. Venha.

Desta vez, ele não deu escolha, passou as mãos debaixo dos dois braços dela e a puxou para que ficasse de pé. Winter escorregou para perto dele e permitiu que ele a encaixasse no corpo. Um grito surpreendente chamou a atenção dela novamente para o palácio, e ela viu os taumaturgos fugindo para dentro. Muitos tinham sido vencidos e estavam mortos ou morrendo na escada do palácio. Eles foram dominados. Havia gente demais para os asseclas da rainha os controlarem, como Cinder esperava que acontecesse.

Exércitos estavam caindo... dos dois lados.

Tantas mortes.

Animadas pela vitória, as pessoas correram para o palácio, entrando pelas enormes portas e correndo atrás dos taumaturgos.

Winter notou um vulto de cabelos ruivos e seu coração saltou.

– *Scarlet!* – gritou ela, lutando contra Jacin, embora ele a segurasse com firmeza. – Não, Scarlet! Não entre lá! As paredes estão sangrando! – Suas palavras viraram choro, mas deu certo. Scarlet se virou e olhou. Procurou na multidão quem tinha dito seu nome.

Jacin arrastou Winter para baixo do toldo de uma loja de vestidos e a encostou no abrigo da porta.

– Não é seguro! – gritou Winter, esticando a mão para além dele, na direção da amiga, mas não conseguia mais ver Scarlet na confusão. Ela olhou nos olhos de Jacin, que estavam em pânico. – Não é seguro lá dentro. As paredes... o sangue. Ela vai se machucar e vai morrer e

todos vão morrer.

– Tudo bem, Winter. Se acalme – disse ele, acariciando o cabelo de Winter. – Scarlet é forte. Ela vai ficar bem.

Ela choramingou.

– Não é só Scarlet. Todo mundo vai morrer, e ninguém sabe, ninguém vê, só eu... – A voz dela falhou, e ela começou a soluçar. Histericamente. Winter desabava, mas Jacin a segurou e a puxou contra si, deixando que chorasse em seu peito. – Eu vou perder todos eles. Eles vão se afogar no próprio sangue.

Os sons de luta estavam distantes e abafados dentro das paredes do palácio, substituídos nas ruas e no pátio pelos gemidos de morte e tosse sangrenta. A visão de Winter estava borrada quando ela olhou por cima do ombro de Jacin. Na maior parte, eram corpos e sangue, mas havia algumas pessoas andando. Algumas dezenas de pessoas seguindo caminho em meio à destruição. Tentando cuidar dos que ainda estavam vivos. Tirando corpos de cima de outros corpos. Uma garota de avental surpreendentemente limpo arrancou os botões do casaco preto de um dos taumaturgos.

– Eu deveria ter deixado você com os lenhadores – murmurou Jacin.

A garota de avental reparou neles, levou um susto e saiu correndo para o outro lado do pátio, para remexer nos bolsos de outras vítimas. Uma serva da cidade, supôs Winter, embora não a reconhecesse.

– Eu poderia ter sido você – sussurrou Winter na direção dela. Os dedos de Jacin afundaram nas costas dela. – A filha humilde de um guarda e uma costureira. Eu deveria ter sido ela, pilhando restos. Não da realeza. Não isto.

Segurando o rosto dela com as duas mãos, Jacin a obrigou a olhá-lo.

– Ei – disse ele, meio severo e gentil ao mesmo tempo. – Você é minha princesa, certo? Sempre seria minha princesa,

independentemente de como nasceu, independentemente de com quem seu pai se casou.

Os olhos dela estavam embaçados. Ela levantou a mão e dobrou os dedos nos antebraços de Jacin.

– E você sempre vai ser meu guarda.

– Isso mesmo. – Um toque levíssimo. O polegar calejado dele na têmpora dela. O corpo todo de Winter tremeu. – Venha. Vou tirar você daqui.

Ele começou a se afastar, mas ela afundou os dedos no braço dele com força.

– Você precisa ajudar Selene, Scarlet e o resto.

– Não. Ou ela está ganhando ou está perdendo. Minha presença não vai fazer diferença a essas alturas. Mas você... eu posso cuidar de você. Pela primeira vez.

– Você sempre cuida de mim.

Os lábios dele se apertaram e ele voltou a atenção para as cicatrizes dela antes de afastar o olhar. Estava prestes a falar de novo quando Winter percebeu um movimento.

A criada de avental tinha se aproximado e estava com um olhar vazio no rosto. Ela levantou uma faca ensanguentada acima da cabeça.

Winter ofegou e puxou Jacin para o lado. A ponta da faca roçou a parte de trás do braço dele e rasgou a camisa. Rosnando, ele se virou contra a agressora e segurou o pulso dela antes que pudesse golpear de novo.

– Não a machuque! – berrou Winter. – Ela está sendo manipulada!

– Eu reparei – grunhiu ele, puxando os dedos da mulher até ela soltar a faca. Caiu com um estalo no piso de pedra. Jacin a empurrou e ela desabou de lado.

No mesmo movimento, Jacin puxou as tiras do ombro que

prendiam a arma e a faca, e jogou o mais longe que conseguiu na pista de obstáculos de corpos. Antes que fossem usadas contra eles. Antes que suas próprias mãos virassem armas contra ele.

– Espero que você não ache que *isso* vá fazer diferença.

Choramingando, Winter se encostou na porta.

Aimery. Ele estava de pé na rua... sem sorrir. Pela primeira vez, sem nem fingir sorrir. Não arrogante, nem cruel, nem provocador.

Ele parecia desequilibrado.

A criada, liberada do controle dele, se afastou de quatro o mais rápido que pôde em uma viela. Winter ouviu o rastejar dela virar uma corrida apressada. Aimery a deixou ir. Nem olhou para ela.

Jacin se posicionou entre Winter e Aimery, embora ela não soubesse por quê. Aimery poderia ter obrigado Jacin a chegar para o lado com um leve pensamento. Aimery poderia brincar com eles como se fossem peões em um jogo de damas.

– Como você é inútil com seu dom – disse Aimery, os olhos escuros em chamas. – Talvez você não entenda que não precisamos de armas e facas para provocar danos. Quando se tem o poder que tenho, o mundo todo é um arsenal, e tudo nele é uma arma.

Aimery enfiou as mãos nas mangas, embora não estivesse com a compostura de sempre. A expressão era exausta e raivosa.

– Você poderia ser estrangulado com o próprio cinto – continuou ele, falando devagar. – Poderia se empalar com um garfo. Poderia enfiar os próprios polegares nos olhos.

– Você acha que *eu* não sei o tipo de coisa que você é capaz de fazer? – O corpo de Jacin estava rígido, mas Winter achava que Aimery ainda não tinha tomado o controle dele.

Ainda não.

Mas poderia.

Ali estava o sorriso de pesadelo de Aimery, mas misturado a uma

expressão de desprezo.

– Você é tão inferior a mim quanto um rato. – Ele voltou a atenção para Winter. Seu lábio se curvou de repulsa. – Mesmo assim, ela fez a escolha dela, não fez?

O coração de Winter pulava na caixa torácica, as palavras de Aimery ecoando no crânio confuso. *Estrangular. Empalar. Enfiar.*

Ele faria isso. Ainda não. Mas, depois, sim.

Um arrepio percorreu a pele dela, pelo puro ódio que Winter viu no rosto de Aimery.

– Você deveria ter me aceitado quando teve a chance – retrucou ele.

Ela tentou engolir, mas sua saliva parecia pastosa.

– Eu poderia – disse ela. – Mas não teria sido mais real do que as visões que me afligem.

– Então você escolheu um guarda patético.

Os lábios dela tremeram.

– Você não entende. Ele é a única coisa que é real.

A expressão de Aimery ficou sombria.

– E logo ele estará morto, princesinha. – Ele cuspiu o título dela como se fosse um insulto. – Real ou não, eu vou ter você. Se não for como esposa ou amante por vontade própria, então como uma posse para ser exibida em uma bela caixa decorada. – Seus olhos assumiram um tom de loucura. – Eu esperei anos demais para perdê-la assim agora.

Jacin estava de costas para Winter, os ombros contraídos. Um filete de sangue desceu pelo cotovelo e pingou do pulso. Caiu no chão abaixo. Ele estava impotente para fazer qualquer coisa além de ficar ali e dizer coisas frias e cruéis, e torcer para ninguém perceber o quanto ele realmente estava assustado e frustrado.

Mas Winter sabia. Ela tinha vivido a vida com aquele medo.

Aimery pareceu satisfeito ao olhar novamente para Jacin.

– Estou esperando isso desde que você foi levado perante a corte. Eu deveria ter visto você sangrar no piso da sala do trono naquele dia.

Winter tremeu.

– Deve ter sido uma decepção tão grande para você – disse Jacin.

– Foi mesmo – concordou Aimery. – Mas acho que vou apreciar esse momento mais ainda. – A bochecha dele tremeu. – Como vai ser? Pela minha mão? Pela sua? – Os olhos dele brilharam. – Pela *dela*? Ah... como ela ficaria inconsolável em ser o instrumento da morte do amado. Talvez eu faça com que ela bata na sua cabeça com uma pedra. Talvez eu a mande sufocar você com esses dedos bonitos.

Ela foi tomada de náusea.

Jacin...

Jacin.

– Gostei bastante dessa ideia – refletiu Aimery.

As mãos de Winter tremeram. Ela não sabia se estrangulariam, sufocariam, bateriam ou empalariam. Só sabia que Aimery a dominava, e que Jacin estava em perigo, e que esse era o fim. Não havia área indefinida. Não havia vencedores. Ela era uma tola, tão tola, tão tola.

Winter manteve os olhos bem abertos contra as lágrimas quentes.

Jacin se virou para encará-la quando as mãos envolveram seu pescoço. Os polegares dela pressionados contra a pele da garganta dele. Houve um ofego e, se ele quisesse empurrá-la, Aimery não deixaria.

Winter não podia olhar. Não podia assistir. Estava chorando descontroladamente, e a sensação horrível da garganta de Jacin debaixo dos polegares dela era horrível demais, frágil demais...

Um brilho vermelho surgiu entre as lágrimas que se acumulavam.

Era Scarlet, chegando por trás de Aimery. Esgueirando-se entre os

corpos caídos. Com uma faca na mão.

Ao perceber que Winter a tinha visto, Scarlet levou um dedo aos lábios.

Aimery virou a cabeça.

Não na direção de Scarlet, mas na direção de uma figura enorme, rugindo.

Aimery riu e balançou a mão no ar. Lobo estava a alguns passos de distância quando caiu, uivando de dor.

– Eu sou o taumaturgo da própria rainha! – gritou Aimery, seus olhos ardendo enquanto olhava com desprezo para o corpo de Lobo, se contorcendo. – Você acha que não o sinto se aproximando de mim? Acha que não sou capaz de lutar contra um mutante patético, um guarda de mente fraca e uma *terráquea*?

Ele se virou para olhar para Scarlet. Ela ainda estava a alguns passos de distância dele e parou, com os dedos apertando o cabo da faca.

O sorriso de Aimery sumiu. Sua testa tremeu quando ele se deu conta de que a bioeletricidade ao redor do corpo de Scarlet já tinha sido tomada por alguém.

Ele apertou os olhos e procurou no campo de mortos onde eles estavam, mas não havia ninguém ali para controlar Scarlet. Ninguém que superasse os poderes dele. Exceto...

Scarlet chegou mais perto. O andar era manco e desajeitado. O braço tremeu quando ela ergueu a faca.

Aimery deu um passo para trás, e sua atenção se voltou para Winter. No momento em que ele foi distraído por Lobo, o pobre e torturado Lobo, ele soltou as mãos e a mente de Winter. Jacin ainda estava massageando o pescoço e lutando para respirar, e Winter...

Winter estava olhando para Scarlet. Horrorizada. Tremendo. Mas determinada.

Jacin soltou a mão e deu um tapa na cara de Winter. Ela se chocou

contra a parede da loja, mas não sentiu a força do golpe. Seu foco estava em Scarlet, só Scarlet, Scarlet e a faca.

Winter estava chorando e se odiando. Estava arrasada e se sentindo cruel, mas não hesitou e forçou Scarlet a entrar em batalha. Aimery cambaleou para trás de novo e levantou as mãos em defesa. Scarlet pulou em cima dele. Aimery tropeçou na perna de um civil morto e caiu para trás. Scarlet caiu de joelhos ao lado dele e se adiantou. Seus olhos estavam confusos, a boca estava frouxa de descrença, mas o corpo agiu com perversidade e determinação quando enfiou a faca na carne dele.

CAPÍTULO

Oitenta e sete

A realidade se desintegrou. O mundo era formado por mil pixels indefinidos se partindo, deixando espaços pretos no meio, depois se juntando com fagulhas cegantes.

Winter se encolheu o máximo que pôde na porta da loja da via principal de Artemísia. Os braços trêmulos formaram um escudo protetor ao redor do corpo, e os pés se encurvaram com força. Ela perdera um sapato. Não sabia como nem quando.

Aimery estava morto.

A amiga Scarlet o esfaqueou nove vezes.

Winter o esfaqueou nove vezes.

A querida Scarlet. A selvagem, teimosa e dona de uma mente fraca Scarlet.

Depois que ela começou, Winter não conseguiu detê-la. *Nove vezes.* Fazia anos que não manipulava ninguém, e nunca com intenções violentas. Aimery, em sua determinação de domar todos com seu dom, só tentou fugir depois da segunda facada. Mas então Winter já tinha se perdido. Não conseguia detê-la. Só pensava em apagar para sempre aquele sorriso horrendo e encantador. Em destruir a mente dele, para não ser obrigada a colocar as mãos no pescoço de Jacin de novo e terminar o que começou.

E Aimery estava morto.

As ruas estavam cheias do sangue dele. Fediam com o odor.

– O que há de errado com ela? – gritou uma voz distante. – Por que ela está agindo assim?

– Dê um espaço a ela.

Essa ordem foi seguida de um grunhido. Jacin? Será que era o guarda dela, tão próximo, sempre tão próximo?

Jacin foi quem agarrou Scarlet e arrancou a faca dela, interrompendo a força de Winter sobre a garota. Se não fosse assim, ela sabia que teria continuado a esfaquear e esfaquear e esfaquear, até Aimery não ser nada além de pedacinhos de carne e sorriso.

A cabeça de Winter estava cheia de distrações, coisas demais para compreender. A placa da loja balançava. Havia uma cortina rasgada atrás do vidro quebrado. Buracos de bala nas paredes. Tetos afundados. Vidro estilhaçado debaixo dos pés dela.

– Temos que encontrar Cinder. – A voz era insistente, mas apavorada. – Temos que ver se ela está bem, mas não posso... não quero deixar Winter...

Winter arqueou as costas e enfiou as unhas nos cabelos, ofegando por uma overdose de sensações. Cada centímetro de sua pele era uma colmeia de abelhas picando.

Braços a envolveram. Ou talvez estivessem ali havia muito tempo. Ela mal conseguia senti-los fora do casulo que erigiu, apesar de estar coberto de fraturas finas.

– Está tudo bem. Estou com Winter. Vão.

Um casulo.

Um envoltório de gelo.

Um cinto de espaçonave a estrangulando, a tira cortando sua pele.

– Vão!

Winter agarrou as tiras, tentando se soltar. Os mesmos braços fortes tentaram segurá-la. Tentaram impedir que ela se debatesse. Ela bateu os dentes, e o corpo se afastou. Ela foi tirada da porta, os corpos foram reposicionados, para que os braços pudessem controlá-la sem estarem em perigo. Ela lutou com mais força. Chutou e se contorceu.

E gritou.

esfaqueando e esfaqueando e esfaqueando e esfaqueando e esfaqueando e esfaqueando e

Sua garganta ardia.

Talvez ela estivesse gritando havia muito tempo.

Talvez o som estivesse aprisionado dentro do casulo, preso como ela. Talvez ninguém fosse ouvi-la. Talvez ela fosse gritar até a garganta sangrar e ninguém saberia.

Seu coração se partiu em dois. Ela era um animal. Uma assassina e uma predadora.

Os gritos viraram uivos.

Uivos tristes e arrasados.

Uivos assombrados e furiosos.

– Winter? Winter!

Os braços ao redor dela eram incansáveis. Ela achou que talvez houvesse uma voz, familiar e gentil, em algum lugar ao longe. Achou que pudesse haver boas intenções naquela voz. Achou que, se seguisse o som, ele a levaria para um lugar seguro e calmo, onde ela não era mais assassina.

Mas Winter já estava sufocando sob o peso de seus crimes.

Animal. Assassina. Predadora. *E os lobos todos uivam, auuuuuuuuu...*

CAPÍTULO

Oitenta e oito

Cinder verificou a munição da arma e contou as balas enquanto corria. Estava respirando pesado, mas não se sentia cansada nem dolorida. A adrenalina corria quente por suas veias, e, pela primeira vez, ela ficou ciente disso só porque conseguia se sentir tremendo, e não porque a interface do cérebro estava avisando.

Os sons de batalha ecoavam pelo palácio, baixos e distantes. Muitos pisos abaixo. Eles estavam dentro, ela percebeu. Haveria muitas mortes, ela sabia.

Ela sentia que eles podiam estar ganhando. *Ela podia ganhar.*

Mas tudo desmoronaria se ela não terminasse o que foi fazer. Se não encontrasse uma forma de acabar com a tirania de Levana de vez, as pessoas estariam sob o controle dela já de manhã.

Ela subiu a escada dois degraus de cada vez. Sentiu os cabelos da nuca se eriçarem, quando chegou ao corredor do quarto andar. Ela espiou o corredor vazio, com suas obras de arte e tapeçarias e pisos brancos brilhantes, prestando atenção em qualquer som que indicasse uma emboscada.

Não que emboscadas tivessem barulhos de alerta.

Tudo estava sinistro e assombrado depois do caos do pátio.

Não era consolo, para Cinder, ter chegado à sala do trono sem incidentes. Não era a cara de Levana facilitar as coisas para ela, o que queria dizer que Levana estava tão abalada pelo vídeo que não estava mais pensando direito ou, mais provável, que Cinder estava entrando em uma armadilha.

Ela segurou a arma com uma das mãos, a faca com a outra, e

tentou acalmar o coração disparado. Fez o melhor que pôde para pensar em algum plano para quando chegasse à sala do trono, supondo que Levana estivesse lá, provavelmente com um grupo de guardas e taumaturgos.

Se os guardas já não estivessem sob o controle de alguém, ela os roubaria e formaria uma barreira protetora ao redor de si mesma. Assim que uma oportunidade se apresentasse, ela atiraria em Levana. Sem hesitar.

Porque Levana não hesitaria em matá-*la*.

Ela se viu em frente às portas da sala do trono, com a insígnia lunar entalhada na superfície. Engoliu em seco e desejou conseguir sentir quantas pessoas estavam dentro, mas a sala estava muito bem selada. O que havia atrás daquelas portas era um mistério.

Uma emboscada, o bom senso sussurrou. *Uma armadilha.*

Lambendo o sal dos lábios, ela se preparou e chutou uma das portas, entrando antes que pudesse se chocar de volta contra ela. Seu corpo estava tenso, preparado para um impacto, um soco, uma bala, qualquer outra coisa além da imobilidade que a recebeu.

Só havia duas pessoas na sala, o que a fez parecer infinitamente maior do que durante o banquete de casamento. As cadeiras da plateia ainda estavam ali, mas muitas foram empurradas contra as paredes ou esmagadas na destruição que ela provocou.

Mas o trono não tinha sido movido, e Levana estava sentada nele como antes. Em vez de parecer arrogante e cruel como sempre, ela estava caída no trono enorme com um ar de derrota. Estava usando as cores da bandeira da Comunidade das Nações Orientais no vestido, um deboche de tudo o que Kai e seu país defendiam. O glamour tinha voltado. Ela estava com o rosto virado para longe de Cinder, escondido atrás do muro de cabelos brilhantes, e Cinder só via a ponta do nariz e um toque de lábios vermelhos.

A segunda pessoa na sala era Thorne. Ela sentiu uma dor no coração, mas logo foi tomada de uma esperança leve. Talvez fosse só um lunar com um glamour para *parecer* Thorne. Ela apertou os olhos com desconfiança, sem ousar entrar mais na sala.

– Bem, estava mais do que na hora – disse Thorne, com um tom de deboche reconfortante na voz. – Você não faz ideia de como esses últimos minutos foram constrangedores.

O coração de Cinder se apertou e a esperança morreu. Era Thorne, sem dúvida, e ele estava perto demais da varanda da sala do trono, de onde Cinder tinha pulado. As mãos estavam nas costas, provavelmente presas. A gravata-borboleta piscante tinha sumido e o terno roxo havia sido reduzido à camisa, desabotoada na gola. Havia um buraco na coxa da calça e sangue seco acima do joelho. Uma área levantada acima do tecido sugeria um curativo apressado.

Cinder o procurou com os pensamentos, mas Levana já o tinha tomado e segurava os pés dele com a força de aros de ferro.

O olhar de Thorne percorreu as roupas sujas de sangue de Cinder e as armas em cada uma das mãos dela. Uma sobrancelha se ergueu.

– Dia difícil?

Cinder não respondeu. Ela ainda estava esperando o ataque surpresa. Um tiro no coração. Um guarda aparecendo das sombras e a derrubando no chão.

Nada aconteceu.

Nenhum som além de sua respiração pesada.

– Sua perna? – perguntou ela.

Thorne deu de ombros.

– Dói à beça, mas não vai me matar. A não ser que a prisão estivesse cheia de bactérias nojentas e o ferimento infeccione, o que, vamos ser sinceros, é plausível.

Olhando para trás para ter certeza de que ninguém estava se

aproximando pelo corredor, Cinder deu um passo hesitante à frente.

Thorne deu um passo para trás. Um passo para mais perto da varanda.

Cinder parou.

– Não chegue mais perto – disse Levana. A voz dela estava fraca e cansada, bem diferente da alegria arrogante com que ordenou a execução de Cinder. Ela não levantou a cabeça. – Sugiro que também não levante as armas. A não ser que você ache que ele é sortudo como você.

– Tenho certeza de que ele é mais.

Thorne assentiu em concordância, mas não disse nada, e Cinder não se mexeu. Olhando para ele, ela fez movimentos labiais formando uma única palavra: *Cress?*

A indiferença dele sumiu, e ele balançou a cabeça de leve. Ela não sabia se isso queria dizer que ele não sabia onde ela estava ou se alguma coisa ruim tinha acontecido e ele não queria falar naquele momento.

Sua curiosidade foi interrompida quando Cinder sentiu sua mão tremendo. Ela estava levantando a arma para a própria cabeça.

Estava na metade do caminho quando trincou os dentes e obrigou seu membro a parar. Para seu alívio, funcionou.

Rosnando, baixou a arma para a lateral do corpo.

Levana riu, mas o som saiu mais frágil do que satisfeito.

– Achei que isso pudesse acontecer – disse ela, massageando a testa. – Eu... não sou eu mesma no momento. Mas parece que você também não.

Cinder franziu a testa e se perguntou por que Levana conseguiu controlá-la no pátio, mas não agora. Era porque sua força mental estava frágil demais naquele momento, tentando manter o controle de tanta gente, ou era a rainha que estava ficando fraca? Talvez o

vídeo mostrando a verdadeira cara dela tivesse fragmentado suas habilidades.

Não parecia afetar a habilidade dela de manipular Thorne, mas, para ser justa, Cinder tinha certeza de que um bebê lunar seria capaz de manipular Thorne.

Levana suspirou.

– Por quê, Selene? Por que você quer tirar tudo de mim?

Cinder apertou os olhos.

– Foi você quem tentou *me* matar, lembra? É você quem está sentada no *meu* trono. Foi você quem se casou com *meu* namorado!

A palavra saiu antes de ela pensar nisso, e Cinder achou que era a primeira vez que a pronunciava. Ela nem sabia se era verdade. Mas parecia certo, exceto pela história de ele ter se casado com a tia dela.

Mas Levana não parecia estar prestando atenção.

– Você não entende o quanto me esforcei por tudo isso. Quantos anos de planejamento, de construção de bases eu tive. A doença, os cascudos, o antídoto, os soldados, os agentes especiais, os ataques cuidadosamente orquestrados. – Ela apertou a mão pálida na têmpora. Parecia infeliz. – Foi feito. Foi *perfeito*. Ele teria anunciado nosso noivado no baile, mas, não... você tinha que estar lá. Voltando dos mortos para me assombrar. E vem aqui, e pede ao meu povo para me odiar, e mostra aquele... aquele vídeo horrível, e enche as cabeças deles com suas mentiras.

– *Minhas* mentiras! É você quem faz lavagem cerebral neles. Eu só mostrei a verdade.

Levana se encolheu e virou a cabeça ainda mais, como se não suportasse ser lembrada do que estava escondendo embaixo da ilusão de beleza.

Expirando bem alto, Cinder deu um passo à frente.

Thorne deu um passo para trás.

Ela fez uma careta. Não havia mesmo como esperar que Levana estivesse absorta demais nas ilusões para deixar de prestar atenção.

– O que não entendo é como você pôde fazer aquilo comigo – disse Cinder, aliviando o tom. – Eu era só uma criança, e você... – Ela virou a cabeça. – Sei que as cicatrizes que você tem são de queimadura. Tenho o mesmo tipo de tecido de cicatriz onde perdi a perna. Sabendo como é, tendo que viver com isso... como você pôde fazer com outra pessoa?

– Você não deveria ter *sobrevivido* – cortou Levana, como se isso tornasse tudo melhor. – Pelo menos eu teria tido a misericórdia de matar você, de acabar com tudo de uma vez.

– Mas eu não morri.

– É, eu reparei. Não é culpa minha alguém ter achado que valia a pena salvar você. Não é culpa minha terem transformado você... *nisso*. – Ela fez um gesto desanimado na direção de Cinder.

Cinder trincou os dentes, querendo discutir, mas mordeu a língua. Levana vivia com suas desculpas havia muito tempo.

Ela lançou um olhar para Thorne. Ele estava sugando os dentes e olhando para o teto. Parecia entediado.

Cinder deu um passo para trás como um sinal de paz, mas Thorne ficou onde estava.

– Quem fez isso com você, afinal? – perguntou ela, tentando ser gentil. – Quem machucou você assim?

Levana fungou e finalmente ousou olhar para Cinder. Havia toda aquela beleza cintilando na superfície, mas, uma vez que Cinder tinha visto o que havia por baixo, não dava para esquecer a verdade. Fosse a programação ciborgue dela ou a fraqueza de Levana, ela enxergava como a tia era. Marcada e deformada.

Houve uma pontada de solidariedade na barriga dela, mas só uma pontada.

– Você não sabe? – perguntou Levana.

– Por que eu deveria?

– Criança burra. – Uma mecha de cabelo caiu no rosto de Levana. – Porque foi sua mãe.

CAPÍTULO

Oitenta e nove

A palavra *mãe* era estranha aos ouvidos de Cinder. *Mãe.* Uma mulher que a trouxe ao mundo, mas só isso. Ela não tinha lembranças dessa mulher, só tinha ouvido boatos; eram histórias horríveis que diziam que a rainha Channary era ainda mais cruel do que Levana, embora seu reinado tivesse sido curto.

– Minha própria doce irmã – ronronou Levana. – Você quer saber como aconteceu?

Não.

Mas Cinder não conseguiu pronunciar a palavra.

– Ela tinha treze anos e eu tinha seis. Ela estava aprendendo a usar o dom, tendo um prazer enorme em manipular as pessoas ao redor, embora eu fosse sempre o alvo favorito. Ela era muito boa. Como eu sou. Como você é. Está no nosso sangue.

Cinder tremeu. *Está no nosso sangue.* Ela odiava pensar que tinha o mesmo sangue que qualquer pessoa daquela família.

– Naquela idade, o truque favorito dela era me convencer de que me amava muito. Como eu nunca senti amor dos nossos pais, não era difícil de acreditar nisso. Então, quando ela tinha certeza de que eu faria qualquer coisa por ela, me torturava. Nesse dia em particular, ela me mandou colocar a mão na lareira. Como me recusei, ela me obrigou. – Levana sorriu quando contou a história, uma expressão perturbada. – Como você viu, quando ela me soltou, não foi só minha mão que sofreu.

A boca de Cinder estava se enchendo de bile. Uma criança tão pequena, tão impressionável.

Seria tão *fácil.*

Mas era uma crueldade impossível de imaginar.

Sua *mãe*?

– Depois disso, começaram a me chamar de princesa feia de Artemísia, a pobre criaturinha deformada. Enquanto Channary era a bonita. Sempre a bonita. Mas eu treinei meu glamour e disse para mim mesma que um dia as pessoas esqueceriam o fogo e as cicatrizes. Um dia, eu seria rainha e garantiria que as pessoas me amariam. Eu seria a rainha mais bonita que Luna já teve.

Cinder apertou as armas.

– Foi por isso que você a matou? Para ser rainha? Ou foi porque ela... fez isso? Com você.

Uma das sobrancelhas perfeitas de Levana se ergueu.

– Quem disse que eu a matei?

– Todo mundo diz. Até na Terra já ouvimos os boatos. Que você matou sua irmã, seu próprio marido e *a mim*, tudo por causa de suas ambições.

Uma frieza surgiu no rosto de Levana, e ela se inclinou lentamente para se encostar no trono.

– O que fiz, eu fiz por Luna. Minhas lutas, meus sacrifícios. Tudo foi por Luna. Por toda a minha vida, só eu me importei, só eu vi potencial para nosso povo. Estamos destinados a algo muito maior do que essa *pedra*, mas Channary só se importava com vestidos e conquistas. Ela era uma péssima rainha. Era um monstro. – Ela fez uma pausa, as narinas dilatadas. – Mas, não. Eu não a matei, apesar de ter desejado mil vezes ter matado. Eu deveria tê-la matado antes de ela estragar tudo. Antes de ela ter *você*, um bebê saudável que cresceria e ficaria igual a ela!

Cinder rosnou.

– Eu não sei quem eu teria me tornado se tivesse crescido aqui –

disse ela. – Mas eu *não* sou como ela.

– Ah, é – refletiu Levana, pulando de palavra em palavra como um riacho sobre pedras. – Nisso eu acredito que você esteja correta. Quando vi seu glamour pela primeira vez no baile da Comunidade, fiquei surpresa com o quanto você se parecia com ela quando a sujeira e a graxa e essas extremidades horríveis de metal foram removidas. Mas parece ser aí que as similaridades terminam. – Ela repuxou os lábios vermelho-sangue, curvando-os ao redor de dentes perfeitos de pérola. – Não, sobrinhazinha. Você é muito mais parecida comigo. Disposta a fazer qualquer coisa para ser admirada. Para ser querida. Para ser *rainha*.

O corpo de Cinder ficou rígido.

– Eu também não sou como você. Estou fazendo isso porque você não me deu escolha. Você *teve* sua chance. Mas não podia ser justa. Ser uma boa governante que trata o povo com respeito. E a Terra! Você queria uma aliança, a Terra queria paz... por que você não pôde... simplesmente concordar? Por que a doença? Por que os ataques? Você realmente acreditou que esse era o jeito de fazer com que eles amassem você?

Levana olhou para ela, furiosa e cheia de ódio. Mas seus lábios se retorceram em algo parecido com um sorriso. Um sorriso furioso e cheio de ódio.

– O amor – sussurrou ela. – O amor é uma conquista. O amor é uma guerra. Não passa disso.

– Não. Você está errada.

– Tudo bem. – Levana passou os dedos pelo braço do trono. – Vamos ver o quanto seu amor vale. Abra mão de todos os direitos que você tem ao meu trono e eu não vou matar seu amigo.

Cinder apertou os lábios.

– Que tal nós levarmos à votação? Que o povo decida quem quer

que o governe.

Thorne deu um passo para trás. O calcanhar esquerdo estava na beirada, e ele fez uma expressão de consternação quando olhou para o lago abaixo.

Cinder recuou.

– Espere. Eu posso prometer ceder meu trono a você, mas ainda vai haver dezenas de milhares de pessoas lá fora exigindo que você abdique. O segredo foi revelado. Eles sabem que sou Selene. Não posso anular isso.

– Diga que você mentiu.

Ela expirou alto.

– Além do mais, assim que você o matar, eu vou matar você.

Levana inclinou a cabeça para o lado, e, apesar de estar com o glamour, Cinder estava vendo a mulher do vídeo. Era seu olho bom, ela percebeu.

– Então vou mudar os termos da minha proposta – disse Levana. – Se você se sacrificar, não vou matá-lo.

Cinder olhou para Thorne, que pareceu indiferente ao fato de que estavam negociando pela vida dele. Ele estalou a língua.

– Até eu vejo que é um acordo ruim.

– Thorne...

– Você me faz um favor?

Ela franziu a testa.

– Diga a Cress que eu estava falando a sério.

Seu estômago se contraiu.

– Thorne...

Ele olhou nos olhos de Levana.

– Tudo bem, Vossa Rainhecência. Eu pago pra ver, já que ela não paga.

– Eu não estou negociando com *você* – cortou Levana.

– Se você me matar, vai perder sua última ficha de apostas e Cinder vai ganhar. Então, vamos falar das suas opções. Você pode aceitar que seu tempo como rainha acabou e deixar nós dois irmos embora, e talvez Cinder tenha misericórdia e não mande executar você como traidora. Ou pode me jogar dessa varanda e...

– Tudo bem.

Thorne arregalou os olhos. Ele deu um passo para fora da beirada da varanda. Com um grito, levantou os braços, um pulso ainda amarrado, a outra mão segurando a faca de cozinha que pegou na mansão. Ofegando, girou os braços; seu equilíbrio era precário.

Cinder largou as armas e correu para ele.

Thorne caiu... mas jogou o corpo para a frente no último minuto. Uma das mãos segurou a beirada. Ele grunhiu. Cinder mergulhou.

Levana se inclinou para a frente.

Os dedos de Thorne soltaram a borda na hora em que Cinder esticou a mão para segurar o braço dele. O ombro machucado doeu, mas ela o agarrou firme.

Thorne olhou para ela, com uma expressão que revelava, de longe, a maior dose de medo que Cinder já o viu demonstrar.

– Obrigado – ofegou ele.

A mão livre subiu e deu um soco no maxilar de Cinder. Ela se encolheu e desviou, mas sem soltar.

– Desculpe! Não fui eu!

– Eu sei – grunhiu ela. Apoiando a outra mão no chão, ela se empurrou para trás, arrastando Thorne consigo até o tronco dele estar na varanda, os pés tentando se apoiar. Ela não ousou soltá-lo mesmo quando ele jogou o corpo no chão.

Cinder sabia que, assim que o soltasse, Levana o jogaria lá de cima para que morresse.

Tarde demais, ocorreu-lhe que ele tinha soltado as mãos atadas.

Ele devia ter passado todo o tempo que ela estava discutindo com Levana tentando se soltar. A queda podia não o ter matado, e com os braços livres ele conseguiria nadar. Mas agora estava...

Thorne enfiou a faca na coxa dela.

Cinder gritou.

– Continua não sendo eu – disse ele, sem ar, enquanto puxava a faca. Ele levantou o braço acima da cabeça, se preparando para esfaqueá-la de novo.

Cinder o derrubou e tirou a arma da mão dele.

Thorne deu uma cotovelada no pescoço dela. Cinder ficou sem ar e pontos brancos mancharam sua visão. Thorne se afastou, mas não correu para a varanda.

Cinder colocou a mão no pescoço e massageou os músculos, incentivando-os a tomar ar novamente. Ainda tonta, obrigou-se a levantar com pernas bambas, pronta para pular em Thorne de novo.

Ela ouviu o clique da trava de uma arma ser solta.

Ela parou. Thorne tinha ido bem mais longe do que ela esperava e estava perto da entrada da sala, segurando a faca e a arma que ela tinha largado quando foi tentar salvá-lo. O cano estava mirando na cabeça dela.

Cinder oscilou. Cambaleou uma vez. Recuperou o equilíbrio.

Um tiro ecoou nas paredes de pedra da sala. Cinder se encolheu, esperando uma pontada de dor, mas só ouviu um xingamento berrado. A arma que Thorne havia pegado escorregou pelo chão. Cinder afastou a tontura e olhou para ele, que encarava a própria mão, horrorizado. O braço ainda estava erguido, mas a mão estava vazia e coberta de sangue.

– Desculpe! – gritou Cress. Ela estava no chão perto da porta, tentando se levantar. O coice da arma tinha tirado seu equilíbrio. – Desculpe, capitão!

Thorne falou outro palavrão. A testa estava coberta de suor. Mas, quando olhou para Cress com o queixo caído, sufocou a dor e gritou:

– Belo tiro!

– Cress – grunhiu Cinder. – A rainha, Cress. Atire na rainha!

Apesar de choramingar, ela desviou a mira e apontou a arma para Levana.

Cinder correu para a arma que havia sido tirada da mão de Thorne com um tiro.

Thorne correu também, chamando a atenção de Cress de volta para ele. Em um só movimento, derrubou o braço da garota com o ombro, enquanto, ao mesmo tempo, com a mão ilesa, enfiou a faca na barriga dela até o cabo.

Cinder pegou a arma no chão. Cress largou a dela. Sangue se espalhou pelo vestido. Ela olhou para Thorne, e foi impossível saber qual dos dois estava mais tomado de horror. A mão de Thorne ainda estava ao redor do cabo da arma.

Cinder se virou para o trono e disparou, mas Levana se jogou no chão, e a bala ricocheteou no encosto entalhado do trono. Enquanto Cinder recarregava a arma, Levana se levantou e escorregou na saia imensa ao correr para trás do trono. Cinder disparou de novo, a bala passando de raspão na perna da rainha conforme ela desaparecia.

– *Não* – ofegou Cress.

Uma dor perfurante surgiu na lateral de Cinder. Ela caiu de quatro. Deitando-se de costas, ela se afastou, uma das mãos pressionando o ferimento. Thorne estava em cima dela, segurando a faca. Cress pendurava-se no braço dele em uma tentativa de puxá-lo, mas ele era forte demais, e ela estava tentando deixar uma das mãos sobre o ferimento na barriga. A frente da roupa já estava coberta de sangue.

– Desculpe – disse Thorne, chorando. Todos os sinais da confiança habitual tinham sumido. – Desculpe, desculpe...

Cress o mordeu nessa hora, afundando os dentes na carne da mão na tentativa de fazê-lo soltar a faca. Ele sufocou um grito por entre os dentes trincados, mas não soltou.

Pegando a arma de novo, Cinder se levantou do chão, tentando tirar a faca da mão de Thorne. Com um grunhido, ela apoiou o pé no peito dele e o chutou, arrancando a faca. Ele caiu para trás e bateu os ombros em uma das cadeiras da plateia. O rosto mal registrou a dor. As ações dele estavam ficando menos graciosas, mais rígidas.

Talvez por causa dos ferimentos, mas mais provavelmente porque Levana estava ficando cansada demais para continuar o controlando.

Cress caiu de joelhos com as mãos na barriga. As bochechas estavam manchadas de lágrimas.

– Cinder...

Cinder parou na frente deles, a arma na mão esquerda e a faca ensanguentada na direita, com todos os músculos tremendo.

– Estrelas...

Ela virou a cabeça para a porta. Scarlet e Lobo tinham chegado.

– Não. Corram! Saiam daqui!

Scarlet olhou nos olhos dela e começou a balançar a cabeça.

– O qu...?

Mais armas. Mais inimigos em potencial. Mais pessoas que ela amava e que Levana poderia tirar dela. Trincando os dentes, Cinder tentou agarrar a bioeletricidade deles.

Tarde demais. Lobo não podia mais ser controlado, e Scarlet já tinha sido tomada.

CAPÍTULO

Noventa

Cinder olhou para Levana, que estava espiando os recém-chegados por cima de um dos braços entalhados do trono. Em seguida, Levana olhou para a segunda arma, caída esquecida perto da porta.

Scarlet ofegou quando o corpo se deslocou por vontade própria.

Cinder também mergulhou para pegar a arma e deslizou pelo chão liso. Havia armas demais, ameaças demais, e ela não tinha mãos suficientes.

Em vez de pegar a arma, ela a empurrou e a viu passar deslizando por Scarlet, na direção da plataforma erguida da plateia. Um segundo depois, o peso do corpo de Scarlet caiu em cima dela. Scarlet a segurou pelo cabelo e puxou sua cabeça, quase quebrando seu pescoço. Cinder gritou de dor e rolou, empurrando Scarlet para longe. Mantendo a arma firme, ela virou o braço e bateu com a parte de trás da mão de metal na têmpora de Scarlet.

Ela fez uma careta com o impacto, mas deu certo. Scarlet a soltou, deslizou por metade da sala e ficou caída no chão.

A culpa não teve tempo de ser absorvida; quando ouviu um rugido, o medo levou sua atenção novamente para Lobo. Rosnando, furioso. Ele já estava correndo na direção dela.

A arma. A faca. Era Lobo, mas não era Lobo, e ela não tinha forças para lutar contra ele, não agora, não de novo...

Quando uma gota de suor caiu no olho, Cinder contraiu o rosto e levantou a arma.

Mas o foco de Lobo era o corpo caído de Scarlet, e, quando pulou, passou longe de Cinder. Ela se virou, perplexa, quando Lobo pegou

Scarlet nos braços e a aconchegou perto de si.

Lobo, que era um monstro, que era uma das feras incontroláveis da rainha...

Ainda era Lobo, afinal.

Engolindo em seco, tossindo, engolindo de novo, Cinder se levantou. Ela perdeu o equilíbrio e caiu sobre um joelho.

– Lobo – gaguejou ela. – Por favor... ajude Cress e Thorne... *Por favor...*

Ele ergueu a cabeça, os olhos verdes ardendo, mas olhou para onde Cress estava, com as mãos na barriga, mortalmente pálida. Para onde Thorne estava, encolhido junto a uma cadeira caída, parecendo querer ir até Cress, mas apavorado de o próprio corpo não ser confiável se chegasse perto.

Lobo assentiu com compreensão.

Aliviada porque, mesmo que nada desse certo, ela poderia confiar em Lobo para tirar os amigos dali e começar a cuidar dos ferimentos deles, Cinder tentou se levantar de novo. Desta vez, conseguiu. Cambaleou na direção do trono, segurando a arma em uma das mãos e a faca na outra. Quando contornou a plataforma, viu Levana de joelhos, uma das mãos enfiada nas dobras do vestido enquanto se agarrava ao encosto do trono com a outra. O vestido da coroação esvoaçava ao redor do corpo, elegante e distinto, um contraste intenso com o rosto grotesco. Ela tinha desistido de tentar usar o glamour.

Cinder odiou a própria mente por rotular a rainha como grotesca. Ela já tinha sido uma vítima, assim como Cinder. E quantos rotularam seus membros de metal como grotescos, não naturais, repugnantes?

Não. Levana era um monstro, mas não por causa do rosto que manteve escondido ao longo de todos aqueles anos. As monstruosidades dela estavam escondidas bem mais fundo do que

isso.

Outra gota de suor caiu nos cílios de Cinder, e ela a limpou com as costas da mão. Em seguida, levantou a arma e mirou no coração de Levana.

Ao mesmo tempo, Levana levantou a mão que estava escondida no tecido luxuoso. Estava segurando a arma que Cinder tinha empurrado na direção da plataforma. O braço tremia como se a arma fosse impossivelmente pesada, e ficou claro pela forma como segurava que ela nunca tinha segurado uma arma antes. Era rainha, afinal. Tinha asseclas para matar por ela.

A rainha trincou os dentes de concentração, e Cinder sentiu os músculos do braço direito se contraírem nos ossos. Os tendões começaram a sentir uma câimbra, os ligamentos se apertaram.

Ela fez uma careta e olhou para a arma na mão. Para o dedo no gatilho.

Ela tentou puxar o gatilho.

Mandou o dedo puxar. Implorou.

Aperte o gatilho.

Aperte.

A mão começou a tremer, a arma balançando no fim do braço. A respiração saiu em ofegos curtos e sufocados, enquanto o gatilho afundava na almofadinha do dedo.

Mas ela não conseguia puxar. Não conseguia.

O terror de Levana começou a sumir. Os lábios se contorceram no que podia ser alívio, se a testa não estivesse franzida com tanta concentração. Ela controlou com firmeza o braço de Cinder, o dedo, a arma.

A língua de Levana serpenteou para fora da boca, molhando os lábios secos.

– Ah – sussurrou ela, com o olhar brilhando de orgulho. – Você

também está cansada, pelo que vejo.

Cinder rosnou. Um terremoto abalou seu corpo. Ela concentrou o olhar na mão trêmula da rainha e disparou com os pensamentos.

Levana arregalou os olhos. O cabelo estava grudado no tecido cicatricial do rosto. Ela olhou para a própria mão, tão traidora quanto a de Cinder.

Cinder forçou o braço de Levana a se dobrar. Guiou a arma para cima, cada centímetro, uma batalha. Cada momento, uma luta.

Levana ficou vermelha. Apertou os dentes em concentração renovada, e Cinder sentiu o próprio braço fazer o mesmo. Sua mão traidora ergueu a arma e apertou o cano na própria têmpora. Ela era uma imagem espelhada da tia, cada uma preparada para atirar.

– Era assim que a noite do baile deveria ter terminado – sussurrou Levana. – É como tinha que ser. – Ela sorriu como uma louca e olhou para o lugar onde a arma pressionava a pele úmida de Cinder.

Cinder se lembrava claramente da noite, como um pesadelo que jamais esqueceria. Levana controlou o braço dela, obrigando-a a pegar a arma de Jacin e apontar para a própria têmpora. Cinder teve certeza de que ia morrer, mas sua programação ciborgue a salvou.

Não a salvaria desta vez.

– Adeus, sobrinha.

Cinder não conseguia afastar o próprio braço, mas o corpo ardia de determinação. Ela impediria que o dedo apertasse o gatilho. Não deixaria que Levana o apertasse. *Não* deixaria.

O dedo tremeu. Latejou, dividido entre duas mestras. Um membro tão pequeno. Um dedinho pequenininho.

O resto da força de vontade dela apertou a mão de Levana. Ela sentia a bioeletricidade estalando no ar entre as duas. Ouviu o barulho de energia. Havia um fluxo e refluxo nas forças e fraquezas delas. Cinder achava que estava fazendo progresso e dobrava o dedo

de Levana para dentro, mas sentia o próprio dedo tremer, fora de controle. Uma gota de suor pingou na parte interna do cotovelo. Um fio de cabelo grudou nos lábios. O cheiro de ferro atacou suas narinas. Cada sentido era uma distração. A cada momento, ela sentia que ficava mais fraca.

Mas a testa de Levana também estava franzida. Levana também estava suando, com o rosto contorcido pelo esforço. As duas estavam lutando para respirar, e então...

Um *snap* estalou alto dentro da cabeça de Cinder.

Ela ofegou e baixou a mão para a lateral do corpo. Seus músculos doíam pelo esforço, mas eram dela novamente. Ela engoliu ar, tonta com o esforço.

Levana soluçou de frustração. O corpo oscilou.

– Tudo bem. Tudo bem. Eu me rendo. – Ela falou tão baixo que Cinder não sabia se tinha ouvido direito. Apesar de ainda estar controlando a mão de Levana e de ainda estar com a arma apontada para a têmpora dela, a rainha parecia ter esquecido que estava ali. Seu rosto desmoronou e o corpo murchou no vestido enorme. – Eu entrego minha coroa a você, meu país, meu trono. Pegue tudo. Só... só me deixe em paz. Deixe-me ter minha beleza de novo. *Por favor.*

Cinder observou a tia. As cicatrizes, o cabelo sem vida e o olho com a pálpebra permanentemente fechada. O lábio trêmulo e os ombros derrotados. Ela estava exausta demais até para fazer o próprio glamour. Fraca demais para lutar.

Uma onda de pena tomou conta dela.

Aquela mulher infeliz e horrível ainda não fazia ideia do que era ser verdadeiramente bonita ou amada.

Cinder duvidava que um dia soubesse.

Ela engoliu em seco, apesar da dificuldade com a língua seca.

– Eu aceito – disse Cinder, atordoada.

Ela continuou controlando o dedo de Levana no gatilho, mas permitiu que a tia baixasse a arma. Cinder esticou a mão, e Levana ficou olhando por um momento antes de estender o braço e colocar a arma na palma de Cinder.

No mesmo movimento, ela pegou a faca esquecida e deu um salto, afundando a lâmina no coração de Cinder.

Ela ficou sem ar na mesma hora, como se os pulmões tivessem implodido. Como se um raio a tivesse atingido da cabeça aos pés. Um choque explodiu em seu peito, e ela caiu para trás. Levana caiu com ela, o rosto contorcido de fúria. Ela estava com as duas mãos no cabo da faca, e, quando a girou, cada nervo na cabeça de Cinder explodiu de dor. O mundo ficou enevoado, vago, manchado na visão dela.

Somente o instinto a fez levantar a arma e disparar.

O tiro derrubou Levana. Cinder não viu onde a bala foi parar, mas viu uma linha de sangue jorrar em arco no encosto do trono.

Sua visão ficou vidrada, toda branca com estrelas dançando. O corpo era pura dor e escuridão e calor e estava grudento de sangue. *Estrelas*. Não era só na cabeça dela, ela percebeu. Alguém tinha pintado estrelas no teto da sala do trono. Uma galáxia se espalhava à frente dela.

No silêncio do espaço, Cinder ouviu um milhão de ruídos ao mesmo tempo. Distantes e inconsistentes. Um grito. Um rugido, como um animal furioso. Passos altos. Uma porta batendo em uma parede.

Seu nome.

Abafado. Ecoante. Seus pulmões tremeram, ou talvez fosse o corpo todo em convulsão. Ela sentiu gosto de sangue no fundo da língua.

Uma sombra passou na frente dela. Olhos castanhos tomados de terror. Cabelo preto desgrenhado. Lábios que todas as garotas da Comunidade admiraram mil vezes.

Kai olhou para ela, para o ferimento, para o cabo da faca, a lâmina ainda enterrada. Ela viu os lábios dele formando o nome dela. Ele se virou e gritou alguma coisa por cima do ombro, mas a voz estava perdida para ela; muito alta, mas muito, muito, *muito distante.*

CAPÍTULO

Noventa e um

– Já falei que estou bem – insistiu Scarlet, embora seu tom estivesse cansado. – É que foram meses bem longos.

– *"Bem"*? – gritou Émilie.

Pela forma como os olhos ficaram borrados e os cachos louros ocuparam a tela toda, Scarlet percebeu que a garçonete, a única amiga que tinha em Rieux, estava segurando o tablet perto demais do rosto.

– Você estava desaparecida há meses! Sumiu no meio dos ataques, e aí a guerra começou, e descobri aqueles criminosos na sua casa, e então... *nada!* Eu tinha certeza de que você estava morta! E agora você acha que pode me mandar uma mensagem, e me pedir para continuar fertilizando o jardim como se tudo estivesse... bem?

– Tudo *está* bem. Olhe... eu não estou morta.

– Estou vendo que você não está morta! Mas, Scar, você está em *todos* os noticiários daqui! Todo mundo só fala disso. Essa... essa revolução lunar, e nossa pequena Scarling no centro de tudo. Estão chamando você de heroína na cidade, sabe. Gilles fica falando que vai botar uma placa na taverna, dizendo que a heroína de Rieux, Scarlet Benoit, ficou de pé *naquele balcão* e gritou com todos nós, e estamos morrendo de orgulho dela! – Émilie inclinou a cabeça, como se isso fosse permitir que ela visse melhor o que tinha atrás de Scarlet. – Onde você está, afinal?

– Eu... – Scarlet olhou a luxuosa suíte do palácio de Artemísia. O aposento era mil vezes mais extravagante do que a fazendinha dela, e ela o odiava com todas as forças. – Ainda estou em Luna, na verdade.

– *Luna!* Posso ver? É seguro aí?

– Ém, pare de gritar, por favor. – Scarlet massageou a têmpora.

– Não me mande parar de gritar, Mademoiselle Ocupada Demais para Mandar uma Mensagem para Avisar que Não Está Morta.

– Eu era prisioneira! – gritou Scarlet.

Émilie ofegou.

– Prisioneira! Machucaram você? Você está com o olho roxo ou é meu tablet? Minha tela anda estranha ultimamente... – Émilie passou a manga na tela.

– Escute, prometo que vou contar a história toda quando chegar em casa. Só me diga que ainda está cuidando da fazenda. Diga que tenho para onde voltar.

Émilie fez cara feia. Apesar da histeria, ela foi uma visão bem-vinda. Bonita e alegre e tão distante de tudo pelo que Scarlet passou. Ouvir a voz dela lembrava a Scarlet seu lar.

– É claro que ainda estou cuidando da fazenda – disse Émilie, em um tom que sugeria que estava magoada por Scarlet ter duvidado. – Você me pediu para fazer isso, afinal, e eu não queria pensar que você estava morta, apesar... apesar de todo mundo acreditar, e eu também, por um tempo. Estou tão feliz por você não estar morta, Scar.

– Eu também.

– Os animais estão bem e seus androides alugados ainda estão vindo... Você deve ter pagado muito adiantado.

Scarlet deu um sorriso apertado, relembrando qualquer coisa sobre Cress ter planejado pagamentos adiantados na ausência dela.

– Scar?

Ela levantou as sobrancelhas.

– Você encontrou sua *grand-mère*?

Seu coração tinha construído uma muralha forte o bastante para a pergunta não tirar seu ar, mas Scarlet ainda sentiu a dor da

lembrança. Era impossível afastar as lembranças das prisões embaixo da ópera. O corpo machucado da avó. O assassinato dela, com Scarlet olhando sem poder fazer nada.

Era isso, e só isso, que ela temia em seu retorno. A casa não seria a mesma sem o pão da avó crescendo na cozinha e sem as botas lamacentas deixadas na porta.

– Ela está morta – contou Scarlet. – Morreu nos primeiros ataques a Paris.

O rosto de Émilie se contraiu.

– Sinto muito.

Um silêncio se espalhou, aquele momento em que nada é adequado de se dizer.

Scarlet empertigou a coluna, precisando mudar de assunto.

– Você se lembra daquele lutador de rua que foi à taverna durante um tempo?

A expressão de Émilie se iluminou.

– Aquele dos *olhos*? – perguntou ela. – Como uma garota poderia esquecer?

Scarlet riu.

– Ah, pois é. Acontece que ele é lunar.

Émilie conteve um gritinho.

– *Não!*

– E nós estamos meio que namorando.

A visão na tela tremeu quando Émilie colocou a mão sobre a boca.

– Scarlet Benoit! – Ela gaguejou por um momento e disse: – Vai levar semanas para que você explique isso tudo para mim, não é?

– Provavelmente. – Scarlet jogou o cabelo por cima do ombro. – Mas eu vou contar. Prometo. Olhe, tenho que ir. Só queria que você soubesse que estou bem e queria saber da fazenda...

– Vou dizer para todo mundo que você está bem. Mas quando você

vem para casa?

– Não sei. Em pouco tempo, eu espero. E, Ém? Não deixe Gilles pendurar uma placa falando de mim.

A garçonete deu de ombros.

– Não prometo nada, Scarling. Você é nossa pequena heroína.

Scarlet desligou o tablet e jogou-o na cama. Suspirando, ela olhou pela janela. Abaixo, via a destruição do pátio e centenas de pessoas tentando ajeitar tudo.

Artemísia tinha uma beleza própria, mas Scarlet estava pronta para ar fresco e comida caseira. Estava pronta para ir para casa.

Houve uma batida antes que a porta se abrisse, só uma fresta primeiro, com Lobo hesitante do outro lado. Scarlet sorriu e ele ousou entrar, fechando a porta ao passar. Estava segurando um buquê de margaridas azuis e parecia profundamente culpado.

– Eu estava xeretando – confessou ele, encolhendo os ombros até quase as orelhas.

Ela deu um sorriso provocador.

– Qual é o sentido de ter audição sobre-humana se você não puder xeretar de vez em quando? Entre. Eu não esperava que você voltasse tão rápido.

Lobo deu outro passo e parou. Estava mancando de leve da bala que acertou a lateral do corpo, mas a cicatrização estava sendo rápida. Era uma das coisas boas das alterações: Lobo foi feito para ser resistente.

Por fora, pelo menos.

Ele franziu a testa para as flores, enquanto afundava os dentes ferozes no lábio inferior.

Ele tinha voltado até a casa naquela manhã, seu lar de infância. Apesar de o corpo da mãe já ter sido levado para um dos grandes cemitérios na aridez de Luna, era importante para ele ver a casa uma

última vez. Ver se havia alguma coisa lá que valesse ser salva, qualquer coisa que fosse uma lembrança dos pais ou até do irmão.

Scarlet se ofereceu para ir com ele, mas ele queria fazer isso sozinho.

Ela entendia. Algumas coisas tinham que ser feitas sozinho.

– Você... encontrou alguma coisa?

– Não – disse ele. – Não tinha nada que eu quisesse. Tudo da minha infância tinha sumido, e... ela não tinha muita coisa, sabe. Fora isso.

Ele se aproximou dela, sem manter contato visual, e entregou o buquê de flores. Metade dos caules delicados tinha sido esmagada ou quebrada nas mãos indelicadas de Lobo.

– Quando eu era criança, colhia flores do campo para minha *grand-mère*. Ela deixava em um vaso até começarem a murchar, depois esmagava com papel-pergaminho para que durassem para sempre. Aposto que ela tem uma caixa inteira de flores secas em algum lugar. – Ela passou o dedo por algumas das pétalas macias. – É o que vamos fazer com estas. Em homenagem a Maha. – Ela colocou as flores em um copo de água pela metade que haviam lhe entregado junto com o café da manhã.

Quando ela se virou, Lobo tinha posto de lado o tablet e se sentado na beirada da cama enorme. Scarlet tinha quase certeza de que os lençóis tinham sido feitos por trabalho escravo, e o pensamento a deixava inquieta sempre que ela se deitava neles.

Assim que se sentou, Lobo começou a balançar a perna com energia ansiosa. Scarlet apertou o olhar. Isso não era luto.

Ele estava nervoso.

– O que foi? – perguntou ela, se sentando ao lado dele. Pousou a mão no joelho de Lobo e a deixou lá.

Os olhos brilhantes se concentraram nela.

– Você disse para sua amiga que estamos namorando.

Scarlet piscou, e uma gargalhada repentina fez cócegas, mas, ao ver a expressão abalada de Lobo, ela segurou a risada.

– Pareceu mais fácil do que tentar explicar todo o sistema de pareamento alfa.

Ele olhou para as mãos agitadas.

– E... você disse para ela que vai voltar para a fazenda.

– É claro que vou voltar para a fazenda. – Ela inclinou a cabeça, e começou a ficar nervosa. – Quer dizer, não *amanhã*, mas quando as coisas estiverem mais calmas.

O outro joelho de Lobo começou a balançar.

– Lobo?

– Você ainda... – Ele coçou atrás da orelha. – Você ainda quer que eu vá com você? Agora que eu... que eu... – Ele inspirou fundo. – Você ainda me quer?

Lobo pareceu estar com dor. Dor de verdade. Seu coração se suavizou.

– Lob... – Ela fez uma pausa e engoliu. – Ze'ev.

Ele voltou o olhar para ela com surpresa. O tablet apitou, mas Scarlet ignorou a mensagem. Ela se mexeu na cama para encará-lo, e encaixou o pé embaixo da coxa dele. Disse com firmeza:

– Eu ainda quero você.

A perna agitada parou devagar.

– É que... eu sei que não sou o que você tinha em mente.

– É mesmo? Porque eu estava visualizando um sujeito grande e robusto que fosse capaz de cortar lenha e manejar a perfuratriz de solo, e você se encaixa direitinho na descrição. Claro que eu e minha avó nos virávamos muito bem, mas, sinceramente... estou ansiosa para ter ajuda.

– Scarlet...

– *Ze'ev*.

Ela inclinou a cabeça na direção de Lobo. Nem hesitou quando olhou para ele. Nem para os dentes enormes e para as mãos monstruosas. Nem para a inclinação inumana dos ombros e nem para a forma como o maxilar se projetava das maçãs. Era tudo superficial. Não tinham modificado quem *ele* era.

– Você é o único, Ze'ev Kesley. Sempre vai ser o único.

As sobrancelhas dele se ergueram com o reconhecimento das palavras que uma vez disse a ela.

– Não vou dizer que não vai ser preciso me acostumar. E pode demorar um tempo até convencermos as crianças vizinhas a não morrerem de medo de você. – Ela ajeitou uma mecha do cabelo dele. A mecha voltou para o lugar na mesma hora. – Mas vamos dar um jeito.

O corpo dele tremeu.

– Eu amo você – sussurrou ele.

Scarlet passou as mãos pelo cabelo desgrenhado.

– É mesmo? Nem deu para perceber.

O tablet apitou de novo. Fazendo cara feia, ela esticou a mão e o silenciou, depois se inclinou e cutucou o nariz de Lobo com o dela. Lobo hesitou só um momento e a beijou. Scarlet se afundou nele. Foi um beijo tão carinhoso quanto um mutante metade humano e metade lobo podia dar.

Mas, quando se afastou, ele estava com a testa franzida.

– Você acha mesmo que as crianças da vizinhança vão ficar com medo de mim?

– Sem dúvida – disse ela. – Mas tenho a sensação de que você vai conquistá-las no final.

Ele enrugou os olhos.

– Vou me esforçar.

Em seguida, o sorriso ficou malicioso. Ele agarrou o tecido na

altura da lombar de Scarlet e caiu na cama, puxando-a junto.

– *Scarlet!* Scar... ah.

Os dois pararam. Grunhindo, Scarlet se apoiou nos cotovelos. Iko estava com metade do corpo dentro da suíte, segurando a maçaneta. O corpo de androide estava coberto de curativos, que eram puramente estéticos, mas não havia lojas de suprimentos androide em Luna, e ela dissera para Scarlet que estava cansada de todo mundo a encarando.

– Desculpe! Eu deveria ter batido. Mas você não respondeu as mensagens e... – Iko sorriu, com mais felicidade do que uma pessoa que funcionava à base de fios e baterias deveria demonstrar. – Cinder acordou!

CAPÍTULO

Noventa e dois

VERIFICAÇÃO DIAGNÓSTICA COMPLETA. TODOS OS SISTEMAS ESTABILIZADOS. REINICIANDO EM 3… 2… 1…

Cinder abriu os olhos de repente e deu de cara com um teto branco e com luzes cegantes. Ela deu um pulo e sibilou pelo choque de dor que sentiu no peito.

A mulher que estava curvada sobre a mão de Cinder deu um grito e caiu do banco com força no chão. Um saca-fusíveis de metal se estatelou ao lado.

Kai pulou de uma cadeira no canto do quarto e correu para perto de Cinder, tirando o cabelo desgrenhado dos olhos.

– Está tudo bem – disse ele, apoiando Cinder enquanto ela apertava a mão no peito. Sentiu um volume de atadura ali, logo acima da dor.

Ela desviou a atenção assustada para a mulher, uma estranha, e se virou para Kai.

Cinder piscou. Reparou primeiro no quanto ele estava lindo, e depois, no quanto parecia exausto.

Uma série de dados começou a surgir na visão dela em letras verdes estéreis.

IMPERADOR KAITO DA COMUNIDADE DAS NAÇÕES ORIENTAIS
IDENTIDADE: #0082719057
NASCIDO EM 7 DE ABRIL DO ANO 108 DA TERCEIRA ERA
FF 107.448 APARIÇÕES NA MÍDIA, ORDEM CRONOLÓGICA REVERSA
POSTADO EM 13 DE NOVEMBRO DA TERCEIRA ERA: EM UM

PRONUNCIAMENTO FEITO ESTA MANHÃ, O IMPERADOR KAITO INFORMOU À IMPRENSA QUE ADIOU O RETORNO À TERRA POR TEMPO INDETERMINADO, DECLARANDO QUE SUA PRESENÇA É NECESSÁRIA PARA SUPERVISIONAR A RECONSTRUÇÃO DA CAPITAL LUNAR…

Cinder apertou os olhos e ordenou que o texto sumisse de sua visão. Esperou os batimentos se acalmarem e abriu os olhos novamente.

Seu colo estava coberto por um cobertor de linho branco tão fino que dava para ver um afundamento no tecido onde a pele da coxa esquerda encontrava o alto da prótese na perna. A mão esquerda estava aberta sobre o cobertor, virada para cima. A câmara da palma estava exposta, revelando um monte de fios desconectados.

– O que você está fazendo com minha mão? – grunhiu ela.

A mulher ficou de pé e ajeitou o jaleco branco.

– Consertando.

– Aqui, beba isto. – Kai esticou um copo de água na direção dela. Cinder ficou olhando por mais tempo do que deveria, o cérebro trabalhando na confusão, depois pegou a mão dele. – Esta é a dra. Nandez – disse Kai, vendo-a beber. – Ela é uma das melhores cirurgiãs cibernéticas da Terra. Pedi que viesse para Luna ontem a fim de… dar uma olhada em você. – Ele apertou os lábios, como se não tivesse certeza se tinha ultrapassado um limite entre os dois.

Depois de devolver o copo para Kai, Cinder observou a médica, que estava de braços cruzados, batendo com o saca-fusíveis no antebraço. Cinder levou a mão até a parte de trás da cabeça, onde o painel estava bem fechado.

– Eu não estou morta?

– Você quase morreu – respondeu Kai. – A faca penetrou em uma

das câmaras de seu coração prostético, o que levou seu corpo ao modo sobrevivência. Essa câmara se apagou enquanto o resto do seu coração continuou funcionando... mais ou menos. – Kai olhou para a médica. – Eu expliquei direito?

– Foi bem perto – disse a dra. Nandez com um sorriso fraco.

O coração de Cinder latejava a cada respiração.

– O display na minha retina está funcionando de novo.

A médica assentiu.

– Você precisava de uma nova unidade de processamento; a que estava instalada não foi feita para total submersão em água. Você teve sorte de ter entrado em modo de preservação, senão não teria conseguido função nenhuma na mão ou na perna.

– Eu fiquei sem por um tempo. – Cinder tentou mover os dedos cibernéticos, mas eles ficaram imóveis sobre o tecido. – Desculpe por ter assustado você.

– Sua reação era esperada. – A dra. Nandez indicou a mão de Cinder. – Posso?

Um constrangimento subiu pela coluna de Cinder: a palma da mão aberta e vulnerável, bem na frente de Kai.

Mas ela se sentiu boba e vaidosa, e assentiu.

A dra. Nandez se aproximou novamente de Cinder e colocou um tablet na cama. Um holograma surgiu no ar acima da tela: uma réplica exata da mão e da fiação interna de Cinder.

– Você deveria se deitar – aconselhou Kai. – Você foi esfaqueada, sabe.

– Eu me lembro. – Fazendo uma careta, ela apertou mais a mão no ferimento. A pressão aliviava um pouco o latejamento.

– Foram quarenta e dois pontos, e alguma coisa me diz que você pode ter arrancado alguns. Vamos lá, deite-se.

Ela deixou que Kai a guiasse novamente até o travesseiro. Afundou

na cama macia com um suspiro, embora a luz cirúrgica da médica estivesse novamente a cegando, e Kai tivesse assumido um brilho sobrenatural.

– Levana está morta? – murmurou ela.

– Levana está morta.

Com a confirmação e a lembrança clara de um tiro e um jorro de sangue fundida na mente, ela abriu o cérebro para todas as outras perguntas. Elas despencaram como uma cachoeira em seus pensamentos. *Cress, Thorne, Scarlet, Lobo, Winter, Jacin, Iko...*

– Todos estão vivos – disse Kai, como se os pensamentos estivessem escritos em texto verde nas íris dela. – Mas Cress está... os sinais vitais estão estáveis, e há esperança de recuperação, mas ela ainda não saiu da suspensão. Scarlet teve uma leve concussão, mas está bem. Thorne perdeu dois dedos, mas é um candidato excelente a receber próteses se quiser. Lobo está... bem, não dá para desfazer a bioengenharia sem arriscar danos sérios, mas ele está vivo e parece, sabe, o Lobo de sempre. Jacin sofreu alguns ferimentos, mas nada que ameace sua vida, e a princesa Winter...

Ele baixou o olhar.

Cinder sentiu um puxão no pulso, e o polegar tremeu descontroladamente por um momento antes de haver outro puxão e o movimento parar.

– Ela está inconsolável desde a revolta. Tiveram que mantê-la contida. E muitas pessoas morreram, dos dois lados, mas... deu certo. Os setores externos responderam com multidões, gente demais para os taumaturgos controlarem ao mesmo tempo. Ainda tinha gente vindo dos setores externos horas depois que a luta acabou.

Outro puxão de eletricidade, depois, o estalo de um trinco de metal.

– Experimente – disse a dra. Nandez, desligando o holograma.

Cinder levantou a mão. Tinha sido polida até estar brilhando, e ela via o contorno de seu cabelo escuro na superfície. Dobrou os dedos um de cada vez, depois rolou o pulso de um lado para outro. Abriu os dedos e testou o funcionamento das ferramentas; todas, exceto a arma, que ela torcia para nunca mais disparar.

Depois de fechar as pontas dos dedos, olhou para a médica.

– Obrigada.

– Foi um prazer – disse a dra. Nandez, se levantando. – Volto para dar uma olhada em você daqui a algumas horas.

Assim que ela saiu, Cinder sentiu o ar mudar. Uma tensão repentina, uma imobilidade.

Ela lambeu os lábios secos.

– Você é rei de Luna agora?

Kai pareceu surpreso com a pergunta.

– Não. Como Levana nunca foi a verdadeira rainha, ela não tinha poder legal para indicar alguém como rei consorte. Sou tecnicamente viúvo, mas acho que consigo anular o pequeno incidente.

– Pequeno incidente?

Considerando que era uma coisa que ela arriscara a vida para impedir várias vezes, Cinder não sabia se podia considerar o casamento de Kai um "pequeno incidente".

– Um erro temporário – disse ele, afastando a luz da cirurgiã, para que não cegasse mais Cinder. – Com tudo o que estava acontecendo, nós nem tivemos tempo de consumar.

Cinder tossiu.

– Informação desnecessária.

– É mesmo? Você não ficou curiosa?

– Eu estava tentando não pensar nisso.

– Bem... não pense mais. Ainda estou agradecendo às estrelas, uma

a uma.

Cinder teria rido se não doesse tanto.

Kai andou ao redor da cama e se sentou no banquinho da médica. As rodas estalaram no chão quando ele chegou tão perto que os joelhos encostaram na armação da cama.

– O que mais você precisa saber antes que eu a deixe descansar?

Ela passou a língua pelo céu da boca, desejando ter bebido mais água.

– Eu... eles acham que eu...?

– Rainha?

Ela assentiu.

– Sim, Cinder. Você é a rainha de Luna. – As palavras eram implacáveis. Tão impiedosas. – Examinaram seu DNA quando você estava inconsciente, e você é mesmo Selene. De acordo com a lei lunar, isso quer dizer que você era princesa regente até seu décimo terceiro aniversário, quando se tornou rainha de Luna. Levana era a impostora. Estão chamando você de "rainha perdida". Estão comemorando sua volta desde a noite da batalha. É claro que vão querer fazer uma cerimônia em algum momento, mais por tradição do que por qualquer outra coisa.

Cinder mordeu o lábio, pensando nos anos que passou sob os cuidados de Adri. Como mecânica, criada, um bem. O tempo todo ela era da realeza, e não tinha ideia.

– Até os taumaturgos, os que ainda estão vivos, dizem que a lealdade deles é ao trono lunar e a quem se senta nele. Pelo menos, é o que estão dizendo. Vamos ver como vão se sentir quando as coisas começarem a mudar por aqui. – Kai coçou atrás da orelha. – O exército está sendo problemático. Estamos chamando de volta todos os que foram enviados à Terra, mas alguns soldados... bem, não estão convencidos de que a guerra acabou. Alguns desertaram na Terra, e

os militares terráqueos estão fazendo o melhor que podem para rastreá-los, mas estamos torcendo para que...

Ela segurou as mãos dele, silenciando-o.

Ainda estava se acostumando com o fato de que era rainha.

Ela era a rainha de Luna.

Cinder lembrou a si mesma que era isso que queria. Essa responsabilidade, esse dever, esse *direito* era seu objetivo o tempo todo. A chance de livrar o mundo de Levana e mudar o país onde nasceu. Mudar para melhor.

Os dedos de Kai cobriram os dela. Só nessa hora ela percebeu que o tinha segurado com a mão ciborgue.

– Desculpe – disse Kai. – Você não precisa se preocupar com isso agora. Torin e eu estamos cuidando de tudo. Providenciando para que os feridos sejam cuidados, para que a cidade seja limpa... ah, e o antídoto. Estamos preparando grandes carregamentos para a Terra, e os técnicos estão trabalhando para produzir mais. Já enviamos mais de mil doses com os diplomatas, e dizem que vamos ter o triplo disso pronto para ser levado amanhã à noite, se bem que... – Ele hesitou, e uma sombra cruzou seu rosto. – O antídoto é produzido usando sangue cascudo, e tem um monte de leis complicadas sobre os cascudos, e não me senti à vontade de fazer nada sem você. É uma coisa que vamos ter que resolver quando você estiver pronta.

Ele parou de falar, embora Cinder percebesse os dilemas em seus olhos. O alívio de ter o antídoto ao dispor dele, junto com as coisas horríveis que Levana estava fazendo para obtê-lo.

Ela tentou sorrir, mas sabia o quanto devia parecer exausta.

– Obrigada, Kai.

Ele moveu a cabeça e mechas de cabelo caíram na testa.

– Desculpe. Eu devia ter deixado você dormir. É que... é muito bom vê-la acordada. Falar com você sobre isso.

– Por quanto tempo fiquei inconsciente?

– Quase três dias.

Ela virou o olhar para o teto.

– Três dias. Que luxo.

– E bem merecido. – Kai levantou a mão dela e apertou os lábios contra os nós dos dedos. – Leve o tempo que precisar para se recuperar. A parte difícil passou.

– Passou?

Ele hesitou.

– Bem. A parte *perigosa* passou.

– Você pode fazer uma coisa por mim?

Kai franziu a testa, como se não quisesse encorajar ideias malucas, mas o momento foi curto.

– O que você quiser.

– Todos os líderes terráqueos voltaram para a Terra?

– Não. Nós conseguimos tirar todos os terráqueos de Artemísia durante a luta quando abrimos o porto, mas a maioria voltou depois de saber que você teve sucesso. Acho que estão todos esperando para conhecê-la.

– Você pode convocar uma reunião? Eu, você, os líderes terráqueos... e... Luna... eu tenho um gabinete, um primeiro-ministro, alguma coisa?

Os lábios dele tremeram, como se quisesse fazer uma provocação, mas segurou a vontade.

– Normalmente, o taumaturgo-chefe agiria como segunda pessoa na linha de comando, mas o taumaturgo Aimery está morto. Sua corte está em triste desordem, infelizmente.

– Bem, qualquer pessoa que você ache que deva ser convidada, então, para uma reunião oficial. Uma reunião importante.

– Cinder...

– E minha madrasta? Ela ainda está aqui?

Ele franziu a testa.

– Na verdade, sim. Ela e a filha receberam um lugar a bordo da nave de um dos nossos representantes, mas a nave só parte amanhã.

– Leve-a também. E talvez aquela médica que estava aqui.

– Cinder, você precisa descansar.

– Eu estou bem. Tenho que fazer isso... o mais rápido possível, antes que outra pessoa tente me matar.

Ele sorriu, mas a expressão foi de carinho.

– Tem que fazer o que exatamente?

– Assinar o Tratado de Bremen. – Dizer as palavras levou um sorriso de verdade aos lábios dela. – Quero tornar nossa aliança oficial.

CAPÍTULO

Noventa e três

Jacin afundou na cadeira de visitante e observou o médico verificar os sinais vitais de Winter com uma inveja que não era pouca. Ele queria ser a pessoa a cuidar das necessidades dela, saber pela leitura das estatísticas como ela estava e o que se podia fazer para deixá-la melhor. Mas ele tinha que ficar ali, fingindo ser paciente, e esperar que o médico o informasse mais uma vez que não havia nada a ser feito. Tinham que esperar para ver se ela se recuperaria.

Recuperaria.

Jacin odiava essa palavra. Cada vez que era dita, ele ouvia a voz de Winter, assustada e com medo. *Não sei nem se uma pessoa sã se recuperaria. Então, como eu posso me recuperar?*

– Os batimentos dela estão acelerados – disse o médico, guardando o tablet. – Mas, pelo menos, ela está dormindo. Vamos dar outra olhada quando ela acordar.

Jacin assentiu, segurando todas as respostas que tinha. Quando ela acordar chutando e gritando. Quando ela acordar chorando. Quando ela acordar *uivando* de novo como um lobo triste e solitário. Quando ela acordar e nada tiver mudado.

– Não entendo – resmungou Jacin, pousando o olhar na testa de Winter. Pelo menos ela estava dormindo calmamente. – Usar o dom devia tê-la feito melhorar. Não piorar. Ela não deveria estar assim depois de tantos anos lutando contra.

– Todos esses anos são precisamente o que provocou isso. – O médico suspirou e também olhou com tristeza para a princesa. Com tristeza *demais*. Jacin se irritou. – Talvez ajude a entender se pensar no

cérebro e no nosso dom como um músculo. Se você não usa esse músculo por muitos anos, aí um dia decide usá-lo em todo o seu potencial, é mais capaz de estirá-lo do que de fortalecê-lo. Ela fez muita coisa rápido demais e... danificou a mente de maneira extensiva.

Eu estou destruída, ela dissera. Não danificada. *Destruída*.

E isso foi antes até de Aimery aparecer.

Assim que o médico saiu, Jacin puxou a cadeira para perto da cama de Winter. Verificou as amarras acolchoadas nos membros dela; estavam firmes, mas não apertadas demais. Ela acordou várias vezes se debatendo e arranhando, e um assistente médico quase perdeu um olho, e então decidiram que era melhor prendê-la. Jacin odiava vê-los fazendo aquilo, mas até ele concordava que era melhor. Ela tinha se tornado um perigo para si mesma e para os outros. Os dentes haviam até feito um corte impressionante no ombro dele, mas ele ainda não aceitava que foi Winter que o atacou. A doce e gentil Winter.

A danificada e destruída Winter.

Jacin apoiou os dedos no pulso dela por mais tempo do que era necessário, mas não havia ninguém para repreendê-lo além dele mesmo.

As marcas da doença iam ficando mais imperceptíveis a cada dia. Ele duvidava que fossem deixar muitas cicatrizes, e o que ficasse não seria nítido na pele escura. Não seriam como as cicatrizes na bochecha, que ficavam mais claras com o tempo.

Ele odiava e admirava aquelas cicatrizes. Por um lado, lembravam-no de uma época em que ela sofria. De uma época em que ele não pôde protegê-la.

Por outro lado, também o lembravam da bravura e da coragem que tão poucas pessoas viam nela. Com seu jeito sutilmente

desafiador, ela ousou ir contra os desejos de Levana e as expectativas da sociedade várias vezes. Ela foi obrigada a escolher suas batalhas, mas as escolheu, e tanto as perdas quanto as vitórias lhe custaram muito.

Os médicos não sabiam o que fazer com ela. Tinham pouca experiência com doença lunar. Poucas pessoas escolhiam deixar a sanidade se deteriorar como ela fez, e só dava para supor quais seriam os efeitos a longo prazo.

E tudo porque ela se recusava a ser como Levana e Aimery e todo os lunares que abusavam e manipulavam e usavam os outros para realizar seus desejos egoístas.

Mesmo em seu último ato desesperado, quando ela usou a mão de Scarlet para matar Aimery, Jacin sabia que ela fez para salvá-lo, não a si mesma. Nunca a si mesma.

Assim como ele faria qualquer coisa para salvá-la.

Ele passou a mão pelo rosto, tomado de exaustão. Tinha passado todas as noites desde a batalha ao lado dela e estava sobrevivendo com pouca alimentação e menos sono ainda.

Seus pais, ele ficou chocado de saber, não estavam mortos. Ele tinha certeza de que desafiar a ordem de Levana e ajudar Winter a fugir acabariam na execução pública deles, como Levana tinha ameaçado, mas um toque de ironia poupou as vidas de ambos. O pai tinha sido transferido para um setor madeireiro anos antes. Quando a chamada de Cinder para a revolução foi transmitida, os civis se rebelaram e aprisionaram todos os guardas e suas famílias. Quando a ordem de Levana de que eles fossem mortos foi emitida, os pais de Jacin não estavam mais sob o domínio dela. No fim das contas, o setor madeireiro era o mesmo onde Winter foi envenenada.

Ele ainda não os tinha visto, pois todos os guardas estavam esperando julgamento no novo regime. A maioria receberia a

oportunidade de jurar lealdade à rainha Selene e se juntar à nova guarda real que ela estava construindo. Ele sabia que seu pai, um bom homem que sofreu muito sob o comando de Levana, ficaria feliz com a mudança.

O próprio Jacin estava nervoso de se reencontrar com a família. Depois de anos afastando todo mundo que amava, era difícil imaginar uma vida na qual ele era livre para cuidar das pessoas, sem medo de elas se tornarem peões usados contra si.

Ele sabia que eles adorariam ver Winter de novo também, pois era como se ela fizesse parte da família deles na infância. Mas... não assim. Vê-la assim partiria os corações deles.

Vê-la assim...

Winter choramingou, um som patético como o de um animal morrendo. Jacin ficou de pé e colocou a mão no ombro dela, no que esperava que fosse um gesto reconfortante. Ela virou a cabeça de um lado para outro algumas vezes, os olhos se deslocando embaixo das pálpebras fechadas, mas não acordou. Quando se acalmou novamente, Jacin deu um suspiro pesado.

Ele queria que ela ficasse melhor. Que tudo aquilo acabasse. Queria que ela abrisse os olhos e não se debatesse nem mordesse nem uivasse. Queria que olhasse para ele com reconhecimento e felicidade e aquele toque de malícia que capturou seu coração bem antes de ela ser a garota mais bonita de Luna.

Ele puxou um cacho de cabelo de cima dos lábios, do rosto dela.

– Eu amo você, princesa – sussurrou ele, pairando acima dela por muito tempo, passando o dedo em seu rosto e na curva dos lábios, e se lembrando de quando ela o beijou no jardim. Ela lhe disse naquela ocasião que o amava, mas ele não teve coragem suficiente de dizer o mesmo.

Mas agora...

Ele colocou a mão do outro lado do corpo dela e se apoiou. O coração estava disparado, e ele se sentiu um idiota. Se alguém o visse, acharia que era um dos admiradores sinistros de Winter.

Não mudaria nada. Toda a lógica do mundo dizia isso. Um beijo idiota e idealista não poderia consertar a cabeça dela.

Mas ele não tinha nada a perder.

Winter continuou dormindo, o peito subindo. Descendo.

Subindo e descendo e subindo.

Jacin percebeu que estava enrolando. Aumentando as esperanças, mas também erigindo um muro ao redor de si para quando nada acontecesse. Porque nada aconteceria.

Ele se inclinou sobre ela, deixou um leve espaço entre os dois e curvou os dedos no lençol fino do hospital.

– Eu amo você, Winter. Sempre amei.

Ele a beijou. Sendo unilateral, tinha pouco da paixão que houve no jardim, mas muito mais esperança. E um monte de tolice.

Ao se afastar, ele engoliu em seco e ousou abrir os olhos.

Winter estava olhando para ele.

Jacin deu um pulo para trás.

– Caramba, Winter. Você... quanto tempo... – Ele massageou a nuca. – Você estava fingindo dormir?

Winter ficou olhando para ele, com um meio sorriso sonhador nos lábios.

A pulsação de Jacin tremeu com aquele olhar, sua atenção voltando aos lábios dela. *Era possível...?*

– Win... Princesa?

– Oi – disse ela, com voz rouca, mas não menos doce do que o habitual. – Você está vendo a neve?

A testa dele se franziu.

– Neve?

Winter olhou para o teto. Apesar de os pulsos estarem bem presos, ela abriu a palma da mão, tentando pegar alguma coisa.

– É mais bonita do que eu imaginava – sussurrou ela. – Sou a garota de gelo e neve, e acho que estou muito feliz em conhecer você.

A decepção tentou se infiltrar no peito de Jacin, mas o muro que ele erigiu fez seu trabalho, e o sentimento foi repelido tão rápido quanto apareceu.

Pelo menos, ela não estava tentando mordê-lo.

– Oi, garota da neve – disse ele, dobrando os dedos dela ao redor de um floco de neve imaginário. – Também estou feliz em conhecer você.

CAPÍTULO

Noventa e quatro

Ainda com as pernas fracas, Cinder se segurou no braço de Kai enquanto ele a guiava pelo palácio de Artemísia pela primeira vez desde a insurreição. Ao redor, as janelas enormes e as paredes de azulejos cintilavam na luz do sol. Era tão lindo. Ela tinha dificuldade de acreditar que era dela.

Seu palácio, seu reino, seu *lar.*

Ela se perguntou quanto tempo demoraria para se tornar real.

Iko escolheu seu vestido, bem simples, tirado do armário de Winter, e prendeu o cabelo dela em um penteado arrumado. Cinder estava com medo de mover a cabeça e tudo despencar. Ela sabia que deveria se sentir majestosa e poderosa, mas se sentia uma garota fraca brincando de faz de conta.

Ela tirou forças da presença de Kai de um lado e de Iko do outro, apesar de Iko não parar de levantar a mão e ajeitar seu cabelo. Cinder bateu na mão dela.

Pelo menos o braço de Iko estava funcionando de novo. A dra. Nandez tinha conseguido recuperar boa parte da funcionalidade do corpo, mas ainda havia muitos danos a serem consertados.

Quando eles dobraram uma esquina, ela viu seu novo guarda pessoal, Liam Kinney, junto com o conselheiro de Kai, Konn Torin. Ao lado deles estavam Adri e Pearl.

Cinder hesitou, com a pulsação acelerando.

– Cinder.

Ela olhou nos olhos de Kai, para o sorriso encorajador, e sentiu o coração dar um nó por um motivo completamente diferente.

– Sei que isso é estranho – disse ele –, mas estou aqui se você precisar de mim. Só que você não vai precisar de mim. Vai se sair muito bem.

– Obrigada – murmurou ela, resistindo a uma vontade enorme de abraçá-lo, de se aninhar nos braços dele e se esconder do resto da galáxia. Talvez para sempre.

– Além disso... – Ele baixou a voz. – ... você está linda.

Foi Iko quem respondeu:

– Obrigada por reparar.

Kai riu, enquanto Cinder, com os pensamentos flutuando em todas as direções, baixou a cabeça.

Cinder seguiu mancando, fazendo questão de não olhar para a família adotiva. Quando estava perto o bastante, Konn Torin fez uma reverência para ela. Respeito diplomático, pensou Cinder, lembrando-se dos muitos olhares severos que recebeu daquele homem desde que o viu pela primeira vez no baile anual. Mas, quando ele levantou a cabeça, estava sorrindo. Na verdade, parecia bem simpático.

– Vossa Majestade – disse ele. – Em nome do povo da Comunidade das Nações Orientais, quero agradecer por tudo o que você fez e tudo o que vai fazer.

– Ah, hã. É. Disponha.

Engolindo em seco com dificuldade, ela ousou olhar para Adri.

O rosto da madrasta estava meio cadavérico. O número de cabelos brancos tinha triplicado nas últimas semanas.

Houve um momento em que Cinder pensou em mil coisas que poderia dizer para aquela mulher, mas nenhuma delas parecia mais importante.

Adri baixou o olhar para o chão. Ela e Pearl fizeram reverências constrangidas.

– Vossa Majestade – disse Adri, parecendo estar mastigando um limão amargo.

Ao lado dela, Pearl também resmungou, de maneira quase imperceptível:

– Vossa Majestade.

Iko fez um ruído debochado, um som de desprezo que Cinder não achava que acompanhantes eram capazes de fazer.

Olhando para o alto da cabeça de Pearl e Adri, ela tentou dar uma resposta graciosa, alguma coisa que Kai diria. Coisas que uma boa rainha teria feito para aliviar a tensão. Para oferecer perdão.

Mas ela só se virou.

Kinney levou o punho ao peito, e Cinder deu o que esperava que fosse um aceno real, e Kai a levou por um par de portas. Ela pediu a ele para encontrar um lugar neutro para a reunião; nem a sala do trono, que tinha visto tanto sangue, nem o solar da rainha, nem o local onde Levana conduziria esse tipo de coisa. Ela entrou em uma sala de reuniões com uma mesa de mármore enorme e dois nódulos holográficos desligados.

A sala já estava cheia. Ela engoliu em seco, o silêncio sepulcral quase a fazendo voltar para o corredor. Reconheceu a maioria das pessoas, mas a interface do cérebro não perdeu tempo nenhum em levantar os perfis da base de dados na rede.

Presidente Vargas, da República Americana.

Primeira-ministra Kamin, da União Africana.

Rainha Camilla, do Reino Unido.

Governador-geral Williams, da Austrália.

Primeiro-ministro Bromstad, da Federação Europeia.

A dra. Nandez, aclamada cirurgiã cibernética, e Nainsi, a androide que Cinder consertou para Kai tanto tempo antes. Ela foi levada para Luna para gravar essa ocasião para os registros oficiais da Terra.

Adri e Pearl foram levadas ao redor da mesa.

Só sobravam Iko, Kai, Konn Torin e a própria Cinder... ou Sua Majestade Real, rainha Selene Channary Jannali Blackburn de Luna. Ela se perguntou se não seria um problema pedir que todo mundo a chamasse de Cinder.

Antes que pudesse falar, os líderes mundiais se levantaram e começaram a aplaudir. Cinder se encolheu.

Um a um, contornaram a sala e fizeram reverências.

Sentindo um pânico repentino, Cinder olhou para Kai. Ele mexeu um ombro só, dando a ideia de que, sim, é esquisito, mas você se acostuma.

Quando o círculo chegou a ele, Kai também levou o punho ao peito e inclinou a cabeça, a melhor reverência que podia fazer ainda a apoiando com um braço.

– O-Obrigada – gaguejou ela, perguntando-se se deveria fazer uma reverência, mas não seria capaz de fazer uma reverência graciosa nem em seus melhores dias, e seria desastroso com todos os seus ferimentos. Então esticou a mão ciborgue para eles. – Hã, sentem-se por favor.

Os aplausos morreram, mas ninguém se sentou.

Kai levou Cinder até a cabeceira da mesa e a ajudou a se sentar. Só então os outros se sentaram, Kai na cadeira à direita de Cinder. Adri e Pearl ficaram entre Konn Torin e o presidente Vargas. Elas pareciam extremamente constrangidas.

– Hum. Obrigada a todos por virem tão subitamente – começou Cinder. Ela tentou cruzar as mãos em cima da mesa, mas pareceu estranho, então as apoiou no colo. – Tenho certeza de que todos vocês estão ansiosos para voltar para casa.

– Peço desculpas por interromper – disse a rainha Camilla, sem parecer lamentar nada. – Mas eu gostaria de aproveitar esse

momento para dar meus *parabéns* pela recuperação do trono.

Outra salva de palmas começou seguindo as palavras da rainha, e Cinder teve a impressão de que não a estavam parabenizando por se tornar rainha, mas, sim, a si mesmos por não terem mais que lidar com Levana.

– Obrigada. Obrigada. Espero que vocês compreendam que eu... hã. Espero que vocês tenham paciência comigo. Isso tudo é novo para mim, e eu não...

Eu não sou rainha de verdade.

Ela olhou ao redor, para os rostos ansiosos e esperançosos a observando como se ela fosse alguma espécie de heroína. Como se ela tivesse feito uma coisa incrível. Seu olhar percorreu a mesa, e ela foi ficando mais nervosa e se sentindo mais inadequada a cada pessoa que via, mais velha, mais sábia, mais experiente... até Kai.

Assim que teve a atenção dela, ele piscou.

O estômago dela deu um nó.

Ela se virou e empertigou os ombros.

– Eu pedi que vocês viessem aqui hoje porque o relacionamento entre a Terra e Luna anda tenso há muito tempo, e meu primeiro ato como... – Ela hesitou e passou as mãos por cima da mesa de novo, entrelaçando os dedos. Alguns olhares se desviaram para o membro ciborgue, mas todos tentaram fingir que não tinham reparado. – Como meu primeiro ato como rainha de Luna, quero criar uma aliança de paz com a União Terráquea. Mesmo que seja apenas simbólica no começo, espero que seja o começo de um proveitoso e mutuamente benéfico... hã... – Ela olhou para Kai.

– Relacionamento? – sugeriu ele.

– Relacionamento. Relacionamento político. – Ela ajeitou a coluna, torcendo para não parecer tão idiota quanto se sentia. Mas, ao redor, os diplomatas estavam assentindo, cheios de respeito e

concordância. – Estou ciente de que uma aliança pacífica vai começar com todas as unidades militares lunares sendo removidas de solo terrestre, e vou tentar garantir que a transição seja efetuada o mais rápido possível.

Um suspiro de alívio se espalhou entre os reunidos.

– Na verdade – prosseguiu Cinder –, o que eu sei é que, por instrução de Kai... do imperador Kai... Kaito? – Ela levantou as sobrancelhas para ele, percebendo que era a primeira vez que tinha que ser formal em sua presença.

Em resposta, Kai pareceu querer rir. Ela o encarou com irritação.

– Por instrução do imperador Kaito – continuou ela –, algumas dessas unidades militares já estão voltando para Luna.

Uma série de movimentos de cabeça. Eles já sabiam.

Ela engoliu em seco. Os ferimentos estavam começando a coçar junto com o latejar constante, sufocado por remédios. Ela esperava que seu primeiro ato como rainha não fosse um desmaio.

– Luna também vai continuar a produzir e distribuir o antídoto da letumose conforme for necessário e nossos recursos permitirem. Como vocês sabem, o antídoto estava sendo obtido a partir de lunares sem o dom, obrigados a ficar em estado de coma constante para que seu sangue fosse extraído, uma violação de direitos. Eu soube que pode ser possível fabricar plaquetas desenvolvidas em laboratório que imitem as de um cascudo... hã, de lunares sem dom, e espero orientar os esforços de pesquisa de Luna nessa direção, para encontrar uma solução que seja justa para todos. É claro que todas as amostras do antídoto que já temos em estoque serão enviadas para a Terra imediatamente.

Sinais de concordância. Sorrisos. Alívio e gratidão.

Cinder se preparou.

– Dito isso, eu tenho alguns... pedidos a fazer para vocês.

Quando o ar de vitória ao redor da mesa deu lugar a uma paciência fingida e a um toque de tensão, Cinder prendeu uma mecha de cabelo atrás da orelha.

– Quero deixar claro que esses pedidos são só... pedidos. Suas respostas não vão mudar nenhuma das promessas que fiz. Isso não é uma negociação.

Ela chegou mais perto da mesa.

– Primeiro. – Ela tentou manter contato visual com as pessoas, mas achou impossível e baixou o olhar para as mãos enquanto falava. – Durante anos, os ciborgues foram tratados como cidadãos secundários... – Ela limpou a garganta, sentindo a presença ardente de Kai ao lado. – Eu tive a experiência de crescer na Comunidade das Nações Orientais. Ciborgues menores de idade são vistos mais como um bem do que como uma pessoa, com direitos similares aos dos androides. Existe um preconceito contra nós, uma ideia de que, porque ganhamos habilidades não naturais, habilidades *feitas pelo homem*, nós somos um perigo para a sociedade. Mas não é verdade. Nós só queremos aceitação, como qualquer pessoa. Portanto, meu pedido é que todas as leis relacionadas a ciborgues sejam reexaminadas e que recebamos igualdade e os mesmos direitos básicos de todo mundo.

Ousando levantar o olhar, viu mais de um rosto vermelho, e ninguém arriscava fazer contato visual com ela. A nova rainha ciborgue de Luna.

Exceto Kai, que parecia com vergonha de estar no mesmo grupo dos outros. Mas, apesar da decisão dele de acabar com o recrutamento de ciborgues para os testes de letumose, a Comunidade continuava perpetuando muitas das mesmas injustiças do resto do planeta.

Kai foi o primeiro a assentir.

– A Comunidade concorda com seu pedido. Essas leis são injustas e antiquadas.

Depois de um longo silêncio, a rainha Camilla limpou a garganta.

– O Reino Unido também concorda. Vamos começar a reexaminar as leis assim que eu voltar.

O primeiro-ministro Bromstad admitiu timidamente que teria que convocar uma votação parlamentar antes de qualquer mudança poder ser feita na lei, assim como nas outras repúblicas, mas houve concordância geral na mesa. Não era um acordo genuíno, Cinder percebeu, e ela tentou disfarçar o quanto isso a repugnava. Ela sabia que não era porque uma ciborgue tinha salvado o mundo que eles estariam dispostos a abrir mão de gerações de preconceitos, mas esperava que fosse um começo.

– Segundo. Peço que todas as restrições sobre a imigração lunar sejam removidas. Os lunares devem ser livres para ir e vir entre Luna e a Terra como queiram; não quero que Luna pareça mais uma prisão para seus cidadãos. Da mesma forma, assim que estivermos preparados, vou abrir os portos de Luna para qualquer viagem e imigração terrestre. Como era quando Luna se tornou um país, e os negócios e as viagens eram encorajados. Sinto que é a única forma de nossas duas sociedades começarem a confiar uma na outra.

Enquanto falava, ela reparou em muitos olhares trocados entre os outros líderes.

Foi o governador-geral da Austrália quem ousou falar:

– Apesar de entender seus motivos, como vamos confiar que os lunares que vão para nossos países não vão... – Ele hesitou.

– Manipular vocês? – disse Cinder. – Fazer lavagem cerebral no seu povo? Cometer crimes indescritíveis contra a humanidade, sabendo o quanto seria fácil saírem impunes?

Ele deu um sorriso constrangido.

– Exatamente.

– Acredito que terráqueos e lunares podem coexistir pacificamente – disse Cinder. – Já vimos em Farafrah e em outras cidades do norte da África na última década, onde perto de quinze por cento da população é formada de imigrantes lunares. Eles trabalham juntos. Confiam uns nos outros.

– Quinze por cento? – repetiu a primeira-ministra Kamin. – Eu nunca ouvi essa estatística.

– Eles não divulgam, mas não pareceu ser segredo, nem mesmo para os terráqueos locais. Eles tinham formado um relacionamento mutuamente benéfico.

– Por mais romântico que esse pensamento seja – disse Kamin –, com todo o respeito, você é muito jovem, Vossa Majestade. Pode não estar ciente de que houve uma época em que se encorajava viajar entre a Terra e Luna, e que, naquela época, vivenciamos episódios de lavagem cerebral em massa do nosso povo, forçando suicídios, estupros... Além de ser difícil provar quando um lunar manipulou um terráqueo, em metade das vezes não conseguimos nem saber que um crime foi cometido. – Ela parou quando sua voz começou a se elevar. – Claro que não falo com desrespeito à senhora, Vossa Majestade.

– Não houve desrespeito – falou Cinder. – Na verdade, estou bem familiarizada com o Massacre de New Haven do ano 41 da Terceira Era, com as Marchas Irracionais do ano 18 da Terceira Era, com o caso altamente divulgado de Roget contra Caprice na Segunda Era e, ah, uns mil outros exemplos notáveis de lunares usando o dom no povo da Terra.

Kamin pareceu surpresa. Na verdade, a mesa toda pareceu bastante surpresa.

Inclinando-se para a frente, Cinder falou com clareza.

– Eu tenho um computador no *cérebro* – afirmou ela. – Então,

embora eu não vá dizer para você que sou a pessoa mais inteligente nem a mais experiente desta sala, eu sugeriria que ninguém use minha juventude para acreditar que também sou *ignorante*.

– Claro – respondeu Kamin, tensa. – Me perdoe. Eu não quis ofender.

– Suas preocupações são legítimas – comentou Cinder. – Se eu pudesse oferecer uma solução, uma promessa de que nenhum terráqueo seria manipulado novamente, ou que pelo menos teria a oportunidade de se proteger contra a manipulação, vocês concordariam com meu pedido?

– Poderia ser analisado – disse o presidente Vargas. – E posso dizer que eu estou morrendo de vontade de saber que solução é essa.

– Certo. – Cinder indicou a madrasta com a mão. – Esta é Linh Adri, cidadã da Comunidade das Nações Orientais.

Adri levou um susto e percorreu a mesa de pessoas muito importantes com o olhar.

– O marido de Adri, um homem chamado Linh Garan, foi um inventor que se especializou em sistemas de androides e cibernética. Ele faleceu, mas, quando estava vivo, inventou um... dispositivo. É acoplado ao sistema nervoso de uma pessoa e pode protegê-la de ser manipulada pelo dom lunar. Levana soube recentemente sobre esse dispositivo e fez o que pôde para destruir todas as patentes e esquemas do dispositivo, chegando ao ponto de prender Adri, a dona da tecnologia por direito, aqui em Luna.

Adri tinha ficado pálida.

– Desculpem-me, mas não sei nada sobre isso. Esse dispositivo, se é que existiu, já não existe há muito...

– Bem, mais ou menos não existe – interrompeu Cinder. – Até onde eu sei, só houve dois protótipos em funcionamento. Um estava em uma mulher terráquea chamada Michelle Benoit, que foi morta

durante os ataques a Paris. O outro está dentro de mim. – Ela se virou para a dra. Nandez, cujo interesse parecia ter aumentado desde que a reunião começou.

Inclinando-se para a frente, a médica apoiou o queixo na mão.

– No seu áxis? – disse ela. – Eu vi no seu holograma, mas não sabia o que era.

Cinder assentiu.

– Estou com esperanças de que você me diga que o dispositivo pode ser removido com segurança e que o hardware pode ser reproduzido. Se conseguirmos copiá-lo, pode chegar um momento em que todo mundo que quiser evitar a manipulação bioelétrica vai ter o poder para isso.

Uma agitação descrente.

– Isso é possível? – perguntou o presidente Vargas.

– Sem dúvida – respondeu Cinder. – Funcionou em mim e funcionou em Michelle Benoit.

– Odeio ser pessimista – disse a dra. Nandez –, mas seu dispositivo instalado pareceu estar com danos sérios. Apesar de ser possível usá-lo para criar um projeto de hardware, é preciso considerar que qualquer programação pode ter sido permanentemente danificada. Se a rainha Levana de fato mandou destruir os dados, não sei com que facilidade pode ser reproduzido.

– Você está certa. O meu foi destruído. – Cinder lançou um olhar para Adri e Pearl, que estavam franzindo a testa enquanto tentavam acompanhar a conversa. – Por sorte, Linh Garan criou um backup do software do dispositivo. Ele foi inteligente o bastante para esconder em um lugar onde ninguém pensaria em procurar. *Você* sabe, Linh-jie?

Surpresa com o termo formal, Adri balançou a cabeça.

– Ele escondeu dentro do chip de personalidade de um Serv9.2 inferior.

Iko deu um gritinho.

Um rubor subiu para as bochechas de Adri. Uma compreensão foi surgindo, junto com horror.

– Ah... mas eu... mas o androide... eu não sabia que ela era...

– Valiosa? – Cinder deu um sorriso irônico. – Eu sei. Adri mandou desmontar a androide em questão e vender as peças como sobressalentes.

Houve um burburinho de horror ao redor da mesa, e muitos olhares furiosos lançados a Adri e Pearl.

– Tudo – acrescentou Cinder –, menos o chip de personalidade defeituoso que ninguém queria. Ninguém, exceto Linh Garan... e eu. – Ela indicou Iko. – O chip está dentro da minha amiga androide-acompanhante aqui, e não tenho dúvida de que é possível extrair as informações registradas nele.

– Hã – disse Iko, levando os dedos às têmporas. – Eu me lembro de quando ele fez upload desses arquivos. Achei que eram proteção contra malware.

– Claro que Linh Adri é a dona da patente e da tecnologia, então é justo que seja compensada – continuou Cinder. – Espero que vocês consigam pensar em algum tipo de royalty pela fabricação do dispositivo.

Ruídos de concordância soaram por toda a mesa, exceto por parte de Adri.

– Royalty? – Ela olhou para Pearl e novamente para Cinder. – Quanto... quanto de royalty?

Iko baixou a mão e resmungou:

– Uma quantidade que vai ser alta demais.

Cinder sufocou um sorriso.

– Isso é entre você e as entidades do governo para as quais você vai vender. – Inclinando-se por cima da mesa, ela grudou um olhar na

madrasta. – Sugiro que você *não* fique gananciosa.

Após a advertência, Adri afundou na cadeira. Mas uma luz surgiu nos olhos dela quando alguém do outro lado da mesa mencionou o mercado potencial de um dispositivo assim. Milhões, possivelmente bilhões poderiam ser reproduzidos ao longo da próxima década...

Adri esticou a mão para segurar a da filha. Pearl olhou para a mãe e também pareceu finalmente entender.

O dispositivo de Linh Garan tinha o potencial de fazê-las ficarem bem ricas.

Cinder percebeu com uma certa surpresa que não sentia tanta amargura quanto achava que sentiria. Que Adri ficasse com suas riquezas e seus royalties, sua filha e sua vida. Depois daquele dia, Cinder pretendia nunca mais pensar em nenhuma das duas.

Seu único lamento era Peony não estar presente. Ela nunca brincaria de se vestir com Iko nos armários reais. Os olhos dela não brilhariam quando Cinder colocasse a coroa pela primeira vez. Ela não conheceria Kai, que tinha se tornado bem mais para Cinder do que seu príncipe ou seu imperador ou um sonho impossível.

– Isso me leva ao meu pedido final – disse Cinder, determinada a acabar com a reunião antes que qualquer emoção, boa ou ruim, tomasse conta dela. – E tem a ver só com dois de vocês. Presidente Vargas e governador-geral Williams. – Cinder se ajeitou na cadeira. – Envolve um homem chamado Carswell Thorne.

CAPÍTULO

Noventa e cinco

A enfermeira não parava de pedir desculpas enquanto levava Cress da clínica para o palácio. Longe de estar curada, Cress teve que ser transportada em uma cadeira de levitação magnética, que era o aparato flutuante mais estranho que já tinha visto. Não era bem uma maca, mas também não era bem uma cadeira de rodas. Durante o momento em que se deixou levar pela imaginação, sentiu-se uma princesa exótica da primeira era sendo levada em um trono luxuoso nos ombros de homens bem fortes.

Mas então a enfermeira recomeçou a pedir desculpas e destruiu a fantasia. A clínica estava tão lotada, explicou ela, e os médicos eram tão poucos, e já que Cress tinha saído do estado crítico...

Cress não se importou com a mudança. Estava feliz por estar fora da clínica estéril.

Apesar de ter sido tirada da animação suspensa quatro horas antes, ela já tinha visto Iko, Scarlet, Lobo e até Jacin, exausto, que lhe contou sobre a vitória deles e que Cinder tinha assinado o Tratado de Bremen, e que os cascudos haviam sido despertados, e que os pesquisadores estavam tentando descobrir a melhor forma de ajustá-los à vida em Luna enquanto também cumpriam as necessidades de antídoto da Terra. A cabeça de Cress ficou girando.

Mas, no topo dos pensamentos dela, sempre, sempre, estava Thorne.

Ele não estava lá.

Ninguém mencionou o nome dele, e Cress sentiu que todos estavam prendendo a respiração. Querendo dizer alguma coisa, mas

esperando, inseguros.

Ela tinha destruído dois dedos dele com um tiro. Podia ser um ferimento pequeno em comparação ao que ela e Cinder sofreram, mas, mesmo assim... foi *ela* que o provocou. Por vontade própria.

A enfermeira a levou para a familiar ala de convidados. Foi ali que ela deu de cara com Kai.

– Chegamos – disse a enfermeira, abrindo uma porta. – Se você precisar de qualquer coisa...

– Eu estou bem. – Cress usou os controles no braço da cadeira para entrar no quarto. Uma cama com dosséis estava coberta de sedas cintilantes, o piso de pedra estava encerado, brilhando. A janela dava vista para um jardim de flores do palácio, cheio de gazebos e estátuas. – Obrigada.

– Nós cuidamos para que você fique perto dos seus amigos – disse a mulher. – O sr. Kesley e a srta. Benoit estão a duas portas à esquerda, e o imperador Kaito está logo depois da esquina. O sr. Thorne está em frente.

Cress virou a cadeira. Sua porta ainda estava aberta, e de onde estava ela via a porta fechada de Thorne.

– Está?

– Quer que eu veja se ele está no quarto?

Cress ficou vermelha.

– Ah. Não, tudo bem. Obrigada.

– Então preciso voltar para a clínica. Quer ajuda para se deitar na cama antes de eu ir?

– Não, acho que vou ficar sentada apreciando a vista um pouco. Obrigada.

A enfermeira saiu e fechou a porta.

Cress respirou fundo. Os melhores aposentos de hóspedes tinham cheiro de produto de limpeza de limão e de um buquê de lilases em

cima da mesa. Mas já estavam murchando, e Cress se perguntou quanto tempo fazia que estavam ali. Talvez aquele quarto tivesse sido preparado para outra pessoa, quem sabe um dos diplomatas terráqueos que já tinham ido embora.

O sr. Thorne está em frente.

Ela ficou olhando para a porta, desejando que ele aparecesse.

Seu estômago estava latejando onde Thorne a tinha esfaqueado quando estava sob o controle de Levana. Ela apertou os dedos nas ataduras sobre os pontos, tentando aliviar a dor. Perguntou-se se poderia ter pedido à enfermeira para deixar algum remédio para a dor.

Ela respirou fundo, sentindo a dor nas costelas quando os pulmões as pressionaram. Seria corajosa. Seria heroica. Faria seu próprio destino.

Levou a cadeira flutuante até a porta e a puxou.

Thorne estava no corredor.

Ele deu um pulo e juntou as mãos nas costas, uma postura rigidamente formal. Estava barbeado, com o cabelo bem penteado, e usava roupas novinhas: uma camisa de gola azul dobrada até os cotovelos, e uma calça cáqui enfiada em botas marrons.

Cress se espremeu contra o encosto da cadeira e se sentiu deslocada. Apesar de ter tomado banho para tirar a gosma do tanque de suspensão, ela ainda estava com a camisola fina da clínica e não teve oportunidade nem de pentear o cabelo.

– Capitão – sussurrou ela.

– Desculpe – disse ele, batendo os calcanhares. – Você estava saindo?

– Não. Eu... pensei em ir ver você.

Thorne pareceu desprevenido, mas um sinal de alívio surgiu na lateral da boca. Ele se inclinou e colocou as mãos nos apoios de

braços dela. A mão direita estava envolta em gesso.

– Você deveria estar *descansando* – disse ele, empurrando-a para trás e fechando a porta com o pé. Ele a levou até a janela e olhou ao redor. – O que posso trazer para você? Um tablet? Um massagista? Uísque com gelo?

Ela não tirava os olhos dele. Mesmo sabendo que ele estava vivo, não tinha acreditado até aquele momento.

– Você parece... – Ela não conseguiu terminar. Seus olhos começaram a lacrimejar.

Um sorriso pela expectativa de um elogio logo virou pânico.

– Ah, ei, por que você está assim? – Ele se agachou na frente dela. – Acho que chorar não vai ser muito bom na sua condição.

Ela mordeu o lábio com força. Ele estava certo. A respiração entrecortada já estava fazendo seu abdome latejar. Sufocou as lágrimas.

Thorne segurou as mãos de Cress e colocou o gesso entre elas. Sua pele parecia bronzeada e áspera perto da dela.

– Desculpe – disse ele. – Eu queria estar lá quando tiraram você do tanque, mas estava em uma reunião quando Scarlet mandou uma mensagem para me dizer, e eu não podia sair, e eu achei... Eu não sabia... – Ele expirou, a boca exibindo frustração.

– Reunião? – disse Cress, sem saber se essa explicação fazia com que se sentisse melhor ou pior.

A expressão dele se iluminou.

– Você não vai acreditar nisso. O próprio presidente Vargas queria me conhecer. O *verdadeiro* presidente da República Americana. Adivinhe o que ele disse.

Ela pensou.

– Ele vai dar a você uma medalha de honra pela sua coragem?

– Quase isso. – Os olhos azuis de Thorne brilharam. – Ele vai me dar

a Rampion.

Ela arregalou os olhos.

Thorne se levantou e começou a andar de um lado para outro.

– Bem, quer dizer, ele vai me *emprestar* a Rampion, mas posso começar a fazer pagamentos para comprá-la dos militares. Cinder pediu que ele me perdoasse se eu prometesse não roubar mais, blá-blá-blá, *e* ela recomendou a mim e à minha tripulação para chefiar a força de distribuição do antídoto de letumose. Mas preciso de uma nave para isso, e foi por essa razão que o presidente Vargas fez o acordo. Você devia ter visto como ele parecia infeliz. Acho que ele não é um grande fã meu, mas... ele aceitou mesmo assim.

Cress bateu palmas.

– Estou tão feliz por você.

– Você me imagina em um emprego legítimo?

– E um emprego que vai ajudar pessoas. – Ela sorriu. – Imagino com facilidade.

– Tenho certeza de que você é a única. – Ele parou de andar por tempo suficiente para sorrir para ela.

Um calor inundou o rosto de Cress, e ela olhou para baixo e reparou novamente no gesso. Ele teria que se treinar para pilotar com os ferimentos.

– D... Desculpe pela sua mão – gaguejou ela.

– Não diga isso – retrucou ele de pronto, como se estivesse esperando um pedido de desculpas. – Scarlet e eu vamos abrir um clube de gente sem dedo. Talvez a gente deixe Cinder ser membro honorário. – Sentando-se na beirada da cama, ele olhou para o gesso e o girou na luz. – Além do mais, estou pensando em arrumar uns substitutos ciborgues. Sabe esse jeito de Cinder fazer todo tipo de truque? Eu achei que poderia ser legal ter sempre um palito de dentes à mão. Ou talvez um pente. – Ele parecia distraído, como se as

palavras e pensamentos não estivessem em sintonia. Quando ousou levantar o rosto de novo, havia ansiedade no olhar. – Eu também peço desculpas, Cress. Eu... eu quase matei você e...

– Levana quase me matou.

Ele contraiu o maxilar.

– Era eu quem estava segurando a faca. Eu senti. Senti acontecer, e não houve nada que eu pudesse fazer...

– Não houve nada que você pudesse fazer – concordou ela.

Apoiando os cotovelos nos joelhos, ele se inclinou para a frente, a cabeça pesada entre os ombros.

– Não. Eu sei. – Ele passou a mão boa pelo cabelo. – Sei que pela lógica foi ela, não eu. Mas... Cress. – Ele suspirou. – Vou ter pesadelos com aquele momento pelo resto da minha vida.

– Não foi culpa sua.

– Cress, isso não é... – Massageando a nuca, ele olhou para ela, mas o olhar foi tão intenso que ela teve dificuldade de sustentá-lo. Ficou ainda mais vermelha. – Eu... – Ele colocou as mãos nos joelhos e se preparou. – Você quer ficar na minha tripulação?

Os pensamentos dela se perderam.

– Na sua... tripulação?

– Eu sei. – Ele limpou a garganta. – Você passou a vida toda no espaço, longe da civilização. Entendo se disser não. Se você quiser ficar aqui em Luna ou até... até se quiser que eu a leve para a Terra. Tenho certeza de que você poderia ficar um tempo com Kai, que, você sabe, mora em um palácio. – A expressão de Thorne ficou sombria. – Que deve ser bem tentador em comparação à nave de carga que *eu* estou oferecendo.

Ele começou a andar de novo.

– Mas Lobo e Scarlet vão ficar aqui... só temporariamente, até a doença estar sob controle. E eu tive uma ideia. Essa tarefa vai nos

levar por toda a República. Não que fôssemos passear muito, mas vai ter... hã. Florestas. E montanhas. E todo tipo de coisas. E quando terminarmos, se houver qualquer lugar para onde você queira voltar, podemos fazer isso. E ficar um tempo. Ou eu posso levar você... para qualquer lugar. Para qualquer lugar que você queira ver.

A agitação dele andando de um lado para outro a estava deixando tonta.

– Você está me oferecendo um... emprego.

– S... não. – Ele hesitou. – Quer dizer, mais ou menos. Isso tudo foi bem mais suave quando ensaiei ontem à noite.

Ela apertou um olho para ele.

– Capitão, eu ainda estou tomando muitos medicamentos, e não sei se estou acompanhando.

Ele observou a camisola do hospital e a cadeira flutuante como se tivesse esquecido.

– Pelas estrelas, eu sou ruim nisso, não sou? Quer se deitar? Você deveria se deitar.

Sem esperar resposta, ele passou um braço por baixo dos joelhos dela e a levantou da cadeira, com delicadeza, como se estivesse pegando uma boneca de valor inestimável. Ela segurou um sibilar de dor na garganta enquanto ele a carregava até a cama.

– Melhor? – perguntou ele, colocando-a em cima das cobertas.

– Melhor – admitiu ela.

Mas ele não a soltou, e estava muito perto quando ela fitou seus olhos.

– Cress, olhe só. Obviamente, eu não sou bom nisso. Pelo menos, não quando é... quando é com *você*. – Ele pareceu frustrado. Seus dedos se dobraram e seguraram o tecido fino da camisola do hospital. – Mas eu sou bom *nisso.*

Ele se inclinou para mais perto, e seus lábios encontraram os dela,

pressionando-a nos travesseiros macios. Ela ofegou e afundou os dedos na camisa dele, com medo de que ele se afastasse antes que ela memorizasse o momento. Mas ele não se afastou, e Cress aos poucos ousou retribuir o beijo. O colchão se moveu, Thorne levantando um joelho para não a esmagar. O gesso esbarrou no quadril dela, desajeitado, mas um pouco menos quando ele o levou até a lateral do rosto para passar o polegar pelo maxilar dela. E os lábios acompanharam. Até o queixo dela. Até o pescoço. Até a clavícula.

O corpo dela ficou líquido, e ela pensou que, se pudessem engarrafá-lo, Thorne seria o melhor remédio para dor.

Ele parou de beijá-la, mas ela ainda sentia o cabelo dele tocando em seu maxilar, o calor do hálito no ombro.

– Vinte e três – disse ele.

– Hã? – Ela abriu os olhos atordoados. Thorne se afastou com expressão culpada e preocupada, o que fez parte da euforia dela passar.

– Você me perguntou uma vez quantas vezes eu disse para uma garota que a amava. Estou tentando me lembrar de todas e tenho quase certeza de que a resposta é vinte e três.

Ela piscou, o olhar lento e oscilante. Os lábios se repuxaram em uma pergunta que demorou um tempo para se formar.

– Incluindo a garota lunar que beijou você?

Ele franziu a testa.

– Ela conta?

– Você disse, não disse?

Ele olhou para o lado.

– Vinte e quatro.

Cress ficou boquiaberta. *Vinte e quatro garotas.* Ela nem conhecia vinte e quatro *pessoas*.

– Por que você está me contando isso?

– Porque preciso que você saiba que nunca falei de coração. Falei porque achava que era o que eu tinha que dizer, mas não significou nada. E é diferente com você. Agora é a primeira vez que sinto medo. Medo de você mudar de ideia. Medo de fazer besteira. Pelas estrelas, Cress, estou *morrendo de medo* de você!

O estômago dela tremeu. Ele não *parecia* morrendo de medo.

– A questão é a seguinte. – Thorne passou por cima das pernas dela e se deitou ao lado, com botas e tudo. – Você merece coisa melhor do que um ladrão que vai acabar na cadeia de novo. Todo mundo sabe. Até *eu* sei. Mas você parece determinada a acreditar que sou um cara decente que merece você. Então, o que mais me dá medo... – Ele girou uma mecha de cabelo dela entre os dedos. – ... é que um dia até você perceba que consegue coisa melhor.

– Thorne...

– Não se preocupe. – Ele beijou a mecha de cabelo. – Sou uma mente criminosa genial e tenho um plano. – Limpando a garganta, ele começou a enumerar as coisas no ar. – Primeiro, conseguir um emprego legítimo: *ok*. Comprar minha nave legalmente: *em desenvolvimento*. Provar que sou herói ajudando Cinder a salvar o mundo: ah, isso eu já fiz. – Ele piscou. – Ah, e tenho que parar de roubar coisas, mas isso é meio óbvio. Então acho que, quando você se der conta do quanto eu não mereço você... posso meio que ter passado a merecer. – O sorriso dele ficou arrogante. – Era *assim* que o discurso deveria ter sido.

– Foi um bom discurso – disse ela.

– Eu sei. – Chegando mais perto, ele beijou o ombro dela.

O braço de Cress explodiu em arrepios.

– Capitão?

– Cress.

Ela não poderia deixar de dizer, apesar de saber que ele estava

certo. Era meio assustador. Bem mais assustador do que na primeira vez que ela falou no deserto. Era diferente agora. Era real.

– Eu amo você.

Ele riu.

– Eu esperava que sim depois de tudo isso. – Ele se debruçou e deu um beijo na têmpora dela. – E eu também te amo.

CAPÍTULO

Noventa e seis

Winter pegou uma vareta no chão e a jogou na direção da cerca ao redor da jaula, mas o fantasma Ryu só inclinou a cabeça para o lado.

Suspirando, ela colocou as mãos no colo.

As crises ainda iam e vinham, mas os médicos a consideraram lúcida o bastante para tomar a decisão: ela preferia ficar na clínica, onde podia ser amarrada quando tinha as crises explosivas, ou preferia usar braceletes de choque que podiam incapacitá-la quando necessário? Ela escolheu essa liberdade imaginária, pensando em Ryu e na coleira que jamais o deixava sair da jaula, mesmo que tenha parecido fácil de escapar no começo.

Jacin odiou a ideia. Ele argumentou que a mente dela já era bem frágil sem o medo dos choques aleatórios. Mas Winter precisava sair da clínica. Precisava fugir dos pesadelos que a assombravam.

Ela ia com frequência ao jardim desde que foi liberada, pois o achava um dos poucos lugares serenos em uma cidade tomada de conversas sobre reconstrução e mudança política. Tudo isso era muito importante, claro. Ela sempre quis que seu país fosse um local onde as pessoas pudessem falar abertamente o que pensavam e serem tratadas com justiça, onde as pessoas tivessem escolhas sobre a vida que queriam viver. Mas a falação fazia a cabeça dela doer. Quando o mundo começava a girar e sair do controle, ela preferia se recolher a um lugar pacífico e solitário, onde não podia machucar ninguém além de si mesma.

Os delírios não eram mais constantes como nos dias seguintes à batalha, apesar de sua mente ainda a enganar e fazê-la ver a sombra

da madrasta no palácio, esperando com uma faca afiada e palavras cruelmente gentis. Ou o brilho dos olhos de Aimery a seguindo pelos corredores. Era comum que ela sentisse cheiro de sangue escorrendo pelas paredes.

Na primeira vez em que foi ao jardim, o fantasma de Ryu a estava esperando.

Na incerteza da revolução, os guarda-caças fugiram e ainda não tinham sido encontrados. Os animais estavam famintos e inquietos, e Winter passou o dia indo até os depósitos onde ficava a comida, limpando as jaulas e transformando o jardim no santuário que sempre tinha sido para ela. Quando Jacin foi procurá-la, convocou criados para ajudarem também.

Ocupar-se foi bom para ela. Não era uma cura, mas ajudou. Até onde os outros sabiam, ela era a guarda-caça, apesar de todo mundo ainda a chamar de *princesa* e fingir que ela não estava com cheiro de bosta.

Ryu pousou a cabeça no colo de Winter, e ela o acariciou entre as orelhas, esse fantasma triste que não brincaria mais de pegar.

– Princesa.

Ryu evaporou. Jacin estava encostado no muro, não muito longe de onde tinha fingido seu assassinato. Onde ela o beijou e ele a beijou de volta.

Com essa lembrança, Winter ficou submersa. Em água e gelo, em quente e frio. Ela tremeu.

A testa de Jacin se contraiu de preocupação, mas ela sufocou a lembrança. Não era uma alucinação. Só uma fantasia normal, que uma garota normal podia ter quando tinha uma quedinha normal pelo melhor amigo.

– Você não precisa me chamar assim, sabe – disse ela, tirando o cabelo dos ombros. – Houve uma época em que você me chamava de

Winter.

Ele apoiou os cotovelos no muro.

– Também houve uma época em que eu podia visitar você sem a sensação de que precisava jogar pedaços de pão para chamar sua atenção.

– Pedaços de pão? Eu pareço um ganso?

Ele inclinou a cabeça para o lado.

– Você também não parece um lobo do ártico, mas é isso que a placa me diz que estou vendo.

Winter se apoiou nas mãos.

– Eu não vou brincar de pegar – disse ela. – Mas posso uivar se você pedir direito.

Ele sorriu.

– Eu já ouvi seu uivo. Também não é muito lupino.

– Andei treinando.

– Você não vai me morder se eu entrar aí, vai?

– Não garanto nada.

Jacin pulou a grade e se sentou ao lado dela. Ela ergueu uma das sobrancelhas.

– Você também não parece um lobo do ártico.

– Eu também não uivo. – Ele pensou. – Mas posso brincar de pegar, dependendo do prêmio.

– O prêmio é outra brincadeira de pegar.

– Sua negociação é implacável.

Ela curvou os lábios para cima, mas, quando pareceu que Jacin ia retribuir o sorriso, ele afastou o olhar.

– Você e eu temos um pedido de Cin... Selene. Agora que o tratado está assinado, ela quer começar a discutir o acordo de comércio entre Luna e a Terra. Além de comunicação aberta, viagens, acesso à mídia terrestre, coisas assim.

Ryu bateu com a cabeça entre as omoplatas de Winter. Ela esticou o braço para trás e tentou coçar embaixo da orelha dele, mas assim que o tocou ele sumiu.

Jacin a estava observando.

– O lobo de novo?

– Não se preocupe. Ele perdoou você.

Ele franziu a testa.

– O que podemos fazer para ajudar Selene com a política dela?

– Ah, considerando que você é tão terrivelmente encantadora e que fez um trabalho tão bom ao convocar os soldados lobos a se juntarem a nós, e que todo mundo gosta tanto de você...

– Tantos elogios seguidos? Sinto que estou indo para uma armadilha.

– Exatamente. Cinder acha que você seria uma boa embaixadora. A *primeira* embaixadora dela.

Ela inclinou a cabeça para o lado.

– O que eu teria que fazer?

– Não sei direito. Ir à Terra. Jantar com gente chique. Mostrar que os lunares não são todos monstros.

Ela sorriu, sentindo-se lupina.

– Eu falei para ela que perguntaria – acrescentou Jacin. – Mas você não é obrigada a aceitar. Precisa se cuidar primeiro.

– Você iria comigo?

– Claro. – Ele cruzou os tornozelos. – Mas você pode dizer não, e eu também vou estar com você nesse caso. Não vou mais servir ninguém. – Ele se apoiou nos cotovelos novamente. – Quem sabe. Talvez um dia eu comece a estudar para ser médico de novo. Mas, até lá, sou seu guarda, para fazer o que você quiser.

– Então vai ser uma brincadeira de a Princesa e o Guarda – disse ela, lembrando-se da brincadeira que eles faziam quando pequenos.

Fingia ser uma versão bem mais mandona de como era, enquanto Jacin imitava os pais dos dois, estoico, sério e se esforçando para obedecê-la. Quando Winter ficava sem ordens para dar, eles fingiam que havia assassinos e sequestradores indo pegar a princesa, e ele a protegia deles.

Jacin sorriu.

– Espero que seja com menos sequestros.

Ela encostou a bochecha no ombro dele.

– Se é o que Cinder deseja, eu ficaria honrada em encantar o povo da Terra.

– Eu achava que você iria dizer isso. – Ele se encostou e passou a mão na testa.

Ryu uivou, abrindo a alma para o teto de vidro coberto de trepadeiras. Ele não costumava ficar tão agitado. Talvez fosse a presença de Jacin. Talvez Ryu estivesse tentando falar com ela.

Talvez fosse a insanidade dela, e não significasse nada.

Winter começou a falar, mas parou. Ela olhou para Jacin, mas ele estava cobrindo os olhos com a mão. Ela se perguntou se ele andava dormindo direito ultimamente.

– A dra. Nandez disse que talvez consiga finalizar um protótipo do dispositivo de Cinder em uma semana.

Jacin levantou a mão.

– Já?

– Ela ainda não sabe se vai funcionar. Precisa de uma cobaia primeiro.

– Princesa...

– Eu já me voluntariei. Você pode tentar me convencer a não fazer isso, mas estou preparada para ignorar você.

Com o maxilar contraído, Jacin se empertigou de novo.

– *Cobaia?* Não sabemos quais vão ser os efeitos colaterais. Não

sabemos nem se vai funcionar. Deixe que outra pessoa experimente primeiro.

– Eu quero fazer isso. Sou um dos casos mais severos de doença lunar até o momento. – Ela afundou os dedos no pelo do lobo. – Mas já me ocorreu que, se funcionar, eu não vou voltar a ver Ryu. – Ela deu um sorriso triste. – E se... e se as pessoas não gostarem mais de mim?

Jacin balançou a cabeça.

– Elas gostam de você não por você ser maluca. Gostam porque...

Ela esperou.

– Porque você foi boa com elas quando ninguém mais foi. Porque você se importa. Esse dispositivo não vai mudar quem você é.

– Você quer que eu seja consertada, não quer?

Jacin recuou, como se ela tivesse jogado alguma coisa nele.

– Você não está *com defeito*.

A visão dela começou a ficar borrada.

– Sim, Jacin. Estou.

– Não, você... – Ele rosnou, um som grave e frustrado que a deixou tonta. – Olhe, eu adoraria não precisar me preocupar mais com você. Não ter medo de você se machucar ou de alguém tirar vantagem de você. Mas *você* não... você...

– Eu sou delirante e maluca e estou danificada. Já sei há muito tempo, nós dois sabemos. Scarlet me diz o tempo todo.

– Você é perfeita – disse ele, terminando o pensamento como se ela não o tivesse interrompido. – Não ligo se você vê lobos mortos e vira uma escultura viva de gelo quando está tendo um dia ruim. Não ligo se tenho uma marca dos seus dentes no meu ombro. Não ligo se você for... *consertada.* – Ele cuspiu a palavra como se tivesse gosto ruim. – Quero que você fique bem e feliz. Só isso.

Winter bateu os cílios para ele, e Jacin se virou.

– Não me olhe assim.

– Eu quero ser a cobaia. – Ela esticou a mão para a dele. – Vou ficar bem e feliz quando não tiver mais medo da minha própria mente.

Jacin apertou bem os lábios e assentiu. Devagar.

– Só não gosto da ideia de você ser a primeira – resmungou ele.

– Jacin?

Ele fitou os olhos dela de novo.

Winter chegou mais perto, e encaixou o braço no dele.

– Você me acha perfeita?

Ele não afastou o olhar. Não pareceu tímido nem nervoso. Só a observou, como se ela tivesse perguntado se Luna girava ao redor da Terra.

Então, ele se inclinou e deu um beijo na testa dela.

– Mais ou menos – disse Jacin. – Você sabe. Em um dia bom.

CAPÍTULO

Noventa e sete

– *Todos* eles?

Cinder sorriu com a exuberância de Iko. Ela já tinha se divertido mais com a forma como Iko sorria para as fileiras e fileiras e *mais fileiras* de vestidos do que se divertiria com os próprios vestidos.

– Cada um deles – disse Cinder. – Nunca mais quero olhar para eles.

Ela já tinha passado mais tempo cercada por Levana do que pretendia. O perfume, os vestidos, as joias dela. Não tinha interesse no guarda-roupa da tia... mas Iko tinha, então poderia ficar com tudo.

Ela nunca tinha visto Iko tão satisfeita. Nem quando Thorne levou para ela o corpo de androide-acompanhante que encontrou no deserto. Nem quando o carregamento da Terra finalmente chegou com as partes para consertar o corpo quase destruído. Cinder tinha dito a ela que, com aquela quantidade de danos, seria mais econômico instalar o chip de personalidade em um corpo novo. Ela podia escolher o modelo que quisesse. Mas Iko recusou. Ela disse que tinha se apegado àquele, e, além do mais, o corpo de nenhum dos amigos era descartável, então por que o dela deveria ser?

Cinder não tinha um contra-argumento.

A única melhoria que Iko tinha pedido foi um par de olhos novos que mudavam de cor conforme o humor dela. Hoje, os olhos estavam amarelo-solar. Ela estava feliz, feliz, feliz.

– Você não vai se importar de vê-los em mim, vai? – perguntou Iko, puxando um laranja justo do cabide e o segurando junto ao peito.

– Não se eles deixarem você feliz assim.

– Onde vou usá-los? – Antes que Cinder respondesse, ela balançou a

mão. – Deixe pra lá. Onde eu *não* os usaria? – Iko pendurou o vestido de volta e olhou para o armário de novo. Seus olhos escureceram, ficando mais alaranjados com um toque verde-limão nas beiradas. – Acho que me sinto culpada.

– Culpada?

Bufando, Iko apoiou as mãos nos quadris. Sua preocupação durou alguns momentos, mas logo ela sorriu de novo.

– Já sei. Vou escolher meus dez favoritos e vou vender o resto nas redes de roupas para androides. Podemos usar o lucro para construir escolas nos setores externos, ou em alguma outra coisa beneficente assim. – Passando o dedo por uma manga de renda, ela olhou para Cinder. – O que você acha?

Se os olhos de Cinder refletissem *seus* humores, estariam azul-safira de orgulho.

– Acho uma ótima ideia.

Iko sorriu e começou a mexer nas araras de novo, selecionando os favoritos, enquanto Cinder se virava para olhar o reflexo no espelho que tinha sido emprestado de uma das naves terráqueas. Ela ainda estava se acostumando a se ver tão... *rainha*.

Seu vestido era novinho. Apesar de ter pretendido usar uma das roupas de Winter novamente, algumas costureiras de Artemísia pediram permissão para criar o vestido de sua coroação, dizendo que seria uma honra. Cinder nem sabia que tinha expectativas até o vestido superá-las.

Feito com as cores oficiais de Luna, branco, vermelho e preto, o vestido continha mais tecido do que ela já tinha visto na vida. A saia branca pesada a envolvia como um sino, com uma cauda enorme que a seguiria pelo longo corredor. Havia pedras vermelhas e pretas por toda a barra da saia e no corpete. Um decote modesto, com manguinhas de meia cava, caía com perfeição nela.

Ela esperava que as costureiras também fizessem luvas para cobrir a mão ciborgue, mas não fizeram.

– Nada de luvas – disse uma delas quando Cinder perguntou. – E nada de véu.

Uma batida chamou a atenção dela para a porta, e o guarda, Kinney, entrou.

– Vossa Majestade – cumprimentou. A expressão respeitosa se tornou azeda quando ele se dirigiu a Iko. – Madame conselheira.

Os olhos de Iko ficaram acobreados de orgulho pelo título novo, apesar de ela retribuir a expressão do guarda.

– Sim, Kinney? – disse Cinder.

– O capitão e a tripulação dele estão pedindo uma audiência.

– Rá! – A voz de Thorne foi ouvida vinda do corredor. – Eu falei que conseguia fazer com que ele me chamasse de capitão.

Cinder revirou os olhos.

– Deixe que entrem.

Eles entraram antes que Kinney pudesse admiti-los, todos sorrindo e vestidos formalmente para a ocasião. Até Lobo estava de terno, embora Cinder não imaginasse que tivesse sido fácil encontrar um que coubesse no corpo alterado com tanta rapidez. A camisa vermelha combinava com o vestido deslumbrante de Scarlet, o tecido contrastando espetacularmente com o cabelo. Thorne estava de smoking e gravata-borboleta. Ele entrou empurrando Cress no aparelho flutuador; Cinder tinha sido informada de que os ferimentos dela estavam cicatrizando bem, e esperava-se que ela já estivesse fazendo pequenas caminhadas até o final da semana. Cress estava usando um vestido amarelo leve de Winter, ajustado a ela. Jacin estava de uniforme de guarda, mas tinha substituído a armadura tradicional dos ombros por dragonas impressionantes, deixando-o parecido com um príncipe ao lado de Winter, que estava ainda mais

estonteante do que o habitual com um vestido branco que pareceria comum em qualquer outra pessoa. Kai acompanhava o grupo, com uma camisa preta social de gola chinesa.

Ele estava carregando uma bandeja de prata com um bolo redondo coberto com espirais de glacê amarelo. Cinder soube na mesma hora que não era de um dos chefs reais, cujas criações eram quase imaculadas demais para serem tocadas. Esse bolo, com o glacê desajeitado e pouca decoração, era incrivelmente despretensioso.

Com uma reverência, o guarda saiu pela porta. Iko mostrou a língua para as costas dele.

– O que está acontecendo? – perguntou Cinder. – A coroação começa em vinte minutos. Vocês todos já deviam estar em seus lugares.

– Foi ideia minha – disse Iko, se balançando nas pontas dos pés. – Eu sabia que você ficaria nervosa e pensei em fazer uma comemoração primeiro.

– E você fez um bolo?

– Foi Scarlet – disse Thorne.

Scarlet tirou o cabelo do ombro.

– É bolo de limão. É a receita especial da minha avó. Mas... – O olhar dela percorreu o vestido de Cinder. – ... talvez você queira esperar até depois da coroação, para não se sujar de glacê.

Winter riu e pegou a bandeja da mão de Kai.

– Não vamos ser cruéis. Nunca se deve guardar bolo para depois se pode ser comido agora. – Ela colocou o bolo em um divã de seda de valor inestimável.

– Eu nunca comi bolo – disse Cress, atraindo muitos olhares surpresos. Ela estava segurando a mão de Thorne, mas pela primeira vez não se encolheu para mais perto dele, mesmo sendo o centro das atenções.

Iko cruzou os braços.

– Podemos fazer o favor de não começar a listar todas as comidas maravilhosas e sensacionais que nunca comemos?

– Isso resolve a questão – respondeu Thorne. – Quem trouxe talheres?

Ninguém tinha levado, então Jacin ofereceu sua faca. Eles se revezaram cortando pedaços pequenos de bolo e cobertura, comendo com os dedos até o bolo parecer a superfície cheia de crateras da Lua.

Naturalmente, Cinder sujou um pouco o vestido, deixando uma mancha de glacê amarelo na saia ampla. Ela ficou envergonhada, mas Iko ajeitou o caimento da saia para que as dobras a escondessem.

– Foi inevitável – disse Iko, com uma piscadela. – É parte do seu charme.

Cinder começou a rir, mas ficou em silêncio de repente por causa de um soluço no peito.

Ela olhou ao redor, para os sorrisos e braços passados por ombros, e para Winter lambendo glacê dos dedos. Para o bolo caseiro. Para a reunião de amigos. Uma comemoração para *ela*. Eram coisas bobas demais para deixarem uma pessoa impressionada, mas ela não conseguiu evitar. Nunca tivera esse tipo de coisa.

Um sentimento de gratidão inflou seu peito, e, apesar de ainda estar nervosa, ainda *apavorada*, ela percebeu que estava mais leve do que se sentia em dias.

– Vossa Majestade?

Ela levantou o rosto. Kinney tinha voltado.

– Está na hora.

Cinder engoliu em seco e se levantou, o coração disparado. O clima festivo ficou sério.

Lobo, que estava segurando a faca, comeu alguns pedaços de bolo

antes de devolvê-la para Jacin. Jacin lançou um olhar para a lâmina coberta de glacê e farelos e enfiou no bolo, para que ficasse guardada.

– Estou pronta – disse Cinder. Sua respiração ficou difícil e o vestido apertava sua barriga. – Eu estou pronta, não estou?

– Espere. – Iko virou Cinder para si. – Sorria.

Cinder deu um sorriso nervoso, e Iko assentiu com orgulho.

– Não tem nada nos seus dentes. Eu diria que você está pronta.

Os amigos se reuniram em torno dela e deram um abraço atrás do outro.

Até que chegou em Kai, que passou os braços pela cintura dela e a beijou. Ele estava com gosto de glacê de limão.

Thorne assobiou. Iko ficou extasiada. O beijou terminou rápido demais.

– Qual foi o objetivo disso? – sussurrou Cinder para ele.

Kai passou o braço ao redor do ombro dela e a guiou para fora dos aposentos da rainha.

– Eu só estava pensando no futuro bom – disse ele. – Aquele que vai incluir você.



A coroação oficial da rainha Selene Channary Jannali Blackburn foi, em alguns aspectos, um evento íntimo e, em outros, uma sensação intergaláctica. Cinder fez um sorteio de ingressos para que todos os setores de Luna fossem representados, e todos os convidados juntos formavam uma plateia de algumas centenas de pessoas, que não ocupavam nem metade das cadeiras que foram colocadas para a cerimônia de Levana e Kai algumas semanas antes.

A filmagem foi transmitida, não só para todos os setores de Luna como também para todas as atualizações de notícias da Terra que se

mostraram interessadas. Foi a transmissão mais vista da terceira era.

Enquanto Cinder andava pelo corredor infinito com o tapete preto, tentou não pensar em todas as pessoas do universo que lhe assistiam. Tentou não se perguntar se a estavam julgando e admirando, com medo ou admiração. Ela tentou não adivinhar quantos a viam como uma princesa perdida ou como uma ciborgue patética, uma justiceira ou uma criminosa, uma revolucionária ou uma mecânica inferior que tinha tido sorte.

Ela tentou não pensar na mancha de glacê amarelo no vestido de valor inestimável.

Kai e Winter estavam no altar, iluminados pelo brilho de esferas cintilantes, Winter segurando a coroa de rainha e Kai, um cetro cerimonial. Juntos, eles representavam Terra e Luna aceitando o direito dela de governar. Os outros amigos estavam nos assentos reservados na fileira da frente. Thorne, no corredor, esticou a mão quando Cinder passou. Ela riu e deu um "toca aqui" antes de subir a escada.

Winter piscou para ela.

– Muito bem, amiga Cinder. Você não tropeçou. A parte difícil já passou.

Kai deu um sorriso que era só para Cinder, apesar de o universo todo estar olhando.

– Ela está certa, essa é mesmo a parte difícil.

– Graças às estrelas – sussurrou Cinder. – Agora vamos acabar logo com isso.

Respirando fundo, trêmula, ela se virou para encarar seu reino.



O sangue tinha sido limpado do piso da sala do trono, mas o local

ainda estava um desastre. Havia cadeiras caídas e corrimões quebrados, pisos e painéis rachados onde balas os tinham atingido. Até a pedra do trono estava danificada, de quando Cinder tentou atirar em Levana. A sala tinha cheiro de produtos químicos e de água sanitária da limpeza.

Os horrores da rebelião estavam começando a sumir. Talvez não para os que perderam amigos e familiares, e Cinder sabia que ainda havia muito a ser feito para que Luna juntasse as peças do governo de Levana. Mas eles estavam ansiosos para começar a recolhê-los o mais rápido possível.

Ela tinha começado a compilar conselhos formados de membros da corte de Artemísia e de cidadãos indicados dos setores externos, para cobrir o vão entre as classes, e a pensar na melhor forma de realocar fundos e trabalho. As "famílias" e os taumaturgos estavam começando a apresentar resistência, mas tudo bem. Levaria um tempo, mas eles se ajustariam.

Ela estava sentada no trono, no ar silencioso e tomado de produtos químicos, pelo que podiam ser horas, vendo a cidade de Artemísia cintilar à frente e a Terra girar acima do horizonte.

As portas se abriram. Kai apareceu, e Cinder ficou tensa e culpada por ser pega no trono, mesmo sendo o trono *dela*, sozinha na escuridão.

– Aí está você – disse ele.

– Desculpe – falou ela. – Estou meio escondida. Você acreditaria que, quando se é rainha, é *muito* difícil conseguir um momento de privacidade?

Com um sorrisinho, Kai fechou a porta. Manteve uma das mãos nas costas ao se aproximar dela.

– Posso sugerir que você compre um moletom com capuz? É um disfarce surpreendentemente adequado. – Ele fez uma pausa quando

viu a Terra acima da varanda, toda linda e enorme no céu escuro. – É uma visão e tanto.

Cinder assentiu.

– Não querendo justificar o que Levana fez, mas eu até entendo por que ela queria tanto a Terra.

Como ele não disse nada, ela o encarou, e logo soube o que Kai tinha ido até ali para dizer. Seu coração doeu.

– Você vai embora, não vai?

Ele se virou de costas para a vista.

– Em dois dias. Dois dias *terráqueos*. – Ele franziu a testa em um pedido de desculpas. – Já passei tempo demais longe.

Ela tentou sufocar o desespero que tomou conta de si. Kai iria embora. Thorne, Cress, Lobo e Scarlet já tinham ido, Winter e Jacin partiriam na primeira viagem diplomática nos próximos dias, e ela ficaria sozinha.

Bem, ela e Iko ficariam sozinhas.

Ela estava esperando. Sabia que ele não poderia ficar para sempre. Ele tinha o próprio país para governar.

– Certo – disse ela, fingindo confiança. – Eu entendo. Você foi de grande ajuda, você e Konn-dàren. Ele... ele também vai?

Kai fez uma careta.

– Vai. Desculpe.

– Não. Vocês... vocês têm que voltar para casa. Claro que têm.

– Você deveria ir nos visitar – disse ele, falando rápido. – Em breve. Seria simbólico, eu acho, para a nova aliança... – Ele parou de falar e coçou a nuca, com uma das mãos ainda escondida. – Ou eu poderia criar um dilema político que precisássemos resolver, se ajudar.

Cinder forçou um sorriso.

– Eu gostaria de ir visitar. Eu... Iko e eu vamos sentir sua falta.

– Acho que você vai descobrir que ser rainha não deixa muito

tempo sobrando para a solidão.

– Vamos ver.

De repente, pareceu estranho estar sentada no trono enquanto Kai estava logo abaixo. Ela se levantou e cruzou os braços, chegando perto da varanda. A ansiedade já estava crescendo dentro dela. *Dois dias. Mais dois dias e ele vai embora.*

Havia tanta coisa que queria dizer a ele, e dois dias não seriam suficientes para expressar tudo... principalmente com todas as palavras ainda presas na garganta.

– É estranho – disse Kai, juntando-se a ela na sacada de vidro, com o olhar grudado na Terra de novo. – Eu passei todo esse tempo tentando evitar uma aliança de casamento com Luna. E agora que o tratado está assinado e a guerra acabou... de alguma forma, uma aliança de casamento não parece tão ruim.

O coração dela pulou. O olhar de Kai dançou até ela, e ele sorria de um jeito que parecia ao mesmo tempo tímido e confiante. Era o mesmo sorriso que deu no dia em que se conheceram na feira. Depois de um momento longo e constrangido, ele riu.

– Você não é capaz mesmo de ficar vermelha, não é?

Uma mistura de alívio e decepção tomou conta dela, que enfiou as mãos debaixo dos braços para esconder o tremor.

– Isso não foi legal.

– Só se você achar que eu não estava falando com sinceridade.

A testa dela se franziu.

– Aqui, tenho uma coisa para você.

– É melhor não ser uma aliança de noivado.

Kai fez uma pausa acompanhada de um beicinho, como se o pensamento não tivesse lhe ocorrido e, por isso, ele lamentasse.

– Nem luvas – acrescentou Cinder. – Não funcionou muito bem da última vez.

Sorrindo, Kai deu um passo à frente e se apoiou em um dos joelhos.

Ela arregalou os olhos.

– Cinder...

O coração dela disparou.

– Espere.

– Estou esperando há muito tempo para dar isso a você.

– Kai...

Com expressão tão séria quanto política, ele tirou a mão das costas. Nela havia um pequeno pé de metal, com fios saindo da cavidade e juntas cheias de graxa.

Cinder soltou o ar e começou a rir.

– Você... *ugh*.

– Você está terrivelmente decepcionada? Tenho certeza de que Luna tem ótimas joalherias, se você queria que...

– Cale a boca – disse ela, pegando o pé. Ela o virou nas mãos e balançou a cabeça. – Eu fico tentando me livrar dessa coisa, mas ela vive arrumando um jeito de voltar para mim. O que fez você guardar?

– Percebi que, se eu encontrasse a ciborgue em quem esse pé cabe, devia ser um sinal de que fomos feitos para ficar juntos. – Ele repuxou os lábios para o lado. – Mas então me ocorreu que provavelmente caberia em uma criança de oito anos.

– De onze, na verdade.

– Quase a mesma coisa. – Ele hesitou. – Para ser sincero, acho que era a única coisa que eu tinha para me conectar a você quando achei que nunca mais a veria.

Ela desviou o olhar do pé.

– Por que você ainda está de joelhos?

Kai alcançou a mão prostética dela e roçou os lábios nos dedos recém-polidos.

– Vai ter que se acostumar com as pessoas se ajoelhando diante de

você. Faz parte do pacote.

– Vou criar uma lei que corrige o jeito de se dirigir a um soberano como sendo com um tapinha na mão.

O sorriso de Kai aumentou.

– Isso é genial. Eu também.

Cinder puxou a mão de volta e se sentou, deixando as pernas penduradas na beirada. Os pensamentos ficaram sérios de novo enquanto ela olhava para o pé de metal.

– Na verdade, tem uma coisa sobre a qual eu queria sua opinião.

Kai se sentou ao lado dela. Sua expressão tornou-se de curiosidade, e ela afastou o rosto e se preparou.

– Eu acho... – Ela parou. Engoliu em seco. Recomeçou. – Eu decidi dissolver a monarquia lunar.

Ela apertou os lábios e esperou. O silêncio ficou sólido no espaço entre os dois. Mas Kai não perguntou "Por quê?" nem "Como?" nem disse: "Você está maluca?"

O que disse foi:

– Quando?

– Não sei. Quando as coisas tiverem se acalmado. Quando eu achar que eles vão aceitar. – Ela respirou fundo. – Vai acontecer de novo. Algum rei ou rainha vai fazer lavagem cerebral nas pessoas, vai usar seu poder para escravizá-las... Tem que haver alguma divisão de poder, algum equilíbrio... então, decidi fazer de Luna uma república, com representantes eleitos e tudo. – Ela mordeu o lábio. Sentia-se tola falando de política como se entendesse das coisas, e só quando Kai assentiu, pensativo, foi que se deu conta do quanto a aprovação dele era importante para ela. Cinder engoliu em seco. – Você acha uma boa ideia?

– Eu acho que vai ser difícil. As pessoas não gostam de mudanças, e mesmo os cidadãos que eram oprimidos por Levana aceitaram você

imediatamente como nova rainha. Além do mais, eles têm toda aquela superstição sobre a linhagem real. Mas... eu acho que você está certa. Acho que é disso que Luna precisa.

Ela sentiu como se uma lua inteira tivesse sido tirada dos ombros.

– O que você vai fazer, então? Depois que abdicar?

– Não sei. Ouvi falar que Thorne está procurando um mecânico em tempo integral. – Ela deu de ombros, mas Kai continuou com expressão pensativa. – O quê?

– Acho que você deveria voltar para a Comunidade. Você poderia ficar no palácio como embaixadora lunar. Seria uma demonstração de boa-fé. Prova de que a Terra e Luna podem trabalhar juntas, em concordância.

Cinder mordeu o lábio.

– Achei que o povo da Comunidade me odiasse – disse ela. – Por causa do sequestro. E de todas as outras coisas que aconteceram.

– Por favor. Você é a princesa perdida que os salvou do reinado da *imperatriz* Levana. Eu soube que tem um fabricante de brinquedos que quer fazer bonequinhas suas. E querem botar uma estátua onde ficava sua barraquinha na feira.

Ela fez uma careta.

Rindo, Kai segurou a mão dela.

– Sempre que você voltar, vai ser recebida de braços abertos. E, depois de tudo o que aconteceu, provavelmente vai ter duzentos mil caras querendo levar você ao Baile Anual da Paz no ano que vem. Minha expectativa é que as propostas comecem a chegar a qualquer momento.

– Duvido muito.

– Espere só para ver. – Ele inclinou a cabeça, com mechas de cabelo caindo nos olhos. – Achei que não faria mal botar meu nome na lista antes que outra pessoa roube você. Se começarmos agora e

planejarmos visitas frequentes entre a Terra e Luna, pode ser até que eu tenha tempo de ensinar você a dançar.

Cinder mordeu o lábio para disfarçar um sorriso.

– Por favor, diga sim – disse Kai.

Mexendo nos fios soltos do pé antigo, ela perguntou:

– Eu vou ter que usar vestido?

– Eu não ligo se você usar coturnos e calça cargo.

– É bem capaz de eu usar isso mesmo.

– Que bom.

– Iko me mataria. – Ela fingiu estar pensando, e ergueu o olhar para o céu. – Posso levar meus amigos?

– Vou convidar pessoalmente toda a tripulação da Rampion. Vamos transformar o evento em um reencontro.

– Até Iko?

– Vou arrumar um par para ela.

– Porque tem uma regra que proíbe androides de irem ao baile, sabe.

– Acho que conheço uma pessoa que pode mudar essa regra.

Sorrindo, ela chegou um pouco mais perto. A ideia de voltar ao baile e encarar todas aquelas pessoas que a observaram com tanto horror e desprezo a encheu de quantidades absurdas de tudo, de ansiedade e medo a alegria indescritível.

– Eu ficaria honrada – disse ela.

Os olhos dele se aqueceram.

– E aquelas aulas de dança?

– Não force a barra.

Kai puxou o queixo dela e a beijou. Ela não sabia qual era o número desse; tinha enfim descoberto como desligar a função de contagem automática do cérebro e não ligava para quantas vezes ele a tinha beijado. Mas gostava do fato de cada beijo não dar mais a sensação de

ser o último.

Só que, quando Kai se afastou, um toque de tristeza tinha surgido na expressão dele.

– Cinder, eu acho que você seria uma ótima governante. Acredito que essa decisão é uma grande prova disso. – Ele hesitou. – Mas também sei que você nunca quis ser rainha. Não de verdade.

Cinder nunca tinha lhe dito isso e se perguntou se ficou tão óbvio durante todo aquele tempo.

– Mas eu tenho que perguntar... – Kai hesitou. – Você acha que, *um dia*, pode considerar ser imperatriz?

Cinder se obrigou a sustentar o olhar dele e a engolir a piada que surgiu na ponta da língua. Ele não a estava provocando com anéis de noivado e aulas de dança. Era uma pergunta de verdade, de um imperador de verdade, que tinha o futuro verdadeiro do país a levar em consideração.

Se ela quisesse ser parte do futuro dele, teria que fazer parte de tudo.

– Eu consideraria – disse ela, e respirou fundo pela primeira vez em dias. – Um dia.

O sorriso dele voltou, com força e alívio.

Ele passou o braço ao redor dela, e Cinder não escondeu o sorriso quando se encostou nele, olhando o lago Artemísia e a cidade branca e o planeta Terra cercado de estrelas. Ela girou o pé incômodo e odioso nos dedos. Desde que conseguia se lembrar, aquele pé fora um peso. Um lembrete constante de que ela era inútil, de que não era importante, de que não passava de uma ciborgue.

Ela segurou o pé acima da água e o soltou.



E todos viveram felizes até o fim de seus dias.



AGRADECIMENTOS

Meu coração transborda de gratidão...

Por todo mundo da Macmillan Children's, inclusive, mas não apenas: Jean Feiwel, Liz Szabla, Jon Yaged, Nicole Banholzer, Molly Brouillette, Lauren Burniac, Mariel Dawson, Lucy Del Priore, Liz Fithian, Courtney Griffin, Angus Killick, Johanna Kirby, Anna Roberto, Caitlin Sweeny, Mary Van Akin, Allison Verost, Ksenia Winnicki e incontáveis pessoas que lutaram pelos livros dos bastidores. Vocês são tão brilhantes e criativos, e tenho muita sorte de trabalhar com vocês. Também quero fazer um agradecimento especial ao designer das capas, Rich Deas, e ao ilustrador, Michael O., que juntos criaram as capas mais lindas que um autor pode querer. Agradeço também a minha editora, Anne Heausler, por sua atenção cuidadosa e conhecimento surpreendentemente excelente da geologia da Lua.

Por Rebecca Soler, a narradora absurdamente talentosa dos audiolivros, junto com Samantha Edelson e toda a equipe da Macmillan Audio, por dar vida a essas histórias de uma forma tão viva e tangível.

Por minha intrépida agente e sua equipe: Jill Grinberg, Cheryl Pientka, Katelyn Detweiler e Denise St. Pierre. Obrigada pela constante fé, orientação e zelo de comemorar cada feito. (*Winter* acabou... viva!)

Por minhas leitoras beta, Tamara Felsinger, Jennifer Johnson e Meghan Stone-Burgess, que estão comigo desde o começo dessa

jornada maluca. Várias vezes vocês me forçaram a ir mais fundo e mais longe, e seu feedback valioso fez uma diferença enorme nesta série e para mim como escritora. Além do mais, eu adoro vocês todas.

Pelo fandom de *Sailor Moon*, pelos que me deram coragem quando eu era uma escritora iniciante de fanfics, por alguns dos meus amigos mais queridos que me fazem rir com suas travessuras. (Pronto, eu botei Jacin de toalha. *Estão felizes??*)

Muitas vezes falamos sobre o fato de escrever ser uma profissão solitária, mas é difícil saber disso quando se está cercada de amigos escritores maravilhosos como eu. Sou grata às minhas parceiras no crime – Gennifer Albin (sentimos sua falta!), Martha Brockenbrough, Corry Lee, Mish McBride, Ayesha Patel e Rori Shay – por me manterem inspirada e concentrada durante nossos muitos encontros e retiros de escrita. Sou muito feliz por ter conhecido cada uma de vocês. Agradeço também a Mary Christine Weber e Jay Asher, que se juntaram a mim em uma entrevista superdivertida na versão brochura de *Cress*, e a tantos escritores que brincaram, me inspiraram, se solidarizaram, me motivaram, me ensinaram, fizeram turnê comigo e me encorajaram durante essa missão épica de escrever livros: Anna Banks, Leigh Bardugo, Stephanie Bodeen, Jennifer Bosworth, Jessica Brody, Alexandra Coutts, Jennifer Ellision, Elizabeth Eulberg, Elizabeth Fama, Nikki Kelly, Robin LaFevers, Emmy Laybourne, Beth Revis, Leila Sales e Jessica Spostwood, com sinceros pedidos de desculpas a qualquer pessoa que eu possa ter esquecido.

Pelos bibliotecários, escritores, livreiros e blogueiros que divulgaram essa série. De discussões a tarefas de arte, de seleção de funcionários a críticas no Goodreads, seu entusiasmo apresentou incontáveis leitores às Crônicas Lunares, e sou imensamente grata por tudo o que vocês fizeram.

Por meus amigos e familiares, que planejam festas de lançamento,

tiram fotos, fazem jantares, cuidam de crianças, divulgam meus livros para pessoas aleatórias no supermercado, arrumam meu cabelo, fazem coroas, compartilham recomendações dos livros, me ajudam a comprar roupas de gala e sempre me lembram das coisas importantes da vida. Obrigada. Eu amo vocês.

Por Jesse, que faz tantas coisas para eu poder ficar concentrada em escrever e sonhar, sonhar e escrever. Amo você com todo o meu coração. E por Sarah e Emily, cujos sorrisos tornaram este o ano mais iluminado da minha vida.

Por fim, tenho uma gratidão infinita pelos leitores (é, você!). Ao longo dos últimos anos, vocês fizeram *fan arts* e escreveram cartas, tiveram discussões profundas sobre os méritos de várias OTPs, compartilharam comigo suas lutas e alegrias, fizeram maratonas de leitura, usaram fantasias e saltos vermelhos, dirigiram por horas para ir a um evento de autógrafos, sonharam com escalação de atores para os filmes, fizeram bolinhos das Crônicas Lunares, criaram Tumblrs e compilaram painéis no Pinterest e tantas outras coisas. Essa história é de vocês tanto quanto minha, e eu não poderia sentir que estou colocando-a em mãos melhores. Se vocês precisarem de mim, agradecerei a todas as estrelas por cada um de vocês, um a um.

Título Original
Book Four
WINTER

Copyright do texto © 2015 *by* Rampion Books.

Primeira publicação por Feiwel and Friends, um selo da Macmillan Children's Publishing Group.

Edição brasileira publicada mediante acordo com Jill Grinberg Literary Management LLC e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

Todos os direitos reservados.

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Preparação de originais
LORENA PIÑEIRO

Coordenação Digital
MARIANA MELLO E SOUZA

Assistente de Produção Digital
GUILHERME PERES

Revisão de arquivo ePub
PRISCYLLA PIUCCO

Edição digital: Setembro, 2016.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M56w
Meyer, Marissa
Winter [recurso eletrônico] / Marissa Meyer; tradução Regiane Winarski. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2016.
recurso digital (Crônicas lunares; 4)

Tradução de: Winter - The Lunar Chronicles Book 4
ISBN 978-85-7980-310-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Fantasia. 3. Livros eletrônicos. I. Winarski, Regiane. II. Título. III. Série.

16-34306 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

A Autora

Marissa Meyer nasceu em 1984, e foi criada em Tacoma, Washington, onde ainda reside com o marido Jesse e dois gatos. Estudou Escrita Criativa na Lutheran University e se descreve como uma apaixonada por livros, contos de fadas e uma verdadeira road-trip, de imaginação fértil. Seu estilo já foi descrito como solarpunk e retrofuturista. A primeira publicação de *Cinder* foi feita em 2012, pela Feiwel and Friends, um selo da Macmillan Children's Publishing Group. A Rocco reservou os direitos de publicação do seu livro para o Brasil.